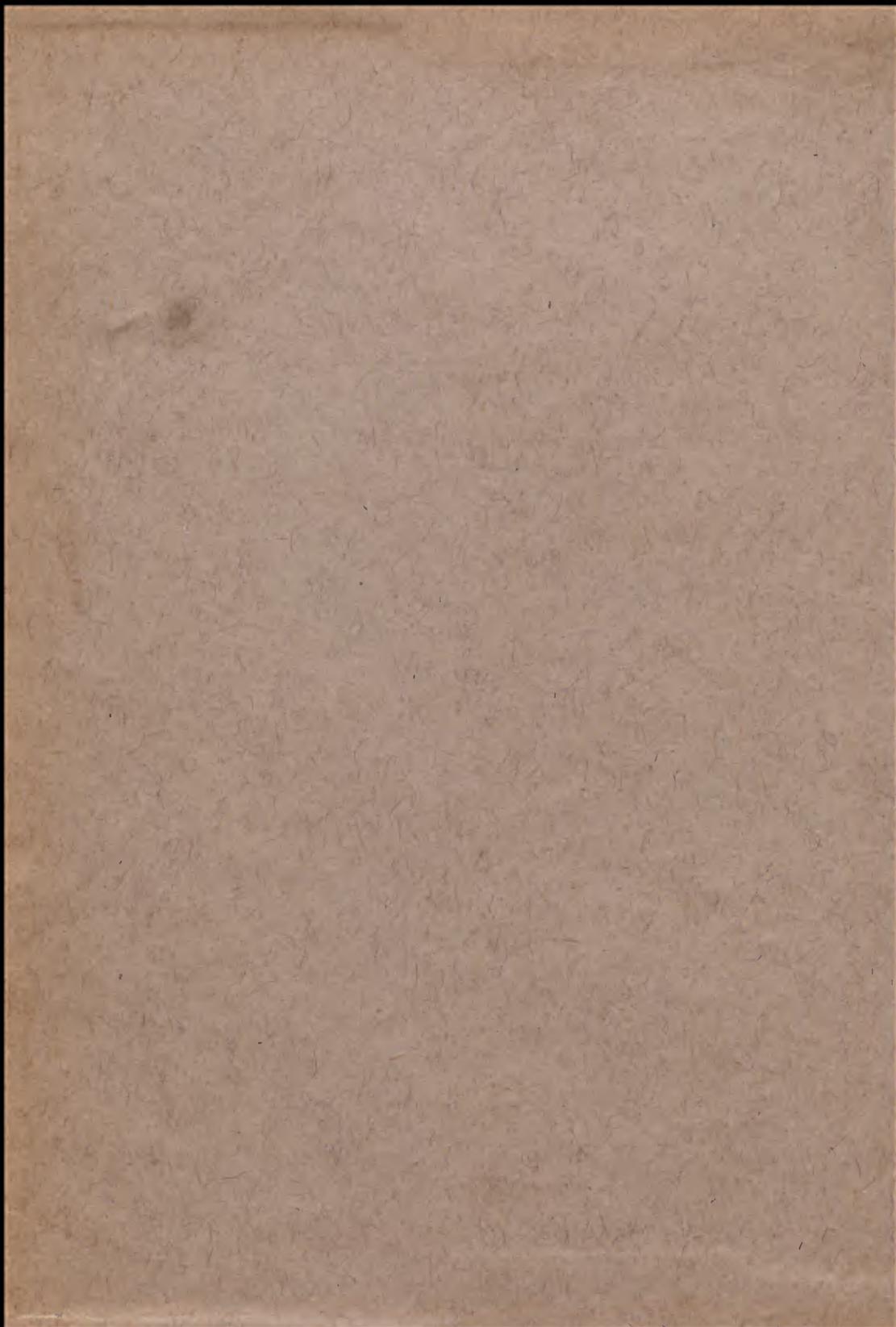
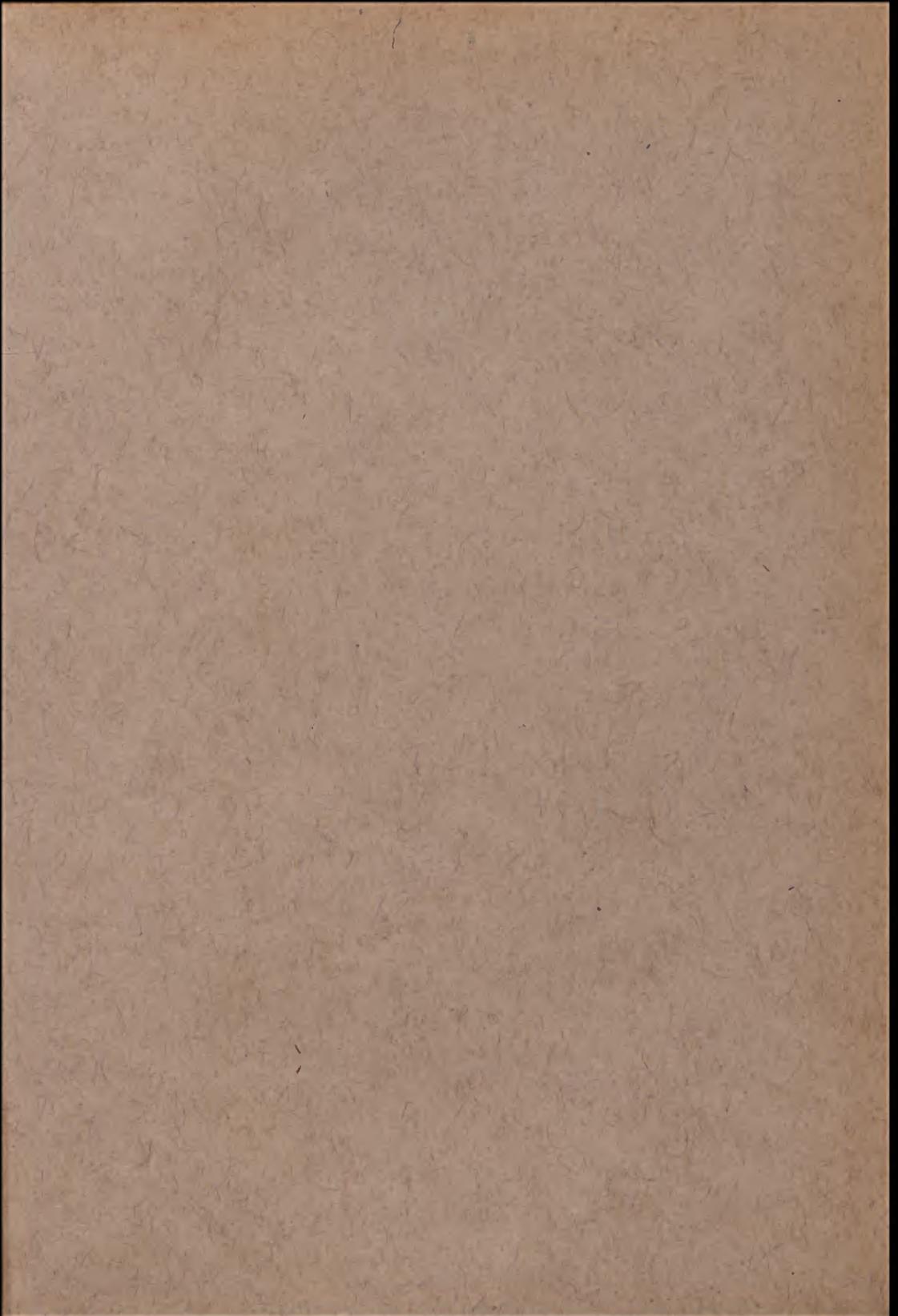
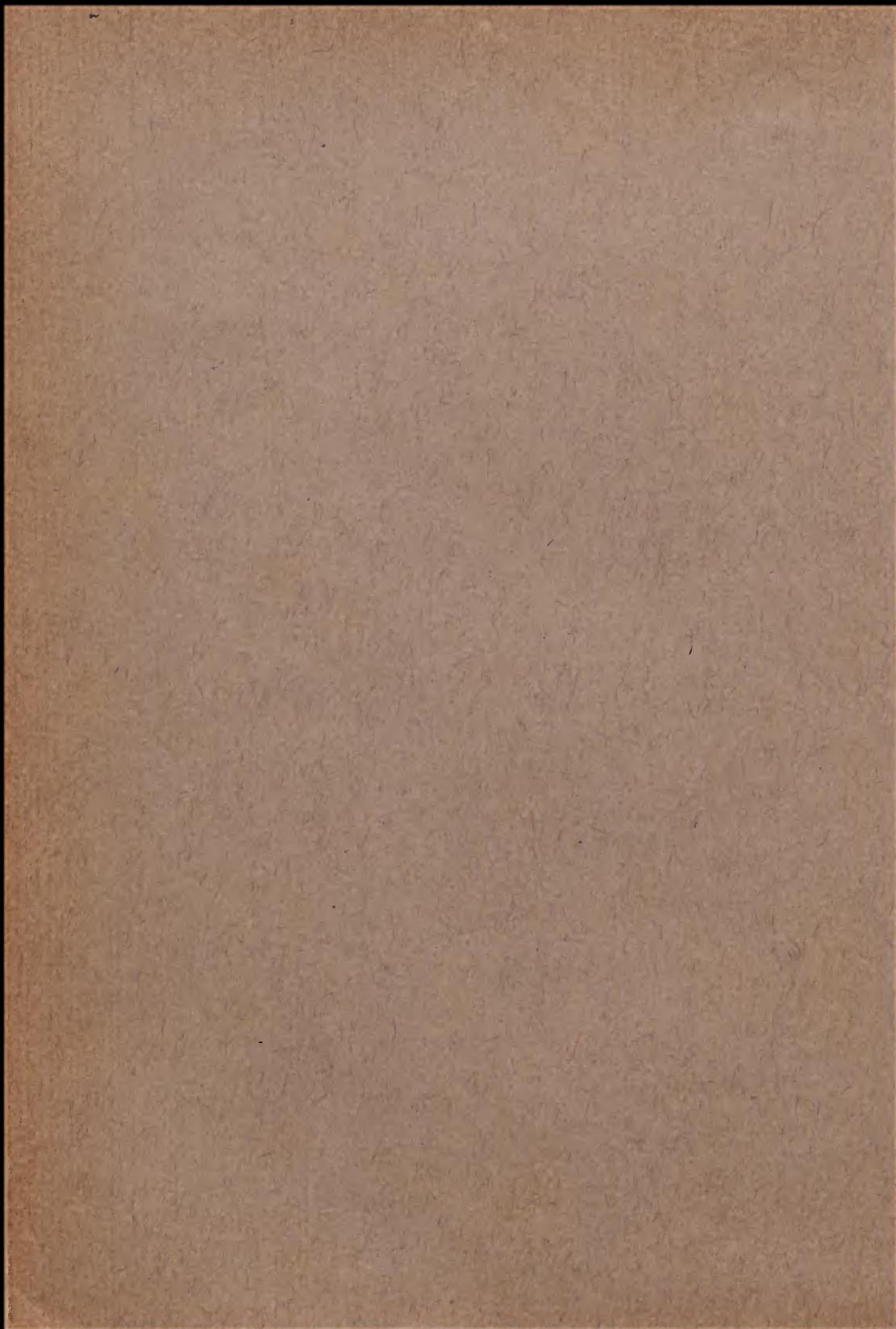




cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16







UNESP - Biblioteca - Assis

Class.: QR 050

Tombo/Tit: 1084

# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

ALCEU AMOROSO LIMA . . . . .	Pelo passado nacional (com ilustrações) . . . . .	1
JACOMINO DEFINE . . . . .	Ao sabor do sonho . . . . .	16
AMADEU AMARAL . . . . .	O dialecto caipira . . . . .	22
OLAVO BILAC . . . . . <i>da Academia Brasileira</i>	Edipo (sonetos) . . . . .	34
JOÃO LUSO . . . . .	O "Salon" de 1916 (com ilustrações) . . . . .	37
JOÃO RIBEIRO . . . . . <i>da Academia Brasileira</i>	Afranio Peixoto . . . . .	51
FREDERICO VILLAR . . . . .	A organização naval . . . . .	60
LINDOLPHO XAVIER . . . . .	A proposito da Conferen- cia algodoeira . . . . .	65
V. DA SILVA FREIRE . . . . .	O problema municipal . . . . .	74
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . .	93

*(Continua na pagina seguinte)*

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 9 - ANNO I

VOL. III

SETEMBRO, 1916



REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL

20286



# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros como segue:

Conta corrente. . . . .	2% ao anno		Prazo Fixo, Tres mezes	3%	ao anno
Aviso previo de 30 dias .	3% „ „		Seis mezes	4 <sup>1</sup> / <sub>2</sub> % „ „	
„ „ „ 60 „ .	4% „ „		Doze mezes	5% „ „	

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# Auto-Geral



## CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE  
PARA AUTOMOVEIS

Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO

**CASA CONHECIDA**

— DE —

**Ramiro Tabacow  
& Cia.**

Vendem-se em prestações: MOVEIS

e FAZENDAS, TAPEÇARIA, ROUPAS

FEITAS e ROUPAS BRANCAS

Rua Imigrantes, 39 - S. PAULO

TELEPHONE: 65

Secção: BOM BETIRO — Filial em TAUBATÉ

*Casa fundada em 1895*

*PRAZO DEZ MEZES*

*JUROS MODICOS*



**Emilio Israel & C.**

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Telegr.: EMISEL

**SÃO PAULO**

*Vicente Lattuchella*  
*Alfaiate*

**RUA BÔA VISTA 56**

**S. PAULO**

# As Formigas Sauvas.

## Machina "Luiz da Silva"



Depois de conhecida esta machina, como já a conhecem centenas de lavradores que sabem dos seus infalliveis effeitos contra a existencia das daminhas formigas, não haverá mais motivo de queixa dos prejuizos causados por tão terrivel praga.

Não são mais necessarios reclamos para tornar conhecidas as vantagens da machina "Luiz da Silva", bastam os testemunhos de centenas de lavradores que se consideram felizes em possuir a referida machina, e a fama justa que attestam os milhares de testemunhos que presenciaram os maravilhosos effeitos e a economia que se verifica com a applicação da machina "Luiz da Silva" e do ingrediente "Buffalo".

**Peçam informações á Sociedade Paulista de Agricultura**

**Rua Libero Badaró, 125 — São Paulo**

**Carrapatos.** Contra a terrivel praga dos carrapatos tambem se encontra com a mesma Sociedade o infallivel carrapatocida marea "Touro". E' sem duvida o melhor preparado, o mais efficaez e o mais economico. Peçam informações a respeito.

**Diarrhêa dos Bezerros.** Contra a diarrhêa dos bezerros é "Cymarol" o remedio infallivel. Eneontra-se com o depositario Luiz da Silva, R. Libero Badaró, 125 — S. Paulo.

**Feridas dos animaes.** Para curar quaesquer feridas de gado cavallar, bovino, etc., emprega-se "Biekmorine". Dirigir pedidos ao sr. Luiz da Silva, R. Libero Badaró, 125 — S. Paulo.

**La Hacienda.** A melhor e mais elegante revista que se publica no mundo sobre todos os ramos da agricultura. Obtem-se a sua assignatura de um anno por 3 dollars e 60 centesimos e por 5 annos por 18 dollars, com direito a um elegante e finissimo relógio suiso dourado. — Assignaturas e todas as informações com o agente geral Luiz da Silva, R. Libero Badaró n. 125 — S. Paulo.

**Fazenda Moderna.** A unica e mais completa obra nacional a cores, sobre a creação de gado, em um grande volume encadernado, escripta pelo conhecido e illustrado Dr. Eduardo Cotrim.

No Estado de S. Paulo encontra-se na Sociedade Paulista de Agricultura, com o depositario Luiz da Silva. Remette-se com porte pago por 21\$500

# PIXOL

Alcatrão de hulha Beneficiado



E' um preparado indispensavel em todos os estabelecimentos agrarios não sómente pela sua multipla utilidade como pela facilidade em sua applicação.

Não requer precauções ou conhecimentos para o seu emprego, basta um pineel e boa vontade do trabalhador.

Como o seu nome indica, é um derivado do Pixe, contendo todas as qualidades deste e outras ainda devido ao seu beneficiamento. E' perfeitamente fluido e applicavel a frio.

Dentre os varios misteres a que se destina sobresde o seu emprego nos materias que se acham expostos ao ar ou sujeitos á deterioração, substituindo com muita vantagem quer em qualidade ou custo, todas as tintas e preparados até hoje usados nos postes de madeira, madeiramento em geral, postes e vigas de ferro, pois que impede a ferrugem, destróe o cupim e preserva a madeira da acção destruidora do tempo, sendo ao mesmo tempo um excellente desinfectante.

**MODO DE USAR:** — Em madeira applica-se puro, mas para pintar aço ou ferro convém misturar uma parte de cimento com uma de kerozene e em seguida acrescentar dez partes de PIXOL.

Fornecido em caixas de 2 latas de 5 gallões cada uma, ou 35 litros por caixa.

Fabricado pela **San Paulo Gaz Company Limited**

AGENTES GERAES PARA O BRAZIL:

**H. E. BOTT & COMP.**

Rua Libero Badaró N. 10

SÃO PÁULO

BEBAM

---

WHISKY DEWAR  
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O  
INIMIGO DO  
ACIDO URICO



A  
CHAMPAGNE DAS  
AGUAS DE MESA

---

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

---

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.



# ARADOS



É um facto comprovado hoje que os Arados CHATTANOOGA são os mais praticos e que melhores resultados têm dado na lavoura, pois encerram em si os pontos capitaes que interessam os lavradores, *simplicidade, economia e durabilidade* e são facéis de manejar.



Não comprem ARADOS, DESCASCADORES de arroz ou café, ENGENHOS de canna e nem qualquer outra machina sem primeiro verem os nossos; pois são superiores a todos os outros sob todos os pontos de vista.



TEMOS O MAIOR SORTIMENTO NO BRASIL DE



Arados - Batedeiras - Bombas d'agua - Carriohos - Catadores - Ceifadeiras - Correias - Cortadores - Cultivadores - Dehnhadores - Descascadores de arroz e café - Desintegradores - Desoatadeiras - Encerados - Egoehos de canoa - Eshngadores de café e arroz - Forjas - Grades de deotes - Machinas para fazer caogica - Moendas de caoaa a mão - Motores a vapor e a kerozeoe - Pás de cavallo - Folias de madeira - Quehradores de torrões - Semeiadeiras - Separadores de café e arroz - Serras - Torradores de café, etc.



PEÇAM CATALOGO À

## F. UPTON & Co.

LARGO S. BENTO, 12

S. PAULO

AV. RIO BRANCO, 18 RIO DE JANEIRO

Cortem este coupon e enviem-oo com o sen endereço certo para receber gratuitamente pela volta do Correo, os catalogos illiustrados da casa F. UPTON & Co.

NOME \_\_\_\_\_

ESTACÇÃO \_\_\_\_\_

ESTRADA DE FERRO \_\_\_\_\_

Coupon A

Especifique aqui quaes as machinas que deseja adquirir \_\_\_\_\_

---

---

## PELO PASSADO NACIONAL

---

Venho de um grato colloquio com as cousas do nosso passado. Na retina se me estampam ainda a alvura das capellinhas montanhezas, entre o anil do céo e o verde das frondes, o porte symbolico dos cruzeiros, a pedra corroida dos velhos chafarizes, os muros negros, as arvores anciãs. Por algum tempo, curto em dias, mas longo em meditação e saudade, conversei as sombras dos nossos mortos nas ruínas das nossas paizagens. E se ousa agora tomar da penna, é porque delles, dos nossos mortos amados, ouvi uma longa queixa sentida contra o desamparo em que os deixam os brasileiros de hoje. E' a voz das mortas gerações que falla por minha voz; a voz dos homens que primeiro desbravaram o terreno nacional, a dos que primeiro assentaram a pedra angular da nossa patria. Acorrei, filhos ingratos desta Terra: vinde ouvir a lamentação das ruínas!

Villa Rica e o Tejuco, hoje Ouro Preto e Diamantina, incarnaram a epopeia bandeirante. A capital do ouro e a capital do diamante foram a dupla expressão do sonho radioso, que permittiu e realison a conquista do Sertão. O Ouro era o sol que aquecia as imaginações após as noites de desalento; os Diamantes as estrellas que consolavam as ambições, passados os dias de borrasca e descrença. Os hardidos aventureiros do sec. XVII seguiam, terra a dentro, envolvidos num nimbo deslumbrante de fantasia. Em Portugal, assumia o Brasil as proporções de um Cypango fabuloso, onde das arvores pendessem folhas de esmeralda, rolassem os rios agnas de liquidos crystaes, e o azul do céo, trazido pelas enxurradas, viesse formar no seio da terra as saphyras. Chegavam do Reino levas



de homens avidos de ambição que, levados pelos paulistas intemoratos, iam desbravar as selvas, rasgar estradas, fundar os lares da patria futura. E em chegando ao sertão do ouro, ou á margem dos rios diamantinos, não lhes punha o coração a saudade da patria distante; a riqueza, tão fartamente offerta pela nova terra, só lhes punha nalma o desejo de uma outra patria, mais ardente, mais desafogada, mais acolhedora. O sonho da independencia acarinhou a fronte do primeiro mineador, que teve de pagar aos homens do Reino o fructo quasi total dos seus esforços e das suas pesquizas. Villa Rica e o Tejuco foram, em todos os tempos, dois brazeiros da libertação da terra. Quando por mais não fosse, só por isso, devemos ajoelhar-nos piedosamente á beira destes dois tumulos, onde repousam as primeiras azas com que o nosso Brasil bateu os flancos ainda infantis.

Nesse territorio heroico das Minas Geraes são muitas as Cidades Mortas: Ouro Preto, Diamantina, Mariama, Sabará, S. João d'El Rey, Serro, Caethé e varias ontras, tiveram outr'ora uma vida brilhante e florescente, de que o viver actual não é mais do que uma pallida lembrança. Em todas ellas o presente é um mero evocador. Eis a função das Cidades Mortas: accordar em nossas almas o respeito pelas coisas de antanho, penhor seguro de um amor positivo ás coisas do presente. Para sermos verdadeiros pátriotas, para alcançarmos esse patriotismo superior em que o coração é um simples collaborador da razão, precisamos commover o nosso espirito ante o spectaculo da tradição. O passado é um grande educador, communicando-nos essa commoção indispensavel ao trabalho fecundo das ideias, mas as suas lições só são verdadeiramente instructivas, quando têm por scenario o quadro em que elle se desenrolou. No Brasil, sobretudo, agonisante á mingoa de patriotismo, é de urgente necessidade guardar para a nossa e para as gerações vindouras a moldura do nosso passado. E se os homens que o fizeram, prodigos não foram em obras e construcções, maior deve ser o nosso desvelo pelo pouco que nos resta das épocas vividas.

Pois bem, por sobre a nossa Terra, vasia de monumentos encanecidos, sopra um grande vento iconoclasta. Ouve-se a cada passo o ruir de uma velha pedra: são a ignorancia dos homens e a marcha do tempo, em sua marcha inexoravel. Bra-



sileiros que me lêdes, se, como a mim, vos enche o peito um grande amor pelo torrão natal, não onvireis sem um grito de revolta o que vos vou contar da situação em que jazem alguns monumentos da tradição nacional.

Corramos os olhos por Diamantina. A “Casa do Contracto” é, sem duvida, o primeiro monumento da cidade. Logo em seguida á descoberta dos diamantes, cuidon a metropole de extorquir aos mineradores o maximo de contribuição. Em 1735, após haver ensaiado varios systemas de arrecadação, tentou o do “contracto”. O arrematante pagava uma taxa fixa por um certo numero de escravos, fosse ou não feliz com a mineração; era uma nova fórmula do antigo imposto de capitação. Na “Casa do Contracto”, residia o chamado “Contractador dos Diamantes”. Ahi habitou o celebre Felisberto Caldeira Brant, o contractador romantico, que, nas salas da velha morada, manteve uma vida de luxo, entremuada de saraus e recepções deslumbrantes. De uma daquellas sacadas, foi elle um dos primeiros que sonhou com a emancipação da terra brasileira. Alli veiu tambem morar João Fernandes de Oliveira Filho, o contractador nababesco, que depois construiu para a sua amante a chacara fóra da cidade. Durante 40 annos aquelles muros anciãos viram passar a theoria crystallina dos diamantes.

Hoje, na “Casa do Contracto” está sendo installado o Palacio do Bispo. Não é, porém, uma installação; é uma mutilação! Começaram os adaptadores da velha Casa por levantar a inevitavel platibanda, tirando inteiramente o caracter ás grandes beiradas do telhado colonial. Dado o primeiro golpe, precipitaram-se os outros. Os dois pateos nobres de entrada foram emparedados, rasgando-se uma porta ao centro. Demolidas as duas escadarias que davam accesso aos salões de cima, construiu-se uma escada ao meio, cujas linhas são um diploma de mau gosto. As saccadas salientes, que quebravam a monotonia da larga fachada, desappareceram, substituidas por grade-sinhas de ferro forjado, ao nivel dos humbraes. Foram sacrilegamente arrancados os batentes massiços das janellas e portas, de rijo lenho e talho elegante, e aproveitada a sua madeira para... os degraus das novas escadinhas da entrada! E' um

caminhar de dolorosas surpresas! Ao lado esquerdo da fachada, sob pretexto de dar ingresso livre á capella (cuja disposição tambem foi completamente alterada), construíram certa excrescencia curiosa, que tenta ser uma escada e uma varanda, com cobertura... de lousa vermelha e branca! E para completar essa restauração innominavel, estampon o pretencioso mestre de obras, em pleno coração da platibanda, entre arabescos doentios, uma data, que para nós é a da morte da "Casa do Contracto": 1915.

Eis o que resta do mais nobre monumento tejuquense!

Quanto ás igrejas diamantinas, todas ellas, de mal a peor, sustentam o peso do tempo. N. S. do Amparo, na rua da Quitanda, mal se aguenta sobre as traves desconjuntadas. A de S. Francisco, que foi o mais aristocratico templo do Tejuco, está com a fachada toda em linhas obliquas, e a nave amparada em duas vigas tremulas, que esperam pacientemente o dia proximo da ruina total.

Subindo a dura ladeira que conduz ao alto dos Correios, depara-se-nos a capella de N. S. da Luz, toda vestidinha de azul, como um anjo de procissão. Mas, ai!, o pobre anjinho da montanha vai morrer á mingoa. Abrem-lhe as paredes fendas temerosas; a cada rajada que passa fogem-lhe algumas telhas, e as aguas do céu, ingratamente, vão minando o que foi feito por amor do céu. Sim, porque á capellinha azul tambem não falta a sua historieta tocante. Foi o caso, que mna nobre Senhora portugueza, da familia dos Corte Real, D. Thereza Maria de Jesus, achando-se em Lisboa em 1755, prometteu á Virgem erigir-lhe uma capella, em um ponto longinquo da terra, caso escapasse á catastrophe que arrazava a cidade pombalina. E, de facto, tendo sobrevivido ao terremoto, partiu-se para o Brasil, e foi cumprir a sua promessa no amago do Districto Diamantino, onde os caracteres, deprimidos pela ambição e pelas riquezas, tanto exigiam os recursos da fé. Essa D. Thereza Maria de Jesus não é uma mera figura de legenda; pois, no archivo da Igreja de N. S. do Carmo, em Diamantina, encontrei um termo de 27 de Novembro de 1804, em que D. Thereza Maria de Jesus declara que pagará á Ordem do Carmo, por aluguer da casa pertencente á mesma Ordem, fronteira á Capella, cem oitavas de ouro, para nella morar enquanto vivesse, deixando aos seus herdeiros o encargo de proseguirem



nesta contribuição, por seis mezes depois de sua morte. E na sacristia da capella de N. S. da Luz existe o retrato a oleo da nobre Senhora, amortallada no habito das Carmelitas.

A gratidão dos homeus não procurou combater a obra do tempo; auxiliou-a, pelo contrario. O quadro, que conservou os traços da dama piedosa de Lisboa, jaz atirado a um canto, no meio de tocheiros quebrados e restos de andores, velado por immemorial manto de poeira. O proprio sacristão, a quem me dirigi, para que espanasse um pouco a tela, ficou surpreso de ver surgir, entre as nuvens de pó, a figura severa de uma morta, que parecia estigmatizar a incuria dos vivos. A' sahida, num jardim que ladeia a capella, um dos "sagrados" onde, até 1915, se enterraram os mortos de Diamantina, deparei com uma velha pia de agua benta, de granito, de talho massiço e curioso, atirada a um canto do muro.

Perguntando ao sacristão porque motivo tinham jogado para alli aquella pia tão interessante, respondeu-me o candido homem: "Essa é a velha; nós agora já temos outra nova de louça...". Entre nós, não são só as sacristães de Dianantina que pensam assim...

Mas não foi só o retrato de D. Thereza de Jesus que soffreu o olvido dos homens: o seu proprio tumulo não mereceu respeito. Ha uns 20 annos, ao reconstruirem a capella, com a irreverencia que caracteriza os nossos mestres de obras, demoliram a fachada antiga, e fizeram a nova uus cinco metros para traz, alheia ao desenho da primitiva. No caso, porém, mais grave ainda era o desrespeito, pois o tumulo da boa senhora, que quizera ser enterrada no adro de sua capella, ficon fóra da igreja, numa calçada, servindo de lage aos transeuntes. E o corpo daquella que tanto mereceu do céo, feito capim a crescer entre as pedras, serve hoje de alimento ás gallinhas vorazes que ciscaem pelos arredores! Tambem, quem sabe se o reconstructor da capella não foi um discreto, a quem occorren o raciocinio de Hamlet sobre Cesar? Se a argila de Cesar só merecia tapar o buraco de um muro, é justo que o pó de D. Thereza de Jesus sirva de pasto ás gallinhas...

A tradição em Diamantina se refugiu num largo, num delicioso largo, onde as sombras do passado vivem por entre a paz das coisas do presente. Pois ahí mesmo, nesse remauso da tradição, não parou a irreverencia dos homens. A um canto da



praça, toda antiga, construiu a edilidade diamantina a nova prisão, pintadinha de anarello, e coberta de telha franceza! Eu sou dos que subscrevem o conceito do tradicionalista Charles Maurras: "Qui dit antiquité ne dit pas sacrement; notre vie a le droit de détruire pour reconstruire; le monde n'est pas un musée". A admiração do velho pelo velho, sem outra significação, é uma das abusões romanticas a que o mesmo Maurras chamou de "badauderie vénérante". Mas, interromper um bello sonho é um sacrilegio, e foi o que veio fazer a nova prisão diamantina no velho Largo do Rosario. Porque perturbar o descanso de antigas sombras, quando lugar sobrava pela cidade para se construir a nova habitação dos presos? A destruição de velhas pedras só se justifica quando absolutamente indispensavel á intensificação da vida; e o criterio adoptado entre nós está muito longe desta verdade singela.

Como é grato, ao euvez desta municipalidade pouco ciosa das tradições de sua cidade, ver, por exemplo, a edilidade de Campinas construir uma casa para as suas andorinhas! Todas as tardes, as avesinhas andejas, depois de vagabundearem pelos campos verdes que se alongam á ourela da cidade, depois de pousarem nos fios telegraphicos, justificando a attitude immemorial em que as immortalisou Antonio Nobre, vêm revolver sobre a cidade amiga, setteando os ares, em massa, para ganhar o pouso que lhes reservou a intelligencia campineira! Admiravel exemplo, e tal porque ainda se não extinguiu a raça dos prefeitos no genero daquelle adoravel "sous-prefet", no conto de Daudet, que velou a face da Musa dos Comícios Agricolas, para fazer versos na relva, mastigando violetas, ao cantar dos rouxinóes no bosque de verdes carvalhos...

Voltando ao nosso Largo... — felizmente, a differença de nivel no terreno esconde, a quem ali entra pelo lado de cima, a vista da nova construcção. E as velhas sombras poderão ainda, por longo tempo, dormir e sonhar no seu velho largo...

A todos os que conhecem a historia do Tejuco ficou na imaginação a paizagem encantadora do que foi a "Chacara da Xica da Silva", mandada construir pelo contractador já referido João Fernandes de Oliveira Filho, para a sua amante, que de encantos, como disseram os contemporaneos, só se os tinha secretos... Hoje, no Queluz diamantino pastam philosophicamente os bois, entre os restos das muralhas e as ribas



pantanosas do lago; e a imagem do Abandono, tão prodigamente reproduzida pelas nossas velhas cidades, alli encontrou mais um dos seus desolados nichos.

Se tal é a situação na capital do districto diamantino, melhor se nos não depara o estado da antiga capital das Minas. Sobre as pedras de Ouro Preto tambem pesa o guante da ignorancia humana e dos ultrajes dos annos. O antigo Palacio dos Capitães Generaes, construido pelo engenheiro José Fernandes Pinto de Alpoim, em 1744, sob o governo de Gomes Freire de Andrade, foi profundamente remodelado para acolher a Escola de Minas. Apezar disso, porém, juntamente com o antigo Palacio da Camara, hoje Cadeia, que o defronta, guarda quasi intacto o character original. São esses dois os mais perfeitos e os mais expressivos monumentos da gloriosa Villa Rica do Pilar de Ouro Preto. Descendo a rua do Ouvidor, antolha-se nos a deliciosa igreja de S. Francisco de Assis, no antigo largo do pelourinho, construida pelo traçado do Aleijadinho, esse mutilado de genio, que durante a segunda metade do seculo XVIII, espalhou pela provincia das Minas Geraes, os fructos de sua pericia. Antonio Francisco Lisboa foi o seu nome, mas as deformidades horriveis, de que uma molestia tardia lhe cobriu o corpo, emprestaram-lhe aquelle cognome, pelo qual é conhecido. Andava de joelhos, e trabalhava com o escopro atado aos tocos dos braços, pois os dedos lhe haviam cahido! Viveu e morreu na miseria, largado dos homens, a quem malqueria. As suas obras principaes se encontram em Ouro Preto, na igreja do Carmo e na capella das Almas, em S. João d'El Rey na matriz e na capella de S. Francisco, em Sabará, em Marianna, em Sta. Luzia, e sobretudo em Congonhas, onde, na egreja do Bom Jesus de Mattosinhos, esculpio a figura dos prophetas, e os tres Passos da Ceia, da Prisão e do Horto, que mereceram uma menção de St. Hilaire. Em S. Francisco de Assis varias obras ficaram do artista mineiro, tão espontaneo e delicado, a quem só faltou uma educação artistica á altura de seu engenho, para o equiparar aos maiores. Sobre o portal nobre de entrada do Templo, rasgou o Aleijadinho um medalhão em granito, com a figura de S. Francisco de Assis, recebendo as chagas. E' talvez a sua obra prima, pelo acabado das minu-

cias, e pela riqueza de expressão, que se desprende de todo o conjuncto. Pois bem, essa obra centenaria e bella, não mereceu a menor protecção contra as intemperies, que trabalham, lenta mas seguramente, na destruição dos contornos. Dos anjos que circundam o medalhão, a varios já faltam os membros mais salientes. A pedra vai sendo atacada, e nada impede que, dentro de outro seculo, do quadro encantador de hoje só reste uma superficie lisa! Porque não ensaiar alli o que foi feito nos portaes da igreja de S. Petronio em Bolonha, com os baixos-relevos de Jacopo della Quercia, isto é, estender, á maneira do vidro nos quadros, pequenas télas de arame, que protegem a esculptura, sem quasi perturbar a visão? E' de pouco dispendio e farto resultado.

Fronteiras quasi á egreja ficam as casas modestas, outr'ora habitadas por Thomaz Antonio Gonzaga e Claudio Manuel da Costa. Nada as indica, nem uma placa simples, e, portas a dentro, tambem nada resta de então. Onde os innumerables objectos daquelle interessantissimo "auto de sequestro", citado por Affonso Arinos na sua admiravel "Atalaia Bandeirante"? Só Deus o saberá... A casa de Tiradentes, se bem me lembra, na rua de S. José, foi comprada quasi em ruinas por Affonso Arinos, esse sandoso amante inegualavel do passado nacional. Hoje, que vai ser della?... E que vai ser dos dois curiosos chafarizes de 1752 e 1762, na rna do Ouvidor e na do Vira Saia, e do Chafariz das Cabeças, ao pé da casa de Marilia? Estão todos reduzidos a pouco menos que ruinas!

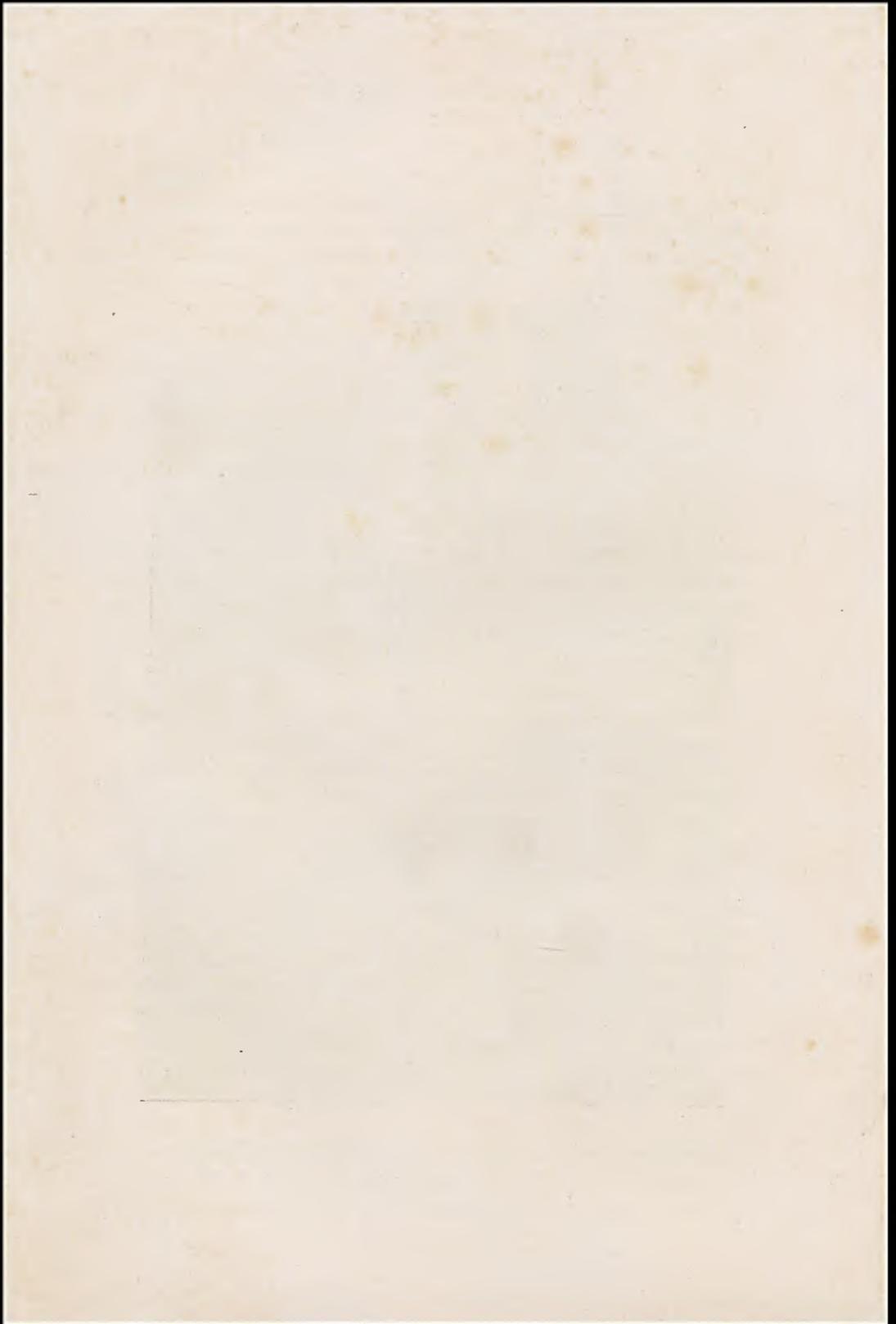
Na matriz de Antonio Dias pouco resta de antigo. Foram todos os altares reformados nesse incolor estylo "Casa Sucena" a que se vai reduzindo a nossa arte sacra, hoje sem a menor originalidade. Só resistiu o altar de N. S. da Boa Morte, a cujos pés está enterrado o Aleijadinho. Nenhuma grade se levantou em torno do tunulo, assim que raros são aquelles que respeitam o ultimo leito do triste esculptor mineiro, de que só se vê nma lage suja, com as inscripções apagadas! Desolador esquecimento dos homens!

No curto espaço de um artigo não me proponho a ser completo, senão a citar factos esparsos, recolhidos ao sabor de uma peregrinação. Fallei em Diamantina e em Ouro Preto,





Em cima: Igrejas do Rosario e S. Francisco, em Diamantina.  
Em baixo: A "Casa do Contracto", na mesma cidade.



mas por toda a parte grassa o mesmo mal. Em Curvello cae a capellinha inicial, cedendo o lugar a uma nova e soberanamente feia igreja dos Redemptoristas allemães. Em Bello Horizonte é demolida inutilmente a velha matriz de Curral d'El Rey, para a substituirem por alguma inexpressiva capellinha gothica. Em Sumidouro, que é da Quinta de Fernão Dias Paes Leme? E se passarmos a S. Paulo, torrão dos bandeirantes não é menor o descalabro. Avulta o arrasamento da Igreja do Collegio, para se construir o novo palacio do governo. Essa capella era nada menos que o sanctuario fundado por Anchieta em 1554, e porteriormente remodelado. A sua significação não tinha só de paulista, mas de amplamente nacional. Com o pó de suas paredes desappareceu um dos mais puros symbolos da patria!

Não é sómente a demolição o terror das velhas pedras. Como vimos com a Casa do Contracto em Diamantina, a restauração é talvez ainda mais grave. A morte pôde justificar-se, mas nunca a tortura. Ser atheu é um direito, mas mofar da religião nos sanctuarios é proprio de almas rebaixadas. Pois a restauração é aquella tortura, é essa caricatura. Ainda quando a presidem um grande sentimento artistico e um respeito severo ao passado, ella é acceitavel se inevitavel; o resultado unico é fazer do edificio uma imagem fria do que foi. Mas, se a restauração se faz, como entre nós, sem a minima preocupação pelo primitivo aspecto do edificio já não é senão um vandalismo. A nova fachada, as novas torres, as novas alas, são outras tantas tunicas de Nessus sobre o corpo da antiga construção. Em S. Paulo, soffreu o supplicio da restauração a capella de N. S. do O', que hoje se ostenta, sem nenhum caracter original, sobre as ruinas da velha ermida de Manoel Preto. Mas não é solitario o seu soffrer, porque, pelo Brasil além, outras muitas irmãs de infortunio gemem na mesma tortura. Do littoral paulista, por exemplo, tenho noticia do lamentavel estado em que as reformas deixaram as duas capellas classicas de Conceição de Itanhaen, um dos primitivos lares mysticos no Brasil, logar de especial devoção do bemaventurado Joseph de Anchieta, o S. Francisco de Assis de nossas selvas.

Se a Igreja do Collegio não soube inspirar piedade á febre do alvião e da picareta, se a ermida de N. S. da Esperança não commoveu os restauradores, guarda ainda S. Paulo, na



Capital, nos arredores e pela costa, outras capellinhas e cascas tradicionaes que até hoje resistiram. É duro, porém, de dizer que ellas devem a vida, mais á sua boa estrella que ao desvelo dos homens. Como typo do estado em que hoje se encontram esses veneraveis restos dos passados seculos, eis a igreja de M'Boy, fundada por Belchior de Pontes, o chronista jesuita. Tremem-lhe as paredes frageis, inclina-se tragicamente a pobre fachada roida, deixando a impressão de um proximo desenlace. E como M'Boy, Cotia, Pinheiros, Coneeição, etc.

Manda a justiça confessar, e o faço com orgulho e esperanza, que em S. Paulo é bem vivo o amor pelas velhas construcções e pelas tradições nacionaes, se não na massa, pelo menos em certas camadas superiores da população. É justamente porque não deseonheço os esforços de Washington Luiz, de Ricardo Severo, de Aguiar de Andrada e outros, em pró da formação de uma architectura nacional, que a elles, mais que a ninguem, procuro tocar com a tristura de nossas ruinas. Sirva-lhes esse espectaculo de incentivo para não fraquearem na obra enectada!

Se essa é a tendencia, que começa apenas a apontar, muito ainda ha que fazer, no proprio Estado, e ultimamente, vagueando por Santos, colhi mais um facto para essa resenha tristissima e tão falla que venho fazendo. Existe, na igreja de S. Antonio, pertencente á Ordem Tereceira de S. Francisco da Penitencia, uma capellinha contigua, votada a S. Francisco de Assis. Até ha tres ou quatro annos atraz era essa capella uma testemunha intacta da fundação, em 1640, se me não engano. O altar, obra notavel de talha, recoberto de folha de ouro, é unico em seu genero, tendo em grandes dimensões, a imagem de S. Francisco de Assis, de joelhos, a receber os estigmas de um Crucificado sangrento, que se eleva ao fundo; parece copia do quadro celebre de Giotto. Torneava o adro uma friza em azulejo, no genero das de S. Vicente de Fóra em Lisboa, da Igreja da Graça na Bahia, e da de S. Francisco, no Recife, representando, em varios quadros, actos da vida piedosa daquelle suave bemaventurado. Pois bem, ha poucos annos, resolveram os dirigentes da Ordem arranear os azulejos, sob pretexto de que a capella, com os azulejos, parecia um açougue!! Foram estas as proprias palavras do sacristão, testemunha do facto! Fui encontrar os pobres azulejos vetustos, amon-



toados a um canto, cobertos de pó, e em parte já estragados e quebrados, ao fundo da igreja, nmma antiga cozinha da Ordem! E não parou ahí o padecer da humilde capellinha. O mesmo pavoroso eugenho architectonico, que ou-sou arrancar os azulejos, desnudando as paredes, construiu, ao fundo, um côro de linhas deploraveis, cortando ao meio duas janellas, que nem ao menos muradas foram! Só a propria visão dos factos pôde convencer de tanta ignorancia! Para que nada faltasse a uma obra de devastação absoluta, pintaram de varias côres a cantaria da fachada, e de pixe o Cruzeiro de pedra, que se levanta á entrada do templo!

Aliás, o costume de se brochar o granito, e de se acafelar as estatuas, está espalhado pelo nosso territorio. E' um caso typico o da Cathedral Metropolitana do Rio, cuja fachada de cantaria tinha sido toda caiada, o que deu lugar a um Aviso indignado de Ferreira Vianna, quando Ministro do Imperio em 1889. E já que me referi ao Rio de Janeiro, cumpre notar que elle se não isenta no descabro geral do respeito ao passado. Já me vai longa a exposição, que eu quizera tanto mais incisiva quanto mais breve, e portanto, respeito ao Rio, linitome a lembrar um facto entre mil: a canalisação do rio da Carioca. Foi á bocca desse rio, conta a historia, ou pelo menos a tradição, que em 1501 se levantou a primeira Casa de Pedra do territorio, precursora da cidade de Estacio de Sá e madrinha de seus habitantes. Naquellas aguas se abeberaram as gerações, desde os navegadores, que aqui vinham refrescar, aos cidadãos de hoje. O seu nome se gravou na mente de todos os viajantes, na obra de todos os historiadores. E como era pittoresco o seu curso sinuoso, acompanhando a rua das Laranjeiras, com o velho muro recoberto de musgo! Pois nada lhe valeu para mover os reconstructores da cidade ao respeito. Hoje, a rua das Laranjeiras perdeu o companheiro, e o rio dos navegantes de 1501 jaz transformado num reles esgoto!

Por esse facto se vê que o desvio da tradição, e portanto da logica das coisas, não se manifesta unicamente pelo desrespeito aos monumentos. Nem só elles exprimem o encadeiamento racional da vida de um povo. Entre nós, como por toda a parte, aquelle desequilibrio se traduz por varias fórmãs. Ora, como vimos, é a canalisação de um rio historico; ora, como no Palacio do Cattete, a substituição de ornamentos ou symbolos,

e que fez dizer a Machado de Assis que o Palacio, depois das estatuas, ficou parecendo uma commoda de pés para o ar; ora a mania, verdadeira molestia nacional, de trocar, a todo o proposito e sem proposito, os nomes das ruas, e que já hoje se estende até aos nomes geographicos! E como esses mil outros casos, que a todos occorrem.

Não proseguirei, porém. Era meu intuito lançar o alarma, entre aquelles cuja voz póde ser ouvida. Citei alguns factos; se quizesse completar a resenha, teria de fazer uma nomenclatura de todos os nossos velhos monumentos, pois o mal, de que morrem os que acabo de mencionar, é uma epidemia nacional!

Nada póde justificar o descaso pelo nosso passado. Se lhe não pesam os annos, nem a excepcional magnificencia dos edificios, avulta o seu valor moral, a sua significação historica. Quem se não recorda da admiravel campanha levada a effeito, em França, por Maurice Barrés, em favor das igrejinhas rusticas, e que elle reuniu em volume, evocando "La Grande Pitié des Églises de France"? Não eram as grandes cathedraes gothicas, os "poemas de pedra", que elle defendia, mas os simples sonetos de tijollo das aldeias, ou mesmo as humillinas quadrinhas populares, os adros e os cruzeiros, que a fé semeara pelos caminhos...

Cuidemos tambem das nossas quadrinhas populares! Amparemos os Cruzeiros que baqueiam, as ermidas que tremem, os chafarizes que rúem! Olhemos um pouco para nós mesmos, para os nossos membros mutilados. E já que vivemos numa época legista, façamos uma lei, essa ao menos util e bemfazeja, á sombra da qual possam viver respeitados os vestigios dos nossos primeiros annos, como colonia e como nação. Somos um povo em infancia, somos nós os fazedores do passado, não ha duvida, mas não poderemos levar avante a nossa missão se desprezarmos o que para nós constitue o passado da patria. A perspectiva das origens é um elemento primordial dos povos em formação; e é pela memoria do passado que deve começar a obra da construção nacional. A missão suprema do brasileiro de hoje é reunir os materiaes para preparar um espirito nacional, em todas as manifestações de sua actividade. E para isso, é preciso que ao artista, ao jurisconsulto, ao architecto,



ao politico, ao militar, ao industrial, não seduza unicamente a originalidade; “só se tem o direito de ser original sem o querer”, disse-o Joaquim Nabuco. A arte, a literatura, o estylo, a organização verdadeiramente nacionaes serão uma consequencia logica do nosso meio, do nosso clima, da nossa filiação, das nossas tendencias. Hoje, o espirito brasileiro está inteiramente obliterado por estranhas influencias; os artifices do futuro, trabalhando pela boa Obra, que não desprezem o aspecto de nossas origens, quando o mimetismo ainda nos não havia de todo descaracterisado. E’ preciso encarar o passado, lêr o character do presente através das lantejoulas artificiaes, e comprehender o futuro, para tentar, então, logicamente, algo de definido pelo espirito nacional. Tratemos portanto de guardar as roupagens do nosso berço, para os obreiros do futuro. Ponhamos um freio á furia demolidora e restauradora. Rehabilitemos o passado nacional!

ALCEU AMOROSO LIMA.



---

---

## AO SABOR DO SONHO

---

Foi numa noite de carnaval. Encontraram-se tarde, quando todos recolhiam e o delírio festivo findava.

Andavam ambos pelo mesmo largo; cruzaram-se sob a fronde benigna dos platanos, brandamente illuminada pelos lampiões esparsos.

Ella ia ao lado de um homem edoso, seu pae decerto. Durval vinha só. Ao avistal-a moderou o passo. Os seus olhares encontraram-se, detiveram-se e penetraram-se docemente.

Uma suavidade tumultuosa, um bem inesperado e immenso, pareceu a Durval que brotava entre ambos enchendo a terra, mudando a face das coisas.

Depois, pouco a pouco a realidade resurgia, destacava-se, como que impregnada de surpresa e de sonho.

Durval seguiu com os olhos o vulto que se afastava.

Suave e bella! O seu talhe fino, enroupado de branco, tinha um encanto matutino. Os seus olhos eram profundos, pensativos, cheios de uma seriedade que prendia.

Transparecia nella não sei que de ideal e doce, de recluso e ardente, a denunciar uma alma que vive e brilha acima das mesquinhas, das falsidades e das impurezas communs da existencia.

Durval parou indeciso, revolvendo a sua emoção. Depois poz-se a segui-la, de longe.

Por acaso ou intencionalmente, ella voltou-se um instante e olhou-o.

Um clarão o atravessou. Seria ella deveras a eleita, a que se sonha confusamente e mal se ousa esperar, o bem indizível e supremo para o qual anhelava a sua alma?

Como o seu olhar fôra doce e confiante, cheio de vaga nostalgia e envolvente suavidade!

Já uma confidencia mutua parecia prendel-os.

Presentia-a sensitiva, sonhadora, dolente. A sua alma devia ter a poesia e a tristeza de uma paisagem outomnal, em que as arvores ferrugentas se cobrem do pathetico burel da propria fronde resequida.

Ella devia conhecer a tristeza das primeiras illusões fanadas, a melancholia dos sonhos que murcham e tombam como as folhas mortas.

Mas, por isso mesmo, que recalcado ardor, que acrysolada paixão, que abundancia e vehemencia de vida interior não haveria nella?

Imaginou-a isolada e mesta, num desses ambientes estreitos e burguezes onde o tedio e a melancholia medram, enchendo o vasio das vidas e das almas.

Ahi, na sua quasi solidão, o amor e o sonho vieram acordar-lhe e accender-lhe a alma ingenua.

Amara, ou antes, julgara querer a alguem, mas o que ella amara fôra o seu proprio sonho, o reflexo divino da sua innocencia, as illusões e as miragens seductoras que ella encarnara a esmo, povoando o mundo de encantamento.

Quem poderia dizer as luctas, as desillusões, as desesperanças que soffrera?

Mas por certo a sua alma ardente e pura triumphara, se enriquecera de dôr e de esplendores, se acolhera e sublimara no seu proprio fogo.

A' bruteza e á miseria da realidade, ella oppoz a serena belleza do seu mundo interior, a doçura melancholica do sonho.

Fôra das cohibencias, das chatices e das protervias da realidade, a sua alma pairou livre e resplendente.

Vago e luminoso, abstracto e vehemente, o amor habitou nella como uma mystica flamma que consome e illumina.

Celeste fusão de dois seres, abnegado dom de si mesmo, meiga religião que anihila e transhumana, era assim que ella o comprehendia e queria.

Assim, a sua propria alma a isolava, o seu proprio sonho punha entre ella e o mundo uma etherea e refulgente nuvem que lhe era, ao mesmo tempo, refugio e degredo, prisão e encantamento.

Mas a esperança, o pre-agoirar do milagre, as possibilidades maravilhosas que num momento transformam e divinizam a

existencia, deviam luzir, longinquas e mysteriosas, no fundo da sua alma.

Quantas vezes ellas não lhe teriam perpassado deante, num clarão quasi irreal e fugace como estrellas cadentes?

Agora mesmo, nessa noite de carnaval, por eutre o bulicio festivo da cidade, não seutira ella uma ancía desconhecida, um presago palpitar feito de duvida e esperança, de inquietude e aspiração?

Por isso, talvez, os seus olhos tiveram para elle esse secreto entendimento, essa dolente e maviosa doçura.

Como ella, Durval vinha cheio de anciedade vaga, de paixão contida, de sonhos e desesperanças errantes.

Mais do que um mero encontro, uma casualidade occulta, uma similitude de almas e de destinos os approximava e congregava.

Um presentimento fulgido alumbrou-o. Pareceu-lhe que a felicidade, silenciosa e fugaz passava junto delle esflorando-o e sorrindo-lhe. Una suavidade immensa invadiu-o. Não sei que de bom e puro illuminava e revestia a terra, propagava a esperança, submettia a vida á presciente ordenação do sonho e do ideal, reunia e completava as almas que, sem saber, se buscavam e attrahiam através do vasto universo.

Durval sentia-se outro; uma fé nova reconciliava-o consigo mesmo, com o mundo, com o azul, com as estrellas... Deante delle, o vulto della movia-se branco e mavioso, com a graça esbelta de uma ave nivea que a lua prateia.

Durval seguia-a enlevado. De quando em vez, o estranho e o aereo da aventura davam-lhe a impressão de caminhar num romance.

Atravessavam um outro largo, depois enfiaram uma rua longa, meio ás escuras, silente e erma áquellas horas.

De repente, os dois vultos pararam junto a uma casa; uma porta abriu-se e fechou-se atraz delles, e tudo recahiu ua deserta quietude anterior.

Durval parou desapontado.

— Sumira-se. Nem pudera ver bem a casa em que ella entrara. Talvez nunca mais a tornaria a ver!

Um vago despeito lhe mordida a alma.

Mas passaria por lá outras vezes, saberia quem era, tornaria a ver os seus olhos, doces e profundos, sentiria crescer e

florir essa *sympathia mutua* que tão docemente se annunciara... Quem sabe?...

Afagando esses pensamentos, Durval volveu os passos para casa.

Mas já um lento desanimo se lhe infiltrava na alma. Inconsistente e aereo o seu sonho parecia desmanchar-se com o passar da visão que o originara.

O que elle julgara ver nella não fôra mais do que um imaginoso reflexo, do que a introspecção da sua propria alma.

Quantas vezes não se enganara assim? Não era esse o seu eterno escolho, o suave e arcano maleficio que o tolhia?

Essas creaturas donairosas, apenas entrevistadas, animava-os do seu sonho, emprestava-lhes as suas aspirações, os seus desejos, os seus devaneios, penetrava-as de não sei que celeste e amorosa perfeição, e depois se admirava que fossem alheias, differentes, estranhas, como que inclusas numa outra esphera e numa outra humanidade, que as distanciava delle indefinidamente...

Demais, não era natural que assim fosse? Como podia elle, a cada passo encontrar essas almas puras e ardentes, acendradas no mysticismo do amor e do sonho, em que se casavam e se lhe offertavam todos os ardores e todas as purezas, numa só dadiva plena, funda engolfante como uma onda celeste?

Onde e como encontrar essas mythicas figuras de poemas e balladas, visões suaves e mysteriosas como as Beatrizes e as Ulalumes, luminosas chymeras que, mal baixavam á terra, se esvaíam deixando a saudade e a tristeza dos sonhos desfeitos?

Mas era vão reluctar. Continuamente elle superpunha o sonho á vida, vestia de phantasia a realidade.

Assim fizera agora. Sobre essa gentil e vaga desconhecida construiu todo um ingenuo e seduzente romance.

Elle é que a fizera bella, pura, sentimental, plena de doçura recondita, resumbrante de mysterio e fascinação.

Por traz dessa imagem ficticia, quem sabe o que se occultaria?

Talvez um serzinho vulgar e futil, uma alma simples e instinctiva, que não podia sequer suspeitar esse vasto mundo de dolencias, chymeras e arrebatamentos que elle lhe attribuiria.

Podia ser. Mas que importava isso? A sua entidade real,

a sua physionomia moral e psychica, não existiam para elle, não as sabia, no fundo não as queria saber.

Ella era a creatura enygmatica e suggestiva, a apparencia fugaz e doce que elle vestia do seu sonho, que elle povoava da sua alma.

Vaga e afeiçãoavel, elle animava-a, reereava-a, fazia-a sua, e como todo creador formava-a á sua imagem e semelhança.

Sonho e belleza, illusão e realidade, aspiração e intravindencia, fundiam-se no seu espirito, numa só dramaticidade intima, numa só entidade vaga, mysteriosa, que lhe arroubava a alma.

Através della toda uma immensidade mystica palpitava e esplandeia.

Dôr, ternura, aneio, saudade, desfogavam-se e exauriam-se idealmente nella. Na propria immensidade do sonho, ella, a figura real, se apoucava e escorecia, incorporada e dispersa numa aspiração sem meta, numa ultra-terrena beatitude, num extravasar d'alma que de si mesmo se paga e se enebria.

Durval sentiu envolvel-o e enleval-o a graça pura do sonho. Pareceu-lhe que nenhuma realização, nenhuma estreita aventura humana podia ir além d'elle, approximar-se siquer da sua fulgida beatitude.

Oh, a doce virtude, o dom divino da poesia e do sonho! Que bem havia no mundo comparavel a esse? Era isso que elle amava e queria em eterno, sobre todas as coisas, o mundo novo que o attrahia e arrastava, a patria ideal que elle presentia e buscava através de todos os antolhos, de todas as apparencias varias e fugazes, de todos os aspectos innumeraveis da vida e da realidade.

Ao pé d'elle, tudo o mais lhe parecia rudimentar e bronco como um tosco simulacro, como um balbueio vão, como uma argila vil e sem forma.

Sem elle, o mundo era morno e safaro, cruel e absurdo, um monstruoso acervo de apparencias sem nexos, de frontejanças inereias, de forças obscuras e adversas, em batalha. Acima dellas, radioso e immortal, transfigurador e divino, o sonho dominava a vida, a materia, a immensidade.

Era elle que desentenebrecia a existencia, divinisa o cosmos, incutia ás coisas a alma ardente, nuançada, profunda.



Tel-o era senhorear o mundo, era possuir todos os bens num só, indefinido, absoluto, ineffavel.

Mais do que nunca, Durval sentiu-lhe o invadente encanto, a occulta e soberana magia.

Omnimodo e divino elle parecia fundir-se com a serena belleza das coisas, viver na mystica amplidão da alma, diluir-se em harmonia e beatitude. Na sua pura gloria a gentil desco-nhecida se transhumanava...

Durval sentiu a doce victoria do sonho. Como uma aspiração celeste, como um mytho que elle mesmo creara, Ella pairou, abstracta e meiga, incontingente e pura, sobranceira á van realidade.

Assim sublimada, emanava della inundando-lhe a alma e renovando-lhe o mundo, uma intima belleza, uma satisfação ideal e sem termo, uma serena e abençoada claridade...

E mais uma vez, Durval bendisse o tenue e immenso quinhão que lhe tocara em sorte sobre a terra: o poder de sonhar, e o condão de viver satisfeito e contente dentro do seu sonho...

JACOMINO DEFINE.



---

---

## O DIALECTO CAIPIRA

---

Tivemos, até ha cerca de vinte e cinco a trinta annos, um começo de dialectação bem pronunciado, no territorio da antiga provincia de S. Paulo. E' de todos sabido que o nosso falar *caipira* — bastante caracteristico para ser notado pelos mais desprevenidos como um systema distincto e inconfundivel — dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influencia á propria minoria culta. As mesmas classes educadas e as pessoas bem falantes não se podiam esquivar a essa influencia. Foi o que criou aos paulistas, ha já bastante tempo, a fama de corromperem o vernaculo com muitos e feios vicios de linguagem. Quando se tratou, no Senado do Imperio, de criar os cursos juridicos no Brasil, tendo-se proposto São Paulo para séde de um delles, houve quem allegasse contra isto o linguajar dos naturaes, que inconvenientemente contaminaria os futuros bachareis, oriundos de differentes circumscripções do paiz...

Essa dialectação iria longe, se as condições do meio não houvessem soffrido uma serie de abalos, que partiram os fios á continuidade da sua evolução. Ao tempo em que o celebre falar paulista reinava sem contraste sensivel, o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana. De algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se. A substituição do braço escravo pelo assalariado afastou da convivencia quotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos poderosos factores da nossa differenciação dialectal. Os genuinos *caipiras*, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram tambem a ser postos de banda, a ser atirados á margem da vida collectiva, a ter uma interferencia cada vez

menor nos costumes e na organização da nova ordem de coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos. Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o commercio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a especie, e a provincia entrou por sua vez em contacto permanente com a civilização exterior. A instrucção, limitadissima, tomou extraordinario incremento. Era impossivel que o dialecto caipira deixasse de soffrer com tão grandes alterações do meio social.

Hoje, elle acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fóra dahi, na bocca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. Entretanto, certos remanescentes do seu predominio de outrora ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, em luta com outras tendencias, creadas pelas novas condições. Essas outras tendencias irão continuando, naturalmente, a obra incessante da evolução autonoma do nosso falar, que persistirá fatalmente em divergir do portuguez peninsular, do portuguez classico e até do portuguez corrente nas demais regiões do paiz. Mas essa evolução já não será a do dialecto *caipira*. Este acha-se condemnado a desaparecer em breve. Legará, sem duvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares. Desappareceu quasi por completo a influencia do negro, cujo contacto com os brancos é cada vez menor e cuja mentalidade por seu turno se modifica rapidamente. O caipira torna-se de dia em dia mais raro, havendo zonas inteiras do Estado, como o chamado *Oeste*, onde só com difficuldade se poderá encontrar um representante genuino da especie. A instrucção e a educação, hoje muito mais diffundidas e mais exigentes, vão combatendo com exito o velho caipirismo, e já não ha nada tão commum como se verem rapazes e creanças cuja linguagem differe profundamente da dos paes analphabetos. Por outro lado, a população estrangeira, muito numerosa, vai infiltrando as suas influencias, por enquanto pouco sensiveis, mas que por força se farão notar mais ou menos remotamente. Os filhos dos italianos e dos sirios e turcos apparentemente se adaptam com muita facili-

dade á phonetica paulista, mas na verdade trazem-lhe modificações physiologicas imperceptiveis, que se irão aos poucos revelando em phenomenos differentes dos que até aqui se notavam.

O que pretendemos neste desprezencioso trabalho (de que pedimos excusa aos competentes) é — *caracterizar esse dialecto "caipira"*, ou, se acham melhor, *esse "momento" da dialectação portugueza em S. Paulo*. Não levaremos, por isso, em conta todos os *paulistismos* que se nos têm deparado, mas apenas aquelles que se filiam na antiga corrente popular.

E' claro que não é esta uma tarefa simples, para ser levada a cabo com exito por uma só pessoa, muito menos por um hospede em glottologia. Mas é bom que se comece, e dar-nos-emos por satisfeito se tivermos conseguido fixar duas ou tres idéas e duas ou tres observações aproveitaveis, neste assumpto, por emquanto, quasi virgem de vistas de conjuncto, sob criterios objectivos.

Fala-se muito num "dialecto brasileiro", expressão já consagrada até por autores notaveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialectação, cuja existencia é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram bem discriminados. Nem se poderão discriminar, emquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões. O falar do norte do paiz não é o mesmo que o do centro ou o do sul. O de S. Paulo não é igual ao de Minas. Mesmo no interior deste Estado se podem distinguir sem grande esforço varias zonas dialectaes — o litoral, o chamado "norte", o sul, a parte confinante com o Triangulo mineiro. Seria de desejar que muitos observadores imparciaes, pacientes e methodicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, limitando-se estrictamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hypothetico, incerto, não verificado pessoalmente. Teriamos assim um grande numero de pequenas contribuições, restrictas em volume e em pretensão, mas que na sua simplicidade modesta, escoreita e seria prestariam muito maior serviço do que certos trabalhos mais ou menos vastos, que de quando em quando se nos deparam, repositórios incongruentes de factos recolhidos a todo preço e de generalizações e filiações quasi sempre apressadas. Taes contribuições

permittediam um dia o exame comparativo das varias modalidades locais e regiones, ainda que só das mais salientes, e por elle a discriminação dos phenomenos communs a todas as regiões do paiz, dos pertencentes a determinadas regiões e dos privativos de uma ou outra fracção territorial. Então se saberia com segurança quaes os caracteres geraes do "dialecto brasileiro", quantos e quaes os "subdialectos", o grau de vitalidade, as ramificações, o dominio geographico de cada um. E então se teria dado um verdadeiro passo para o conhecimento da nossa tenebrosa formação psychologica, passo cujas multiplas consequencias não será necessario esboçar.

## I. — ALTERAÇÕES PHONETICAS

### 1.º

1. Antes de tudo, deve notar-se que a prosodia caipira (tomando o termo *prosodia* numa accepção lata, que tambem abranja o rythmo e musicalidade da linguagem) differe essencialmente da portugueza.

O tom geral da palavra é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronunção portugueza.

2. Os *accentos* em que a voz mais demoradamente carrega, na prolação total de um grupo de palavras, não são em geral os mesmos que teria esse grupo na bocca de um portuguez; e as *pausas* que o dividem na linguagem corrente são aqui mais abundantes, além de distribuidas de modo diverso. Na duração das vozes livres igualmente differe muito o dialecto: se, proferidas pelos portuguezes, as vozes breves duram "um tempo" e as longas "dois", pode-se dizer, comparativamente, que no falar caipira duram as primeiras dois tempos e as segundas quatro.

Este phenomeno está estreitamente ligado á lentidão da fala, ou, antes, se resolve num simples aspecto della, pois a linguagem vagarosa, *cantada*, se caracteriza justamente por um estiramento mais ou menos excessivo das vozes livres. (1)

(1) "Cantada" se lhe chama vulgarmente; mas é preciso notar que apesar disso é muito menos *musical* do que aquella que não é assim qualificada. A prosodia portugueza é mais *musical*, porque comporta muito maior variabilidade de rythmos, de inflexões e modulações, destinados, já a pôr em relevo o valor dos termos empregados, já a dar á phrase o colorido das emoções que a acompanham. O sr. Said Ali, no livro "Difficuldades da Língua Port.", cap. I, dedica um interessante estudo a este assumpto.

3. Também decorre dessa mesma lentidão, como um resultado natural, o facto de que o adocamento e ellisão das vozes livres átonas, coisas communs na pronunção portugueza, são aqui phenomenos relativamente raros. Com effeito, comprehende-se bem que o portuguez, na sua pronunção vigorosa e rapida, torture muito mais os vocabulos, abreviando-os pelo enfraquecimento e supressão das vozes átonas internas, ligando-os uns aos outros pela absorpção das átonas finaes nas vozes que se lhes seguem: *subradu, p'daçu, c'róa, 'sp'rança, tiátru, d'hoj'em diante, um'august'assemblêia*. Da mesma forma, comprehende-se que o caipira paulista, no seu pausado falar, que por força ha de apoiar-se mais demoradamente nas vozes livres, não pratique em tão larga escala essas mutações e ellisões.

O caipira (como, em geral, todos os paulistas) pronuncia, em regra, claramente as vozes átonas, qualquer que seja a posição das mesmas no vocabulo: *esperança, sobrádo, pedaço, coróa*, e recorre poucas vezes á synalepha. Nos proprios monosyllabos átonos *me, te, se, de, o, que*, etc., as vozes livres conservam o seu valor typico bem distincto, ao contrario do que succede com os portuguezes, em cuja pronunção normal ellas se ensurdeceram, assumindo tonalidades especiaes.

Póde dizer-se que no dialecto não ha *vozes surdas*: todas são distinctamente, salvos os casos de *queda* ou de *synalepha*. Dahi provém o dizer-se que os caipiras "*accentuam todas as vogaes*", o que é falso, mas explica-se. E' que não se leva em conta a duração relativa das átonas e tónicas, a que atraz nos referlmos.

4. Não podemos, porém, attribuir inteiramente á influencia da lentidão e pausa da fala essa melhor conservação das vozes livres átonas, no dialecto.

O phenomeno é, naturalmente, complexo, e são complexas as suas causas; mas é impossivel negar que existe pelo menos uma estreita correlação entre um e outro facto.

5. Seria, aliás, muito interessante um estudo acurado das feições especiaes da prosodia caipira, com o objectivo de discriminar a parte que lhe toca na evolução dos differentes departamentos do dialecto. Chegar-se-ia de certo a descobertas muito curiosas, até no dominio dos factos syntaticos. A differenciação relativa á collocação dos pronomes obliquos, no Brasil, deve explicar-se, em parte, pelo rythmo da fala e pelo alongamento das vozes livres. (2) Esses pronomes, no portuguez europeu, se antepõem ou pospõem a outras palavras, que os attrahem, incorporando-os. Prosodicamente, não têm existencia autonoma: são sons ou grupos de sons, destinados a addicionarem-se aos vocabulos accentuados, segundo leis naturaes inconscientemente obedecidas

(2) Veja-se o notavel trabalho do sr. professor Said Ali — "Difficuldades da Língua Port.," cap. II.

(enclise, proclise). Passando para o Brasil, a língua teve que submeter-se a outro rythmo, determinado por condições physiologicas e psychologicas diversas: era o sufficiente para quebrar a continuidade das icis de attracção que agiam em Portugal. O alongamento das vozes livres, dando maior amplidão aos pronomes na pronuncia, tornando mais sensível a sua individualidade, veio accentuar, de certo, aquelle effeito.

## 2.º

6. Os phonemas do dialecto são pelo geral os mesmos do portuguez, se não levarmos em conta as variantes physiologicas que sempre existem entre povos diversos e até entre fracções de um mesmo povo; variantes essas de que, pela maior parte, só a phonetica experimental poderia dar uma notação precisa. Cumpre, entretanto, observar o seguinte:

a) *s* post-vocalico tem sempre o mesmo valor: é uma linguo-dental *cicicante*, não se notando jamais as outras modalidades conhecidas entre portuguezes e mesmo entre brasileiros de outras regiões; o *s* propriamente *sibilante*, assoabiado, e bem assim o *chicante*, são aqui desconhecidos. Para produzir este som a lingua projecta a sua ponta contra os dentes da arcada inferior e encurva-se de modo que os bordos lateraes toquem os dentes da arcada superior, só deixando uma pequena abertura sob os incisivos: modo de formação perfeitamente igual ao de *c* em *ccdo*. (3)

b) *r* inter e post-vocalico (*arara*, *carta*) possui um valor peculiar paulista; é uma *linguo-palatal*. Na sua prolação, em vez de projectar a ponta contra a arcada dentaria superior, movimento este que produz a modalidade portugueza, a lingua leva os bordos lateraes mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocar a na abobada palatal. Não ha quasi nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglez post-vocalico. E', muito provavelmente, o mesmo *r* *brando* dos autochtones. Estes não possuíam o *rr* forte ou vibrante, sendo de notar

(3) No portuguez ha dois sons de *s*: o *reverso*, "produzido com o bordo anterior da ponta da lingua na parte interna das gengivas dos incisivos superiores" (é o *s* final de syllaba, como em *mês*) e o *apical*, produzido "com o ápice da lingua nas gengivas dos incisivos superiores" (*s*=*c*, como em *passo*, *faço*, *saber*, *sapato*). Esta é a classificação do sr. Ribeiro de Vasconcellos, na sua *Gram. Port.* No Brasil tambem se distinguem dois sons de *s*, embora o seu modo de produção, e portanto os seus valores, não sejam exactamente os mesmos que em Portugal. Para o caipira *c*, em geral, para os paulistas, só ha um *s*, o *s*=*ç*, quer modifique voz anterior, quer posterior: *çaber*, *çapato*, *çaçtigo*; e o modo de produção desse som, que corresponde ao *apical* portuguez, differe sensivelmente do deste, como se vê pela descripção que fazemos no texto e pela que faz o sr. Vasconcellos.

que com o modo de producção acalma descripto é impossível obter a vibração desse ultimo phonema. (4)

e) A explosiva gutural *gh* tem uma tonalidade especial, sobretudo antes dos semidiphthongos cuja prepositiva é *u*, casos em que frequentemente se vocaliza (*du-ua*, *léu-ua* = agua, legua).

d) *ch* e *j* palataes são frequentemente *explosivos*, como ainda se conservam entre o povo em certas regiões de Portugal, no inglez (*chief*, *majesty*) e no italiano (*cielo*, *generc*).

e) A consonancia palatal molhada *lh* não existe no dialecto.

7. Os phenomenos de differenciação phonetica que caracterizam o dialecto resumem-se desta forma:

#### VOZES LIVRES

As *tónicas*, em regra, não soffrem alteração. O unico facto importante a assignalar com relação a ellas é que, quando seguidas de *s* ou *z*, no final dos vocabulos, se diphthongam pela intromissão de *i*: *rapáiz*, *méis*, *péis*, *nóis*, *lúiz* (rapaz, mês, pés, nós, luz). (5)

8. Quanto ás *átonas*:

Na *syllaba postónica* dos vocabulos graves, conservam o seu valor typico. Não se operou aqui a permuta de *e* final por *i*, que se observa em outras regiões do paiz (*aquelli*, *ésti*) como não se operou a de *o* por *u* (*povu*, *digu*), phenomeno este que se manifestou em Portugal, ao que parece, a partir do seculo XVIII.

Nos vocabulos esdruxulos, a tendencia é para supprimir a voz llivre da penultima syllaba e mesmo toda esta, fazendo grave o vocabulo (*ridico*, *ligite*, *cosca*, *musga*, em vez de ridiculo, legitimo, cõcega, musica).

9. Nas *syllabas protonicas*, alteram-se mais, como se verá das seguintes notas:

10. e — a) Inicial, apparece mudado em *i* nasal, em *exame*, *eleição*, *egual*, *exemplo* e outros vocabs.: *inzame*, *inleição*, *inguá*(1), *inzempro*.

A nasalação de *c* inicial seguido de *x* é phenomeno velho da lingua: *enxame* ← *examen*, *enxada* ← *exada*, *enxui-*

(4) E' claro que não fazemos questão da denominação, que poderá ser substituida por qualquer outra; aqui só nos interessa o facto. — Ao *r* port. chama-lhe o sr. Vaseoncélloz *incipite reverso*.

(5) O motivo da apparição deste *i* é que, como observa De Gregorio ("Glottologia", cap. III), "dopoché emettiamo una vocale qualunque, e senza interrompere la corrente di aria rimettiamo la lingua a suo posto, la comparsa di *i* dovrà naturalmente seguire."

to ← *exsuetum*... Exemplo encontra-se nos escriptores do tempo anterior aos clássicos. Do mesmo modo *inliçõn* (eleição).

b) Medial, muda-se frequentemente em *i* (*tisóra*, *Tiodoro*), sobretudo se ha outro *i* na syllaba seguinte: *pirigo*, *dilicado*, *minino*, *atrivido*, *intilligente*, *pidi(r)*, *midi(r)*, *pitiço* (assimilação regressiva).

Na pronuncia normal portug. tem-se dado, em taes casos, justamente o phenomeno contrario (dissimilação), embora nem sempre se substitua *i* por *e* na escripta: *menino*, *preguiça*, *vezinho*, *menistro*. O caipira ainda conserva, como remanescente do que aprendeu dos portuguezes, a este respeito, o nome proprio *Vergilio*, que pronuncia com *e*.

Este phonema perdura intacto nos derivados e nas formas flexionadas, quando tonico nas palavras originarias: *pretura*, *pretinho*, *pretejado*, *pedrento*, *medroso*.

11. *o* — Medial, muda-se muitas vezes em *u*: *tabuleta*, *cuzinha*, *dumingo*, sobretudo nos verbos em *ir*, que o têm na syllaba immediatamente anterior á tonica: *ingull(r)*, *bulí(r)*, *tussí(r)*, *surtí(r)*.

A *possuir* corresponde a forma dialectal *pissuí(r)*, que tambem existe em gallego. (6)

Nos verbos em *ar* e *er*, conserva-se: *cobrá(r)*, *cortá(r)*, *broqueá(r)*, *intortá(r)*, *soffré(r)*, *podé(r)*. Conserva-se tambem nos derivados e nas formas flexionadas, quando tonico nas palavras originarias: *locura*, *boquêra*, *porcada*, *mortinho*, *rodêro*.

Conserva-se geralmente, aberto, nos diminutivos de nomes que o têm assim: *pórtinha*, *pótinho*, *cóbrinho* (ao contrario do que se dá em outros pontos do paiz, notadamente em Minas, onde estes diminutivos têm o fechado).

12. *õ* (en, em) — Inicial, muda-se em *in*: *imprego*, *incurtá(r)*, *insino*, *imborná(1)*.

Em *inteiro* e *indireitar*, ao contrario, depara-se ás vezes o *i* mudado em *c* (*entêro*, *endereitá(r)*), provavelmente por assimilação regressiva. Aliás, as formas *enteiro*, *enteiramente*, *endereitar*, encontram-se em documentos portuguezes anteriores á reaçõn erudita.

13. *õ* (on, om) — Medial, muda-se em *ũ*, em *lumbi(lh)o*, *amuntá(r)*, *cũmê(r)*, *cumpadre*, *cũmigo*, *cunversa*, *cũmeçá(r)* e em geral nos vocabulos cuja syllaba inicial é *cõ*.

(6) Leite de Vasconcellos, "Textos Archaicos".

## GRUPOS VOCALICOS (ACCENTUADOS OU NÃO)

14. *ai* (diphth.) — Antes da palatal *x*, reduz-se á prepositiva: *baro, bazêro, fava, cara, parão*. (Cp. 15)

15. *ei* (diphth.) — Reduz-se a *é* quando seguido de *r*, *x* ou *j*: *isquêro, arquêrc, chêro, péxe, dêxc, quêjo, bêjo, interado*.

Nos vocabulos em que é seguido de *o* ou *a*, como *ceio, veia*, também apparece ás vezes representado por *ê*: *chêo, vêa, cêa*, Cp, a evolução destas palavras no portuguez: *cheio* ← *chêo* ← *chêo* ← \**cheno* ← *plenu(m)*; *veia* ← *vêa* ← *vêa* etc.

16. *ou* e *oi* (diphths.) — a) Accentuado ou não, contrae-se o primeiro em *ô*: *pôco, tôro, locura, rôpa*.

Em Portugal, bem como no falar da gente culta no Brasil, ha notorio syncretismo no uso dos diphthongos *ou* e *oi*. Para o caipira tal syncretismo não existe: os vocabulos onde esses diphthongos apparecem são pronunciados sempre de um só modo. Assim, *lavôra, ôro, estôro, côro, côvc, lôco, bassôra, tôca, frôxo, trôxa*, e nunca *lavoira, oiro*, etc.; por outro lado, *dois, noite, coisa, foice, toicinho, oitão, afoito, biscoito, moita*, e nunca *dous, noute*, etc. Se ha formas syncreticas, são rarissimas. A causa desta distincção é puramente phonetica: note-se, nos exemplos acima, que ha *ô* deante dos sons *r, v, k* e *x*, e *oi* deante de *s, z* e *t*.

b) Nas formas verbacs em que o accento tónico recae em *ou*, este se contrae, ás vezes, em *ô*: *rôba, estôre*.

17. *êi* (em) — Final de vocabulos, reduz-se a *e* grave; *viaje, virge, homc, ellcs corre*.

Parce-nos inutil accentuar que na palavra portugueza *viagem* e em outras de identica terminação existe um verdadeiro diphthongo nasal graphado *em* (*viagêi, virgêi*, etc.) Da mesma forma existe o diphthongo nasal *ôu* nas palavras *bom, som*, etc. (*bôu, êôu*).

18. *ôu* (om) — a) Na preposição *com*, muda-se no phonema vogal nasal simples *ũ*, quando se segue a essa prep. palavra que comece por consoante: *cum vacê, cum quem vô, cumsiço* (*com-siço*). Quando ha ecthlipse, reduz-se a *o* grave: *co'ellc, co's diabo(s)*.

b) Nas palavras *bom, tom* e *som* muda-se em *ão*: *bão, tão, são*.

19. **io** (hiato) — Final de vocabulo, diphtonga-se sempre em *iu*: *paviu, tui, riu*.

## CONSONANCIAS

20. **b e v** — Muda-se às vezes uma na outra, dando lugar a várias formas syncreticas:

<i>burbúia</i>	e	<i>vevúia</i>	(borbulha)
<i>bassóra</i>	e	<i>vassóra</i>	
<i>berruga</i>	e	<i>verruca</i>	
<i>biête</i>	e	<i>viête</i>	(bilhete)
<i>cabortéro</i>	e	<i>cavortéro</i>	
<i>jabuticaba</i>	e	<i>jabuticava</i>	
<i>Pricicaba</i>	e	<i>Pricicava</i>	(Piracicaba)
<i>mangaba</i>	e	<i>mangava</i>	(fructa)
<i>bespa</i>	—	—	
—		<i>vagaço</i>	
<i>bamo</i>	—	—	(vamos)

21. **d** — Cae, na syllaba final do gerundio: *chegano*=chegando, *andano*=andando, *vono*=vendo, *caino, pono*, e tambem no adverbio *quando*, às vezes.

22. **gh** — Quando compõe syllaba com os semidiphthongos *ua, uá, ue, ué, uê, ui*, como em *guarda, agua, tiguêra, sagui*, torna-se quasi imperceptivel, vocalizando-se frequentemente em *u*. Neste caso, esse *u* diphtonga-se com a vogal anterior, e o segundo *u* continúa a formar semidiphthongo com a vogal seguinte: *au-ua, tiu-uêra, sâu-uí*.

23. **l** — a) No final das syllabas, muda-se em *r*: *quarquê, papêr, mêr, arma*.

Na locução tal qual, cae apenas o segundo *l*, porque o primeiro se tornou intervocalico: *talequâ*. E' ainda digna de nota a locução adverbial *malêmá* (transcripta como se pronuncia), que quer dizer "passavelmente", "soffrivelmente", "assim assim". Terá provindo de *mal e mal*, ou de *mal a mal*, ou ainda de "mal, mal..."? (Fazer um serviço *mal e má* (1): passavelmente, antes mal que bem; passar *mal e má* de saúde: assim assim.)

As palavras terminadas em *al, el, il*... frequentemente apparecem apocopadas: *má, só, jorná*=mal, sol, jornal. Não inferir dahi que houve queda de *l*. Esse *l* mudou-se primeiro em *r*, e depois caiu este phonema, de accordo com uma das leis mais rígidas, e mais facilmente verificaveis, da phonetica paulista. E' de notar-se ainda que a pronuncia

em questão (*mã, só*) é mais commum entre os negros, que, submetidos, em geral, ao imperio das mesmas leis, quando no mesmo meio, não deixam entretanto de differir dos caboclos e brancos em mais de um ponto.

b) Quando subjunctivo de um grupo, igualmente se muda em *r*: *eraro, compreto, eramô(r), frô*.

Esta troca é um dos *vícios* de pronuncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo frequente entre muitos dos que se acham, por educação e posição social, menos em contacto com o povo rude.

(Cp. 6-b).

24. *r* — a) Cae, quando final de palavra: *andã, muié, esquecê, subi, vapô, Arthú*.

Conserva-se, entretanto, geralmente, em alguns monosyllabos accentoados, tendo decerto influido nisso a posição proclitica habitual: *dôr, côr, côr, par*. Conserva-se tambem no monosyl. átono *por*, pela mesma razão, assim como, raras vezes, em palavras de mais de uma syllaba: *amor, suôr*. Nos verbos, ainda que monosyllabos, cae sempre, provavelmente pela influencia niveladora da analogia: *vê, í, pô*.

b) Esta consouancia é de extrema mobilidade no seio dos vocabulos, dando lugar a metatheses e hypertheses frequentissimas. (27, i-j)

25. *s* — Cae, quando final de palavra barytona: *arfere* (alfere), *pire* (pires), *bamo* (vamos), *imo* (imos).

Conserva-se nos adjectivos determinativos e nos pronomes, ainda que barytonos, o que se explica, em parte, pela posição proclitica habitual: *duas casa, minhas fiia, arguas pessoa, aquelles minino, ellas, ellas*. A prova é que, quando não está em próclise, frequentemente se submete á regra: *aquellas são as MINHA, estas são SUA*. Em parte, porém, essa conservação se deve á necessidade de manter um signal de pluralidade. Voltaremos opportunamente a este ponto, que é mais do dominio dos phenomenos psychologicos na morphologia, do que de ordem phonetica.

26. *lh* — Vocaliza-se em *i*: *espaiado, maio, muié, fiio* = espalhado, malho, mulher, filho.

Cp. o que se dá com o *l* molhado em Cuba, na Argetina (caje = calle, cabajo = caballo) e na França, onde desde o seculo XVIII começou a accentuar-se a tendencia para a vocalização deste phonema (*bataíe, Chantií* = bataille, Chantilly).

### 3.º

27. Além das alterações francamente *normaes*, que ficaram registradas, ha toda uma multidão de modificações accidentaes, de que daremos alguns exemplos:



a) abrandamento: *guspe*=euspô, *musga*=musica.

E' de notar que nos esdruxulos e ócega, náfego e látego se dá o contrario: *cócica* (e *çoça*), *náfico*, *lático*.

b) assimilação — progressiva: *Carro*=Carlos; regressiva: *birro*=bilro; *hispicio*, *imbigo*=hospieio, umbigo; *ara*, *sinhara*=ora, senhora; *ascançá*=aleançar; *cágudo*, *bêbudo*, *sábu-do*=eágado, bêbado, sabbado; *digêro*=ligeiro (*g* palatai explosivo=*dg*).

e) Apherese: (ap)*parece*, (i)*magina*, (ar)*rependeu*, (ar)*ranea*, (a)*lambique*, (al)*gibêra*.

d) Syncope: *pés*(se)*co*=pêssego, *mus*(i)*ga*=musica, *esp*(i)*rito*, *ca*(s)*tiçar*, *Jeró*(ni)*mo*, *ridic*(ul)*o*.

e) Apoeope: *Ligite*(mo).

f) Prothese: *alembirá*=lembrar, *avoá*=voar, *arripiti*=repetir.

g) Epenthese: *rec-u-luta*, *Ing-a-laterra*, *g-a-rampo*.

h) Epithese: *paletor*.

i) Metathese: *preciso*, *pertende*, *purcissão*, *partelêra*, *agardecê*, *aquerditá*(r).

j) Hyperthese: *agordão* (algodão), *cardaço*, *chacoalhá*(r), *largo*.

Devem moneionar-se ainda as formas procliticas:

de senhor — *nhô*, *scô*, *seu*, *sô*;

de senhora — *nhá*, *scá*, *sea*, *sa*;

de minha — *mea* (encontra-se em antigos docs. da lingua com as graphias *mea*, *mha*);

de sua — *sa*.

Não pretendemos abranger aqui, nem seria este o lugar proprio, todas as influencias modificadoras a que estão sujeitos os vocabulos. Mais tarde teremos occasião de voltar ao assumpto.

AMADEU AMARAL.

---

---

# POESIA

## EDIPO

### I

#### A PITHIA

“Repetiu-me Apollo o vaticinio: que eu seria o assassino de meu pae; e rei; e marido de minha mãe, sem a conhecer; e tronco de uma prole infame!...”

(SOPHOCLES. Edipo-Rei.)

*Em Delphos. Com pavor, de pé, no ádito escuro,  
Edipo escuta... O deus, rugindo de ira e ameaça,  
Pela boca da Pithia em extase, devassa  
O tempo, e o arcano véu destrama do futuro:*

*“ Rolarás do fastigio á ignominia e á desgraça!  
“ Rompendo de um mysterio o impenctravel muro,  
“ Num solio ensanguentado e num thalamo impuro  
“ Gerarás, parricida, a mais odiosa raça!”*

*E' a Esphinge, a gloria, o reino, o assassinio de Laio,  
E o amor sinistro... Assim troveja a voz de Apollo  
E enche o saerario... O céu carrega-se de bruma;*

*Fuzila; estruge o chão; reboa no antro o raio...  
E, emquanto Edipo tomba inanime no solo,  
Sobre a tripodc a Pithia, em baba, ullula e escuma.*

## II

## A ESPHINGE

"Bemvindo sejas á cidade de Cadmo,  
nosso libertador e nosso rei, que, com a  
tua penetração de espirito e o auxilio  
divino, levantaste o tributo de sangue  
que pagavamos á cruel Esphinge!"

(SOPHOCLES. Edipo-Rel.)

*Perto de Thebas, junto a um monte, sobre o Ismeno,  
Aguia e mulher, serpente e abutre, deusa e harpia,  
Tapando a estrada, á espera, — aterrava e sorria  
O monstro seductor, horrivel e sereno:*

*"Devoro-te, ou decifra!" Era fascinio o aceno;  
A voz, morna e sensual, tinha affecto e ironia,  
Graça e repulsa; e a luz dos olhos escorria  
Fluido filtro, estillando um perfido veneno.*

*Mas Edipo desvenda o enigma... Ruge em furia  
O Grifo, e escarva o chão, bate contra o rochedo,  
Rola em vaseas, em sangue ardente a arcia tinge,*

*E fita o campeador no uivar da extrema injuria...  
E o Heroe recua, vendo, entre esperança e medo,  
Raneor e compaixão no verde olhar da Esphinge.*

## III

## JOCASTA

"Trevas espessas! eterna, horrivel noite!  
sou dilacerado pelo espinho da dôr e pela  
memoria dos meus crimes!"

(SOPHOCLES. Edipo-Rel.)

*Edipo vê cumprir-se o oraculo funesto:  
Thebas entregue, em luto, á peste que a devasta,  
E, sobre o throno em sanie e o leito deshonesto,  
Morta, infamia da terra e asco do céu, Jocasta.*

*Louco, vociferando, erguendo a grita e o gesto  
Contra os deuses, mordendo a pocira em que se arrasta,  
O misero, medindo o parricidio e o incesto,  
Quer da vista apagar a lembrança nefasta:*

*Os dois olhos, ás mãos, das orbitas arranca  
Em sangue borbotando, em lagrimas fervendo,  
Para o pavor matar na esmagada retina...*

*Mas, cego embora, — vê Jocasta hedionda, branca,  
Enforcada, a oscillar, como um pendulo horrendo,  
Compassando, fatal, a maldição divina.*

## IV

## ANTIGONA

“Disse-me tambem o oraculo que morre-  
rei aqui, quando tremer a terra, quando o  
trovão rolar, quando o espaço brilhar...”

(SOPHOCLES. Edipo em Colona.)

*A terra treme. Rola o trovão. Brilha o espaço.  
Chega Edipo a Colona, em andrajos, immundo,  
Sombra anciosa a fugir do proprio horror profundo,  
Ruina humana a cair de miseria e cansaço.*

*Mas, quando o ancião vacilla, orphão da luz do mundo,  
— Antigona lhe estende o coração e o braço,  
E, filha e irmã, recolhe ao maternal regaço  
O rei sem throno, o pae sem honra, moribundo.*

*E' o ninho (a terra treme...) amparando o carvalho,  
A flor sustendo o tronco! Edipo (o espaço brilha...)  
Sorri, como um combusto areal bebendo o orvalho.*

*E' o fim (rola o trovão...) da miseranda sorte:  
O cego vê, fitando o céu do olhar da filha,  
Na cegucira o esplendor, e a redempção na morte.*

OLAVO BILAC.



---

---

## O "SALON" DE 1916

---

Nada menos de seiscentos e sessenta e um trabalhos constam do catalogo da XXIII Exposição Geral de Bellas Artes. E ha ainda um "appendice"! Este subito augmento da producção artistica nacional, que, á primeira vista, deveria rejuvilar toda a gente, não agradou a muitos e a alguns verdadeiramente escandalizou. E' que, pelos modos, a Commissão do *Salon*, desejando dar ao publico, por occasião da celebração do centenario do ensino artistico no Brasil, uma impressão largamente satisfatoria do que se tem aproveitado e caminhado de D. João VI para cá, resolveu afrouxar um tanto as exigencias do exame e fazer vista grossa a certas vulgaridades e deficiencias, nos ultimos annos banidas do nosso certame official. A ser assim — e não queremos faltar ao respeito da Commissão, mas parece-nos bem que foi — seguiu-se, de certo modo, aquelle criterio attribuido por G. Ferrero á Allemanha moderna, numa conferencia em que o illustre publicista estabeleceu a distincção entre o progresso quantitativo e o qualitativo... Ora, aquelles que, no presente caso, defendem tal orientação, allegam a necessidade da benevolencia, da bitola baixa, para animação dos jovens artistas, a quem outros estimulos desgraçadamente faltam numa terra e numa época tão avessas a idealismos. Mas o effeito, se bem o reflectimos, antes se nos afigura pernicioso. Porque, animando-se, com o jubilo da exhibição, e porventura do premio, os inexperientes ou mal dotados cultores da Arte, nenhum serviço util se presta á mesma Arte e evidentemente se concorre para que os outros, os verdadeiros, os bons esmoreçam e desanimem. Ha sempre, entre as obras expostas, lado a lado, alguma coisa de tradicional, de convencional, que as equipara, as irmana como dignas umas das outras. E o que a uns expositores enche de orgulho,

a outros, por força, ha de causar desgosto. Depois, a verdade é que o *Salon* não tem por fim especial encorajar, estimular quem quer que seja. A sua função consiste, ou deve consistir, acima de tudo, no julgamento dos trabalhos que lhe são enviados. Nos centros mais cultos, figurar num certame official de arte representa, não a obtenção dum favor ou incentivo, mas a conquista duma justiça irrecusavel. Está claro que não vamos ao extremo de recommendar ao nosso Jury o mesmo rigor com que, por exemplo, os *Artistes Français* recusam annualmente milhares de telas, gessos ou marmores; mas, dentro da relatividade que as circumstancias impõem, desejaríamos que a entrada nestas Exposições Geraes não dependesse, em tão grande escala, de condições alheias ao real valor das obras e assim envolvesse, por si só, uma fórmula de consagração.

Não nos alongaremos, porém, a discutir uma questão que, além do mais, é um facto consummado. Houve demasiada tolerancia — eis o que ninguem põe em duvida — e não apenas em relação ao merito dalguns concorrentes, como tambem no tocante a regras ou praticas nestes casos estabelecidas. Assim, por exemplo, se acceitaram quadros já vistos em exposições particulares e até em estabelecimentos commerciaes. Francaamente, é dar excessiva importancia ao lado numerico e muito pouca ao lado do interesse. O *Salon* soffreu, por isso. O que, porém, mais o prejudicou — sobretudo, se attendermos á sua feição historica e commemorativa — foi a ausencia de varios mestres, cuja indifferença ou birra não têm, no caso, sufficiente explicação. O sr. Visconti, por exemplo, não compareceu; nem o sr. Belmiro; nem o sr. Rodolpho Bernardelli. O sr. Henrique Bernardelli enviou os excellentes medalhões “a fresco” que se destinam á fachada da Escola e que, distribuidos por duas sacadas, em cavalletes baixos e em locaes acanhados, mal se deixam apreciar; e o sr. Rodolpho Amoedo apenas concorreu com photographias das suas composições decorativas para o *foyer* do Theatro Municipal. Escusado será accentuar a falta que estes *gros bonnets* fazem sentir ao publico visitante; e bem se imaginam os commentarios dos maldizentes e a indignação dos patriotas, para quem o facto respectivamente significa que os “Velhos” estão esgotados e o paiz mais que perdido!

Dos medalhões da pintura, pois, só concorreu o sr. João



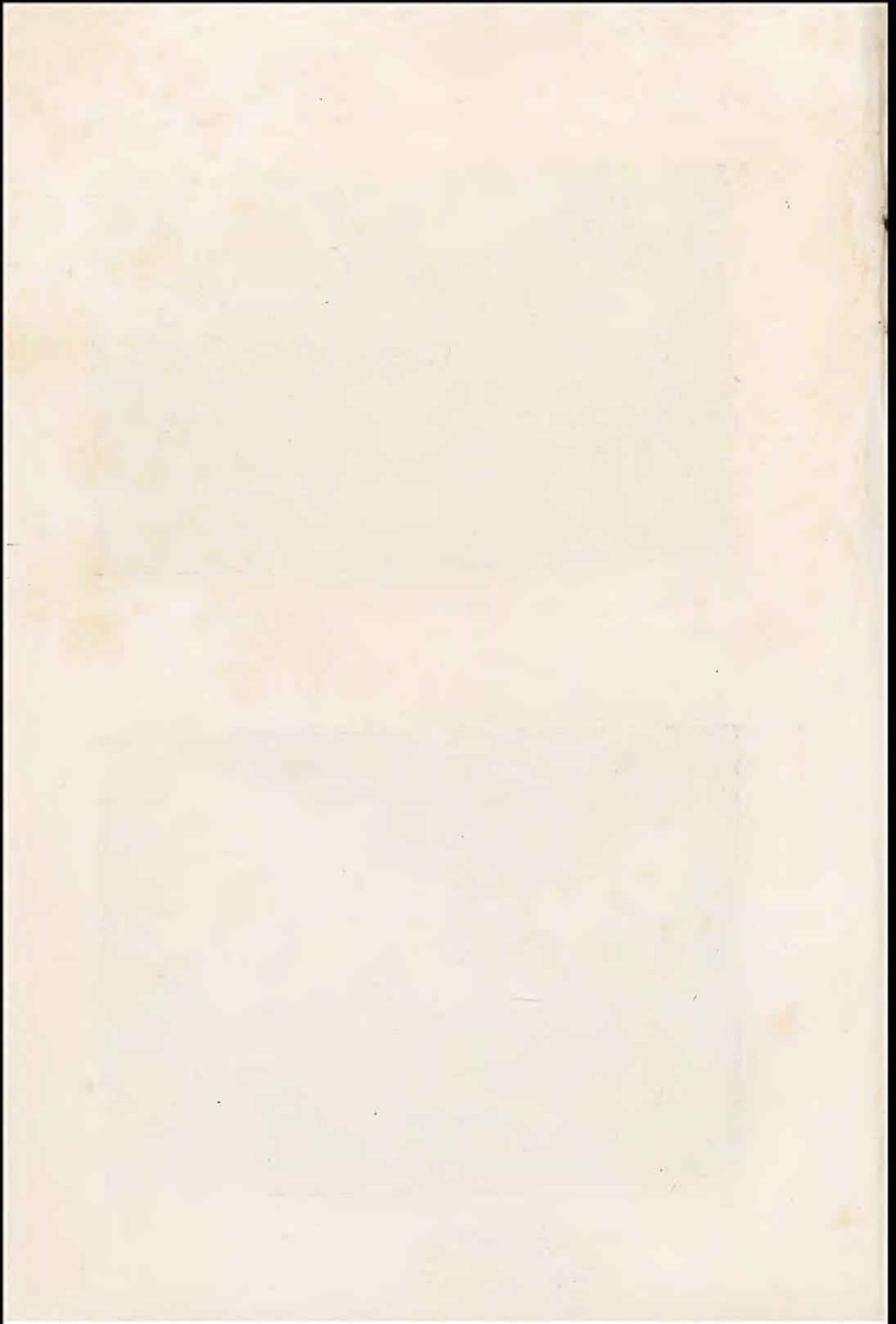


*Lucilio de Albuquerque: — Retirada da laguna*

---



*Georgina de Albuquerque: — Árvore de Natal*



Baptista, infatigável na sua paixão laboriosa e moralmente obrigado a prestigiar o *Salon*, agora que a Direcção das Belas Artes lhe está confiada. As suas paisagens são tecnicamente impecáveis. Nellas se patenteia uma factura paciente, escrupulosa, sem arrebatamentos e sem extases — de maneira a dar a impressão de que o mestre trabalha sobretudo com a consciencia. Nós, que, em Arte como em tudo o mais, soffremos de incurável sentimentalismo, preferiríamos obras menos correctas, em que accentuadamente transparecesse a emoção do artista, jubilo, magua, enthusiasmo, apprehensão ou languidez sonhadora, deante do trecho de natureza que o inspirou. Isto, porém, significa um reparo pessoal, sem nenhuma pretensão theorica, doutrinaria; e de certo o que se nota nas paisagens do sr. João Baptista, é a impassibilidade da perfeição.

Ha, no *Salon*, uma "grande machina", a *Expedição á Laguna*, do sr. Lucilio de Albuquerque. A' frente de innumera cavallada, Garibaldi dirige a manobra do transporte dum dos seus barcos, puxado, sobre eixos e rodas, a juntas de bois; ao longe, vem outro barco, tirado pelo mesmo systema e seguido doutros cavalleiros, a perder de vista; e ao alto, o céu sereno e luminoso sorri benignamente á esforçada aventura. Em outros quadros, bem menores e bem mais simples, tem o sr. Lucilio conseguido affirmar melhor a sua individualidade. Não ha, porém, negar que desta audacia dum artista relativamente moço, resultou uma obra que deve ser olhada com respeito e francamente louvada. A perspectiva está estudada e obtida dum modo já magistral; em alguns dos bois que puxam o grande barco, vê-se bem a contracção penosa do arranço, o violento esforço da avançada... Emfim, o sr. Lucilio triumphou; e não foi sem justiça que o Jury lhe conferiu a Grande Medalha de Ouro. Sua esposa, a sra. Georgina de Albuquerque, teve a Grande Medalha de Prata. E' o que se chama um casal, mesmo em arte, feliz. A *Arvore de Natal* representa tambem a obra maior e mais difficil até hoje emprehendida pela artista. E' num interior de casa burgueza, onde se reune, em torno do pinheiro gentil, de variegados, luminosos fructos, um bando de crianças; já muitas prendas foram distribuidas; ao fundo, as pessoas grandes contemplam a alegria dos pequeninos; e no primeiro plano, ao cauto da tela, ha uma moça ao piano e um rapaz que enlevadamente a olha, como se, no rosto que resu-

me aquelle ambiente familiar e festivo, visse todo o seu futuro. Esta nota dá ao assumpto uma particularidade tocante; e algumas figuras, como a menina que, de frente para o observador, examina a nova boneca, sériazinha, compenetrada, um tanto cominovida, são, na verdade, interessantes. Um entendido notaria talvez, no conjuncto, certa falta de harmonia, de equilibrio; mas seria, talvez, uma simples impertinencia...

A sra. Georgina de Albuquerque não é, neste *Salon*, a unica artista victoriosa. Realmente, o bello sexo faz-se representar, com brilho e dignidade. A sra. Fedora do Rego Monteiro que, ha pouco, nos chegou de Paris e fez uma exposição numerosissima, onde não rareavam as bellas obras, obteve a Pequena Medalha de Prata, com um retrato a pastel, acceito no *Salon des Artistes Français*. A sra. Adelaide Lopes Gonçalves que já ha dois annos obteve aquelle premio, expõe quatro "pastéis", reveladores do seu constante progresso, especialmente o de titulo *Bordando* que, sem pretensão a retrato, surprehende uma linda physionomia, nos seus traços delicados e na sua fina expressão. *No toucador* é o principal dos quadros expostos pela sra. Sylvia Meyer, discipula do sr. H. Bernardelli e cuja intuição artistica nobremente se vae assignalando. A artista affrontou alli varias difficuldades, como o reflexo do espelho, a variedade dos accessorios, a luz ambiente — que venceu com muita habilidade e espirito. Citaremos ainda, com especial louvor, uma figurinha de creança (n. 339 do Catalogo) que é positivamente deliciosa; e mais não citamos, porque o espaço destinado a este artigo mal nos permite fazer referencia a uma obra de cada expositor que nos interessa. Mas, continuando: Da sra. Beatriz Pompeu de Camargo, ha, no *Salon*, nada menos de quinze trabalhos a oleo e dois a aquarella. Entre os primeiros, destaca-se o retrato *Minha irmã*, executado com uma especie de ingenuidade sympathica e captivante; e impressionam tambem de modo agradavel algumas paisagens, pelas quaes se vê como a artista interpreta delicadamente a natureza. A sra. Helena P. da Silva expõe uma *Cabeça de Expressão* que realmente a tem. Ha uma esculptora premiada, a sra. Hermelinda Repetto; na secção Gravura de Medalhas, obteve a Grande Medalha de Prata a sra. Dinorah de Simas Enéas; e nas Artes Applicadas conquistou identico premio a sra. Johanne Brandt, professora eximia, cujos traba-

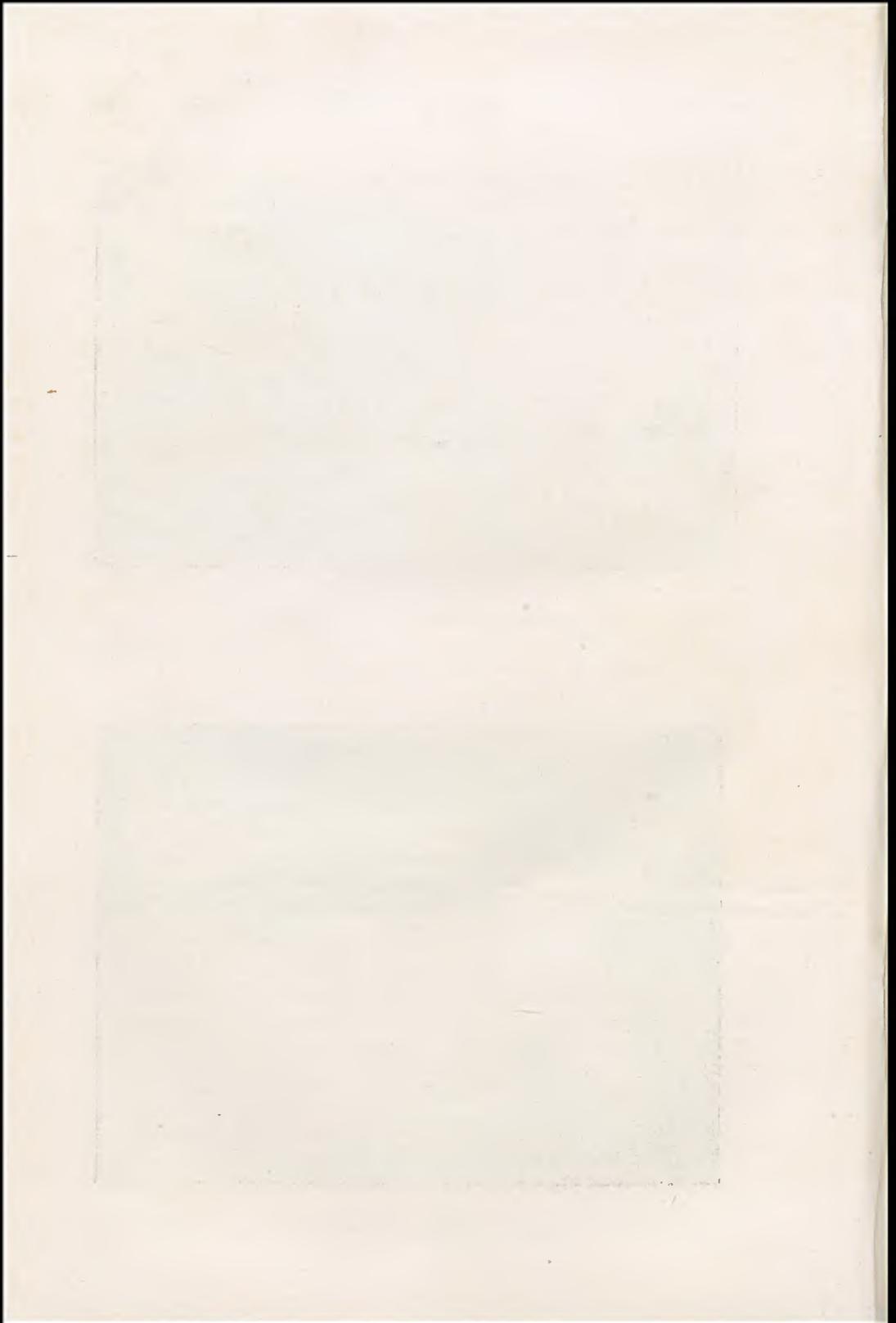


*J. Baptista da Costa: — Velhas mangueiras*

---



*Marques Campão: -- Uma nuvem*



lhos ha muito se tornaram notaveis e são hoje imitados por uma infinidade de discipulas. Talvez nesta apressada lista feminina, tenhamos omittido alguns nomes... Perdão! Não foi propriamente por querer!

As obras do sr. Carlos Oswaldo occupam na Exposição logar devéras saliente e honroso. São dez quadros a oleo, onde a technica do joven artista assume um raro caracter de personalidade, e algumas finissimas, preciosas aguas-fortes. Dos trabalhos a oleo, particularmente nos seduziu o *Garoto*, cuja vibrante, communicativa expressão faz pensar na inspiração milagrosa dum Velasquez e recorda, entre os modernos pintores, o grande interprete de physionomias que é Columbano. Reconhecemos, porén, como mais valiosa a *Sonata de Beethoven*, onde as duas figuras, a mulher ao piano — dando embora a impressão de ter os braços compridos de mais — e o homem abraçado ao violoncello, compõem uma scena intensamente espiritual. Outro artista de singular temperamento é o sr. Helios Seelinger que, occupado, durante o anno, com trabalhos de decoração fóra do Rio, nos não offerece, infelizmente, as coisas novas e fortes que delle se devem sempre esperar. Como obra desconhecida, só nos dá a fantasia allegorica *Tormentum belli*, de arrojada concepção e phrenetico movimento. O sr. Seelinger obteve, ha annos, o Premio de Viagem; desta vez, coube elle a um artista muito moço, o sr. Dias Junior, em quem mestres e criticos fundam as melhores esperanças. Intitula-se *Abel e Caim* o quadro premiado e apresenta duas academias de adolescente, executadas com bastante segurança. Abel, de pé, a frente erguida, o olhar extatico, agradece ao Senhor o ter-lhe acceptado as offertas modestas; Caim, sentado, as mãos entre os joelhos, curte sombriamente o seu despeito e já talvez premedite o seu crime. Ha neste trecho paradisiaco um talude, indicativo, sem duvida, de quanto se achava, no Eden, adeantado o serviço de Obras Publicas... Mas o quadro interessa verdadeiramente, a serio; as figuras têm linha e têm expressão; e os planos de paisagem succedem-se acertada e harmoniosamente.

Era concorrente do sr. Dias o sr. Henrique Cavalleiro, outro rapaz magnificamente dotado e como aquelle destinado a honrar, um dia, a pintura brasileira. Entre os seus quadros, salienta-se o retrato do sr. A. P. numa *pose* muito natural, com



as feições caprichosamente modeladas; e *Juventude*, uma figura feminina, suave e sadia, sabindo dum fundo de larga folhagem, por traz da qual fulgura o sol. Este trabalho denota, além do mais, um gosto, uma compreensão de belleza que não são nada communs em tal idade. O sr. Cavalleiro conquistou a Grande Medalha de Prata, como o sr. Pedro Bruno, de quem admirámos, entre outras telas, a *Noite de luar*, cheia de poetico sentimento, com a sua luz aperolada fundindo-se no lilaz da paisagem, a sua casuarina, o seu portal agreste, onde uma figura de mulher parece possuida da belleza e da melancolia que a rodeiam. Igual premio coube ao sr. Luiz Christophe que, em duas paisagens de Therezopolis, affirma, com superior engenho, as suas já reconhecidas aptidões para o genero.

Os quadros do sr. Antonio Rocco, só agora conhecido no Rio, collocam-se entre os melhores da Exposição "*Minatori*" — *Primeiros soccorros* é um trabalho que empolga a attenção do visitante, pela factura larga, espontanea, vigorosa. Um operario, victima dum desastre, jaz por terra, sem acordo, morto talvez; um companheiro, ajoelhado, examina-lhê o ferimento pavoroso; outros, de pé, aguardam, compungidos e anciosos, a revelação que aquelle lhes vae fazer... Sente-se em tudo aquillo o pulso forte e desenvolto dum pintor de boa raça, educado em boa escola. Não se pode deixar de citar, do mesmo artista, a tela *Passano i Bersaglieri*, onde, duma sacada, varias mulheres do povo, bellas e robustas creaturas, contemplam, num mixto de ternura e entusiasmo, as tropas que, em baixo, devem ir galhardamente desfilando. Tambem pela primeira vez expõe no nosso *Salon*, e com soberbo destaque, o sr. Henrique Vio que, além dalgumas paisagens de energico e vibrante colorido, nos offerece uma figura de ancião, em suave repouso, tratada de maneira a fazer lembrar os mestres antigos, cuja obra ficou e parece sempre nova — e um retrato do escultor F. C., singularmente expressivo. Não estrangeiro, mas educado na Europa e ainda residente em Madrid, o sr. Leopoldo Gotuzzo manda-nos sete obras dignas da melhor attenção, entre ellas um *Nú de mulher*, em que, tratando um modelo já longe da primeira mocidade mas ainda perto da segunda, o artista consegue interessantes effeitos de carnação. A figura está meio deitada num divan coberto de velludo verde escuro e descança a cabeça nas costas da mão esquerda; na cintura, desenham-



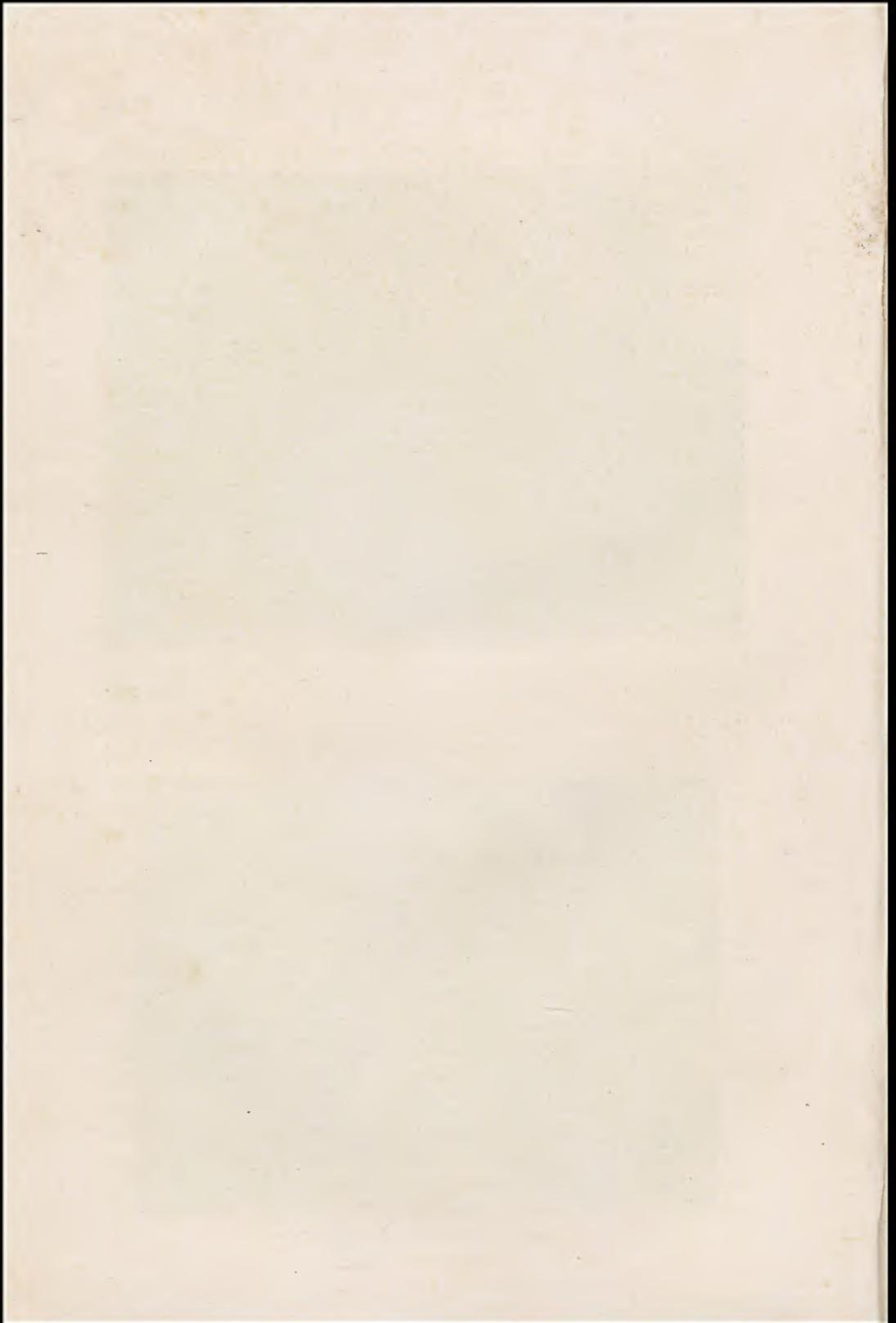


*Dias Junior* : — Abel e Caim

*Andersen* : — Retrato do major J. C.



*Antonio Rocco* : — I minatori



se bem os refegos duma gordura que começa a pronunciar-se; as pernas estendem-se numa sensação de preguiça e abandono; tudo está feito com propriedade e aparente facilidade; mas onde o pintor deixou a melhor demonstração dos recursos da sua technica, foi no rosto, apanhado num ligeiro escorço e modelado a preceito. A notar do mesmo artista, duas variantes dum typo de velho alcoolico e um *Estudo de cabeça* (asobiando).

No *Salon*, abundam os retratos. O sr. Guttman Bicho que foi discipulo do sr. A. Petit mas está deixando de o parecer e faz do retrato a sua especialidade, expõe nada menos de sete, quasi todos de homens de letras e nos quaes assignala a sua continua emancipação e aperfeiçoamento. O sr. Ziliani, além duma obra de combate social, *Guerra alla guerra*, exhibe um auto-retrato, em quatro interpretações de luz artificial, trabalho bastante curioso. O sr. Marques Junior, que cultiva com particular carinho e graça o retrato a sanguina, apresenta tambem um, a oleo, de veras apreciavel; e no retrato, brilham ainda os srs. Alfredo Andersen, norueguez domiciliado em Curityba; Gaspar Coelho de Magalhães, um dos melhores alumnos que tem tido o mestre H. Bernardelli — assim como, na paisagem, se distinguem os srs. Levino Fanzeres, que tanto aproveitou da sua estadia na Europa; B. Pinto, Arthur Lucas, Raul Bevilacqua, já tambem brilhante figurista; Marques Campão, Annibal Mattos, Antonio Castanho, Edgar Parreiras, digno discipulo de seu tio; Miguel Capllonch, João Baptista Paula França, Paulo Valle Junior.

Na secção de Aquarellas, Pasteis e Desenho, o sr. H. Colom surprehenden grandemente aquelles que apenas o conheciam como despretençioso, embora habilissimo, decorador. As suas paisagens a aquarella encerram, além de poderoso cunho individual, um toque de poesia que encanta. Não houve, neste certame, mais sensacional revelação. Doutros artistas que mais ou menos aqui se salientam, fallámos já a proposito da secção de Pintura. Mas seria grave injustiça não mencionar as illuminuras, de seductora imaginação e peregrina graça de composição, do sr. Correia Dias; as endiabradas, irresistiveis *charges* do sr. Raul Pederneiras que no *Salon* defende os creditos da Caricatura; as paisagens a aquarella — e a serio — doutro afamado caricaturista, o sr. Vasco Lima; e os retratos

do sr. Valle de Souza Pinto, cujo *crayon* pede meças aos mais apurados e fieis.

A secção de Esculptura está, como sempre, numericamente fraca. O sr. Rodolpho Pinto do Couto que, no nosso meio artistico, occupa lugar distinctissimo e continúa a não ser pelo Jury sufficientemente recompensado, expõe duas *Cabeças* em bronze, as quaes, sem nenhum favor, devem ser consideradas duas verdadeiras obras de arte. Sua esposa a sra. Nicolina Vaz Pinto do Couto, tem, na *Republica do Brasil*, um bello trabalho em marmore. Os srs. Antonino de Mattos, Antonio Pitanga, Francisco de Andrade, Modestino Kanto, Jorge Soubre vão dando cada vez melhor conta de si. Ha um novo de talento: o sr. Paulo Mazzucchelli, discipulo do sr. Corrêa Lima. Podemos passar á Gravura de Medalhas e Pedras Preciosas, onde o sr. Adalberto Mattos premio de viagem em 1909 e actual professor do Lyceu de Artes e Officios mantém a palma que, pelo menos, nestas Exposições Geraes, parece ter-lhe definitivamente passado para as mãos o seu insigne mestre Girardet. Vem depois a Architectura, com varios projectos academicos do professor Ludovico Berna; alguns *Estudos* admiraveis do sr. Victor Dubugras; projectos do sr. Samuel das Neves... e nada mais. Decididamente, os architectos fizeram *grêve*. Na Gravura e Lithographia, triumpho o sr. Carlos Oswaldo, já citado e faz bem boa figura o sr. Argemiro Cunha. E chegamos finalmente ás Artes Applicadas, com a sra. Brandt, a quem tambem já fizemos referencia, a sra. Marga Harier, as sras. Nazareth: Marina, Alice e Aracy.

Eis o que tinhamos a dizer, nesta singela resenha que absolutamente não aspira a critica e nem sequer visa fóros de boa reportagem. Em resumo: Um bom *Salon*, á maneira daquelle famoso poema

“que seria melhor, não sendo tão comprido...”

JOÃO LUSO.



---

---

## AFRANIO PEIXOTO

---

.He fought his doubts and gathered strength:  
He would not make his judgement blind.

Tennyson.

Não ha quinze annos talvez, chegava ao Rio, vindo da provincia, um joven medico trazendo, pelo melhor da bagagem, uma infinita esperanza.

Era um espirito brilhante, culto e subtil. Artista por temperamento, cedia desde logo á primeira gravitação implacavel que era a de buscar a grande cidade onde se formam as reputações e se alcança aquelle prazer, não raro amargo, de ser um dos eleitos da boa popularidade.

Julio Afranio Peixoto, trazia ainda occultas outras ambições que lhe pareciam então ingenuamente avultadas. Ha poucos dias, em pagina de confissão *ad familiares* contava elle a sua sêde de apparecer no velho orgão, no *Jornal do Commercio*, subscrevendo um longo artigo. Imaginava com isso ter aos seus pés o mundo absorto. Mas, a grande cidade, cheia de preocupações e empreitadas, não tem lazeres longos; os grandes artigos já não são lidos, guardam-se para amanhan como os negocios graves, ou entram naquella famosa definição que deram de Racine: *C'est à coup sûr, le plus grand des poètes qu'on ne lit jamais.*

Eu o leria comtudo, porque sou um grande ledôr, e porque um casual encontro e approximação feliz de um momento já me havia dado o instincto divinatorio de que tinha diante de mim um grande espirito.

Falta a Afranio, porém, a prolixidade que acaricia como clava bastante para vencer os philisteus.

Conheci-o em instante prematuro ainda, na alvorada do seu dia esplendido.

Outra ambição do Afranio era a de uma longa viagem ás terras de civilização e ao oriente classico. Não queria o futuro, sem essa precedencia retrospectiva; queria antes de tudo juntar, trazer ao presente os deuses lares da tradição e do passado. Somos todos nós, emfim, da raça dos navegadores e trazemos no sangue o appetite do periplo do mundo. Dentro de nós todos ha uma voz longinqua da primeira metempsychose que nos chama a regiões longinquas. Eu, de mim, tambem senti essa poesia e verdade, como um retorno ao seio maternal; numa das minhas viagens escrevia eu a Souza Bandeira: "O que eu sinto e me parece é que não vim, mas voltei."

Essa reintegração quasi normal nos americanos, é imperativa nos temperamentos artisticos.

Que queremos lá, longe? Nem o sabemos.

Vagamente presentimos o sentido desse magnetismo. Poderia dizel-o Afranio, em quem se harmonizam a sciencia e a subtiliza, numa primorosa pagina se quizesse escrevel-a.

\*\*\*

Julio Afranio, para o convivio literario da grande cidade não trazia só comsigo o ornamento do rythmo e da poesia. Já não seria pouco. Elle era, de certo, um poeta pela intensidade do sentimento, mas juntava a isso outros dons de graça, de eloquencia, e de espirito.

E' difficil e rara, supponho eu, essa união saudavel de *humour*, de meditação e de *sympathia*. E mais difficil ainda é o sentimento delicado da proporção e da medida; e é claro que não o alcançou de um lance. Pode todavia dizer com Emerson: *To ascend one step — we are better served through our sympathy.*

O ambiente acaba cedendo a essa pressão. Era pois de prever o seu triumpho.

\*\*\*

O romance foi a primeira manifestação de valor de Afranio Peixoto, e por onde fez o seu primeiro contacto com o



grande publico. Machado de Assis foi, delle como de todos nós, o mestre admiravel.

A *Esphinge* foi acolhida com applausos, lida com avides e interesse e por milhares de leitores em uma terra onde, ao que dizem, pouco ou nada se lê. E', certamente, um livro de valor.

Mas, devo dizel-o, não traduzia ainda a sua inteira feição intellectual como eu a havia presentido. Não me dava a mim, julgando-a severamente, a impressão propria e integral do seu caracter. Para um publico mais numeroso ou mais futil, era talvez o que convinha. Os primeiros livros raras vezes excellentem, e são aventuras sempre arriseadas. Ha vontade de dizer tudo e mesmo dizer de mais. O escriptor não quer ignorar o seu publico, e os seus differentes publicos; e assim não póde evitar a tendencia do commentario, do arabesco e dos rendilhados que subvertem a symetria e a simplicidade das linhas geraes.

Ha na *Esphinge*, mau grado a solidez do conjuneto, um excesso de episodios esparsos, embora architectados com desuoidosa elegancia.

Um destes, entretanto, num capitulo remoto, fez logo entrever o grande veio de ouro, a verdadeira jazida preciosa que veiu a revelar mais tarde o auctor de *Maria Bonita*.

São aquellas as paginas mais bellas da *Esphinge* e as mais commovedoras. Creio que um ou outro dos seus criticos descobriu esse trecho primoroso, quasi pagina de reminiscencias, o mais radiante e o mais communicativo do livro.

Alli é que se sentia o temperamento ou o caracter verdadeiro do romancista. O tempo veiu cedo confirmal-o. A *Esphinge* conta ainda com os seus leitores favoritos que lhe asseguram um exito certo.

E realmente o merece.

\*\*\*

O livro principal de Afranio é sem duvida alguma o romance de *Maria Bonita*.

Enternecedora e profunda, de uma simplicidade elegante e encantadora, é do mesmo lance uma historia sertaneja e culta, de agora e de todos os tempos.

E' o romance da Belleza, como ella é, fonte de amor e de morte, de exaltação e de crime.

E' eterna a sua philosophia. O mundo agita-se no meio de ideaes contradictorios. A Belleza é um Mal; vale tanto como a Verdade, disse Renan — o que é talvez uma justificação dos seus maleficios. Sempre foi assim. Nem ao menos tem ella a consciencia das desordens que semeia entre os mortaes.

Dessa lenda ou verdade, é inutil discutir a veracidade ou a evidencia.

O homem primitivo não comprehendem jamais as catastrophes sociaes e politicas sem um crime de amor. A destruição da civilização asiatica foi Helena; a da monarchia em Roma foi Lucrecia, a da republica foi Cleopatra.

No *Ramayana* é a formosa Sita; no *Volsunga Saga* é Brynhilda. E' da fogueira infernal da paixão, nos paizes de gelo ou de sol que resultam todas as catastrophes.

A Belleza viciosa ou casta, santa ou impura, inconsciente ou maligna, é sempre ella a origem dos grandes flagellos.

“Elena vidi per cui tanto reo tempo si volse.”

Dessa tradição, enraizada até o eixo da terra, é que se formou o thema já cristalizado em obras primas e seupre novas da poesia universal.

Afranio não precisaria dos recursos classicos para esse thema univrsalmente humano. Elle, porém, é um classico.

\*\*\*

Lêde-o, se o não conheceis, este livro admiravel.

*Maria Bonita* não é só uma joia preciosa da nossa litteratura; é a mais bella alma da nossa paisagem americana.

Ao fechar o livro, sente-se em toda a perspectiva, a sobriedade das linhas, a perfeição, o concerto das partes que o compõe, a mão dextra e segura que o architecton, a imaginação que o creou inspirando-lhe as palpitações da vida.

Romance ou verdade? perguntamos na ultima pagina.

A paisagem illuminada e cheia de ar é bem a nossa pela coloração e fragancia da floresta nativa. Ainda hoje não se apaga do men espirito o *leit motiv* do rio que passa e da canôa que desliza como atravessando aquelle scenario tragico, com



a indiferença immoral da natureza, risonha e luminosa, a testemunhar tanta tristeza humana.

Os proprios incidentes do livro concorrem, como brutescos gothicos, pelo contraste, a engrandecer e a avolumar as lagrimas das coisas.

Era este o livro que eu esperava e previa do delicado *humour*, da subtilidade e da *sympathia* humana que caracterizam o auctor.

*Maria Bonita* realiza a plenitude das suas qualidades de observador da vida e consequentemente do artista.

Parece-me agora que elle imagina talvez o reverso da medalha, segundo aquella exegese de Horacio, demasiado sensual para que mesmo em latim possa aqui ser transcripta.

Leiam-n'a no *Don Juan* de Byron que a repete *ipsis litteris*.

Pois que nas mesmas Helenas e nas que não o parecem, ha outros magnetismos estranhos e tragicos, é sempre a mulher, dê vida ou morte, quem empresta vida ás obras de arte definitivas.

*Maria Bonita* é até agora a obra prima do romancista.

\*\*\*

Foi numa hora de lazer e desenfado, quando já senhor de si, da segurança e intrepidez da sua penna, que Afranio Peixoto pensou em escrever um livrinho para as escolas.

A *escola* é entre nós uma especie de mundo fechado austero, e exclusivo, onde não entra a graça agil e irreflectida da juventude. E' assim ou querem que assim ella seja.

Fizeram-n'a, á escola, um convento e um carcere, só alumiada por um fresta regimental em cujas reixas de ferro não penetram senão as verdades e as mentiras convencionaes.

Data de seculos o *usus delphini*, a mutilação sacrosanta, que se generaliza agora para além da obscenidade litteraria até alcançar a região da historia.

O livro *Minha terra e minha gente*, sincero, franco, antes optimista, leal e verdadeiro, pareceu a subversão da pedagogia tradicional.

Não se diz ao doente a doença desesperadora e incuravel. E' certo. Mas onde é que a creança é um doente? não é, antes, o mais sandavel de todos os seres?



Creio sinceramente que Afranio Peixoto não commetten uma inconveniencia. Póde ser que num ou noutro ponto, des-cuidosamente e sem faltar á compostura que é sempre uma das feições da sua personalidade, dissesse mais do que convinha.

Sei que a segunda edição do seu livro terá a menos muitas coisas. E' este um signal de commedimento da sua auto-critica.

O que é, todavia, certo e indubitavel é que elle tocou em um dos problemas mais serios da nossa educação civica.

Se é necessario fazel-a sem desanimo nem desconsolações é ainda mais necessario fazel-a sem fraude e sem calculado embuste.

A questão é grave e merece toda nossa vigilancia. Não somos um paiz de saturação historica onde o torvelinho das paixões já desapareceu por uma longa tradição da ordem. Somos um paiz ermo, favoravel tanto á virtude como ao crime e ás suas attemtantes, terra de governos facticios, de habitantes discordes, de indiferença geral. Temos que reclamar novas regras e attitudes diversas mais adequadas ao improviso perpetuo da nossa situação.

A nossa pedagogia, como a nossa politica, não póde ser impnemente copiada dos catecismos exóticos.

A questão de saber o que devemos ensinar é uma questão, e não um dogma. Ninguem póde pedir privilegio do seu ponto de vista.

E nem ha esse dogmatismo ferrenho nos paizes cultos.

O progresso da consciencia historica faz-se por successivas eliminações dos privilegios e das conveniencias. Ha pouco, nessas mesmas escolas, a religião do estado era um exclusivismo; hoje, é uma tolerancia ou coisa nenhuma.

*Minha terra e minha gente* não é um livro liberrimo contra preconceitos, nem está escripto com a vehemencia que teria um libello. E' absolutamente falso, dizel-o.

No estado presente das coisas (disse Renan com eterna graça) o diabo merece alguma consideração. E' bom respeitalo. E como elle é o anjo da mentira convem dar-lhe um quinhão nas coisas humanas.

\*\*\*



Devemos pensar como Lessing e compreender a necessidade de que os homens saibam onde o patriotismo cessa de ser uma virtude.

Ao meu vêr, o vicio começa quando entramos a hyperbolizar as nossas boas probabilidades ou quando as sujeitamos a um eclipse desnecessario.

O dr. J. Köpke, educador emerito e de autoridade reconhecida, parece ter adoptado a doutrina perigosa e malsã das reservas mentaes e da falsificação pelo silencio.

A sua critica a *Minha terra e minha gente* de Afranio Peixoto é absolutamente falha e contradictoria, e o que é peor, dado o seu prestigio, um conselho involuntario de abastardamento do character infantil, o que, digamos desde logo, não podia estar na sua intenção, nem nos seus principios.

A força mais util da educação é o habito ou o costume. E a tradição do vicio ou da mentira é uma das forças mais rebeldes á extirpação. E' do seu e do meu tempo, a lepra da *escravidão* e a força maior que a sustinha era a da inercia. A todos nós que nascemos no meio della, o monstruoso crime parecia coisa natural, como aos proprios negros o parecia. Nunca foi mais difficil tarefa aos abolicionistas que criar a *indignação*. A ternura e a inconsciencia da época infantil acompanhavam o homem e o embalavam na illusão do crime até a idade madura.

Isto será talvez excellente para viver, para entrar na vida social sem complicações. *Mens sana in corpore sano*. A saúde do espirito deve ignorar os enredos tenebrosos que o cercam. *Orandum est*, como começa o aphorismo tomado a Juvenal.

Mas, não póde ser. Grave ou leve, a ignorancia é sempre uma enfermidade.

O dr. Köpke na sua critica dá lições de composição litteraria: o livro necessita de calor, estylo, graça, vigor, mais entusiasmo, mais dramaticidade na exposição, etc. Parece que é excessivo da sua parte e da sua qualidade de mero pedagogo ainda que illustre, chamar a contas um escriptor de fina reputação, como Afranio. Aqui, seria preferivel ficar calado. Tal é por exemplo o teor desta phrase incomprehensivel para quem conheça os dois auctores:

“Quiz o dr. A. P. ser simples e grave como convem a um

historiador, e, para tal, fez-se frio e concentrado quando quente e expansivo é que age sobre as creanças.”

Quando o critico fala da “narração secca e fleugmatica da *Minha terra e minha gente*” a impressão que tenho é a de que absolutamente não leu o livro, ou leu-o ao acaso, e de traz para diante. E aliás neste mesmo trecho o critico denomina a obrinha de *Minha gente e minha terra*.

Isto não succedeu, de certo, bem se vê. O livro, porém, a quem quer que o leia, dá a impressão que foi fundido de um jacto e, de tal arte, que os seus defeitos são de meras rebarbas e asperezas que naturalmente vão desaparecer na edição proxima.

Os homens de idéas preconcebidas são sempre criticos mesquinhos.

A critica do dr. J. Köpke foi infeliz e contraproducente, pois que transformou a sua equação pessoal em lei para todos os temperamentos.

Sem duvida, todos nós queremos como queriam os gregos nos seus gymnasios que fossem os jovens *kalós k' agathós*, na belleza dupla da força e do espirito. Não ha alicerces do meio para o fim e nem ha que pedir aos homens feitos a demolição das patranhas que lhes insinuaram na infancia. Que estranho methodo!

O dr. J. Köpke sabe muito bem que desde João VI o grande imperio *geographico*, fundado na America, exigiu uma hyperbole correspondente nas coisas moraes, tendencia já observada pelos historiadores; e dahi essas extravagancias e exageros de grandeza que até hoje perduram.

Na literatura didactica de outros paizes encontramos os mais vehementes libellos contra os defeitos nacionaes (1).

---

(1) Cito aqui apropositadamente o de um “educador” e “medico”, o dr. Langermann. Bastaria citar os capitulos “Alkoholismus”, “Tuberculose”, “Lues”, “Nervositat”, etc. São coisas mais hediondas que as verdades historicas da “incapacidade eleitoral” ou da “caudilhagem” ou das “olygarchias”.

Os norte-americanos por vezes supprimem o capitulo da “guerra da secessão” para evitar a tradição do odio de raças. Afranto commetteu, de certo, um erro falando da questão de raças no Brasil. E' uma suppressão que se impõe no seu livro. Com boa vontade e menos malicia o dr. Köpke descobriria outras mais ou menos censuraveis.



Devemos ser indifferentes ao preconceito do povileo (*Vorurteil der Völkerschaft*, na expressão de Lessing sobre os excessos do patriotismo); a ethica social está acima de todos os interesses politicos sem excluir os da educação como entre nós existe.

*Minha terra e minha gente* sem embargo da critica que despertou e talvez com algum auxilio della, abriu caminho e não precisa, pois, de outra apologia. E' um livro de combate e do bom combate.

\*\*\*

Concluo com estas reflexões o breve e imperfeito esboço que fiz da individualidade de Afranio Peixoto. Elle é principalmente um temperamento literario, um espirito culto, subtil e elegantissimo. Nas suas paginas já agora duradouras, definil-o-á melhor o tempo, sempre propicio ás justças definitivas.

Sinto, porém, que fui incompleto. A personalidade do artista e a do homem douto tem aspectos multiplos que escapam á minha fragil competencia de juiz.

E nem eu sou juiz. Sou o velho mestre inhabil que vae desaparecendo com a tranquillidade e a alegria dos que passam acreditando num futuro melhor para a terra commum.

JOÃO RIBEIRO.



---

---

# FACTOS E IDEAS

---

## ORGANISAÇÃO NAVAL A FUSÃO DOS QUADROS

---

O problema mais importante, dos que exigem, actualmente, immediata solução em nossa Marinha, é a “fusão dos quadros”, isto é, a organização de um QUADRO UNICO, composto com os actuaes officiaes “de Marinha” reunidos aos “engenheiros machinistas”, sahidos todos da mesma Escola Naval, com o mesmissimo curso.

Para melhor orientar os leitores, direi que — na organização da Marinha Nacional, o seu pessoal é dividido em seis Corpos: “da Armada”, “de Machinistas”, “de Saúde”, “de Commissarios” e de “Engenheiros Navaes”.

Os Corpos da “Armada” e de “Machinistas” são oriundos da Escola Naval.

Os Corpos de “Commissarios” e de “Saúde”, são constituídos mediante concursos — exigindo-se mais, dos medicos e pharmaceuticos, o respectivo diploma por uma das nossas faculdades.

O Corpo de Engenheiros Navaes preenche os seus claros com Officiaes de Marinha, mediante concurso.

A “fusão” dos officiaes de “Marinha” com os “de Machinas”, não é um problema novo nem exclusivo da Marinha Brasileira.

Todas as forças navaes do mundo, soffrem as consequencias da evolução — extraordinariamente rapida — do material a bordo dos navios das esquadras modernas.



Isso obrigou-as a uma cada vez maior attenção para os estudos da metalurgia, da mecanica, da electricidade, etc. e dahi a uma crescente “especialisação” do seu pessoal.

Antigamente os navios militares — exclusivamente á véla — entravam em combate sob o commando dos “nobres” ou militares de terra e não dos homens do mar, que os dirigiam e cuja missão limitava-se então ás manobras nauticas propriamente ditas: As galeras romanas abordavam-se e a lança e o chugo decidiam da acção...

Só no fim do seculo XV Henrique VII deu o nome de “Officiaes de Marinha” aos “mestres” que conduziam os navios.

E só no reinado de Elisabeth, no fim do seculo XVI, é que estes “profissionaes” da vida do mar, foram nomeados “captains”, exercendo o commando dos navios — no mar — na paz e na guerra, não mais sujeitos aos “nobres”, ou a qualquer outra autoridade, temporaria, durante os combates.

Em nossa Marinha, como em todas as outras Armadas, a apparição do vapor veio surprehender o pessoal marujo na mais completa ignorancia de tudo quanto se relacionava com a mecanica.

O mesmo succedera nas velhas marinhas européas, nas quaes os “lobos do mar”, os grandes chefes marinheiros, julgavam “uma verdadeira deshonra” dirigir “carvoeiros”, — como elles classificavam os novos navios — movidos a vapor ou que tinham apenas uma pequena machina auxiliar das velas.

Mas nada pôde resistir á invasão da “luz divina”, que emana das sciencias e das artes, fructos do genio humano, revolucionando usos e costumes e diffundindo a civilisação.

Em tempos que já lá vão, os boteiros do Weser quebraram o navio a vapor de Denis Papin e os operarios de Lyon destruíram os teares mecanicos de Jacquard...

E’ sempre a lucta — inutil — do carro de boi desesperado, contra o caminho de ferro triumphante...

\*

Com os progressos da metallurgia e da mecanica, a *gavea* teve forçosamente que dar lugar á *machina*; os complicados apparelhos dos navios á vela foram substituidos por mastros



singelos, para fixação dos “páus de carga”, ou das plataformas guarneçadas com artilharia de pequeno calibre; e, mais tarde, com “antenas” de telegraphia sem fio... E o vento deixou de ser o agente propulsor, que passou a ser o vapor gerado nas caldeiras...

Desta maneira, o “Marinheiro”, propriamente dito, aquelle que fazia profissão *exclusiva* da direcção do navio e da manobra dos seus apparatus (mastos, vergas e vélas), desappareceu quasi inteiramente.

Ao mesmo tempo — os progressos da artilharia, o seu alcance cada vez maior e precisão de tiro; os serviços de elevadores de munição; os machinismos de movimentos das torres e de carga e manobra dos grossos canhões, etc., etc.; os modernos torpedos, tubos de lançamento e apparatus de pontaria; os submarinos e os seus complexissimos machinismos, etc. etc. transformaram o *nauta* em um verdadeiro “machinista” — pois cabrestantes, guinchos, servo-motores (para o movimento dos apparatus de governo do navio), canhões, torpedos, machinas de comprimir ar, thermo-tanques (machinas frigorificas para refrigeração dos paioes de munição, etc.), não são senão formas varias da “machina” sob seus multiplos aspectos.

Nesta conformidade, do velho *nauta* propriamente dito, restava apenas a “navegação” — complicada, embora, pelas grandes velocidades dos navios modernos, mas simplificada pelos novos chronometros, sextantes e agulhas e pelos novos methodos, cada vez mais faceis e mais fidedignos, na determinação do *ponto* — da posição do navio, no mar.

O espirito rotineiro, que benevolamente classificamos como “espirito conservador”, das velhas marinhas, atadas por inabalaveis “tradições”, tem impedido a revolução imposta ás novas organizações navaes.

Em sua bellissima these “fusão e especialização”, diz o meu brilhante collega Brito e Cunha que “logo que o vapor substituiu o vento e que ao lado da machina foi o navio invadido pela electricidade, os americanos sentiam, com grande clarividencia e precisão, “a *necessidade do marinheiro meccanico*”.

Os fundamentos da nova organização dos quadros da Marinha Americana, diz elle, ficaram assentados desde 1864. A Escola de Annapolis, como a nossa, fornava ao mesmo tempo “machinistas” e “officiaes de marinha”.



Em 1889 estabeleceu-se nos Estados Unidos que *todos os Aspirantes* fossem educados pelo mesmo molde, durante os tres primeiros annos, separando-se os cursos (de “machinas” e “marinha”) só posteriormente, notando-se que cada um desses *cur-sos* incluía um resumo das materias ensinadas no outro.

A bordo, nos dois annos de applicação que completavam o tirocinio, era adoptada a mesma orientação.

Em todas as marinhas do mundo a desigualdade de cultivo e de origem tem dado lugar a lastimaveis desconfianças e desintelligencias entre officiaes “de marinha” e “machinistas”, como déra antigamente razão a iguaes conflictos entre “pilotos” e officiaes sahidos da nossa velha Academia de Marinha.

Nós não escapámos a essa infelicidade e só depois de vermos “machinistas” e officiaes “de marinha” sahirem da mesma fonte — a Escola Naval — tivemos a ventura de vêr desaparecidas semelhantes “desconfianças e desintelligencias”. E desde que a origem e conhecimentos scientificos identificaram-se, nenhuma razão mais poderia ser capaz de determinar sentimentos que não fossem os da bôa camaradagem, da confiança e do apreço, entre officiaes “de marinha” e “machinistas” da mesma classe social e com o mesino preparo technico.

Muitas das attribuições que antigamente eram *exclusivamente* dos “machinistas” e constituíam verdadeiros “segredos profissionaes”, estão hoje sendo brilhantemente desempenhadas *exclusivamente* por officiaes de “Marinha”.

Os leitores da *Revista do Brasil* poderão julgar das razões em que eu me apoio, quando souberem que os nossos submersiveis — as joias da nossa Armada — estão hoje *inteiramente* entregues aos brilhantes officiaes “de marinha” que os commandam e dirigem — sem “machinista” a bordo.

As torres dos nossos couraçados — complexos de machinas interessantissimas — estão hoje, igualmente, entregues aos officiaes “de marinha” que as manobram! Haverá machinas mais delicadas do que as dos nossos modernos torpedos automoveis? Não! Pois não são officiaes “de marinha” os torpedistas?!

Não se *fundiu* no mesmo Corpo de Marinheiros Nacionaes, os “foguistas”, os “artilheiros”, os “telegraphistas”, os “escaphandristas”, os “torpedistas”, os “signaleiros”? Porque não fazer a mesma cousa com os Officiaes?!

Além de tudo, acontece que o novo regulamento da Escola Naval — em vigor — prevê essa “fusão” e a nossa actual organização naval não dá outra fonte para o recrutamento de officiaes machinistas!...

Porque, pois, hesitar em normalisar uma situação — *de facto* — já existente, e dar esse grande golpe na rotina conservadora? Porque insistir em querer *dois quadros* — de officiaes “de marinha” e “machinistas” — excessivamente grandes para a nossa pequena Esquadra, se *basta um delles* para a mais completa satisfação dos serviços, desde que seja devidamente organizado e secundado por um *Corpo de Mecanicos* — que já existe — precisando apenas maior desenvolvimento technico?

Não somos nós, na Marinha — “artilheiros”, “torpedistas especialidades adquiridas em nossas magnificas Escolas Profissionais para Officiaes e Marinheiros — TODOS D’UM CORPO “UNICO”? Não existem *realmente*, no Corpo de Machinistas, as especialidades de “caldeiras”, “motoras”, “auxiliares” e “electricas”, constituindo *todos*, no entretanto, UM MESMO CORPO? e “mineiros”, “telegraphistas” e “submarinos”, divididos por

ESPECIALISE-SE, POIS, O CORPO UNICO!

Confirme-se a extincção do Corpo de “Machinistas”, dando-se desenvolvimento á nova “especialidade”, numa Escola Superior de Machinas, para officiaes e accommodando-se com este intuito o regulamento da Escola Naval.

E, depois, chegados aos postos de mais de quatro galões, concorram todos ao Almirantado, mediante um curso de quatro mezes em cada uma das nossas Escolas Profissionais da Armada, seguidos de um anno de estudos na Escola Naval de Guerra!

Que passo dariamos para a frente!

Que colossal economia para o Thesouro Nacional não encerra esse pequeno punhado de medidas!

Isso é tão claro! Será impossivel resistir antipatriotica e cegamente a um ideal que marcha victorioso pela estrada larga do Bom Senso; satisfazendo aos mais altos interesses do Brasil!

A fusão e a especialização dos quadros da Marinha aguardam apenas um gesto nobre do Congresso Nacional para darem todo o resultado util que prevemos para o futuro da



Armada Nacional, á qual sobram todos os elementos intellectuaes e moraes para poder competir com as mais adiantadas marinhas do Mundo!

Que esse "gesto" não tarde, pois!

FREDERICO VILLAR.

Capitão de Corveta

---

## A PROPOSITO DA CONFERENCIA ALGODOEIRA

Varias coisas indicam neste momento um reactivo forte na vida economica nacional: — o movimento em torno do carvão brasileiro, o inicio da exportação de carnes congeladas, a procura das madeiras, a alta do algodão, as medidas para extincção das saúvas, o Congresso do Milho, em Bello Horizonte, e de Pecuaria no Rio Grande, e finalmente a Conferencia Algodoeira.

A crise trouxe-nos a consciencia exacta da nossa situação e o Brasil resolveu agir, firme e forte. Tarde, mas ainda a tempo. O governo federal e alguns governos dos Estados estão já numa attitude resoluta de acção, e ao lado delles as associações do commercio, industria e lavoura, todos num esforço conjugado. Haja vista a ultima conferencia realizada entre os directores dessas classes e o chefe da Nação, de que já os jornaes noticiaram os detalhes. Haja vista a formação do cooperativismo nos Estados, a convocação da Conferencia das Tarifas para Setembro proximo e a união de esforços do poder legislativo e o do executivo para a economia e cumprimento de nossos compromissos externos. No momento actual, se dormirmos, somos tragados. Comprehendemos isto. Acordamos a tempo.

Mas o de que vamos falar hoje é da Conferencia Algodoeira.

O dr. Miguel Calmon comprehendeu muito bem que faria um grande serviço á Nação, sendo o chefe de um movimento nesse sentido. Encetou a propaganda em fins do anno passado, e agora o trabalho chega ao seu apogeu.

Abre-se a 1.º de Junho a Conferencia. Cerca de trinta theses estão escriptas, estudando os varios assumptos relativos ao algodão. Autoridades reconhecidas trouxeram o seu concurso. Governos estaduaes e municipaes accorreram a prestar mão forte ao tentamen. O Governo Federal dá todo o prestigio á idéa, promettendo pôr em pratica o que fôr deliberado pela Conferencia. Uma exposição se fará, em que sejam postas em relevo as faces todas do problema, e onde os competentes e os interessados encontrem campo para os estudos e deducções concernentes a algodão brasileiro.

Já na Exposição Nacional de 1908 vimos o que é a industria da nossa tecelagem. O Brasil comprehendeu que tinha uma riqueza a zelar.

Agora vamos proteger a planta e tratar do seu cultivo e desenvolvimento. O grande Estado de S. Paulo mostrou desde logo o seu empenho em cooperar para o maior brilho desse tentamen. Emquanto os outros Estados reservaram de 30 a 60 metros quadrados de espaço nas salas da Bibliotheca Nacional, para a exposição de suas fibras e plantas, S. Paulo pede 300 metros e projecta já uma segunda exposição de tecidos para o anno proximo.

Vamos, pois, fazer umas rapidas considerações sobre este magno problema e passar em revista alguns factos que devem ser estudados neste momento.

Na situação actual do Brasil, e da America Latina em geral, é muito serio o conjuncto de problemas sociaes e economicos, que se impõem á nossa consideração.

Por um lado, isolados do grande centro productor de capitães e energias — a Europa, — devastada pela guerra, circumscripta hoje á defesa de suas fronteiras ameaçadas simultaneamente de todos os lados, onde cada grupo tenta a conquista dos mercados e da hegemonia universal, pelas armas, estiolando ahi as suas forças e retirando de nós os auxilios e as iniciativas; por outro lado, confinados numa educação rotineira e na carencia de recursos, para tentar a nossa emancipação, a America do Sul, e o Brasil de preferencia, se sentem como que desnorteados neste furacão geral que vem abalando o mundo ha perto de dois annos.



Acostumados a receber o dinheiro e o braço do Occidente, e a aprovisionar-se alli do necessario para a vida, os povos novos, quer da America, quer da Africa ou da Oceania, colhidos de surpresa nesta luta, vêm-se a braços com uma crise fulminadora, de capitães e manufacturas, com que a sua vida se mantinha á sombra das riquezas accumuladas da Europa, e que hoje vão escasseando, dia a dia, á proporção que o duello mortal ascende na sua marcha assustadora.

E parallelamente, escassêa para nós esse elemento primordial de progresso — o braço civilizado.

Projectemos um olhar sobre o futuro.

A guerra avança no seu scenario incandescente.

Dezeseis milhões de homens já estão fóra de combate. Duzentos e oitenta mil contos por dia se consomem no morticínio geral.

O commercio universal, paralyzado. O incendio a devorar tudo — usinas, homens, campos, cidades e capitães.

O computo final desta tragedia, póde ser expresso num unico termo: — o aniquilamento!

Quando o ultimo canhão soar nas collinas do Occidente, o grupo das nações conductoras do progresso humano estará de rojo, prostrado pela fadiga e pelo esgotamento. Então, sobre os escombros da Europa, se irá de novo reerguer o mundo destruido. E esse trabalho levará meio seculo. Serão precisos todos os recursos da fortuna publica e particular, para reedificar o patrimonio criminosamente desbaratado em fogo e sangue. E rotos os cofres, devastadas as cidades e usinas, assolados os campos e vãos os lares, com os mares ermos de navios e a terra empobrecida de homens, que nos poderá advir de lá? Longos annos serão poucos para cicatrizar as feridas e cuidar do seu restabelecimento, tal como o doente que reúne o fluido vital para reviver das suas cinzas.

Nada poderemos esperar de lá. Pelo contrario, já o Moloch da guerra nos levou grande parte dos braços validos, que vae triturando lentamente.

Foram recolhidos os cordões da bolsa que alimentava a seiva de esforços, e já se fala na mobilização de capitães americanos. Como uma bomba aspirante, vae-se drenando de nós a vida latente que os capitães europeus nos trouxeram. E collocados nesse transe, para quem appellar?

Para nós mesmos! Para a reserva das nossas energias. Para as nossas terras, para a nossa intelligencia e o nosso braço!

Temos, é verdade, a America do Norte, para nos emprestar os capitaes e nos fornecer do conforto que a Europa nos retirou. Mas quem pode prever o que será amanha o problema norte-americano, em face do drama actual? Para que esperar do vizinho, se podemos agir por nós? O capital americano ha de ser sempre caro e não precisa expansão. Sobra-lhe o campo em casa. A propria Europa bate-lhe ás portas, pedindo-lhe dinheiro, armas, manufacturas, alimento. Por que preços nos hão de vir ás mãos o que reclamamos, o que o nosso conforto exige? Não nos illudamos. E' cuidando de nós mesmos que havemos de fazer face á crise. E' explorando as nossas jazidas de carvão e ferro, que ahi se ostentam cubiçosas; é fomentando a pecuaria e enriquecendo os nossos campos de boa criação, para que a carne não se exgote pela sucção européa; é incentivando a lavoura sobre todos os seus aspectos, do ensino, do credito, do transporte, do intercambio facil e da exportação; é saneando os campos da praga de animaes damninhos, que enfezam o gado e destroem as plantas; é promovendo cooperativas, bancos, congressos agricolas; finalmente, é ensinando a arte moderna do trabalho intelligente e mecanico; é abrindo novas fontes de renda, e trabalhando com afinco, que havemos de collocar-nos á altura dos nossos destinos.

Já ahi temos o café e a borracha. Cuidemos em mais outros ramos. Se esses peccam pela superprodução, creemos novas culturas e novas industrias.

As vias de communicação já penetram pelo interior, indo buscar o producto da terra longinqua. Paremos nesse afan. Cubramos de renda essas estradas que nos custaram suores de sangue. Os portos estão abertos. Levemos-lhes generos, para movimental-os. As linhas centraes correm parallelas: cruzemos entre ellas as estradas de automoveis. O proteccionismo creou a industria fabril: consolidemos essa industria, dando-lhe vida propria, aperfeiçoando os processos e barateando a materia prima. Para isso, é preciso a instrucção, o esforço e a iniciativa conjugada.

Um povo, como diz Listz, só é independente, quando, ao



lado de um grande territorio, tem uma agricultura, um código, uma literatura e uma industria.

Já temos uma literatura, um código, e uma industria nascente. O capital é a cupola que vem coroar todo esse esforço. O capital vem da agricultura e da industria, e vem por fim do commercio. Mas todas essas molas repousam sobre uma: — a agricultura. Creemos uma industria agricola nossa, solida, independente. Não gravemos mais as tarifas. Antes a reduzamos á proporção da nossa riqueza. Os paizes hoje opulentos, como a Inglaterra, a Allemanha e a França, só largaram o proteccionismo, quando as suas industrias estavam creadas, e o producto precisava de expansão. Nós já temos uma industria creada com esse regimen: a fabril. Vamos, pois, tirar o partido que nos cumpre desse avanço, e emancipar o trabalho nacional, de forma a termos em casa os recursos para a nossa vida.

Entre essas industrias hoje prosperas, temos como a principal a de fição e tecidos, que representa hoje um capital respeitavel, e uma somma de trabalho realmente colossal. Se considerarmos o numero de familias ligadas a esta industria, o capital nella mobilizado, o braço nacional que a move, os lucros que dahi advém ao patrimonio brasileiro, pela producção do algodão e o seu multiplo beneficiamento, até á sua entrada no commercio, bem como a renda de impostos que della auferem a União, os Estados e os municipios, devemos concluir que não longe estamos de uma emancipação salutar.

E diante desse vulto que vae tomando tal industria, concluimos que criminosos seriamos a nossos proprios olhos, se não cuidassemos de acelerar essa emancipação, que se avizinha.

Passemos uma rapida revista na nossa industria de tecidos.

Trezentas e tres fabricas funcionam no Brasil, com um capital de trezentos e oitenta mil contos de réis, produzindo annualmente duzentos e oitenta mil contos e empregando setenta e sete mil operarios.

Para fazermos um calculo approximado do que toca a cada fibra e a cada Estado da União, tomemos este quadro que organizou o Centro Industrial do Brasil, recentemente:



	Num.º de fabricas	Capital	Produção	Ope- rarios
Alagóas .....	10	5.585:000\$	5.900:000\$	2.010
Bahia .....	13	20.514:000\$	15.418:000\$	5.505
Ceará .....	10	2.440:000\$	2.620:000\$	990
Districto Federal ..	35	101.248:000\$	69.870:000\$	14.035
Espirito Santo .....	3	1.290:000\$	1.100:000\$	230
Maranhão .....	13	12.670:000\$	10.480:000\$	3.870
Minas Geraes .....	59	23.942:000\$	20.445:000\$	8.048
Parahyba do Norte..	1	1.700:000\$	1.800:000\$	580
Paraná .....	8	685:000\$	612:000\$	173
Pernambuco .....	9	19.550:000\$	15.950:000\$	3.720
Piauhy .....	1	1.100:000\$	1.100:000\$	300
Rio Grande do Norte	1	2.800:000\$	720:000\$	280
Rio Grande do Sul..	12	9.135:000\$	10.095:000\$	2.582
Rio de Janeiro .....	27	50.540:000\$	33.700:000\$	7.991
Santa Catharina ...	15	1.752:000\$	1.382:000\$	463
São Paulo .....	78	117.032:000\$	85.197:200\$	23.590
Sergipe .....	8	8.449:000\$	6.300:000\$	2.979
	303	380.432:000\$	282.689:950\$	77.346

Como do quadro acima muitas fabricas não se atêm só ao algodão, e exploram tambem os tecidos de juta, lã, seda e linho, o Centro Industrial chegou ao seguinte resultado: produção desta ultima especie 40.790:000\$, distribuida pelos Estados de Bahia (1.118:000\$), Districto Federal (7.900:000\$), Maranhão (700:000\$), Minas Geraes (445:000\$), Pernambuco (950:000\$), Rio Grande do Sul (5.095:000\$), Rio de Janeiro (4.200:000\$), Santa Catharina (82:000\$) e São Paulo ..... (20.300:000\$); produção de tecidos de algodão nos 17 Estados 241.899:000\$000. O consumo de algodão em rama para essas fabricas é de 47.801.000 kgs. Não têm industria de tece-lagem Matto Grosso, Goyaz, Pará, Amazonas. Todo o algodão consumido pelas fabricas acima é de produção nacional. O Brasil não importa algodão em rama. Pelo contrario, exporta em grande escala. Pelos dados da Estatistica Commercial, a nossa exportação tem sido a seguinte, a partir de 1902:



	Toneladas	Valor total	Valor por kilo
1902 .....	32.137	10.701:352\$	\$757
1903 .....	28.235	11.765:910\$	\$944
1904 .....	13.262	7.364:728\$	1\$233
1905 .....	24.081	10.290:790\$	\$710
1906 .....	31.668	14.726:492\$	\$790
1907 .....	38.036	15.417:841\$	\$981
1908 .....	3.565	1.832:514\$	\$924
1909 .....	9.968	5.260:551\$	\$947
1910 .....	11.160	7.932:732\$	1\$206
1911 .....	14.647	8.713:568\$	1\$004
1912 .....	16.774	9.221:294\$	\$928
1913 .....	37.423	20.512:711\$	\$925
1914 .....	30.434	16.556:096\$	\$928
1915 .....	5.223	2.550:856\$	1\$051

Como se vê, é já uma contribuição respeitavel para o nosso patrimonio publico. Se longe está do café e da borracha, que enriquecem o erario nacional, o primeiro com uma media que oscilla a partir de 1905 entre 324 a 700 mil contos e o segundo em igual periodo de 113 a 377 mil contos, devemos convir que é já um contingente animador e nos promete um mundo de esperanças, em face do consumo sempre crescente da fibra e da nossa producção que se desenvolve accentuadamente de annos para cá.

Um calculo recente fez ver que dos 1.500.000.000 de habitantes da terra, a metade é semi-vestida e 250.000.000 ainda não usa roupas.

Como a civilização tende a vestir essa massa que ainda está no periodo primitivo, a escala do consumo de tecidos tende a subir sempre.

Em 1913-1914 o consumo mundial do algodão foi de ..... 27.703.000 fardos pesando cada um 227 kgs., ou sejam 6.288.581 toneladas. Cinco annos antes, em 1908-1909, a producção foi de 22.271.000 fardos, e em 1903-1904, isto é, um lustro atraz, fôra de 17.015.000. O augmento por quinquennio, pois, attingiu em media a 27 por cento. O preço do algodão tambem elevou-se nos ultimos annos, em consequencia da procura sempre crescente.

Assim, o producto americano valia em 1894 no mercado



de Liverpool 660 réis, cada kg., ao cambio de 12 d.; de 1899 a 1903 o preço foi de 954 réis; de 1904 a 1908 elevou-se a 1\$017 e de 1909 a 1913 attingiu a 1\$256.

O Dr. Pereira Lima, quando divulgou estes dados na S. N. de Agricultura, trouxe realmente um argumento poderoso para o facto. Temos assim provado com a mathematica que o mundo vae absorvendo mais algodão, á proporção que os annos passam e a humanidade augmenta em conforto.

De facto, esta preciosa fibra é um companheiro inseparavel do homem, em todas as suas phases.

E' do algodão que a humanidade tira o agasalho contra o frio e as intemperies, e se cobre para apparentar a decencia social. E' o leito, onde dormimos; é a cordoalha, é a vella do navio, a alcatifa, o envoltorio, é o arminho que pensa as feridas nos hospitaes, é o scenario dos theatros, é a embalagem dos productos da terra. Delle se faz hoje tecido quasi igual á seda na finura e no relevo e já delle os sacerdotes antigos da India e do Egypto vestiam os seus paramentos e os reis orientaes os seus trajos nobres. Hoje elle está disseminado por toda a terra, e veste o rico e o pobre, a dama e a serva, o operario e o burguez.

E a cambraia, a baptiste, a tule, o gorgurão, a ganga, a chita. Não é só ahi. E' tambem o algodão-polvora, de prodigioso effeito explosivo, que as artes bellicas utilizam, e é ainda o algodão-nitrado da industria util. Assim, está elle nas artes da paz e da guerra; para construir e para destruir; para o bem e para o mal.

Não temos culpa que os homens utilizem a ingenua natureza, para effeitos damnosos. Tambem o aeroplano está servindo para destruir os homens e o submarino está devastando as marinhas mercantes...

Mas retomemos o fio. A preciosa malvacea que é o algodão vae entrando tambem noutros dominios do bem estar humano. O seu caroço vae sendo cada vez mais aproveitado para a industria, como precioso alimento e condimento das perfumarias.

Nos Estados Unidos havia já em 1903, 98 companhias poderosas, com 232 moinhos de moer essa preciosa semente, extrahindo della oleos, pastas e farinhas no valor de 125.000.000 de dollars. A propria casca é aproveitada para o fabrico do papel.

Se calcularmos agora que a industria algodoeira arrasta consigo a do polvilho, e que as nossas materias corantes espe-



ram ser aproveitadas para as tinturarias, hoje privadas das nilinas allemans; que as florestas estão cheias de essencias tintoriaes inexploradas, e que o fabrico do papel se implanta no Brasil, exigindo os refugos do algodão; que cerca de 250.000 pessoas já vivem dos salarios ganhos pelos 77.000 operarios fabris, e que para produzir 75.000.000 de kilos de algodão uma consideravel massa de população rural recebe o seu conforto; se considerarmos tudo isso, e mais, que as terras do Brasil produzem o algodão desde o Amazonas até Santa Catharina em condições iguaes ou superiores aos principaes paizes algodoeiros do mundo, temos a medida exacta da importancia desta industria, que deve constituir um *pivot* da nossa vida, ao lado do café, da borracha e da pecuaria.

Esperemos pela reacção, que começou com as declarações da plataforma do actual presidente da Republica e se concretiza agora na acção da Sociedade Nacional de Agricultura, de cujas luzes e patriotismo muito esperamos.

Acordemos! Ainda é tempo!

LINDOLPHO XAVIER



---

---

## O PROBLEMA MUNICIPAL DO PONTO DE VISTA AMERICANO

---

*(De uma conferencia realisada no Gre-  
mio Polytechnico, a 6 de Setembro)*

Está, de novo, na berra o problema municipal. Está, ou finge estar. No Congresso Federal vae accessa a discussão em torno de um projecto de remodelação do Conselho Fluminense. No Estadoal tambem foi rôto o costumado silencio a proposito de nova modificação no processo de escolha do executivo Paulistano. Corre a tinta a tal respeito, com fartura, pelas columnas da imprensa das duas capitaes. No fundo, porém, ficará tudo como d'antes. São simuiacros, não realidades, referentes ao problema.

E' eie, comtudo, dos mais importantes. Poi-o em logar de destaque a constituição de 1891, garantindo a autonomia dos municipios. E é de todo evidente a necessidade de que a franquia conferida seja bem aproveitada. "As cidades, dil-o Maltbie, são centros de influencia para o bem como para o mal. Pela sua industria, commercio, sciencia, cuitivo, intellectualidade, conduzem ellas o mundo e em grande parte lhe determinam o destino. Se a sua gente é corrupta, immoral, ignorante, depravada, fica por ellas contaminado o corpo inteiro da nação. Se a sua administração cae em bancarrota, corre perigo o estado, seja em virtude da massa da propria população que representam ou, ainda, porque a condueta do palz inteiro se deixa affectar profundamente pelas más condições dos agrupamentos urbanos."

Ninguem melhor collocado do que o conhecido autor para enunciar a proposição. Os Estados Unidos do Norte, sua patria, batem nesse particular a culminancia do que pôde ser imaginado em materia de desgoverno e corrupção. Quando Bryce publicou a sua obra monumental, em 1888, referia-se ao caso nos termos mais catheticos. "Não ha negar que o governo municipal seja a mais assignalada falencia da America. As lacunas do governo da União não têm grandes



responsabilidades nos males de que soffre o bem estar da população. E as culpas dos Estados são meras insignificancias se as compararmos com a extravagancia, venalidade e desequilibrio que caracterizam a administração da maioria das grandes cidades." Nas mais pequenas mesmo, accrescenta não ser necessario recorrer ao microscopio para observar os resultados do alastrar de tão pegonbentos germens.

Não será talvez esse, a rigor, o aspecto do problema Brasileiro. Outros pontos o approximam entretanto, vamos vê-lo, e tão intimamente, do aspecto da questão no norte do continente; o exame dos dados que allí se apresentam é de tal modo suggestivo quando os enfileiramos ao lado dos que nos dizem respeito; que difficil se torna resistir á tentação de estabelecer o paralelo, de procurar isoiar os elementos mais decisivos, pô-los em relevo, determinar-lhes a influencia, o alcance desta, as modificações uteis e possiveis de que são susceptiveis.

Sem de modo algum pretendermos generalisar, parece-nos que o primeiro resultado de um esforço nesse sentido seria o reconhecimento da coexistencia de um grupo de condições identicas. E communs a toda a America, não apenas ao Brasil e aos Estados Unidos. Sociedades novas as de todas essas nações, no periodo da adolescencia quando muito, compostas por elementos de immigração, heterogeneos e de oportunidades de fortuna rapida, bruscamente mutaveis, sem o freio, o temperador da cultura anterior nem da tradição organisada, a formação dos seus agrupamentos communaes deveria forçosamente dar logar a concepções analogas de politica administrativa, ao apparecimento de ideias semelhantes, á pratica de erros equivalentes. A copia da fórma constitucional irá favorecer ainda a tendencia á criação do typo, no qual a differença de estrutura social abrirá fronteiras secundarias entre as varias especies.

Seja ou não verdadeira a observação, exista ou não o typo do "problema municipal Americano", a ponta do veu que vamos tentar levantar sobre o dos Estados Unidos e sua evolução, posterior ao tempo em que Bryce o julgava com tamanha mas tão justa severidade, deixa entrever um quadro cujo proveito se nos affirma incontestavel. Servirá, pelo menos, para mostrar, sob figura precisa e concreta, qual o processo de que deita mão uma democracia, a mais velha do nosso continente, para sanar males tão graves que pareciam, de começo, incuraveis. E', á feita de melhor, um consolo, uma esperanza, nesta época de descrença, indifferença e torpor nacionaes, em que vivemos.

Lição, ou balsamo apenas, terá no seu activo uma vantagem certa. Foge das abstracções que custam sempre tão caro aos que delias despertam. Não sae do campo das noções praticas e comestivas. Não representará um simulacro. Esboçará uma realidade.

\*  
\* \*

Poderia, em primeiro lugar, ter dado o problema municipal, nos Estados Unidos, ensejo a solução menos viciosa do que a já aqui apontada?

Para responder, com clareza, á interrogação, examinemos qual a questão a resolver. Acha-se ella perfeitamente enunciada nas linhas iniciaes do ultimo relatorio da capital da Pennsylvania. Eil-as: "Prezado leitor — Faça-me o favor de esquecer que está com um documento official deante dos olhos. Leia estas paginas como se foram a exposição dos esforços, tentados por uma dona de casa, tendo tido em mira o tornar Philadelphia o melhor lugar do mundo para vir morar. E, de facto, este volume não é mais do que o balanço annual de uma criadagem de 4.000 empregados municipaes, ao serviço de uma familia de 1.600.000 municipes."

Haverá alguma differença entre este objectivo e o que assume, moral e materialmente, obrigação de satisfazer uma grande sociedade anonyma de serviço colectivo como, por exemplo, a nossa Companhia Paulista? Nenhuma. Somente em circumstancias anormaes, que reflectem um vicio dos termos da concessão ou uma má comprehensão dos seus proprios interesses, se dá o caso de se encontrarem estes — os da empresa — em conflicto com os do publico. Afastadas essas causas de erro, acham-se collocados os municipes, como os accionistas que recebem uma delegação da comunidade mediante certas clausulas, em frente á necessidade de pôr em acção o trabalho de grande numero de assalariados de modo a garantir a vida, a propriedade, a economia e conforto da população. São esses os dados fundamentaes.

Como procede o accionista que significa, portanto, para o caso, um municipe duplamente zeloso? Escolhe um grupo de nomes para a gestão superior dos seus interesses. Dá preferéncia aos mais recommendaveis pela prudencia e tino, pela experiencia e exito já provados em commetimentos parecidos, pela grande somma de capital eputado em titulos. Pouco se lhe dá o que qualquer delles pense a respeito dos negocios publicos em geral. Presidencialista, elegerá um parlamentarista; livre-cambista, dará preferéncia a um protecclonista; o que procura no director é o atilamento. Se a politica alguma vez influe na sua deçisão é para pol-a ao serviço dos seus interesses immediatos, nunca para collocar estes na dependencia daquella. Acha elle, no seu raciocinar simplista, que as opiniões partidarias nada têm que vêr com o conseguir fazer andar os trens com regularidade, sem descarrilamentos, permittindo a distribuição de dividendos. Tal qual como o municipio pode ter boas estradas, ruas bem dispostas, calçadas e limpas, agua potavel em quantidade e esgotos sem darem exha-

lações, qualquer que seja a maneira de vêr do intendente a respeito da "divisão dos poderes" ou da neutralidade no conflicto europeu.

Como procedem, por seu turno, os directores? Dividem entre si os assumptos que devem ser resolvidos, para que cada um estude e informe os collegas sobre o que melhor conhece. Não se occupam, porém, directamente na superintendencia dos serviços technicos. Vão para isso procurar a competencia que lhes podem offerecer os profissionais de officio que contratam como inspector geral, chefe de linha, chefe de locomoção, chefe de escriptorio, chefe de trafego e caixa. Consultam cada um dos responsaveis, ouvem aquelle que dá unidade de acção a todos os repartimentos do conjunto, e em seguida deliberram como julgam conveniente. E a responsabilidade é a base do systema. Sempre que é ella observada e respeitada, anda tudo direito. O que não dá conta do recado é eliminado. Não é reeleito o director, sente-se mal e pede demissão o inspector, despede o chefe da locomoção o machinista pouco cuidadoso.

E' exactamente ou quasi, no fundo, essa organização que re-produz o governo municipal na Allemanha. Veja-se Berlim; compara Albert Shaw, um dos norte-americanos que mais abriu os olhos dos seus patricios sobre coisas municipaes, os accionistas aos cleitores da capital da Prussia, a directoria ao conselho municipal — composto de 126 membros, o inspector geral ao primeiro burgomestre e os chefes de cada uma das repartições ou magistrados aos chefes de linha, movimento ou tracção. O executivo Berlimense é formado de 34 nomes, incluidos os do primeiro — "oberbürgermeister" — e segundo burgomestres. Metade delles ou dezeseite são pagos e nomeados por doze annos, os outros dezeseite servem gratuitamente e são escolhidos por seis annos.

Os pagos são designados em virtude da sua competencia tecnica especial, exactamente como os directores da Paulista escolhem os seus engenheiros principaes e guarda-livros. Vae buscar-os o conselho aos funciouarios de carreira das outras cidades em que se hajam distinguido — o celebre Dr. Forckenbeck que imprimiu á cidade o seu cunho actual, no momento de ser convidado para o posto, a que emprestou tanto luzimento, era burgomestre de Breslau — ou tira-os das administrações publicas da nação; os vencimentos elevados pagos pela municipalidade tornam tentadores esses convites. Comprehende esse elemento pago os ramos da sciencia juridica e de finanças, thesouraria, architectura e construcção, instrucção e hygienc publica. E os titulares de semelhantes designações são, na realidade, vitalicios, pois sómente a sua má conducta é que tem dado logar a demissões.

A outra metade, não remunerada, é também designada pelo conselho que recorre, para esse fim, a nomes de autoridade nos assumptos municipaes, embora não profissionaes de carreira — como os lentes das Unversidades, ou a pessoas tendo servido anteriormente no proprio conselho, onde deixaram traços vivos da sua passagem. Dá esta cathegoria logar a nvel por tal modo elevado de competencia technica e capacidade de direcção, que não é rara a transferencia de seus membros para postos equivalentes da cathegoria dos remunerados. E reciprocamente. Aqui também, note-se, a designação por seis annos é nominal; os membros não remunerados do executivo de Berlim são, de facto, vitalicios.

Onde encontrar a explicação, a origem de uma entrosagem tão perfeita de competencia que fez desta, como das outras cidades allemans, os modelos que por toda a parte são citados? Em primeiro logar no meio, farto e abundante, de profissionaes especializados. Não é de hoje, nem de hontem, que os assumptos municipaes fazem parte dos programmas das faculdades de direito e sciencias administrativas, bem como das escolas technicas. Sem taes habilitações é inutil procurar collocação nas repartições respectivas.

Em segundo logar, no corpo eleitoral, "sui generis", que escolhe os conselheiros, os quaes, por sua vez sabem, tão ajuizadamente, operar por selecção. E' esse corpo dividido em tres classes, correspondendo, cada uma, a um terço do producto das contribuições e de modo que, no primeiro terço, estão os maiores contribuintes, no segundo os que se lhes seguem em importancia; no terceiro ficam os restantes. Concretisando: num dos circulos de Berlim, um vereador eleito pelo primeiro terço dependia de um corpo de suffragio de 2.045 pessoas, no segundo terço esse numero subia apenas a 13.049 para alcançar, no ultimo, 96.543. E a capital do Imperio não é o melhor campo de exemplificação. Essen estaria nesse caso, pois já apresentou as proporções de 2, 243 e 5.367; 4, 353 e 12.197. Houve anno mesmo, em que o conselheiro do primeiro terço foi eleito por "um" voto.

E', em resumo, a garantia completa da distincção administrativa, em toda a escala, operada sem a menor intervenção da politica em um meio de recursos technicos abundantes. Dahi os resultados que nos maravilham quando visitamos aquelle paiz.

Sem produzir tão grande impressão no leigo, é entretanto igualmente surprehendente a organisação Inglesa; talvez mais, mesmo, visto não corresponder a um systema de suffragio restricto, como é o Germanico. Tivesse o Ingles consagrado á parte technica do problema, já não diríamos o carinho minucioso do Allemão, mas simplesmente o cuidado em manter o seu ensino ao nvel do Francez, é para nós ponto fóra de duvida que alcançarla resultados igualmente brilhantes, apesar de não ter ao seu serviço a legislação feudal que aplanava o caminho ás autoridades Allemans na confecção das suas cidades.

E' por esse lado que elaudica o aparelho. Mas a contextura social, a teia da organisação municipal Britannica é tão robusta e tão bem ajustada que, na generalidade e de conjuncto, não são menos preciosos os fructos. E' de tradição que os cargos de eleição sejam confiados aos homens mais respeitavels e mais experimentados do logar. Pela sequencia de um habito inveterado é pois que se effectua a selecção do corpo dirigente, não pela lei. O que esta determina é que não se realise o escrutinio quando o numero dos candidatos não seja superior ao das vagas a preencher. Pois bem. Em épocas de grande agitação politica, mesmo, têm-se visto circumscripções que em grande numero se acham no caso de dispensar a eonsulta ao eleitorado. Tanto vale dizer como a intromissão da politica é em regra alheia á escolha dos vereadores.

Reunem-se estes e constituem o executivo por meio dos presidentes das differentes commissões em que o conselho se divide, segundo a natureza dos negocios a tratar. Mas esses presidentes, não são, em geral, os conselheiros eleitos. São antigos membros do conselho cujo tempo de serviço e competencia anteriormente demonstrada os designam á escolha dos sahidos directamente das urnas. Póde a capacidade exeepcional abreviar a duração do estagio que é corrente exigir do vereador até lhe ser conferida essa distincção. Ligam, porém, os Inglezes, tal apreço a essa lição da experiencia, que é significativo o exemplo de Chamberlain, o grande homem de estado, aguardando doze annos como simples vereador de Birmingham para, eleito "alderman", vir a ser o benjamim dos "sheriffs" da Gran-Bretanha.

E', numa palavra, a fidelidade ao systema de "pupilage", o aprendizado, tão enraizado nos costumes do povo que ainda lá o vemos praticado de preferenea, e nem sempre eom vantagem, á formatura do estudante por meio do curso regular em escola ou faeuldade.

Que o systema, considerado em bloco, é, porém, incomparavelmente superior ao que poderá produzir a inversão dos papeis, demonstra-o, á saeiedade, a sua eomparação com a organisação Franceza.

E' em França muito mais aperfeiçoado e exigente o preparo do funcionario. Pode sem favor ser este considerado de primeira ordem, qualquer que seja o ramo da administração em que o formos buscar. Tem defeitos, sem duvida, inherentes a uma burocracia que o sentimento de eonservação propria da nação tornou tarda e desconfiada, afim de resistir aos sobresaltos de uma historia politica irrequieta. A materia prima, todavia, é inexceedivelmente superior em não importa que grau da hierarchia administrativa. Os sobresaltos, a que acabamos de alludir, fazendo sentir a acção perturbadora da politica em toda a esphera superior dos serviços publicos, contrariam, desmancham, quando não inutilisam, toda a vantagem da competencia tecnica eom que poderiam contar os municipios. A capital pariziense, por exemplo, está praticamente impossibilitada de qual-

quer obra importante de utilidade geral. Uma votação de credits correspondentes no orçamento fica virtualmente subordinada, não ao que toda a metropole tenha a lucrar com um notavel melhoramento intelligentemente localisado em um dos seus pontos, mas ao ganho immediato que os negociantes de cada circumscripção possam auferir da affluencia temporaria, alli, de certo numero de trabalhadores que comem... e bebem nos botequins do bairro. Assim, quando se approva o dispendio de vinte milhões, está implicitamente entendido que cada "arrondissement" fica com a sua quota proporcional. Não poderá contar com a sua reeleição o vereador que se não curve á imposição. A organização do corpo director produz pois a selecção invertida; é o menos escrupuloso que conta com maiores probabilidades. Nada mais é necessario acrescentar.

Servir-nos-emos de uma comparação, para exprimir os tres aspectos do problema municipal que tomámos para pontos de referencia.

Sabe-se que a engenharia é um composto de dois elementos: as mathematicas e o senso pratico. Quando um individuo consegue enfeixar ambos, o preparo e a experiencia reflectida, tem elle o estofo de um grande engenheiro. Póde o preparo ser deficiente; um espirito superiormente equilibrado é capaz, ainda assim, de dar logar a profissional que corra parêlhas com o primeiro. Haja, porém, o refinado preparo que houver, se com elle não coincidir o tino e a faculdade de apreciação, nunca teremos homem que preste.

Semelhantemente, conjuga por completo a organização municipal Alleman uma direcção independente e esclarecida com a competencia technica apropriada. O resultado é superior.

Nem sempre concorre esta ultima, ou apenas della se dispõe em dose limitada, na organização municipal Ingleza. O primeiro factor tem, porém, tal peso e é-lhe conferida influencia tão consideravel que os fructos rivalisam com os da primeira.

Não falta, em contraposição, competencia technica apropriada á organização Franceza. A entrosagem eleitoral oppõe-se, entretanto, á liberdade de acção dos que devem dar o impulso inicial; prejudica e perturba a athmosphera politica a formação do criterio sereno que só com tempo e traquejo consente na avaliação exacta das coisas; afugenta e elimina essa mesma athmosphera os concursos que maior utilidade teriam. Mediocres são por tal motivo as consequencias. Não ha quem tal ignore.

E' chegado o momento de satisfazer a nossa curiosidade. Poderiam, estariam os Estados Unidos em condições de conseguir, para

os seus problemas municipaes, soluções differentes das que já vimos apreciadas por alto?

Seria milagre.

Para que se não supponha a intenção, que não existe, de pôr em cabeças alheias carapuças que nos pertençam, passamos a traduzir, á letra, as palavras de alguém que no assumpto conquistou grande nomeada, não tanto pelo que tem dito ou escripto como pelo que praticamente realisou. Adeante veremos a influencia e producto da acção de George Burnham; esereve elle no numero de Julho deste anno da "National Municipal Review":

"Caracterisa o Americano o facto de ter sempre considerado bastante o possuir alguém a cabeça no seu logar e partilhar do seu credo politico para julga-lo apto a desempenhar qualquer cargo administrativo official.

"Dahi vem o haver-se pegado pelo pescoço no medico, no advogado, no commerciante ou no ferreiro, dando-lhe com os costados na cadeira de legislador, de governador do Estado, de prefeito da cidade, na firme convicção de veio fazer coisas excellentes, conhecesse ou não do riscado. Não é meu intuito criticar esse modo de agir relativamente ao paiz. Pretendo apenas indicar algumas consequencias para as nossas cidades. Correu tudo ás mil maravilhas enquanto as administrações municipaes eram de extrema simplicidade; tratava-se apenas de logarejos que iam vegetando. A' medida, porém, que o desenvolvimento se ia accentuando e augmentando foi a complexidade da materia com agentes taes como o transporte electrico e a vapor, distribuições de agua, luz e força, etc., começou o methodo a dar de si e as nossas municipalidades entraram a cahir em descredito. Não se juigue ser minha opinião que a entrega de posições de mando e responsabilidade entre as mãos de gente sem preparo nem traquejo, seja a causa unica desse juizo desfavoravel. Foi, porém, decerto factor dos mais influentes. O que é positivo é que a partir de então o Americano deu em ficar descontente com a administração municipal, emprehendendo a campanha para "pôr fóra os tratantes" e entregar o bastão a gente de bem.

"Observe-se que é ainda uma nova fórmula da velha obsessão americana. Não se pedia capacidade, mas antes honestidade. Bastava, pois, que um homem fosse honrado. O resto viria por si.

"Não tardou egualmente que fosse verificado serem os homens honestos e bem intencionados incapazes como os outros, a menos de tambem possuirem qualidades supplementares, de dar bons administradores ás nossas cidades."

Estes periodos definem a situação.

Ora, nos Estados Unidos, a ausencia completa dos funcionarios de carreira da Allemanha ou Francezes, ou dos esppcialistas technicos que a establlidade administrativa fez crear na Inglaterra, collocava portanto esses homens, mesmo aquelles a quem as relações politicas não tolhiam os movimentos, em situação de desamparo o mais completo que possivel é imaginar.

Para encurtar razões, nenhum dos dois elementos que definimos, necessarios á constituição de uma organização administrativa regular, marcava alli a sua existencia.

Facil é vêr as consequencias, mórmente nas grandes cidades e mesmo em periodos relativamente remotos, de vida menos compleada.

Uma commissão, encarregada pelo Estado de Nova York de

estudar novo plano de organização municipal, fazia commentarios desta ordem ao accrescimento da divida da cidade do mesmo nome, que passara, em 16 annos, de dezoito a 113 milhões de dollars. "Essa quantia teria sido mais do que sufficiente para executar a totalidade das obras necessarias a uma grande metropole durante um seculo, ornamentando-a ao mesmo tempo com esplendores de architectura e arte. Em vez disso, os pontões e caes estão construidos em materiaes de pouca duração; as ruas estão pessimamente caçadas; os esgotos na sua maior parte são imperfeitos, insufficientes e acham-se em mau estado; os edifícios publicos são impróprios e sordidos... Para fazer verdade, a maior parte da divida da cidade representa um monte de dinheiro deitado fóra ou mal applicado".

\* \* \*

Entretanto, o anno passado, a 30 de Agosto, realisava-se a convenção nacional de Nova York. O nosso conhecido e grande homem publico norte-americano Ellhu Root, que a presidia, encaixava os seguintes periodos no seu discurso inaugural:

"A administração das nossas cidades!... Porque, ha vinte annos, quando James Bryce escreveu a sua "American Commonwealth", era de facto o governo municipal na America um mytho e uma vergonha nacional. Graças aos céus, estão essas administrações em franco caminho de rehabilitação, rehabilitando-nos assim a todos nós. O governo das cidades Americanas é hoje em geral bem superior ao governo dos Estados. Desafio alguem a que sustente o contrario."

Ficou sem resposta o repto. Essa é a verdade. Sob pretexto de as ensinarem a governar-se, intervinham outr'ora a cada passo os Estados na vida das Municipalidades. Hoje, é com ellas que têm de aprender. E pouco, bem pouco, contribuíram para tal transformação.

Tudo quanto esta deve ás legislaturas estadoaes se limita a disposições legais, de constituição, e feitas, ainda assim, a pedido dos proprios municipes as mais das vezes. Sob pressão dos mais directamente interessados na boa gestão das coisas municipaes, achase de facto em via de desaparecimento na America do Norte o typo de governo municipal que agora encontramos entre nós, com um legislativo numeroso, tanto mais quanto maior o agrupamento, e um executivo que lá sempre foi de eleição directa.

Aos poucos substitue-se-lhe o typo conhecido pelo nome de "commission government". Cineo pessoas em geral formam essa commissão, com funções inteiramente analogas ás dos directores de uma companhia de estradas de ferro, como no exemplo a que anteriormente recorremos. Infeixa essa commissão todos os poderes do municipio. Elegem o seu presidente, ou este já é eleito directamente para o cargo. Repartem entre si os diversos ramos da administração dos quaes cada um fiea sendo o chefe do executivo, e o responsavel portanto. Quando o "mayor", ou presidente, é de eleição directa, faz elle

essa distribuição de serviços. E fica, de ordinario, com a administração dos negocios geraes, pertencendo a cada um dos outros as finanças, os melhoramentos publicos, a hygiene e instrução, a segurança. Quando reunidos, formam o legislativo com todas as suas attribuições.

Nada menos de 465 — quatrocentas e sessenta e cinco — cidades se dirigem por esse systema. Melhor seria dizer municipios, pois que se entre ellas se encontram agglomerações comparaveis a S. Paulo, como sejam a sua homonyma norte-americana, Buffalo, Nova Orleans, Denver, Jersey City e Portland, tambem apparecem as de dez mil habitantes para baixo, com caracter accentuado de centros ruraes. Em tão elevado numero contam-se quatro insuccessos, que talvez venham a ser mais uteis para o bem geral, do que os assignalados exitos contados, pois permittiram descobrir e esboçar previsões para evitar futuros desastres.

Attribuem os especialistas da materia as vantagens obtidas, em primeiro lugar, á demareação franca das responsabilidades. Era isso impossivel, ou quasi, com os grandes conselhos. Perturbavam elles a acção do executivo de tal modo que este arranjáva sem difficuldade attenuantes, senão explicação, para os erros commetidos. Em segundo lugar, o sentimento da responsabilidade produziu o emprego, cada vez mais generalizado, da actividade profissional. Augmentou consideravelmente o numero de contadores, bachareis em direito e engenheiros com pratica e conhecimentos especiaes dos assumptos de que iam occupar-se.

Cidades como Des Moines — população actual 104.000 habitantes, ou mais ou menos o tamanho de Santos — em que o deficit era chronico, elege a sua primeira commissão em Junho de 1907. Entra ella em funcções a 1.º de Abril de 1908.

No fim de oito annos de experiencia apresenta os seguintes resultados: 1 — Extinção do deficit a partir do segundo anno; 2 — Applicação de cerca de 400 contos por anno em melhoramentos de caracter permanente; 3 — Reducção de taxas na proporção de dois e meio millesimos por dollar. E' aqui citada a capital do Iowa a titulo de exemplo por permittir approximação com o importante porto Paulista, por ser possivel apanhar todos os particulares do systema no relatorio que foi apresentado recentemente á Associação Commercial de Norfolk — onde as coizas não andam boas e que delegou a tres dos seus membros o encargo de ir examinar como ellas se passavam em outros logares; finalmente, porque não constitue specimen dos mais perfectos.

Surgiram alli duas causas perturbadoras, que são os pontos mais fracos do systema. Havia, na commissão, um antigo empreiteiro de obras da cidade, homem respeitado e conceituado. Nella entrou, tambem, um advogado, especializado em materia criminal. Por engano dos outros, ou por qualquer outro motivo, puzeram o empreiteiro na

policia e segurança e o bacharel nas obras publicas... Entre as funcções de dois outros membros da commissão rebentou um conflicto de attribuições. E as que por lei pertenciam ao "mayor" e á propria commissão não permittiram pôr cobro aos transtornos que dahi resultaram. Dizem, porém, os dois industriaes e o commerciante de Norfolk no seu relatorio: "de tanta gente que consultámos na cidade a opinião unanime é que a gestão é boa e que a modificação foi das mais proveitosas".

Ha, é verdade, continuam elles, alguns que lhe encontram defeitos. Não nos occuparemos dos que preferem o antigo conselho, com as suas lacunas, porque o acham "democratico" ao passo que reputam "anti-democratica" a forma actual. O que achamos existir realmente é falta de unidade na administração por não haver um orgam que centralise a acção do executivo — o que se torna sobretudo nocivo em caso de conflicto. E' por isso que lhe preferimos a outra fórma de governo municipal — a do "city-manager plan" que vimos funcionar admiravelmente em Dayton e Springfield.

Sob esse nome é realmente conhecido o systema mais recente e que parece realisar a melhor solução para as condições da America do Norte. Trata-se, no fundo, de uma simples modificação da organização anterior. Differe della, porém, em que a commissão elge, ou melhor, nomcia um gerente — o "manager" — que superintende todo o executivo da cidade e que assiste a todas as reuniões dos commissarios eleitos, excepto ás que forem convocadas para estatuir sobre a sua demissão.

Parece inutil explicar a essencia do systema. E' o principio da responsabilidade directa levado ao mais alto grau. E' igualmente o principio da competencia. Setenta e seis municipios, com população urbana que vae desde Dayton com 130.000 até Collinsville com 1.234, o empregam actualmente. Goza o "gerente municipal" de regalias que não permittem a sua demissão, após seis mezes de serviço, senão com certas e determinadas justificações. A carreira do funcionalismo municipal, que fôra aberta por assim dizer, com a forma anterior, dilatou-se. Uma obra recente "The city manager: a new profession" dá conta desta corrente. Está-se vendo avolumar nos Estados Unidos a existencia de uma nova classe, analoga á dos burgo-mestres profissionaes allemães. As grandes universidades apparellham o ensino para esse objectivo, como já as escolas de commercio, direito e technicas tinham anteriormente aberto series para a contabilidade, o contencioso e a engenharia municipaes.

Foi, na verdade, o ideal allemão que inspirou directamente o movimento. Sempre consideraram os americanos, desde os precursosos da sua reforma municipal — estamos em presenca de um verdadeiro "movimento" e de uma lidima "reforma" — o "magistratsrath" como "a glorificação dos capazes, experimentados e entendidos á testa dos negocios que é a característica do systema Inglez". São estas as



proprias palavras de Albert Shaw a pags. 316 da sua obra "Municipal Government in Continental Europe" publicada ha quasi trinta annos, em 1898.

Tinha o modo germanico uma falha que o impedia de ser applicado, tal qual, no nosso continente. Leia-se Woodruff — National Municipal Review, de Janeiro deste anno — "Annos e annos esteve a attenção dos americanos presa com a effieciencia das cidades da Allemanha e maravilhada pelos admiraveis resultados da sua administração; não nos podia porém aproveitar a lição desde logo, por ser muito differente a nossa situação. Allí, essa exeeclente gestão é proveniente mais de uma prenda ou concessão da elasse superior, do que do desabrochar dos desejos e aspirações do proprio povo. Ora, o nosso problema, aqui, está em poder attingir essa perfeição mediante a acção directa do corpo eleitoral, e esse corpo se alastra eada vez mais sobre uma larga extensão do suffragio."

Quem leu o que atraz eserevemos sobre a Aliemanha comprehendendo sem diffieuldade a apreeciación.

E quem viu o que acabámos de expôr examinou e fieou conheendo a fórma sob a qual essa aspiração se está erystallisando, eom o maior provcito, allás, para o povo norte-americano.

Como lhe terá sido facil ir verifieando que a propria essencia de toda a estrutura é a de uma organisação eommercial pura e simples, "business-like" eomo a preeonisaram francamente os directores do movimento, em tudo semelhante á de uma grande empresa ou "corporation".

Não analysámos, todavia, ainda, o que de mais essencial, interessante e instructivo nos offereee essa evolução em que se revela toda a pujança e elasticidade de uma verdadeira democracia, em cujas veias corre o sangue partieularista dos Anglo-Saxões.

Por isso mesmo dissemos que os governos dos Estados tinham contribuido "apenas" eom leis de modificação constitucional, permitindo trilhar e pôr em pratica a orientação escolhida. Por felicidade para os americanos, os que o futuro ha de registrar na sua historia eomo sendo grandes reformadores da vida nacional, deram sempre ás leis, e ás disposições nellas expressas, o valor limitado e secundario que umas e outras de facto têm. Suppozeram sempre egualmente a idéa contraria eomo o mais perigoso dos erros, a mais funesta das illusões. Nunca deixaram de chamar a attenção de todos para esse ponto fundamental; agora, mesmo, após os triumphos alcançados, não cançam; advertem, previnem, acautelam.

"Para avallar como os resultados têm sido satisfactorios, bastará vêr como se exprime a opinião pela bocca da gente mais respicitavel, pelas columnas dos jornaes, pelas recentes eleições. De todos os lados se multiplicam as provas de apreço pelas novas formas de governo municipal. Mas, simultaneamente, vão-nos chegando aos ouvidos commentarios que significam pontos de vista erroneos relativamente ao papel que desempenha o systema na nossa vida municipal. Falam

aiguns como se as formas em si fossem responsaveis por todas as melhorias já realisadas; outros, como se da sua introdução devesse resultar, "ipso facto", uma transformação dos males existentes. O systema do "city-manager" é realmente de todos o mais, o unico pratico e commercial (business-like) e representa effectivamente o que ha de melhor conhecido em materia de administração municipal; se elle não for comtudo acompanhado por um sentimento publico activo, organizado e vigilante, por si pouco mais conseguirá do que os systemas nossos conhecidos dos tempos idos.

"A concepção que os americanos desses tempos possulam a respeito das administrações municipaes caracterisava-se essencialmente por uma demasiada influencia attribuida á lei e á fórma de governo. Ha ainda muitos para quem todo o problema consiste em reformar constituições e leis organicas. Mas a nossa nova concepção envolve apenas a utilisção da forma de governo mais apropriada á satisfação perfeita de uma opinião publica bem informada e esclarecida; se o systema do "city-manager" é hoje tão popular é porque elle synthetiza precisamente essa opinião.

"Fazer leis!... Mas isso nunca foi objectivo serlo. Mostrou o senador Root na sua recente oração que durante um periodo de dez annos, os varios corpos legislativos do paiz promulgaram para cima de sessenta e duas mil leis. O primeiro resultado de semelhante exuberancia é o ser-se levado a attribuir maior influencia á acção da lei que á do individuo. Outra, é crear um povo de violadores da lei; inconscientemente em grande maioria, mas nem por isso menos desastrosamente com o andar dos tempos. Pouca consistencia offerece a nação que deposita as suas esperanças sómente na lei. Não é licito esperarmos bons e proveitosos governos unicamente porque foram promulgadas leis bem feitas; os que se interessam pela redempção das cidades americanas e pela sua collocação em alto nivel de honestidade, integridade e effiçencia, devem diligenciar por basear-as no espirito como nas instituições publicas. A reforma, no pensar de muitos, consiste em introduzir na lei as idéas de que são maniacos, impondo-as por tal modo a toda a comunidade. O homem publico digno desse nome procura, para começar, despertar no espirito dos seus patricios a noção da importancia do governo municipal como factor dominante na vida da sua casa, e na da comunidade. Procura incutir-lhe o sentimento da responsabilidade que lhe incumbe a tal respeito. Sómente então é que trata de lhe pôr ao alcance o aparelhamento proprio para agir de conformidade com taes noções e sentimentos.

"Sentí sempre o mais completo accôrdo com o que pensava Carl Schurz. Dizia esse illustre biographo de Lincoln e um dos fundadores desta Liga que era preferivel dispôr de leis feitas pelo demonio e exccutadas pelos anjos do que constituições celestiaes postas em acção por mafarricos. Por outras palavras, o primeiro objectivo duma associação da natureza da nossa consiste em fazer desabrochar e desenvolver um sentimento colectivo firme, seguro e substancial, em favor de uma administração efficaç e democratica; dirigir em seguida esse sentimento, uma vez formado, por caminho certo e desembaraçado."

\*  
\* \*

São de Clinton Rogers Woodruff, secretario da "National Municipal League", as palavras acima, insertas no relatório lido na vigesima primeira reunião annual dessa sociedade, que se realisou em Dayton — por motivo da importancia dessa cidade e do magnifico exito alli obtido sob o "city-manager plan" — a 17 de Novembro ultimo.

Foi a "National Municipal League" que promoveu todo o "movimento", do qual sahio a "reforma" de cujas consequencias principaes

demostre até agora uma rápida e summaria idéa geral. Não se equivoque o leitor. Não confunda a obra da Liga com as tentativas de revisão das constituições municipais, levadas a cabo anteriormente na America do Norte e visando apenas modificações de pura forma. Relativamente á "fôrma", a Liga sómente preconizou uma desde o começo, a "commercial e pratica" (business-like), com duas modalidades, a "city-commission plan" e o "city-manager plan", das quaes a ultima, essa mesma, não passa de simples modificação da primeira. Já as mostrámos.

O que fará todavia a immorredoura gloria dessa associação benemerita é o movimento de idéas e de acções a que a sua influencia deu lugar, provocando o levantamento das populações dos municipios pela demonstração dos erros cometidos, dos remedios possiveis, do interesse em pôr cobro aos primeiros, applicar os segundos.

Encontrou a Liga nas grandes universidades e escolas do paiz os seus primeiros e mais preciosos auxiliares. Seria erro suppor, porém, que essas instituições se limitaram a abrir cursos e a ministrar o ensino que hoje constitue uma especialidade vastissima, tão vasta que a bibliographia destes ultimos quinze annos e publicada ha alguns mezes pelo Professor Munro, da Universidade de Harvard, abrange nada menos de cinco mil entradas. Note-se mais que essa bibliographia não entra em mildezas technicas, não tem a pretensão de ser exhaustiva mas apenas de assignalar os pontos capitais em cada ramo, visa quasi exclusivamente a produção americana e, finalmente, é producto da colaboração de cerca de duas duzias de nomes. Dillo o illustre cathedraticeo de "organisação municipal" do mais antigo estabelecimento de ensino do seu paiz, aceresentando sobre o ultimo ponto que procedeu dessa forma porque não ha mais homem algum que, sózinho, seja hoje capaz de apanhar todo o problema municipal, mesmo em seus termos geraes. Essa sua modestia permite medir a extensão da ignorancia em que aquil se vive, em que viviam aliás os Estados Unidos ao ser fundada a Liga.

Bastará dizer que mais da metade da bibliographia de Munro é de 1910 para cá, sendo quatro quintas partes posterior a 1905. Não admira. A maior parte do material accumulado, condensando observações locais e proprias á nação, é devido ao esforço da Liga e a missão desta, ao começar, não era facil nem dilatada.

Para conseguir o desenvolvimento nos dois sentidos, recorreu-se a um órgão especial, uma "agency" como o denominam os americanos. O órgão foi, neste caso, o "Bureau of Municipal Research". Fundaram-nos em primeiro lugar os estabelecimentos de instrução: contam-se uns vinte deste genero. Varias municipalidades os imitaram. Finalmente, em diversas cidades, grupos de municipais interessados, promoveram a sua criação sob os auspicios de importantes entidades de todas as classes, agindo como "trustees".

Forma o fundo de uma dessas organizações uma bibliotheca ou

archivo: alguns destes são notáveis no ramo particular a que de preferencia se consagraram. Como a acção desses repositórios documentaes seria forçosamente lenta, e a das academias egualmente, encarrega-se de lhe promover o rendimento util uma serie de inqueritos experimentaes ou de simples estudo, visando de preferencia questões de interesse paipitante na occasião e por qualquer motivo. Assim, no Rio, ultimamente, não teria sido o Club de Engenharia que teria aberto debates a respeito da rêde telephonica. Um "bureau" teria publicado desde logo informações precisas sobre as concessões analogas, sobre as tarifas, sobre as rendas e custeio dessa natureza de empresas, quantidade de dados, emfim, que com difficuldade os nossos engenheiros terão obtido, tendo tido segundo toda a probabilidade que se contentar, as mais das vezes, com os incompletos ou tendenciosos, que lhes foram fornecidos pelos interessados. E, se o "bureau" dispuzesse de meios sufficientes, alguém de conhecimentos e capacidade teria posto os vereadores e o publico ao corrente de toda a operação.

Nem sempre o "bureau" encontra as portas abertas no seu caminho. Foi o que succedeu de começo ao de Philadelphia, de quem foi aima esse George Burnham de que promettemos assignar a obra, por elle mesmo aliás espirituosamente contada em um banquete que teve logar naquella cidade, a 6 de Abril do anno passado.

"Organizados em 1908, no primeiro anno da administração Reyburn, cedo nos aperebemos de que eramos mais ou menos suspeitos ás autoridades; resolvemos por isso tatear o logar de menor resistencia para investir a praça. Demos com elle na repartição de educação que então era dirigida pelo doutor Brumbaugh. O nosso primeiro inquerito visou o funcionamento da secção de educação compulsoria, a cargo da qual se achava a vadiagem e o analfabetismo dos menores. Logo fleou patente que o funcionario á frente desse serviço não tinha competencia alguma; fez-se um relatorio a tal respeito com um estudo sobre a reorganisação da secção. Foi o relatorio archivado e nessa situação permaneceu algumas semanas. Perguntámos á repartição se tencionava ou não publical-o, ou se seriamos nós que deveriamos fazel-o. Realisou-se, á vista disso, sem demora a reorganisação da secção, sendo dispensado o chefe incapaz.

"Emprehendemos em seguida um estudo completo sobre a educação dos negros na cidade. Tão bem lançado foi o esforço que a actual disposição do serviço a esse respeito lhe obedece por completo, e o governo dos Estados Unidos mandou publicar o nosso relatorio.

"Preparou-se depois um regulamento completo para as escolas; outros estudos no mesmo departamento, entre os quaes um concernente á inspecção medica, tiveram a boa sorte de se imporem e de serem aproveitados.

"Mas a mais importante, talvez, das iniciativas da nossa missão foi a da repartição das finanças municipaes. E' preciso declarar desde já que o seu chefe nos franqueou por inteiro o acesso e foi-nos do mais valioso auxilio. Chamámos como consultor uma reconhecida autoridade na materia, o Professor Cleveland, do "bureau" de Nova York. Resultado — com a boa vontade do chefe da repartição, já remodelado, de alto a baixo, o systema de contabilidade — na opinião dos entendidos, não ha hoje no paiz inteiro municipio que possua melhor serviço desta natureza. Achamo-nos a caminho de poder organisar orgamentos em bases perfeitamente scientificas; estou certissimo de que o conselho municipal ha de



acabar por adoptar o plano; é necessario, porém, primeiramente, convencei-o, e ao publico, da impreterivel necessidade de assim proceder.

"Outro serviço que entrou em primeiro logar em contacto connosco foi o de hygiene e assistencia. O seu chefe que sempre nos dispensou bom acolhimento, mostrou-nos a difficuldade que lhe causava a falta de uma consolidação das leis do Estado, referentes á sua secção. Essas leis haviam sido promulgadas pelo legislativo estadual em periodos diversos, sem nexa nem coordenação, e affectavam profundamente a liberdade individual e o direito de propriedade. Foi feita a consolidação e será ella certamente o ponto de partida de obra ainda mais util.

"Em cooperação com outros "bureaus", levamos a effeito um estudo sobre a mortalidade das creanças da cidade. Delle resultou a criação de um serviço de hygiene infantil. Procedeu-se a outro estudo complementar sobre o supprimento do leite. De mãos dadas com a repartição official, teve logar a exposição lactea, comprehendendo todas as phases importantes da questão.

"Abriu-se um inquerito no hospital de doenças contagiosas, dando em consequencia o montar-se ahi uma contabilidade e um cadastro sanitario completo. Parallelamente, estudou-se o problema da inspecção aos productos alimentares. O nosso relatorio, agora terminado, vae ser publicado pelo Phipps Institute. Veremos, depois da discussão que terá logar, se as nossas conclusões devem ou não ser adoptadas.

"No departamento da segurança publica, fizemos imprimir e acccitar um manual para uso dos rondantes. Ha dezesete annos que o antigo não era revisto; pôde bem imaginar-se como era defeituoso e incompleto. Tomámos a iniciativa de crear escolas para os agentes de policia e bombeiros. Os resultados têm sido bons. Foi organizada, por um dos nossos membros, uma serie de instrucções completas, e dois regulamentos motivados, tratando de prevenção em materia de incendio.

"Na repartição de aguas, foi reorganizada a contabilidade. Na do patrimonio, um estudo cuidadoso levou a modificar a distribuição interna dos serviços. Eram conservados os paços municipaes por processo desordenado; cada uma das repartições se occupava apenas com as proprias dependencias. Apresentámos um relatorio a esse respeito cujas conclusões, em parte aproveitadas, já permitem uma economia de 30.000 dollars annuaes. Acreditamos que o aproveitamento total venha a dar-se, elevando essa economia a 50.000.

"Durante a administração do prefeito — "mayor" — Reyburn, abrimos uma devassa sobre os pezos e medidas usadas no municipio. E' difficil calcular a quantidade de combinações fraudulentas de toda a especie que foi descoberta. Dahi, a criação do actual serviço de aferição, cujo funcionar é excellente.

"A pedido do fóro municipal, acabámos de estabelecer um systema de fichas para a divisão do serviço domestico; por esse systema, além da organização de estatísticas, será possível auxiliar a obra de assistencia e socorros das instituições de beneficencia da cidade.

"Finalmente, transformámos o nosso escriptorio em verdadeira escola pratica de preparo para os candidatos a empregos publicos. Os oito que dahi sahiram, mostraram as vantagens do apprendizado recebido, tendo um sido engajado posteriormente por uma administração particular e outro voltado para o nosso serviço."

Diga-se, de passagem, a proposito deste final, que a Liga tem influido poderosamente nos Estados Unidos sobre o preparo e condições de admissão dos aspirantes a cargos officiaes, por intermedio de uma outra associação fillada á sua obra de educação civica e propaganda, a "National civil service reform league". Tem sido a tarefa desta ultima, talvez, o mais poderoso dique para defender a administração da influencia da politica; sob os seus auspicios têm sido crea-

dos verdadeiros estatutos para os funcionarios publicos, regulando-se-lhes as condições de admissão e promoção aos postos superiores e garantindo-se-lhes, tambem, a estabilidade.

Não menciona, o resumo que transcrevemos, uma outra consequencia, embora indirecta, da acção do "bureau" de Philadelphia. A acção, toda amigavel e nada estrepitosa allás, desse grupo de homens de boa vontade, não podia deixar de despertar a emulação, ou ciume bem orientado, das autoridades. Foi em virtude desse sentimento que a administração municipal da cidade entregou a gestão das "obras publicas" a um dos mais eminentes colaboradores de Taylor, Morris Llevellyn Cooke, a cujas iniciativas nos referimos no primeiro numero da "Revista do Brasil" e que allí tem realisado verdadeiros milagres, para os olhos dos que não sabem quanto prodigio é capaz de produzir o systema.

Não menciona, como nós deixamos de mencionar, muita outra particularidade, cada qual mais interessante, mas que triplicaria ou quadruplicaria o artigo, afastando-nos do nosso escopo principal.

E' esse o de mostrar, bem claramente, de modo concreto, o processo seguido pelos rehabilitadores do governo municipal americano.

Esecolhemos, muito de caso pensado, o exemplo de Philadelphia. Trata-se de uma grande municipalidade, cuja administração passou, em poucos annos, por transformação profunda e benefica. E, entretanto, não se lhe tocou, nem de longe, na forma de governo.

O cuidado, o grande, unico esforço dos que a si chamaram promover essa transformação, foi o de se approximar dos que occupavam as posições officiaes e mostrar-lhes, de maneira pratica e indiscutível, como era possível terminar com o ruim, melhorar o soffrível, consolidar o bom.

A primeira condição para poder chegar a esse resultado era pôr em jogo experiencia e competencia. Foi-lhes isso facilitado pelas organizações identicas anteriores, todas ellas desenvolvidas pelo estudo especial do assumpto.

Outra condição era saber-se impôr, não por meios escusos, mas pela propria autoridade. Impôr-se mansamente, mas impôr-se. O caminho, ninguem mais o ignora. Era eselarecer o espirito publico, tornal-o activo, vigilante.

Era pol-o ao corrente, com exactidão e lealdade, do que se passava nas regiões de uma administração em que elle era directamente interessado.

Foi esse o trabalho da Liga. Onde ella exerceu a sua pressão, sob taes moldes, o esforço foi irresistível. Como irresistível seria entre nós, ou em qualquer parte, se alguns se dispuzessem a tental-o.



\* \* \*

Compreender-se-á agora, com certeza, por que motivo considerá-mos meros simulacros os esforços que entre nós se estão assignalando neste momento relativamente ao problema municipal. Aos projectos pendentes nos dois Congressos, o Federal e o de S. Paulo, se oppõem os defensores da autonomia municipal.

Pensarão, porventura, os illustres representantes da opinião nacional que é por meio de disposições legislativas que tornarão effectiva tal autonomia? Pura illusão, talvez generosa, mas sempre illusão.

Só ha um meio de amparar a autonomia das municipalidades. E' ensinar-lhes a saber fazer uso apropriado dessa franquia, que é, não ha negal-o, da mais alta utilidade. No caso contrario, a tutela se impõe, de uma ou outra forma. E não vemos como os governos dos Estados, ou o da União, seriam capazes de dirigir melhor interesses puramente locais. A experiencia, allás, tem provado ambas as coisas.

Devemos conservar-a, pois, é certo. Mas essa obrigação implica uma outra: a de proporcionar-lhes todos os meios que são efficazes ao esclarecimento, á solução dos problemas que lhes dizem respeito. E nesse particular, seja a União quer os Estados, que detêm no Brasil em suas mãos a alta direcção do ensino secundario e superior, ainda estão por fazer a mais pequena tentativa.

Tambem não consta que nenhum dos acerrimos paladinos da prerogativa tenha tomado a mais modesta iniciativa nesse sentido.

Ainda nos achamos, pois, quanto á materia, na phrase "inicial", esteril, por que passaram os Estados Unidos e anteriormente foi assignalada. Aguardamos o remedio da lei, e nada mais.

Esse é aliás o traço de união entre os dois campos. Pensa por sua vez o illustre autor da reforma projectada para o conselho municipal do Rio, que mudando o recrutamento do eleitorado, vae chegar a resultados mais acertados. (\*)

Poderá, não contestamos, esse eleitorado — o das corporações que representam as varias faaes da actividade social do municipio — possuir qualidades que faltavam ao antigo.

Esecolherá — quem sabe? — gente mais experimentada e respeitavel. Passariamos assim exactamente á segunda modalidade de opinião que se formou na America do Norte, com as mesmas probabi-

---

(\*) Manda a justiça dizer que em nada de semelhante incidiu o relator do projecto pendente do congresso do Estado. O sr. dr. Alcantara Machado pronunciava no mesmo dia, quasi á mesma hora em que falavamos ao Gremio, a mais intelligente defeza da medida proposta, reduzindo-a á sua justa importancia e demonstrando uma comprehensão do assumpto pouco commum entre nós.

lidades de chegar ao insucesso que alli foi verificado. Basta ter acompanhado a marcha, a sequencia da acção que lá foi preciso desenvolver até, emfim, se poder chegar a resultados apreciaveis, para se aperceber do que nos esperaria.

E' mister que nos convençamos da realidade. Enquanto os alumnos das nossas escolas, mórmente das superiores, sabem, como sabem, quasi sem idéa do que seja o problema municipal de conjuneto, enquanto sobretudo, por meio da imprensa e dos outros meios de propaganda, não se ineutir no espirito do publico, e o que mais é, no da classe dirigente — que quasi por completo o ignora — o que é esse problema, quaes os seus aspectos, importancia e complexidade, nada de util e proficuo será conseguido.

Poderemos ter abertas no horisonte escuro; a acção de um homem de qualidades fóra do commum scrá, de quando em vez, capaz de assignalar a sua passagem pela administração alcançando resultados tanto mais admiraveis quanto, quasi sempre a maior parte de esforço lhe pertencerá em absoluto.

Têm já sido registados casos desses. São exeepções á regra. Esta, quasi unanime, é a de deixar situações difficeis e onerosas para os vindouros, em opposição ao que a experiencia technica do momento já permite evitar. Os incidentes por nós publicados anteriormente, a respeito do plano de melhoramentos de S. Paulo e da criação da capital mineira, falam mais alto por si do que quaesquer commentarios que porventura provoquem.

Mostram elles o que nos está faltando por completo, de alto a baixo, sem que ninguem pareça dar por isso. Ainda neste momento, na fundação da escola de Altos Estudos, na capital da União, se cuidou, e muito assisadamente, na edueação do nosso pessoal diplomatico e consular. Naquelle de que estão carecendo os nossos municipios não se pensou comtudo. E entre os dois aspectos da actividade nacional deixo á imparcialidade dos competentes decidir qual é mais premente e digno de interesse.

Sirva-nos de consolo saber que já outros, no nosso continente, praticaram o mesmo erro...

Mas que nos não seja levado a mal fazermos votos e jogarmos a nossa pedra para que a experiencia desses, que tão cara lles eustou, nos faça arrepiar carreira, quanto mais cedo melhor.

Setembro, 1916.

V. DA SILVA FREIRE.

---

---

# RESENHA DO MEZ

---

## MONOLOGOS

Houve tempo em que certos espiritos refinados, ou com pretensões a isso, gostavam de exaltar a Dansa á dignidade de arte de primeira ordem. Não lhes faltava argumentos, e até argumentos impressionantes. A Dansa era uma das primeiras manifestações humanas da arte; irman da Poesia e da Musica, procurava, como uma e outra, traduzir a belleza através de emoções. Ao numero e ao rythmo daquellas duas irmans, casava as harmonias visuacs das artes plasticas, a graça das attitudes nobres, aladas, o prestigio festivo da côr. Fundiam-se nella, pois, numa como synthese, em minutos de supremo prazer esthetico, todos os encantos e todos os amavios da Poesia, da Musica, da Pintura e da Esculptura, das artes dynamicas e das artes estaticas, — mas, para maior gloria, para mais rara valia e mais divino esplendor, ella reunia ainda todos os encantos da Arte ao grande, ao profundo, ao perturbador encanto da Vida. Emfim, não faltava materia para argumentação aos novos esthetas. Mas a principal razão por que elles proclamavam com entono a superioridade da Dansa não era nada disso. A razão principal estava em que a opinião eheirava a paradoxo — e ha espiritos que só gostam de pensar por paradoxos. Costuma dizer-se que apenas os philosophos pensam verdadeiramente, e que o resto

dos homens constitue o eterno rebanho incapaz de outra coisa que repetir o que já foi dito. Isto é apenas meia verdade. O immenso rebanho humano divide-se em dois ramos: o dos espiritos que só acham bem pensado aquillo que já foi pensado antes delles e o dos espiritos que só acham bem pensado aquillo que ainda ninguem pensou, ou que elles julgam que ninguem pensou. Ha os que só pensam por copia, e ha os que só pensam por paradoxo. Uns e outros julgam que pensam admiravelmente.

Os esthetas da Dansa tiveram continuadores. Dentro de algum tempo já não havia gente chic, gente de gosto e gente de talento que não arrisecasse, em cada opportunidade, o interessante paradoxo — com o ar de quem acabava de descobri-lo na vespera. Surgiram dançarinas reformadoras, avançando perturbadoramente, com attitudes extranhas, hieraticas, pelo caminho que os esthetas das salas e dos jornaes abriam calorosamente através da estupidez burgesa. O publico viu, applaudiu — era preciso applaudir — e eis o paradoxo dos precursors posto em miudos para o gasto dos camarotes de segunda ordem, nos intervallos. Universalizou-se afinal a opinião dos esthetas refinados e raros. O paradoxo de hontem é o lugar commum de hoje em dia.

Mas o engraçado é que ainda ha cavalheiros que, repetindo-o, se julgam paradoxaes, que o insinuam nas

conversações com uma pronunciada intenção de *épater*, que o escrevem com a secreta esperança de serem tidos por uns originaes de truz. Ao lado desses, que estão um pouquinho atrasados, ha os mais sagazes — os que já pereberam que o paradoxo deixou de o ser ha bem tempo, e que, para conservar a sua dignidade de paradoxaes perante a propria consciencia, atacam a Dança com idéas radicalmente oppostas ás acceitas, negando-lhe tudo... Qual arte, qual nada! Impostura, é que é.

Uns e outros — á parte o que ha de radicalmente insincero nessas attitudes deliberadas — têm a sua dose de razão. Tudo depende do ponto de vista em que nos collocarmos, ou considerando a questão *in abstracto*, ou tomando-a *in concreto*... — YORIK.

## OS NOVOS HORIZONTES DA JUSTIÇA E ASSISTENCIA

(REFLEXÕES PHILOSOPHICAS)

Montesquieu ligando o estudo das leis humanas ás leis naturaes — creava o principio das sciencias moraes, acreditadas de fundamento biologico pelos deterministas puros. Não me cabe nesta oportunidade refutal-os, nem avançar como novidade o caracter psychologico consciente da sociologia. E' o conceito de Durckheim e de Tarde, que, ultimamente, negava á psychologia direitos de cidade (pois a sociedade não é uma entidade objectiva), dando-lhe equivalentes racionais directamente ligados ás leis de imitação proprias ao organismo social e mais caracteristico ainda da sua nova orientação scientifica: acção intermental, psychologia intermental e, finalmente, da inter-psychologia. Fouillé fazendo a analyse interpsychologica do *eu* no facto consciente (*Morale des Idées Forcces*), chega, como lembra Gaultier, á affirmação do facto moral sem postular qualquer differença de natureza entre a consciencia pura e simples, seja a consciencia psycho-

logica, e a consciencia moral. Considerando o facto moral como a expressão transcendente do real, o seu estudo é de alguma sorte psychologico. A evolução progressiva vem confirmar a sua raiz subjectiva — a sua permanente condição de facto humano. O facto moral condicionado á expressão vulgar, racional, explica a sua fatalidade historica, o seu empirismo por assim dizer heroico. E' que elle representa uma somma consideravel de experiencias accumuladas — tendo por si mesmo um valor profundo. Está na tradição a força da consciencia moral, que tão obscuramente vem vencendo no tempo os desequilibrios das suas aventuras e contra-tempos. E' quo o facto moral está sujeito aos interesses complexos dos grupos sociaes e ás suas varias fórmãs de sensibilidade. Mas, o facto moral por sua natureza psychologica permite á experiencia humana a criação de novos valores ou valores invertidos, como ensinava Nietzsche. E' a necessidade particular que sentia o philosopho de dar á materia ardente dos instinctos fórmula de sentimentos humanos. Quaes são os elementos de inibição (pois a humanidade não possui uma organização social perfeita e, nem a propria idéa do justiça é compativel com o fundamento permanente da vida, a lucta), quaes os elementos dominadores das impulsões instinctivas? Na nossa civilização actual temos uma só: a lei, embora consciencia e lei sejam duas creações do espirito e não causas preexistentes, como preceitúa Boutroux. Mas, para realizar uma cultura séria do esforço moral, é preciso crêr — crêr no sentido mystico da revelação, do milagre, do divino. E' uma necessidade que se condiciona á necessidade particular do espirito. E' uma justificação provisoria, porém coerente ao nosso ponto de vista restricto quanto possível ao idealismo racional e não uma metaphysica especulativa e theoretica, como se deu com o socratismo. Com applicação directa aos phenomenos sociaes, a sociologia, fórmula de conhecimento, temos de fazer naturalmente uma dissociação de

idéas. O espirito critico destróe o fundamento do idealismo, tal foi o sentido da philosophia de Kant, que resolve as antinomias como entidades logicas e necessarias, exemptas de contradicção, dando as duas primeiras partes da *Critica da Razão pura*, partes em que Kaut faz a psychologia da these e da antithese, uma noção das mais contestaveis da doutrina analytica do mestre de Koenigsberg. Modernamente, para Gaultier, o termo philosophico por excellencia ó a antithese. Pelo primado da these Evellin e outros criticos da *Razão pura*, tentam a refutação do idealismo... Era agora a occasião propicia para indagar até que ponto o ideal pôde entrar no dominio dos factos?

E' mesmo possivel lembrar a assimilação precaria tão corrente hoje entre sentir e conhecer derivando disto o mysticismo philosophico contemporaneo, a corrente romantica do idealismo bergsoniano, tendo-se aruinado já o pragmatismo de W. James e Peirce. São propriamente philosophias impressionistas. O impressionismo philosophico como o esthetic, é, de alguma sorte, passageiro e falso. Donde resulta insufficiente todo o trabalho intellectual desenvolvido de Kant a Nietzsche: systematisação do personalismo das impressões (Almachio Diniz). Maeterlinck, no seu ensaio sobre a justiça, commenta muito bem o nosso momento philosophico (pragmatismo radical ou idealismo racional?) e assegura que em politica, como em literatura, como em philosophia, como em todas as sciencias, o observador vae vencendo o imaginativo. E' a noção da experiencia que se affirma essencial ao conhecimento. E' a fortuna singular do empirismo armado. Servir a propria cultura da moral os meios empiricos! Justificada a dissociação do conhecimento do moralismo, deste da ideologia, temos precisado a attitudo final dos metaphysicos racionalistas — dominados pela exaltação apaixonada da vida como fonte de alegria e belleza (passagem da sensação á percepção), vendo no phenomeno esthetic o instinetto social por excellencia, o instinetto da representação. A

propria materia, pela sua alma que é o movimento, dá, em ultima analyse, esta emoção do continuo — que é o fundamento consciente da intuição bergsoniana. Agora, feito o equilibrio dos themas philosophicos necessarios á comprehensão da materia, do eu consciente, da lei de dissociação implicando a noção de progresso, pudemos melhor analysar e julgar da importancia philosophica da ultima confereneia do sr. Ataulpho de Paiva, sobre os novos horizontes da Justiça e Assistencia. O illustre conferencista se insereve com a corrente dos evolucionistas que consideram a justiça como o principio geral do progresso, preceituando que, "ao conjuncto da evolução da vida social, deve estar inteiramente ligado o da evolução do direito". Logo após apura e identifica a concepção moderna do direito com o conceito do progresso e discute brilhantemente as opiniões dos sociologos modernos inscriptos contra a sua these, em particular Faguet, que faz sentir não haver *progresso*, e sim, *progressos*, o que no fundo resulta um paradoxo. Desenvolve o conferencista a sua these confirmando a sua idéa de progresso, transformado numa necessidade, numa verdade. Proseguindo e desenvolvendo conscientemente o seu thema, bem amparado pelo raciocinio natural ao fundamento logico da questão, o orador, seguro da sua orientação scientifica (empirismo objectivo) embora disfarçando a emoção intellectual, que é a vida e a alegria do pensamento, e pois a sua harmonia e belleza, não esquece na pesquisa racional da verdade a observação directa, como methodo psychologico de estudo dos problemas sociaes e moraes. Mas, faltando ao equilibrio espiritual, no desenvolvimento da sua these, o conferencista diz ser a solidariedade a caracteristica singular dos tempos modernos, o que na nossa opinião pôde ser considerado como uma visão politica transcendente, nunca como uma realidade philosophica essencial. A lucta é o caracter permanente da vida social — a sociedade sendo um organismo vivo!

Chegamos, finalmente, ao ponto culminante da erudita confereneia do

sr. Ataulpho de Paiva — o centro de projecção mental dos novos horizontes da Justiça e Assistencia, aos tres grandes factores das novas instituições sociaes: o *internacionalismo*, o *mutualismo* e o *solidarismo*. O internacionalismo é um facto, de accordo. O mutualismo, que o orador assignalou ha tempos como uma necessidade moral (o sentido da vida é de essencia moral), para a defesa social dos humildes, faz a sua trajectoria em linha recta, vencendo assim o caminho mais curto. Emfim, assignalando a intermitente crise do pacifismo, o orador proclama, com o seu ardente optimismo, sonhador activo como é, a sua força moral vencedora na consciencia collectiva dos povos. E' o pacifismo scientifico, racional, o que trata de melhorar a acção de um modo intelligente. O pacifismo armado, procurando systematizar as forças elementares, cahoticas e violentas da natureza. O orador mostra que existe esta corrente de cordialidade no nosso paiz, servidor, desde o imperio, das causas nobres e santas, quaes as da justiça e do progresso. "O sonho ha de caminhar paralelamente á acção", é um dos pensamentos mais felizes do orador, de onde se prova a sua visão interior espiritualizada. Não é difficil assim explicar a sua larga sympathia humana, pois a sua vida interior se transmuta na vida social. A sua expressão é feliz (*curiosa felicitas*, como dizia Petronio, um puro parnasiano da antiguidade latina). Em synthese é este o seu schema psychologico: intelligencia constructiva, fé no racional, optimismo pela consciencia dos valores humanos, tendencia ao divino inconsciente, equilibrio nas razões de ordem intellectual, sentimento apurado da fórmula, com o limite da realidade, sem a ironia e a duvida que são as formas de nostalgia do infinito. O seu pensamento é no fundo de esseucia pragmatica e considera os problemas sociaes — as attitudes immanentes da alma, da vida e da morte, como dizia Carlyle, condicionados á suprema Justiça. A tragedia da vida, é, pois, para elle, de essencia moral. — C. V. L.

## BIBLIOGRAPHIA

JAKSON DE FIGUEIREDO: *Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito* (Profissão de fé espiritualista) — Rio de Janeiro — Typ. da "Revista dos Tribunaes" — 1916.

A apreciação do presente volume é tarefa complicada. Elle intitula-se, tem por motivo e encerra reflexões sobre os livros de Farias Brito. Mas a critica (no caso, simples noticia de calendario) não é chamada a dizer sobre estes, scñão a contar, e por maior, quanto sabe das "Reflexões". O intuito do noticiarista é esse mesmo. Tambem nisso está a escusa de sua pressa...

Ha almas que parecem votadas á adoração. Por muito que este instincto se disfarce, a necessidade de adorar reponta sempre, como forma incoereivel de sua actividade. Jackson de Figueiredo é assim, em extremo afeiçoado a querer bem. Todo juizo, nelle, parte do affecto. Do affecto por si mesmo e do affecto pelos outros. Desta intensidade emotiva, dimana o feito do livro, que é, antes de tudo, um *laudatur* ao escriptor cearense. Depois, no correr do trabalho, dominando-o, certo tom pessoal, no sentido de uma preocupação de abrir, á indifferença do leitor, refolhos da propria alma. As "Reflexões" se assemelham, por este modo, a um schema de vida emocional. L. Stein criou, para typos deste molde, a denominação de *confessores*, porventura simples euphemismo, atraz do qual se divisa o *dilettante*, tão bem desenhado por Goethe como sendo o espirito em que se cruzam, immediatamente, technica e fantasia. Tal a impressão que se recebe de phrases onde, subentendida a consciencia, fala o A. de "realização do divino", "divino imperfeito", e de outras em que elle, voltando os olhos para o mundo do seu espirito, se confessa, ao mesmo passo, crente e atormontado por uma duvida infinita. Velhos aspectos de idéas de Fichte, feitas, a seu despeito, singularidades exquisitas, depois que o

romantismo estendeu até á philosophia as azas potentes da imaginação. Filiado a esta escola de pensamento e de expressão, é natural que o A. não escapasse á visão hegeliana do mundo, embora lhe não seja familiar a obra do grande dialectico. O *processus* de Hegel encontrou agasalho no conceito da evolução — esforço permanente do cosmos para adquirir consciencia de si mesmo (pg. 63) — conceito, creio eu, de intelligencia difficil, senão impossivel, fóra dos cyclos hegelianos...

Por estranho ao convívio de guias eminentes, mesmo daquelles de que mais devera approximar-se, como Fichte, Schelling, Hegel, Schlegel, adstricto a receber de segunda mão, desfigurado, o material de trabalho, pecca, muita vez, o A., assim no criticar o escriptor cearense, como nos juizos que aventura sobre espiritos de mais peso e vulto. Falhas, e não pequenas, encerram, por exemplo, as palavras de commentario á philosophia de Kant (pags. 45 e 121); de todo em todo ingenuas se me afiguram as observações a respeito ao já caduco *genis generalissimum* (pgs. 38 e segs.).

A'quelle descaço pelo convívio proveitoso dos grandes mestres, juntam-se, porém, um inexcidível desvelo por Novalis e um absorvente apêgo ás theorias delle. Idéa já em Novalis contida, ha de ecoar aqui, nas "Reflexões" de Jackson de Figueiredo. O "idealismo magico" do torturado cavalleiro da *blaue Blume*, esplendido cantor da noite e suas sombras, resurte nas paginas do escriptor patricio, inteiro, indivisivel, integral.

Num e noutro, no prongo e no epigono, o mundo se reflecte como "uma imagem symbolica do espirito", de cuja conquista resulta; o "amor é o amen do universo"; a imaginação exerce o grande poder, e a arte representa o grau maximo da evolução abstracta. Adiante. Para Jackson, Deus é o supremo refugio. A intelligencia humana conhece-o, porque, entre ella e Deus, so interpõe, ligando-os, o infinito (pag. 36). Aliás, tal conhecimento seria impossivel, consoante lição de Malebrancé. "Deus quer deuses", disse Novalis. Noutra pagina, entretanto, essa

idéa recebe expressão differente, o que leva duvida á segurança do systema. Aqui, o principio divino despe os efeitos de entidade suprema, de que o "pensamento é uma fulguração", para cahir na trivalidade do *noumenon*. Qual dessas hypotheses a melhor, não o sei dizer. No primeiro caso, se procuro na intelligencia humana o ponto de partida, sou forçado a attribuir ao Deus imaginado precariedade e limitação; se, ao revez, affirmo a identidade entre Deus e *noumenon*, estabeleço uma determinação, o que equivale á negação de noumenalidade. *Noumenon* não é uma cousa, nem entidade. Do ponto de vista do conhecimento, o enigma não se deixa decifrar. Philosopho já houve que poz, á evidencia, sob os olhos da avidez humana, os perigos de tentativas congeneres, que todas fracassam, ao embate de paralogismos, antinomias e demais escolhos, que a razão conhece e a fantasia não alcança...

Jackson de Figueiredo, fiel ao seu modelo, contorna então o problema, impondo á idéa um elemento emocional e sujeitando a razão á fé. O sentimento é a fonte unica do nosso conhecimento (pag. 65) e, ao mesmo tempo, uma fulguração de Deus. Seu mestre, Novalis, disse-o com mais simpleza: "A esphera do espirito é o dominio do milagre". E Deus é, afinal, a fulguração de minha fé. Ainda aqui se encontram mestre e discipulo...

A educação religiosa, recebida pelo A. em collegio protestante, não lhe passou pela alma, ao que parece, com a violencia das tempestades intimas; é, porém, assás verosimil della se tenha desprendido, suavemente, gota a gota, a unção religiosa de sua idéa, o mysticismo que é o traço fundamental nas "Reflexões".

Mas será o mysticismo philosophia?... — F. L.

VESPASIANO RAMOS:  
*Coisa alguma...* Rio, 1916 —  
Editor, Jacintho Ribeiro dos Santos.

O A. deve ser bem moço: reconhece-se isso porque se percebe sem pena que tem talento — e ainda não

tem individualidade. Quando se tem talento e não se tem individualidade, é porque ainda se é principiante na arte e na vida. Não ha no livro nenhuma nota pessoal forte — um modo particular de sentir as coisas, uma maneira independente de pensar, um geito unico de buscar a expressão propria. O poeta limita-se aos themas communs do emocionismo melancolico deante do amor, dos mysterios do nosso destino, das imperfeições humanas o das agruras da vida; e a sua expressão poetica e phraseologica se molda por typos conhecidos:

Minha mãe! Na existencia dolorosa,  
O teu filho, por ingremes caminhos,  
— Viajor perdido em selva tenebrosa,  
Chora, á falta da luz dos teus carinhos.  
.....

Natal. Chego á fazenda. As borboletas  
Cruzam-se em frente á chacara. Anotice.  
Ha boninas e rosas e violetas:  
Um céu de rosas tudo ali parece.  
.....

Inda hoje, e sempre, recordando aquella  
Manhã primeira em que nós dois nos vimos,  
Quanta saudade que sentimos della,  
Quanta saudade que nós dois sentimos!

E assim por todo o livro: um sabor persistente do "coisa já lida", um colorido geral de impessoalidade por tudo, por mais que o poeta fale de si. Mas, se elle é moço, como parece, isto passa. Nos moços, as impressões das leituras recentes, o entusiasmo pelos autores favoritos, o apego exaggerado ás formas exteriores do pensamento abafam frequentemente toda originalidade e toda sinceridade: um dia, porém, o joven poeta se descobre, reentra em si, commovido e espantado de haver fugido tanto de si proprio; e então elle começa realmente a ser um poeta. Façamos votos por que isto so dê, quanto antes, com o sr. Ramos. As suas qualidades de versificador são apreciaveis; o seu verso é em geral fluente, claro, elegante:

Prometteste voltar! Não voltes, Christo:  
Serás preso de novo, ás horas mudas,  
Depois de novos e divinos actos,

Porque, na terra, deu-se apenas isto:  
Multiplicou-se o numero dos Judas  
... E vae crescendo a prole de Pilatos.

Podiam multiplicar-se os exemplos.

HELIO LOBO — *A's*  
*Portas da Guerra* — Edição  
do *Jornal do Commercio*.

Já está publicado o novo livro do sr. Helio Lobo, *A's Portas da Guerra*, de que a *Revista do Brasil* reproduziu, ha mezes, um interessante capitulo.

O joven escriptor e diplomata estuda neste volume, o conflicto entre o Brasil e Uruguay em 1864 a proposito de offensas e agravos de toda ordem, feitos pelos uruguayos aos brasileiros e á nação brasileira.

Esse episodio da nossa historia diplomatica e militar tem uma importancia extraordinaria. Do conflicto com o Uruguay nasceu, ou, por outra, tomou pretexto a guerra do Paraguay; muito delicada foi tambem nessa occasião a acção da nossa diplomacia e preponderante o peso dos nossos recursos militares.

Nada mais lucidativo para o conhecimento das nossas deficiencias e das nossas vantagens, assim de ordem material como do ordem intellectual, do que o exame desse episodio. Opulencia da nossa diplomacia, encarnada superiormente em Silva Paranhos, bravura de nossas forças, representadas pela figura heroica de Tamandaré, desorganisação completa do nosso apparelho militar, attestada pela deploravel invasão do Uruguay e ausencia de educação politica, revelada pela demissão brutal e injustificavel de Silva Paranhos, ali estão algumas das lições que, do ponto de vista brasileiro, se colhem desse exame. Outras ha importantes tambem, mas bastam essas para tornar atrahente e significativo o estudo desse capitulo da nossa historia.

Já é conhecida — e apreciada — a maneira sobriamente distincta com que o sr. Helio Lobo escreve os seus trabalhos de historia. Despido de fantasias e declamações, o seu estylo, sempre sereno e medido, talvez um pouco frio, frieza aliás calculada o procurada, a frieza do motivo, torna-o um narrador substancioso e elegante na sua brevidade, que se acompanha com muito prazer e que se deixa com muito pezar. Ao criterio de historiador allia-se nelle uma dóso

elevada de sentimento artistico, de sorte que a documentação dos seus trabalhos, por abundante que seja, e sempre o é, nunca produz no leitor essa impressão de fadiga e aridez que constitue a atmosphera natural dos relatorios officiaes e dos livros de erudição feitos sem talento literario. Os seus trabalhos são solidos mas não são pesados.

O volume *A's Portas da Guerra* lê-se do uma assentada, sem saltar uma nota e sem contornar uma transcripção...

O livro inteiro é interessante e de principio a fim tratado com o mesmo cuidado. Merecem destaque, entretanto, os capitulos *Sós na America*, *Desarmados* e todos os que se referem a Rio Branco e á sua missão no Prata.

## MOVIMENTO ARTISTICO THEATROS

Isadora Duncan visitou o Rio e S. Paulo este mez. A impressão geral foi grande e forte, e o publico, se não proporcionou enormes *casas* á artista, sobretudo em S. Paulo, lhe fez entretanto um acolhimento intelligente e cordial. E' impossivel, porém, como sempre acontece em coisas de arte, muito misturadas sempre do moveis extranhos, entre os quaes avultam os criados pelo snobismo social e pelo cabotinismo literaria, saber-se até que ponto a dançarina americana agrada intimamente ao frequentador *médio* dos theatros.

A nossa opinião é que Isadora Duncan ó uma creatura extraordinaria, um *caso* raro de hipertrophia da sensibilidade esthetica num dado sentido. Essa hipertrophia levada a um certo ponto é o que constitue o genio, e não será absurdo enxergar genialidade nessa mulher que tem tão penetrante e mysteriosa intuição da belleza antiga, e que a traz, originalmente, dando movimento, emoção e vida ao que só vemos innoto e frio nos primores da estatuaria e da pintura. Mas a doutrina

de arte que ella parece pregar, e que sobretudo pregam os seus entusiastas, para justificar, elevar e propagar o culto da dansa como expressão de estados de alma e de idéas, — isso ó que deve ser acolhido ainda com cautelosas reservas.

Estreou a 21, a Grande Companhia Lyrica de que é primeira figura Maria Barrientos. Como a nossa *Revista* já estava a entrar para o prélo, só no numero seguinte poderemos referir-nos á temporada lyrica em São Paulo.

## MOVIMENTO LITERARIO

Acabam de apparecer dois livros de valor: a *Historia da Literatura Brasileira*, obra posthuma de José Verissimo, e *Ironia e Piedade*, varios escriptos de Olavo Bilac, edições da Livraria Alves. A *Historia da Literatura*, composta com aquelle amplo conhecimento dos assumptos, rigorosa probidade e desapaixonada isenção que caracterizam a obra critica do illustre amazonense, é, com certeza, e seja qual fôr o julgamento que se faça das idéas e opiniões expostas, um livro precioso, como bem poucos têm sahido de mãos de criticos no Brasil. *Ironia e Piedade* é um collar de deliciosas chronicas e divagações, feitas com muita alma e muita forma, como tudo o que sae das mãos do nosso grande poeta, que ó tambem um grande prosador.

A proposito: estes dois livros surgiram sem o mais leve ruido. Algumas rapidas linhas de noticiario em um ou outro jornal, e mais nada. Isto, num paiz onde se faz tanto rumor em torno do quanto folheto surge a lume com assignaturas desconhecidas, constitue um contraste chocante e inexplicavel. Mas não é dos jornaes a maior culpa: a grande culpa é dos editores, que ainda não se convenceram de que o commercio de livros precisa absolutamente,

como todo commercio, de annuncio e de *réclame*. Não é com meia duzia de linhas em tres ou quatro jornaes que se ha de levar a todo o publico ledor do paiz a nova do apparecimento de um livro, muito menos mover a curiosidade e despertar o interesse dos rofractarios. E' indispensavel chamar a attenção do publico, insistentemente, por intermedio da imprensa, do prospecto, da circular, do *affiche*, de todos os meios decorosos. Nada disto se faz, — mas depois proclama-se que o publico não lê, não sabe lêr, não quer lêr.

A recepção do poeta Goulart de Andrade na Academia Brasileira effectuar-se-á no dia 30 do corrente.

São candidatos á eleição, nas vagas existentes na mesma Academia, conforme se verificou no encerramento das inscripções: o sr. Barão Homem de Mello, na vaga de José Verissimo; os srs. Miguel Couto e Oscar Lopes, na de Affonso Arinos; o sr. Ataulpho de Paiva, na de Arthur Orlando.

Está-se imprimindo nesta capital um livro de sonetos de Guilherme de Almeida — “Nós”, com illustrações de Corrêa Dias. Esse livro, lido, ha dias, perante um grupo de homens de letras e amigos do autor, na redacção do “Estado”, causou excellente impressão.

O interessante trabalho do sr. dr. Alberto Seabra — “Os versos aureos de Pithagoras”, que é uma série de conferencias, será editado em volume logo que se termine a publicação nesta revista.

Devem realizar conferencias literarias, ainda este anno, na Sociedade de Cultura Artistica, desta capital, os srs. Alfredo Pujol, Alberto Faria, Alberto de Oliveira, Medeiros e Albuquerque e Oliveira Lima.

A mesma Sociedade, que já publicou dois alentados volumes de conferencias realizadas sob os seus auspicios, deu á composição mais um volume, consagrado inteiramente á bella serie de Affonso Ariños sobre “Lendas e Tradições Brasileiras”, e dará começo ao quarto volume logo que o sr. dr. Alfredo Pujol termine a sua brilhante serie sobre Machado de Assis.

## LIGA DA DEFESA NACIONAL

Fundou-se no Rio de Janeiro, a *Liga da Defesa Nacional*, graças á iniciativa dos srs. Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon. A primeira directoria da Liga é esta: Presidente, o sr. Wenceslau Braz, presidente da Republica; vice-presidentes: general Caetano de Faria, ministro da Guerra; vice-almirante, Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha; Dr. Pandiá Calogeras, ministro da Fazenda; conselheiro Ruy Barbosa, conselheiro João Alfredo, monsenhor Vicente Lustosa de Lima, dr. Pedro Lessa, dr. Miguel Couto, dr. Miguel Calmon e dr. Gabriel Osorio de Almeida. Thesoureiro, Affonso Vizeu. Secretario geral, Olavo Bilac.

Essa directoria foi eleita no dia 7 do corrente mez, quando se effectuou no salão da Bibliotheca Nacional, a primeira reunião do directorio organisador. Dizendo os fins da Liga, falou o sr. Olavo Bilac:

“O paiz já sabe, pela rama, o que esta Liga pretende fazer: estimular o patriotismo consciente e cohesivo; propagar a instrucção primaria, profissional, militar e civica; e defender: com a disciplina, o trabalho; com a força, a paz; com a consciencia, a liberdade; e, com o culto do heroismo, a dignificação da nossa historia e a preparação do nosso porvir. O intuito principal dos que nos animam é este: a fundação de um centro de iniciativa e de encorajamento, de resistencia e de conselho, de perseverança e de continuidade para a acção dos dirigentes e para o labor tranqullo e assegurado dos

dirigidos. O patriotismo individual, a crença pessoal, a consciencia propria nunca estiveram ausentes do maior numero das almas brasileiras. Mas esses sentimentos oscillam e vacillam numa vaga dispersão; e, nessa mesma dispersão deploravel, perdem-se e dissipam-se os esforços isolados. A extensão do territorio, a pobreza das communicacões, o accordo pouco definido de uma federaçào mal comprehendida, a mingua da ventura em muitos sertões desamparados, a inopia da instrucção popular sustentam e aggravam esta desorganizaçào. A descrença e o desanimo prostram os fortes; o descontentamento e a indisciplina irritam os fracos; a communhão enfraquece-se. E' tempo de protestar e de reagir contra esse fermento de anarchia e essa tendencia para o desmembramento. O protesto e a reacção estào nesta Liga, cujo titulo é claro e synthetico. A defesa nacional é tudo para a Nação. E' o lar e a patria; a organizaçào e a ordem da familia e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a industria, o commercio; a moral domestica e a moral politica; todo o mecanismo das leis a da administração; a economia, a justiça, a instrucção; a escola, a officina, o quartel; a paz e a guerra; a historia e a politica, a poesia e a philosophia; a sciencia e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade. Todo este programma vasto e complexo não pôde ser estudado e esclarecido pela minha palavra incompetente. Fundada a Liga, devemos hoje confiar-vos esta missão altamente nobre. Pedimos ás vossas luzes um estatuto para a Liga, e um corpo de doutrinas e de exemplos, de boa palavra e de boa acção, que sejam guia e conforto para o governo e para o povo. A's vossas mãos entregamos toda a segurança do Brasil. Quize-mos que esta primeira reunião do directorio central se realizasse neste dia. Assim celebraremos, sem solenidade, mas com o simples e sereno respeito dos verdadeiros crentes, o anniversario da Independencia. E' quizemos que esta celebração se fizesse neste lugar, — a casa dos livros, o templo das idéas, — cerebro do Brasil. Na minha consciencia,

e na humildade da minha fervorosa esperanza, acredito que este dia será, para a nossa historia, o complemento e o remate da obra de 7 de Setembro de 1822. Inaugura-se hoje a victoria da inteira e verdadeira Independencia da nossa nacionalidade.

Recebei com carinho a Liga da Defesa Nacional, creação de Pedro Lessa e Miguel Calmon. Deus vos inspire, e a patria vos abençoe!"

## A EDUCAÇÃO NACIONAL

O sr. A. Carneiro Leão realisou nesta capital, nos dias 24, 29 e 31 do Agosto, tres conferencias sobre educação. Versava a primeira sobre "O Brasil e a educação popular". O conferencista, depois de mostrar a situação social, economica e moral do paiz, affirmando a urgencia de educar o povo na escola do trabalho, na pratica da acção, no culto da energia, no desenvolvimento das qualidades individuaes—factores unicos e seguros para a formação de uma nacionalidade poderosa—patenteou o dosastre da nossa orientação abandonando a massa á ignorancia e dirigindo a minoria para as profissões publicas. E assignalou a necessidade de iniciativa, de acção perseverante, virtudes sómente adquiridas numa educação pratica que procure, antes de tudo, animar o homem a não contar senão consigo proprio, a não esperar pelos outros, a ser capaz de se desembaraçar, de se affirmar sozinho. Diz sympathisar com os processos e methodos de ensino paulista, mas deseja um desenvolvimento maior da educação popular, porque será por ella que se ha de affirmar o Brasil futuramente como uma das mais pujantes nacionalidades. A segunda conferencia foi sobre "Educação Civica". O sr. Carneiro Leão elama pelo alevantamento do amor da patria. Para amar a Patria é preciso, antes de tudo, que a conheçamos. E' pela sua geographia e a sua historia, é pelo cultivo cuidadoso da lingua que chegaremos a esse fim. E' tambem pelo serviço militar obrigatorio, mas deseja que o exercito se edu-

que. As fileiras, como estão, não podem ser ainda esse nucleo de civismo e de reacção contra o afrouxamento nacional. Depois é preciso ver a maneira de executar esse serviço. Se se fosse misturar desordeiros e desclassificados, aos nossos moços, á nossa juventude, obteríamos um desastre, onde esperaríamos uma salvação. Se se fosse arredar dois annos, a fio, dos seus estudos, das suas profissões, dos seus trabalhos, o adolescente patricio, despovoando os campos, perturbando a vida da mocidade brasileira ainda seria um grande mal. Mas, feito por alguns mezes apenas annualmente, ainda que durante varios annos, será uma medida magnifica.

E conclue: — Sem a historia que nos inculca a magnificencia do nosso passado e a geographia que nos mostre os fulgoros do nosso paiz, a grandeza do nosso territorio, o serviço militar obrigatorio que nos habitue á cooperação pela segurança da patria e a educação que affirme o direito, a justiça, as verdades liberaes do presente e a esperança de um grandioso futuro, o nosso civismo terá a consistencia das declamações retumbantes e vacias, que não aproveitará nem á patria, nem a declamadores nem a ninguem.

Sobre "Processos de Educação moral" é que versou a derradeira palestra do nosso collaborador. Nella o conferencista dá a sua opinião sobre a maneira de orientar e conduzir o individuo desde o berço e a escola, atravez as vicissitudes da vida. Insurge-se contra o exclusivismo do ensino moral abstracto, entendendo que a educação moral deve depender das condições vitaes psychicas e do meio em que vivem os educandos. Cita varios episodios, innumerables observações curiosas e convincentes de psychologos, educadores e moralistas em auxilio de sua these. E termina dizendo que os meios suggestivos são sempre salutaes quando a vitalidade está em condições de consentir que elles actuem. Nesse momento, então, os actos da vida diaria, uma leitura, o commentario de um facto, tudo é rico em motivos moraes e todo o educador

poderá e deverá saber encontral-os e mostral-os aos seus educandos.

## REVISTAS E JORNAES

### HOMENS

#### E COISAS NACIONAES

##### A COMEDIA ORTHOGRAPHICA

Ha tempos, o glottologista Brunot foi encarregado pelo ministro de Instrucção da França de apresentar um plano de reforma da orthographia. Apresentou-o. Tal foi, porém, a opposição que se levantou contra a proposta do illustre scienista, que acharam prudente deixar o projecto dormindo na pasta ministerial. Sallentaram-se nessa campanha os literatos, que lá, como em outras partes, ainda se têm na conta de unicos defensores e guardas da sua lingua, — idéa que tinha a sua razão do ser ha um seculo atraz, quando se julgava que as linguas se *fixam* ao atingirem um certo grau de perfeição *literaria*, mas indefensavel desde que se constituiu a sciencia da lingua-gem. As principaes objeções eram as seguintes:

*A reforma pretendia fazer a orthographia andar mais de pressa do que a lingua* (objecção de Berthelot). — Ora, a verdade é que o autor do projecto pretendia apenas que a orthographia não permanecesse tão atrazada em relação á marcha evolutiva da lingua: a orthographia actual é com pouca differença a mesma do seculo XIII, e nesse periodo de setecentos annos a lingua mudou muitissimo. Basta recordar que Joinville escrevia *moi*, eu, e pronunciava *mo-í*; escrevia *mains*, mãos, e pronunciava *ma-ins*. Hoje, pronuncia-se *moá*, *men*, e escreve-se da mesma forma que nos tempos de Joinville.

*A reforma desfiguraria a lingua.* — O contrario é que era verdade: a orthographia actual é que desfigura a lingua, não só porque está atrazada de sete seculos em relação a ella, como porque, reagindo sobre a pronuniação de muitas palavras, lhes modifica indebitamente a for-

ma, reintroduzindo nellas sons já desaparecidos ou emprestando-lhes sons que ellas nunca tiveram (como em *dompter*, onde um errado zelo etymologico collocou um p injustificavel).

*A reforma era anti-etymologica, e a etymologia deve ser a base de todo systema orthographicum.* — Tambem não é verdade que a reforma fosse anti-etymologica. Em certo sentido, nenhuma orthographia pode deixar de ser etymologica. Quer se escreva *lais* ou *lé*, a palavra é a mesma e a sua origem não pode ser obscurecida. Haveria até vantagem para os etymologistas, em escreverem-se os vocabulos como se pronunciam, porque assim os erros e fantasias orthographicas não os levariam a perder a pista ás formas evolutivas que estudassem. Demais, isto de etymologias não tem nenhuma importancia pratica para o commum dos homens. A maior parte destes podem aprender a escrever *doigt* com *gt* o *philosophie* com dois *ph*, mas nem por isso ficar sabendo de onde vieram esses vocabulos.

*A reforma rompia com a tradição.* — Ao contrario; ella procurava fazer que se voltasse á velha tradição de todas as linguas, interrompida modernamente: considerar a orthographia como uma simples vestimenta da lingua, sem direitos proprios, obrigando-a a accomodar-se quanto mais ao corpo a que se destina.

*A reforma era de um phoneticismo exagerado.* — Outro erro: não era "phonetica" e reforma proposta. A orthographia phonetica, systema em que a cada som corresponde um unico signal e a cada signal um unico som, não pode ser usada pelo publico, por sua complicação, e ninguém sabe disto melhor do que os linguistas, que empregam o systema nos seus trabalhos scientificos especiaes, quando tratam de distinguir com certo rigor as numerosas differenças de sons existentes na lingua.

Por fim, surgiram objecções sentimentaes, como a dos que se oppunham á abolição do *y* porque esta letra, além de outras virtudes, suggeria logo a forma do *lys*... A ob-

jecções dessa ordem nada ha que dizer. São irrespondiveis.

Ha cerca de dez annos, a Academia Brasileira adoptou uma reforma proposta por certo grupo de academicos, á frente dos quaes se achava o sr. Medeiros e Albuquerque. Essa reforma, entretanto, não foi aceita officialmente, não logrou ser seguida senão por poucos escriptores, e entre estes nem estavam sequer todos os academicos. Quatro annos depois, surge a reforma portugueza, elaborada por uma commissão de illustres philologos. Adoptada officialmente e obedecida pela maioria dos jornaes e dos escriptores, essa reforma encontrou no Brasil a mesma opposição que em França se levantou contra o projecto Brunot. Reeditaram-se aqui todas as objecções levantadas em França contra esse projecto. Para responder aos adversarios de cá bastaria recapitular a discussão travada varios annos antes naquella paiz. Assim, a reforma portugueza, que devia ser acolhida, a quereremos razoavelmente agir, como uma pequena sorte-grande que nos livraria de uma situação de desordem desagradavel e prejudicial, naufragou por completo no Brasil. Continuamos a ser o unico paiz do mundo civilisado onde cada um escreve como lhe parece, onde nem sequer nas escolas officiaes se observa um systema orthographicum unico.

Ultimamente, a Academia resolveu estudar a reforma portugueza, parece que num intuito de accordo. Mas ó pouco provavel que se consiga esse effeito. Por um lado, a opposição já se levanta do novo por todos os cantos, destruidora, tenaz, e por outro lado a Academia, autora de um plano, difficilmente se resolverá a abrir mão do seu, anterior em data, para aceitar o extranho. Entretanto, se ella se collocasse num ponto de vista elevado, como o dos interesses superiores da lingua e da literatura, seria facil a conciliação. Partiria do principio que todo systema orthographicum deve ter por objectivo servir a quantos escrevem em lingua portugueza, e portanto deve regular-se, não pela pronunciação de Lisboa, do Alemtejo, do Minho ou do Rio de

Janeiro, mas por todas ellas, procurando, não represental-as todas, mas a todas accommodar-se. Ora, sob este criterio, a reforma portugueza é superior á brasileira. Considerado isto, e ainda que aquella já está officialmente adoptada em Portugal e já é lá seguida por toda a gente, nada ha de melhor a fazer do que saltar por cima de preocupações estreitas e perfilhal-a sem restricções. Allegam alguns que os portuguezes a fizeram sem se incomodar com o parecer dos brasileiros competentes, sem consultal-os, como que resolvidos a impol-a. Será melhor, por todos os motivos, que não se leve a questão por esse caminho. Limitemol-a ao seguinte: a reforma portugueza é boa, ou não é? Accommoda-se, ou não, aos habitos prosodicos dos brasileiros em geral? Se sim, adoptemol-a logo. Se não, — tambem será preferivel adoptarmol-a, ainda que com alguma restricção, a continuarmos na anarchia deploravel em que vivemos; porque emfim é um systema, e um systema bem feito, e um systema que garantirá a unidade orthographica nos dois paizes. Demais, se formos entrar em considerações extranhas ao merito da reforma, talvez tenhamos de reconhecer que antes dos portuguezes andaram mal os brasileiros, pois a reforma adoptada pela nossa Academia é anterior de varios annos á official de Lisboa. Não curemos disso. Tratemos de fazer obra de bons amigos da nossa velha e nobre lingua portugueza, de attender aos multiplos interesses ligados á manutenção da unidade.—(Amadeu Amaral — *O Estado de S. Paulo.*)

#### CLINICAS ESCOLARES GRATUITAS

Entre as muitas falhas e omissões que de longa data prejudicavam o ensino primario na Capital da Republica destacava-se a que se referia á organização de um serviço regular de inspecção medica nas escolas, architectado sobre bases rigorosamente technicas e dentro das quaes se dispusessem todos os instrumentos de defesa sanitaria da creança.

A semente dessa organização foi lançada no Districto Federal em 1909. Data dessa época a iniciação no territorio brasileiro do serviço de inspecção medica escolar em cujo plano collaboraram profissionaes de atilada competencia. Suspenso pouco depois esse serviço, em fins de 1915 o professor Azevedo Sodré, que então exercia as funcções de Director da Instrução Publica, o restabeleceu, como um corollario logico do seu complexo programma de remodelação do ensino primario e elemental nas escolas do Districto Federal, dando-lhe a designação de "Inspeção Medica Escolar", que se occupa de todas as questões que interessam a collectividade infantil no seu transcurso pelos estabelecimentos municipaes de ensino. A esse serviço deve-se, porém, adicionar, sem perda de tempo e como complemento logico do benemerito serviço de puericultura nacional, organizado pelos poderes publicos, a creação das clinicas escolares gratuitas, que no Rio de Janeiro terão a funcção de acudir, de modo pratico e effectivo, á parte indigente ou necessitada da sua população infantil, concedendo-lhe graciosamente o socorro medico, pharmaceutico e até mesmo dietetico, que devo revalidar a sua saude no caso de estar avariada ou combalida. Trabalhando com o apoio moral e material da Municipalidade no interior dos meios pobres, ella exerceria o papel de uma força intelligente e activa, habilmente dirigida contra os factores maximos da mortalidade infantil: a miseria e a ignorancia. Uma vez assignalada pela autoridade sanitaria a molestia ou affecção que priva o educando de comparecer ás aulas, o socorro daquellas clinicas não deve tardar.

A organização das Clinicas Escolares gratuitas no Districto Federal é uma necessidade inadiavel, que não pode ser discutida nem impugnada, se fôr levada em linha de conta a grande massa de crianças indigentes ou quasi indigentes que frequentam annualmente os estabelecimentos de ensino da Municipalidade. Em 1916 a cifra das matriculas subiu a ...

67.985, não sendo fóra de acerto deduzir desse total cerca de um terço de escolares reconhecidamente pobres.

As Clinicas Escolares Gratuitas, do mesmo modo que a assistencia dentaria, encarada pelo seu valor prophylatico, e as Colonias de férias, prometidas aos infantes convalescentes e deprimidos, lymphaticos e debilitados, são, neste momento em que todos os paizes cultos defendem a vitalidade dos seus filhos, procuram melhorar a sua raça, amparam as classes proletarias e dão combate á indigencia e ao egoismo, um instrumento prestimoso, porquanto salvando as crianças pobres das garras da morte, reabilitam valores sociaes que não devem ser annullados, protegem unidades economicas em formação e que não podem sair da circulação, sob pena de abalarem os creditos e o progresso das nacionalidades novas a que pertencem. (Dr. Luiz Barbosa — *Jornal do Commercio*).

## HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

### O IMPOSTO SOBRE A RENDA

O typo mais perfeito do imposto geral sobre a renda, e aquelle em que a fiscalisação é levada ao limite extremo, é o *Einkommensteuer* vigente na Prussia. Esse imposto sobre a renda tem varios defeitos, entre os quaes: a obrigatoriedade da declaração, a taxação arbitraria e os poderes discricionaes dos agentes publicos. Apesar do rigor das medidas coercitivas, de tres declarações uma é contestada. E, o que é mais, o imposto não dá grande lucro ao Estado. "E' preciso reconhecer, escreve o sr. Caillaux, que em theoria o imposto allemão sobre a renda é quasi perfeito. Infelizmente, o systema ideal da declaração produz, na pratica, resultados bem medioeres". Effectivamente, em theoria o *Einkommensteuer* seria propriamente a forma ideal do imposto sobre a renda, se, no interesse das finanças publicas não fosse necessario verificar a declaração obrigatoria dos

contribuintes. O fisco prussiano possui illimitados poderes para conhecer o total das rendas de cada individuo; e o contribuinte é abandonado ao poder disercional da administração publica, que lhe póde violar a liberdade individual e até o segredo dos negoeios. Esse imposto é, em summa, a expressão do que ha de mais duro e mais rígido numa legislação fiscal; e representa, sob a forma moderna, um estado de escravidão, de absoluta dependencia da personalidade humana á autoridade legal. O *Einkommensteuer* não é uma innovação fiscal dos nossos tempos: ao contrario, a sua origem é bastante remota. Já em 1812 o systema de declaração fiscalizada era admitido na Prussia, com penalidades severas, tanto que a metade do capital occulto podia ser confiscado. A resistencia encontrada na primeira tentativa persuadiu o legislador a renunciar ao imposto. Em 1820 recorreu-se a uma divisão em classes e sublasses, devendo o contribuinte, a juizo do fisco, inserver-se numa classe ou noutra. A cada subclasse correspondia uma taxa uniforme. A primeira lei do imposto sobre a renda na Prussia foi promulgada em 1852 e modificada em 1873, depois da abolição dos diversos impostos de origem foudal. Finalmente, em 1891 a declaração voltou a ser obrigatoria. Essa declaração e a verificação della constituem presentemente a base do systema prussiano. Ha commissões especiaes que conservam o contribuinte sob uma rigorosa fiscalisação. E no emtanto, a fraude é frequente. "Adquire-se a convieção de que numerosas declarações são inexactas e que a maioria dessas declarações falsas não é contestada", confessa um conhecido politico. Ha casos, além disso, em que é difficil mesmo ao contribuinte mais consciencioso, avaliar com certeza os lucros de uma empresa commercial ou agricola. E como consequencia de tudo isso registrou-se, em 1912, sobre uma renda taxavel de 16 bilhões de marcos, apenas a somma de 377 milhões recolhida para o imposto sobre a renda.

Mais do que o exemplo da Prússia, porém, os partidários do imposto total sobre a renda, citam o da "livre Inglaterra", que apresentam como o modelo das nações submettidas a esse imposto. Entretanto, quando se considera imparcialmente o systema do *income tax*, se constata que o povo inglez não está ainda bem habituado a tolerar-o, e que, sob muitos aspectos, seria preferivel o antigo systema da França. O *income tax* foi introduzido na Inglaterra em 1799 para sustentar a lucta contra Napoleão; e, apesar da elevada taxa de 10 % deu apenas 150 milhões, contra a expectativa de Pitt que contava com 250 milhões. Em 1801, com grande satisfação do povo, foi supprimido; mas, em 1803, reencetadas as hostilidades, appareceu o imposto cedular, que occasionou a mais profunda aversão. Em 1815, lord Brongham acabou com esse imposto, prometendo que, na Inglaterra, nunca se veria outro semelhante. Todavia como em 1840 as finanças do paiz não haviam melhorado, e depois de uma violenta crise industrial e operaria, Robert Peel restabeleceu o *income tax* para um periodo renovavel de tres annos; e até os ultimos tempos esse imposto não se havia incorporado na lei do orçamento, mas era objecto de um voto especial.

A Historia dá sufficiente testemunho das difficuldades encontradas pelo fisco, mesmo na Inglaterra, para estabelecer o imposto sobre a renda. O *income tax* cáe sobre as rendas nas suas proprias fontes: o inquilino deve descontar o imposto do aluguer que paga ao senhorio; o industrial dos salarios que paga aos operarios e empregados; o banqueiro dos titulos que paga aos clientes. E' um imposto cedular, sendo cinco as cedulas, cada uma das quaes formando uma taxa especial perceptivel de modo diverso. Mas, se é facil exigir uma taxa precisa sobre os alugueres, sobre os salarios, sobre os titulos; se é possível avaliar a rendas dos immoveis, e estimar arbitrariamente os lucros dos agricultores, bem mais difficil é conhecer os lucros do industrial

ou do commerciante. E ainda aqui encontramos em vigor um systema essencialmente inquisitorial, que viola o segredo dos negocios e levanta protestos unanimes. Quando as finanças do Estado se achavam em boas condições, o fisco aceitava como exacta a declaração do commerciante; mas, de 1907 em diante, o Thesouro inglez é mais rigoroso e exige a apresentação dos livros de commercio e, sob juramento, sujeita a interrogatorios os empregados. Depois do principio da guerra houve varias modificações do *income tax* com o fim de lhe augmentar os rendimentos. No anno fiscal de 1912-13 esse imposto produziu 41.206.000 libras esterlinas, com a taxa de um shilling e dois pence. A lei financeira de 1915 elevou a taxa a 2 shillings e 6 pence, e, no discurso de Setembro desse anno o ministro das Finanças pediu um novo augmento de 40 %.

Vejam os agora o systema em vigor na França. Antes de 1789 era continua a lucta entre o fisco e os contribuintes. A Revolução pôz termo a isso, inaurgando o systema de medir a riqueza do individuo pelos signaes exteriores della, impondo-lhe a taxa proporcional: o unico systema, na verdade, que é applicavel num paiz "onde a Constituição, os principios, as leis, os costumes, prescrevem toda especie de inquisição". Os novos impostos estavam já em vigor quando um "deficit" de 60 milhões foi constatado no orçamento de 1793. O orçamento de 1792 era de 600 milhões ao todo, sendo preciso manter mais uma fonte de imposto. O deputado Vernier apresentou então um projecto de taxa sobre o luxo, em que avaliava em mil francos o necessario á vida, para cada pae e cada mãe de familia, e em 500 para cada filho; essas sommas eram isentas do imposto sobre o luxo que devia realhir progressivamente sobre as cifras maiores. "A unica difficuldade, declarava o proprio Vernier, será a de descobrir o verdadeiro lucro liquido do contribuinte". E é estranho que a lei votada em 1914 reproduza nas linhas principaes, exactamente esse projecto de

1793. O imposto sobre a renda em França é uma taxa nova, porque não substitue nenhuma já existente. Só deve recahir sobre 500.000 contribuintes, no maximo. Será applicado a todas as pessoas, mesmo estrangeiras que tenham em França moradia habitual. São isentos de imposto: os celibatarios e as nubes, cuja renda liquida fôr inferior a 5.000 francos; os casados sem filhos, cuja renda não fôr além de 7.000 francos; os casados que tiverem uma pessoa a seu cargo e cuja renda não fôr além de 8.000 francos. O imposto normal é de 2 por cento, mas a lei prevê reduções em casos especiaes. O contribuinte não é obrigado a declarar a sua renda: se não o faz nos dois primeiros mezes do anno, recebe um aviso do fiscal, concedendo-lhe mais um mez de prazo, e prevenindo-o de que, passado esse novo prazo, a sua renda será fixada om tal quantia. O "contrôleur" não pôde recorrer senão aos elementos certos de que dispõe para verificar as declarações, mas os meios de investigação de que dispõe a administração publica são muito vastos. Se o contribuinte reclama contra a cifra fixada pelo fiscal, deverá produzir provas sufficientes, sem as quaes a quantia não poderá ser alterada. Quando se abrir uma successão, o Thesouro perceberá as taxas não pagas ainda. O grande agente executor da lei é pois o fiscal verificador das contribuições directas: é elle quem recebe as declarações, as discute, as recusa, e quem estabelece a avaliação do fisco. Se a avaliação é arbitraria, o contribuinte pôde reclamar. Mas com que provas? Livros, actos authenticos. Assim, um negociante que quizer reclamar terá que pôr em publico a sua situação commercial. E' inevitavel: o imposto pessoal sobre a renda baseado sobre a declaração não pôde existir sem inquisição fiscal. Para salvar o contribuinte dessa dependencia, foram suggeridos outros alvitres. Paul Leroy-Beaulieu queria augmentar de um decimo os impostos existentes. Tournon apresentou um contra-projecto que respeitava a liberdade indi-

vidual. As duas idéas tinham a vantagem de dar resultado muito melhor do que o que se espera da nova lei sobre o imposto. Mas não trariam o inventario dos patrimonios que parece ser o fim principal a que se visa. Será, porém, no momento actual aconselhavel semelhante inventario? Será util e prudente constatar officialmente, a diminuição da riqueza publica que os acontecimentos sem duvida nenhuma ocasionaram? (Etienne Falck — *Le Correspondant*, Paris).

#### O NACIONALISMO NA ARGENTINA

Sejam quaes forem as suas fontes, o sentimento nacional argentino é singularmente ardente. A presença no solo argentino, de grande numero de estrangeiros não faz senão que esse sentimento se torne mais ardente nos argentinos de nascimento; e os proprios estrangeiros lhe soffrem o contagio: os que chegaram crianças ao paiz, se convertem quasi sempre em patriotas argentinos e os filhos têm, além do amor á patria argentina, um profundo desdém pela terra de que os paes procedem. Não se pôde dar uma definição do sentimento nacional argentino que abranja todas as formas diversas que esse sentimento revestiu desde a formação da nacionalidade. A historia argentina teve primeiro as lutas da independencia, depois longos esforços para dar ao paiz uma contribuição e uma organização administrativa — e emfim o movimento contemporaneo de emancipação economica. Cada geração teve, pois, a sua missão, o seu ideal; cada geração, consagrando-se a problemas novos, tem a sua maneira de ser patriota. Mas nem por isso renega a tradição das gerações precedentes. Não ha talvez outro paiz onde a imprensa, a Universidade e a escola trabalhem com tanto accordo em preservar a recordação das glorias nacionaes. Essa propaganda tem dado os seus fructos. Não encontrareis um rapazote ou uma menina que não se levante logo, orgulhosamente, ao ouvir o nome de San Martin. As pai-

xões politicas da geração da organização nacional, a de Urquiza e a de Mitre, de Sarmiento e de Alberdi, não se dissiparam logo que as guerras civis se aplacaram e quando o paiz se pôz a trabalhar. Ellas vivem ainda, mantidas por alguns nacionalistas que crêem poder encontrar nas grandes doutrinas do federalismo ou do militarismo um programma de partidos contemporaneos. Esforços vãos, politica artificial de historiadores que procuram no passado um quadro para um presente tão differente. Os programas dos partidos politicos argentinos parecem dever cada vez mais organizar-se em torno dos graves problemas da criação e da distribuição da riqueza, porque a formação da sua potencia economica tem sido, desde ha 50 annos, o centro da vida do paiz. O sentimento nacional argentino é, pois, anterior ao periodo da expansão economica. Elle não desapparecerá com ella, nem foi ella que lhe deu o seu matiz actual. O amor da patria se confunde, em todo argentino, com o legitimo orgulho que lhe inspira a sua riqueza, a rapidez dos seus progressos, o logar que o paiz veiu a occupar dentro de poucos annos, no commercio mundial. O patriotismo argentino alimenta-se das estatisticas e dos graphicos infinitamente repetidos e renovados, que traduzem as diversas formas dessa criação de riqueza, estatisticas do commercio exterior, do movimento de fundos nos bancos, das vendas de terra, da extensão das culturas, etc. Não ha um jornal que não forneça tudo isso, com o que nunca se cança o publico: a sua melhor ambrosia é mesmo essa.

A satisfação pessoal que dá ao commerciante a extensão dos seus negocios, ao proprietario a alta de preço das suas terras, ao agricultor a opulencia das suas colheitas — tudo isso explica o sentimento de orgulho colectivo. Este sentimento decorre naturalmente, porque a prosperidade dos individuos está estreitamente ligada á do paiz — mas existe por si mesmo, independentemente de todos os sentimentos individuaes, existe no mais pobre, no

mais indifferente ás riquezas, e nas crianças. Os problemas politicos não interessam a grande massa. Isso, porém, não quer dizer que seja fraco o sentimento nacional. Nunca outro povo teve mais clara consciencia da sua solidariedade. O orgulho nacional coexiste muito bem com a indifferença pelas instituições politicas do paiz. Tanto menos se exige que a administração contribua para a formação da riqueza quanto é maior a confiança no proprio paiz, nos seus recursos naturaes e na sua população laboriosa. Em alguns, a fé nacional é tão profunda, que estão persuadidos de que o paiz é tão rico e tão protegido da natureza, que pôde supportar mesmo o luxo de um mau governo. Cada perturbação economica activa as lutas politicas. E essas revivescencias do espirito civico, tão bruscas, ás vezes, que surpreendem até os proprios politicos do paiz, não se explicam senão pela força persistente do sentimento nacional atravez das fluctuações da vida politica. (Pierre Denis — *Revue des Nations Latines*, Paris).

#### A ARTE NAS ESCOLAS FRANCEZAS

Disse Michelet: "Em todas as épocas, a esculptura e a pintura não offerecem apenas modelos de imitação, mas os mais fecundos textos para a iniciação intellectual. Esses textos se casam maravilhosamente com os da literatura, e os completam. O que Rabelais e Shakespeare não podem exprimir sobre tal idéa, tal nuança ou tal aspecto do seu seculo, é dito por Vinci, por Corregio, por Miguel Angelo, ou Jean Goujon". Não é, pois, sómente pelos seus escriptores que a influencia franceza se faz sentir no estrangeiro. Os artistas, sobretudo os pintores e esculptores, tanto antigos como modernos, são outros tantos propagadores da civilização franceza. Desgraçadamente, porém, mesmo na França os grandes mestres da arte não são muito conhecidos. Donde vem essa indifferença do publico? E' que elle não é preparado para esse estudo. Ora, é preciso que a

historia da arte seja ensinada nas escolas. Como, porém, introduzir nos programmas, já tão sobrecarregados, mais esse ramo? — Primeiro, estendendo os exercicios literarios a assumptos da historia da arte. Em logar de pedir, por exemplo, ao alumno, que compare o sentimento da natureza em Lamartine e Chateaubriand (o que elles fazem á custa de livros), poder-se-lhes-ia dizer: "Ide ao Louvre, vêde as obras de Millet e as de Claude Lorrain. Depois, externae a vossa impressão sobre a sua interpretação da natureza". Isso faria com que o alumno desenvolvesse a sua observação, o seu espirito critico, a sua erudição historica, e o seu estylo. Em segundo logar, no ensino secundario a historia da arte poderia ter um logar especial, de sorte que fosse ensinada com mais largueza. Ter-se-ia então o synchronismo da historia, propriamente dita, a historia das literaturas e a historia da arte. Depois, devia-se fazer com que os espiritos novos dos alumnos tivessem, sobre a arte, um fundo solido e preciso, deixando de adoptar apreciações livrescas, sobre a arte. E isso se conseguiria falando-lhes dos grandes mestres com a propria linguagem dos seus quadros que, ou seriam vistos nos museus, directamente, ou por meio de reproduções, e até mediante projecções cinematographicas. (Georges Will — *Mercure de France*, Paris).

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Durante o mez foram enviadas á "Revista do Brasil" as seguintes publicações:

DA TRIBUNA E DA IMPRENSA, por Dario Velloso — Curitiba, Paraná, Brasil — Edição do "Myrto e Acacia" — 1916.

HORROR A' FORMA HUMANA, por Gastão Franca Aamaral — Rio de Janeiro — Typ. "Revista dos Tribunaes" — 1916.

QUADROS DA GUERRA, por Antonio Faria — S. Paulo — Poical & Comp. — 1916.

### REVISTAS

ATLANTIDA — Lisboa — N. 10 — 15 de Agosto: — Brasil e Portu-

gal — A guerra e a Preparação Militar Portuguesa, por João de Barros; A honestidade de Eteivina, amante, por João do Rio; Sono do Desejo, por M. Cardoso Marthá; Ega de Queiroz, por Augusto de Castro; Versos, por Coelho de Carvalho; Evocação, por Xavier Marques; Nomen... Numen... Lumen..., por José S. de Rezende; Os Zeppelins sobre Pariz, por Paulo Osorio; A dívida portugueza, por Anselmo de Andrade; Cego, por Delfim Guimarães; Soror Agua, por Nuno Simões; O porto-franco de Lisboa nas suas relações com o Estado de S. Paulo, por Vasco Morgado.

A AGUIA — N. 55 — A França, por Teixeira de Pascoaes; Humorismo melancolico, por Gomes Leal; Terras do Sul, por Villa-Moura; Canto de Outono, por Mathews de Albuquerque; Um problema literario, por José Teixeira Rego; O gigante desperta, por Carlos Maul; Ambiciosa, por João Luso; Portugal e a guerra, por Luis da Camara Reys.

LA GRANDE REVUE — Agosto de 1916 — Principaes artigos: "Lettres d'un volontaire ocolombien", e "Le Sourire de l'île de France", de Hernando de Bengoechea; "L'Entente économique des Alliés", por Henri Lorin; "Mimi, notre réfugié", por Mathilde Dons; "La Guerre et les Dominions britanniques", por Henri Carré; "Le Miracle du Feu", por Marcel Berger.

MERCURE DE FRANCE — N. 436 — 16 de Agosto — Principaes trabalhos: "Odilon Redon", por André Fontainas; "Poésies", por Louis Le Cardonnel; "Mémorial de la Vie des martyres op'r CCeec la Vie des martyres", por Denis Thévenin; "La Question des noms et la proposition Honnorat", por Georges Maurevert; "Un Précurseur de Verhaeren", por Albert de Bersaucourt; "En marge du Cinema", por Jacques Dyssord; "Dans les remous de la bataille por Isabelle Rimbaud.

LA REVUE HEBDOMADAIRE — N. 34 — 19 de Agosto:—"La Guerre chez les abeilles", por Gaston Bonnier; "Les Antécédents de l'alliance franco-russe", por Gustave Fagniez; "L'Alphabet", por André Toulomon; "La Conversion de Rousseau", por Gerhard Grau; "Les Bretons á la guerre", por Charles Geniaux; "Le "Chatiment" de Louvain raconté aux petits Allemandes", por Alexandre Masseron.

RASSEGNA NAZIONALE — Florença, 16 de Julho — I mutilati e gli orfani di guerra, ciò che per essi si pensa, si giudica, si fa e si farà, Angelo Raghianti e Salvatore Dalmazzone; Per una ristampa di "Fede e Bellezza" del

Tommaseo, Guido Battelli; Per difendere, Alter Ego; Intorno alla tragedia francese, Luciano Gennari; Visioni serene (Sul Lemano), Gaetano Rocchi; Gli enti fisici, I Greci e gli Italiani, Pietro Pagnini; Il mondo di Dolcetta, Romano, Mario Pratesi.

THE NORTH AMERICAN REVIEW — Julho de 1916 — Nova York — Artigos principaes: The National conventions, do Editor; Washington and Entangling alliances, Roland G. Usher; Germany's financial position, H. J. Jennings; The forces behind the Russian offensive, Charles Johnston; The Irish Insurrection, Sydney Brooks; The Statesmanship of Yuan Shi Kai, William Elliot Griffith; The peace problem, John Bassett Moore; Has America gone too far in democracy? W. R. Boyd; The railways, train employees and the public, Samuel O. Dunn; Ephemeris, Babette Deutsch; Giovanni Pascoli, Ruth Shepard Phelps; A note on Rossetti, Arthur Symons; A pilgrimage to quietude, The book of the month, Lawrence Gilman.

REVISTA DE FILOSOFIA — Bimestral — Buenos Aires — Setembro de 1916 — Artigos principaes: — Emerson, por Enrique José Varona; Una ética química, por J. Alfredo Ferreyra; Como se estudia y se juzga a Alberdi, por Antonio Sagarna; Ensayo sobre Francisco Bilbao, por Armando Donoso; El pensamiento francés en la cultura argentina, por Alvaro Melian Lafinur; Direcciones de la educación moderna, por Raul Villarreal; Las ideas coloniales y la dictadura de Rosas, por José Ingenieros.

REVISTA ARGENTINA DE CIENCIAS POLITICAS—Buenos Aires —N. 71—R. Wilmart, Memoria sobre política internacional americana—Joaquim Rubianes, Las facultades extraordinarias y la suma del poder publico — Valentin Letelier, Las ciudades — Alberto Palomeque, Ley inconstitucional — M. Castro Lopes, El ultimo regente de la Audiencia de Buenos Aires.

REVISTA COMMERCIAL —Montevideo — Ns. 5 e 6 — Julho e Agosto.

REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO — Vol. XX — Anno de 1912 — Defesa da acção cambial, Deposito ou consignação, Simplificação processual, Das assembleas de accionistas, Indice das leis mais notaveis do Estado de S. Paulo, e da Administração das sociedades anonymas, artigos pelo dr. João Arruda—A perso-

nalidade do Estado, O ensino do Direito, A celebração da Chave na Academia ou Festa Symbolica da Attenção, Abolição dos termos de bem viver e de segurança, A uniformidade, a simplicidade e a economia do nosso processo forense. As idéas de soberania, autonomia e federação, artigos pelo dr. João Mendes Junior. — Provimto dos cargos de professores extraordinarios effectivos nas Faculdades de Direito, pelo dr. J. M. Azevedo Marques.

REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA — S. Paulo, Agosto de 1916 — Artigos principaes: As jazidas mineiras, do dr. Rogério Fajardo; As organizações financeiras; A divida Publica do Brasil, artigos do dr. F. T. de Souza Reis; Consultas e Pareceres, dos drs. Alfredo Pujol, Carvalho de Mendonça e Bernardes da Silva.

INDUSTRIA E COMMERCIO — Revista de Industria, Commercio, Finanças e Agricultura — Rio de Janeiro — Anno I — N. 4.

REVISTA COMMERCIAL — Bello Horizonte — Agosto de 1916.

ETERNIDADE — Porto Alegre — Anno VII — N. 8 — Agosto de 1916.

REVISTA DE S. BERNARDO — Anno I — N. 1 — 7 de Setembro — Publicação mensal.

A CIGARRA — N. 50 — São Paulo, 14 de Setembro de 1916 — Revista de actualidades.

A VIDA MODERNA — N. 295 — S. Paulo, 7 de Setembro de 1916— Revista de actualidades.

REVISTA DE MEDICINA — Organ do Centro Academico "Oswaldo Cruz" — N. 1 — S. Paulo.

REVISTA DA ESCOLA DE COMMERCIO DE PORTO ALEGRE — Ns. 8 e 9 — Anno II.

BULLETIN DE LA SOCIETE' BRESILIENNE DE DROIT INTERNATIONAL — 1914-1915 — N. 1 — Rio de Janeiro.

REVISTA DOS CURSOS DA FACULDADE DE MEDICINA DE PORTO ALEGRE — N. 2 — Anno 2.

LA COLONIA — N. 22 — Anno II — S. Paulo.

A LAVOURA — Organ da Sociedade Nacional de Agricultura — Ns. 1 a 6 — Anno XX — Rio de Janeiro.

ANNAES PAULISTAS DE MEDICINA E CIRURGIA — Anno IV — N. 6 — Junho — S. Paulo.

# CARICATURAS DO MEZ

EM TORNO DA OSSADA



*A Rumania*—Creio que ainda chego a tempo para o inferno dos ossos.  
("Caretá"—J. Carlos)



As idéas financeiras do Sr. Cologeras.

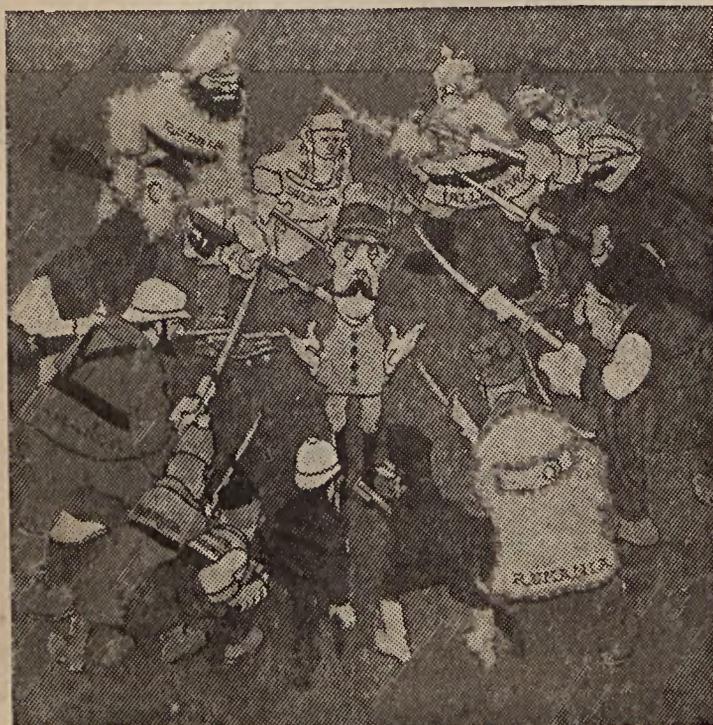
("Jornal do Brasil"—Lutz)



Alma lafina.

(“Estado de S Paulo”—Ferrignac)

DEFINA-SE



Constantino, rei da Grecia—Oh! ferra! Porque você não me engole?

(“Careta”—J. Carlos)

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro u. 6 (Altos da Casa Palva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala. 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista u. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de seuhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Semiuario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PIPE — Especialista das molestias das vias uriuarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALIANO — Corretores officiaes — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738 — Compra e venda de apolices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

## ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-archtecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Cidade)  
— Rua Alvares Penteado — S.  
Paulo.

**DESPACHANTES:**

BELLI & COMP. — Santos:  
Praça da Republica, 23. Teleph.  
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-  
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,  
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,  
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.  
Telegrammas: "Belli".

**ALFAIATES:**

ALFAIATARIA—Donato Plas-  
tino — Emprega só fazendas ex-  
trangeiras — Rua do Thesouro, 3  
(1.º andar) — S. Paulo.

**INDUSTRIAS E IMPORTADO-  
RES:**

C. MANDERBACH & COMP.  
— Papelaria, typographia, enea-  
dernação—Telephone 792—Caixa  
545 — Rua S. Bento, 31. — S.  
Paulo.

A INTERNACIONAL — Gran-  
de Fabrica de Malas e Canastras  
Offieina para coneertos. — Do-  
mingos Macigrande. — Rua São  
João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-  
telas de casas de penhores e do  
Monte de Soecorro de S. Paulo  
— A CASA MARCELLINO com-  
pra e paga bem.—Praça Antonio  
Prado, 14 — Telephone 4.692 —  
S. Paulo.

**ALFAIATARIA ROCCO**

NOVIDADES EM CASEMIRA INGLEZA - IMPORTAÇÃO DIRECTA

**EMILIO ROCCO**

RUA AMARAL GURGEL, 20

ESQUINA DA RUA SANTA IZABEL

TELEPHONE N. 5151

SÃO PAULO

*Casa Andrade*

*FUNDADA EM 1891*

*Moveis e Tapeçaria*

*Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266*



**SÃO PAULO**





# Para a Lavoura

**T**emos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a lavoura.**

**Fabricamos:** Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeicoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

**Importamos:** Machinas agricolas em geral, arados, corrêas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

## Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:	Endereço Telegraphico:	Escritorio:
Rua Lopes de Oliveira, 2	"PROGREDIOR"	Rua da Boa Vista, 46
CAIXA N. 6	SÃO PAULO	TELEPHONE N. 1180



# REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os acordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os juizes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

## TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

# Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

## JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511  
ESTABELECIMENTO DE 1.<sup>A</sup> ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,

Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

## Grande Atelier Photographico

Premiado nas Exposições de: S. Luiz 1904, Milão  
1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908

## G. SARRACINO

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 50-B - Teleph., 625

# Companhia Mechanica e Importadora

de São Paulo

## IMPORTADORES de

Materiaes para toda a classe de construcções  
e para estradas de ferro, Locomotivas, Trilhos,  
Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos,  
Asphalto, Tubos para abastecimento d'agua,  
Material electrico, Navios de guerra, Rebocadores, Lanchas  
e automoveis FIAT, etc.

## FABRICANTES DE MACHINAS de

Café e para lavoura, de Material ceramico e  
sanitario, Fabrica de pregos, Parafusos e Rebites.  
Fundição de ferro e bronze, etc.

## Grande Serraria a Vapor :: Constructores e Empreiteiros

## AGENTES de:

Robey & Co., - Automoveis "Fiat" - Fabrica de Ferro Es-  
maltado "Silex" - Comp. Paulista de Louça Esmaltada -  
Societã Italiana Transaerea "SIT" (Aeroplanos e hydroplanos  
Bleriotist) etc., etc.

Deposito, Fabricas e Garage:

Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense (Braz)

### ESTABELECIMENTO CERAMICO:

AGUA BRANCA - TELEPHONE, 1015

CODIGOS EM USO:

A. B. C., 5.a edição :: A. I., A. Z., WESTERN UNION :: LIEBER'S e RIBEIRO

RIO DE JANEIRO  
Avenida Rio Branco N. 25  
CAIXA 1534

SANTOS  
Rua Santo Antonio, 108, 110  
CAIXA, 129

LONDRES  
Broad Street House-New Broad street  
LONDON E. C.

S. PAULO

Rua 15 de Novembro, 36

End. Telegraphico: MECHANICA

CAIXA DO CORREIO. 51 - TELEPHONE. 244



# Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor - Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno - Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director - Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

## ROBES & MANTEAUX

*Lingerie de Luxe, Blouses, Trousseaux*

# Bertholet

*Corsets, Spécialité de Fournitures pour Modes*

*Rua 15 de Novembro, 30*

*São Paulo - Paris*

# Loteria de São Paulo

em 10 de Outubro

## 50 CONTOS

por 4\$500

Os bilhetes vendem-se em toda a parte

PLACAS  
ESMALTADAS  
E DE METAL

*Massucci Peracchi  
Nicolli*

TELEPH. 3641

GRAVURAS  
CARIMBOS  
DE BORACHA  
FORMAS PARA SABONETE



ESCRITORIO · Rua Florencio de Abreu 52  
FABRICA · Rua dos Alpes 79 · S. PAULO

# WILSON, SONS & Co. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523      End. Electr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

## IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO  
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANI-  
ZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E  
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;  
BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

## AGENTES

da Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-  
ÇA" de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The  
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

**CIMENTO** - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.  
White & Bros. - Londres.

**CREOLINA E PACOLOL** - de WM. PEARSON Ltd.  
de Londres e Hull.

**WHISKEY** - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de  
Edimburgo - Escocia.

**TINTA PREPARADA** - "LAGOLINE" e outras mar-  
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

**CERVEJA "GUINNESS"** - marca "CABEÇA DE CA-  
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

**ASPHALTO** - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val  
de Travers - Suissa.

**MATA-BORRÃO "FORD"** - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

**"BRICKTOR"** e MALHAS para CIMENTO ARMADO de  
Johnson Clapham & Morris - Manchester.

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO  
116, Rua da Alfandega

S. PAULO  
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# Machinas para beneficiamento de Arroz

Machina

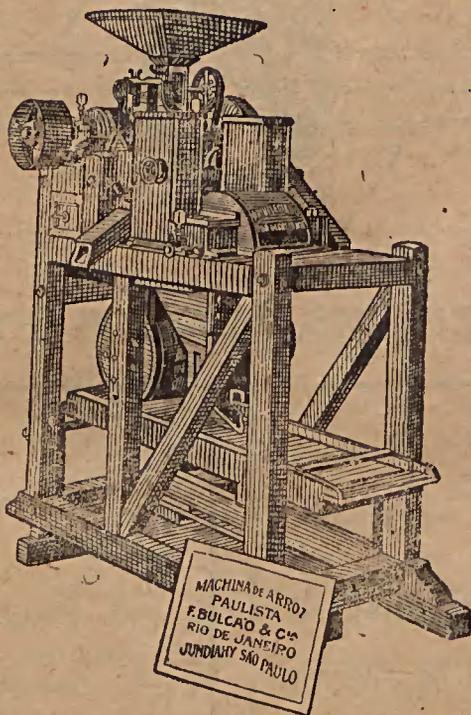
## “Paulista”

A excellencia das machinas PAULISTAS está hoje constatada por centenares de freguezes que as tem comprado; são machinas completas combinadas e o seu beneficio é perfeito: :

N. 2  
Produção  
25-40  
saccos de  
arroz por  
dia.

Força  
6 HP  
nom.<sup>es</sup>

Preço Rs.  
1:700\$000



N. 1  
Produção  
15-20  
saccos de  
arroz por  
dia.

Força  
4 HP  
nom.<sup>es</sup>

Preço Rs.  
1:400\$000

# F. Bulcão & C. Casa Arens

RUA FLORENCIO DE ABREU, 58 - S. PAULO

A REVISTA DO BRASIL completou com o n. 8 o seu segundo volume de 400 paginas, cujo indice acompanha este numero.

O n. 7, de 25 de Julho trouxe o seguinte summario:

F. T. DE SOUZA REIS — A moeda metallea no Brasil (conclusão).  
SOUZA BANDEIRA — Rituais da aristocracia rural.  
AMADEU AMARAL — Poesia.  
JOÃO KOPKE — Educação moral e civica (conclusão).  
H. INGLEZ DE SOUZA — Intelacção.  
VEIGA MIRANDA — A probilidade literaria.  
PLINIO BARRETO — Leonor Telles.  
ROCHA POMBO — A terra paulista e as suas grandes legendas.  
JOÃO FERRAZ — Saneidade publica no Estado de S. Paulo.  
COLLABORADORES — Resenha do mez.

RESENHA DO MEZ — Monologos, Yorik — Brasil-Argentina, Redacção — O Direito Criminal Moderno, M. O. H. — Bibliothica (Sensações e reflexões — O combustivel na Economia Universal — Eça de Queiroz — Ruy Barbosa) — Tribunal mediceu — A questão shakespeareana — Ophidões sobre o "Don Quixote" — As fructas contra as doenças — O Innuho de Sol — A longevidade das mulheres — As caricaturas do mez (tres caricaturas reproduzidas).

N. 8 - 25 de Agosto:

DR. OLYMPIO PORTUGAL — Campos do Jardim.  
SAMUEL DE OLIVEIRA — Sylvio Romero e a alma brasileira.  
MONTEIRO LOBATO — Bocentorta (novella).  
OCTAVIO MENDES — Teixeira de Freitas.  
ANTONIO SALLES — Poesia.  
ALBERTO SEABRA — Os versos aureos de Pythagoras (II).

RESENHA DO MEZ — Monologos, Yorik — As aranhas de S. Paulo, J. William Ramsay L. — Metchnikoff — Theatros — Helias Artes — Movimento Literario — Faculdades de Letras e Philosophia — A instrucção millitar obrigatoria — O gado vaccum no Brasil — A riqueza dos norte-americanos — A agricultura mecanica — O problema zootechnico — O ensino technico — "Revista do Brasil" — Caricaturas do mez.

# As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua,  
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

*GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado  
e pertences*

---

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer  
machinas, canos de ferro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

**Rua de São Bento N. 29-G**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS D' "D ESTADO DE S. PAULO"



# REVISTA DO BRASIL

---

## SUMMARIO

MARIO PINTO SERVA . . . . .	Um factor da desintegração Nacional . . . . .	113
AMADEU AMARAL . . . . .	O dialecto caipira . . . . .	119
A. CARNEIRO LEÃO . . . . .	José Verissimo . . . . .	131
MARTINS FONTES . . . . .	Na floresta da agua negra (poesia) . . . . .	139
GARFIELD DE ALMEIDA . . . . .	A noção da responsabilidade . . . . .	148
MARIO SETTE . . . . .	No mar . . . . .	155
ALBERTO SCABRA . . . . .	Os versos aureos de Pythagoras . . . . .	160
DR. ANTONIO PICCAROLO . . . . .	D. Casmurro . . . . .	173
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . .	199

*(Continúa na pagina seguinte)*

---

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 10 - ANNO. I

VOL. III

OUTUBRO, 1916

---

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL

**RESENHA DO MEZ**—Campanha nacionalista — Movimento artistico — Musica, X. — Garcia Redondo — Ricardo Gonçaves — Bibliographia — Movimento literario — Os doutores e as letras, *Antonio Salles* — Revistas e jornacs — Homens e coisas nacionacs, *Assis Chateaubriand* — Homens e coisas estrangeiras — Americanismo, *Ernesto J. J. Bott* — Educação moderna, *Raul Villarroel* — O casamento a prazo — O ministerio familiar — Club de escriptoras — Orientação moderna da historia — Publicações recebidas.

Com o numero de abril a “**Revista do Brasil**” completou o seu primeiro volume, de 464 paginas, com indice alphabetico e analytico que já foi remettido a todos os assignantes. As pessôas que desejarem adquirir esse volume, a Revista pode fornecel-o pelos preços seguintes: encadernado, 9\$000; em fasciculos, 6\$000. Pelo correio, mais 500 réis.

O segundo volume completou-se com o fasciculo do mez de Agosto sendo o indice distribuido com o presente numero.

A “**REVISTA DO BRASIL**” só publica trabalhos ineditos

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA  
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

## ASSIGNATURAS:

ANNO . . . . .	12\$000
SEIS MEZES . . . . .	7\$000
ESTRANGEIRO . . . . .	20\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$500
NUMERO ATRAZADO . . . . .	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

**TELEPHONE, 745**

**SÃO PAULO**



# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principais cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelândia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros como segue:

Conta corrente . . . . .	2 % ao anno		Prazo Fixo, Tres mezes	3 % ao anno
Aviso previo de 30 dias .	3 % „ „		Seis mezes	4 1/2 % „ „
„ „ „ 60 „ .	4 % „ „		Doze mezes	5 % „ „

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000. e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000. até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente, sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# Auto-Geral

**CASSIO PRADO**



**T**ODO E QUALQUER PERTENCE  
PARA AUTOMOVEIS **☼☼**

Stockista MICHELIN

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**

- Recebe pedidos do interior -

**CAIXA N. 284**

**TELEPHONE N. 3708**

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

**Rua Barão de Itapetininga N. 17**

**S. PAULO**

# REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os Juizes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACCÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

## TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

# Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

## JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511  
ESTABELECIMENTO DE 1.<sup>A</sup> ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 9-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,  
Filial: CAMPINAS. GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

## Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

### Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO





# Para a Lavoura

Temos sempre em depósito **Machinas e Accessorios para a lavoura.**

**Fabricamos:** Machina "AMARAL", a melhor que existo para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeicoamento de typos de café, que se valorisa exeepeionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

**Importamos:** Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

## Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Endereço Telegraphico:

Escriptorio:

Rua Lopes de Oliveira, 2

"PROGREDIOR"

Rua da Boa Vista, 46

CAIXA N. 6

SÃO PAULO

TELEPHONE N. 1180



BEBAM

---

WHISKY DEWAR  
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O  
INIMIGO DO  
ACIDO URICO



A  
CHAMPAGNE DAS  
AGUAS DE MESA

---

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

---

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

# PIXOL

Alcatrão de hulha Beneficiado



É um preparado indispensavel em todos os estabelecimentos agrarios não sómente pela sua multipla utilidade como pela facilidade em sua applicação.

Não requer precauções ou conhecimentos para o seu emprego, basta um pincel e boa vontade do trabalhador.

Como o seu nome indica, é um derivado do Pixe, contendo todas as qualidades deste e outras ainda devido ao seu beneficiamento. É perfeitamente fluido e applicavel a frio.

Dentre os varios misteres, a que se destina sobresa e o seu emprego nos materiaes que se acham expostos ao ar ou sujeitos á deterioração, substituindo com muita vantagem quer em qualidade ou custo, todas as tintas e preparados até hoje usados nos postes de madeira, madeiramento em geral, postes e vigas de ferro, pois que impede a ferrugem, destróe o cupim e preserva a madeira da acção destruidora do tempo, sendo ao mesmo tempo um excellente desinfetante.

**MODO DE USAR:** — Em madeira applica-se puro, mas para pintar aço ou ferro convém misturar uma parte de cimento com uma de kerozene e em seguida accrescentar dez partes de PIXOL.

Fornecido em caixas de 2 latas de 5 gallões cada uma, ou 35 litros por caixa.

Fabricado pela **San Paulo Gaz Company Limited**

AGENTES GERAES PARA O BRAZIL:

**H. E. BOTT & COMP.**

Rua Libero Badaró N. 10

SÃO PÁULO

# CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

MOVEIS PEQUENOS - JOGOS DE  
4 MEZAS GIGOGNE



PREÇO DE RECLAME

O JOGO 65\$000

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.<sup>IA</sup>

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

*Casa Paulista de*

*Moyses Gandelhman*

*Vendem-se moveis, camas de ferro esmaltado, colchões,  
tapetes e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações*

*Rua Barão de Itapetininga, 14-A Telephone, 3046 (Central)*

---

---

## UM FACTOR DE DESINTEGRAÇÃO NACIONAL

---

Entre os Estados que compõem a nacionalidade brasileira, os que se estendem de Minas até o extremo sul constituem um bloco á parte, colligados entre si e com a Capital do paiz por uma rêde regular de estradas de ferro, servidos por linhas de navegação, com um aparelhamento economico, agricola e industrial já formado.

Em relação a elles os Estados longinquos como o Amazonas, o Pará, Matto Grosso e outros, assim como o territorio do Acre, quer dizer a maior parte do paiz, constituem, sob o ponto de vista economico, verdadeiras colonias, quer pela dependencia em relação ao centro, quer pela enormidade das distancias, quer pela caracteristica primitiva da sua vida, quer pela inexistencia de qualquer cultura agricola regular e de qualquer industria, subordinados ao regimen economico, financeiro e industrial que lhes impõe o centro.

Assim, ha no Brasil dois grupos de Estados em situação diferente, exigindo regimen economico diverso. O primeiro grupo é formado pelos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Goyaz, Matto Grosso e territorio do Acre. O segundo é formado pelo Districto Federal e Estados de Espirito Santo, Minas Geraes, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

O regimen economico que convém ao desenvolvimento destes ultimos é talvez inconveniente ou contrario ao que convem aos primeiros.

O primeiro grupo a que nos referimos, com uma extensão territorial de 7.000.000 de kilometros quadrados, sendo a



No Acre, por exemplo, antes que a guerra viesse agravar ainda mais a situação, o custo de uma barrica de assucar pernambucano era de 80\$000 a 100\$000, chegando mesmo a attingir esse artigo ha annos atraz a 5\$000 o kilo, o que dá para cada barrica 200\$000. Um fardo de xarque, pesando 60 kilos, custava ha annos no Acre de 180\$000 a 200\$000, o que dava para cada kilo 3\$ a 4\$000 e, ás vezes, 5\$000. Uma caixa de kerozene chegou a ser vendida nesse tempo no Acre por 80\$000 e 100\$000.

Um kilo de feijão custava no Acre muitas vezes 4\$000, o de arroz 3\$000, uma lata de manteiga ordinaria 5\$, 6\$, 7\$ e 8\$000, uma lata de leite condensado de 3\$ a 5\$000, um kilo de café 3\$, 4\$ 5\$ e 6\$000.

Os acreanos foram, pois, infelicissimos trabalhando para se annexarem ao dominio brasileiro. Si estivessem, por exemplo, sob o dominio inglez, importariam do estrangeiro todos os artigos, inclusive de alimentação, isentos de direitos aduaneiros, ao passo que nós os obrigamos a pagarem as mais pavorosas tarifas aduaneiras que jámais teve paiz algum, tarifas que attingem de forma barbara os proprios artigos mais necessarios para a alimentação. Si estivessem sob o dominio inglez os acreanos teriam uma vida perfeitamente normalisada e seriam servidos por uma navegação barata e rapida. Estariam, em synthese, em plena prosperidade sob o dominio estrangeiro, ao passo que soffrem todos os horrores possiveis e imaginaveis sob o dominio brasileiro.

Essa é a grande responsabilidade que nós devemos medir para não continuarmos a ser os autores da miseria, da fome e do estrangulamento economico daquella região feracissima.

A's distancias naturaes daquella região ha a ajuntarem-se as difficuldades creadas pela lei que instituiu o monopolio da cabotagem para os navios nacionaes, que são absolutamente insufficientes para todas as necessidades do commercio do paiz.

Uma legislação semelhante á nossa já produziu as mais nefastas consequencias nos Estados Unidos, como seja a quasi eliminação da bandeira americana do commercio internacional.

No commercio internacional as importações e exportações nos Estados Unidos têm sido na seguinte porcentagem em navios americanos, em differentes annos:

1870	...	...	...	32,8
1875	...	...	...	26,2
1880	...	...	...	17,4
1885	...	...	...	15,5
1890	...	...	...	12,9
1900	...	...	...	9,3
1901	...	...	...	8,2
1902	...	...	...	8,8
1903	...	...	...	9,1

O monopólio da cabotagem nacional na França a princípio abrangia todas as colônias, mas tais foram as suas horrosas consequências que o restringiram somente á Algeria, pela sua proximidade da metrópole. Mas, assim mesmo limitado, esse monopólio collocou a Algeria em uma verdadeira escravidão económica. As tres companhias nacionaes francezas que se apoderaram desse transporte entre a França e a Algeria e que, além disso, recebem subvenções importantes, fazem-se pagar tarifas exorbitantes e possuem uma frota miseravel. E o peor é que quando ha uma greve de marinheiros ou de estivadores em Marselha, a Algeria fica absolutamente privada de communicações com a França, porquanto não pode recorrer aos navios estrangeiros.

Essa situação a que fica reduzida a Algeria em caso de greve é a situação a que está permanentemente entregue todo o litoral brasileiro, todo o commercio entre os portos brasileiros.

Assim ha pouco tempo ainda a Associação Commercial da Bahia declarava não saber mais como remediar a situação do commercio daquelle Estado. O Lloyd Brasileiro tinha abandonado aquelle porto para attender pequenos portos do Amazonas, de modo que por muitos mezes já não conseguiam praça nos vapores, sendo que mesmo os de linha regular não davam praça alguma. Um vapor que promettia embarque para 1.500 saccas, por exemplo, recebia de facto apenas 200. Vapores de carreira regular davam praça deficiente e só para determinados portos. Concluia a Associação Commercial da Bahia perguntando si era possivel que a Bahia não fosse um porto da Federação e constatando que o Lloyd está organizado e rece-

bendo subvenção para servir somente a praça do Rio, donde os vapores saem abarrotados, não reservando praça para o porto da Bahia durante longos mezes.

Ora, esses Estados, como o da Bahia, vivem do que exportam para outros portos do paiz e, portanto, dependendo da cabotagem nacional para tudo, são condemnados á miseria em virtude da legislação que véda o commercio interno aos navios estrangeiros.

Segundo o meio, dizia o Visconde de Ouro Preto, devem as grandes leis economicas ser modificadas em sua applicação, sobretudo nos paizes vastos como o Brasil, cujas regiões tanto differem nas necessidades, nos recursos e nas aptidões naturaes. O que convem aos Estados do Sul não é o que mais servirá aos do Norte: o que favorece o litoral será inutil e até nocivo ao interior.

Os inglezes souberam comprehendel-o e por isso mantêm coheso e indissolúvel o maior imperio colonial que já tem existido no mundo. Cada colonia ingleza tem liberdade absoluta de se servir dos navios de qualquer nacionalidade, quer na navegação de cabotagem quer na internacional. Cada colonia ingleza estabelece tambem o regimen aduaneiro que lhe convem, quer adoptando a livre entrada dos artigos estrangeiros, quer impondo taxas de importação, podendo cobral-as até em relação aos productos da metropole ou conceder-lhes um tratamento de favor.

O systema administrativo brasileiro anniquilou a vida em mais de metade do territorio nacional. Todo o Nordeste e Noroeste brasileiro tentam em vão reerguer-se, procuram debalde levantar-se da prostração a que os reduziram e ent que os mantêm as nossas leis fiscaes, aduaneiras e outras. Emquanto mantivermos vigentes taes leis não ha esforço humano capaz de resistir aos seus nefastos effeitos.

E' lamentavel, porém, que o espirito contemplativo da nossa raça não chegue sequer a perceber as causas directas dos males que nos affligem.

Si a nossa mentalidade collectiva tivesse a visão clara das realidades positivas, não se teria consummado esse attentado que prostrou e anniquilou a vida na maior parte do territorio nacional.

MARIO PINTO SERVA.



---

---

# O DIALECTO CAIPIRA

## II. — FORMAÇÃO DO VOCABULARIO

1. O vocabulario do dialecto é, naturalmente, bastante restricto, de accordo com a simplicidade de vida e de espirito, e portanto com as exiguas neccsidades de expressão dos que o falam. Esse vocabulario é formado, em parte: *a*) de elementos oriundos do portuguez usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quacs se archaizaram na lingua culta; *b*) de termos provenientes das linguas indigenas; *c*) de vocabulos importados de outras linguas, por via indirecta; *d*) de vocabulq̃s formados no proprio seio do dialecto.

### ELEMENTOS DO PORTUGUEZ DO SEculo XVI

2. Em verdade, estes não se limitam ao lexico. Todo o dialecto está impregnado delles, desde a phonetica até a syntaxe. A sua discriminação através dos varios departamentos do dialecto constituiria sem duvida um dos mais curiosos estudos a que se pode prestar a nossa linguagem rustica, e não só pelo interesse puramente linguistico, senão tambem pelo clarão que lançaria sobre questões attinentes á formação do espirito do nosso povo. Sobre a importancia linguistica não é necessario insistir, pois ella, por assim dizer, se impõe por definição. Basta notar o seguinte: uma vez reconhecido que o fundo do dialecto representa um estado atrazado do portuguez, e que sobre esse fundo se vieram successivamente entretecendo os productos de uma evolução divergente, o seu acurado exame pôde auxiliar a expilcação de certos factos ainda mal elucidados da phonologia, da morphologia e da syntaxe historicas da lingua. Por exemplo: a pronunciaçãõ clara de *e* e *o* e átonos finaes comprova o facto de que o ensurdecimento dessas vozes só começou em época relativamente proxima, pois de outro modo não se comprehenderia por que o caipira analphabeto pronuncia *lado*, *verdade*, quando os portuguezes pronunciam *lado*, *verdad*'.

3. São em grande numero, relativamente á extensão do vocabulário dialectal, as formas esquecidas ou desusadas na lingua. Lendo-se certos documentos vernaculos dos fins do seculo XV e de principios e meados do seculo XVI, fica-se impressionado pelo ar de semelhança da respectiva linguagem com a dos nossos roceiros e com a linguagem tradicional dos paulistas de "bôa familia", que não é senão o mesmo dialecto um pouco mais polido. Na carta de Pero Vaz Caminha abundam formas vocabulares e modismos envelhecidos na lingua, mas ainda bem vivos no falar caipira: *inorancia*, *parecer* (por *apparecer*) *mêa* (adj. *meia*), *ua*, *troquia*, *imos* (vamos), *despois*, *reinar* (brincar), *preposito*, *vasios* (região da ilharga), *luitar*, *desposto*, *alevantar*, "volvemo nos já *bem* noute", "veemo nos *nas* naus", "lançou o *na* praya".

4. Os elementos archaicos da lingua, conservados no dialecto, dividem-se, naturalmente, em archaismos de forma, de significação, e de forma e significação (1). Exemplos:

## ARCHAISMOS DE FORMA

acupá (r)	inxulto
adonde	inorá (r)
agardecê, aguardecê (r)	livér (livél)
argua (algua, u nasal)	lua (u nasal)
avaluá (r)	malino
Bertholomeu (arc. Bertholameu)	manteúdo
correição	ninhua (nenhua, u nasal)
crescudo	premero
dereito	repuná (r)
eigreja	reposta
ermão	saluçõ
escuitá (r)	somana
estãmeço	sojeitá (r)
fermoso	sojigá (r)
fruta	sovertê (r)
imburulá (arc. emborilhar)	súpito (subst.)
intruido	

## ARCHAISMOS DE SENTIDO

aério . . . . .	perplexo
dona . . . . .	senhora
função . . . . .	balle, folguedo
praça . . . . .	povoado
reiná (r) . . . . .	fazer travessuras
salvar . . . . .	saudar

(1) Poderiam distinguir-se ainda os archaismos que correspondem a formas intermediarias regulares, como *etgreja*, e os archaismos que apenas representam modificações accidentaes, como *acupar*.

## ARCHAISMOS DE FORMA E SENTIDO

acocar .. .. .	acarinhar
atentá(r) .. .. .	importunar
arreminado .. .. .	indocil
contia .. .. .	quantidade
cuca (arc. cõco, cõca) .. .. .	ente fantastico
escotêro (escotelro) .. .. .	o que viaja sem bagagem
imitante (como participio) .. .. .	—
modinha .. .. .	cançoneta
punir .. .. .	defender, "pugnar"
sino-samão .. .. .	signo de Salomão

5. Abundam igualmente as locuções arcaicas ou, pelo menos, de sabor arcaico bem pronunciado:

a modo que .. .. .	—
a pôs, a pôs de .. .. .	em pôs de
antes tempo (sem prep.) .. .. .	antes da hora, antecipadamente
a par de .. .. .	junto, ao lado
de verdade .. .. .	de véras
de primelro .. .. .	outrora
em antes de .. .. .	antes de
no mais .. .. .	não mais
neste melo .. .. .	entrementes

6. E' natural que, deante de certas formas apontadas como archaicas (*ermão, somana*), haja duvida se de facto se trata de archaismos, se de mera coincidência. Num ou noutro caso, esta ultima hypothese será talvez a mais accitavel: por exemplo, se o nosso povo pronuncia *craro, frór*, não se deve ter pressa em ligar essas formas, historicamente, ás identicas que se encontram em velhos documentos da lingua; pois que taes formas, antes de mais nada, obedecem a uma lei da phonetica local, a permutação de *l* subjuntivo por *r*. Mas, *ermão, somana*, etc., só se podem explicar como formas recebidas dos colonizadores, pois, além de se encontrarem em escriptos antigos, se confirmam por outros factos analogos da lingua, ao passo que mal se accommodam ás regras que actuam na alteração dialectal dos vocabulos.

## ELEMENTOS INDIGENAS

7. Das linguas dos autochtones, ou, melhor, do tupi, recebeu o dialecto grande quantidade de termos.

A nossa população primitiva, durante muito tempo, antes da introdução do negro, era pela maior parte, composta de indigenas e de mestiços de indigenas. Da extensão que teve a lingua dos aborigenes no falar dos primitivos dois ou tres seculos da nossa existencia, dão testemunho flagrante, além de muitos vocabulos que entraram nos usos

syntaticos correntes, os não menos numerosos toponyms, que se encontram nas vizinhanças dos centros de população mais antigos.

8. Quanto a isto sobressae a capital e suas vizinhanças, onde abundam os nomes tupis, os quaes vão escasseando pelo interior, nas zonas mais novas, onde, ainda assim, os que se nos deparam são em boa parte artificialmente compostos. Só no municipio de São Paulo e nos que com elle confinam se contam por dezenas os rios, riachos, montes, bairros, fazendas e povoados com denominações tupis tradicionais (2) :

Acu	Cupeçê	Pari	Pirajussara
Ajuá	Gopoúva	Itaim	Pirituba
Aricanduva	Guacuri	Itaparicuéra	Pirucaia
Anbangabaú	Guaiaúna	Itaperoá	Prati
Baquiruvu-guassú	Guaíó	Itapicirica	Poá
Bopi	Guapira	Itararé	Quitaúna
Botucurara	Guaracaú	Ipiranga	Saracura
Buçucaba	Guarapiranga	Jaceguava ou	Tacuaxiara
Butantan	Guarará	Jacegual	Tamanduaté
Caguassu	Guaratim	Jacuné	Tamburé
Cabussu	Guaraú	Jaguaré	Tatuapé
Caçacuéra	Guavirutuba	Jaraguá	Tremembé
Caçandoca	Imblras	Jaraú	Tucuruvu
Caçapava	Itaberaba	Juqueri	Tueuruf
Cangüera	Itacuéra	Jurubatuba	Uberaba
Canindé	Itaguassu	Mandaqui	Utinga
Caraguatá	Murumbi	Mandi	Votuçununga
Carapicufba	Mutinga	Mboi	Voturantim
Choruróca	Nhanguassú	Mooça	
Cocaia	Pacaembú	Piquiri	

9. Os nomes de animaes contam-se por centenas. Uma parte dos mais conhecidos :

acará	guará	maracañá	sucuri
anu	guariba	mucuí	suindara
araponga	guaripu	mmbuca	surubi
arapuá	guaru-guaru	muçurana	suçarana

(2) Na graphia das palavras indigenas adoptamos aqui as seguintes regras principaes: — dispensar o accento nos oxítonos em *u* e *i*, visto que são agudos todos os vocabulos que terminam com essas vogaes; — substituir *q* por *c* quando se segue *u* sonoro (*Caçacuéra*); — substituir *h* por accento agudo nos hiatos; — obedecer de preferencia á pronuncia corrente do povo (*Voturantiin* e não *Voturantiñ*, *jabuticava* e não *jaboticaba*); — substituir *y* final por *i* (*pari*). Contra esta ultima graphia objectam alguns que seria bom conservar o *y* porque essa letra corresponde ao som do *ü* allemão, lombardo e francez, existente no tupi. Entretanto, já ninguem faz, nem saberia fazer sempre distincção entre as palavras indigenas que tinham o som de *i* e que tinham o som de *ü*. Demais, ha vocabulos em que o som tupi se mudou em *u*. Porque não inventar tambem uma distincção para esse *u* proveniente de *ü*?

arara	güira	mutuca	tabarana
bacurau	icá	mntum	tamandná
baítaca	inhambu	nhacanã	tambíjuá
biguá	irara	paca	tambíú
biriba	itobl	pacu	tanajura
borá	jacaré	pairiru	tangará
caçununga	jacú	plaba	taperá
cambucu	jaburú	plapara	tarlra
caninana	jacutinga	penumbi	taçuira
capivara	jaguatirica	piracambacu	tatêto
cará-cará	jaó	piracanjuba	tatorana
chabó	japu	pirajú	tatú
coró	japuíra	pirambóia	tletê
cuati	jararaca	piranha	tiriva
culú-culú	jateí	sabiá	tovaca
cumbê	jaú	sabiá-cica	tufm
cupim	jiquitiranabóia	sabiá-póca	tniuva
curiango	jundlá	sabiá-una	tuvuna
curimbatá	juruti	sanhaço	uru
curló	lambari	sanharão	urubu
curruíra	mamangava	saracura	urutau
curuquerê	mandaçáia	sará-sará	urutu
cutía	mandaguari	saúva	xororó
gambá	mandi	sirlêma	xuplm
gaturamo	mandorová	siri	
gibola	manduri	socó	

10. Não são menos abundantes os nomes indígenas de vegetaes, de que daremos algumas dezenas, a guiza de exemplificação:

abacate	capixingul	ipê	piri
abacaxi	capituva	jaborandi	pitanga
andaguassú	caraguatá	jabuticava	piúva
araçá	carnaúba	jacarandá	samambaia
aruêra (aroeira)	caróba	jacaré	sangüi
araribá	caruru	jantá	sapê
araticum	catanduva	jaracatiá	sapuva
açatunga	cipó	jarivá	sumaúma
bacaba	crindíúva	jataí	talóva
baguassu	grumixama	jiquitaiá	talúva
bracuí	guabiroba	jiquitibá	taquara
brejaúva	guáibê	jovéva	taquari
burti	guandu	juá	taquaritinga
bncuva	guapê	jurema	taquarussu
butiá	guapocari	macaúba	timbó
cabiúna	guareróva	manacá	timbori
cabriúva	guanxuma	mandiôca	tiririca
calapiá	guaraúva	mangava	trapoceraba
cajuru	guaratá	maracajá	tucum
cambucl	guatambu	maçaranduva	urucu
cambuí	imbaúva	nhaplndá	uruçurana
canjarana	imbúia	orindíúva	uvá
canxim	indaiá	perova	
capim	ingá	pipóca	

11. Nomes de diferentes phenomenos, accidentes, productos da natureza, doenças, etc.:



beréva	cupim	piracema	tabatinga
bossoróca	joçá	pororóca	taguá
cambuquíra	manipuéra	quiréra	tijuco
capão	nambluvu	sambíquira	tupuruca
capuéra	pacuéra	sapiróca	urupé
catapóra	pichuá	sororóca	
catínga	picumã	suã	

## 12. Nomes de utensílios, aparelhos, objectos de uso, alimentos, etc.:

arapuca	ijiqui	petéca	saracuá
arataca	juqujá	pindacuêma	solimão
arimbá	muquéca	pipóca	sururuca
caxerenguengue	pamonã	piruá	tacuru
chuã	pamonha	píto	tipiti
cúia	pari	pussaguá	
jacá	passoca	samburá	
jacuba	patuá	sapicuá	

## 13. Nomes referentes aos usos, costumes, abusões, etc.:

bitatá	canhembora	cururu	plá
buava	capuava	gualú	piraquara
caçara	cateretê	mumbava	saci
caipira	catira	mutirão	tapéça
caipóra	coivara	perequê	tiguéra

## 14. Adjectivos, e substantivos usados como taes:

aíva	jissi	pararaca	pururuca
catatau	jururú	pepuíra	punga
chimbeva	macala	pereréca	sarambé
ité	nambi	piricica	turuna
jaguané	napéva	piririca	
javevó	pangaré	piúva	

15. Todos os vocabulos acima citados são, com uma ou outra excepção apenas, de origem tupi. Esta lingua, como diz o sr. Theodoro Sampaio no seu precioso livrinho "O Tupi na Geographia Nacional", vicejou próspera e forte em quasi todo o paiz, sobretudo em S. Paulo e algumas outras capitánias. Aqui, segundo aquelle escriptor, a gente do campo falava a *lingua geral* até fins do seculo XVIII. Todos a sabiam, ou para se exprimir, ou para entender. Era a lingua das *bandeiras*; era a de muitos dos proprios portuguezes aqui domiciliados. E' o que explica essa absoluta predominancia do tupi, entre as linguas brasílicas, na toponymia local, na nomenclatura de animaes e de plantas e em geral no vocabulario de procedencia indigena.

E' possivel, entretanto, como dissemos, que haja excepções. Mesmo sem outros elementos de suspeita, pode-se duvidar que todos os vocabulos vulgarmente apresentados como tupis de facto sejam dessa

língua, ou mesmo de qualquer outra língua brasileira, considerando-se apenas as dificuldades de ordem geral que embarçam todo trabalho etymológico em idiomas não escriptos, cujas fórmulas variam tanto no tempo e no espaço, e se acham tão sujeitas, em bocas extranhas, a profundas corrupções voluntárias e involuntárias. (3)

16. Muitos dos vocabulos de procedencia indigena flutuam numa grande variabilidade de formas, principalmente certos nomes de animaes e de plantas: *açatonga, açatunga, guaçatonga, guaxatonga; caraguatá, craguatá, crauatá, cravatá; tarira, taraira, traíra; maitaca, baitaca; corimbatá, curumbatá, curimatá*. Na terminação vogal + b + vogal, geralmente usada pela gente culta, o caipira prefere quasi sempre *v* a *b*: *jabuticava, mangava, beréva, tiriva, taióva, saúva*. A origem destas incertezas está em que a nossa phonetica nem sempre possui sons exactamente correspondentes aos indigenas. O som *u* consoante (*w*) foi desde cedo interpretado de varios modos: por uns como *v*, por outros como *b*, por outros ainda como *gh*: é o que explica as variações *caraguatá, carauatá, cravatá*, — *capivara, capibara, capiguara*, — *piçava, piçaba, piçagua* (cf. *Piçaguára*), etc.

A pronuncia popular, nestes casos, é a melhor. O povo, directa e inconscientemente influenciado pela phonetica indigena, conserva ainda signaes dessa influencia na propria incapacidade para bém apanhar o som distincto de *v* em vocabulos portuguezes: dahi pronuncias, que ás vezes se ouvem, como *guapó* por vapor, etc. (4)

(3) O mesmo sr. Theodoro Sampaio cita no seu livro diversos vocabulos portuguezissimos, nos quaes a fantasia de etymologistas apressados quiz lobrigar material indigena: taes, entre outros, *Surumenha* e *Mecejana*.

(4) Por causa destas flutuações, acontece que alguns collectores de termos apanham apenas uma ou duas das formas de um vocabulo, quando seria muito interessante, para o estudo phonetico e etymologico, conhecerem-se todas as que occorrem. Outras vezes apanham em diferentes occasiões duas ou mais formas do mesmo vocabulo, sem defini-las claramente, e assim passam ellas a figurar nos lexicos como palavras distinctas. O dictionario do sr. Candido de Figueiredo, onde o autor se esforçou por ajuntar o maior numero de brasileirismos, recorrendo a quantas contribuições poudé haver ás mãos, depara-nos frequentemente a mesma palavra sob diversas formas, — ou então as mesmas formas sob as enganadoras apparencias de graphias diversas. Por exemplo:

“CATOCAR, v. t. — dar signal a, tocando com o cotovêlo, com o pé ou com a mão; chamar a attenção de. (De um pref. arbitrario e *tocar*).

CUTUCAR, v. t. — tocar levemente com o dedo, ou com o cotovêlo, para chamar a attenção; acotovelar. (Do typl *cutuca*.)”

(As mesmas formas acima se encontram escriptas *catucar, cotucar* e ha ainda *tatucar* e *tutucar*).

“CORIMAN, peixe do Tocantins.

CURIMAN, peixe de agua doce.

CORIMATAN, saboroso peixe do Tocantins.

CRUMATA', peixe de agua doce.

CURIMATA', especie de salmão.”

(Em S. Paulo ha *curimbatá, curumbatá*, etc., que não figuram na edição de 1889, a que nos reportamos.)

## ELEMENTOS DE VARIA PROCEDENCIA

17. A receptividade do dialecto em relação a termos de origem extranha é muito limitada, porque as necessidades de expressão, para o caipira, raramente vão além dos recursos ordinarios. O caipira genuino vive hoje, com pouca differença, como vivia ha duzentos annos, com os mesmos habitos, os mesmos costumes, o mesmo fundo de idéas. Dahi o conservar teimosamente tantos archaismos — e tambem tantos termos especiaes que, vivos embora no portuguez europeu, são ás vezes completamente desconhecidos, aqui, da gente da cidade, taes como *chê-da*, *tamoeiro*, *cambota*, *náfego*, etc. Dahi, tambem, o não precisar tanto de termos novos, que, pela maior parte, ou designam coisas a que vive alheio, ou idéas abstractas que não attinge.

18. Dos vocabulos estrangeiros modernamente introduzidos na lingua e que são de uso corrente no falar das pessoas mais ou menos cultas, elle só tem acceito alguns, poucos, relativos a objectos de uso commum, productos de artes domesticas, etc.: *paletô* (que desterrou por completo o vernaculo casaco), *croché*, *cachiné*, *revórve*, etc.

19. Existem entretanto no dialecto muitos vocabulos (além dos brasilicos e parte dos africanos) que não lhe vieram por intermedio da lingua. Destas aquisições, umas pertencem ao dialcto geral do Brasil, outras resultaram da propria actividade paulista. Exemplos:

Do guarani, do quichúa (6):

chacra	gualava	lapa	purungo
garôa	gualaca	pampa	

Do hespanhol:

amarelho	cola	lunanco	porvadêra
aragano	empalizado	parêla	rengo
caraquento	enfrenar	parelêro (7)	retovado
cíncha	entreverar	pitigo	rinha
cochonlho	lonca	perrengue	

Dos dialectos hispano-sul-americanos e do vocabulario sui-riograndense:

(6) Estes termos encontram-se no R. G. do Sul, no Uruguay, na Argentina: — *chacra*, *gualava* (goiaba), *gualaca* e *pampa*, sob formas identicas; a *garôa* corresponde lá *garúa*; a *purungo*, *porongo*; *iapa* existe no Rio Grande sob a forma *ihapa*.

(7) *Pareia* = *parelha*, de "pareja"; *parelêro* = *parelheiro*, de "parejero".

bagual	guasca	pala	ponche
gaúcho	matungo	pangaré	retaco

20. Quasi todos esses termos nos vieram por intermedio do Rio Grande do Sul, com o qual mantiveram outróra os paulistas intensas relações de commercio, sobretudo de commercio de animaes, sendo frequentissimas as viagens de tropeiros de uma para outra provincia. Dessas relações guardam ainda os vocabuários e os costumes populares de lá e de cá numerosissimos elementos communs, não só de origem estrangeira, como de elaboração proprio. (8)

21. A maior parte dos vocabuios africanos existentes no dialecto caipira não são aquisições de primeira mão. A collaboração do negro, por mais extranho que o pareça, limitou-se á phonetica; o que delle nos resta no vocabuário rustico são termos correntes no paiz inteiro e até em Portugal:

angu	carimbo	mandinga	samba
banguéla	caximbo	missanga	sanzala
batuque	cuxillo	muleque	urucungo
binga	lundu	quilombo	
cachaça	macóta	quingengue	
cacunda	malungo	quisilia	

22. Ha um certo numero de provincianismos brasileiros de origem africana, que, recebidos pela maior parte do Norte, aqui se introduziram no faiar das cidades e na linguagem litteraria, mas não penetraram no dialecto: taes, por exemplo, *cangerê*, *cacimba*, *candomblê*, *giló*, *munguzá*, *quingombó*.

### FORMAÇÕES PROPRIAS

23. Com os elementos que vieram do portuguez, do tupi e de outras linguas, formaram-se no Brasil numerosos vocabuios, principalmente por derivação, — já no seio do povo paulista, que através do seu movimento de expansão pelo territorio nacional os levou a longinquas regiões, já em outras terras, de onde foram trazidos.

Encontra-se no faiar caipira de S. Paulo, e na propria linguagem das pessoas educadas, toda uma multidão de neologismos derivados, alguns muito expressivos e já indispensaveis áquelles mesmos que procuram fugir á influencia do regionalismo:

(8) Trataremos deste ponto em appendice.



## VERBOS (9)

abombar	cavortear	empipocar	mollear
aforar (exceptuar)	chatear	entijucar	moquear
amilhar	chifrar	enquisillar	passarinhar
asperejar	coivarar	facerar	pealar
assumptar	covejar	fachear	pererecar
barrear	cutucar	festar	peseoeear
bestar	desbarrancar	frautear	petecar
bobear	descabeçar	fuchicar	pinicar
bolear	descanhotar	trotear	piriricar
buçalar	descanglar	gramar	pitar
capengar	descoivarar	lerdear	proscar
campêro	desguaritar	mamparrear	pururucar
campiar	desmunhecar	mantear	sapecar
capinar	embrotar	miquear	tapear (10)
catingar	eupaçocar	moçar	

## SUBSTANTIVOS

areão	cabocrada	filante	perovêra
bobage	calçarada	franquero	plazada
botina	calprada	gaúchismo	poetage
barriguêra	calprismo	gentama	porquêra
bestêra	calporismo	gentarada	rodada
bodocada	capina	jabuticavêra	rodêro
boquêra	capinzar	lapiana	sapezar
bugrero	capuerão	moçada	sitiantes
buraguêra	chifrada	moçarada	soberbia
burrage	chifradêra	micage	taquarar
cabeção	corredêra	mulecada	tijucada
carpa	dada	mulecage	tijuquêra
carpição	derrame (pendor)	mulequêra	varrição
cavadêra	eguada	ossama	

(9) Nos verbos, está entendido que o *r* final não se pronuncia ("Alterações fonéticas", 2.º).

(10) Incluímos aqui diversos vocabulos, que, embora coincidam em formas portuguezas conhecidas e correntes, foram entretanto espontaneamente derivadas, entre nós, de temas identicos ou semelhantes. Assim:

**BOLEAR** — v. trans.: deitar por terra (pessoa ou animal, — metaphora tirada do emprego das *bolas*, aparelho usado para pegar animaes nos campos de criação do sul.

**BOBEAR** — v. trans.: enganar, *fazer de bobo* (alguem).

**CAMPEAR** — v. trans.: procurar, propriamente no campo, e por extensão em qualquer parte.

**CHIFRAR** — v. trans.: marrar — derivado de *chitre*.

**DECABEÇAR** — v. trans.: hmpar (um terreno) de touceiras e tocos.

**GRAMAR** — v. trans.: cobrir de grama plantada (um terreno).

**MANTEAR** — v. trans.: illudir (alguem) em negocio, especialmente em barganha — condensação da phrase proverbial "passar a mauta".

**CAMPEIRO** — subst.: homem que lida com animaes no campo.

## ADJECTIVOS.

abobado	catíngudo	estopento	peltudo
abombado	empacador	facêro	praceano
atimboado	emplocado	mamóte	trocista
berneto	enredelro	micagêro	saberete
catínguento	espeloteado	passarinhêro	suplitoso

24. São em menor numero as palavras formadas por composição, e estas, na maior parte, pela juxtaposição de elementos com a particula subordinante *de*:

dôr-d'-ólo (olhos)	fruta-de-lobo
sangue-de-tatu	áua-de-assucre (agua de assucar)
sangue-de-boi	cordão-de-frade
rabo-de-tatu	mer-de-pau (mel)
arma-de-gato (alma)	pedra-de-fogo
orela-de-onça (orelha)	baba-de-moça
pente-de-mico	abobra-d'áua
unha-de-gato	côro-de-arrasto (couro)
lingua-de-vaca	pau-de-espinho
cachorro-do-mato	barriga-de-áua
gato-do-mato	taquara-do-reino
pé-de-muleque	pimenta-do-reino
olho-de-cabra	canario-do-reino
barba-de-bóde	queijo-do-reino

Por juxtaposição directa e por agglutinação:

quatro-pau(s)	tatu-canastra	quebra-cangala	arranha-gato
cinco-nerva(s)	méde-léua (leguas)	mata-sete	passa-treís
mandioca-braba	vira-mundo	tira-prosa	quatrólo (olhos)
abobra-minina	chora-minino	tira-scisma	minhócussu

Por prefixação:

entreparar	descolvarar	desaguaxado	descolvarado
------------	-------------	-------------	--------------

e outros vocabulos já citados quando tratamos da derivação.

25. Ha uma especie muito curiosa de verbos compostos, no gerundio, pela anteposição do mesmo thema no infinito: *virá-virano*, *cai-caino*. Expressam acção reiterada ou continuada. Alguns escriptores têm registrado estas formas com uma differença: com o primeiro elemento, não no infinito, mas na 3.ª pessoa do presente do indicativo: *vira-virando*, *cai-caindo*. Cremos que fazem engano: pelo menos, sempre ouvimos, ou julgamos ouvir pronunciar como acima deixamos enunciado. Querem tambem alguns vêr nesse phenomeno (que é commum a todas as regiões do Brasil, ou quasi todas) uma reminiscencia de certa particula-

ridade morphologica do tupi; mas isso ainda está bem longe de ser provado. O que se nos afigura é que houve apenas fusão das formas gerundiaes e das equivalentes do infinito precedido de preposição: a phrase — “o homem está por ahí *virá-viráo*” vem a ser: “está por ahí a *virar, virando*”.

## ADDENDA.—SEMILOGIA

26. Muitas palavras ha, entre as portuguezas, que têm soffrido aqui mudanças mais ou menos profundas de sentido. Exemplos tomados entre os casos de mais pronunciada differença:

ASSISTIR — hospedar-se. — <i>Assistir</i> numa casa, <i>assistir</i> com fulano.	LOJA — armazem de fazendas a retalho.
ATORAR — partir á pressa resolutamente; fugir.	MANGAÇÃO — vadiação.
CANNA — canna de assucar.	MANGAR — vadiar.
CAIEIRA ( <i>caieira</i> ) — grande fogueira de S. João.	NAVALHA ( <i>navalia</i> ) — navalha de barba.
CANDIEIRO — guia de carro de bois.	PEÃO — domador.
CAPADO, subst. — porco castrado.	PINGA — aguardente de canna.
CUITELLO — beija-flor.	PELINTRA ( <i>pi</i> ) — casquilho.
DESMORALIZAR, v. trans. — fazer perder o enthusiasmo, o brio.	PATIFE — medroso; sensível.
DESPOTISMO — enormidade.	PINCHAR — arremessar.
INTIMAR — ostentar. Dahi <i>intimação e intimador</i> .	PROPRIO — individuo encarregado de levar um recado ou carta a distancia.
FAMILIA ( <i>famia</i> ) — no plural, filhos.	PAGEM — serviço que acompanha alguem durante uma viagem a cavallo.
FEMEA — mulher da vida airada.	PINHO — viola.
FRUITA — jaboticaba (usado sem determinação, tem este unico sentido).	RANCHO — cabana de campo.
FUMO — tabaco.	SCISMA — desconfiança; presumpção.
FINTAR — faltar dolosamente a uma divida.	SITIO — propriedade agricola menor que a <i>fazenda</i> .
IMMUNDICIE ( <i>cia</i> ) — caça mluda.	TABACO — rapé.

27. Outras palavras, conservando o seu sentido, ou sentidos, têm adquirido novos:

AGUAS — direcção das fibras da madeira.	SANGRADOR ( <i>-dó</i> ) — ponto do peçoço do boi, ou outro animal, onde se embebe a faca ao matal-o.
BABADO — folho de vestido de mulher.	SAIA — fronde que occulta o tronco desde o solo.
DO'BRE — canto (de passaro), repique (de sino).	VIRGEM — póste de moenda.
DOBRAR — cantar (o passaro), repicar (o sino).	SOLDADO — certo passaro.
ESTACA — cabide.	TOMBADOR ( <i>-dó</i> ) — lugar onde tombam as aguas de um salto.
LADRÃO — desvio numa regueira ou açude; broto de cafeiro.	VAPOR ( <i>-pó</i> ) — locomotiva de via-ferrea; combelo.

AMADEU AMARAL.

---

---

## JOSÉ VERISSIMO

---

Ha figuras que se não esquecem mais nunca. Uma vez vistas ficam-nos eternamente na memoria. Basta que fechemos os olhos e ellas exsurgem ao nosso espirito flagrantes como um relevo.

José Verissimo era assim. Quem o conheceu, quem o viu atravessar a Avenida, sobraçando o seu indefectivel pacote de jornaes ou de livros, passo leve e compassado, cabeça ligeiramente pendida para a frente, *ténue* simples, despreocupada e quasi timida, sempre affavel, com aquella affabilidade, tão sincera, tão sua, que esbatia num minuto de convivencia intima a antipathia e prevenção que o seu todo parecia despertar ao estranho, ao indifferente, cem annos que viva, recordar-se-á cem annos, com uma infinita saudade, da impressão indelevel desta figura.

Dizer simplesmente que elle fôra um typo de eleição é repetir, numa phrase banal, o mais desmoralizado dos lugares comuns. José Verissimo era uma destas individualidades das quaes o Brasil, numa vida de cinco seculos, não conta cinco dezenas. Tendo a influencia intellectual que teve, valendo o seu conceito por uma sagração, obtendo a sua palavra autorizada o respeito e culto nacional, José Verissimo não tirou outro partido, no meio da incompreensão vulgar e da animosidade de muitos que o amor de alguns espiritos e a admiração de algumas almas. Não passou nunca de lente de uma "Escola Normal", elle que poderia ter sido tudo se o quizesse.

Criaturas assim raream dia a dia mais. Os derradeiros especimens têm-se ido ultimamente com uma pressa desesperadora. Machado de Assis, Nabuco, Rio Branco, elle e, já, dias depois, Affonso Arinos. E' uma desolação. Ha ainda um Oliveira Lima, um Pedro Lessa, um Affonso Celso e poucos mais que não som-



mam, talvez, ao todo, uma duzia delles, vivendo numa vida serena e fecunda de silencio e de meditação.

Não ha veneração nem enthusiasmo e as almas que chegam parecem aridas e seccas como desertos. Ninguem se detem para sentir e meditar.

Os nossos grandes homens, se se alheiam ao choque das paixões immediatas e absorventes da massa, passaram mal conhecidos e suspicazes. O proprio Machado de Assis, que levou mais de meio século a ter talento original e a trabalhar os alicerces da nossa literatura, só agora, depois da lembrança de alguns espiritos intelligentes de S. Paulo, organizando uma "Cultura artistica", a cuja frente se ajustam, tão harmoniosamente, a grande alma lyrica de Amadeu Amaral e o espirito pausado e tranquillo de Nestor Pestana, está sendo revelado ao paiz no curso admiravel de Alfredo Pujol.

E não é o pessimista quem fala. O scepticismo nunca me atrahiu. Mas assombra-me a incapacidade que sinto nas almas jovens de hoje para o devotamento ás idéas puras, ao altruismo, á dedicação desinteressada pelos grandes ideaes — forças unicas capazes de conquistar, na renuncia dos interesses e das paixões vulgares, uma vida de pensamento e de nobreza moral.

No Brasil nunca houve uma vida intensa de pensamento. Mas, a certos respeitoes, essa mesma que havia diminue consideravelmente.

Tinhamos sempre isolados e distantes, porém tinhamos, espiritos que viviam exclusivamente para a meditação e para a arte e cuja existencia trabalhada era um sacrificio perpetuo a estas aspirações e a estes sonhos.

Agora é a vida pratica, a anciedade do triumpho economico, a corrida atraz das posições e dos prazeres.

As democracias fecundando para todos, as aspirações mais ousadas, fazendo que os individuos mais humildes busquem, legitimamente, as posições mais altas, ainda diminuem muito mais os desejos de intellectualidade pura.

Será um bem? Será um mal? Será um defeito a vida de absoluta meditação? Será uma virtude a corrida para as posições sociaes e para o oiro?

Tudo depende de pontos de vista. Se a civilização deve ser isto mesmo: — a riqueza, o deslumbramento, a vertigen — o pensamento assim é um entrave á precipitação para a victoria.



Se ao contrario, fôr tambem a grandeza intellectual, a tranquillidade, a belleza, o preceito moral, então aquelles solitarios são criaturas inestimaveis e eternas.

Entretanto, pensem como quizer, julguem como achar melhor, não negará ninguém o encanto destes seres maravilhosos, a influencia que taes exemplos de desinteresse e renuncia cavam no espirito dos outros homens. Sobretudo em meio como o nosso, em que a mocidade ambiciosa já traz em si os germens que a vão anniquilar.

Uma juventude que se toca de decadencia. Moços apressados que não promettem conquistas tranquillias e duraveis. Na sua maioria já elles pertencem, distinctamente, a duas classes lamentaveis. A um *arrivismo* feroz, no qual tudo querem conquistar, immediatamente, sem esforço serio, nem paciencia, nem serenidade, não conhecendo muito os meios a seguir, não comprehendendo muito a irrevogabilidade de certos escrupulos; ou então ao scepticismo, pela certeza da impossibilidade do triumpho honesto e um scepticismo mais doloroso ainda que todos os outros, porque é o traço da ruina corrompendo o renôvo, a flôr que apenas desabrocha e já tresanda a decomposição.

\* \* \*

Em José Verissimo ha uma contradicção flagrante. Entre o escriptor e o homem que tremendo contraste. Nelle o famoso aphorismo de Buffon não encontraria applicação. No seu caso esta cousa de que o estylo é o homem se não é inteiramente falso está, pelo menos, incompleto.

Erro grosseiro commetteria quem visse no seu estylo sobrio, conciso e secco um José Verissimo secco sobrio e conciso. E era este o desapontamento de quem o conhecendo apenas pelos seus livros e esperando encontrar um espirito gravissimo e resequido sentia, escandalizado, que se lhe deparava uma alma maravilhosamente aberta ás impressões generosas e excessivas. Que ardencia de entusiasmo, que calor de expressão naquella voz mirrada que se lhe parecia até transfigurar, transfigurando-o, quando o seu espirito se illuminava por um entusiasmo livre e espontaneo! A Guerra dera-lhe uma vibração que não descontinuuava um minuto na intimidade. Era uma sensação sempre nova vê-lo e ouvil-o nestes momentos. Ninguém diria, então, que era o mesmo homem, que havia traçado tantas paginas, tantos

volumes, tantas obras de uma analyse implacavelmente fria e serena sobre a nossa literatura, sobre literatura estrangeira, sobre idéas, sobre factos, sem uma encrespação, sem uma onduação, onde transparecesse, ainda que sopitada, uma paixão, um transbordamento.

Como explicar este contraste? Não bastaria fixal-o?

José Verissimo era uma destas criaturas privilegiadas que, a força de querer, de dominar-se, conseguira occultar, aos olhares indifferentes, quando escrevia, o impeto que lhe ia n'alma. Foi uma vontade em acção continua. Sabia querer e queria decididamente.

Não ha exemplos de criaturas que escondem, inteiramente sob uma apparencia de impassibilidade, o sentimento mais profundo?

Gøethe foi o mais formidavel exemplo humano desta força. — Um dia, já em fins de sua vida, jantava, em companhia de convivas dedicados, quando lhe vieram trazer a noticia da morte de Carlos Augusto, seu soberano, seu amigo e seu grande protector. Temiam todos um tremendo choque, conhecida a sua dedicação pelo soberano, entretanto, sabida a nova, o poeta apenas deixou escapar uma exclamação dolorosa, mas logo, reatando a palestra, terminou o jantar, para depois ir sentir e prestar as homenagens que lhe merecia o morto querido.

José Verissimo não iria até ahi, porque o fundo do seu caracter era a bondade. Elle era cheio de coração. Soffreria e se veria e se sentiria este soffrimento, mas, passado aquillo, mais tarde, quando fosse apreciar, estudar a obra do morto, sua critica, sua apreciação poderia ter alguma palavra de saudade, o seu conceito, porém, seria repousado e justo antes que entusiastico e ardente. A sua virtude era esta: sabia guardar no fundo do seu coração magnanimo aquillo que era do coração. Não misturava a conceitos que deviam ser sentidos por todos o que era seu sentimento pessoal, que só tinha que vêr comsigo. Que mais prodigioso exemplo que esse artigo sobre o Kaiser — o seu canto de cysne — escripto na occasião do seu entusiasmo mais fervente pelos alliados, com aquella calma e aquella independencia de quem via tudo de fóra do scenario, sem vehemencias nem paixões!

Era um sociologo estrangeiro, que estudava, em baixo de um ponto de vista pessoal, é verdade, mas tranquillo, a figura

do Kaiser. Um fino sociologo que tem idéas preestabelecidas, um julgamento preformado, não por paixões arbitrarias e desbordantes, mas pelo conhecimento de factos anteriores, por uma comprehensão particular dos acontecimentos humanos.

E não foi esta só vez que se deu isto. Atacado continuamente, quando respondia, se havia a demonstração de um brio offendido, nunca as suas respostas ultrapassaram esse limite que o seu espirito se impuzera.

Poucos dias antes de sua morte desciamos juntos a rua do Ouvidor conversando sobre cousas da guerra — a sua preocupação constante quando, de repente, elle pára, segura-me no braço e diz-me, quasi ao ouvido: — “sabe, com esta guerra, descobri em mim uma qualidade que não conhecia.”

E como eu o continuasse a olhar silenciosamente, acrescentou: — “Sim, descobri em mim a capacidade de odiar.” E rematou com um daquelles seus sorrisos enigmaticos, tão suspeito aos estranhos, que só lhe lobrigavam ironia e scepticismo e onde, se havia scepticismo, de quem muito tinha soffrido e muito desconfiava dos homens e das cousas, havia tambem para os que sabiam vêr, para os amigos, um fundo infinito de bondade. Nestes momentos brilhavam nos seus olhos pequeninos e inquietos uma força e uma juventude desconhecidas.

Era um grande coração e a bondade foi sempre o melhor padrão do seu espirito. Que o digam estas intelligencias brilhantes: — Graça Aranha, Afranio Peixoto, Nestor Victor e os outros, que o cercavam e que, se não eram seus discipulos, porque elle é fundador de uma escola que não deixa discipulos, se desvaneciam com os seus juizos e se louvavam nos seus conceitos.

Onde o escriptor impassivel que elle foi nos daria uma impressão tão perfeita do homem? Faltava-lhe aquella plasticidade de sentimento que sabia ter um Joaquim Nabuco, descrevendo “Massangana” e em que se descortinava, no crystalino de uma forma tão simples, toda a profundidade de um coração maravilhoso.

Elle era um raciocinador. Tinha um estylo de idéas, se se quizesse usar de linguagem grata a classificadores. A imagem, o colorido, o relevo, não existem na sua obra, o que lhe dá aquelle tom secco e, por vezes, aspero de forma. Em compensação a lucidez, a persuasão prompta, a evidencia, resaltam luminosas

da sua phrase. Para pôr em fóco uma verdade obscura, mostrar uma falha, esclarecer uma duvida, poucos escriptores terão uma tal malleabilidade e precisão. Nasceu para fazer analyses, para raciocinar, para dissecar pacientemente. Vem dahi o seu pendor para critico.

Escrevendo sobre um facto qualquer, dissertando, commentando era sempre a analyse, a critica que o preocupava e absorvia. Não seguia, porém, nunca, uma escola determinada. Lêra todos os mestres: Taine, Ruskin, Veron e os outros todos, mas não apprehendera processos exclusivos de nenhum. Ou melhor, não se preocupava com uma escola, não se atormentava com systemas philosophicos, quando criticava. O que o attrahia era a verdade, a justiça e com ellas e acima dellas a belleza esthetica e o seu grande amor ás letras. Não estabeleceu mesmo, nunca, uma directriz a seguir. Para isto fôra preciso um definido poder de synthese. E a synthese não o attrahia. As suas syntheses são mais uma summula de analyses que syntheses precisamente. Elle proprio reconhecia a sua incapacidade para esta ordem de pensamento. Ainda não ha muitos mezes, a pedido de Afranio Peixoto, terminara um livro didactico de historia. No dia em que o levóu ao editor encontrei-o na "Liga" e elle me disse: "entreguei hoje o meu livro de historia ao Alves, nunca livro algum me deu um tão grande trabalho e o julgo ainda muito longe do que eu desejava."

Acho que elle tinha razão. Num livro para crianças a qualidade primacial é, a par de muita força suggestiva e muito colorido, uma synthese rapida, simples e accessivel.

\* \* \*

No entanto aquella alma supposta impassivel, aquella coração aparentemente xenocrateano, sem vacillar, sem temer, dissecava, analysava, criticava, sempre arripiadoramente imperturbavel no seu amor a justeza, a justiça e a prohibde.

Foi um heroismo. Num meio qual o nosso, numma literatura qual a nossa incaracteristica e vacillante, desagradaria dez vezes para agradar uma só.

A nossa literatura não comporta ainda um critico de tal estôfo. Ella é feita para apologistas, para apreciadores benevolos. O panegyrico, o louvor, o compadrismo é a unica especie de critica possivel por emquanto.



José Verissimo foi um deslocado, foi um insolitado, impoz-se a força, obrigou as nossas letras *debutantes* a aceitar-o e ouvir-o. Se contribuiu, em parte, para criar um gosto e formar um juízo, estabeleceu uma desproporção entre o senso esthetico e as possibilidades do meio. Chamaram-no o nosso Taine, o Faguet brasileiro. Eu se fujo de confrontos devo, porém, affirmar que as suas opiniões, a sua critica, acomodar-se-iam bem na literatura franceza, onde os seus conceitos, se não teriam o imprevisto e a bizarria de um Remy de Gourmont, nem a philosophia de um Taine, guardariam a proporção e a justeza de um critico prodigiosamente lucido e honesto. No Brasil é que elle estava deslocado. Poderia talvez apparecer daqui a uns cincoenta annos.

Possuimos certamente poetas como Alberto de Oliveira e Bilac, romancistas como Alencar e Machado de Assis e outros, pensadores diversos, mas, na multidão de escriptores nacionaes de outras castas, esses só fazem conseguir um desequilibrio que ou endoideceria o critico probo, que procurasse estar bem com todos e com a sua propria intelligencia e probidade ou daria, heroicamente, um José Verissimo.

\* \* \*

Ha um livro, porém, que destôa de toda a sua obra. É o mesmo analysta, o mesmo pensador, mas sente-se, amplamente, algumas vezes, o enthusiasmo e a fé pairar sobre tudo. Não falo das suas "Scenas da vida amazonica", que não conheço e sobre que nunca o ouvi dizer cousa alguma, mas de "Educação nacional".

Para explicar esta excepção ha, entretanto, varios motivos. — Vinte e poucos annos de idade, uma esperanza de redempção perenne pairando no ar com a abolição e a fé nascente numa republica, que accenava promessas de Chanaan.

Num paiz como o nosso sem educação e sem directriz, este livro é uma especie de evangelho, que todos deviam meditar e possuir. "Educação Nacional" quizera que fosse dada a todo o homem de responsabilidade, a toda a criatura que possa, um dia, influir no nosso destino, a todo o moço que represente uma esperanza, a toda a mocidade, emfim, que é renovo e é vigor e é força e é seiva nova para formar, victorioso, 'o nosso Brasil futuro.

O resto de sua obra, obra valiosa e talvez, em muitos aspectos, unica, no nosso meio, não dará mais que uma feição deturpada da sua grande individualidade. E' verdade que ella é o pensamento e o pensamento é o que mais interessa, mas nelle não seria nunca a parte mais curiosa. Pelo seu pensamento, pela sua obra, ninguem, no futuro, fará uma idéa clara do que foi a sua sensibilidade, a doçura do seu espirito, o prodigio do seu coração. Ao contrario, a impassibilidade, a frieza e até a ironia parecerão as suas feições unicas. E isto seria uma formidavel injustiça.

Quem não o conheceu que faça, pois, a critica exclusiva do escriptor. Eu prefiro mostral-o completo, toda a sua individualidade, que se não accomoda absolutamente na sua obra, porque esta é uma feição apenas do seu modo de ser, enquanto a sua personalidade integral é mais ampla, menos medida, menos impassivel e mais gloriosa.

A. CARNEIRO LEÃO.



---

---

# NA FLORESTA DA AGUA NEGRA

---

A VALDOMIRO E AGENOR SILVEIRA.

## I

*E' á hora intensa do sol na terra americana.  
Dentro do coraçon do Brasil. Na floresta.  
A' sombra secular da selva soberana.  
Nos éstos do verão. Sob o torpor da sésta.*

*Queda immoto o arredor na adustão da soalheira.  
O ar, oleoso, referve. Immoel tudo. Espasmo.  
Apathica, em plethora, a natureza inteira,  
Morre na mornidão de um morbido marasmo.*

*A luz, vividamente, espadanando lavas,  
Em scintillas rogaes e vibrações urentes,  
Ampli-ondeante desfralda as labaredas flavas,  
Jalnes, rufas, de tons gualdos e fulvescentes.*

*Sob o vuleão do sol a mata resplandesece,  
Nimbada por um halo incandescente e louro.  
A estampa de metal da paisagem parece  
Uma esmeralda a arder dentro de um aro de ouro.*



*O verde é multieôr: tem cambiantes diversas.  
E essas eolorações, em conjuncto indistinctas,  
Vêm, desde o verde-eseuro ao verde-eré das versas,  
Variando, na unidade, a gradação das tintas.*

*O solo de alluvião, resequido e gretado,  
De torrida aridez, requeima, escalda, abrasa.  
Na extrema quietação do plaino illimitado,  
Não se escuta siquer o tatarar de uma asa.*

*Cobre a concha do eéo, de um anil fundo e forte,  
Essa paradoxal planura desmedida.  
E a floresta apparenta a placidez da morte,  
Verde, virgem, vivaz, na volupia da vida!*

*E' o momento infernal dos maiores calores.  
No ardor da insolação a atmosphaera asphyxia.  
Do proprio suor, no ar sceeo, aspiram-se os vapores.  
Silencio. Solidão. Angustia. Calmaria.*

*O homem, sem esperanza, humildemente implora  
A proteecção do eéo, aniquilado deante  
Da energia nutriz, do prodigio da flora,  
E da fauna, sem par, da terra exuberante!*

## II

*Porém, inesperado, ondulando no espaço,  
Igneo, perpassa no ar o sopro do boehorno.  
E a impressão que produz esse bafo, ao mormaço,  
E' a mesma que se tem do resealdo de um forno.*

*A bafagem augmenta: é o sudeste que avança:  
Zune, zimbra, sibila, entre assobios uiva...  
E emquanto, farfalhando, as ramagens balança,  
Ergue do chão de grês uma pocirada ruiva.*



*O vendaval sacode, e recursa, e supplanta,  
E vergasta! A floresta agita-se acordando...  
E ao seu foror se oppõe, vibrando em cada planta,  
Desgrenhada, de pé, colerica, luctando!*

*Subito, ouvem-se além clangores de bombardas;  
Torna-se cardeo o céu; a amplidão se recobre  
De nuvens colossaes, prenhes, plumbeas e pardas;  
— De faixas côr de chumbo e nimbos côr de cobre.*

*Então, em pleno dia, em pleno sol ardente,  
O corisco serpeia, estraleja e rechina...  
Apaga-se e reluz inopinadamente,  
E fulvido e fugaz phosphoresce e fulmina!*

*Eseuta-se, á distancia, em continuo crescendo,  
Surdo, soturno e rouco, horrendamente echoando,  
Um rodar, um rolar de carrilhões plangendo,  
De mil portas de bronze ao bater rconando!*

*A trovoada parece, á luz calida e crua,  
O tropel dos titans, um trepidar de tropas!  
— E o diluvio da chuva, ao longe, desagua,  
Rufando o rataplan das bategas nas copas.*

*Venta e relampadeja. A tempestade ruge!  
E, á medida que investe, estouraz e ferrenha,  
Aos roncões estertora, esplode, estronda, estruge!  
— E grossa, torrencial, a chuva se despenha.*

*Cáe. Abrandando o calor do solo e da floresta.  
Dá de beber. Mitiga a quentura implacavel.  
A alegria da vida enfim se manifesta:  
Tudo canta e sorri de um modo inenarravel.*

*Passam, grasnando no ar, periquitos em bando,  
Num ridente rascar sobre as aguas revoltas,  
Como uma frança que se fosse desfolhando,  
E esparzindo em redor as verdes folhas soltas...*



*Na harmonia do bosque ha sons indefinidos :  
Amiude ouvem-se perto alguns rumores suaves :  
Crebros murmurios, repetidos estalidos,  
— O barulho orchestral das aguas e das aves.*

*Logo depois que cessa o raivar da refrega,  
Polvilhando os moitacs de lódãos e peuvas,  
Rorejante, lenteja uma fina bruega,  
Resumbra, ainda algum tempo, o gottejar das chuvas.*

*Por brejaes e marneis, regatos e ribeiros,  
A onda do temporal acachoa e sussurra :  
Revolvendo, enludrando, eneharcando os lameiros,  
A flux a agua borbota e aos gorgolhões enxurra.*

*Alvas, no claro-escuro, entre arvores, ao fogo  
Das clareiras, fundindo innumeravcis riachos,  
Jorram em borbulhão e unisono regougo,  
Cachoeiras em cachões de espumantes pennachos.*

*A agua, em largos lençoes, se alonga, alastra, alaga...  
E a corrente caudal de erespos flocos brancos,  
Redemoinhu e transborda e vai, de vaga em vaga,  
Enehendo boqueirões, cavalgando barraneos.*

*Em cataractas desee, em catadupas corre :  
Leva na correnteza a gluma, o tronco, a espatha...  
No seu curso veloz a ravina percorre,  
E, finalmente, chega aos areanos da mata.*

*Ahi, no somno estival, preta, putrida, estanque,  
Largamente estendendo as margens lutulentas,  
Dorme, ao sol do equador, como um immenso tanque,  
A agua negra e lethal das febres pestilentas.*

*Decomposta ao calor, podre e procriadora,  
Em ardencias vitaes a agua immunda borbulha :  
Tabida e germinal, como se acaso fôra  
Um espelho de onyx, uma planicie de ulha.*



*Morta e sinistra assim, no seu seio fecundo  
Fervilhando em vibriões, mephitica e funesta,  
Ella é que dessedenta, alimenta esse mundo,  
Dá-lhe viço e frescor,—porque é a Mãe da floresta!*

## III

*Já, do incendio do accaso, as chammas derradeiras  
Barram de ouro e de rosa os curvos horisontes.  
Desce o carro do sol por traz das cordilheiras,  
Da corcova lombar das serras e dos montes.*

*A tarde é de crystal; curta, clara e calmosa.  
E é tão profunda a paz crepuscular na selva,  
Que, em verdade, se sente a impressão mysteriosa,  
De ouvir brotar o mato e ver crescer a relva...*

*A cigarra estridula. E Vesper irradia.  
Frouxos, franjando o céu, fulgem filões de prata...  
E enquanto, a pouco e pouco, empallidcec o dia,  
Desponta a lua cheia illuminando a mata.*

*O clarão sidereal, nos rasgões do folhede,  
Entra, ás vezes, filtrando uma restea argentina,  
Como se penetrasse o aranhol do arvoredo,  
Longo e alvo, um claymor de lamina opalina.*

*As palmeiras gentis, sobre as balseiras brunas,  
Por entre os coqueirões, alvadios e calmas,  
Desenham-se no luar como esbeltas columnas,  
Letamente cmbalando os flabellos das palmas.*

*A mãe-da-noite canta. E outra voz lhe responde,  
No concerto nocturno, apaixonada e cauta.  
E em breve, em cada ninho, occulto em cada fronde,  
Ha serenas canções bucolicas de flauta.*

*Misturam-se na brisa, embalsamando o ambiente,  
As evaporações dos jasmims e mimosas,  
Das baunilhas em flor, do cacau redolente,  
Da cannela odorante e das ervas cheirosas.*

*Nos selvagens vergeis de sapidos aromas,  
Sentem-se, pelo olphacto, o queimor da pimenta,  
A essencia do ananás, os travores das gomas,  
E a acidez tropical da manga sumarenta.*

*Tão grande é a exalação que desprendem os cardos,  
Sác de mil florações, mil fruetos, mil corbelhas,  
Que esse fluido sensual inebria os mascardos,  
Que esse iman trescalante entoutece as abelhas.*

*Crespa, a vegetação é tão ampla e tão densa,  
Irregular, cerrada, intrincada e disforme,  
Que se enrosca, entrelaça, emmaranha e condensa,  
Formando paredões de uma espessura enorme!*

*Cauls descommunes, hartos cernes robustos,  
Por filipendulas, tilandsias, enredigas,  
Por flexiles eipós e fragiles arbustos,  
Trançam-se entretecendo as tramas inteiriças!*

*E nesta confusão de multiplos perianthos,  
Milhões de vegetaes de formas infinitas,  
De gynandrias, cecens, bromelias e cyclantos,  
Em redouças areuaes pendem as parasitas!*

*E do fôfo tapiz, das plumas e dos fetos  
Que reeamam o solo, erguem-se borborinhos,  
Zumbidos e sum-zuns e chirriar de insectos,  
Chios, cicios, sons de cochichos baixinhos...*

*O luar dentro da selva amedronta e deslumbra!  
Por vezes, no interior das brenhas, nos refolhos  
Das sebes, como dois topasios na penumbra,  
Phosphoreja, citrino, o fagulhar de uns olhos...*



*Dos invios matagaes, dos sultos socegados,  
Por onde eceassa a claridade se insinua,  
A onça, o lobo, o tapir, como magnetizados,  
São da eseuridão, e uivam olhando a lua...*

*Corta a amplidão, singrando os ares luminosos,  
Um alto corvo-rei, uma aguia-real possante,  
Um giganteo condor de remigios gloriosos,  
Revoando em direção do pantanal distante.*

*Desenhando avejões e phantasmagorias,  
A luz da lua nos sombreados reverbera.  
E, abandonando o horror das touceiras bravias,  
Em torno da palude a fauna se agglomera.*

*E enquanto a multidão das figuras povoa  
De horrificas visões as paragens funeraes,  
Dorme, ao luar do equador, a turbida lagoa,  
A agua negra e lethal das brancas vallisnerias.*

*Florindo o tremedal, o macio perfume  
Dos nelumbos azues, das nymphéas se evola.  
E, alva, sobre o negror das aguas de betume,  
Abre a victoria-regia o esplendor da corolla.*

*O terror é solenne! O espaço se desata  
Em chuvas zodiacaes! Através das neblinas  
Fulgem, como se fôra a ardentia da mata,  
Minusculos fuzis de estrellas pequeninas...*

*São vagalumes, são lampyrides candentes,  
Lueilando a bailar pelo bosque sombrio...  
Phalenas, colibris, vermes phosphorescentes,  
Libellulas iriaes e fúlgueros no eio...*

*E' o Amor que celebra essa brilhante festa!  
O orvalho cáe. A seiva sobe. As aguas bolem...  
E a noite, nupcial, no templo da floresta,  
Vai propagando ao luar os hymencus do pollen!*



*Então, por toda a selva, a magia é tamanha,  
Que, para definir-lhe a riqueza estupenda,  
Foi preciso appellar para uma força estranha,  
E a fé se originou da poesia da lenda!*

*Hora de aparições! Hora de pesadelos  
Que tivestes talvez sem nunca os descreverdes...  
Em que a Yara penteia os humidos cabellos,  
A coma vegetal dos seus cabellos verdes!*

*Dizem que essa mulher mysteriosa parece  
Surgir, desabrochar por encanto divino!  
Como uma orchidea enorme, uma flor que se houvesse  
Transformado ao luar num corpo feminino!*

*Grande, joven e bella, essa imagem humana,  
Cuja nudez radiosa a natureza encerra,  
Incarnando o vigor da flora americana,  
E' a Musa do Brasil, o symbolo da terra!*

## IV

*O homem, cheio de orgulho e de amor, contemplando  
A grandeza feraz da patria da conquista,  
Na sua adoração dobra os joelhos sonhando,  
Beija a terra! — e murmura esta prece de artista:*

*“O' floresta! na tua imponencia e bravura  
E's simples e sonora, eloquente e singela!  
No esplendor virginal da tua formosura  
E's agreste, és inculta, e no entretanto és bella!”*

*“Para que eu te traduza a majestade rude,  
Mas de uma forma tal, precisa e manifesta,  
Que demonstre o poder da tua juventude,  
A que hei de exactamente igualar-te, — ó floresta?”*

*“Só posso comparar-te á lingua portugueza:  
Porque ella é que possui os thesouros da tua  
Basta, e brava, e brutal, e barbara belleza  
Que a lingua mãi, na terra virgem, perpetua!”*

*“Pelo sagrado amor dos artistas futuros,  
Na lingua florestal, em vindouros garimpos,  
As palavras senis, que são carvões eseuos,  
Hão de um dia esplender como diamantes limpos!”*

*“E o tacto, a côr, o som, o sabor e o perfume,  
Tudo que á phrase humana a sensação empresta,  
Ha de um dia exprimir a lingua que resume,  
Na opulencia verbal, a pompa da floresta!”*

*“Consagrando a belleza, eternizando a graça,  
Elle reflorirá como um verde renovo!  
— E os Poetas eantarão, para gloria da raça,  
Na lingua de ouro velho a terra de ouro novo!”*

MARTINS FONTES.



---

---

## A NOÇÃO DA RESPONSABILIDADE

---

Não ha negar, atravessamos neste momento uma crise social grave, fonte de todos os males que nos affligem, causa da deficiencia economico-financeira que nos defronta e da desorganisação administrativa que nos molesta.

E' possivel e, a bem dizer, será mesmo provavel que phenomenos geraes de varias ordens, extrinsecos á nossa vida, mas sobre ella agindo efficientemente, tenham influido para a aggravação do momento actual mau; comtudo, obedecida a logica, ver-se-á que, se o fizeram, foi de um modo apagado e aleatorio.

O mal não está nem esteve ahi e sim alhures; a cachexia que nos consome, a insufficiencia que nos deprime, a intoxicação que nos inutiliza, a nevrose que nos aliena impedindo-nos o progresso e paralyndo-nos o aperfeiçoamento, é a ausencia ou a deturpação da noção de responsabilidade.

A base sobre a qual ha de alicerçar-se uma sociedade presumidamente adiantada, é sem conteste a instrucção; é preciso convir de antemão que a instrucção não se obtem com uma bagagem escolar em que á cartilha do A B C juntou-se a sciencia confusa das quatro operações elementares.

Dizendo instrucção, digo, implicitamente, instrucção civica, instrucção social nitidas, completas, sem deslises da preocupação maxima que deve ser a orientação futura de cada um: a comprehensão de que não ha, ou por outra, não deve haver, na collectividade, quantidades despreziveis, que cada um tem um papel a representar; e que no grande drama da vida humana não ha comparsa, por mais humilde, cujo desempenho não possa influir no exito geral.



Se assim é, uma apreciação imparcial de nosso meio é altamente desconfortante para nós; de um lado, um numero consideravel de analphabetos e individuos que só o não são no maior rigorismo do termo, e aos quaes fallece qualquer desenvolvimento intellectual, perniciosos em um meio pouco culto pela presumpção de uma condição mental e social que de facto não estão na altura de occupar.

Esses, a grande maioria, a turba que se movimenta solicitada pela influencia superior, da qual é muitas vezes o instrumento explorado; dessa turba é natural não se espere nem obtenha uma noção, mesmo approximada, dos apurados deveres que lhe incumbem como parte de nma sociedade que ella conhece mal e olha sempre prevenida.

Do outro lado está a classe culta, ou, para melhor dizermos, instruida, aquella que, da magistratura ao commercio, das profissões liberaes ás industrias, cria, forma, aperfeiçoa e dirige a sociedade moderna.

A disparidade de numero entre a porcentagem de um e outro desses agrupamentos não diz em favor desta, e annuncia, ao primeiro exame, um mal que nos infelicitá e por cujo extermínio é mistér apprehender uma lnta sem treguas.

Instruir as massas, dar a cada um a dose sufficiente de instrucção e cultura que permitta um discernimento apurado, é a incumbencia maxima da *élite* social; assim, e só assim, terá o homem a liberdade moral precisa para que a responsabilidade se institúa e a organização social se aperfeiçoe.

“A moral se resume em nma grande expressão: educar o povo” — dizia Renan, o grande pensador.

Victimas desse grande maleficio não o somos menos do outro: a noção da responsabilidade individual vive arraigada no espirito de cada um, mesmo nas classes cultas da sociedade actual?

Não. E' a orientação do momento consecutaria do espirito altruista de collectivismo em que cada homem desaparece como entidade autonoma, para ser e considerar-se uma parte, sob todos os pontos de vista, ligada e dependente, do todo unico e indiviso — a collectividade? Absolutamente não.

As tendencias egoisticas da época apuraram-se em quantidade ao tempo em que desmereciam em especie; a idéa do aperfeiçoamento pessoal com o objectivo da melhoria collectiva foi-se



dispersando ao sopro da rudeza da vida material que a superficialidade da nossa cultura permittiu sobreviesse topando-nos inaptos para defrontal-a.

Dahi successivos desastres.

Na hora presente, salvo excepções, que, ao envez de augmentarem, escasseiam de mais em mais, a fraternidade desaparece dos corações, á medida que irrisoriamente se incrementa nos symbolos e reproduz nos disticos e frontespicios.

Poucos sabem o seu dever e menos ainda o cumprem. Porque? E' a Moral que falta; por ignorancia ou por desprezo, as leis da Moral subvertidas, espesinhadas, fraudadas, deixaram de ser a bussola do organismo social. Dahi os erros, dahi os delictos.

Do particular ao geral, na analyse do parcial, ou na critica do conjuncto, uma verdade se deparará aos olhos do espirito estudioso que pormenorizada e imparcialmente se detiver no exame do momento que passa.

Primeiro falhou a honestidade: uma scissiparidade singular fragmentou-a em dous termos dos quaes um conservou-se integro e serviu ao uso privado, o outro foi a pouco e pouco constituindo um aleijão multiforme, ora ostentando á luz do sol a sua monstruosidade, ora disfarçado, por sob um artefacto do vestuario que só os olhares incautos não reconhecem.

Uma Moral nova foi precisa, de grandes azas abertas e enorme manto distendido, para abarcar as multiplas variantes desse deslize singular.

O medico sobrepoz o espirito mesquinho do ganho á magestade do seu ministerio e deixando a mira do leito do doente entrou a revolutear o olhar cupido pelos armarios, sedas e preciosidades do lar em que penetra e, mentalmente, á medida que a penna traça no papel o receituário que deve levar o doente á cura, a mathematica calcula no espirito quanto o burguez apatacado ou o rico capitalista pode pagar mais que a uma consciencia digna é justo requisitar.

Quando não, é a associação indecorosa da esmeralda ao topazio symbolicos unindo as mãos do pharmaceutico e do medico em um pacto em que se mistura a nobreza da medicina ao interesse commercial da pharmacia, por cujo progresso periclitante sacrificam-se não raro a exigencia da clinica e a bolsa do doente.



Annuncios bombasticos enchem as paginas dos jornaes: ao lado da immodestia, que é alguma cousa mais, com que se improvisam especialidades as mais numerosas e disparatadas, apregõa-se a cura de incuraveis e o monopolio de segredos therapeuticos que seriam prova de deshumanidade se não foram pura charlatanice. O medico desceu de seu pedestal e materializou a profissão despindo-lhe as vestes bemdictas e solemnes do sacerdocio que é — e o maior de todos, para reduzi-la a uma equação algebrica de que o serviço e a remuneração passaram a ser os unicos termos.

Alijou como inutil a piedade que é a sua força, porque, em qucrendo ministerial-a, não lhe criam empeços a improficuidade da therapeutica *nunc et semper* acorrentada ao limitado do saber humano.

Parallelamente, o cliente retirou ao medico a alta veneração que em tempos idos jamais lhe regateára; passado o momento da angustia quasi o julga devedor pela distincção da confiança com que foi honrado, mais do que um credor pelo beneficio que prodigalisou.

A' margem os casos que, em relação, são quasi nada, de eterna gratidão e illimitada confiança, trata-o como se dôres suavizadas, afflicções amenizadas, saúde restabelecida, confidencias affectuosamente recebidas e mantidas, mais não fossem que qualquer mercadoria que a bôa moeda sonante adquire sem maior sobrecarga de reconhecimento.

Tudo isso porque?

O magistrado e o advogado esqueceram sua missão elevada de patrocínio das causas nobres e justas; ao envez de paladinos da justiça e defensores da verdade, passaram a procurar, no interesse inconfessavel dos proventos pessoas de toda a sorte, a directriz de suas acções e julgamentos.

Defraudadores de toda a especie, usurpadores do bem alheio, privado ou publico, assassinos os mais repugnantes têm encontrado defensores que lhes advoguem as causas miscrandas com um calor e entusiasmo que revoltam e enojam; servem de aggravado a essa advocacia tenebrosa as circunstancias moraes e materiaes do crime, as mais abjectas, e a posição social dos criminosos, que lhes tem valido de manto protector, quando, em sã razão, lhes devera accentuar o crime pela condição superior de discernimento e educação.

O militar olvidou seu honroso encargo sublimado na defeza da Patria e na estabilidade da ordem e das instituições; emprestou sua farda ás explorações politicas de toda a sorte, foi o instrumento das ambições criminosas de aventureiros sem escrúpulos, e, não raro, sobrepoz-se aos sentimentos comesinhos de humanidade e fuzilou e degolou e supprimiu o inimigo leal como o innocente indefeso.

O serventuario publico desnaturou revoltantemente sua razão de ser, fez-se uma concepção esdruxula de seus direitos e deveres, entrou de julgar o Estado como um favorecido e um obrigado a quem por uma indulgencia ultima faz o favor de servir.

Acertaram os mais pequenos em desobedecer ou embaraçar pela inercia ao tempo em que os graduados substituiram á lei os seus desejos e aos direitos as suas preferencias.

O jornalista desvirtuou a nobreza de seu mistér, substituiu o objectivo encômiastico de sua attribuição social pelo interesse mesquinho de suas paixões pessoaes e o ainda menor da vendagem de suas objurgatorias tanto mais procuradas quanto maior o sabôr que nellas encontra o povo, de escandalo e conceitos deprimentes.

Governantes enveredaram loucamente pela via das dissipações dolosas dos dinheiros publicos, pela selecção dos mais maleaveis, em detrimento dos mais dignos, pela pratica monstruosa das injustiças quasi systematicas apostadas em realizar a inconsciencia e a vergonha do

*“Quoi qu’il puisse en couter, chacun veut, à son gré, se renfler, s’agrandir, s’enrichir au plus vite.”*

Tudo isso, porque?

E’ que se perdeu a noção da responsabilidade. Acima da responsabilidade penal, freio e contensivo, força de que as nações se armam para punir e, punindo, deter os menos escrupulosos, ha a responsabilidade moral de que cada homem educado e culto deve sentir a força imperiosa e dominadora.

A consciencia da responsabilidade pessoal, a comprehensão exacta de que cada homem, do mais humilde ao mais graduado, é um factor que pesa no conjuncto social, a convicção de que cada um se deve possuir de que pode ser uma força, tendendo ao bem, como será um entrave se inclinar-se ao mal, são noções que desertaram das grandes massas para encontrar-se no espirito de meia duzia.



“Personne est responsable de sa famille mais chacun est responsable envers sa famille”, dizia Janet; a verdade do conceito ha de subsistir respeito á sociedade.

Os agrupamentos humanos que se vão progressivamente formando e constituindo em sociedade passam por uma serie de transmutações analogas ás que experimentam as especies animaes na sua escala ascendente de aperfeiçoamento.

A multiplicidade de factores extrinsecos a cuja acção tambem, de si, muito varia, os corpos animados se vêm expostos de continuo, obriga-os a phenomenos de defeza que são verdadeira adaptação ás condições novas da vida.

Assim, como que funcções novas se vão desenvolvendo e pouco a pouco aperfeiçoando; o homem, por seu lado, á medida que cresce, va paulatinamente deixando a vida vegetativa e, entrando no dominio da vida de relação, apura suas trocas com o meio, enceta a vida consciente, modela-a segundo suas tendencias innatas temperadas pelo instrumnto educativo, chega ao tope da perfeição humana pela formação de uma vontade servindo elevados objectivos.

Não de outro modo se organizarão as sociedades cultas; partindo da simplicidade para a complexidade, creando, entre-tendo e satisfazendo interesses varios, originando o intercambio de direitos e deveres que uns e outros incumbirão a todos e em razão directa, o aperfeiçoamento geral tenderá sempre ao desideratum que se enfeixar todo na satisfação e predominio do bem geral sobre os multiplos interesses individuaes.

Para isso, uma concepção basica deverá predominar em todos os espiritos: — é a noção de uma responsabilidade sempre consciente, sempre vigilante, sempre em acção, responsabilidade que decorre para cada um da obediencia á lei, do amor á lei, do culto pela lei.

Sentença que ficou memoravel na cõrte da Inglaterra em 1886, erigia em seu fundamento o principio de que “todo o homem que desempenha uma profissão, é obrigado a empregar no cumprimento de seu dever a habilidade normal de um homem competente”; e o devotamento de um homem consciencioso, acrescentaremos nós.

Entre cada um a bem conhecer o seu dever, a identificar-se com elle de modo que lhe não escape nenhum dos aspectos por mais apagado que seja, procure alcançar em sua execução um



maximo de perfectibilidade, procure corresponder, pela acção, á confiança de seus maiores e inspirar, pelo exemplo, o respeito aos seus inferiores, considere a autoridade, ame a verdade, venere a justiça e tenha por supremo lemma a lei.

A felicidade universal residirá no fetichismo da lei servido por uma disciplina intelligente e consciente. No momento presente o que cada um procura é um maximo de poder para um maximo de arbitrio; desestima-se a lei porque ella é um freio á desordenada vontade de cada um, sobrepõem-se-lhe o capricho de um, a vaidade de outro, o interesse deste, o despotismo daquelle.

Porque? Concebe-se lá uma prece a quem não crê? Certo que não.

E' preciso amar á lei mais que a nós mesmos, é mistér que cada homem de consciencia sacrifique a essa divindade as suas preferencias e os seus rancores, as suas ambições e os seus desanimos, a sua autoridade emfim.

Nada fazer contra a lei, tudo fazer pela lei; sentir-se forte e ser forte com a lei, amal-a e respeit-a, cumpril-a e defendel-a.

Esse é o principio por cuja integridade se haverão de pautar as sociedades organisadas; o seu olvido deu-nos a inconsciencia da responsabilidade individual e a desordem da responsabilidade collectiva; a infracção flagrante e insolente delle implantou, entre nós, o regimen de uma anarchia moral que assusta as consciencias puras e os espiritos integros.

Seria injustiça occultar que uma reacção benefica parece delinear-se contra a monstruosidade desse estado de cousas: oxalá possa ella descer do tope da montanha para a immensa planicie!

Em todas as classes um nucleo existe que se não contaminou do virus infectante; poupou-o a vaccina da seriedade, do respeito á honestidade, á ordem, á lei; conservou-o indemne a noção da responsabilidade: torna-se de mistér que esses, a quem não profanou o vendaval impuro, acertem de promover a sociedade melhor; basta que a cada iniciado se incuta a belleza sublime desta passagem citada por Pelissier entre Quesnay e o filho de Luiz XV:

- Eu não vejo, principe, que seja difficil governar.
- Que fariéis então?
- Nada.
- Mas, então, quem governaria?
- A lei.

GARFIELD DE ALMEIDA.

---

---

## NO MAR

---

(*Impressões de um episodio*)

Na esteira de frócos brancos riscada pela aguçada quilha da barca, longe se ficara, na tarde embrumada do alçar os ferros, a enseada crespa do ancoradouro de registro.

Vinham navegando ha muitos dias...

As cristas das vagas, empinando-se, arrendadas, faziam tanger a carcassa do velho lúgar, — quatro mastros altaneiros de vergas largas, esguio como um galgo, repintado de cinzento, velas lavadas, empoladas, pandas, — aproveitando o nordeste a soprar forte, empurrando a pôpa num seguimento acelerado.

Iam com rumo ao Cabo Horn, talhando o Atlantico. A'quella hora placida do poente, hora enervante, franjando-se o horizonte de damasco, a marujada, em parte, estendida nas taboas enceradas do convés, — pernas entrecruzadas uns, apoiados nas amuras outros, — recosia os rasgões das lonas incardidas dos velhos pannejamentos.

Transpuzera-se a linha ao amanhecer, e a noite descia tepidamente doce, tropicalmente illuminada, desnudando no arquear do céu limpo as constellações austraes, mostrando ás retinas curiosas dos grumetes de primeiro embarque de longo curso, as scentelhas do Cruzeiro do Sul, — essa promessa sideral da terra opima de novos céos...

Na róta deixada, com os linhos das espumas, dispersavam-se as phrases sonoramente gutturaes das melancholicas balladas septentrionaes, moduladas nas gorjas roucas dos marujos entediados e saudosos.

O capitão do barco — saxonio sanguineo, talhe aprumado como uma palmeira, feições rijas de *bull-dog*, dentes rilhados trahidos pelos labios mal ajustados, olhos parados côr de



algas — fazia a digestão, passeiando o convéz desde os cêpos da ancora ao mastro da ré.

A sineta de bordo deu o signal do quarto para o leme. Um piloto, moço ainda, veio colher a ordem de commando.

Encontraram-se os dois bem á pôpa.

— O mestre do leme dobra...

A determinação severa, cortante, decisiva, cahida da bocca fria do Capitão teve a replica rude, firme, do homem que vinha no governo do lúgar:

— Estou cansado. Não posso...

No esmalte escuro de seus olhos de africano ardia a fortaleza de sua resolução, lampejava a rebeldia atavica do opprimido quando se não quer mais vergar. Era um negro de thorax dilatado, cerviz remissa, pulsos largos, pernas verticalmente musculosas: quasi atleta servido por una organização psychica primitiva a caldear no cerebro estreito os odios recalcados das gerações avoengas escravizadas. Na estractificação cerebral, o sentimento instinctivo da revide, aquietara-se nas camadas mais profundas, dando o mourejador resistente, para um dia eclodir ao aceno de um avilte ou ao golpe de uma injustiça.

Ha seis horas que vinha ao leme. Por tres vezes dobrara a tarefa, sendo-lhe exigida a quarta. Era de mais. O barco vinha com a tripulação em desfalque: os serviços de bordo eram exhaustivos, porém, de todos, o africano, pela condição humilde de sua tez, era o votado ás dobras penosas do leme, posto amáro de escuta e attenção com toda a responsabilidade a medir.

Toda a sua revolta, hereditaria e abafada, emergira:

— Estou cansado... Não posso...

Largara a roda do governo; ás guinadas vigorosas da embarcação, foi-se abancar sobre um monte de cabos alcatroados, á boreste, seguido pela raiva mal sustida do capitão.

A indisciplina, oriunda da mal applicação dos direitos, rompia a luta: era o branco septentrional, cioso das suas prerogativas de commando e de raça, aquecido pelo halito excitante dos tropicos, desafiado, desobedecido pelo negro das selvas africanas, victima ainda das civilisações...

O embate das duas phrases attraira a curiosidade passiva e temerosa da marujada: as ondas alçadas e franzidas abemo-

lavam as suas endeixas nos flancos rebatidos do navio; as lampadas a petroleo tremebrilhavam no convéz, numa *nuance* de ambar, desmaiada, frouxa. O lúgar guinava sempre...

Afogueado, brusco, rispido, o capitão quiz enfrentar o marujo rebelde, recuando, covardemente, ao relampaguear do aço de uma lamina. Estacou, cruzou as mãos vermelhas sobre a columna vertebral, e, colerico, ruminando o castigo exemplar, a passadas largas, ganhou a prôa, foi ao camarote ingerir uns dedos de whisky...

Minutos mais, dois saxões da tripulação, alentados, grossos, ferozes, subiram á tolda.

O africano comprehendeu: vinham buscal-o; eram os ferros, o látego, o porão, a fome lá embaixo, roído pelos incisivos das ratazanas de bordo, o avilte, emfim, pelas mãos dos "brancos".

Todo o sangue da raça estuou nas suas arterias magnificamente irrigadas, toda *revanche* espiralou no seu cerebro.

Não! Nuuca se subuetteria... A razão o applaudia e a força o ajudava. Num arranco, num rasgo de felino, cêlere correu á prôa, galgou a escada de cordas do mastro da mezena, alteiou-se aos pulos, abrigou-se no cesto da gavea, segurou-se aos ovens, retesou os pulsos, recomeçou a trepar, á nuque, alcançando o topo do mastaréo, onde encontrou apoio, zombando de lá da marujada pasma, no convéz, a olhal-o, a olhal-o...

\* \* \*

Quatro vezes o poente se purpureára, quatro vezes, viajando para o occidente, "o sol cerrara as varetas de ouro do seu leque escarlata", depois de alumiar e aquecer, no cimo do mastaréo, a estoica silhueta do marujo rebellado.

Lá, ao aço retalhaute dos ventos, aos açoites das bategas dos aguaceiros, ao cauterio dos sóes do tropico, elle resistia ao corroer gastralgico da fome, á seccura agonisadora da sêde, aos arrepios irreprimiveis do desagazallo.

A humilhação do castigo ser-lhe-ia mais amarga ainda. E não desceu.

Em começo foram as anteças, o terror, as ordens rudes, absolutas do Capitão á marujada pasma e receiosa, para que o fosse arrancar do alto, encorajando-se alguns á escalada logo

desistida sob a ameaça de serem cortados os cabos de signaes por onde os assaltantes se atrepavam... Depois, com o escoar do tempo, com o renascimento da reflexão e da calma, ou porque viesse piedade ou porque se manifestasse receio pelo desfecho daquella obstinação, vieram os pedidos, os conselhos, as supplicas até...

Mas o marinheiro, flammula humana, aos balouços do lugar, riscando arabescos no docel dos céos ás inclinações dos mastros, persistia em ficar, faminto, sedento, tiritante, mar afóra, em aguas da America livre, á vista dos contornos esfumados do continente, como um cartel vivo á prepotência dos fôrtes.

E a quilha ia rompendo étápas no glauco atalhado do oceano, aos balsamicos zephiros das primeiras costas brasileiras, ao halito prenhe de salsugem das plagas littoraneas, quentes e lindas, avisinhaçadas...

O Capitão decidira arribar. Guinava-se á boreste, rumava-se o Pará.

Aquella arribada traduzia o temor silencioso do commando do barco ante as responsabilidades pela morte provavel do marujo, se a rota continuasse sem escala.

Ao enlivedecer da noute em termino, madrugada se precisando na cinta alvadia do levante, havia terra á vista, terra brasileira: a risca de arminho de uma praia, o denticulado pardo de montanhas.

A aragem de feição impellia de rijo o barco. No convéz, baldeado ha pouco, sob o orvalho da madrugada, a faina alvorotada do breve aferrar. A marinheiragem ia accesa na tarefa de bordo: corria ás enxarcias, manobrava as vélas, içava um signal no gurupés, movia o roldão das bigótas, apparelhava a escada de bombordo, lubrificava a roldana das ancoras, desdobrava na verga do mastro de ré o pavilhão de origem. Aproava-se á barra, via-se longe o pharol...

Ao clarear, no tope de vigia, o africano se agitava, acenava á terra avistada, abria os braços como um missionario ao paiz da catechese, ria-se, ria-se estridentemente.

A tripulação olhava-o, recolhida e triste: o africano trazia a razão turvada, enlouquecera de fadigas e de terror, agitava as mãos negras encrespadas, fitava o traço paoramico da costa approximada.



O lúgar investia o porto. O homem do leme sustinha as guinadas para firmar o rumo. As vélas brancas, humidas, iam sendo colhidas, uma a uma. Um rebocador de alto-mar vinha dar-lhe cabo...

As gaivotas alvas, espalmadas, aligeras, num giro rythmado, pinturalando espiraes no azul suave do céo, enrodilhavam por vezes o tope do mastro de mezena, espiando, curiosas e timidas, a exquisita bandeira do barco arribado, aquelle negro hirto, desgrenhado, antenna humana a vibrar gargalhadas de zombaria á miserabilidade dos super-civilisados...

MARIO SETTE.



---

---

## OS VERSOS AUREOS DE PYTHAGORAS

---

### III

Esta é já a terceira conferencia sobre os versos aureos de Pythagoras.

Importa commentar mais rapidamente alguns preceitos para não vos fatigar a attenção sem proveito.

*Ah nunca, a sós ou não, cousas de que te cõres  
faças e, antes do mais: — Respeita-te a ti mesmo!*

Pythagoras quer o homem armado cavallêro, encouraçado por dentro para que se preserve da suggestão alheia, da influencia do exemplo malefico, do contagio das multidões amotinadas. Porque ellas nos podem arrastar em sua voragem, attrair-nos como o iman ao aço. A companhia, o meio, a alegria que transborda imprudente do fogo de paixões immoderadas, a irritação que se alastra nas coleras revolucionarias da onda popular instinctiva, e mil outras situações da vida nos transformam em automatos, obrigando a pratica de acções que no silencio do "eu" coudemnamos sem piedade.

A' sós ou não. — Quer dizer, em segredo ou em publico. O silencio e a meditação abrem as portas do mysterio do sêr, e é então que a solidão se povôa e que o silencio tem voz. Então é que comprehendemos que não existe acção secreta, destituída de uma "nuvem de testemunho" neste organismo vivo que é o universo.

**Respeita te a ti mesmo.** Pythagoras conhece o valor espirital do sêr humano. Quem não tiver transposto a concepção material da pessoa humana, não será gulndado ao mesmo sentimento de respeito.

O melhor dos homens, o mais sabio e o mais modelar, não pode sentir o que ha de veneravel na vida, não pode respeitar a si mesmo,

porque não passa de um punhado de átomos, de um conglomerado ephemero de materia, poeira de um dia. E' preciso chegar ao alto espirituallismo de Pythagoras para montar a guarda interior, vigilante, sempre alerta ao menor desfallecimento: evita o mal, em publico ou em segredo.

E' porque desconhecem o fundo da dignidade humana que os homens a ataeam. Ninguem degrada a outrem, sem que primeiro se tenha degradado a si mesmo. Embeber-se na vida exclusivamente material, ser intemperante no comer e no beber, praticar o culto de Eros sem o ideallismo do amor, não é ter encontrado a vida verdadeiramente humana: é desrespeitar a humanidade em sua propria pessoa.

Não é tambem a fita, nem commenda, não é o signal exterior que indica a grandeza real de nossa natureza commum.

Na ordem physlea, o respeito de si mesmo requer a conservação da vida, a preservação da saúde, a observação das leis da hygiene, o accio eorporal, o exercicio ou o trabalho salutar.

Na ordem Intelleetual, o estudo, e mais do que o estudo — a observação e a reflexão, que é mais nobre emprego da razão. Porque a sabedoria que está nos livros não dispensa, antes reclama a nossa meditação e experiencia.

Os livros, são verdadeiras traducções do que vemos em torno de nós, na natureza e no homem. Ora, é a nossa propria traducção que importa, a nossa experiencia pessoal é que tem valor para nós. Para ser incorporada ao nosso saber, a reflexão alheia deve ser distillada através do nosso temperamento, e soffrer as refrações do nosso Intelleeto. Considera a pessoa de outrem como tua igual em dignidade, e abster-te de servir-te della para attingir teus fins egoistas. E' a regra de ouro de Kant. Fosse unlyersalmente adoptada e o mundo, como que por eucanto perderia muitas de suas escorias. Porque o homem é grande, qualquer que lhe seja o estado, a condição ou a fortuna, quando elle quer tirar a grandeza de si mesmo. E a sua grandeza está nos attributos particulares que especificam o sêr humano. Quaes são elles? Aggregado de materia como a pedra, elle tem como a pedra, a massa e o peso. Corpo bruto, é igual á pedra perante a lei de gravitação, e como ella, se resvala, rôla do topo da montanha. O chimleo não lhe encontra senão substancias mineraes em seus tecidos. Do mesmo modo, elle partiepa do vegetal e do animal por funcções variadas. O que, na verdade, o Individualiza, o seu titulo original de nobreza, é o conhecimento de si mesmo e do ambiente que o cerca, a possibilidade de agir por dentro, é o Imperio sobre suas paixões, o sentimento e o amor do bello, a investigação da verdade e a conquista da virtude. São qualidades espeeias ao homem e que faltam ao animal. São patrimonio da especie humana, e conitudo, não são vulgares: ao contrario até, quem quer que se utilize de semelhantes prerogativas, mercede admiração e respeito.

## A REFLEXÃO. — A PRUDENCIA

*Reflecte antes de agir, e, antes que fales, — pensa.*

E' a regra da prudencia e da boa acção. Tudo no mundo é pensamento e depende da boa direcção. que dermos ao exercicio de nossa actividade mental. O pensamento é a grande força organizadora. A sala em que vos falo, as vestes que nos abrigam, o livro que lemos, tudo o que é obra humana representa a idéa encarnada, realizada, fixada na materia.

A idéa é o antecedente invariavel de nossos actos. Importa dirigir o pensamento, cultivar-o, e não viver ao acaso de idéas que vão e vêm, fazendo do cerebro um simples viaducto. Ora, a disciplina do pensamento é habito como outro qualquer. Quem não consagra alguns momentos de seu dia á vida interior, vive na superficie de sua pelle e tudo ignora de si mesmo. Vivemos num continente desconhecido, inexplorado e que por fatuidade julgamos coberto de flores e de fructos. Alhelos ao nosso eu, attentos unicamente á vida exterior, nem se quer temos consciencia de nossos defeitos mais graves, e nos julgamos com excessiva indulgencia, invertendo todos os valores moraes. A nossa avareza chama-se economia; a nossa temeridade, — coragem; o nosso amor proprio, — dignidade; a nossa grosseria e brutalidade, — franqueza; a nossa presumpção, — confiança; a nossa inveja, — emulação; a nossa colera, o nosso odio, — indignação; a nossa sede de vingança, — justa defesa.

A reflexão é a dignidade do pensamento. Nenhum segredo se revelou á sciencia, sem que a observação e a experiencia lhe tivessem desatado a lingua. Mas antes de experimentar, o homem de sciencia reflectiu, e formulou sua primeira hypothese. O habito da reflexão vae além: elle aclara o mysterio do "eu", projecta luz sobre nossas falhas e sobre nossas forças.

A prudencia tão recommendada por Pythagoras é fructo da reflexão, que rectifica o primeiro impulso, que modera o impeto, que corrige o julgamento precipitado, que evita complicações e desgostos, que previne, que prevê e que provê.

*É justo, que outra Lei, igualmente implacavel,  
nos faz morrer, e faz que os bens e as honrarias  
que "cantando nos vêm, — de nós cantando vão".*

E' de notar que o philosopho grego depols de haver recommendado aos seus discipulos o imperio sobre si mesmo, a educação pessoal, a aquisição de virtudes que foram commentadas superficialmente, ao passar ao preceito da justiça vae buscar no sentimento de nossa contingencia, da brevidade de nossos dias, do que ha de ephemero na vida, um ponto de apolo para integrar a idéa e a pratica da justiça á nossa pessoa. Parece certo que o sentimento perfeito da justiça é o mais alto



attributo humano, que a idéa da justiça é a mais nobre do intellecto, o ultimo termo de uma longa evolução.

Não admira que o pensamento da morte concorra para a sua eclosão, que venha fixal-a em nossos actos. A alma não morre com o corpo. O tumulto não é o limite de nossa vida. Sancções ultra-terrestres acompanham os nossos actos, dizem todas as religiões, unidas por mais esse laço commum.

Sê justo, dizia Pythagoras, porque a morte ahi vem, e tu serás ferido nos objectos de tua cupidez, de tuas paixões. A morte vem como um ladrão, e exhibirá a tua nudez moral, as tuas infracções injustificadas da Lei.

Sê justo. Mas que é a justiça? perguntariam os pythagoricos. Veremos noutra palestra, ao lado da excellencia de certos principios moraes, a relatividade de sua efficacia pratica, dados o estado actual de evolução de certos individuos, e até de certos povos.

*E quanto aos males que, cégo, o Fado traz consigo  
supporta-os como um bem, e tudo empenha para  
os suavizar o mais que então te fór possível,  
porque aos deuses apraz que menos soffra aquelle  
que por bem meditar, mais e mais longe enxerja.*

Repona aqui de novo a doutrina pythagorica do Destino e da Liberdade. Comtudo ellas não eram as unieas forças em acção. Uma e outra estavam submettidas a uma lei fundamental chamada Providencia, que os gregos conheciam com o nome de Nemesis. O primeiro destes elementos, a vontade, era livre, e de sua propria liberdade de acção derivava a Necessidade, o destino. O poder da vontade se exercia sobre as cousas vindouras, sobre o futuro; o destino sobre cousas já feitas, sobre o passado: um e outro se influenciavam reciprocamente. Segundo Pythagoras, o campo da liberdade é o futuro, o do destino é o passado, da providencia o presente. O acaso não existe. Tudo deriva da união da lei fundamental e providencial com a vontade humana que a segue ou a transgride, operando sobre a necessidade, sobre o destino. Que é o bem? O accordo da Vontade com a Providencia. Do mesmo modo, o mal é a sua opposição reciproca. O homem é um sêr tri-uno, portador de tres forças correspondentes a tres manifestações de sua unidade, que é a vontade, e que commanda a essas forças. A primeira dellas é o instincto, e está no corpo physico; a segunda está na alma, e é a virtude; a terceira é a sciencia e está na intelligencia. Estas tres forças são por si mesmo indifferentes; é a vontade que lhes dá qualidade. Tudo depende do bom ou mau uso da vontade. Com o mau uso ellas degneram em embrutecimento, em vicio, em ignorancia. O instincto interpreta a sensação, percebendo o bem ou o mal physico que a sensação nos fornece. A virtude é afferidora do bem ou do mal moral que está no sentimento. A sciencia julga o bem ou o mal intelligivel que provem do assentimento.

“Na sensação, o bem e o mal chamam-se prazer ou dôr; no sentimento, amor ou odio; no assentimento, verdade ou erro. A sensação, o sentimento e o assentimento, residindo no corpo, na alma e no espirito, formam um ternario que, desenvolvendo-se em favor de uma unidade relativa, constitue o quaternario humano, ou o Homem considerado abstractamente. As tres affecções que constituem este ternario agem e reagem uma sobre as outras, e se aciaram ou se obscurecem mutuamente; e a unldade que os liga, isto é, o Homem, se aperfeiçoa ou se deprava, conforme tende a confundir-se com a Unidade universal, ou a distinguir-se della. O meio de que dispõe para confundir-se ou para differenciar-se della, para approximar-se ou afastar-se, reside inteiramente em sua vontade que, pelo uso que faz dos instrumentos que lhe fornece o corpo, a alma e o espirito, se torna instinctiva ou se embrutecce, se torna virtuosa ou viciosa, sabia ou ignorante, e fica em condições de perceber com mais ou menos energia, de conhecer e de julgar com mais ou menos rectidão o que ha de bom, de bello e de justo na sensação, no sentimento ou no assentimento; de distinguir com mais ou menos força e luzes, o bem e o mal; e de não se enganar no que é realmente prazer ou dôr, amor ou odio, verdade ou erro.”

Na exposição da doutrina metaphysica de Pythagoras que acabas de ouvir, seguimos fielmente a interpretação de Fabre d'Olivet, de quem copiamos a pagina final, porque semelhante doutrina não se acha claramente expressa em parte alguma. Pythagoras nada escreveu, senão em linguagem symbolica, e muitos de seus discipulos foram obscuros na exposição de seus ensinamentos, de sorte que a interpretação de Fabre d'Olivet, fructo de longas meditações e acuradas indagações e pesquisas, deve ser a preferivel.

E ahí está o que é o homem segundo o ensino de Pythagoras: submettido á Providencia, entre o passado, que é o destino e que já é sua obra, e o futuro onde se vai exercer sua vontade, livre por essencia, capaz de escolher a virtude ou o vicio. Assim sendo, de nada pode queixar-se; o bem e o mal derivam de suas acções anteriores: o destino é sua propria obra. O systema de Pythagoras, como a doutrina esoterica de que provem, isenta a Providencia das responsabilidades concernentes á origem do mal.

Como é, porém, que o bem e o mal derivam de suas acções anteriores? Como é que o destino é sua propria obra e como isentar a Providencia das responsabilidades da origem do mal?

### O KARMA E A PALINGENESIA

A solução está nas doutrinas da palingenesia e do karma, que são a mais velha tradição do espirito humano, perdida ou quasi esquecida, outras vezes zombada pela cultura moderna, que, emtanto, a conhece mui superficialmente. E' o embate do problema da liberdade e do de-



terminismo, do livre arbítrio e da fatalidade, que tortura o pensamento ocidental, e que não tem solução para elle, se rejeitarmos as luzes do oriente que Pythagoras transmittiu aos seus discipulos.

O homem é um sêr que evolue e para quem o nascimento e a morte são puros incidentes que se perdem na noite dos tempos, com a involução da monada. O naselmento não é o princípio da vida, como a morte não é o seu termo. Vida e morte succedem-se no decorrer dos seculos, como a noite e o dia, como a vigilia e o somno no evoluer da vida individual.

Uma divida que contrahimos vence num dado prazo de ante-mão fixado. Pode alguém esquecê-la que o esquecimento não a presereve, e chegado o dia é preciso pagá-la. Assim tambem acontece com a nossa vida. Resultado da vida anterior, fructo de antigas semeaduras, o nosso caracter que contém a melhor parte de nosso destino, exprime a nossa divida como o nosso credito. Caracter, saúde, condição social foram predeterminados pelo passado. Mas foi a Vontade que forjou as nossas cadeias pesadas ou que abriu a nossa suave vereda. O passado impulsiona, mas uma pequena parte do presente é formada pela vontade. Podemos crear um habito bom ou mau e colher os fructos correspondentes. O habito escraviza. Se o habito adquirido é benéfico, escravizamo-nos ao que é bom; se malefico, soffremos-lhe egualmente as consequencias. Mas foi a vontade que o creou, ella quem forjou as proprias cadeias. E', pois, a vontade que forma o destino. O passado faz o karma; vivemos o resultado de nossas acções, porque a lei de causalidade é eterna. Ella não nos isenta da consequencia de nossos actos com o nosso simples desaparecimento temporario do mundo vizivel. Mas o que a vontade fez, a mesma vontade pode desfazer. E' assim o que é mal desaparece: nossas falhas, nossos defeitos, nossos erros. A natureza é eterna e tem o tempo á disposição. A nossa monada apprende e evolue na Eternidade.

Estamos fixados na eternidade, diz a tradição esoterica. Não passamos de poeira ephemera, diz a sciencia official.

Na realidade, no decurso da vida academica, não tereis encontro com a doutrina da pangenese. E' uma theoria que não existe para os livros officiaes. Tratar-se-á, então, da méra fantasia? Julgae-a como puderdes, mas convenhamos que a pangenese, e somente ella, dá a chave para a interpretação de muitos enygmas da biologia. Com effeito, a sciencia da vida é incapaz de explicar a lincidade de certas facultades e aptidões. Por muito que se torture a lei da hereditariedade, dessa lei não pode vir a expliação das desigualdades muito sensiveis entre individuos da mesma familia, entre gêmeos, por exemplo, subordinados á mesma herança ancestral, ao mesmo meio familiar, ás mesmas influencias pedagogicas. Com as nações acontece a mesma cousa. E' assim que o apparecimento de certos genlos que excedem de muito, e que ultrapassam por longos seculos, o nivel intellectual do palz, é facto que se não deixa prender nas malhas da lei da heredita-

riedade biologica. O saber exoterico tem que se contentar com hypotheses vagas, mal determinadas, imprecisas, — elle que se pretende a sciencia positiva. E appella-se para variações imperceptiveis do teldio cerebral; ou invocam-se causas inapreciaveis, influencias desconhecidas a que foi submettido o organismo materno durante a gestação. Suppõe-se vagamente muita cousa. E' um verdadeiro tactear na treva.

Com a doutrina da palingenesia tudo se aclara: idéas innatas, aptidões que não parecem corresponder ás acquisições da experlencia, ou á herança ancestral; manifestações precoces, creanças prodigios, genio! O genio, principalmente, é um ponto de Interrogação perpetuo para a biologia classica. Como é que organismos paternos podem legar á descendencia qualidades que não têm?

Sabemos que muitos dos phenomenos chamados subconscientes excedem á consciencia normal, á consciencia sensorial. Factos de memoria que pareclam inteiramente esquecidos se manifestam; surprehendem-nos conhecimentos supra-normaes, independentes dos canaes dos sentidos, os unicos conhecidos da physiologia academica. Factos de autoscopia, de clarividencia, de previão não são explicados pela physiologia.

Ora, alguns destes factos não estão no cerebro physico e demonstram planos mais altos de consciencia. São phenomenos que transcendem o materialismo corrente. Elles provam que uma vasta porção do nosso "eu", a mais rica de memoria, de intelligencia e de saber, permanece latente e occulta. E, donde lhe vem semelhante saber senão da propria experlencia, de acquisições sensoriaes feitas em existencias passadas? Idéas que nos parecem innatas, faculdades, aptidões precoces, prodigios artísticos ou mathematicos, que se revelam ao nosso exame actual em desproporção completa com o esforço de aprendizagem commum, quanta tréva para a physiologia e para a psychologia official!

Wallace, que foi grande naturalista e notavel pensador, dizia: "Não ha prova mais convincente da verdade de uma theoria geral do que a possibilidade de fazer nella entrar factos novos e de por meio della interpretar phenomenos antes considerados como anomalias inexplicaveis". Ora, a palingenesia explica factos psychicos anormaes, supra-normaes e pathologicos. Donde se vê claramente a intolerancia e a estreteza de vistas da sciencia official quando se recusa a tomar em consideração uma hypothese de tão largos horizontes. Quão difficil é aos proprios homens de sciencia alljar prevenções e preconceitos!

Não se terá comprehendido a palingenesia confinando-a no mundo estrelto em que se agita o destino humano. Longe dlisso. E' preciso encaral-a como facto universal, — desde as primeiras fórmias mine-raes até as mais altas expressões da vida. Nestes termos ella se conclilla perfeitamente bem com a doutrina da evolução; e ainda mais: só ella nos dá o porque da evolução universal. Nos limites da biologia cor-

rente os nossos conhecimentos não passam do "como" os phenomenos se dão, e a lei da hereditariedade biologica resolve ou pensa resolver o enigma.

Imaginemos a encarnação da monada através das manifestações mais elementares da materia, sua aprendizagem consecutiva, incessante através de formas mais e mais perfeitas, sua intelligencia, sua consciencia, sua vontade se exprimindo cada vez mais claramente até chegar ao homem, e teremos então entrevisto o segredo da evolução espiritual. Para bem dizer, o espiritalismo não tem outra concepção verdadeiramente logica. Com effeito, uma vez afastadas as escolas materialistas para as quaes o universo é estúpido, sem significação nem conteúdo logico, é forçoso escolher entre a palingenesia e o espiritalismo classico. Para o espiritalismo classico, cada alma é creada ao naseer, e tudo deve ao Creador: virtudes ou taras, genio ou idiotismo, miseria ou fortuna. Não discutamos as fraquezas do espiritalismo tradicional. Se a existencia é uma e unica, o Creador é responsavel pelas misérias do mundo. Loucura, crime, molestias, guerras, tudo lhe é imputavel. O ser humano, o universo inteiro é dirigido por um poder arbitrario, destituído de justiça e de compaixão. A unica attitude logica para com um Poder que predeterminou todas as cousas seria a do musulmano.

Com a palingenesia, porém, os horizontes se desanuviam, e o universo se nos apresenta em evolução continua para o melhor. O mal apresenta-se como qualquer cousa de provisorio. Melhor ainda: o mal é relativo. O selvagem não será fixado em sua mentalidade infantil; nelle dormem e virão á vida os melhores attributos humanos: para isso a natureza é eterna.

Seja comparado o habitante das selvas com Hamilton ou Pascal, por exemplo, e julgado á luz das doutrinas conhecidas. A precocidade de William Rowan Hamilton foi muito notavel. Aos sete annos, sabia perfeitamente a lingua materna. Aos treze annos conhecia as linguas classicas, as linguas europeas modernas e ainda o persa, o arabe, o sanscrito, o hindustanico, o malayo. Aos dezoito annos, o dr. Brinkley dizia ser elle o primeiro mathematico de seu tempo. Na Universidade foi o primeiro em todos os assumptos e em todos os exames. "Havia um homem, escreveu Chateaubriand, que aos dous annos com barras e circulos tinha creado as mathematicas; aos dezesseis, tinha feito o mais sabio tratado de secções conicas que se tenha visto desde a antiguidade; aos dezenove reduziu a machina uma sciencia que existe inteirinha no entendimento; aos vinte e tres demonstrou os phenomenos do peso do ar, e destruiu um dos grandes erros da antiga physica; na idade em que outros homens comecam apenas a naseer, tendo pereorrido o cyclo dos conhecimentos humanos, comprehendeu o seu nada e voltou os pensamentos para a religião; desde esse momento até a morte, passada aos trinta e nove annos, sempre doente e soffredor, fixou a lingua que faziaram Bos-

suct e Racine, deu-lhe o modelo da mais perfeita graça como o do mais forte raciocínio; finalmente, nos curtos intervallos de seus males, resolveu por abstracção um dos mais altos problemas de geometria, e escreveu pensamentos que são tão divinos quanto humanos; este genio sem par chamava-se **Pascal**".

Assim comparados o selvagem ou o idiota áquellas summidades do pensamento, a injustiça fundamental é desde logo posta em evidencia, uma vez que se tenha em vista o espiritualismo tradicional. Tal é um dos aspectos restrictos do quadro, mas no qual se reflecte todo o panorama do universo, todas as desigualdades humanas, que assim se apresentam destituidos de justiça e de amor. Sem a palingenesia, o problema do mal, — o mal physico, o mal moral, o mal intellectual, eriga as suas pontas até o céu e não ouve resposta, não encontra solução.

Ou Deus quiz o mal e não é bom; ou não o quiz e não é omnipotente. O velho libello está sempre de pé, e mal o encobrem illusorias soluções theologicas. Com a doutrina da creação das almas ao nascer, o antigo dilemma é inevitavel; inevitavel e irrespondivel no seu ataque perpetuo aos attributos metaphysicos do Creador.

Com a palingenesia, o problema do mal está resolvido. Elle se nos depara como phenomeno relativo e provisorio, simples estado de passagem, méro degrau na escala da evolução indefinida. A palingenesia não considera o Poder Supremo, a Intelligencia Suprema, a Bondade Soberana como extrinsecos ao mundo, mas inniantes ao progresso continuo, ás acquisições lentas e indefectíveis da evolução. A idéa divina encarnada tende a realizar-se, desde a monera, desde as primeiras manifestações embryonarias da vida até o homem, no universo vizivel; desde os elementaes até os mais altos representantes da hierarchia espiritual, no universo invizivel. Nos seres vivos, o mal indica, portanto, a sua simples condição actual, a sua medida de inferioridade presente, ou ainda uma sancção ephemera do passado. Nos mundos, o mal indica o estado da inferioridade planetaria com as promessas de uma longa evolução que lhes exgote as possibilidades latentes e lhes desenvolva todas as seivas do progresso.

Assim, pois, o mal diminui com o progredir do planeta e a evolução ascensional dos seus habitantes; elle é util, porque é condição da nossa marcha para a frente. A dôr é o incentivo perpetuo que impede, que sacóde a preguiça e os nervos, que estimula a actividade, obrigando-nos a travar experiencias novas e a dilatar as nossas relações com as cousas, ampliando assim o progresso.

Para o espiritualismo classico, as almas immortaes são tiradas do nada num dado momento da eternidade, e já tão desiguaes ao nascer, são destinadas após uma curta vida terrestre á beatitude eterna ou ao castigo sem fim. Para a palingenesia, a evolução animica é indefinida.

Não ha castigos eternos que punam infracções transitorias da Lei, mas simples sancções naturacs, reacções inevitaveis da lei de causalidade: cada causa produz o seu effeito: cada acto engendra a sua propria consequencia.

Para o espiritualismo classico, a felicidade suprema será privilegio dos eleitos, que souberam praticar certos ritos, ou que mereceram a graça sobrenatural. Para a palingenesia, com a depuração progressiva do mal, e com a decantação incessante dos mundos, "Deus será tudo em todos".

O espiritualismo classico considera as almas como immateriaes. A palingenesia concilia materia, vida e consciencia, intelligencia e espirito na mesma unidade fundamental.

O primeiro vê na terra o eleito entre os planetas, o unico que mereceu a dignidade da vida humana, e considera o homem como o privilegiado exclusivo do espirito. A palingenesia interpreta a terra e o homem como simples aneis de uma cadeia de vida e de consciencia, cujos extremos escapam á nossa percepção.

A palingenesia é a mais antiga tradição da philosophia espiritualista. Em nossa civilização christan ella tem sido desvirtuada por expositores interessados no compromettel-a. E' assim que muita gente, ouvindo falar de reencarnação, pensa logo em transmigração através de corpos de animaes. Não é assim que ella está em todos os livros sagrados do passado; ou que era communicada em segredo aos iniciados dos velhos tempos. Todos os antigos Mystérios da Grécia, do Egypto, ou da Chaldéa ministravam o ensino palingenesico, e o mesmo fazia Pythagoras aos seus discipulos, elle que mereceu a palma de grande iniciado do Egypto e da Chaldéa. Costumava dizer que se lembrava de suas existencias passadas por um favor especial dos deuses. O iniciado focaliza a sua consciencia em vehiculo menos denso que o cerebro physico, vehiculo com que os factos de memoria permancem, e restabelece assim a unidade do "eu" fundamental que se manifestou ao mundo através de varias fôrmas, em encarnações successivas, como o actor sente a integridade de sua pessoa através dos varios papeis que encarnou no palco. Dizendo que recebeu dos deuses o favor da memoria das existencias passadas, Pythagoras não sonegava a verdade, senão que a adaptava á mentalidade de seus ouvintes. E tocamos assim um ponto de grande importancia. Porque a memoria das encarnações passadas não está fixada em nosso cerebro? Tal é uma das objecções fundamentaes que se levantam contra a doutrina. Importa considerar o esquecimento como lei de preservação para a propria memoria. O cerebro physico não pode reter todos os factos e acontecimentos da existencia, e geralmente retém o que mais lhe importa na vida, que são os resultados. Os primeiros annos de infancia, com o seu pequeno mundo correlativo, estão como que apagados de nossa memoria. Comtudo, não foram aniquilados, e em circumstancias especialissimas vêm á tona da consciencia. Certas

grandes emoções, certas nevroses, a acção hypnotica os tiram das trevas do passado e fazem resurgir á luz do dia. Moribundos dilirantes referem acontecimentos que pareciam inteiramente olvidados, ou falam linguas apprendidas ou simplesmente ouvidas na mais iongiqua infancia; afogadas têm a visão panoramica de incidentes mais pormenorizados de sua vida inteira. Em todos estes estados a consciencia se desprende parciaimente do cerebro physico e é transportada para um vehiculo mais subtil, onde os factos são arehivados como em annaes perpetuos. A nossa consciencia sensorial, a nossa memoria cerebral é a fórma mais imperfeita da consciencia e da memoria. Mas ella é condição de saúde e de integridade para o sêr que deve agir no meio terrestre. Tirar a consciencia de suas inserções cerebraes por autodeterminação propria, é experiencia que só devem tentai-a os que se conhecerem em franco caminho de iniciação esoterica ou ooculta.

O cerebro physico não atravessou as vidas anteriores daquelle que o habita; não pôde guardar a memoria desse passado, que alli não está, e sim em instrumento mais subtil, feito de materia menos densa, que a sciencia official desconhece, mas que começa a entrever todas as vezes que toma em consideração phenomenos psychicos transcendentes.

O homem ooculto, o "eu" transecedente guarda a memoria desses acontecimentos, mas transmite ao cerebro physico unicamente as "faculdades", as aptidões adquiridas, os resultados das antigas experiencias. Já se vão tornando por demais alongados os commentarios destes versos, e por muito que nos extendamos não seria possível expor inteiramente a concepção palingenesica, e resolver ao mesmo tempo as objecções de que é passivel. Se pudémos vol-a apresentar fazendo sentir a largueza do seu horizonte conseguimos alguma cousa de util, e confiamos que a meditação e estudos privados venham completar o que vai aqui de incompleto. Ha, porém, um lado da questão que importa esclarecer. Nós somos creaturas do Christianismo. O materialista mais convencido, o agnostico mais subordinado aos methodos experimentaes, soffrem as irradiações moraes e espirituacs do meio christão. E' um ambiente mental que nos embala desde o berço, e mais ainda: que nos engendra por seculos de herança ancestral. Consciente ou inconscientemente devemos ao influxo christão o que ha de melhor em nosso sêr moral. Podemos lhe negar os dogmas ou combater a politica ecclesiastica, mas como fugir aos resultados ancestraes de sua pedagogia espritual? Importa então saber se a palingenesia está no ensino christão. Não está, diz, o saber theologico pressuroso no defender antigos dogmas não escripturarios. Sim, ella lá está diz a tradição esoterica do christianismo. E o diz pela bocca de seus representantes mais auctorizados. E' assim que Origenes, um dos maiores pensadores da Igreja, escreveu: "Não é mais conforme á razão que, cada alma por certos motivos mysterio-

sos (eu falo agora segundo a opinião de Pythagoras, de Platão e de Empedocles, que Celso menciona frequentemente), seja introduzida em um corpo, e isso segundo seus meritos e suas acções anteriores? (1)

E S. Jeronymo escreveu a Aritus: "Se examinarmos o caso de Esaú, veremos que elle foi condemnado por eausa de seus antigos peccados numa vida peor. (2)

Deixemos, porém, Origenes e outros doutores da Igreja, cujas obras são de difficil aquisição. Na propria Biblia a doutrina está claramente revelada para quem tem olhos e quer ver, escapando assim ás deformações do ensino tradicional. A concepção do Karma como a da palingenesia estão nas Escripturas Sagradas, no antigo e no novo Testamento. Deixando por brevidade os textos do Judaismo, ouçamos a voz do novo Testamento com ouvidos menos obtusos, para que se não venha repellir em nome do Christianismo ensinamentos que elle prêga e que só lhe podem dignificar o alcance philosophico.

Aqui vão textos referentes á doutrina do Karma:

"Não julgucis para não serdes julgados. Pois com o julzo com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que medirdes vos medirão tambem a vós." (Math. VII, 1, 2).

"Tudo o que quizerdes que os homens vos façam, fazei-o tambem a elles, porque esta é a lei e os prophetas." (Math. VII, 12).

"Pelos seus fructos, os conheceeis. Por ventura os homens colhem uvas dos espinhos ou figos dos abrolhos? Assim toda a arvore boa, dá bons fruetos; e a má arvore dá maus fructos." (Idem, VII, 16, 17).

Ha outros textos em Matheus. Passemos, porém, a Lucas.

"Dae, e dar-se-vos-á: no selo vos metterão uma boa medida; e bem cheia, e bem calcada, e bem acogulada. Porque qual fôr a medida de que vós usardes para com outrem, tal será a que se use para comvosco." (Lucas, VII, 38).

Em Paulo deparamos com muitissimos textos que eomprovam a nossa asserção. Daremos unicamente o seguinte:

"Examine cada um a sua obra, e terá então motivo para em si mesmo se regosijar e não em outrem... Porque eada um carregará a sua propria carga... Não vos enganeis: de Deus não se zomba: o que o homem semear, isso mesmo colherá. O que semeia na carne, da carne colherá a corrupção; o que semeia para o Espirito, do Espirito colherá a vida eterna. Não nos cansemos de fazer o bem, porque a tempo colheremos... (Galates, VI, 4, 5, 7, 9).

E passemos a mostrar que a reincarnação vem claramente ensinada no Novo Testamento.

(1) Origenes (Contra Celso, 1, XXXII).

(2) Citado por Annie Besant. — Précis de Religion et de Morale, p. 125.

“Porque todos os prophetas e a lei até João prophetizaram, E se o quereis bem comprehender, elle mesmo é o Elias que ha de vir. (Math. XI, 13, 14).

“Quem dizem os homens que é o Filho do homem? E elles responderam: Uns dizem que João Baptista, outros que Elias, outros que Jeremias, ou algum dos prophetas.” (Idem, XVI, 13, 14).

“Os discipulos perguntaram: Porque dizem os escribas que Elias deve vir primeiro? Elle respondeu: E’ verdade que Elias deve vir e restabelecerá todas as cousas. Eu, porém, vos digo que Elias já veio, que elles o não reconheceram e que o trataram como quizeram. Assim tambem o filho do homem ha de padecer ás suas mãos. Então é que os discipulos comprehenderam que elle falara de João Baptista.” (Idem, XVII, 10, 13..

“Estando de passagem, viu Jesus um homem que era cego de nascença: Seus discipulos lhe perguntaram: Mestre, quem peccou, este ou seus paes, para que elle tenha nascido cego.” (João, IX, 1).

“Aquelle que vencer delle farei uma columna no templo de meu Deus, donde não mais sairá”... Apocal, 111, 12).

A palingenesia está, pois, fixada no ensino escriptural do Christianismo, como está igualmente em todas os grandes systemas religiosos do passado. Ella foi ensinada por todos os grandes Mestres da humanidade: Rama, Krischna, Boudha, Pythagoras, Platão, pelos prophetas hebreus, por Mahomet e pelo fundador do Christianismo.

E’ esse um elemento da mais subida importancia para provar a unidade fundamental das rellgiões.

ALBERTO SEABRA.



---

---

## D. CASMURRO

---

O conhecido homem de letras, dr. Antonio Piccarolo, fez, como se sabe, uma excelente tradução do *D. Casmurro*, de Machado de Assis.

Não contente com isso, acaba de extrair do mesmo romance um libreto para o drama musical que sob o assumpto eompoz o maestro sr. João Gomes Junior, e que dentro em breve, deverá ser cantado em um dos nossos theatros.

Graças a uma gentileza do incançavel amigo das nossas letras, podemos offerecer hoje aos leitores da *Revista do Brasil*, em primeira mão e no original, a integra do novo trabalho do dr. Antonio Piccarolo.

### ATTO PRIMO

#### Quadro Primo

(In casa Padua)

(Sala modesta, ma propria, all'uso brasiliano. Un canapé a sinistra, con seggioloni e seggiole impagliate. Un tavolino ad un solo piede nel mezzo della sala, un cofanetto alla parete di destra. Sul cofanetto un piccolo specchio mobile, uno di quegli specchi comuni che usano portaro i rivenditori ambulanti. In fondo, da due grandi finestre si vede il giardino ricco di esuberante vegetazione tropicale illuminata dal sole mattutino. Capitú seduta d'innanzi allo specchio si scioglie i capelli per pettinarsi. Di fuori, nel giardino illuminato dal primo sole mattinale, si aggirano gli schiavi prima di uscire per recarsi ai loro lavori, a gruppi, chiacchierando fra di loro. Capitú, intanto, lentamente sciogliendosi i capelli che le fluiscono per le spalle, prende il pettine e comincia a pettinarsi.)

## SCENA I

Coro di Schiavi

*Nume del cielo, vivida  
Gloria del nostro suol,  
Che tutto il mondo illumini  
Che gioia arrechi e duol,  
Fonte di vita, limpido  
Sol desiato, vien  
Dei vecchi sogni i palpiti  
A ravnivarci in sen.*

Coro di Schiave

*Vedesti i campi — e le foreste  
Lá dove liberi — scorrono i di,  
Dove noi pure — vivemmo, amammo,  
Prima che schiavi — ci traesser qui?  
La verdeggiante — nostra capanna  
Vedesti, asilo — del nostro amor,  
Padri, fratelli — vedesti e i pargoli  
Che ancor piangenti — ci stanno in cor?*

Schiavi e Schiave

*Oh quando domani, al ritorno  
Dai flutti d'oriente irrorate  
Le fulgide chiome scuotendo,  
Saranno le genti chiamate  
Dal tuo fulgore alla vita  
Novella del prossimo di,  
In noi la speranza ravniva  
Che libera un giorno fiori*

(Il coro si va perdendo in lontananza, e gli schiavi partono, chi da un lato e chi dall'altro, per recarsi ai loro lavori. Il sole intanto si é innalzato e batte in pieno ed illumina tutto il giardino. Capitú che ha continuato lentamente, a sciogliersi i capelli, sta pettinandosi, quando Bento entra lentamente, in punta di piedi, dalla porta di fondo, per sorprendere Capitú. Questa però lo vede di riflesso nello specchio e con un salto é in piedi sorridendo espansiva e gli va incontro.)

## SCENA II

CAPITU'

*Bento, cosi di furto?*

BENTO

*Fu la mamma.  
Falle, mi disse, falle una sorpresa,*

*Pettinando si stá. Così qui venni,  
Ma tu...*

## CAPITU'

*Ma io ti vidi... ti sentii.  
Non vuoi che senta degli anni miei primi  
L'amico?*

## BENTO

*Grazie, buona Capitú  
In me tu pur, lo sai, fedele amico  
Avesti sempre ed hai, ché nel mio core  
Vivo di te il ricordo si mantien.*

*Quando fra i colonnati  
Freddi del seminario  
Nel solitario tempio,  
Recitando il rosario  
Alla beata Vergine  
Innalzo il mio pensier,  
Tra il fumo dell'incenso,  
Lassú, parmi veder  
Non la beata Vergine,  
Ma una gentil donzella  
Da gli occhi neri, pallida,  
Sovranamente bella.  
Ed intorno guardandomi,  
E ripensando a te,  
Mamma, ripeto, mamma  
La vocazion... non c'è.*

## CAPITU'

(con fare malizioso)

*Oh bravo il mio poeta, ma frattanto  
La mia pettinatura*

## BENTO

*Bella cosa!  
Io pur capace son di pettinarti*

## CAPITU'

*Millantator*

## BENTO

*Vuoi mettermi alla prova?*

## CAPITU'

*Proviám*

(Capitú si siede nuovamente innanzi allo specchio coi capelli sciolti e cadenti sulla spalliera della seggiola: Bento prende il pettine e comincia lentamente e con grande cura a lisciare i capelli).

## CAPITU'

*Mio parrucchier,  
Piano per carità...  
Come leggero il pettine  
Scivola fra i capelli  
Mici, come la tua mano  
Perita è al pettinar.  
Così, così... continua  
Mio buon amico, oh bravo  
Mio parrucchiere, oh bravo,  
Continua a pettinar.*

## BENTO

*Morbidi, dolci fili  
Di seta, che alla mano  
Date una sensazione,  
Un godimento arcano  
Giammai provato, dimmi  
Se pur lo provi tu,  
E se lo provi, dimmi  
Che è questo, Capitú?*

## CAPITU'

(rapita, quasi in estasi sotto la carezza della mano e delle parole di Bento, riprende il dominio su di se stessa e con mossa rapida, intenzionale).

*Dicevi adunque che la vocazione  
Non c'è; ma come tu saprai resistere  
Di tua madre al voler?*

## BENTO

*Oh la mia mamma  
Troppo vive di me per impedire  
La mia felicità.*

## CAPITU'

*Ma se il volesse*

## BENTO

*Son certo nol vorrà*

## CAPITU'

*Ma se il volesse*

BENTO

*Resistere saprò*

CAPITU'

*Giuri?*

BENTO

*Lo giuro*

CAPITU'

(con trasporto)

*Oh mia felicità...*

(trattenendosi improvvisamente. Bento intanto ha finito di pettinarla e riallacciati i capelli).

*Finita è l'opra,**Bel parrucchiere, mira il tuo lavor.*

BENTO

(con ingenuità)

*Alzati, Capitù.*

CAPITU'

(con intenzione e civetteria)

*Nó, mira innanzi**Il tuo capolavor.*

(Capitù rovescia la testa all'indietro, sulla spalliera della seggiola, lentamente, sorretta dalle mani di Bento. Lo sguardo di Capitù fisso in quello di Bento esercita su di lui come un'attrazione, un fascino, sí che lentamente viene egli pure abbassando la testa ed accostando il suo viso a quello di Capitù. L'orchestra, intanto, ripete in sordina il motivo della pettinatura, e quando è quasi giunto alla fine, il viso di Bento è oramai vicino a quello di Capitù. Questa fa corolla delle sue labbra e Bento v'imprime il primo bacio, fervente, appassionato, estatico).

(Cala lentamente la tela).

## ATTO PRIMO

Quadro Secondo

(In casa Santiago)

(Vasta sala con finestre che danno verso la via. La pittura dei muri è a ghirlande di piccoli fiori, sorrette nel becco da uccelli. Agli angoli

le quatro stagioni. Nel centro della parete di fondo il medaglione di Giulio Cesare; in quello di destra il medaglione di Augusto ed a sinistra di Nerone, ognuno con scritto sotto il nome proprio. I mobili sono in legno, ricchi ed antichi. Tavolo ovale nel mezzo della sala. Nella parete di fondo, a destra ed in alto, una nicchia con entro una Vergine illuminata da due piccole lampade ad olio, appese al soffitto. Tutto attorno alla madonna sono profusi fiori freschi. Alla parete di destra il ritratto del padre di Bento, D. Pedro de Albuquerque Santiago, ed a quella di sinistra il ritratto della madre, D. Maria da Gloria Fernandes).

## SCENA I

(D. Gloria, al suo inginocchiatoio con in mano un libro di preci, sta rivolgendosi alla madonna la sua preghiera mattutina).

## D. GLORIA

*Donna del cielo, eletta  
Fra le tue pari, stella  
Del mar, che al tuo gran figlio  
Madre fosti ed ancella  
Tu il frutto del tuo seno  
Consacrasti alla fé  
Come Bentino mio  
Io consacrai a te,  
Infin dal primo istante  
Che palpitommi in sen.  
Fa che felice sia  
Cospargilo di ben.  
Donna del cielo, eletta,  
Fra le tue pari, stella  
Del mar, che al tuo gran figlio  
Madre fosti ed ancella.*

(alzandosi)

*O tempo felice e ridente,  
O mia primavera  
Di fede e d'amor, cui successe  
Precipite sera,*

(volgendosi al ritratto del marito)

*Il giorno che tu, o dolce sposo,  
Volandone a Dio,  
Me vedova afflitta lasciasti  
In pianto e in oblio,  
Solievo mio solo e conforto  
In tanta sventura  
D'amor dolce frutto fu Bento,  
Cui volsi ogni cura,  
E grata di tanta fortuna  
L'offersi al Signore.*

*O sposo all'offerta bendici  
Del ciel nel fulgore.*

## SCENA II

(José Dias intanto è entrato inavvertito nella sala ed ha udite le ultime parole di D. Gloria sorridendo. Con fare untuoso e servile si avvanza e dice).

DIAS

*Sgannarti, o mia Signora,  
Non vorrei, ma pur troppo il tuo desire  
Rimarrá insoddisfatto  
E nel nulla il tuo sogno andrà a finire*

D. GLORIA

(sorpresa)

*Che dici?*

DIAS

*E' verità.  
Bento a servire Iddio nato non è.  
A ben altro ha rivolta  
La mente, credi pur sulla mia fé.*

D. GLORIA

*Ma come mai ciò avvenne? Parla?...*

DIAS

*Spesso sull'imbrunire  
Nei canti piu' remoti  
Della casa li vidi,  
Lungi dal mondo, ignoti,  
Nel fitto del giardino,  
Tra gli alberi piu' folli,  
D'ogni sguardo tementi  
E di sospetto avvolti,  
Stringersi l'uno a l'altro  
Piu' che il ciel non prescrive,  
Né lui mostrar rimorso,  
Né lei mostrarsi schiva,  
Né in ambi alcun sospetto  
Di offender la vertu'...*

D. GLORIA

*Ma di chi parli, dimmi?*

DIAS

*Di Bento e Capitú.*

D. GLORIA

(desolata)

*Oh sventura, tremenda sventura  
 Che al mio core s'abbatte e lo strazia;  
 Oh sventura che ognor mi persegue  
 Né giammai di colpirmi si sazia,  
 Perché, o Dio, mi metti a tal prova,  
 Perché tanto dilanii il mio petto?  
 Tutta a te dedicai la mia vita,  
 A te intero rivolsi il mio affetto.  
 A te il figlio donai; ei spergiura  
 Or mi rende. Per l'anima mia  
 Tu dal Padre perdono m'implora,  
 O dolcissima Vergin Maria.*

DIAS

*O santissima donna, in Lei fida  
 E in tuo aiuto la Vergin verrá.*

D. GLORIA

(si rivolge con slancio verso l'immagine della Vergine e cade su l'inginocchiatoio in atto di preghiera).

*Vergine santa, che di sol vestita  
 Nell'alma lucc del Padre e del Figlio  
 Eterna ridi, sulla via smarrita  
 Bento mio riconduci e dal periglio  
 Che a lui sovrasta tu lo rassicura  
 Colla tua grazia, col tuo buon consiglio*

DIAS

*Madre, a Bento in cor sta ben altra cura.*

D. GLORIA

*O Vergine di stelle incoronata,  
 Cui ride la bontá del figlio eterno,  
 Che la vista di Dio rende beata,  
 Se Bento mio del voto materno  
 La fé calpesta in passione acerba  
 Cieco sfidando i triboli d'inferno,  
 A me infelice il ciel qual sorte serba?*

(D. Gloria rimane estatica a guardare la Madonna della nicchia. Questa viene lentamente illuminandosi, sino a che la luce potente e diffusa crea attorno ad essa una vasta aureola. Di lontano giungono voci celesti che dolcemente cantano):

*Il dolor che il cor ti punge  
Al ciel giunge  
E al Signor in tuo favore  
Parla e dice il grande affetto  
Che al diletto  
Tuo Bentino porti in core.  
E pur dice che la fede  
Sempre riede  
Trionfante nel tuo seno,  
Luminosa, iridescente,  
Risplendente  
Come in ciel arco baleno.  
Fede e amor che in cor sincero,  
Veritiero  
Merto son quassu' nel cielo,  
Dove il merto è giudicato  
E pesato  
Senza nube e senza velo.  
E il gran Padre del creato  
Ogni nato  
Sorreggendo del consiglio  
Suo paterno, a te rivolto  
Dice: sciolto  
Sia il voto di tuo figlio.*

(D. Gloria che era andata seguendo il canto con attenzione ed interesse crescente, alle ultime parole si sente come trasportata, trasfigurata, e con esplosione voltandosi a Dias):

*Ma sarà dunque vero? Bento mio  
Dal voto sollevato?... Il ciel parló,*

## BENTO

(si affaccia alla porta, titubante, timido; quando vede la madre sorridergli, si rinfranca).

*Perdona, madre, Il ciel ti disse il ver.*

## D. GLORIA

*Ad ambedue il cielo perdona, già mel disse  
Per bocca della Vergine che di lassu' sorride,  
E del suo celestiale coro che benedisse  
Al tuo... al nostro avvenir.  
Ma la tua fidanzata, essa pur chiama*

## CAPITU'

(entrando di botto)

*Eccomi, mamma. Questo  
Dolce nome che sempre  
Ti diedi, or doppiamente  
Ti do.*

(Si butta nelle braccia di D. Gloria. Dopo un lungo, intenso abbraccio le due donne si sciolgono, continuando però a tenersi per mano. Bento e Dias da un lato stanno parlando)

(Quartetto)

D. GLORIA

(a Capitú)

*A te il figlio mio confido  
Mia vita, mio amor,  
Mio solo conforto,  
Solievo nei giorni di gioia e dolor.  
L'amor che nell'occhio scintilla  
Fiducia mi dá  
Che uniti vivrete  
Bei giorni sorrisi d'amor, di bontá.*

CAPITU'

(a D. Gloria)

*In me e nel tuo Bento confida,  
O madre; al dolor  
Solievo daremo  
Che muto e incessante travagliati il cor  
O madre, l'amor di tuo figlio  
Felice mi fá,  
Mia vita conforta  
E sparge di fiori, d'amor, di bontá.*

BENTO

(a Dias)

*In fin, dopo tanto aspettare,  
In ansia e in timor,  
Il giorno desiato  
Eisplende di vivida luce al mio cor.  
E sempre di questo momento  
In me resterà  
Il lieto ricordo,  
Insiem col ricordo di tua bontá.*

DIAS

(a Bento)

*Nell'opera mia riconosci  
 Il buon servitor  
 Che sempre sostegno  
 Ti fu nella gioia, ti fu nel dolor.  
 E allor che l'età in questa casa  
 Signor ti farà,  
 Allora conforto  
 Io pur cercherò nella tua bontà.*

(Quando finisce il canto si affaccia lentamente alla porta di fondo Escobar. Bento al vederlo gli si slancia incontro, lo abbraccia e lo presenta alle donne).

BENTO.

*O mamma, o Capitù, completa  
 Ecco la mia felicità.  
 L'amico piu' caro e fedele  
 De' tristi e solinghi miei di  
 A voi lo presento: Escobar.*

(Escobar stringe la mano con molto rispetto prima a D. Gloria e poi a Capitù. Bento intanto sfavillante di gioia canta).

BENTO

*La mia gioia, il mio contento  
 Piu' confini ormai non ha  
 Tutto il mondo mi sorride,  
 Canta in cor felicità  
 Una madre che di santa  
 Fra le sante il regno tien,  
 Una sposa dolce, amata  
 Che al mio cor tutta appartien,  
 E un amico, che campione  
 Può chiamarsi di bontà,  
 Tutto, tutto m'assicura  
 La piu' gran felicità.*

D. GLORIA, CAPITU', ESCOBAR e DIAS

*Tutto, tutto t'assicura  
 La piu' gran felicità.*

FINE DEL PRIMO ATTO.

## ATTO SECONDO

(Notte d'estate. Giardino di casa Santiago, a Botafogo, in vista della Baia di Rio de Janeiro, tutto illuminato. Sotto un pergolato, da una parte della scena, una tavola sfarzosamente imbandita, attorno alla quale stanno, in piedi, numerosi invitati, intervenuti in casa Santiago per festeggiare il sesto anniversario della nascita di Ezechiele, unico figlio di Bento e Capitú. Fra questi invitati trovansi Escobar, José Dias e D. Gloria. All'alzarsi del sipario i convitati stanno coi bicchieri alla mano bevendo alla salute di Ezechiele e dei suoi genitori.)

## SCENA I

## DIAS

*A te, felice  
E avventurato  
Bambin cui lieto  
Sorrìde il fato  
Sul primo aprirsi  
Di verde età  
Noi desiamo  
Felicitá  
Ed a te, lieto  
E avventuroso  
Di sì bel pargolo  
Padre amoroso,  
E alla tua buona  
Dolce consorte  
Sempre sorrìda  
Benigna sorte.*

## CORO DI INVITATI

*Beviam, beviam. Del pargolo  
Beviamo all'avvenir.*

## ESCOBAR

*Bento, mio dolce amico,  
Signora Capitú,  
Campion dell'amicizia,  
Esempio di virtu',  
A voi gradito giunga  
L'augurio mio sincero;  
Che il figlio vostro cresca  
Bello, robusto, fiero*

attirando a sé con affetto il bambino cho gli sta dappresso e stringendolo fra le braccia).

*E a te, caro Ezechiele  
A te, figlio diletto,*



*I miei piu' caldi auguri,  
Il piu' sincero affetto.*

(alle parole "figlio diletto" Capitú non può reprimere un movimento, che viene osservato da Bento, il quale ne rimane profondamente scosso e penseroso. Lo stesso avviene di D. Gloria, che dal principio sta osservando Escobar e Capitú. Il coro intanto canta):

## CORO

*Beviam, beviam. Del pargolo  
Beviamo all'avvenir.*

(La festa e l'allegria continuano fra gli invitati. L'orchestra accenna a motivi di danza; alcuni invitati ballano fra le aiuole del giardino. Dalla baia vengono spunti di canzoni popolari.)

## CORO

(dalla baia)

*Giá da tempo il sole é spento  
E la luna imbianca il mar,  
Tra le foglie delle palme  
S'ode il vento sussurrar.*

*Nel profondo ciel le stelle  
Sol si vedon luccicar,  
Dorme il bosco co' suoi canti,  
Dorme il monte, dorme il mar.*

*Ma il silenzio ovunque parla  
De la notte al muto suon,  
Su nel cielo, giú nel mare  
Ogni voce é una canzon.*

## UN INVITATO

(guardando verso la baia)

*Incantevol soggiorno,  
Lembo di paradiso*

## ALTRO INVITATO

(come sopra)

*Ove la vita scorre  
Lieve come un sorriso.*

## D. GLORIA

(sola e triste)

*Ove il sospetto addenta*

*Le carni ed arrovella  
L'animo.*

ESCOBAR

(di dietro un'aiuola di rose, credendosi inosservato e mirando Capitú).

*Come sei  
Superbamente bella!*

D. GLORIA

(che ha visto da lontano l'atto di Escobar e che ha indovinate le parole).

*Bento mio buono, troppo  
Di te scempio si fa.  
L'amore, l'amicizia,  
L'onore, la bontá.  
Che sono mai? Oh meglio,  
Meglio di qui lontano  
Viver solinga, lungi  
Da questo tetto insano.*

(rivolgendosi a Bento)

*Bento, io mi ritiro.  
Al capo un improvviso  
Malor mi colse ed io turbar non voglio  
Il vostro lieto riso  
Addio...*

(saluta con molta freddezza Capitú e fa un cenno del capo agli altri invitati).

BENTO

*Accompagnare  
Ti vo sino all'uscita.*

(esce colla madre, tenendo Ezechiele per mano).

SCENA II

CAPITU'

(che era rimasta alquanto abbattuta dall'improvvisa partenza di D. Gloria e dal suo freddo saluto, si rialza subito e volgendosi agli altri invitati):

*Cosa da nulla. La mia buona mamma  
Da tempo a tai dolor soggetta va,*

*Ed ora ognun di voi liberamente  
Qui si può divertir.*

(riprendono le musiche ed i canti; i convitati si spargono nel giardino. Capitú, dopo alquanto vagare quá e lá per distrarre da se l'attenzione, va a raggiungere Escobar che trovasi ancora solo, dietro l'aiuola di rose).

## SCENA III

## ESCOBAR

(solo, meditabondo, accigliato).

*Guardati, Escobar, dentro a lo specchio  
De la coscienza tua. Che rimane  
Di te, de' tuoi propositi  
Di forza e di virtu'? Tutto é scomparso.  
Altro piu' non riman che la miseria  
Morale, l'abbiezione, la viltá  
E il turpe tradimento... Ah no, rimane  
Di Capitú l'amor... Ma veramente  
M'amerá questa donna? Il freddo gelo  
Giammai mi riuscì trarle dal core;  
Ed io per lei tutto tradii: la fede  
E l'amistá.*

## CAPITU'

(che avvicinandosi ha udite le ultime parole di Escobar).

*E questo or tu rimpiangi?*

## ESCOBAR

*Perdona, Capitú, sono momenti  
In cui m'assale la tristezza e il duolo  
Mi vince. Ma il tuo sguardo solo basta  
A dissipar*

## CAPITU'

*O non é questa pure  
Un'illusion?*

## ESCOBAR

*Tel giuro, no, non é.  
Dal primo di che innanzi  
Qual fata m'apparisti  
E nel tuo sguardo arcano  
Tesori mai non visti  
Io scorzi di bellezza*

*Che mi parlavo al cor,  
 Quel di tutto rapito  
 Rimasi del tuo amor.  
 Di Bento l'amicizia  
 Scordai, scordai la fé  
 La dignità, l'onore,  
 E vissi sol per te.*

## CAPITU'

*Dal dì che la tua voce  
 Nel cor mi risonò  
 Ed alla mente e ai sensi  
 Forte d'amor parlò,  
 Ed i segreti palpiti,  
 L'ansic, l'eternè attese,  
 Le gioie subitanec,  
 Gli sconforti m'apprese,  
 Di te sol vissi amandoti  
 Come il supremo ben,  
 La tua virile imagine  
 Scaldando entro il mio sen.  
 O dolcezze passate, memorie  
 D'un amor, che confini non ha,  
 Che a la vita sará eterno gaudio,  
 E a la tomba con noi scenderá.*

## ESCOBAR

*Nostro amore, rimorso e dolcezza,  
 Cupo inferno, sorriso del ciel,  
 Che or di fiele amareggi il cammino  
 E or la vita cospargi di miel.*

## A DUE

*L'avvenire a te solo affidiamo,  
 Ogni speme in te solo poniamo.*

## CAPITU'

(riavendosi per la prima)

*Ma giova separarci. Presto Bento  
 Di ritorno sará.*

## ESCOBAR

*Quel nomc... quella lama giu' nel core  
 Sempre mi vibra, e quasi odio ne sento.*

## CAPITU'

*Ma pure egli é tuo amico*



ESCOBAR

(con oriole)

*No, non dire..**Piuttosto, dimmi, quando rivederti  
Potró?*

CAPITU'

*Doman, sul far dell'alba, Bento  
Andrá per la consueta cavalcata,  
Io qui ti attendo...*

ESCOBAR

*Fra poche ore, adunque,  
Che io affretto nel pensier.  
Sui flutti inargentati  
Fra poco a te nuotando  
Io ne verró, siccome  
Ad Ero iva Leandro*

CAPITU'

*Ed io dai lini candidi  
Sorgendo, fra breve ora  
Verró, siccome rorida  
E risplendente aurora.*

BENTO

(che é ritornato ed ha udite le ultime parole, pallido, tremante).

*Ed io saró il rimorso  
Che v'addenterá il core  
Cambiando il riso in pianto  
Ed in odio l'amore.*

(Capitú ed Escobar con una furtiva stretta di mano ed uno sguardo, che sono tutta una promessa d'amore, si separano, convinti di non essere stati osservati, e si confondono fra i convitati. La festa continua. Dopo qualche tempo i convitati cominciano a congedarsi).

PRIMO INVITATO

(a Bento)

*Tarda é la notte e poco manca al di;  
Io me ne vó, gli auguri rinnovando:  
A voi, alla signora, al vostro bimbo  
Felicítá.*

## SECONDO INVITATO

*Felicitá a voi tutti.*

## ESCOBAR

*Io pure, Bento, affaticato son  
E me ne vado.*

(porgendogli la mano che Bento prende con molta freddezza. Rivolgendosi poscia a Capitú che si é fatta d'appresso e sta salutando gli ospiti in partenza).

*Signora Capitú,  
A lei ed al diletto  
Figlio, il piu' caldo augurio  
Sbocciato dal mio petto.*

(Gli invitati continuano uno ad uno a congedarsi dai padroni di casa, stringendo loro la mano, intanto che in coro cantano):

*Ai coniugi beati  
E al loro amato figlio  
Desiam felicitá.*

(a poco a poco la scena si fa deserta. Rimangono soli i due coniugi. Bento é pensieroso e distratto. Capitú di sottocchio lo sta osservando. Dopo qualche tempo):

## CAPITU'

*Non ti par ora, o Bento, che noi pure  
Andiamo a riposar? já il di é vicino.*

## BENTO

(di soprassalto)

*Ed all'aurora qui...*

(trattenendosi)

*Cioé, alla spiaggia  
La cavalcata solita vó far.*

(Essi pure si ritirano e la scena si fa deserta del tutto. I servi si avanzano, spengono i lumi e tutto cade nell'oscurità. L'orchestra lieve, sottovoce, oscura, dopo qualche tempo riprende il motivo della luce del primo atto, intanto che in cielo, dall'oriente, i primi albori cominciano a dissipare le tenebre. Dalla parte della casa, cauto e sospettoso si avvanza Bento, appiattandosi dietro un cespuglio del giardino, lo stesso presso al quale Escobar e Capitú avevano tenuto poco prima il loro dialogo).

## BENTO

(guardando la casa)

*Dorme forse Ero e di Leandro sogna,  
O già s'appresta rorida ad uscir  
Dai lini candidi...*

(volgendosi verso il mare)

*Forse Leandro  
L'ira del mar ad affrontar s'appresta.*

(trattenendosi improvvisamente, colto da un pensiero).

*Se di Leandro ti cogliesse il fato!*

(arrestandosi di nuovo, pentito, quasi inorridito).

*E non sarà un inganno? E se tradito  
Il sospetto m'avesse, ed oltre il vero  
Le lor parole interpretando, ingiusto  
Contro l'amore e contro l'amicizia  
Io fossi...*

*Una fanciulla candida  
Come un bel giglio in fior  
Fin dai suoi giorni teneri  
Tutto mi diè il suo amor.*

*E del suo core i palpiti  
Vibraro nel mio cor  
Mentre il suo sguardo languido  
Giurava eterno amor.*

*Il fior dell'amicizia  
M'apparve in Escobar  
E da quel giorno incognito  
Per me fu il dubitar.  
Ma pur dentro al cor mi martella  
Il dubbio, il sospetto  
M'assale e com'onda di fuoco  
Divorami il petto.  
Io stesso li udii, qui d'appresso  
Or sono poche ore  
Parlare un furtivo linguaggio  
Di colpa e d'amore.*

(Intanto s'è fatto piu' chiaro. L'alba si é cambiata in aurora, la luce mostra in tutta la sua bellezza la vegetazione tropicale del giardino, e la baia, che si presenta alquanto agitata. Bento continua il soliloquio).

*E il dubbio ancor t'assal, povero Bento,  
Cui, piu' del mare procelloso, il core  
In gran tempesta batte e si distrugge!  
Non piu'. L'ora del dubbio sia finita*

*Nel debil core e solo alla vendetta  
Aperto sia il cammin.*

*Vendetta contro  
L'amor tradito e l'amistá calpesta,  
Vendetta contro il figlio della colpa;  
Tutti, provino tutti il mio furor.*

(si arresta, guarda la casa, guarda il mare).

*Ma ancora non sorge Ero?*

*E di Leandro*

*Traccia nel mare ancora non appar?*

(guardando fiso al mare)

*Eccolo che s'avanza... Piu' furente  
L'onda contro di lui s'abbatte, quasi  
Conscia del suo delitto... Già lo stringe...  
Già i moti ne impedisce... già l'affoga...  
Scomparso egli é...*

(sta alquanto sospeso, poi si da a correre verso la casa gridando).

*Aiuto, aiuto! Dall'onde travolto  
Un uomo in mar caduto sta affogando.*

(accorrono i servi uscendo dalla casa e si slanciano verso il mare. Capitú agitata, nervosa, tremante, continua a far capolino dalla porta di casa e non osa avanzarsi. I servi intanto si sono slanciati nelle acque e dopo pochi minuti ne traggono il cadavere di Escobar, che distendono sul terreno. Bento dopo averlo alquanto guardato si volta, vede sull'entrata della casa Capitú che da lontano sta osservando, pallida, disfatta. Si reca verso di lei, la prende per mano e, vincendone la riluttanza, la trascina presso il cadavere).

*Ecco Leandro. Di quale Ero é vittima?*

(Capitú che con sforzo supremo sino a questo punto erasi dominata, alle parole di Bento getta un alto grido e cade in ginocchio presso il morto. Bento s'allontana lentamente. Cala la tela).

FINE DEL SECONDO ATTO

### ATTO TERZO

(Sono le prime ore del mattino. Studio di Bento. Da un lato, a destra, il tavolo di lavoro, con sopra, aperti, alcuni libri di diritto, innanzi al tavolo una grande poltrona ricoperta di cuoio, a borchie. A destra un canapé elegantemente imbottito e ricoperto pure di cuoio; a sinistra un piccolo tavolo ed una finestra. In fondo, nel mezzo, l'entrata; ai due lati dell'entrata scaffali con libri).



## SCENA I

(Il sipario é calato. L'orchestra ricorda; ricorda i giorni infantili e gli innocenti giuochi di Bento e Capitú, ricorda gli schiavi e le loro canzoni, ricorda le ansie materne, la gioia del sapersi libera dal voto, la gioia che tutti si ripromettono dall'unione di Bento e Capitú, ed all'improvviso cade nel dolore e nella disperazione. A questo punto si alza il sipario. Bento sprofondato nella sua poltrona, disfatto, come chi ha passata la notte insonne, straziato dal dolore, coi capelli e cogli abiti in disordine, medita, colla fronte appoggiata nel palmo della mano. Finalmente alzando il capo).

## BENTO

*La morte, il nulla. Questo sol mi resta  
Nella sventura che travolto m'ha.  
La morte il nulla! Nel fiorir degli anni,  
Quando batte piu' rapida la vita  
Della gioia alla porta, nel desio  
Incessante di vivere e godere  
La un di promessami felicità...*

(in orchestra ritorna il motivo col quale si chiude il primo atto e di lontano si ode il quartetto):

*Tutto, tutto t'assicura  
La piu' gran felicità.*

(Bento rimane qualche momento sospeso, perplesso, rapito in questi ricordi, poi si scuote).

*Dolci ricordi che al mio cor parlate,  
Quest'ultim'ora di felicità.  
E d'illusione datemi, l'estrema  
Forza, come a colui che abbandonare  
Questo mondo s'appresta.*

*Bella come un fior di maggio  
Capitú sotto il mio sguardo  
Anciente di piacer  
Crebbe al tepido miraggio  
D'una gioia che giammai  
Mi fia dato riveder.*

*Dolci baci profumati,  
Languidissime carezze  
Dell'amor di Capitú,  
Sogni candidi, beati  
Rapimenti, estasi rare.  
Che rimane? Tutto fu!*

*E l'amicizia fu che dai primi anni  
Nel chiostro, a l'ombra delle sacre tende,  
Sbocció e nel cor gettó le sue radici.  
L'amore e l'amicizia un di si strinsero  
Contro di me ed il mio cammin cosparsero  
Di sale, e la mia bocca dissetarono*

*Col fiele, e nel mio core conficcarono  
Del tradimento e disonor la lancia.*

*Ed io sino all'ultima  
Goccia bevvi il licor  
Dell'infinito strazio  
Che mi trafisse il cor  
Ma il petto imperturbabile  
All'odio sempre fu,  
E sempre, sempre vinsemi  
L'amor di Capitú.*

## UN SERVO

*Signore, ecco il caffè.*

(pone sul tavolo un vassoio con una tazza di caffè. In orchestra intanto lievemente ritorna il ricordo di Capitú e dell'amore. Dapprincipio Bento ne é quasi rapito, ma subito si scuote, si vince e riprende il dominio su se stesso).

## BENTO

*Oh ironia della sorte. Ancora  
Ne l'alma amore ed amicizia cantano  
Di fronte al turpe tradimento. Via,  
Sii forte, Bento, almeno all'ora estrema.*

(prende da un cassetto del tavolo una piccola fiala contenente veleno. La guarda).

*Ecco la mia salvezza. Da te solo  
Posso la pace attendere, o veleno*

(versa alcune gocce del contenuto nel caffè che poscia agita col cucchiaino. Porta la tazza alle labbra, ma al suo contatto s'arresta).

*Ma posso e debbo io sol morir, l'offeso,  
E la spergiuira alla felicità  
Lasciare d'altre colpe e d'altri amplessi?  
No, l'odio e la vendetta assaporare  
Io vó.*

*L'odio, soltanto l'odio  
Dentro al mio petto deve albergar  
Solo de la vendetta  
Lo spirito intorno sento aleggiar.  
Cada su la spergiuira,  
Che l'amor mio d'impuro amor  
Pagó, terribile cada  
De la vendetta mia il furor.  
Vendetta! Come dolce al core canta  
Questa parola. Di tutto un passato  
Il ricordo solo essa può lavar*

(rimane alquanto pensoso).

*Ma al core mio dilaniato, pace  
Arrecherà? Dará almeno l'oblio?  
Della rovina attorno a me cosparsa  
Potrá dal petto cancellar l'immagine?  
In questo avido cuore che ogni fede  
Ha visto scomparire e sol nel male  
Crede e nella vendetta, di speranza  
Un lieto raggio ancor risplenderá?*

## SCENA II

## EZECHIELE

(entra tutto giulivo e corre ad abbracciare le ginocchia di Bento, gridando):

*Papá, papá!*

## BENTO

(allontanando il bambino con atto d'orrore disperato).

*Ecco qui il testimone dell'offesa  
E del mio dishon... Ma se pur ora  
Da lui la mia vendetta incominciasse?*

(Guarda la tazza col veleno, guarda il bambino che é rimasto interdetto, spaurito. Gli si accosta con dolcezza).

*Caro Ezechiele, già il caffè prendesti?*

## EZECHIELE

(parlando)

*Si, padre mio.*

## BENTO

*Pure un'altra tazza  
Prenderne puoi ora con me...*

(Mostrandosi Ezechiele incerto, Bento lo trae a se, prende la tazza dal vassoio e gliela accosta alle labbra).

*Su, bevi!*

(mentre Ezechiele sta per bere Bento preso da un rimorso scaglia lungi la tazza, respinge il bambino, che a questo scatto si ritrae spaventato in un angolo dello studio).

*No, non è su di te che la vendetta  
Deve piombar, inconscia creatura,  
Né del peccato altrui devi la pena  
Scontar. L'adultera, solo l'adultera  
Del male sua risponda.*

## SCENA III

## CAPITU'

(Vestita di nero, col cappello, entra, pallida, ma sicura e sempre padrona di se. Si ferma appena entrata e, dopo averlo guardato alquanto silenziosamente, si rivolge a Bento).

*Si, spiegarti  
Oramai devi, e del contegno strano  
A che attribuir si debba la ragione  
Apertamente dirmi.*

## BENTO

(con grido iroso e straziato)

*Ah è troppo!  
L'audacia sfacciata e impudente  
Dipinta sul viso ti sta.  
E un'ira nel petto m'accende  
Che omai piu' confini non ha.  
L'amore che a te ho consacrato  
Calpesto hai col tuo disonor,  
O perfida sfinge, che spargi  
Ovunque il sospetto e il dolor.*

## CAPITU'

(Nell'interno profondamente travagliata, mantenendosi però con apparente sforzo, calma ed altera).

*Non finite anco le tue gelosie  
Sono? Ma nulla a te, nulla il passato  
Dice?*

(Vedendo Bento restare impassibile, riprende, in aria di supplica e di affettuoso rimprovero assieme).

*Che valse la fede tant'anni  
Ncl petto scaldata, la speme  
Riposta nel solo tuo amor?  
Ma al cor, ma alla mente sol parla  
Nell'ira che i lumi t'acceca  
Sol parla e ti guida il furor?  
No, Bento, del nostro passato  
Immemore farti non puoi,*

*Dei giorni felici l'amor  
Ricorda, la speme e la gioia  
Comune, e svanir nel tuo petto  
Vedrai, come nube, il furor.*

(Vedendo Bento restare immobile, impassibile).

*Dunque fra noi tutto é finito?*

BENTO

(con fermezza)

*Si!*

CAPITU'

*Per sempre?*

BENTO

(con fermezza)

*Si!*

CAPITU'

*Senza speranza*

BENTO

(con fermezza)

*Si!*

CAPITU'

*E dell'odierna gelosia, dimmi,  
Qual é l'oggetto?*

BENTO

(con uno scatto)

*E ancor mel chiedi? Ed osi?*

(Prendendo Ezechiele per mano e trascinandolo innanzi a Capitu').

*Lo specchio del peccato eccoti innanzi.  
Mira Escobar.*

## CAPITU'

(colpita, riavendosi subito).

*Neanche la morte, adunque,  
Rispetta la tua folle gelosia?  
Per tanta infamia spiegazion non ho.*

(Prende il bambino per mano ed imperturbata, altera, senza das segno di commozione, quando sta per uscire, si volta):

*Ai tuoi sospetti t'abbandono... Addio.*

## BENTO

(Vedendo chiudersi la porta fa per slanciarsi e trattenere Capitú; ma si arresta con sforzo supremo e grida verso la scomparsa):

*Infame!*

(Ripiegandosi abbattuto su se stesso)

*Vile!*

(pausa)

*Ed or de l'amicizia  
E de l'amore vittima incompresa,  
Solingo in questa tomba di viventi  
Silenzioso vivró nel mio dolor!*

(Cade e si sprofonda nella poltrona, sfinito e nel piu' completo abbandono. Cala la tela).

FINE



---

---

# RESENHA DO MEZ

---

## CAMPANHA NACIONALISTA

Não ha duas opiniões sobre a campanha nacionalista que se faz, neste momento, em quasi todo o Brasil. E' geral a convicção ou, pelo menos, o sentimento de que ella responde a uma necessidade incoercível.

Variam as opiniões, apenas no que toca aos aspectos dessa campanha. Para uns o empenho do paiz, nesta hora, deve ser o aperfeiçoamento do seu apparelho militar; para outros, a diffusão do ensino; para alguns, a remodelação do pacto constitucional; para diversos, a protecção dos sertanejos e para um ou dois a... descompostura nos que cogitam destas coizas.

Essa variedade de opiniões explicar-se-ia perfeitamente pelo amor á disputa verbal que caracteriza o brasileiro se já não estivesse satisfactoriamente explicada pela grave complexidade do problema.

A questão do nacionalismo não estará resolvida, com effeito, no dia em que resolvido ficar qualquer dos aspectos por que ella se apresenta. A solução integral só a teremos quando a todos os problemas parciais houver sido dada a solução especial que cada um reclama.

A variedade de opiniões não é porém um symptoma de anarchia mental. A anarchia mental só se denuncia quando cada opinião, sem força para vencer sózinha, em vez de aguardar tranquilla a sua hora,

procura embaraçar a marcha das outras.

Ainda não ehegamos a esta situação perigosa. Temos receio, porém, de que, se não abrimos os olhos, a ella, dentro em breve, chegaremos. Algumas nuvens já apontam no ceu claro e um ou outro raio já põe no horizonte, aqui e alli, um traço de fogo.

Urge que os homens superiores que orientam o paiz com a palavra e com a acção, especialmente os que tem uma influencia directa no espirito da moiedade, coordenem os esforços e, em vez de provocar hesitações e duvidas com as divergencias de opinião, tirem dessas divergencias o melhor argumento para demonstrar a necessidade em que cada um de nós está de empregar as energias, sem desfallecimentos ou em contemporisações, no combate commum. Ninguem deve menoscabar da acção e da opinião do visinho para impôr a propria. O problema divide-se em varias partes e cada parte exige, pela sua natureza e pelo seu feitto, obreiros especiaes.

O dever de cada um é tratar da parte que eleger sem perturbar os que elegeram partes diversas. Com um raio só ou com os raios fóra das eambas, não ha róda que se mova com efficacia e duração.

Os que assim não pensam, e entro elles, infelizmente, appareceram, ha pouco, alguns varões de vulto o peso, commettem um erro tremendo. Saerificam a floresta á arvore e para levantar uma parede ameaçam deitar abaixo o edificio inteiro.

\* \* \*

Realizou-se, ha dias, no Campo de S. Christovam, no Rio, a cerimonia do compromisso dos voluntarios de manobras. Por essa occasião, o sr. dr. Pedro Lessa pronunciou, em nome da Liga de Defesa Nacional, um discurso que, pela nobreza de idéas e pela autoridade moral do orador, merece ficar archivado nas paginas desta Revista. E' o seguinte:

"Meus jovens compatriotas — A vossa presença neste lugar, e neste momento, para prestardes o mais nobilitante, o mais generoso e o mais solenne dos juramentos, o de dar o sangue e a vida em defesa da patria, symbolisa uma profunda conversão dos nossos ideaes e dos nossos habitos, e o advento de uma era de patriotismo. Da indifferença, ou (porque não hei de dizel-o?) da aversão com que se via entre nós o serviço militar, que de balde se tentava mais de uma vez implantar no Brasil, com a generalidade e com a obrigatoriedade que lhe são essenciaes, passamos quasi de improvisio a querel-o e amal-o com sincero enthusiasmo. São innumerios este anno os jovens brasileiros, que, com o mais espontaneo e patriótico ardor, se têm offereido para o serviço das armas.

Esta phase actual, e tão intimativa, do mundo, a reflexão sobre o que nos depara o velho continente, e uma eloquente propaganda iniciada por um dos nossos mais insignes homens de letras, Olavo Bilac, explicam essa rapida mutação de idéas e de sentimentos.

Nem a época é de extranhar as mais inesperadas e completas transformações. Vêde o que se passa nos principaes paizes da Europa. Nações que eram acimadas de fracas, decadentes, de raça inferior, sem ordem, sem disciplina, proprias unicamente para as leves manifestações do espirito, incapazes de um grande esforço heroico, destinadas a nunca resistir victoriosamente a outras de melhor sangue, mais disciplinadas e cohesas, de um momen-

to para o outro, sob o agulhão da mais premente e da mais tremenda necessidade, se transformarem maravilhosamente; revelaram de modo claro e irrefragavel que todo o perigo que correram, foi devido exclusivamente á sua falta de preparo, resultante da negligencia ou da excessiva confiança, e não a factores anthropologicos, ou a caracteres fixos de raças ou sub-raças. Tiveram na guerra o seu Thabor; e hoje se apresentam ao mundo tão uuidas, tão ordeiras, tão disciplinadas e respeitadoras das autoridades, com tanta energia physica e moral, com tanto poder industrial e scientifico, e com tanto heroismo como as que se reputavam de uma fibra superior, e por isso incomparavelmente fortes, e invenciveis.

Todo esse extraordinario espectaculo, meus jovens compatriotas, patenteia, como uma vasta e majestosa lição de coisas, quão poderosamente influem na vida das sociedades as idéas e os sentimentos; que estupendas e imprevisitas modificações é capaz de produzir a convicção, a comprehensão da realidade, a nitida percepção das necessidades individuaes o collectivas; consequentemente o grande valor da educação, do ensino, da divulgação de idéas verdadeiras, justas e uteis; e que alto poder têm as classes instruidas pela irradiação do pensamento para alterar as correntes sociaes, melhorando a vida das nações.

Representae neste momento esse magnifico reviramento de opinião, amplo e complexo, que se está realizando em nosso paiz, e que não comprehende sómente o preparo militar, que com a justiça constituem as duas necessidades fundamentaes de um Estado. Abrange tambem a nossa vida economica, financeira e social. Para vel-o basta attentar no surto imprevisito e soberbo, que teve em pouco mais de um anno a exportação dos productos da nossa industria pastoril, e no incremento que por toda a parte se procura dar a esse novo e excellente elemento da nossa riqueza, pensando-se já em evitar os inconvenientes de

uma rapida e desusada expansão da nascente exploração industrial.

E' esse mesmo espirito de renovação, é esse mesmo resurgimento de actividade patriotica, que aqui congroga neste instante tantas centenas de jovens dos mais distinctos do Brasil, já preparados para as manobras militares, promptos para o serviço da defesa nacional, e dentro em pouco incorporados a essa reserva, de que não de sahir, quando fôr necessario, os nobres e heroicos defensores do nome, da integridade e da prosperidade da patria.

Não deis ouvidos meus jovens compatriotas, não deis nunca ouvidos a esses impostores, que, talvez para inculcarem a propria e não demonstrada superioridade, vivem a propalar a incapacidade dos brasileiros para o progresso e para a civilisação, porque descendem de raças inferiores, e condemnadas a estereis agitações, a irremediavel estacionamento, ou mesmo á retrogradação e á extincção.

Para os que conhecem a nossa historia, nada se pôde inaginar mais falso. Na paz e na guerra temos tido periodos de inexcedivel brilho, de exemplar liberdade e de rara moralidade administrativa, que devem encher-nos do mais justificado orgulho. Para refutar triumphantemente esse mixto de preconceito e de aleive, é sufficiente relembrar alguns factos da nossa historia, o dentre estas duas notaveis o gloriosas campanhas, que nunca deveremos cessar de engrandecer, porque nunca serão demasiadamente celebradas. De 1624 a 1654, isto é, durante trinta annos, travámos as mais renhidas e continuas lutas com um povo laborioso e denodado, que justamente no seculo XVII teve o seu apogeo nos fastos da humanidade, chegando a ser nos mares o rival da França e da Inglaterra. Refiro-me a nossa interminavel guerra com os hollandezes, que afinal rechassámos completamente, varrendo-os para sempre do territorio nacional. Nessa famosa guerra, em que revelámos todas as qualidades das raças superiores, a energia physica

e moral, a bravura, o espirito de continuidade, a tenacidade, a resistencia aos mais demorados soffrimentos, tivemos uma prova admiravel do valor da raça dos descobridores e colonisadores do nosso territorio em Mathias de Albuquerque, Luiz Barbalho, Vidal de Negreiros, como da indigena representada por Camaráo e da negra por Henrique Dias e seu famoso regimento, e nos bravos soldados que commandaram esses chefes gloriosos.

Mais de dois seculos depois fomos provocados para a maior guerra internacional da America do Sul, e sustentámol-a com raro valor e galhardia durante cinco longos annos. Posto que nenhuma das guerras antecedentes seja comparavel á immensa tragedia satanica de que ora é theatro a Europa, foi necessario que irrompesse esta modonha conflagração, que aos proprios estrangeiros que a contemplam de longe, e muito vaga e conjecturalmente enche de pavor, fadiga e abate o animo, pela prolongada duração e fecundidade em martyrios infernaes, para que púdessemos ajuizar com exactidão da resistencia moral e physica, da tenacidade e dos superiores predicados de caracter, que exige uma luta assim diuturna. Durante cinco infindaveis annos, ininterruptamente, se succederam no Brasil os sacrificios de homens e de riquezas, sem um só instante de desfallecimento, de falta de fé, de fraqueza physica ou moral, de solução do continuidade, no poder de soffrimento e de sujeição a provações. Já então bem adiantada estava a obra de caldeamento dos elementos ethnographicos, de que vae resultando o nosso povo; e, entretanto, o vigor, a coragem, a tenacidade, a bravura, foram os mesmos das nossas lutas contra as invasões neerlandezas.

Na paz, durante os quatro ultimos decennios do Imperio, isto é, depois que nos devólamos de esteis movimentos revolucionarios, de inuteis agitações para alterar preceitos constitucionaes, ou para obter pelas armas novas leis, ou a revogação das existentes, o nosso pro-

gresso em toda a America, com excepção exclusivamente dos Estados Unidos e do Canadá, foi, como o proclamou o barão do Rio Branco na sua synthese da "Historia do Brasil" em 1889, o mais firme e o mais rapido. Ninguem nesse periodo competiu conosco em toda a America latina.

O que é necessario, meus jovens compatriotas, e acima de tudo, é inculcar no espirito de todos os nossos concidadãos, e especialmente na intelligencia da infancia e dos adolescentes, que nós queremos e podemos começar uma vida nova, de trabalho continuo, disciplinado e dirigido por aptidões technicas, de liberdade sem excessos, de calma e cessação de criminosas ambições politicas, de respeito ás leis e ás autoridades, sem nenhuma subserviencia, de selecção dos mais capazes para todos os postos de direcção. Nada de servilismo. Nada de revoltas armadas.

Seja este momento o marco inicial da nova era. Trabalharemos todos seriamente e com afino, porque, com um exercito numeroso e disciplinado, exclusivamente consagrado aos seus deveres technicos, sem nenhuma preocupação que recorde vagamente sequer os pretorianos da decadencia do Imperio Romano, tenhamos uma paz duradoura, no seio de uma nação assinalada pelo labor indefesso e fecundo, que só se consegue por meio da educação, da instrucção, da ordem e da disciplina, e pelo concurso de vontades bem dirigidas e energicas.

A' Liga da Defesa Nacional, de que me orgulho de fazer parte, devo a honra do convite para vos dirigir estas palavras. Em nome della, que foi criada para representar todas as classes da nação brasileira, apresento-vos os mais agradecidos e entusiasticos applausos."

\*  
\* \*

Olavo Bilac prosegue no Rio Grande do Sul o seu apostolado de civismo e patriotismo.

Cada passo do grande poeta é assinalado por um novo triumpho.

E' significativo o exito dessa propaganda. Explica-o em grande parte a seducção pessoal do propagandista que é immensa, mas não o explica por completo. O resto da explicação só pode ser encontrada na perfeita consonancia de idéas e aspirações entre o apostolo e os auditorios que lhe bebem as palavras.

## MOVIMENTO ARTISTICO MUSICA

Para se dar, em poucas palavras, e com precisão, uma idéa do que foi, este anno, a estação lyrica do nosso Municipal, basta dizer que, ao vel-a encerrada, ficou toda a gente, que a desfructou, com pena de que fosse tão curta! Realmente, frequentador do nosso theatro lyrico desde os thempos de Ferrari, não nos lembramos de ter visto, depois das desse grande empresario, outra temporada que nos dêsse, com tão finos cantores, um programma tão bem combinado.

Para os saudosos apreciadores do velho repertorio, das vocalizações e dos gorgeios, lá estavam a "Son-nambula", a "Lucia", a "Traviata" com a Barrientos; a grande opera, antiga e moderna, com a sua apparatusa "mise-en-scène", bailados brilhantes, fartos trechos de canto para cantores de vozes resistentes, não podia ser mais bem representada do que com a "Aida", "Huguenottes", "Mefistofele", e a velha exhumação verdiana da "Battaglia di Legnano", com Rosa Raimosa, e o "Rigoletto", com a Barrientos e Crabbé; a musica franceza, a antiga e a nova, cantada no original por artistas francezes de valor, como Valin Pardo, Royer, Journet e Crabbé, tivemos-a, pela primeira vez no Brasil, com "Manon", "Faust", "Sansón et Dalila", "Béatrix" e "Cadeaux de Noel"; enfim, para corôar esse programma feliz, as tres obras primas do repertorio



comico — “Barbiere di Siviglia”, com o conjuncto admiravel da Barrientos, Schippa, Crabbé e Mansueto, o “Falstaff”, onde, a par do excellente trabalho de Rimini, admiramos um quartetto de sopranos pouco vulgar — Raisa, Vallin, Bertazzoli, Rosinger, e os “Maestri Cantori di Nuremberg”, cuja magnifica execução representa um esforço da empresa, mercedor de animação.

O publico e a imprensa fizeram-lhe justiça: era quasi unisono o côro dos applausos; apenas num ou noutro ponto ouviram-se restricções quasi sempre justas, a esse apoio quasi absoluto.

A Empresa, para dez espectaculos de assignatura, em que fez cantar onze operas diversas, e cinco extraordinarias, trouxe-nos um elenco farto: uma celebridade authentica — sra. Maria Barrientos; quatro sopranos para cujo elogio basta citar-lhe os nomes — Rosa Raisa, Vallin Pardo, Royer, Dalla Rizza; quatro tenores, sendo dois de merito real — Di Giovanni e Schippa; dois baritones e dois baixos de primeira ordem — Crabbé, Rimini, Journet e Mansueto. Orchestra não muito numerosa mas boa, côros magnificos, scenarios dos melhores.

Maria Barrientos foi, como não podia deixar de ser, a grande atracção da temporada. O caracter de sua voz, de um avelludado pouco commum nos sopranos ligeiros, a sua arte consummada, o que tambem não é muito frequente nessas acrobatas do canto, os seus finaes inegalaveis, arrancaram á platéa applausos que não raro chegaram ao enthusiasmo.

Vallin-Pardo e Crabbé foram, porém, a nosso vêr, as revelações mais interessantes da temporada. São dois cantores moços, de voz fresca e pura, artistas no mais amplo sentido da expressão, artistas modernos, de uma arte sobria e delicada, que encanta e que seduz. A “Manon” e o “Faust” foram para a sra. Vallin Pardo duas noites de legitimo triumpho, como raramente tem visto o Municipal, a não ser quando cantam os grandes “divos”, de reno-

me feito; o mesmo foram para o barytono Crabbé o “Rigoletto”, “Barbiere” e “Maestri Cantori”. A sua interpretação do “Figaro” supportou admiravelmente o confronto com a dos grandes artistas, Titta Ruffo e De Lucca, que naquelle palco encarnaram antes delle o typo do barbeiro. E o Beckmesser dos “Maestri Cantori?” Que é mais preciso, para sagrar um artista, do que aquella serenata e a scena muda do atelier?

Guarda o publico de S. Paulo esses dois nomes — Crabbé e Vallin Pardo, e dentro em pouco tempo verá como foram intelligentes e justas as palmas com que recebeu o trabalho desses dois jovens artistas. Si a sorte lhes não fôr traiçoeira, si conservarem o precioso dote com que a natureza os favoreceu, serão dentro em breve duas celebridades que se farão ouvir a peso de ouro. Não é vulgar encontrar vozes tão boas a serviço de um tão fino temperamento artistico.

E agora, esperemos o anno que vem. A Empresa nos promette um esforço ainda maior do que o destes ultimos annos. Teremos, com os melhores artistas do elenco de 1916, o grande Caruso. Cantará, provavelmente, a “Manon”, o “Faust”, “Pagliacci” e quem sabe si alguma opera de Puccini. Do repertorio francez, ouviremos “Louise”, de Charpentier, uma das mais bellas operas que existem, e talvez a “Reine Fiamette” ou o “Carrillonneur”, de Xavier Leroux. De Wagner, ouviremos novamente o “Parsifal”, que em 1913 foi cantada em São Paulo. Annuncia-se a vinda de Mascagni e Charpentier, sendo provavel que a orchestra seja entregue á direcção de Marinuzzi. — X

## GARCIA REDONDO

Com o desaparecimento de Garcia Redondo, occorrido este mez, abriu-se mais uma vaga na Academia de Letras e desapareceu de S. Paulo um dos escriptores mais conhecidos e estimados.

Garcia Redondo deixa, nas obras que publicou, a impressão de um espirito claro e de um coração bondoso. Em tudo que escrevia dominava um tom de franqueza, de despreocupação, de familiaridade, de bom humor, que tornava suave a leitura dos seus trabalhos. Sem odios, ou sabendo recalcar os que nutria, a sua obra é toda de ternura e carinho, ás vezes um pouco sensual, mas em geral affectiva e risonha.

Além de escriptor, Garcia Redondo foi engenheiro distincto e um grande apaixonado de coisas de arte. Não lhe faltaram tambem algumas prendas estimaveis de orador e sobejavam-lhe a graça, a loquela e a vivacidade de um conversador emerito.

## RICARDO GONÇALVES

Sossobrou numa tragedia dolorosa, que ainda commove S. Paulo, o espirito fulgurante de Ricardo Gonçalves. Poeta delicado e singelo, tão fundamentalmente poeta que nas suas poesias não ha traços que denunciem o orador vibrante que elle tambem foi, Ricardo Gonçalves era um bom e um puro. Encantava pelo talento e prendia pelo coração.

Se o espirito era capaz de todas as irradiações no coração sorriam-lhe todas as canduras.

Amante apaixonado da sua terra e da sua arte, — de uma e outra ha fixados nos seus versos aspectos varios e interessantes — o papel do joven poeta e orador na obra de propaganda nacionalista, ora iniciada, havia naturalmente, mais cedo ou mais tarde, de ser grande e brilhante.

O pezar que lhe acompanhou o desapparecimento attesta a intensidade das sympathias que o rodeavam e a força das esperanças que se punham no seu futuro.

## BIBLIOGRAPHIA

*Jackson de Figueiredo.* — Xavier Marques (ensaio).

E' um ensaio critico, talvez mais apologetico do quo critico, que o

joven publicista consagra á obra do forto escriptor nortista.

O sr. Jackson de Figueiredo não é um alinhador de phrases vasiaas, mas um espirito reflectido a que a preocupação das idéas geraes dá uma seriedade que raro se encontra, no Brasil, entre os escriptores jovens.

A sua critica, mesmo quando é um desdobramento de amizade como no caso, não perde o caracter severo de analyse para assumir o tom gracioso da louvaminha. E' sempre critica.

O defeito maior que lhe notamos é o excesso doutrinario. O autor não admite a collaboração do leitor na figura que esboça. Expõe as suas idéas, examina as alheias e tira as conclusões sem permittir que o leitor as discute e corrija. Quer isto dizer que do escriptor estudado elle procura dar impressão antes pela autoridade da propria palavra do que pela suggestão dos traços invocados. A critica sae-lhe mais dogmatica que impressionista, mais affirmativa que pinturesca. Dofine o escriptor mas não fornece elementos necessarios para se verificar se a definição corresponde á realidade.

Para outros talvez nem venha isto a constituir um defeito.

*Autor anonymo.* — Uma das Fontes da Literatura.

E' uma ardente apolôgia do catholicismo como fonte de inspiração literaria.

Tem os seus exaggeros de apreciação. Nem podia deixar de os ter; não ha apologia sem violencias á realidade. E' assim, por exemplo, que explica a grandeza dos escriptores do seculo de Luiz XIV pelo catholicismo que professaram... Basta evocar Molière para mostrar o erro da affirmativa. Do proprio Racine não se pôde dizer que foi grande só porque pediu ás tradições religiosas, aliás mais judaicas que catholicas, o assumpto das suas tragedias. A sua grandeza é apenas o reflexo do seu genio como o é a de Corneille e de Bossuet. Ninguem lê hoje Bossuet por causa da sua theologia ou do calor da sua fé, mas

simplesmente por causa da incomparavel belleza da sua prosa. Essa belleza não é, evidentemente, um attributo do assumpto; é um segredo individual do escriptor. Se assim fosse, teriam de ser postas no "Index", por hereticas, bibliothecas e bibliothecas de obras rigorosamente orthodoxas mas literariamente intragaveis e teriam de entrar para a livraria catholica as obras de Voltaire, de Renan e Anatole...

O mais forte desmentido que se pôde dar a essa affirmativa encontra-se aliás nas obras daquelle a quem se attribue a sua paternidade: nas obras de Chateaubriand.

O livro mais fraco de Chateaubriand é exactamente um poema religioso — Os Martyres — e o seu livro mais vigoroso e mais bello, a sua obra immortal, é precisamente um monumento de vaidade pessoal, isto é, um livro peccaminoso: "As memorias d'Além Tumulo".

Ha tambem, nesta apologia, alguns erros de facto. O Cid Campeador é, por exemplo, apontado como um modelo de fé em Deus e de dedicação ao rei Ora, a lenda é essa, mas a verdade historica é outra. O Cid foi um simples "condottiere" e tanto combatia nas fileiras christans como nas fileiras sarracenas...

O erro maximo do apologista não é, porém, este ou aquelle. O seu erro maximo é considerar como de inspiração catholica tudo quanto se tem escripto com base em tradições ou episodios christãos. Por essa theoria, a "Pucelle" seria uma obra catholica...

Feitas estas restricções, é de justiça reconhecer que o trabalho denota muita leitura e apreciaveis qualidades de gosto e de estylo.

*Mario Barreto.* — Factos da Lingua Portugueza.

O sr. Mario Barreto é dos poucos estudiosos da nossa lingua cujos trabalhos podem ser lidos com proveito e agrado. Não é um grammatico; é um observador attento e intelligente dos phenomenos linguisticos. Não procura estabelecer para uso proprio e dos amigos uma

dogmatica especial e aggressiva a respeito dos factos da lingua; procura apenas estudal-os, comprehendel-os e explical-os.

Com a mesma satisfação, como o são os anteriores, vae ser lido naturalmente o ultimo trabalho seu, publicado agora pela livraria Alves — "Factos da Lingua Portugueza". Além de vasado nos mesmos moldes que os anteriores, este novo trabalho do distincto philologo offerece um attractivo a mais: um esplendido prefacio de Silva Ramos em que são tratados com muita competencia e finura, algumas questões importantes relativas á nossa lingua.

## MOVIMENTO LITERARIO

Deve apparecer dentro em pouco um novo livro de Anadeu Amaral. Intitular-se-á "Espumas" e conterà todos os versos que o distincto poeta escreveu depois das "Nevoas".

O exito do livro é seguro. Anadeu Amaral já occupa um posto do relevo ao lado dos melhores poetas vivos do paiz e figura, sem favor, com um brilho proprio, entre os mais bellos escriptores nacionaes.

Annuncia-se tambem o apparecimento proximo da segunda edição do "Pelo Sertão", de Affonso Arinos. A esse livro de contos, que é um dos mais fortes que até hoje se publicaram no Brasil, seguir-se-ão oito volumes em que, ao par de reedições de trabalhos já conhecidos, serão dados todos os ineditos que o grande escriptor deixou.

## OS DOUTORES E AS LETRAS

(Carta aberta a Silvio de Andrade Maia)

*Meu caro amigo*

Você deve conhecer esta passagem da famosa epistola do velho Ferreira:

*Não fazem mal as musas aos doutores,  
Antes ajuda ás suas letras dão,  
E com ellas recebem mais favores,  
Que em tudo cabem para tudo são.*

Com ser tão antigo o conceito não tem tido elle, sempre em nosso meio, a applicação devida. Porque em geral os nossos doutores têm pelas letras e particularmente pelas musas um verdadeiro desdém que pretende ser superior e é apenas uma prova da inferioridade de sua cultura.

Isto provém em grande parte de nossa falha educação universitaria, onde a parte reservada á litteratura é quasi nulla, poi é creença geral que as bellas letras são apenas um passatempo, uma pelintrice do espirito, muitas vezes compromettedoras para os jovens cavalheiros que já têm cadeira marcada com lenço nos postos de representação e no areópago das carreiras liberaes.

O resultado é que quando os jovens doutores deixam os bancos academicos e começam a exhibir-se na vida publica, falando ou escrevendo, revelam-se fecundos genitores de sollecismos e cultores incomparaveis do máo gosto.

Em outros paizes que não é preciso nomear, os homens publicos e os profissionaes saem dos lyceus e universidades com um sólido cabedal de cultura classica e assim preparados para se exprimirem com correção e clareza, quando não com o aprimoramento de estylo, que é o privilegio de poucos.

Ora, os nossos homens publicos, os nossos profissionaes, muitas vezes mestres do seu officio, em geral escrevem detestavelmente.

E', pois, um consolo ver um joven bacharel como você preoccupado com estudos litterarios, amando e praticando as boas letras, numa bella ancia de perfeição, com uma elegante curiosidade dos segredos da arte da palavra.

Poucas mas brilhantes excepções se contam em nosso meio pensante. Primeiro ha Ruy Barbosa... Mas Ruy Barbosa é uma excepção entre as excepções, é uma cabeça que corresponde no mundo planetario ás

estrellas de primeira grandeza e que brilharia e brilharia mais mesmo quando todo o nosso cosmo mental estivesse completamente ás escuras. Ruy é o sol do nosso systema intellectual, e não devemos offuscar-nos demorando a vista nelle.

A carreira do direito é a que mais escriptores nos fornece, *et pour cause*. Os bachareis são de ordinario os fornecedores da politica, do jornalismo e da diplomacia, e a jurisprudencia é a disciplina que exige mais letras para o desempenho dos seus encargos.

Bachareis foram muitos dos homens publicos que concorreram para a formação do nosso patrimonio litterario — Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, José de Alencar, Macedo, Tobias Barreto, José Bonifacio, o moço, Nabuco, F. Octaviano, Theophilo Dias, Luiz Guimarães, Valentim Magalhães, Martins Junior, Eduardo Prado, Raymundo Corrêa, Lucio de Mendonça, Araripe Junior, Salvador de Mendonça, Affonso Arinos, etc., para só falar agora dos mortos mais recentes e mais notaveis.

Foi muito menor em todos os tempos o contingente dos medicos. Que me lembre, só figuram na litteratura nacional (para citar tambem agora sómente os mortos) Mello Moraes, Laurindo Rabello, Maciel Monteiro, Ferreira do Araujo, Francisco de Castro e Manoel Victorino.

As excepções que venho citando confirmam a regra de que os doutores, si não desdenham inteiramente as letras, pelo menos as consideram como um elemento desnecessario ao seu exito na vida.

Uma occasião, conversando com um engenheiro que era um luminar da classe, elle me disse em tom de brincadeira:

— Você não é capaz de calcular o desprezo que um mathematico tem por um poeta.

— Deve ser igual ao desprezo que um poeta tem por um mathematico, retorqui eu no mesmo tom.

Outro engenheiro, occupante de alto cargo, numa Empreza do Estado, disse-me uma vez que desde formado, havia trinta annos, não lera um só livro de litteratura, não conhecen-

do nenhuma das obras de Machado de Assis, Taunay, Aluisio Azevedo, e Coelho Netto. E dizia-o sem constrangimento, até parec que fazendo alarde de sua aversão ás letras.

Eu desejaria ver qualquer coisa escripta por esse profissional; mas a sua conversação fazia advinhar o que seriam os officios e relatorios de sua lavra.

O velho preceito horaciano, desdobrado na estrophe da epistola de Ferreira, não sei quando acabará de vencer aos nossos homens de representações quo o util não exclue o agradável, que a idéa não dispensa a forma, que um bom prato precisa de ter um aspecto convidativo, que uma mulher bella não perde nada por estar vestida com elegancia, visto que é preciso estar vestida.

Mas assim não entendem a grande maioria dos nossos homens publicos. Entre os politicos bem raros são os que, ainda cultos o talentosos, sabem falar e escrever com elegancia e com syntaxe. E si os seus attentados contra a arte da palavra não se patenciam com maior escandalo, é que os humildes redactores do debates nas duas casas de Congresso Nacional escoimam piedosamente suas orações cacologicas das batatas com que elles juncam abundantemente o tapete da discussão.

Nos ultimos tempos, grato me é confessar, tem augmentado o numero dos doutores que prezam as letras, a par dos literatos que, por accidente, são doutores. Entre as pessoas notaveis já reina um certo pudor de escrever mal. A collocação dos pronomes, por mais insignificante que se chame a essa facil regra de estylo praticada naturalmente pelos carroceiros portuguezes, vai começando a ser feita com accerto nos discursos, relatorios, pareceres e theses dos estadistas e profissionaes, perdendo assim o portuguez do Brasil um dos defeitos que mais o enfeiavam aos olhos dos cultores da lingua.

Já se vai comprehendendo que o grande realce de Ruy Barbosa não vem sómente de seu vigoroso talento e de sua vasta cultura, mas tambem da correção e louçanias do seu estylo.

Os redactores de debates não precisam munir-se de joeira para colherem os discursos de uma pequena minoria de senadores — e deputados, aos quaes sobra tempo para cuidarem da toilette do espirito e não se apresentarem na tribuna com caspas na gola e pingos de café no peitilho.

Deixando de parte os profissionaes que nasceram literatos e procuram um officio porque a literatura não é ainda entre nós um meio de vida, é um consolo ver, por exemplo, Pedro Lessa, não contente de ser um conspicuo mestre de direito, tornar-se tambem, um excellenté escriptor, e Clovis Bevilaqua, que em suas primeiras obras descurava o estylo, aperfeiçoal-o de mais em mais, até chegar nas suas recentes a um verdadeiro gráo de aprimoramento.

E ha revelação mais encantadora (revelação para nós que não o conhecemos de perto) do que essa de Alfredo Pujol, com as suas conferencias sobre Machado de Assis, tão finas, tão atticas, tão penetrantes, tão substanciosas?

Quanto aos medicos, dois ha da velha geração que são duas glorias literarias do paiz: o illustre polygrapho paulista Luiz Pereira Barreto e o admiravel poeta, historiographo e folklorista Mello Moraes Filho, E temos ainda uno de Andrada, um prosador scintillante, Miguel Couto, Fernandes Figueira, Miguel Pereira, Aloysio do Castro, Afranio Peixoto, Austregésilo, Fernando de Magalhães, Lucio Freire, Martins Fontos o o mais joven de todos Veiga Lima, que é um fino temperamento de pensador e de estheta.

Ha visivelmente uma emulação em prol da forma, deusa quasi sempre esquecida pelos nossos homens notaveis, como si a toilette da phraso não tivesse a mesma importaucia que tem a vestimenta do corpo no balanço dos valores sociaes.

Bem sei que um homem de real merito ha de se impor sempre, embora exprimindo mediocremente o seu pensamento, assim como ninguem o deixará de acolher com deferencia só porque o seu casaco está mal talhado — o seu collarinho não tem a brancura do gelo polar.

Mas seria muito mais agradável que essa notabilidade apresentasse essa sua phrase e em sua roupa um exterior distincto e asseiado. Eduardo Prado não prejudicou sua obra por escrever com gosto nem por levar alguns minutos a dar o laço á gravata.

Bilac exagera positivamente na sua profissão de fé parnasiana: a forma não é tudo, como elle e todos os poetas acreditavam então.

Não é tudo, mas é muita cousa.

Assim o entendem, por exemplo, os grandes homens da França contemporaneos: Poincaré, Deschanel, Clemenceau, Ribot, Barthou, Clementel, Briand, Klotz, etc.; todos são estadistas, forrados de bom estoffo literario.

Em Inglaterra, desde Bacon, os homens de Estado são sempre grande *scholars*, escriptores de pulso muitas vezes, versados na literatura antiga e mestres em Shakespeare.

A maior parte dos nossos literatos não saem das classes dos doutores, porque os predestinados a sobraçar na vida o *fascis* emblematico do pergaminho logo se conveucem de que não vale a pena amar as musas num paiz que se tem tão vasta porcentagem de analphabetos e onde prematuramente medrou e fructificou um estilitarismo fenenho e boçal, injustamente attribuido a povos conhecidamente praticos e argentarios como os inglezes e norte-americanos.

Assim, meu caro amigo, é com a maior *sympathia* que eu acompanho a evolução de sua aprendizagem literaria de par com o progresso ininterrupto de seu espirito, tão felizmente propenso ao estudo das questões sociaes.

Conheço bem de perto a solidez das bases de sua cultura, e sobre elle, com a pratica das boas letras, você será em breve uma dessas columnas sobre as quaes S. Paulo, já detentor de todas as hegemonias em nosso paiz, está assentando a cupola de sua hegemonia literaria, prenda que pertenceu outrora á Bahia, ao Maranhão, a Pernambuco e ora se presume pertencer ao Rio de Janeiro, feita esta embora com o concurso de talentos

que para aqui vêm attrahidos pela força centripeta da metropole.

S. Paulo, já discentralizado em tantas coisas e avantajando-se ao centro em muitos pontos de sua organização administrativa, disputa-nos neste momento a taça do *match* literario e artistico, e, enquanto despeja avalanches de café em Santos, quèda se á noite nos salões da Cultura Artistica a ouvir os pianos magicos de Antonietta Rudge e Guiomar Novaes e as lyras de ouro de Vicente Carvalho e Amadeu Amaral.

S. Paulo está no alto, e os bons exemplos devem partir sempre de cima.

Ninguem pretende que toda gente seja literato. Deus nos livre disso. O que nós queremos é que todos amem as letras para que os literatos profissionaes tenham outros leitores além de seus confrades. O que nós queremos é que esse amor das letras se faça sentir na minoria douta pelo estímulo dado aos escriptores, cujas obras, as mais notaveis, tiram apenas numeros de exemplares igual aos das que em outros meios são verdadeiros fiascos.

Só lendo bem é que se escreve bem, e o tempo que os profissionaes gastam com a literatura é compensado pelo que lucram no seu poder de expressão, aperfeiçoando assim o instrumento dos seus successos na vida pratica.

Meu caro amigo e excellentè doutor: entre um livro de Iehring e outro de Balduin leia sempre um Camillo Castello Branmo ou Machado de Assis.

A musa do bem dizer e do bem falar não será importuna apparecendo nos seus arrasoados e orações foreuses. Dos especimenes de produções suas que tenho á vista vejo com satisfação que você assim o entende e cumpre, convencido, como eu das sãs doutrinas que condensei neste conceito:

A cultura literaria é indispensavel a todas as profissões, porque a literatura está para o espirito como a educação está para o caracter.

Seu, fielmente, *Antonio Salles*.  
Rio, Setembro, 1916.

## REVISTAS E JORNAES

HOMENS  
E COISAS NACIONAES

## O PRESIDENCIALISMO

Em um paiz como o nosso, indisciplinado e rhetorico, o presidencialismo com a auctoridade do executivo fortalecida com a iniciativa da administração publica, é uma dadiua da fortuna. Quem quer que encaire o Poder Executivo aqui, verá que elle enfeixa uma somma de fauldades respeitavel. Os outros dois são mais garantidos; talvez não tenham os freios legaes, tão importunos, com que este é vexado; o Judiciario é mais independente, o Legislativo possui mais iniciativa, e, sendo todos tres harmonicos entre si, nenhum, porém, dispõe da sua força, mesmo porque os órgãos que a representam so acham directamente collocados sob a sua fiscalisação e direcção.

Para mim, a virtude melhor do presidencialismo está nesse laço de continuidade que elle offerrece á politica administrativa do presidente. O que torna fracos os governos nas democracias, ninguém o ignora, é a instabilidade do poder. O caracter ephemero, transitorio do munus publico, tolhe a acção dos que governam no sentido de qualquer uma grande missão historica. O segredo da unidade nacional tem sido quasi em toda parte, obra de aristocracias intelligentes e de tradição de sangue, perpetuada de paes, a filhos, através do poder politico, ou este accumulado annos o annos no punho de um homem superior, galvanisando uma força excepcional e illuminado por uma estrella de predestinado. Nem é preciso ser monarchista para reconhecê-lo. Trata-se de um phenomeno politico, cuja authenticidade cahc debaixo do mais ligeiro exame.

O principio da unidade do poder executivo em todas as Republicas, abstracção da Suissa, mostra quanto um homem só, nutrido das qualidades que são o apanagio da acção, pôde estimular a prosperidade

de um paiz. Prefere-se, em quasi toda parte, fazer isto a entregal-o á mercê de um corpo deliberativo. A psychologia já demonstrou que, quanto mais se diluam as responsabilidades por um grupo de homens, mais a consciencia della so relaxa.

Nenhuma força se imporá como força, verdadeiramente, assim fraccionada, repartida entre muitos, ou sujeita ás soluções de continuidade da substituição do pessoal do administrativo. Os publicistas que foram os patriarchas das instituições americanas, comprehendem tão lucidamente a necessidade da magistratura unipessoal, á testa do Executivo, que a experiencia dos modelos antigos, gregos o romanos, não os tentou. Hamilton, como Madison, foram mais longe, na Convenção: queriam o presidente vitalicio, até quando se conduziço a contento do povo ("for good behaviour"). O presidente feito pelos estadistas da Convenção de 1787, diz Bryce, na sua "American Commonwealth", é Jorge III, da Inglaterra, diminuido de uma parte das suas prerogativas, pela intervenção do Senado, nos tratados e nomeações, por um lado, e por outro, pela restricção da sua acção nos negocios federaes. "Un chef nu seul chef point de gouvernements á plusieurs têtes", dizia Alberto do Broglie.

A influencia da substituição da chefia unipessoal pelo collegio de magistrados, nem careco ser provada. A historia respondeu de modo decisivo. No dia em que Roma elimina os reis e substitue-os pelos consules, estes, de facto, exercem as funcções daquelles. E, no triumphato, ha sempre um, centralisando o poder. Nas assembléas deliberantes, invariavelmente existe uma voz mais persuasiva, um imperialista mais ambicioso, que as domina, manobrando-as a seu talnate.

A continuidade e a unidade são a força. A pluralidade é a divisão, a dispersão, o enfraquecimento. Roma só é forte até quando, com seu instincto de administração e de guerra, o poder não comporta nella divisão. Quando ao "pater familias"

todos e tudo se subordinam. Quando o poder unilateral, inflexível desse chefe, assegura, somente com a sua autoridade, o triplice interesse do Estado. Desde que elle começa a soffrer restricções, Roma entra na penumbra. E' o crepusculo da decadencia, que caho sobre a grandeza politica e social romana.

A tendencia deve ser e é para fortalecer o Executivo, de modo que o equilibrio se estabeleça entre elle e o Congresso: um dentro do meridiano administrativo; outro, no meridiano legislativo. Porque, si o Legislativo é o poder aggressivo, na phrase justa do sr. Woodrovv Wilson ("Congressual Government"), a logica indica, como diz Esmein, que cumpre dividir, o mais forte, que é o Executivo. ("Droit Constitutionnel").

Não é possivel iniciar e levar a bom termo nenhuma tarefa historica, sem o espirito de sequencia e de tenacidade, a vista de conjucto, a continuidade, que não se logram obter na precisa efficiencia, nem dos grupos deliberativos indecisos e frouxos, nem com a mutação periodica das figuras destinadas a encarnar taes movimentos. E' somente depois de vinte e tres annos, que Pedro o Grande consolida a sua obra de grandeza politica social da Russia; depois de quinze que Cavour unifica a Italia; é com o esforço sem remissão, de annos e annos, que Chattam Pitt dilata o imperio colonial britannico e impõe absoluta a soberania da Inglaterra nos mares e na diplomacia; que William Pitt solda tres colligações contra Napoleão; que Bismark isola a França da Europa, bate-a, e funda a unidade germanica; que Tirpitz prepara uma marinha de guerra para a Alemanha, e Delcassé tece, no meio dos torce-corpo e das sinuosidades do Downing Street, a trama subtil da "Entente Cordeale".

Um plano poderá acabar-o quem lhe tomar em meio a execução. O autor quasi sempre o concluirá melhor. Por isso que a estabilidade da administração se obtem a preço de tempo, deixar essa machina sujeita ás reacções e ás oscillações das maiorias par-

mentares, das paixões politicas, é um erro. A independencia, sob esse ponto, que a nossa Constituição assegura ao Executivo, representa a adopção de um principio salutar da carta constitucional americana. Um poder que crystalisa uma parcella numerosa de poderes, que enfeixa o que o "Federalista" chama a administração do governo, isto é, tudo o que na denominação usual caher particularmente no dominio do Executivo — deve ser poder vigoroso e fortalecido. Acredito que, sahindo da latitude constitucional que lhe é imposta, o prazo presidencial cumpre ser augmentado: quatro annos não bastam para um estadista pôr em pratica as idéas da sua plataforma. E um presidente novo, que o paiz recebe em cada quadriennio, é um homem muitas vezes sem a experiencia dos negocios publicos, que nenhuma boa vontade chegará a supprir. Precisa ganhala, na pratica, para a exercitar. Mas, apenas entrou a adquiril-a, decorridos dois annos ou dois annos e meio, já a nação inteira estremece e trepida na agitação da nova crise presidencial. O redemoinho colhe-o, na sua violencia habitual, sem que elle tenha tido um periodo sufficientemente longo para realizar as suas idéas de governo. O outro vae tomal-as; talvez as reformar; muitas vezes entorpecendo-as, e dali a anarchia e a confusão. — (ASSIS CHATEAUBRIAND — *A Epocha*.)

## HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

### AMERICANISMO

#### (Poder militar continental)

Cresce dia a dia o movimento de ideias tendentes a assegurar a defesa dos interesses americanos contra as consequências de luctas exteriores, extranhas ao Continente, movimento esse determinado pela repercussão na America da actual guerra europeia.

De um artigo publicado em 3 de dezembro ultimo no "Times", de



Shevreport, nos Estados Unidos, assignado pelo sr. Gilson Gardner, verifica-se que se cogita de uma aliança politica de todas as nações do continente americano, para unificar as suas forças militares, navaes o torrestres, afim de o defender contra aggressões monarchicas. Já se deram mesmo alguns passos para negociações de um tratado com a Argentina, Brasil e Chile.

O embaixador Naón tomou a iniciativa dessa empreza e ha quem diga que os seus passos são apoiados pelo presidente Wilson.

As propostas do embaixador visam o estabelecimento de um convenio, pelo qual as tres republicas sul-americanas se comprometteriam a fornecer 800.000 homens devidamente disciplinados para qualquer medida defensiva necessaria á manutenção da forma republicana de governo no hemispherio occidental. Os Estados Unidos, em troca desse adjutorio forneceriam os apetrechos de guerra necessarios para armar e equipar esso numero de homens e cederia, em caso de ataque a qualquer daquelles tres paizes, o apoio da sua squadra. A combinação da esquadra americana com as esquadras daquelles tres paizes formaria uma força naval que só podia ser superada pela da marinha britannica.

Esse artigo do escriptor americano foi publicado no mesmo dia em uma serie de diarios de cidades diferentes dos Estados Unidos.

Não é esta uma questão chimerica, como á primeira vista se podia julgar. Esse movimento resulta de factos graves que affectam em proporção sensivel os interesses das nações continentaes e que continuarão a affectal-os mesmo depois de terminada a guerra. Esses factos resultam de um lado do atrazo da evolução das condições economicas dos povos civilizados e das suas relações internacionaes, e por outro lado dos processos que foram postos em pratica durante o conflicto actual e que poderão vir a selo novamente em qualquer guerra do futuro. Esses perigos subsistirão em-

quanto não se operar uma reforma total do direito internacional quo o adapte ás condições de facto dos povos americanos, e emquanto não desapareça de todo a possibilidade de que estale na Europa, novamente, um conflicto como o actual.

Ora, os Estados americanos só poderão tomar praticamente a defesa dos seus interesses quando as negociações dos seus diplomatas estiverem apoiadas por meios de acção summamento poderosos. Poder-se-ia prover á defesa dos interesses americanos por meio de um accordo entre os varios governos do Continente. Mas, nesse caso, sob a apparencia e as formalidades externas de uma cooperação militar, esse accordo nos lovaria de facto a confiar essa defesa quasi exclusivamente ás forças navaes dos Estados Unidos, uma vez que os outros governos não tenham uma ogranização geral nom uma connexão preestabelecida entre si.

Saltam á vista os inconvenientes de um accordo nessas condições. Sem duvida não ha possibilidade da dos interesses continentaes sem a cooperação dos Estados Unidos. A verdade, porém, ó que para estes, como para as republicas latinas, o melhor será que se faça uma organização prévia das forças regulares de todos os paizes e que so firme um compromisso de cooperação e auxilio reciprocos que obrigue por igual a cada uma das partes.

Parece que se aproxima o momento de se dar a esse problema, até agora estudado apenas no terreno especulativo, a solução pratica que elle requer. Essa solução offerece difficuldades de varias ordens. Em primeiro lugar, a nova ordem de coisas irá modificar radicalmente as relações entre a America e a Europa, tornando insolita a attitude das nações americanas em face dos paizes europeós. Em segundo lugar, os paizes americanos correrão o perigo de adquirir dois males gravissimos: o militarismo e o imperialismo. Ora, o que as nações americanas devem pretender é que a politica futura so oriente para o pacifismo e não pa-

ra a guerra. A evolução das nações americanas pacificas para uma politica guerreira decidiria da orientação da nossa civilização, precipitando-a das alturas a que ascendia e em cuja marcha a guerra actual a deteve para precipital-a num abysmo insondavel. O dever dos americanos é o de se porem francamente na vanguarda da civilização europeia e salva-la de uma crise que neste momento a ameaça de uma desorganização definitiva sob as apparencias de organização de uma Europa militarizada.

Estas difficuldades justificam todas as hesitações que a solução do problema militar americano tem provocado. O problema consiste, pois, em saber se é possível organizar-se um poderio militar no continente americano para a defesa dos interesses do mesmo Continente, sem violar a orientação pacifista que disciplinou até agora a evolução nacional e internacional dessa sociedade. A difficuldade seria resolvida uma vez que nas relações internacionaes, nas negociações diplomaticas, os governos não se limitassem a considerar apenas os factos que se produzem e os interesses que se devem defender, isto é' não se limitassem a considerar as realidades sociaes, sobre as quaes, para as quaes, o em relação ás quaes devam olhar, mas que as considerassem em seus aspectos distinctos, de um modo tão completo e tão exacto como os conhecimentos humanos em seu estado actual de evolução o permitem, a saber, com um criterio *mais humano* que comprehenda e harmonise os diferentes modos do ver, que reuna e correlacione as distinctas mentalidades do politico, do jurista, do economista, do sociologo, do psychologo, etc. As relações entre os Estados realisam-se actualmente dentro de uma ordem de idéias unilateral o limitada, de modo que parece existir para a vida internacional official uma realidade social distincta das outras realidades e sem conexão com ellas. E' isso que dá ás relações internacionaes certo caracter ficticio que em determinadas circumstancias chega a ac-

centuar-se de modo tal que as relações entre os Estados se afiguram baseiar-se em convencionalismos e formulas e não em realidades sociaes.

O resultado que se obteria com essa transformação fundamental do modo de ser da politica dos Estados americanos com a Europa — modo de ser que é independente da orientação pacifista, — seria o evitar que a possibilidade das reivindicações americanas assumisse a forma de uma belligerancia politica, ou por outra, de uma acção tendente á expansão politica para estabelecer o predominio de uns Estados sobre outros. A politica dos Estados americanos com a Europa definir-se-á como uma acção de organização internacional cuja inieiativa esses Estados tomariam, não para obrigar os Estados europeus a colaborar nella, mas para realisa-la dentro de sua esphera de acção, subtrahindo sua liberdade de actividade pacifica, de desenvolvimento economico e social a essa verdadeira imposição que exercem agora os Estados belligerantes justificada com leis internacionaes que já não têm mais razão de ser nas actuaes condições economicas e sociaes das collectividades humanas.

O perigo do militarismo e do imperialismo pódo tambem ser evitado, uma vez que a força militar continental tenha o caracter nitidamente definido de organismo social. Para isso basta que se opere nas organizações militares uma reforma radical assim na sua estrutura interna como na sua forma, isto é uma reforma que lhe tire esse caracter de casta a parte e que lhe modifique a mentalidade presente. A opposição que actualmente existe entre o exercito e a idéa de paz desapareceria no dia em que o conceito de exercito organizado para a guerra fosse substituido pelo conceito do exercito constituido para assegurar a paz, "para exercer as funções de alta policia internacional" — (ERNESTO J. J. BOTT. — *Revista Argentina de Ciencias Politicas.* — Buenos Aires.—)



## A EDUCAÇÃO MODERNA

A educação moderna deve ser orientada no sentido de se dar ao alumno, desde o começo, os conhecimentos fundamentais das sciencias actuaes, de modo que no futuro possa elle ter uma idéa aproximada quanto possivel da realidade das coisas que o rodeiam, das leis naturaes que regem o mundo e o universo inteiro, afim de que, vencendo superstições funestas, saiba guiar-se pela unica senda do aperfeiçoamento individual e colectivo, que é indicada pelas sciencias, as quaes são a experiencia accumulada dos seculos, organizada paulatinamente pela *elite* passada e presente da especie humana.

Os planos de estudos, desde a instrução primaria, devem modificar-se fundamentalmente no sentido de tornar a escola integral e scientifica, dando-se desde logo ás creanças um certo conhecimento de conjunto das sciencias contemporaneas. E' mister que o alumno comprehenda desde menino que certos segredos da vida foram decifrados pelo homem e que elle, como tal, tem o direito de os conhecer e aprofundal-os. E' preciso que elle comprehenda o que é o individuo e a collectividade, a terra o o universo, para que possa alliar os seus esforços aos dos seus congeneres, em vez do os dispersar em uma marcha sem ordem.

Sobretudo numa democracia, regimen que descança no suffragio universal e na soberania do povo, a sciencia não deve ser patrimonio de castas ou de minorias privilegiadas. Não basta ensinar ao cidadão lêr, escrever e contar e ministrar-lhe alguns dados desconnexos de sciencias fragmentadas. E' indispensavel que se lhe ensinem as conclusões scientificas mais geraes, de accordo com um plano methodico e global.

A fallada bancarrota da sciencia actual é uma lamentavel consequencia da falta de conhecimentos de conjunto, e um resultado do excessivo *detalhismo* que faz perder de vista as linhas geraes, que não deixa o espirito emancipar-se do criterio estatico e metaphysico do passa-

do para compenetrar-se do criterio dynamico, gonetico e evolutivo e das inducções e deducções legitimas que permitem preencher certas lacunas do conhecimento humano.

Os planos o programmas devem, por isso, ser reformados no sentido do dar ao menino, desde a escola primaria, uma synthese elementar e harmonica das sciencias contemporaneas, ampliando-se os seus limites nos collegios nacionaes e escolas normaes, e deixando-se as especialisações para as facultades universitarias ou escolas intermedias entre estas e os collegios. — (RAUL VILLARROEL. — *Revista de Filosofia*. — Buenos Aires.)

## O CASAMENTO A PRAZO

E' o que propõe um romancista inglez, convencido de que o casamento perpetuo é um mal, e pode ser perfeitamente substituido pelo consorcio periodico. Bastam dez annos, e até menos, conforme as disposições dos conjuges. Duas coisas apenas são necessarias: que o casamento a prazo seja valido por um periodo determinado; que seja legalmente reconhecido.

Trata-se de uma tentativa de conciliação ontre a theoria do amor livre e as exigencias da moralidade ambiente. O interesse que ella despertou na Inglaterra e mesmo fóra do paiz, o a propria energia com que foi combatida, mostram que a velha concepção do casamento já não está tão segura nas suas bases como outrora. Queiram ou não, o individuo vai pretendendo que a sua felicidade não continue a ser sacrificada ás imposições da sociedade.

A questão dos filhos é, de certo, muito séria, embora não de todo insolavel, pois a cada passo vemos esposos divorciados cuidarem de garantir o futuro daquelles a quem deram o ser. A sorte da mulher, depois de findo o prazo, não será, absolutamente, miseravel, se, preparada para o caso, ella se tiver tornado apta a trabalhar nalguma arte ou mister. Resta, porém, uma difficuldade, para a qual ninguem

apresentou ainda solução satisfactoria: e é que, num período qualquer da vida conjugal e da maternidade, a mulher tem dado muito mais, tem perdido muito mais, se se prefere, do que o homem. Enquanto o homem não sacrifica senão uma pequena parte do seu ser e continua, a certos respeitos, a sua vida anterior, a mulher, sobretudo quando mãe, se dá integralmente, ou, se não, numa proporção bastante superior á do marido. Perdido, além de tudo, o seu capital de juventude e de belleza, é claro que ella é quem faz peor negocio, pois que vem a ficar menos bem armada para a luta. Uma indemnização lhe é devida. Qual a forma, porém?

Resolvido este ponto, ao nosso escriptor se afigura que o consorcio a prazo, legalmente consagrado, não é menos honroso que o outro. (*The Literary Digest.*)

#### O MINISTERIO FAMILIAR

Ha na Allemanha, como algures, certas prevenções contra a mulher instruida. Pensam muitos que, justamente por causa da sua instrução superior, a mulher sabida não serve nem de dirigir o lar, nem de educar crianças. Institutora, seja; esposa e mãe, nunca. Mas isso será bem pensado? A felicidade do marido, a formação do caracter dos filhos não ficarão tanto mais garantidos quanto melhor for a instrução da mulher? E' permittido julgar que sim. Quanto mais dura fôr a luta para o homem, tanto mais precioso lhe será encontrar no lar uma companheira cuja sympathia esclarecida lhe traga o reconforto que em vão buscaria noutra parte. De mais, a educação não é coisa que se deva largar aos impulsos instinctivos do coração materno! Quantas mães, cheias de excellentes intenções, naufragam na obra difficil de desenvolver harmonicamente o caracter dos seus pequenos!

A' mulher tóca o ministerio da vida familiar. Para exercel-o, é

preciso que conheça as forças exteriores, as leis da grande vida que regem e condicionam a actividade mais especial, que é a do lar. Recusando-se a limitar o seu horizonte dentro dos muros da casa, ella age como toda creatura sagaz que, para melhor especializar-se, deseja antes de tudo situar exactamente no grande conjunto a pequena provincia de que tencionar ser senhor. (*Frauenberuf, Berlím.*)

#### CLUB DE ESCRIPTORAS

Acaba de abrir-se em Londres um novo club para damas. Tem de superior aos outros do genero, que tende a estimular o movimento intellectual feminino, e é frequentado especialmente por escriptoras. Esse club pretende tornar-se um liame entre as mulheres de todos os paizes e espera que outras agremiações semelhantes, inspiradas nos seus planos e nas suas idéas, sejam fundadas em todas as capitães.

Este club de escriptoras abrange um escriptorio de informações, — o primeiro que existe no genero, — onde se acham listas dos editores do mundo inteiro, dos traductores e dos publicistas, com os "preços correntes" para todas as especies de trabalho literario. Tambem lá se encontra uma lista dos principaes archivistas e rebuscadores de bibliothecas publicas. O club fornece cartas de recommendação para facilitar o accesso nas bibliothecas e museus.

A installação, segundo dizem, é um modelo de conforto. Ha dentro do club um restaurante que offerece repastos baratos, a preço fixo ou *á la carte*; trinta quartos do dormir á disposição das socias; gabinetes de toilette; salas de musica e de leitura; galeria para chá; salão de repouso; uma costureira, uma penteadeira e uma manneura ás ordens das socias.

Ainda antes da inauguração, o club possuia já 1.500 associadas. (*Lady's Realm, Londres.*)

### A ORIENTAÇÃO MODERNA DA HISTORIA

Não pode haver republica nem democracia verdadeira emquanto o povo, ou pelo menos a sua maioria, não estiver orientado pelo conhecimento das verdadeiras conveniencias collectivas. Esse conhecimento só se obtem pela possessão dos antecedentes necesarios. Só assim poderá o povo decidir do seu proprio destino e entre varios caminhos escolher o que melhor o conduza ao maior bem-estar geral. Para que um povo possa ser livre e não subdito, autonomo e não eterno pupilo, para que possa reger-se por si, sem necessidade de tutores ou directores espirituaes que o explorem com falsas apparencias, é necessario que se capacite de quo no bem-estar geral se comprehende o seu proprio bem-estar pessoal, individual, e que em caso do conflicto entre ambos deve subordinar-se ao primeiro.

Esta orientação de solidariedade e equidade elle só a adquire com o conhecimento de dados sufficientes e certos e dos antecedentes da razão e experiencia. Estes conhecimentos e estes antecedentes só se encontram na Sciencia e com especialidade na Historia, methodicamente estudada, e uniformemente ensinada desde a escola primaria.

A Historia Universal é a sciencia mais necessaria aos povos, porque é a que melhor pode destruir nos homens essas *idola tribus, idola fori*, de que fala Bacon, esses varios idolos, isto é, esses erros, prejuizos, superstições ancestraes, atavismos, etc., que impedem ou estorvam o avanço dos povos para melhores convivencias e a compreensão (mesmo por egoismo bem entendido) da necessaria solidariedade humana.

Os erros dos homens provêm da ignorancia das causas reaes das coisas e dos phenomenos naturaes e sociaes e do desejo de lhes dar alguma explicação a qual, naturalmente, não pode ser superior ao desenvolvimento mental de quem as dá. Essas explicações erroneas e imaginarias só desaparecem á medida

que vão sendo substituidas por explicações racionais e solidas. Para os phenomenos naturaes ha a experiencia scientifica e para os moraes e collectivos o conhecimento e observação historicos.

A mera historia chronologica de reis e batalhas ou a ficção artistica mas irreal de um poeta ou mythologo não bastam para isso. E' indispensavel a historia raciocinada e methodica dos homens, dos povos e das coisas em geral, isto é, a historia ampla que tome os homens, os povos, as instituições, as sciencias, as artes, as religiões, as industrias, etc., desde a origem, as acompanhe no seu desenvolvimento multiseccular, fazendo notar o encadeamento logico e inquebrantavel das causas e dos effeitos, indicando o que fomentou e o que cohibiu mais ou menos esse processo evolutivo interminavel e o que, por consequente, dada a lei da casualidade, igualmente poderia fomentar no futuro as coisas boas ou aproveitaveis para o homem e cohibir ou diminuir as más e prejudiciaes.

Só assim se alcança o objectivo da civilisação, que é dominar o mais possivel a natureza indifferente, em beneficio de todos ou do maior numero, diminuindo a dor e augmento do bem-estar humano. A Historia deve ser o quadro vivo da propria realidade, o reflexo synthetico do desenvolvimento lento e gradual do Universo, do mundo e do homem nas suas principaes phases, seguindo a genesis e o eterno *fieri* da natureza. Ensinada deste modo ella dará ao menino de hoje e ao homem de amanhã os dados indispensaveis para que elle consiga ser *racional e consciente* e, como tal, autonomo, equitativo, solidario, sem prejuizos e reflectido. (Raul Villarrol — *Revista Argentina de Ciencias Politicas* — Buenos Aires).

### PUBLICAÇÕES

#### RECEBIDAS

Durante o mez foram enviadas á "Revista do Brasil" as seguintes publicações:

FLOSCULOS — Do "Livro de Emilia" — "Folhas dispersas" —

Idefonso Bezerra — Parahyba do Norte.

VINGANÇA DA NOITE — Livro de versos de Brenno Ferraz do Amaral — Piracicaba.

BOLETIM DO INSTITUTO AGRO-NOMICO DO ESTADO EM CAMPINAS — Junho de 1916 — Instruções praticas para a pódia racional do cafeeiro — Trabalho original de J. Arthaud-Berthet.

#### REVISTAS

ATLANTIDA — Lisboa — N. 11 — 15 de Setembro — Principaes trabalhos: — A situação internacional, por João de Barros; Alcohaça, por M. Teixeira Gomes; Graça Intima, por Jaime Cortesão; Ao mar, por Joaquim Costa; Os engenhos de Pernambuco, por Sousa Bandeira; O Sepulchro de Bartholomeu Dias, por Chagas Franco; Victoria-regia, por Guilherme Valência, Victória-régia, por Fontoura Xavier; A educação no Brasil, por A. Carneiro Leão; A Justiça, por A. M. Rita Martins; Latino Coelho, por José Antonio de Freitas; Espectros, por Antonio Sergio.

A AGUIA — Porto — Ns. 56-57 — Agosto e Setembro — A viagem de Antero de Quental & America do Norte, por Antonio Arroio; Os Lusíadas, versos de Teixeira de Pascoaes; Terras do Sul, Cantos Alentejanos, pelo Visconde de Vila-Moura; Velando na Noite, versos de Antonio Sergio; Provincialismos usados em Monção, por Antonio Pinho.

LA GRANDE REVUE — Paris — N. 9 — Setembro — Aux Roumains de 1916, por Jean Lahovary; La Psychologie du chef, por um official; Nos Amis & l'Etranger; Leonida Bissolati, por Jules Desstrée; Sur les Vainqueurs de Denain et le Haut Commandement, por Marquis de Vogüé; Journal d'un Réfugié en aout-septembre 1914, por André Maurel; L'Arrière Tragique, por H. F. C.; Deux Occupations d'Amiens (1914-1915), por Guy de Passillé; Amours de Ponceau, por Denis Thévenin.

LA REVUE HEBDOMADAIRE — Paris — N. 33 — Setembro — L'Heure du "vieux Dieu" allemand, por Gabriel Hanotau; Versailles sauvé, por Pierre de Nolhac; Poésies, por Louis Mercier; L'E'nigme Japonaise, por B. van Vorst; Le Calvaire de lady Wing, por Mrs. Humphry Ward; Quand on aura le loisir de penser, por Albert Leclere; L'Allié Roumain, por René Moulin.

MERCURE DE FRANCE — N. 437 — 1 de Setembro — J. de Morgan, Les Débuts du Peuple arménien dans l'Histoire; Yves Delage, Une Psychose nouvelle; La Psycho-analyse; A. van Gennep, Le Mécanisme de l'Organisation; Tou-

ny-Lérys, Poèmes des Bords de l'Yser; Marcel Bloch (de Lyon), Nos Soldats aveugles; X. — Marcel Boulestin, Aspects sentimentaux du front anglais; Albert Heumann, Les Tendances nouvelles de la Littérature en Suisse romande; Isabelle Rimbaud, Dans les remous de la bataille (Des Ardennes à Paris par Reims. — Revista da Quinzena.

REVISTA ARGENTINA DE CIENCIAS POLITICAS — Buenos Aires — N. 72 — Anno VI — Principaes trabalhos: — La doctrina Drago y la locucion "de plano" empleada por Calvo, por E. Sarmiento Lasplur; Las ciudades, por Valentin Letellier; Orientación moderna de la historia, por Raul Villarroel; Sobre la necesidad de crear un poder militar continental, por E. J. J. Bott; El poder judicial, por Francisco Netri; La carrera administrativa bonaerense, por V. de Sarasketa.

THE REVIEW OF REVIEWS — Londres — N. 321 — Setembro — Character Sketch: Lord Rhondda, por G. A. Greenwood; A grave danger to the State, por sir Harry H. Johnston; The Training of our Captains of Industry, por sir Robert Hadfield; Foreign Opinion on the War.

THE NORTH AMERICAN REVIEW — N. 3 — Setembro — Principaes artigos: The political situation, pelo Editor; Presidente Wilson's administration os Foreign Affairs, por David Jayne Hill; The mystery of Woodrow Wilson, por Oswald Garrison Villard; The future mechanism of warfare, por John Hays Hammond, Jr.; The story of the Danish Islands, por Willis Fletcher Johnson; War and progress, por Henry Rutgers Marshall; A modern conception of God, pelo Rev. Philip S. Moxom; Prohibition and civilization, por Albert Jay Nock; What are colleges for?, por Charles Upson Clark; In memoriam: James Whitcomb Riley, por George Harvey; Two woodsmen, por Edith Wyatt; Modern Tendencias in Poetry, por Arthur Davison Ficke; The Peterborough idea, por Edwin Arlington Robinson; In New York, por William Alexander Percy; The Tree, por Winifred Welles; The Bock of the Month, por Lawrence Gilman.

A CIGARRA — S. Paulo — N. 51 — 28 de setembro — Revista de actualidades.

A VIDA MODERNA — S. Paulo — N. 293 — 19 de outubro — Revista de actualidades.

REVISTA FEMININA — S. Paulo — N. 29 — Outubro de 1916.

REVISTA DE ENGENHARIA DO MACKENZIE COLLEGE — S. Paulo — N. 7 — Anno II — Agosto de 1916 — Estudos interessantes.

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

**DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO** — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

**O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE** tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

**DR. S. SOARES DE FARIA**—Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

**DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO**—Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

**DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE** — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

**DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA.** — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. **Condes.**

**DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO** — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

**DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR** — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

**DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA** — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angell-ea, 141 — Telephone 3012.

## MEDICOS:

**DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA** — Das Unversidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

**DR. AYRES NETTO** — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

**DR. SYNESIO RANGEL PESTANA**—Medico do Asylo de Expostos e do Seminarlo da Gloria. Clínica medica **especialmente das crianças**—Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

**DR. SALVADOR PEPE** — Espeelalista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetinga, 9. Telephone 2.296.

**DR. ALVARO CAMERA**—Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

## TABELLIÃES:

**O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA**, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

**ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO** — Corretores officiaes—Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

**DR. ELOY CERQUEIRA FILHO** — Corretor Offiial — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

**CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES** — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738—Compra e venda de apohees do Estado, Ações das Companhiaes Paullsta e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

## ENGENHEIROS:

**HERIBALDO SICILIANO** — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Cidade)  
— Rua Alvares Penteado — S.  
Paulo.

**DESPACHANTES:**

BELLI & COMP. — Santos:  
Praça da Republica, 23. Teleph.  
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-  
delarla, 69. Teleph. 3.629. Caixa,  
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,  
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.  
Telegrammas: "Belli".

**ALFAIATES:**

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco — Novidades em case-  
mirra ingleza. — Importação di-  
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
5151 — S. Paulo.

ALFAIATARIA—Donato Plas-  
tino — Emprega só fazendas ex-  
trangeiras — Rua do Tesouro, 3  
(1.º andar) — S. Paulo.

**INDUSTRIAS E IMPORTADO-  
RES:**

C. MANDERBACH & COMP.  
— Papelaria, typographia, enca-  
dernação—Telephone 792—Caixa  
545 — Rua S. Bento, 31. — S.  
Paulo.

A INTERNACIONAL — Gran-  
de Fabrica de Malas e Canastras  
Officina para concertos. — Do-  
mingos Macigrande. — Rua São  
João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, plátina, cau-  
telas de casas de penhores e do  
Monte de Socorro de S. Paulo  
— A CASA MARCELLINO com-  
pra e paga bem.—Praça Antonio  
Prado, 14 — Telephone 4.692 —  
S. Paulo.



**Loteria de São Paulo**  
em 14 de Novembro  
Grande Loteria Commemorativa da Proclamação da  
Republica  
**100 CONTOS**  
por 5\$000  
A' venda em toda a parte

*“O Estado de S. Paulo”*  
*Officina de Obras*

*Especialidade em Jornaes, Revistas  
illustradas Appellações, Razões e  
todo'o serviço que, por sua natureza  
depende de celeridade,*

ooo

*Acceptam-se encom-  
endas em nosso  
Escriptorio á*

*Traça Antonio Prado*



*ou no edificio de nos-  
sas officinas  
(Secção Archivo) á*

*Rua 25 de Março, 145*

# Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

## ROBES & MANTEAUX

*Lingerie de Luxe, Blouses, Troussesaux*

# Bertholet

*Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes*

*Rua 15 de Novembro, 30*

*São Paulo - Paris*

# WILSON, SONS & Co. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523. End. Telegr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

## IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E TUBOS DE FERRO GALVANIZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; [OLEO DE LINHAÇA E TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS; BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

## AGENTES

da **Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIANÇA"** de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

**CIMENTO** - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B. White & Bros. - Londres.

**CREOLINA E PACOLOL** - de WM. PEARSON Ltd. de Londres e Hull.

**WHISKEY** - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de Edimburgo - Escossia.

**TINTA PREPARADA** - "LAGOLINE" e outras marcas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

**CERVEJA "GUINNESS"** - marca "CABEÇA DE CACHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

**ASPHALTO** - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val de Travers - Suissa.

**MATA-BORRÃO "FORD"** - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

**"BRICKTOR"** e MALHAS para CIMENTO ARMADO de Johnson Clapham & Morris - Manchester.



# Casa Tolle

FABRICA DE BONBONS  
FINOS, CHOCOLATES E  
LICORES

A UNICA FABRICA QUE EX-  
PORTA CHOCOLATE PARA A  
EUROPA.

Rua Piratininga, 27  
Caixa do Correio, 201  
S. PAULO

*Casa fundada em 1895*

PRAZO DEZ MEZES  
JUROS MODICOS



# Emilio Israel & C.

Casa de Emprestitos sobre Penhores



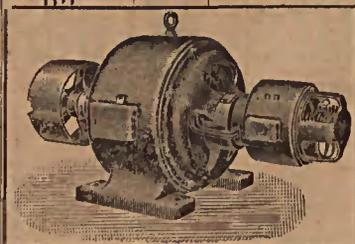
Travessa do Grande Hotel N. 8  
Telephone N. 1195  
End. Electr.: EMISEL  
SÃO PAULO

*Vicente Lattuchella*  
*Alfiate*

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

# A' Illuminadora



Artigos para iluminação

Fogões Economicos a Gaz e Lenha

GELADEIRAS AMERICANAS

Recebemos grande variedade

Visitem nosso estabelecimento

Dinamos  
Motores  
Pilhas  
Lampadas

## Alberto dos Santos & C.

Rua da Boa Vista, 47  
S. PAULO

# REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661.

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos.

Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impecavel, peio que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthéme, a chronista das segundas-feiras do "Paiz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreven:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LER-A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"

SECCÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECCÕES de educação social, de educação privada.

SECCÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECCÕES de ornamentações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECEITAS originaes de fogão e forno.

SERVICO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 7\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correio.

Dirijam suas cartas á Directora  
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIÔ DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVIŞE

A REVISTA DO BRASIL completou com o n. 8 o seu segundo volume de 400 paginas, cujo indice acompanha este numero.

O n. 7, de 25 de Julho trouxe o seguinte summario:

F. T. DE SOUZA REIS — A moeda metallica no Brasil (conclusão).  
SOUZA BANDEIRA — Rulhas da aristocracia rural.  
AMADEU AMARAL — Poesia.  
JOÃO KOPKE — Educação moral e civica (conclusão).  
H. INGLEZ DE SOUZA — Iniciação.  
VEIGA MIRANDA — A problidade literaria.  
PLINIO BARRETO — Leonor Teiles.  
ROCHA POMBO — A terra paulista e as suas grandes legendas.  
JOÃO FERRAZ — Salubridade publica no Estado de S. Paulo.  
COLLABORADORES — Resenha do mez.

RESENHA DO MEZ — Monologos, Yorik — Brasil-Argentina, Redacção — O Direito Criminal Moderno, M. O. H. — Bibliothica (Sensações e reflexões — O combustivel na Economia Universal — Eça de Queiroz — Ruy Barbosa) — Tribunal medico — A questio shakespeariana — Opiniões sobre o "Don Quixote" — As fructus contra as doenças — O Banho de Sol — A longevidade das mulheres — As caricaturas do mez (tres caricaturas reproduzidas).

N 8 - 25 de Agosto:

DR. OLYMPIO PORTUGAL — Campos do Jordão.  
SAMUEL DE OLIVEIRA — Sylvio Romero e a alma brasileira.  
MONTEIRO LOBATO — Hecatortha (novella).  
OCTAVIO MENDES — Teixeira de Freitas.  
ANTONIO SALLIES — Poesia.  
ALBERTO SEABRA — Os versos aureos de Pythagoras (II).

RESENHA DO MEZ — Monologos, Yorik — As armas de S. Paulo, J. William Ramsay L. — Metchnikoff — Theatros — Bellas Artes — Movimento literario — Faculdades de Letras e Philosophia — A instrucção militar obrigatoria — O gado vaccum no Brasil — A riqueza dos norte-americanos — A agricultura mecanica — O problema zootecnico — O ensino tecnico — "Revista do Brasil" — Caricaturas do mez.

# As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua  
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

*GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado  
e pertences*

---

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer  
machinas, canos de ferro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

**Rua de São Bento N. 29-G**

**SÃO PAULO**



# REVISTA DO BRASIL

---

## • SUMMARIO

EUSEBIO DE SOUZA . . . . .	As minas do Ipú . . . . .	217
CARLOS DE LEMOS . . . . .	O A. B. C. . . . .	227
ARMANDO PRADO . . . . .	A Escravidão . . . . .	232
HUMBERTO DE CAMPOS . . . . .	Sonetos brasileiros . . . . .	252
MONTÊIRO LOBATO . . . . .	Pedro Americo (com illustrations) . . . . .	256
MAURICIO DE MEDEIROS . . . . .	Justiça e Assistencia . . . . .	272
AMERICO DE MOURA . . . . .	Um capitulo de semantica . . . . .	282
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . .	296

*(Continúa na pagina seguinte)*

---

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 11 - ANNO I

VOL. III

NOVEMBRO, 1916

---

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL



**RESENHA DO MEZ** — Monologos, *Yorik* — Movimento literario — Henrique Sienkiewicz — A poesia de Ricardo Gonçalves, *Monteiro Lobato* — Lorenzo Stecchetti, *Jacomino Define* — Ultimas Cigarras, *C. da Veiga Lima* — Bibliographia (Alvaro A. da Silveira; Antonio Paes) — Olavo Bilac (Discurso aos moços) — Bases da organização universitaria — A raça humana — A religião da velocidade — A calligraphia dos grandes escriptores — Publicações recebidas — As caricaturas do mez (5 caricaturas reproduzidas).

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA  
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA] REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO  
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO . . . . .	12\$000
SEIS MEZES . . . . .	7\$000
ESTRANGEIRO . . . . .	20\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$500
NUMERO ATRAZADO . . . . .	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



# BYINGTN & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4, MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA;
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egipto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abri-la por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã às 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# Auto-Geral

||| CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE  
PARA AUTOMOVEIS



Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3708

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO

# REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os juizes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

## TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

# Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETINGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

## JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511  
ESTABELECIMENTO DE 1.<sup>A</sup> ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 9-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,  
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

## Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

### Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO





# Para a Lavoura

**T**emos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a lavoura.**

**Fabricamos:** Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inigualavel valor para o aperfeiçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

**Importamos:** Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo cmfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

## Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escritorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



BEBAM

---

WHISKY DEWAR  
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O  
INIMIGO DO  
ACIDO URICO



A  
CHAMPAGNE DAS  
AGUAS DE MESA

---

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

---

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

# PIXOL

Alcatrão de hulha Beneficiado



É um preparado indispensavel em todos os estabelecimentos agrarios não sómente pela sua multipla utilidade como pela facilidade em sua applicação.

Não requer precauções ou conhecimentos para o seu emprego, basta um pincei e boa vontade do trabalhador.

Como o seu nome indica, é um derivado do Pixe, contendo todas as qualidades deste e outras ainda devido ao seu beneficiamento. É perfeitamente fluido e applicavel a frio.

Dentre os varios misteres a que se destina sobresa e o seu emprego nos materiaes que se acham expostos ao ar ou sujeitos á deterioração, substituindo com muita vantagem quer em qualidade ou custo, todas as tintas e preparados até hoje usados nos postes de madeira, madeiramento em geral, postes e vigas de ferro, pois que impede a ferrugem, destróe o cupim e preserva a madeira da acção destruidora do tempo, sendo ao mesmo tempo um excellent desinfectante.

**MODO DE USAR:** — Em madeira applica-se puro, mas para pintar aço ou ferro convém misturar uma parte de cimento com uma de kerozene e em seguida acrescentar dez partes de PIXOL.

Fornecido em caixas de 2 latas de 5 gallões cada uma, ou 35 litros por caixa.

Fabricado pela **San Paulo Gaz Company Limited**

AGENTES GERAES PARA O BRAZIL:

**H. E. BOTT & COMP.**

Rua Libero Badaró N. 10

SÃO PÁULO



# CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

MOVEIS PEQUENOS - JOGOS DE

4 MEZAS GIGOGNE

PREÇO DE RECLAME

O JOGO 65\$000

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.<sup>IA</sup>

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

*Casa Paulista de*

*Moyses Gandelhman*

*Vendem-se moveis, camas de ferro esmaltado, colchões,  
tapetes e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações*

*Rua Barão de Itapetininga, 14-A Telephone, 3046 (Central)*

---

---

# AS MINAS DO IPÚ

(PONTO DE VISTA HISTORICO)

Pouco ou quasi nenhum estudo tem sido feito, em nossos dias, no Ceará, sobre a mineralogia, sciencia tão util quanto neecessaria ao desenvolvimento de um paiz, constituindo sua principal fonte de prosperidade, desde que, com habilidade e proveito, saiba elle aproveitar-se dessas riquezas naturaes.

Nesse particular temos sido de uma imprevidencia e inercia lastimaveis. Mais atilados foram os nossos primeiros povoadores. Pelo menos elles souberam utilizar-se dos productos mineraes, em proveito proprio, não só no fabrico de objectos para usos domesticos, como nos que servissem para as suas armas e adorno pessoal.

Verdade é que algumas explorações, em outros tempos, foram tentadas, enumerando-se as que foram levadas a effeito pelos hollandezes no periodo de sua dominação, na terra conquistada, com prolongamento dos portuguezes na época da colonisação, no decorrer do seeulo XVII.

Desses ensaios, porém, nada nos resta, senão farta e copiosa bibliographia, attestando o muito esforço desses valentes exploradores e dos que, com rara proficiencia, se têm occupado do assumpto.

Não se precisa ir muito longe para avançar essa proposição. Lançando-se o olhar sobre a *Revista do Instituto do Ceará* ver-se-á não ser diminuta a bagagem de escriptos e monographias sobre as varias materias a que se prende a sciencia dos metaes, salientando-se os que são firmados por Feijó, Alfredo de Carvalho, Thomaz Pompeu, Barão de Studart, Capanema, João Brígido, Theberge, Mamede, José Pompeu, Marcos de Macedo e outros.

\*  
\* \*

O Ipu é, talvez, o municipio do Ceará que maior numero de minas conhecidas regista, a se dar credito ás investigações a que se ha procedido, em seu territorio, desde os primeiros dias.

Nenhum logarejo do Estado se apresenta tão rico de thesouros mineraes, como elle. Assim o affirmamos, baseados na opinião dos que têm perquirido dos elementos contribuidores da riqueza do municipio, abrangendo todos os ramos naturaes, como já tivemos occasião de demonstrar em trabalho que, sobre o assumpto, publicámos. (1).

Tal superioridade ha quem attribua á configuração de seu sólo, de formação geologica desigual, no conjuncto de terrenos em algumas partes arenosos e alagados, outras pedregosos e accidentados, afóra os que são proprios da região serrana, sabido ficar o Ipu' situado no sopé da serra da Ibiapaba, cujo ponto culminante, segundo dados officiaes, attinge a 1.020 metros de altitude e constitue a principal cordilheira do Ceará, tambem conhecida, principalmente na parte que diz respeito ao Ipu', pela denominação de Serra Grande dos Cocos.

A' estructura geologica do municipio deve-se, pois, essa primasia, encarada sob o ponto de vista mineralogico.

E' de lastimar não haver ainda estudo algum positivo, sobre a verdadeira classificação desses terrenos. Deste modo poder-se-ia justificar, scientificamente, a procedencia dessa abundancia de minerio, sem receio de contestação, como já succedeu quando, alhures documentando a existencia de uma das suas jazidas auríferas, allegando que, sendo outro o seu destino, seria esta terra a Chanaan dos cearenses, se nos taxavam de optimistas, quiçá aduladores.

Tempo virá, porém, em que, melhor entendido o nosso intuito, protestando contra o criminoso esquecimento dos elementos de valor de uma terra tão prodigiosa como o Ipú, quando algum dia os homens senhores do poder comprehenderem, por sua vez, que para a exploração das riquezas naturaes do sólo brasileiro são necessarias todas as energias da nação, não sejamos mais os bajuladores que a fatuidade de alguém houve por bem classificar.

---

(1) — Vide *Chronica do Ipú*, do autor, na *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XXIX, pag. 152-243.



Detalhemos, separadamente, o minerio existente no Ipú, de conformidade com os dados conhecidos.

Em primeiro plano destaca-se, obedecendo á ordem chronologica de sua exploração, a mina de ouro do *Juré*, situada nas margens do riacho do mesmo nome, a 26 kilometros a N. E. da cidade.

Nada se sabe, ao certo, sobre a descoberta dessa jazida. Sua existencia, entretanto, é real. Della se occuparam Feijó, classificando o minerio alli existente como de qualidade superior, Thomaz Pompeu, e o Barão de Eschwege na obra — *Pluto Brasiliensis*, publicada em Berlim, em 1883, informações que no dizer do illustrado autor do — *O Ceará no começo do seculo XX*, foram colhidas por esse sabio allemão, de Feijó, aliás não trazendo seu testemunho esclarecimento algum sobre o assumpto.

“O dr. José Pompeu — escreve o dr. Thomaz Pompeu — apreciando as razões de Feijó sobre a hypothese de se poder achar na Serra Grande as matrizes de ouro encontradas em alluviões de diferentes ribeiros, pondera que:

“O ouro não se acha na natureza senão em estado nativo, ora sob a forma de cristaes, de laminas mais ou menos extensas ou de filamentos; ora em palhetas, em grãos e em fragmentos, ás vezes bastante volumosos. Encontra-se muitas vezes em veios, nas rochas quartzosas do terreno primitivo; algumas vezes se apresenta em diversas jazidas dezentiferas. Mas a matriz mais geral do ouro, no Brasil, a substancia em que este metal se acha mais abundantemente espalhado é uma rocha quartzosa, avermelhada e ferruginosa, chamada *Jacotinga*.

Assegura ainda o mesmo naturalista, em uma das suas memorias, que “de ouro se encontram mais ou menos vestigios por todos os riachos, correjos e vertentes de montanhas, que formam as costaneiras da Serra Grande, desde o Timonha até Cariris, com particularidade nas vertentes do Salgado, Acarahú e Jaguaribe no Inhamuns, Banabirú, Quixeramobim e cabeceiras do *Juré*. Em todas essas vertentes e terrenos vizinhos basta lavar a terra que se acha debaixo do cascalho para pintar o ouro”.

Das minas conhecidas, no Ceará, é a do *Juré* classificada conjunctamente com a das antigas lavras de Mangabeira (La-



vras), ficando as demais jazidas descobertas em plano assás inferior.

Contestando a declaração do sabio naturalista Feijó allegando que, por falta d'agua, deixou o seu primeiro explorador coronel Diogo Lopes de Araujo Salles de continuar com os trabalhos de mineração, depois de algumas tentativas, sem resultado, affirmamos contrariamente, isto é, ter sido esse resultado de alguma fôrma satisfactorio, embora pequeno, não eompendando talvez os saerificios postos em pratica. E' sabido haver conseguido esse valente explorador 286 oitavas de ouro de muito bom quilate, após construir, com ingentes difficuldades, um eondueto de agua eneanada das eminencias ao tôpo da serra, onde estabeleceu um receptaculo dessas aguas de que se servia para lavagem das terras extrahidas dos veiros das minas auríferas. (2).

Nesse trabalho, de inicio na era de 1844, foi auxiliado o eoronel Diogo Salles pela pratica de um explorador mineiro vindo da então provineia de Minas Geraes, deservendo a jazida do *Juré* com vantagens espantosas.

Como e porque deixou essa mina de ser explorada, não obstaute os primitivos esforços, correm duas versões: quer alguem ter sido essa causa resultante da falta d'agua, obrigando o eoronel Diogo a desistir de sua valorosa obra, que, ineontestavelmente, desdobraria a faee do municipio; ha quem insinue a para-

---

(2) — Por serem por demais interessantes, trancrevemos as linhas que se seguem, mostrando o modo por que, antigamente, era feito o processo de lavagem do ouro, nas minas. O que extractamos é da penna do celebre viajante Henry Koster que renome deixou com as suas *Viagens no Brasil*:

“Eis no que consiste o que se chama lavagens: abrem no chão pequenos degraus de vinte a trinta pés de comprimento sobre dois ou tres de altura; cavam na base um rego de dous a tres pés de fundo e por elle fazem descer brandamente uma corrente d'agua que se teve o cuidado de regularisar de maneira que dissolve sem arrastar a terra que contem o ouro. Colocados nos degraus revolvem os negros a terra com palhetas sem interrupção. Quando transformada numa especie de lama, é arrastada mais para baixo e as particulas do ouro, em virtude do seu peso especifico, precipitam-se no fundo do rego. Entretanto a agua que cae no fundo do mesmo limpa-o e purifica-o dos corpos heterogeneos. Esta operação dura cinco dias. Segunda lavagem succede á primeira; os operarios vasam os sedimentos em gamellas cheias d'agua, que agitam afim de que as ligas se apurem e o ouro se desprenda por seu proprio peso. Faz-se seccar o ouro obtido por estes successivos processos e depois da ultima prova registam-n'o, sellam-n'o, pesam-n'o e reservam o quinto. Todas estas lentidões e grosseiro mecanismo comparados com a apuração pelas affinidades chimicas, nos provam quanto as artes podem augmentar as forças e as riquezas do homem”.

lysação desse serviço pelo facto, altamente significativo, do assassinio atroz de seu denodado auxiliar, por um de seus escravos, justamente aquelle que viera de Minas Geraes para collaborar na grandiosa empreza. A falta desse valioso braço e difficuldade de se encontrar, de momento, um substituto, fel-o desanimar, abandonando, de vez, os trabalhos de mineração, dos quaes não mais cuidou o coronel Diogo Salles, nem tão pouco os seus herdeiros a cujo dominio passaram essas terras.

Inclinamos a pensar não ter sido, o segundo, o movel, e sim a falta d'agua, sabido ser esse liquido factor principal na lavagem do minerio. Ademais, luctava o explorador, naquelle anno (1844), com um inverno em demasia escasso.

\* \* \*

Sobre a mina de ouro do *Bom Jesus*, "encravada nas terras da Volta (terceira legua da sesmaria do riacho Ipuçaba) a léste da cidade, da qual dista 10 kilometros, narra o dr. Thomaz Pompeu:

"Abriram um poço de 6m.6 de profundidade e 8m.8 de circumferencia e ficaram satisfeitos com o resultado da experiencia — Dr. José Pompeu — *Chorographia do Ceará*, pag. 72.

Em 1868 o lavrador Teixeira, do Ipú, contractou um profissional inglez para estudar a mina por elle descoberta. Depois de demorado exame, este profissional concluiu pela boa qualidade do ouro e as vantagens da sua exploração.

A difficuldade de haver agua para esta mineração impediu os seus progressos.

Em fins do seculo passado, um engenheiro operoso, dr. Heraclito de Carvalho, associado a Teixeira, organisou uma companhia com pequenos capitaes, entregou-se ardorosamente ao trabalho, mas ao cabo de poucos mezes, arruinada a saude teve de abandonal-o.

O governo imperial concedeu privilegio por 30 annos a Teixeira para a exploração de minas de ouro, chumbo, soda e outros mineraes por dec. n. 3379, de 12 de Janeiro de 1867, revalidado pelo de n. 4876 de 24 de Janeiro de 1872".

Ninguem melhor do que o dr. Raymundo Heraclito de Carvalho, seu denodado explorador, descreve as condições dessa jazida, em brilhante artigo inserto na *Revista do Instituto do Ceará* (tomo XV, 1.º e 2.º trim. de 1901, pag. 113 e seguintes) e do qual extrahimos os seguintes dados:

“O buraco (sarilho) existente fica á margem esquerda de um pequeno arroio, que os habitantes do logar chamam grotta da mina, de tal sorte que pelo inverno as aguas das enxurradas enchem-n'o completamente. O riacho Ipuçaba, que desce da fertilissima serra da Ibiapaba, onde tem as suas nascentes em fontes perennes, passa cerca de um kilometro a S. O. do sarilho, prestando-se ahi á construcção de uma magnifica barragem para a repreza das aguas.

Os primeiros vestigios da jazida aurifera foram encontrados por um preto velho africano, vindo de Minas Geraes, onde tinha adquirido a pratica de faisgador. Começou por concentrar as terras de alluvião retiradas dos velos e taboleiros em canôas para em seguida lavar na bateia e apurar o ouro, conseguindo por este meio extrahir notavel quantidade do metal precioso, com o qual foram feitas muitas joias, das quaes ainda hoje existem algumas na cidade do Ipú. (3).

Continuando no seu afanoso serviço de faisgador, o preto velho descobriu uma rocha sufficientemente decomposta, que lhe permittia facilmente a extracção; encontrando nella abundante quantidade de ouro desprezou os velos e taboleiros para sómente se occupar della, levando-a em boa porção para baixo de uma frondosa oiticica onde reduzia á areia sobre uma pedra, concentrando depois na canôa para em seguida apurar na bateia. Assim proseguia elle neste rude trabalho, até onde lhe permittiam seus processos rudimentares de extracção, sendo depois obrigado a empregar para isso o fogo e a agua.

Só alguns annos depois de sua morte é que se veio a conhecer o buraco por elle feito, que vulgarmente chamam sarilho.

O sr. major Teixeira conseguiu comprar estas terras, e apparecendo por essa occasião dois engenheiros inglezes que andavam em excursões, foram por elle convidados para examinar o local trabalhado pelo preto velho, como narra superficialmente o dr. José Pompeu em sua Chorographia da Provincia do Ceará, pag. 72, dizendo:

Sobre a mina do Bom Jesus, a 10 kilometros a L. da cidade do Ipú, examinada em 1856 por dois engenheiros inglezes, consta o seguinte: Abriram um poço de 6m.6 de profundidade e 8m.8 de circumferencia e ficaram satisfeitos com o resultado das experiencias”.

Data de 3 de Outubro de 1857 a concessão do governo do imperio permittindo ao sr. major Teixeira explorar e lavar mineiras na comarca do Ipú.

(3) — Esse preto velho, conhecido no Ipú pela alcunha de **Pae Flor**, do ouro que extrahio da mina do **Bom Jesus** vendeu certa porção aos ou-rives da cidade e fez alguns presentes a pessoas de influencia na terra, inclusive o vigário de então padre Francisco Corrêa de Carvalho e Silva, tendo esse sacerdote, com o metal da offerta, mandado fazer as fivellas de seus sapatos. Este facto é assás conhecido no Ipú. — Vide **Chronica do Ipú**, do autor, in **Revista do Instituto do Ceará**, tomo XXIX, pag. 208.

Ao leitor parecerá incrível que tamanha riqueza permaneça por mais de quarenta annos perfeitamente intacta, o que, porém, não é para admirar em vista do grau de incredulidade e de ignorancia do nosso povo, relativamente a este genero de industria.

A jazida aurifera é constituida por um terreno um pouco accidentado, formando pequenos outeiros, todos resultantes da serra do Ibiapaba, da qual dista apenas 12 kilometros. Dahi a desigualdade do sólo nas vizinhanças do *sarilho*, sulcado por pequenos arroios, a que o povo dá o nome de grotas, e que só correm pelo inverno, nos leitos e margens dos quaes se encontra commummente ouro em alluvião.

Na superficie o terreno é constituido por uma argilla, ora vermelha, ora escura, no meio do qual se encontram seixos de quartzo rolados e fragmentos de granito e gneiss algumas vezes exteriormente decompostos, outras vezes conservando suas arestas ainda bastante vivas.

Observando-se as paredes do *sarilho*, vê-se na parte superior uma camada de argilla escura, com cascalhos, attingindo em certos pontos tres metros de espessura; abaixo schistos-quartzosos, a principio bastante decompostos e intermeiados por um veio de quartzo leitoso de cerca de 1m. de grossura.

Estes schistos se assentam sobre uma camada de gneiss bem estratificado, apresentando grande quantidade de mica negra, verde-escura e dourada. Para a parte inferior da camada a mica vae diminuindo e os tres elementos essenciaes da rocha vão tomando as proporções com que entram na composição do granito, transformando-se assim o gneiss bem estratificado em um perfeito gneiss-granitoide.

Esta rocha, só ultimamente posta a descoberto na tiragem de amostras, constitue a ganga mais rica que, porventura, possa existir, de ouro, não só pela sua uniformidade, como igualmente pelo seu elevado teor nesse metal obtido em diversas analyses, tendo-se encontrado tambem ouro nas rochas superiores, porém, em teor muito mais baixo.

O minerio tem sido analysado em varios logares, quer no Brasil, quer na Europa, notadamente na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, Escola de Minas de Ouro Preto, em Londres e em Paris ultimamente por um chimico, M. Cafron, que, segundo a Nota Confidencial de M. Henry Baéte, dirigida ao sr.



Barão de Camocim, que se encarregou de mandar fazer essa analyse, teve della os mais brilhantes resultados.

De todas as analyses feitas até hoje o teor em ouro varia de 23 a 157 grammas por tonelada, sendo este ultimo numero o obtido na analyse sobre o gneiss-granitoide, que, como já ficou dito, constitue a ganga mais rica de ouro até então conhecida.

O ouro, como se vê, é encontrado não só no gneiss-granitoide, mas ainda nas camadas de gneiss bem estratificado, schistos-quartzosos e até mesmo no veio de quartzo leitoso.

A extensão da jazida não é ainda perfeitamente conhecida, á falta de recursos pecuniarios para execução das sondagens; mas pelos estudos rudimentares feitos com poços communs, e pela natureza da ganga do ouro que afflora muitas vezes dentro e fóra da area comprehendida pela planta levantada, conclue-se que a massa mineral é abundante, pois o gneiss se apresenta sempre em grandes massas e principalmente no Ceará, onde elle se encontra á pequena profundidade. Nas vizinhanças da cidade do Ipú encontra-se ouro em alluvião, que é extrahido por *faiscadores* em *bateias*; mas o que constitue a prova mais eabal da abundancia da massa gneissica é que ella possui a formação geologica inteiramente identica á serie de gneiss metallifera das ricas jazidas auríferas do Morro Velho, Cuyabá, Santa Barbara, São João d'El Rei, etc., em Minas Geraes, e dos terrenos auríferos da Jacobina, do Bom-Fim (Villa Nova) e do Rio dos Contos, na Bahia".

O que ahi fica, como se disse, é da penna do dr. Raymundo Heraclito de Carvalho. Vejamos agora o que, como complemento desses informés, escrevemos na *Chronica do Ipú*, a respeito dessa mina e sobre a individualidade desse desventurado engenheiro:

"O dr. Raymundo Heraclito de Carvalho cursava ainda o quinto anno da Escola Polytechnica de Ouro Preto, quando, a convite do major Teixeira, visitou a mina do Bom Jesus.

O digno engenheiro, examinando o local onde se suppunha existir o minerio, conseguiu tirar delle algumas amostras e voltando a Minas Geraes, submetteu-os á apreciação do director daquella escola. Este titular determinou, em seguida, minucioso exame nas alludidas amostras, designando outro estudante para auxiliar o trabalho do então academico Heraclito.

O resultado foi, por demais, satisfactorio, mas suspeitando o director da Polytechnica de Ouro Preto ter havido certo exaggero ou mesmo interesse por parte de seus discipulos, no laudo apresentado,



em pessoa presidiu segunda analyse, com mais escrupulo, concluindo pela exactidão do primeiro exame.

Na opinião do projecto professor de Ouro Preto, o minerio existente no Bom Jesus era igual a uma das melhores minas do Transwaal, restando unicamente se saber da área do terreno onde estava localisada a mina para se ajuizar de sua verdadeira valorisação.

Diplomado o dr. Heraclito, volta ao Bom Jesus, e certo da existencia da mina, aparelhado de conhecimentos sobre a materia, dá começo á exploração, dedicando toda a sua energia máscula com devotado ardor e operosidade que justificam a sua justa ambição de moço.

Reune alguns capitaes, constitue pequeno syndicato, documenta-se, aparelha-se de mecanismos apropriados á extracção do ouro, e, ell-o, esforçado, á frente do penoso serviço, certo de sua victoria, architectando, talvez, dourados projectos, audaz explorador, superando difficuldades proprias do meio indifferente, por indole, ao surpreendente spectaculo da extracção de minerio.

Lucta ingloria do mallogrado moço. Após um anno de esfalante serviço, no qual foram consumidos alguns capitaes, quando julgava a obra completa, desengano fatal, cruel, esmagador se depara aos seus olhos cubigosos de ouro, simplesmente ouro.

Por motivos ainda hoje ignorados, mas que certo a sciencia os explicará, naturalmente oriundos da deficiencia ou imperfeição dos aparelhos mais adequados ao trabalho, ou ainda a inexperiencia do moço explorador, com o cerebro cheio de theorias rudimentares, mas de todo vasio de madura pratica exigida em tal investigação, o resultado, máo grado as duas analyses da escola de Ouro Preto, não correspondeu á espectativa.

Completa desillusão! Vã esperanza desfeita em um segundo!...

A operosidade do novel engenheiro chega ao seu auge. Tenta mais uma experiencia, outra mais... sempre o mesmo resultado negativo, fatal, cruel, esmagador...

Allucinado, não querendo crer na realidade do quadro que se lhe deparava, renova estudos, idealisa complicados calculos, projecta desengonçados aparelhos, tenta reunir outros materiaes, confunde as cousas, e, por ultimo, cansado da labuta incessante, apresenta indicios de grave perturbação. O desventurado engenheiro estava soffrendo das faculdades mentaes.

O mal agrava-se, e, pouco tempo depois, é o dr. Heraclito internado no Asylo de Alienados de Pernambuco, onde conseguira rapida cura, voltando ao Ipú no meritorio intuito de levar ao fim o seu grande commettimento.

Reune outros elementos, dá mãos á obra, para recahir de sua enfermidade, desta vez reclamando sérios cuidados... Morreu fóra do Asylo, paralytico...

Parece uma fantasia. O quadro, no seu todo, é real, e vae descripto no rigor da sua authenticidade. O Ipú contemporaneo ainda traz na imaginação, indelevel, a figura altamente sympathica do infeliz moço engenheiro, a quem sua desdita o privou de ser incluido no rol dos benemeritos dessa gloriosa cidade ipuense, que poderia ser hoje considerada a terra da promissão, a verdadeira Chanaan dos cearenses...

O dr. Raymundo Heraclito de Carvalho fôra um vencido da mina do Bom Jesus, e esta, hoje no esquecimento, jaz no mesmo estado em que elle a deixou, ha seguramente dezoito annos, na exhibição unica de alguns apparatus, gastos pelo tempo, attestando os serviços que foram emprehendidos, desafiando ainda, sobranceira, orgulhosa, convicta de seu grande valor, a cubiça de um valente e audaz explorador.

Felizes os que possuem essas terras..."

\* \* \*

Muitos outros metaes existem no municipio. A ausencia, porém, de indagações scientificas, que possam attestar, sem impugnação, a sua procedencia, nos priva de uma affirmativa.

Acreditamos, entretanto, na sua existencia baseados no testemunho dos entendidos na materia.

Segundo refere o dr. Thomaz Pompeu em seu livro — *O Ceará no começo do seculo XX*, existem no municipio salitre, soda nativa, ferro, carvão mineral, caparrosa, chumbo, potassa e cobre, sendo que a amostra deste ultimo apresentada pelo negociante Teixeira revela riqueza do minerio.

A jazida de ferro existente nas proximidades da cidade atesta um teor metallico de 80 a 90 °|° de ferro puro e de grão fino.

EUSEBIO DE SOUZA.



---

---

## O A. B. C.

---

Esmam-se, agora, para o Norte os novos rumos da nossa politica internacional. E' uma prevenção instinctiva. O nosso futuro, na conquista de um lugar ao sol, está em ser uma abdição tão submissa de vontades que, deformada a nossa propria personalidade e censurada pela do mais forte a sua quasi centenaria consciencia juridica, se escreva, simplesmente, ABC=EU. Quer dizer: para vingarmos a plenitude da vida internacional devemos começar por ouvir os outros. E não ha, decerto, postura mais convinavel a fazer de uma nacionalidade livre, uma nacionalidade obnoxia tutelada.

O tratado ABC — commenta-se — é a conjuração das nossas fraquezas pela combinação mecanica da liga. Paiz fabuloso, de immane amplitude territorial, em parte organizado, desorganizado em parte, vacillando aqui e entesando-se alli, sadio e doente ao mesmo tempo, não ha como se lhe avivar a irritabilidade do plasma com a transfusão sanguinea de outros mais bem classificados na escala jerarchica do prestigio universal. Aconselhando-se na experiencia alheia as nações fracas se exprimem melhor, grangeam confianças inusitadas, tocam-se do brilho dos fortes, e o pacto que substitue essas vertebraes por uma immensa columna cerebro-espinhal estruturando os dois continentes é como a propria traducção geographica do fio ineluctavel da Historia...

Nenhuma consideração o justifica.

Antes de tudo, convenha-se em que por mais debeis que fossem as nossas passadas na arena do mundo, um facto dessa ordem, quando não restringisse a possibilidade de desenvolvermos toda a nossa personalidade, incidiria no obrigar-nos a uma situação onde, até para os assumptos menos geraes, haveriamos de con-



sultar aquellas potencias e attender, conseguintemente, a que dispondo de maiores valores na corretagem mundial adorasse em ser de facto, como já uma o não desadorava de ser com Olney, o *paramount* do continente. Representariamos na pratica e para todos os effeitos contingentes da vida o mesmo papel com que, ha dez annos, se antevia, em desgarres de bom senso a nossa apparição em Haya onde as republicas sul-americanas, feitas Sexta-feira de Swift, surgiriam como servindo aos Estados Unidos, Crusoé, do novo fado.

Depois, o conceito primordial da lucta pela vida. Cada pedaço da terra representa, hoje tal somma de interesses que, se estes se conchavam com outros em dadas latitudes, delles divergem em outras, consoante além do parallelo a climatologia moral do mundo. Neste ha só dependencias, equivalencias, heterogeneidades. Quanto mais organizado é o estado tanto mais distinctas se tornam por consequencia as suas necessidades, tanto mais profunda se affirma nos seus contrastes a sua personalidade e tanto mais tangivel se manifesta, afinal, a sua volição. Uns, pelo interesse proximo, outros pelo remoto, uns pelas bandeiras alevantadas, outros pelas mesquinhas, todos, porém se movem para elle e por elle. De interesses nutre-se o mundo. Entre egoismos espalma-se a vida inteira. Com rivalidades vivem os povos. E' que toda a nossa vida internacional repousa sobre fundamentos exclusivamente utilitarios. No enlaçamento das nações não se costumam evangelos.

A esse respeito os nossos interesses não se confundem. São sobremodo concludentes no se definirem. Mostram-nos como discordamos ou como collidiram com os dos que forcejam, agora, por se unir numa só exponencia. Caracterisam a todo tempo as nossas tradicionaes tendencias liberaes.

Apontemos alguns.

Divergimos da Argentina varias vezes. Todas as em que presidiamos a autonomia do Paraguay e do Uruguay — objecto absorvente da nossa politica internacional na transcorrencia dos dois imperios. — Nas demais, entre as de maior importancia, no reconhecimento da doutrina Drago. D'ella ainda discordamos n'uma das questões que mais tem agitado a nossa diplomacia, e para cuja solução no *Bosphoro do Prata* só faltára a nossa acquiescencia.

O Chile, mais pela congenialidade ethnica do que mesmo pela politica allia-se espontaneamente á Argentina. E' um alliado natural do Prata. Assim o foi em Haya. Assim o será ao deante.

Com os Estados Unidos dissentimos em 1836, quando nos pronunciamos aquilinameute pela extineção immediata do corso. Mais tarde, meio seculo depois, em 1907, os combatemos em Haya com o verbo do Mestre. E por que os deslumbrassem o deessidio perguntavamo-lhes: "esse direito de termos uma consciencia e d'ella sermos dignos exercido por doze milhões de brasileiros no meio seculo passado tel-o-iam perdido os nossos vinte e cinco milhões de brasileiros no começo do seculo actual?"

Analysando-se a licção que deflue desses factos entre todos mais definidores das nossas controversias internacionaes não se comprehende que, com tamanha experiencia, tão bellos exemplos e ensinamentos tão proveitosos, tivessemos, ao cabo, a ingenua illação de suppor evitados de vez, pela instituição do ABC essas differenças de opiniões, que assim como existem entre os homens subsistem tambem entre as nações.

Quer o consideremos como a mais alta expressão a que pode attingir o pan-americanismo, quer o tomemos a titulo de concordia exclusivamente sul-americana não é menor em um caso do que no outro a tutela com que na pratica o mais arguto se imporá sobre os demais.

Os Estados Unidos infensos tradicionalmente a allianças — *no en tailing alliances* — e a Carta de Washington ahi está para consulta — se não nos absorvessem em principio, pelo menos acabariam por ser, no fastigio da força, o representante natural, o conselheiro privado, o arauto do ABC. As suas decisões redundariam em accordams contra os quacs as nossas se quebrariam improplicas. Teriamos, então, de par com uma jurisprudencia universal innominada, a *Suprema Córte* internacional americana.

De outro lado seria a consagração pratica da doutrina de Monroe tal como nol-a interpretou em 1905 o Presidente Roosevelt escrevendo: "é evidente que os que confiam na doutrina de Monroc devem acceitar de par com os direitos que ella lhes conferem, certas responsabilidades..." Responsabilidades que reconhecidas nos levariam ao protectorado proximo ou distante, immediato ou mediato, mas inevitavel, incoercivel, fatal.

Consideremol-o sob outros aspectos.

Ainda que não seja definitivamente uma alliança, todavia o A.B.C. é um pacto que se dispõe a ferir os melindres dos estados sul-americanos que delle não forem parte, e principalmente as republicas do Paraguay e do Uruguay cujos interesses cahem na orbita dos nossos.

A exclusão d'elles e de todos os outros não recommenda a estrutura do tratado. Excluindo-os criamo-nos a nós mesmos, a saber, que nos concertamos no ABC para os ajudar a viver. Começamos errando e despertando no animo preconcebido desses estados soberanos os mesmos temores com que ha meio seculo os assaltava o Tratado da Triplice Alliança. "La alianza ha reduzido á los pueblos del Prata á um papel secundario, de meros auxiliares de la accion de la monarquia brasileira" dizia, consubstanciando as prevenções exaltadas de sua patria, o polemista oriental D. Juan Carlos Gomez. "El tratado de alianza nos reservó es cierto, la direccion de la guerra, el generalato de los ejercitos. Però hecha la ley hecha la trampa como repitem nuestros curiales" exclamava a opinião argentina.

Nos designios que lhe assignalam os que melhor o conhecem insere-se, ainda, quasi o definindo, a legalisação, para estas paragens, do arbitramento obrigatorio.

Não esqueçamos, porém, as conquistas civilisadoras contrahidas pelas potencias signatarias da Conferencia de Haya, onde se resolveu e consagrou o principio geral de arbitramento.

Nella se acham contidos os processos normaes a seguir-se-nesses recursos, não havendo razão para os despresarmos a troco de outros, demasiado locaes, senão de os applicar acompanhando a propria evolução universal do direito.

As relações entre os estados sul-americanos transcendem, ademais, o limite geographico do ABC e obrigam-nos a buscar alem desse homisio onde se quer asylar a nossa previdencia, o concurso proteiforme de outros povos.

Como quer que seja, o ABC não exprime as necessidades mercê das quaes lhe proclamam as pompas incomparaveis os seus incorrigiveis pregoeiros. Theoricamente será um recacho do afinamento humano. Praticamente a quadratura do circulo. Como politica nimiamente brasileira inspirada ás frageis correntes do presente não se avanta, mau grado a insipiencia actual, a do passado, liberal e tão distincta, que ainda é hoje o unico traço luminoso que nos resta, nessa translação vertiginosa para o ignoto...

As nações não se aconselham. Reflectem e agem. Nem hão mister de conselhos. O conselho significa, entre os homens, uma superioridade que se reconhece. Entre as nações uma superioridade que se aceita. E as nações não são senão equivalentes.

Cada nação nova é uma altivez para a ancianidade das que já arcam ao peso dos annos, um reservatorio de forças que só se impõem quando as anima a enfiatura dos justos.

Pratiquemos a moral. E cuidemos de que não são os tratados as melhores garantias para a nossa integridade. Não ha garantias tão seguras e efficazes como a da moral, a moral applicada, a que cultiva os campos, activa as industrias, acaba a ignorancia, divulga a instrucção, abre caminhos ás letras, á arte, á sciencia, garante o voto, cultúa o civismo, cria o serviço militar obrigatorio, faz o exercito, a marinha, o homem, o lar, a patria, a nacionalidade...

Antes dos tratados preparemos os homens que não temos, para encaminhar os partidos que nos faltam e para os discutir. Avivemos antes, a nacionalidade abatida. Levantemol-a da atonia em que cahiu, instruindo preliminarmente a massa informe que a compõe, dilatando-lhe a esphera das aptidões tolhiças, preparando-a para as conquistas pacificas do trabalho, com essa penetração incomparavel de que nos dá exemplo a Argentina — emquanto nos esvaimos em sombras de theorias — assenhoreando-se economicamente do Paraguay, afinal, um nosso tributario ingenuo. Eduquemos o homem. Monumittamol-o com a carta de alforria da nacionalidade. Pratiquemos a patria.

E será por certo obra admiravel de estadista aquella que, organisando o Brasil, o preparar para o trabalho, para as suas lutas inevitaveis e para a vida.

CARLOS DE LEMOS.



---

---

## A ESCRAVIDÃO

---

(CONFERENCIA PRONUNCIADA NO CENTRO CIVICO DE JUNDIAHY,  
NO DIA 13 DE MAIO DE 1916).

---

Numa extremidade occidental da costa portugueza, em sitio de onde, conforme soam lendas, se via, á tarde, o sol afundar-se entre as ondas salgadas, numa crepitação formidanda, como braza gigantesca a mergulhar em gigantesca cuba de agua — instituirá o Infante D. Henrique, pouco antes de 1415, a Escola de Sagres, esplendida origem da epopéa marítima lusitana.

Daquella ponta, que fere o oceano com uma cotovelada audaciosa, partiram os navegantes para arrancar ao mar tenebroso a historia dos descobrimentos, á qual se deve a inscripção das Americas no mappa da civilização occidental.

Mil façanhas praticaram aquelles lobos do mar na realização da sua empresa; mas, entre esses feitos fulgurantes, um existe atroz e nefando — a escravidão negra.

Se é verdade que o principio da escravidão se prolonga ás mais longinquoas epochas do passado, não menos certo é que tal principio já estava transformado pelo colonato e pela servidão quando o fanatismo religioso medieval o restaurou contra os infieis sarracenos que, em Hespanha e Portugal, eram escravizados a titulo de represalias. Era isto uma revivescencia do nefasto systema, a qual já em via de enfraquecer-se no instante em que os descobrimentos na Africa e na America, entregando-lhe o negro e o índio, lhe infundiram novas forças.

Gillanes foi quem primeiro, nesta phase da escravidão, captivou gente. Fel-o nas Canarias e tel-a-ia vendido na Europa si o Infante D. Henrique não houvesse ordenado fossem os homens devolvidos ás terras de onde haviam sido roubados. O gesto de Gillanes achou logo repetidores, tanto que, em 1442, segundo se diz, um tal Antão Gonçalves conduziu para Portugal dez escravos negros e, dois annos depois, um certo Capitão Lançarote alli vendeu para mais

de duzentos pretos. Entrementes, appareciam mahometanos com escravos da Africa, para os trocarem com prisioneiros mouros em mãos de portuguezes.

Nos primordios da escravidão moderna, não se agarravam captivos por odio contra elles ou por interesse pecuniario immediato e evidente. A cobiça espertalhona disfarçava-se. O captiveiro, dizia ella, é um beneficio para o negro, vistò como, em ficando elle na sua patria, acabará victima dos seus inimigos, num desses interminaveis e sanguinosos recontros a que se habituaram as tribus, e não será incorporado á Christandade nem gozará de uma existencia superior, com a qual não sonhou nunca, na miseria das cabindas, á sombra das florestas africanas, ouvindo ao longe o rugido das feras esfomeadas.

Dentro em breve, porém, a avidez dos traficantes confessava-se, endireitando para o continente negro a horrida leva dos caçadores de escravos. Ao mesmo tempo, theologos e doutores, á cômputa, pretendiam justificar o captiveiro: os doutores, malhando sobre elle com cerebrinas argumentações, metteram-no entre as figuras do Direito das Gentes; os theologos, assentados na Biblia e lembrando-se da ruidosa maldição de Noé sobre Cham, porque este, vendo-o a dormir descomposto, numa hora de embriaguez involuntaria, se rira d'elle em lugar de subir-lhe as roupas — os theologos proclamavam que a escravidão era o castigo divino a incidir sobre os epigonos de Cham.

Passou-se a considerar o negro como mercancia, que se commerciava sobretudo na ilha da Madeira e nas Canarias, e que se carregava ora pelo numero de peças, ora por toneladas. Ou então o negro era equiparado aos animaes e porisso o titulo dezesete do livro quarto das Ordenações do Reino increve-se: Quando os que compram escravos, ou bestas, os poderão engeitar por doenças, ou manqueiras.

\*  
\* \*

Eis que Colombo descobre a America, sobre cujas terras virgens é logo projectado o captiveiro negro, que prosperou no seu novo ambiente, porque de prompto se verificou que o africano era melhor instrumento de trabalho do que o indio indolente e recalcitrante ao jugo.

Devo dizer: a escravidão do indio e a do negro foram dous episodios inevitaveis na existencia americana, porque impostos pelo determinismo historico, isto é, por esse conjuncto de leis mysteriosas que presidem ao fluxo e refluxo das multidões humanas.

Deante da grandeza apavorante do mundo americano, em presença das difficuldades incriveis que aquellas terras desconhecidas

e inhospitas offereciam ao trabalho, perante a necessidade de dominar tão bruta natureza para tornal-a favoravel á vida do homem culto — que havia de fazer o numero exiguo, ridiculo e miseravel dos hespanhoes e portuguezes, para manterem-se em suas conquistas, senão recorressem ás raças desde tempos immemoriaes estabelecidas naquellas plagas e affeitas áquelles climas? E, sendo os selvagens refractarios ao trabalho, como deixar de forçal-os pelo captiveiro?

A experiencia demonstrou muito brevemente que os autóctones americanos não eram para a tarefa que se lhes reclamava. Além de maus agricultores e de começarem a escassear, já por os dizimarem as molestias e o duro regimen do trabalho, já por fugirem em massa para o coração dos sertões bravios, onde não chegassem os estampidos das escopetas do europeu escravizador, elles, dentro de pouco tempo, acharam nos jesuitas advogados acerrimos e prestigiosos que lhes alliciaram as sympathias dos governos. Começaram então de apparecer numerosamente leis, disposições e providencias protectivas da liberdade dos selvagens.

Deu-se ahí, na historia do Novo Continente, uma interessante contradicção, pois se, de um lado, se cogitava em, por todos os meios, restringir a escravização dos indios, por outro lado buscava-se activar a entrada de trabalhadores africanos, que os substituíssem. E assim principiou o commercio de escravos negros a ser tolerado e, mais, a ser legalizado com empenho, minudentemente, qual se fosse, como de feito era, um interesse insophismavel, uma importantissima exigencia social.

O indio estava perfeitamente amparado pela roupeta do padre ignaciano e, embora vacillantemente, pelo sceptro dos reis. E o negro?

Responde o historiador Rocha Pombo: — “A sorte do negro é incomparavelmente mais penosa e horrivel que a do proprio indio. O nosso selvagem estava na sua terra, e tinha por si, não só a soberania do sertão, como o patrocínio do missionario, a voz da humanidade, e até a palavra de ordem dos governos. O negro não teve por si a misericordia de nenhum coração.” (1)

O Padre Antonio Vieira, com ser o grande defensor dos indios brasileiros, pagou á escravocracia africana o tributo de sua opinião valiosa. Elle aseverou: “A nona e ultima causa, que em parte vem a ser forçosa, é ser todo o serviço dos moradores daquelle Estado com Indios naturaes da terra, os quaes por sua natural fraqueza e pelo ocio, descanso e liberdade em que se criam, não são capazes de aturar por muito tempo o trabalho em que os Portuguezes os fazem servir, principalmente os das cannas, engenhos, e tabaco, sendo muitos os que por esta causa continuamente estão morrendo; e como nas suas vidas consiste toda a riqueza e remedio daquelles mo-



radores, é mui ordinario virem a cahir em pouco tempo em grande pobreza os que se tinham por mais ricos e afazendados; porque a fazenda não consiste nas terras, que são communs, senão nos fructos da industria, com que cada um as fabrica, e de que são os unicos instrumentos os braços dos Indios. Esta mesma quebra e incerteza das fazendas se experimentou e padeceu em todas as partes do Brasil emquanto nos princípios da sua conquista se serviam somente com Indios, até que com este desengano se resolveram a fabricar suas fazendas com escravos mandados vir de Angola, que é gente por sua natureza serviçal, dura e capaz de todo o trabalho, e que o atura, e vive por muitos annos, se a fome e o máo tratamento os não acaba. Nem no Estado do Maranhão, que é parte do mesmo Brasil, haverá remedio permanente de vida emquanto não entrarem na maior força do serviço escravos de Angola." (2)

A incapacidade do bugre foi supprida pela docilidade e resistencia do negro. Emquanto o bugre enfraquecido se sumia na liberdade inutil dos sertões, gemia o negro nos eitos a domar a terra. hostil e immensa. O negro foi sacrificado; mas, sobre as aras, que elle cobriu com a patina do seu sangue, do seu suor e das suas lagrimas, levantaram-se para a civilização as patrias americanas.

Este papel de victima submissa e quasi abandonada pela ingratição e pelo preconceito daquelles mesmos que na energia e esforço do negro iam buscar vida e prosperidade; — este papel de hostia negra escorchada sobre os altares para beneficio de uma patria que, não sendo a delles, delles herdou milhares e milhares de descendentes, muitos dos quaes foram typos de ordem superior no meio da população nacional; — este papel de oblata humilde mas capaz de attrahir os favores dos deuses sobre quem a ofertava, constitue, sem duvida nenhuma, a gloria resplandecente e intemerata da raça negra na America.

Representando esse papel, os negros vieram a merecer a consideração da historia da humanidade. Pois que as tribus africanas, que mandaram escravos ao Brasil, viviam em tanto maior atrazo quanto mais apartadas demoravam dos littoraes indico e mediterraneo, onde se achou o centro irradiador da civilização africana — o Egypto, nenhum posto lhe competiria na historia da cultura humana se não o houvessem ganhado com o martyrio que padeceram quando, sob o jugo do captivo, cooperaram para a civilização.

\*  
\* \*

Em que epocha appareceu no Brasil a escravidão negra?

O Brasil não foi o centro mais activo dessa escravidão no Novo Continente nem teve a prioridade do tráfico, a qual pertence aos hespanhoes. Ao que parece, os primeiros negros entrados no Brasil vie-

e inhospitas offereciam ao trabalho, perante a necessidade de dominar tão bruta natureza para tornal-a favoravel á vida do homem culto — que bavia de fazer o numero exiguo, ridiculo e miseravel dos bespanhoes e portuguezes, para manterem-se em suas conquistas, senão recorressem ás raças desde tempos immemoriaes estabelecidas naquellas plagas e affeitas áquelles climas? E, sendo os selvagens refractarios ao trabalho, como deixar de forçal-os pelo captivoiro?

A experiencia demonstrou muito brevemente que os autóctones americanos não eram para a tarefa que se lhes reclamava. Além de maus agricultores e de começarem a escassear, já por os dizimarem as molestias e o duro regimen do trabalho, já por fugirem em massa para o coração dos sertões bravios, onde não chegassem os estampidos das escopetas do europeu escravizador, elles, dentro de pouco tempo, acharam nos jesuitas advogados acerrimos e prestigiosos que lhes alliciaram as sympatbias dos governos. Começaram então de apparecer numerosamente leis, disposições e providencias protectivas da liberdade dos selvagens.

Deu-se ahí, na historia do Novo Continente, uma interessante contradicção, pois se, de um lado, se cogitava em, por todos os meios, restringir a escravização dos indios, por outro lado buscava-se activar a entrada de trabalhadores africanos, que os substituíssem. E assim principiou o commercio de escravos negros a ser tolerado e, mais, a ser legalizado com empenho, minudentemente, qual se fosse, como de feito era, um interesse insophismavel, uma importantissima exigencia social.

O indio estava perfeitamente amparado pela roupeta do padre ignaciano e, embora vacillantemente, pelo sceptro dos reis. E o negro?

Responde o historiador Rocha Pombo: — “A sorte do negro é incomparavelmente mais penosa e horrivel que a do proprio indio. O nosso selvagem estava na sua terra, e tinba por si, não só a soberania do sertão, como o patrocínio do missionario, a voz da humanidade, e até a palavra de ordem dos governos. O negro não teve por si a misericordia de nenbum coração.” (1)

O Padre Antonio Vieira, com ser o grande defensor dos indios brasileiros, pagou á escravocracia africana o tributo de sua opinião valiosa. Elle asseverou: “A nona e ultima causa, que em parte vem a ser forçosa, é ser todo o serviço dos moradores daquelle Estado com Indios naturaes da terra, os quaes por sua natural fraqueza e pelo oculo, descanso e liberdade em que se criam, não são capazes de aturar por muito tempo o trabalho em que os Portuguezes os fazem servir, principalmente os das cannas, engenhos, e tabaco, sendo muitos os que por esta causa continuamente estão morrendo; e como nas suas vidas consiste toda a riqueza e remedio daquelles mo-

radores, é mui ordinário virem a cair em pouco tempo em grande pobreza os que se tinham por mais ricos e afazendados; porque a fazenda não consiste nas terras, que são communs, senão nos fructos da industria, com que cada um as fabrica, e de que são os únicos instrumentos os braços dos Indios. Esta mesma quebra e incerteza das fazendas se experimentou e padeceu em todas as partes do Brasil emquanto nos princípios da sua conquista se serviam somente com Indios, até que com este desengano se resolveram a fabricar suas fazendas com escravos mandados vir de Angola, que é gente por sua natureza serviçal, dura e capaz de todo o trabalho, e que o atura, e vive por muitos annos, se a fome e o máo tratamento os não acaba. Nem no Estado do Maranhão, que é parte do mesmo Brasil, haverá remedio permanente de vida emquanto não entrarem na maior força do serviço escravos de Angola." (2)

A incapacidade do bugre foi supprida pela docilidade e resistencia do negro. Emquanto o bugre enfraquecido se sumia na liberdade inutil dos sertões, gemia o negro nos eitos a domar a terra hostil e immensa. O negro foi sacrificado; mas, sobre as aras, que elle cobriu com a patina do seu sangue, do seu suor e das suas lagrimas, levantaram-se para a civilização as patrias americanas.

Este papel de victima submissa e quasi abandonada pela ingratidão e pelo preconceito daquelles mesmos que na energia e esforço do negro iam buscar vida e prosperidade; — este papel de hostia negra escorchada sobre os altares para beneficio de uma patria que, não sendo a delles, delles herdou milhares e milhares de descendentes, muitos dos quaes foram typos de ordem superior no meio da população nacional; — este papel de oblata humilde mas capaz de attrahir os favores dos deuses sobre quem a offertava, constitue, sem duvida nenhuma, a gloria resplandecente e intemerata da raça negra na America.

Representando esse papel, os negros vieram a merecer a consideração da historia da humanidade. Pois que as tribus africanas, que mandaram escravos ao Brasil, viviam em tanto maior atrazo quanto mais apartadas demoravam dos littoraes indico e mediterrânico, onde se achou o centro irradiador da civilização africana — o Egypto, nenhum posto lhe competiria na historia da cultura humana se não o houvessem ganhado com o martyrio que padeceram quando, sob o jugo do captivo, cooperaram para a civilização.

\*  
\* \* \*

Em que epocha appareceu no Brasil a escravidão negra?

O Brasil não foi o centro mais activo dessa escravidão no Novo Continente nem teve a prioridade do tráfico, a qual pertence aos hespanhoes. Ao que parece, os primeiros negros entrados no Brasil vie-

ram com alguns do donatarios, pois ninguem informa sobre se Martin Affonso ou os navegantes, que o antecederam nas rotas do Atlantico, se fizeram seguir de africanos captivos.

O trabalho do negro na lavoura começou a ser aproveitado ao tempo dos primeiros estabelecimentos, quando se introduziu o cultivo da canna de assucar. Vindo este cultivo a desenvolver-se, a Metropole, por Alvará de 29 de Março de 1549, permittiu, mediante redução de direitos, o resgate á custa dos colonos donos de engenhos e bem assim a introdução de escravos africanos de Guiné e da ilha de S. Thomé, em numero de cento e vinte para cada senhor de engenho montado e em condições de funcionar.

A diminuição cada vez mais accelerada dos indigenas e a sempre crescente precisão de braços para a lida da colonização e da agricultura; o desejo de proteger o indio e, a passo igual, o de fomentar a conquista e manter ahi a paz pela satisfação dos povoadores, que proclamavam a sua impotencia contra a terra se não viesse o escravo auxillal-os, fizeram que a Metropole passasse da timidez do Alvará de 1549 para as amplitudes dos contractos chamados — assentos, por força dos quaes se outorgava a individuos e companhias a faculdade e, ás vezes, se impunha a obrigação de introduzir no Brasil um certo numero de escravos negros.

A Companhia de Commercio do Grão Pará e Maranhão, por exemplo, comprometteu-se a pôr na Colonia dez mil negros em vinte annos, á razão de quinhentos por anno, para serem vendidos por 100\$ cada um. E acontecendo que, em 1683, a Companhia não levára ainda uma só peça, apesar de ter assentado fazel-o em grande escala, contra ella amotinaram-se os povos, confôrme deixou escripto Berredo nos Annaes do Maranhão.

A Corôa, sobre lançar impostos á infame traficancia, comprava e revendia homens. Mas, que pôde haver nisto de extranhavel, se se conferia a estabelecimentos religiosos e pios a preferencia para poderem importar, annualmente, um determinado lote de escravos? Até certa época, para transitarem de uma para outra colonia, os escravos (tambem chamados peças da India e fôlegos-vivos) deviam aportar primeiro em Lisboa, por onde se viu que, desde 1859, o mercado dessa cidade rendia annualmente de dez a doze mil escravos.

A abolição do captivo dos indios pela Lei de 6 de Junho de 1755 e a prohibição, lançada pelo Alvará de 19 de Setembro de 1761, de metter escravos no Reino, de onde a escravidão foi extirpada pelo Alvará de 16 de Janeiro de 1773, deram nascimento ao tráfico directo entre o Brasil e a Africa, tráfico esse que se encorajou sempre mais, não sómente porque a falna agricola precisava delle, mas tambem porque o ardor do trabalho nas minas o reclamava com tamanha insistencia que Rocha Pombo pôde asseverar



que o seculo da mineração, isto é, o seculo dezoito, foi tambem o seculo do tráfico. (3)

Amparada pela opinião publica e pelas leis, a escravidão, filha monstruosa de uma necessidade fatal, installou-se no Brasil como salutar instituto garantidor da victoria do homem sobre a terra. Sem captivo não haveria civilização no Brasil.

E' bem positivo ter apparecido em todos os tempos quem, em extremos de piedade que o determinismo historico desconhece, amaldiçoasse o captivo.

Um desses foi Manoel Ribeiro Rocha, presbytero lisboeta, formado em canones pela Universidade de Coimbra, advogado no fôro bahiano, o qual publicou, em 1758, um trabalho intitulado: — *Ethiophe resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruido e libertado. Discursó theologico-juridico, em que se propõe o modo de commerciar, haver e possuir validamente, quanto a um e outro fôro, os pretos captivos africanos, e as principaes obrigações que correm a quem delles se servir.* (4)

Longa e pittoresca epigraphe essa sob a qual palpa o pensamento de um apostolo da liberdade humana!

Mas, esse não foi o primeiro lampejo da exaltação abolicionista. A Lei de 6 de Junho de 1755, suppressiva da escravidão dos indios e seus descendentes, exceptuou os individuos nascidos de escravas pretas, os quaes seriam conservados no dominio dos senhores até que sobre tal materia tomasse a Corôa outra providencia. (5) Nesta promessa encontra-se, embora apagado e longinquo, o vislumbre do que só depois se affirmou na Lei do Ventre Livre.

Na quadra da Independencia, José Bonifacio, servindo de echo vibrátil á campanha libertadora, que sacudia as republicas hispano-americanas e a Inglaterra de Wilberforce e de Buxton, redigiu um projecto favoravel á liberdade negra, projecto prematuro e porisso mesmo predisposto ao esquecimento. O deputado Antonio Ferreira França collocou pela primeira vez a idéa abolicionista no recinto do parlamento, bateu-se por ella mallogradamente, pois a opinião publica a recebeu como uma utopia curiosa e extravagante.

As vozes dos precursôres do abolicionismo eram isoladas e impotentes; innocuas, as promessas temporãs do Governo. Até 1866, o instituto da escravidão foi, na phrase de Joaquim Nabuco, um mysterio sagrado: ninguém ousava profanal-o. (6) Tocár nelle seria arremessar sobre o paiz as grandes aguas destruidoras de uma revolução economica.

\* \* \*

Se a idéa da abolição do captivo era então inadmissivel, o mesmo não acontecia com a da extincção do tráfico, que se tornou desde logo um dos mais sensiveis pontos politicos do Imperio.

A idéa da supressão do tráfico vinha de antes da era da Independencia. Pelo Tratado de 19 de Fevereiro de 1810, Portugal, compromettera-se com a Inglaterra a dar fim ao commercio de escravos no Brasil. A Inglaterra revestiu-se das insignias de paladino da abolição e energicamente influu para a extirpação do tráfico africano entre nós.

O Tratado de 1810 corroborou o de 22 de Janeiro de 1815, em que se determinou abolir o commercio de escravos ao norte do Equador e adoptar as medidas que melhor podessem contribuir para efectiva execução do ajuste precedente, reservando-se para um tratado separado o periodo no qual o commercio de escravos houvesse de cessar universalmente e de ser prohibido em todos os domínios portuguezes.

A Convenção Adicional de 28 de Julho de 1817 veio esclarecer os direitos e obrigações a que o Tratado de 1815 alludia, entre os quaes figurava o direito de visita e de busca e a criação de commissões mixtas aptas para, de accôrdo com instrucções e regulamentos assignados na mesma occasião, julgarem os apresamentos feitos pelos cruzadores das altas partes contractantes.

A 11 de Setembro de 1817 lavrou-se um artigo separado, que depois o governo portuguez ratificou. Por esse artigo deixou-se estipulado que, em seguida á abolição total do tráfico, adoptar-se-iam as condições do Ajuste Adicional de 28 de Julho, accrescentando-se que, na hypothese de não ser possível vir-se a outro accôrdo, a referida Convenção Adicional valeria durante quinze annos, a partir do dia em que fosse completamente encerrado o transporte de escravos.

A 23 de Novembro de 1826, o nascente Imperio Brasileiro e a Grã-Bretanha conformaram-se com uma convenção ratificada a 13 de Março de 1827, por força da qual, tres annos após a troca das ratificações, não seria mais licito fazer de qualquer modo o commercio de escravos na Costa d'Africa, debaixo de qualquer pretexto, sob pena de ser tal commercio considerado e tratado como pirataria. Esta convenção renovou e adoptou todos os dispositivos dos Tratados de 1815 e 1817 com os artigos explicativos que lhes haviam sido adicionados.

A Lei de 7 de Novembro de 1831 estabeleceu o preceito pelo qual ninguem, não sendo livre, podia ser admittido a pisar o solo brasileiro. Todos os escravos vindos de fóra, em penetrando no territorio ou nos portos do Brazil, ficariam livres, excepto — primeiro, os matriculados no serviço de embarcações pertencentes a paiz onde a escravidão fosse permittida, os quaes continuariam escravos enquanto servissem nessas embarcações — segundo, os que fugissem de territorio ou embarcação estrangeira, os quaes seriam entregues a seus senhores e reexportados do Brasil. Quanto aos importadores de escravos, além de soffrerem pena corporal e multa, pagariam as despesas da reexportação dos captivos apprehendidos.



Estas medidas todas, vê-se logo, só apanhavam o problema por uma de suas faces, porquanto a difficuldade não estava em supprimir o escravo, sim em substitull-o pelo trabalhador livre. Extinguir a escravidão sem pôr no lugar della outro agente de trabalho, equivalia a perturbar a producção da riqueza. E como, sem este phenomeno da producção da riqueza, a vida do homem seria um impossivel — a violação de todas as determinações incompletas do governo tinha que ser um acontecimento fatal.

Apertados entre as exigencias da Colonização e as punições leaes, os traficantes acharam logo o caminho por onde satisfazer as primeiras burlando as segundas: instituíram o contrabando negro.

Este abuso sorrateiro e inevitavel exasperou a Inglaterra que, julgando houvesse na astucia triumphante dos negreiros signaes de connivencia das autoridades brasileiras, entrou a nutrir com relação a nós uma desconfiança insultuosa, que se materializou numa pressão violenta, desabrida, animosa e attentatoria de todos os melindres da nossa soberania.

Não contentes com percorrerem o mar alto dando caça aos brigues condemnados, os cruzeiros britannicos invadiam os mares territoriaes do Brasil, violavam-lhe os portos e, mesmo ao alcance das boccas de fogo das baterias nacionaes, visitavam navios, faziam apprehensões, opprimiam passageiros.

Neste interim, a 13 de Março de 1845, expirou o tratado pelo qual a Grã-Bretanha se empossára nos direitos de visita e adjudicação de navios no mar. O governo inglez, imperturbavel, inventou o "Bill" Aberdeen, que é de 8 de Agosto de 1845, pelo qual, não sómente proclamava ser o tráfico de escravos pirataria e deverem os que o praticassem ficar subordinados aos tribunaes inglezes, mas tambem organizava cruzeiros de policiamento no oceano.

Com ou sem ajustes, a Inglaterra persistia na sua attitude de agarrar embarcações nas aguas imperiaes, levantando com isso, ante o Governo Brasileiro uma interminavel sequencia de atormentadas complicações.

Enfraquecidos os laços de amizade entre os dous palzes, a susceptibilidade nacional commoveu-se e sobrevieram conflictos irritantes. Não se pôde, todavia, deixar de convir em que a teimosia ingleza foi salutar, porquanto estancou o tráfico maritimo de negros, resultado este que os brasileiros não haveriam logrado, por melhores que fossem as suas leis e por mais corajosamente que rompessem com o preconceito e o interesse.

O tráfico era uma cousa feroz. As suas crueldades conseguiram estremecer afinal o coração brasileiro. Abriu-se então contra elle, por intermedio da imprensa e de associações, uma campanha vivacissima.

Na opportunidade desse momento, Eusebio de Queiroz, Ministro da Justiça, offereceu a Lei n. 581, de 4 de Setembro de 1850, cujos

dispositivos mandavam — 1.º impedir os desembarques e aprisionar as embarcações que fizessem o tráfico ou disso fossem suspeitadas; 2.º apprehender em terra os escravos que os tanganhões conseguissem descer; 3.º punir severamente os culpados, infligindo-lhes, afóra outras penas, a do sequestro dos seus navios; 4.º abreviar o processo dos transgressores, incumbindo-o a um juiz especial; 5.º manter com efficacia a liberdade dos africanos apprehendidos.

Era severa a Lei Eusebio. Ainda assim, os tanganhões, que tinham poder e se iam assenhoreando dos latifúndios agrícolas por força de hypothecas que executavam, lograram enganar-a e por um meio bem simples: destruíram os armazens e depositos de escravos no littoral e, logo que estes desembarcavam, conduziam-n'os para o interior do paiz, sorateiramente, por veredas de poucos conhecidas.

A Lei n. 731, de 5 de Junho de 1854 foi perturbal-os no mais escuso dos seus latibulos.

Ampliando a competencia dos auditores de marinha para processarem e julgarem os réus de crime de importação ou tentativa de importação de escravos, e autorizando contra os delinquentes e os escravos desembarcados a perseguição a toda a hora, qualquer que fosse a distancia do litoral em que se elles achassem, a referida lei desbaratou os ardis e ousadias dos venaliciarios, culminou o apparelho legislativo hostile ao tráfico e conseguiu um dos desiderata que tinha em vista e era o de tornar inutil o "Bill" Aberdeen peia demonstração irrespondivel de que nas costas brasileiras o contrabando negro era já impossivel.

E' certo que depois occorreu o lamentavel desembarque de Serinhaem, em Pernambuco.

Um palhaborde portuguez conduzia 209 africanos que foram apprehendidos. Antes, porém, que chegasse o destacamento do Rio Formoso, mãos mysteriosas roubaram 47 escravos. Armou-se o processo de repressão, mas, pelas suas malhas, iam conseguindo fugir os culpados mais poderosos, ao mesmo tempo que outros, que haviam sido detidos, provocavam em seu proprio favor a preponderancia de familias influentes na Provincia. Neste momento, o Encarregado de Negocios da Inglaterra desferiu uma nota intimando que, se o Governo não fizesse os maiores esforços para descobrir os delinquentes nessa ou em qualquer outra negociação do tráfico e não tratasse de perseguil-os com o inteiro rigor das leis, a autoridade britannica seria forçada a mais uma vez pôr em pratica as disposições do acto do Parlamento do anno de 1845, isto é, ao mesmo passo que os cruzadores britannicos exercessem nas costas, nos rios e nos portos do Brazil aquella vigilancia e actividade que fossem esquecidas pelos agentes officiaes do Governo Brasileiro, os tribunales ingliezes pronunciarão aquellas sentenças de condemnação que as Côrtes de Justiça brasileiras se abstivessem de proferir (7).



A observação era de uma aspereza descabida, visto estar o Governo Brasileiro a tal ponto implacavel na repressão, que esta subiu até á aposentadoria e remoção de magistrados que, pelo voto de Minerva, tinham absolvido os réus do audacioso delicto.

O incidente de Serinhaem fechou a triste historia do tráfico e inutilizou de vez o "Bill" Aberdeen.

Em 1856, Lord Palmerston, arengando na Camara dos Com-muns, dizia reputar acabado o commercio de captivos negros no Brazil, commercio esse que, mais tarde, em 1862, o ministro Inglez Christie declarava ser impossivel restaurar. Finalmente, em 1866, no relatorio do Ministerio da Justiça, o Conselheiro Nabuco de Araujo firmava o ultimo attestado de energia da Lei de 54, proclamando categoricamente a extinção do tráfico em todo o territorio do Imperio.

\*  
\* \* \*

O desaparecimento da escravatura, cuja historia vae de 1822 a 1850, foi o primeiro avanço no sentido da abolição.

No periodo que se estende de 1860 a 1865, a causa da emancipação cresceu, formou adeptos, acandelou paladinos e rebateu a opposição conservadora. A guerra do Paraguay mostrou que o captivo era um labéo a ser atirado ao Brasil pelos seus inimigos e tambem uma razão de inferioridade nos congressos dos alliados. Motivos como esse calando na susceptibilidade nacional, avolumaram a onda abolicionista. Mas, por muito vivaz que fosse o movimento, nada levava a prever, para dahi a pouco, um salto decisivo.

Eis senão quando estala a idéa nos conselhos do governo, patrocinada pelo Marquez de S. Vicente, amparado e, segundo todas as probabilidades, inspirado pelo Imperador. A idéa vinha distribuida em cinco projectos formando um systema que propunha a liberdade dos nascituros; a criação de juntas provinciaes protectoras da emancipação; a matricula rural dos captivos; a alforria em cinco annos dos escravos da nação e, em sete, a dos escravos dos conventos.

Poderia acaso o debate parlamentar assustar os projectos de S. Vicente, quando elles traziam, antecipadamente, no bojo, o segredo da victoria, convem a saber a opinião favoravel e assentada do Imperador e o favor popular?

Desses projectos nasceu a Lei de 28 de Setembro de 1871 que, libertando o ventre-escravo, conseguiu, sem abalar muito profundamente o direito de propriedade, exhaurir a unica fonte do captivo que ainda nos maculava.

Bastava a lei do ventre livre a dar fim á escravidão. A opinião publica, todavia, não se contentou com ella. A idéa abolicionista estava de tal modo constituida que não era mais possivel detel-a no

caminho de uma realização gradual e prudente. Incorporava-se no sentir das massas populares o solitario e esplendido sonho de Montezuma, que foi o primeiro estadista brasileiro a pensar na abolição a prazo curto e sem indemnisação.

Isto não impediu que, atraz da promulgação da Lei de 1871, decorressem sete annos de marasmo.

De repente, a nação começou a ouvir uma voz fascinante pela limpidez e riqueza de suas sonoridades e pela excellencia commovente dos pensamentos que diffundia. Joaquim Nabuco falava. Era sobrio, elegante, britannico.

Ao lado delle outro orador surgia, por vezes candente, arrepiado e furibundo, por vezes meigo, piedoso e submisso como as lagrimas da raça opprimida a que pertencia. Era José do Patrocínio.

Agrupou-se então o partido abolicionista e após elle lá se foi a alma nacional, enlevada como mulher que se apaixonou pelo que é bello, corajoso e varonil.

A centelha caminha. Aparecem senhores a manumittir espontaneamente os seus homens. O Ceará e o Amazonas quebram as algemas ao negro. No Norte, presidentes de provincia associam-se a festas abolicionistas. Multiplicam-se no Parlamento os projectos que aspiram definir e resolver a questão. Todas as actividades, á porfia, querem atirar o seu golpe á arvore da escravidão para desafogar-se o solo onde devia florir a liberdade. Por toda a parte, os captivos abandonam os latifundios fieis á escravagem e refugiam-se nas fazendas e nas casas dos abolicionistas. Quando, alarmados, os senhores pedem ao Governo lhes empreste a força para jugularem aquelles estos de independencia individual, o exercito recusa-se a cooperar na tarefa de perseguir a propriedade fugitiva. E' uma febre sentimental cujos delirios obscurecem os inconvenientes de uma substituição radical e brusca no secular regimen do trabalho. E' positivamente uma exaltação cujos frenesis impedem se veja, por detraz de um acto de inquestionavel justiça, o immenso desarranjo que elle vae produzir na machina economica e politica da nação.

Chegou o anno de 1888. Na fala com que, nessa época, se abriu a sessão legislativa, a Princesa Regente exclamou:

"A extincção do elemento servil, pelo influxo do sentimento nacional e das liberalidades particulares, em honra do Brasil, adiantou-se pacificamente de tal modo que é hoje aspiração aclamada por todas as classes, com admiraveis exemplos de abnegação da parte dos proprietarios. Quando o proprio interesse privado vem espontaneamente collaborar para que o Brasil se desfaça da infeliz herança que as necessidades da lavoura haviam mantido, confio que não hesitareis em apagar do direito patrio a unica excepção que nelle figura em antagonismo com o espirito christão e liberal de nossas instituições."

Houve applausos. Era a primeira vez que tal acontecia no Senado durante uma fala do throno. Lá fóra, na rua, a multidão erguia os braços acclamando. Vibrava no ar a impaciencia, a soffreguidão, a nervosidade das horas decisivas.

A 8 de Maio, Rodrigo Silva, Ministro da Agricultura, leva á Camara a proposta do Governo.

E' simples; tem só dois artigos. Diz no primeiro delles: — E' declarada extincta a escravidão no Brazil.

Lidas estas breves palavras, clamores de alegria reboam dos apertos da sala para a amplidão da praça publica, onde o coração do povo esperava.

Em instantes, a commissão incumbida de dizer sobre a proposta compõe um parecer curto e unanimemente favoravel, de modo que o projecto entra na ordem do dia seguinte, provoca algumas hostilidades e acaba approved, no dia 10, antes por acclamação do que pela tomada de votos.

No Senado o debate dura tres dias incompletos.

Tão violenta é a ancia pela approvação da medida, que Paulino está ainda a falar contra ella e já a Princeza Regente demanda o paço onde deve sancional-a.

O povo aguarda o fim da campanha. Nervosa, agitada, comprimida, sussurrante, a multidão invade o palacio, acotovelando a Princeza e embaraçando-lhe os movimentos. E quando a Princeza se dispõe a assignar o decreto, todas as vozes aquietam-se, os nervos suspendem sua vibratilidade, cessa o ondular da turba e os rostos voltam-se na mesma direcção.

Depois, é a explosão da victoria, o longo bramido do contentamento popular e o ruido dos passos da escravaria iniciando a marcha sobre o chão da liberdade.

Isto foi ha 28 annos, no dia 13 de Maio de 1888.

\*  
\* \*

O factor mais potente da abolição encontra-se na consciencia e no coração dos brasileiros, onde, finalmente, a causa dos escravos provocou insopitaveis manifestações de piedade e de ternura.

A dura sorte do negro nunca deixára totalmente de commover a alma sentimental e a indole bondosa dos brasileiros. Provam-n'o os apadrinhamentos; as alforrias na pia baptismal, em testamento ou em commemoração das datas festivas da familia; os consólios da religião com as irmandades compostas só de negros e as dezenas de outras mitigações nascidas da philanthropia, da caridade e dos costumes do povo. O Brazil não teve código negro. Nunca medraram em suas terras fazendas de criar escravos, como na America do Norte.

A proverbial generosidade da mulher brasileira, a meiguice do seu caracter, a sympathia humana que a singulariza, o seu espirito de solidariedade com todos os infelizes, os thesouros incompreensíveis do seu amor ampararam sempre o negro na dor e na miseria do seu destino.

As noticias e narrativas da vida atroz do escravo contribuíram, como uma agua boa, para fecundar na alma compassiva do povo a planta onde, um dia, havia de abrir-se, ao redor de um esplendido pistillo, a flor do pensamento abolicionista.

Os apostolos da redempção não se esqueciam de pintar os quadros horripilantes do tráfico, da senzala, do eito onde havia um ta-ganhão estúpido, um senhor carecido de piedade ou um feitor-car-rasco. Era seguro o effeito. Cada uma das scenas assim descriptas tomava o coração popular e configurava uma pyra ardendo em com-miseriação peia sina dos homens escravizados.

Velo um dia em que o coração do povo, trabalhado pelas forças da propaganda, desceu á praça publica e começou a paipitar rubro, chammejante, soberbo, glorioso e invencível. Nesse dia, todas as montanhas do interesse foram solapadas e o captivo terminou.

Que era a escravidão entre as nações negras?

Entre as nações negras, a escravidão era a pena que se applicava a quasi todos os delictos e era o destino que se dava aos prisioneiros de guerra.

Taes eram os costumes, que o commercio dos negreiros achou nelles protecção e meios de desenvolver-se. Manejando o suborno e a intriga, os traficantes atearam na Africa a conflagração do arbitrio e da cobiça, cujas victimas elles se apressavam a resgatar, aos montes, por missangas, por peças de panno, por facões de aço, por aguardente, por quantias miseraveis.

Chamavam-se "funidores" os que praticavam o tráfico. A's vezes, davam-lhes o nome de "tumbeiros" porque, frequentemente, mais carregavam cadaveres que seres vivos (8). Tumbeiros e funidores, todos têm um pedreguiho no lugar do coração.

Ao rispido estalar dos azorragues, o grupo dos martyres arrancados das idéias segue de presidio em presidio, em busca das terras americanas. Vão nus, que ninguem suppõe conheçam pudor ou devam sentir os insultos das intemperies. Vão carimbados a ferro quente. Si recaçitrarem tentando fugir, eil-os com o pescoço ajoujado na corrente do libambo. A saudade, a fome, o desanimo, a sêde, o soffrimento immoderado, compadecendo-se dos miseros, lembram-se muitas vezes de chamar a morte. A morte não é surda. Tanto não é surda a morte que cadaveres negros vão cahindo como gottas de tinta, pontecendo uma reticência doítorosa ao longo das estradas re-queimadas pelo sol africano.

A leva diminue mas vae seguindo. Vae o ardente sol bebendo lagrimas na taça escura dos olhos escravos, que a tortura aprofundou nas orbitas.

O' negros, para que supplicar? O' moços ãe grandes musculos sob a pelle de azeviche, de que serve a revolta? O' velhos retintos e de carapinhas alvinitentes como os fructos amadurecidos das paineiras, não fôra melhor succumbir e, sobre o chão ingrato, servir de pasto a hyenas e abutres? O' mães pretas, cheias de mansidão, ovelhas negras a balir no caminho do matadouro, nunca houvesseis condemnado á vida a essas creanças cor de ebano, predilectas do infortunio!...

Eis afinal chegados os barracões e os fortes dos entrepostos negreiros do littoral.

Antes do embarque, lucra a mercadoria em descansar. Abrem-se então uns dias de refresco. Distribue-se alcohol. Fervem batuques. Ha raparigas no bando e o traficante é libidinoso. Porisso a luxuria geme, suspira e escabuja pelos recantos das barracas.

Sõa emfim a hora da partida. Ao de cima das aguas tranquillias, banhando a floresta sêcca da mastreação na claridade dos céus, balouça-se preguiçosamente o brigue maldito, como uma traição sobre a caricia molle das ondas. A manada negra, tangem-n'a a rêlhaços para os porões da nave negreganda. O espaço allí é diminuto; o ar, escasso; a alimentação, estragada e pouca; medonho, o calor; espessa a atmospheria, tal a fedentina dos dejectos. Vermes e insectos asquerosas formigam sobre os corpos immundos da escravaria e sugam-nos abrindo-lhes feridas de onde sobem putridas emanações. As molestias assaltam raivosamente os organismos depauperados.

Quem se commove com isso? São negros... São escravos. O mar engulirá satisfeito os despojos dos que morrerem e a futura caçada nos sertões africanos preencherá os claros facilmente.

O' soluços das ondas nas penedias carrancudas que lutam com o oceano; ó gemido dos vagalhões de crista espumejante a desmanchar-se com fragor; ó bramidos das aguas irritadas no lóbrego das cavernas; ó berros, ó suspiros, ó estertores, ó plangencias do mar — formidavel orchestração indescriptivel — que sois ao lado das vozes ululantes que resoam nas tenebrosas cavernas da embarcação satânica, círculo do inferno dantesco sóito sobre as vagas do mar?

E' noute. Nos céus altos as constellações fulguram.

No tombadilho, que os astros banham em pacificações de luz, surge de repente um vulto, espia, aguça o ouvido, esgueira-se, ganha a amurada, galga-a e arroja-se ás ondas frias.

Que foi?

Um negro suicidou-se. As vagas do mar assignaram-lhe a carta de alforria. Esse foi feliz.

Pleno dia. E' de azeite o mar. Mordida por um soi de gloria, a superficie convexa das aguas scintilla.

A subitas, a um grito de alarma, revoluciona-se o pessoal de bordo. Assestam-se oculos de alcance. Esquadrinha-se a distancia. Ha pupillas verrumando os longes azuiados, onde as aguas parece confundirem-se com o céu. Vozes de commando erguem-se rapidas. Abrem-se as escotilhas e os negros semi-nús, tontos como feras iongamente enjaiadas, apparecem, abrigando os olhos com as mãos em tejadiho á altura das sobranceihas, contra a luz de que estão deshabituaados. Os algozes brancos avançam, agarram-n'os e atiram pelo voborde abaixo como saccos de carvão, que as aguas profundas e molles tragam gorgolejando.

O que foi que succedeu?

Foi um cruzeiro ingies que apontou na linha do horizonte. Estava imminente uma visita. Para evitar a apprehensão do barco e o castigo dos tripulantes, alijou-se a carga. Não foi nada. Eram negros... eram escravos.

A noute é de trevas. Na solidão do espaço imperscrutavel, vae e vem, cresce e diminue, como uma cousa que estufa e se desenchê, a respiração do mar.

Na coberta do navio negreiro, á luz mortica e horrente dos candelieiros, ha corpos negros treguitando; braços de ébano contorcem-se no ar; crispam-se mãos atormentadas; dorsos nús passam mostrando o sulco da espinha como um valle entre as saiencias das espaduas; carapinhas reluzentes de suor aproximam-se e afastam-se como grandes boias lanzudas boiando no espaço. Ferem o chão, em surda cadência, os calcanhaes. Relhos estalam. E' a dança dos escravos.

Inspirados pelo genio da crueidade e da ironia, os negreiros inventaram-n'a para attenuar a mortandade nos porões infectos do navio. E' o movimento, é o exercicio physico, é a gymnastica incumbida de desentorpecer membros, arejar pulmões, preservar a carniça viva de um apodrecimento rapido e prematuro.

Quantas vezes haveis visto e ouvido crianças felizes, á sombra jocundissima dos parques, tranças ao léo, mãos agarradas em cadeia, girando doudamente e cantando:

Dança, meu negrinho.  
Eu não sei dançar.  
Traga o chicotinho.  
Eu já danço já.

Estes versos, a imaginação do povo crystallizou nelies a dolorosa reminiscencia da dança dos negros nos tombadilhos sujos e visguentos, nas horas infernaes da travessia.

Um dia vem em que se mostram ao longe as sombras da terra do destino. O brigue emerge numa bahia que se afigura de uma redondeza perfeita. A palzagem, não a atormentam morros estatelados em attitudes de delirio: é graciosa e modesta. O casario parece um grande presepe, montado em dous planos, na fôrma de um vasto degrau. Aqui, pesados sobradões coloniaes assombram um labyrintho de becos e viellas, onde uma população multifária zunzuna. Além, a collina avulta, forrada de uma como pelucia verde, que é a fimbria do tapete de verduras desdobrado sobre os chapadões interiores.

Este é um dos pontos de desembarque da escravaria: é a cidade de São Salvador.

O outro ponto é bem diverso na magnificencia de sua ornamentação de morros e florestas. O navio negreiro passa entre ilhas. Assombrado, encolhe-se e quasi se some ao defrontar com o vulto horrendo de uma pedra áspera e ponteaguda que domina a barra com um gesto de ameaça. Vencido o passo temeroso, vê a agua estender-se e ir debruvar-se de arminho nas curvas de longinquas enseadas. De lado a lado apontam vertices de serranias em agglomerações, os da frente mais baixos, os de traz mais altos, quaes monstros carrancudos, erguidos nas pontas dos pés, espiando o mar por sobre os hombros dos companheiros. Acolá, as casas da cidade são os marchetes de um mosaico applicado nas encostas de collinas frondejantes.

Isto é deslumbrante e indescriptivel. Será um sonho?

Não. E' o Rio de Janeiro. E' a mais sumptuosa feira de escravos que nunca se viu.

Alli está um barracão onde se vendem folegos-vivos. Entremos. Pintada na parede, sobre o arco abatido de um dos porões, ha no meio de um resplendor, uma Nossa Senhora com o menino nos braços. Um negro debruça sobre um parapeito o thorax athletico e contempla um veleiro que desliza sobre o mar, ao longe. Esta preta ladina, de collar de contas brancas enrolado no pescoço que parece torneado em jacarandá, é uma vendedora de gulodices que aqui está sentada á porta, tendo sobre os joelhos o seu balaio cheio de laranjas. E aquelle senhor, de polainas alvas com fivelas lateraes, redingote de fino panno, cartola cinzenta de abas largas e arrebidadas como uma telha sustentando um cone truncado... aquelle que alli está a fumar, contemplando distrahido um lote de negros semi-nús, um dos quaes traça a carvão umas garatujas na parede, quem é elle? Com certeza é um fazendeiro de canna de assucar. Passemol-o. Vamos até ao centro do bazar onde, ao redor de uma tremepe que sustêm uma panella sobre tições, negras vestidas só de uma tanga pitam e conversam, despejando as catarinas sobre os ventres estufados.

África, chegados a estas plagas, e esse penejar, essa dor eterna que lhes brotava do seio, como das cachoeiras as aguas que espadanam, elles as transmittiam aos seus descendentes crioulos, que na primitiva honraram a raça de seus paes aprisionados em longes terras. Povo essencialmente affectivo, os negros no Brazil apparecem por um lado tão sympathico que fôra uma injuetica da historia não recolher-lhes as tradições admiraveis, na lucta empenhada através do captivo e da civilização. Comnoeco vivendo, no tempo e na acção, os escravos dominaram ás vezes de tão alto que a elles devemos ensinamentos e exemplos. Em sua existencia ignorada e na pureza dos costumes, quanto não teriam de aprender duas partes da immigração actual, para quem o unico Deus é o oiro, e o unico ideal o nosso anniquilamento... Entretanto, o esquecimento se tem feito sobre seu passado impolluto, mesmo porque descendentes bastardos repudiam, torpes, a sagrada origem de que procederam. Percorrendo a historia, deixando illuminar-nos a frente a luz amarelenta das chronicas, não sabemos ao certo quem maior influencia exerceu na formação nacional desta terra, o portuguez ou o negro. Chamado para juiz nesta causa, necessariamente o nosso voto não pertenceria ao primeiro... Como pesquisa ethnographica, nenhuma das levas colonisadoras merece-nos mais attenção do que as importadae da Costa da Africa e sua prole. Desde o crepusculo matinal da colonia, foram estas que sustentaram, á semelhança de caritides, o portico das nossas inettuições sociaes, contribuindo largamente para o nosso presente, ameaçado a todo instante por nacionalidades que nos invadem eem obstaculos." (10)

"Só pelos tree factos da escravidão, do cruzamento e do trabalho, escreve Sylvio Romero, é facil aquilatar a immensa influencia que os africanos tiveram na formação do povo brasileiro.

A escravidão, apesar de todos os seus vicioes, operou como factor social, modificando nossos habitos e costumees. Habilitou-nos, por outro lado, a arrostar as terras e a supportar em descanso as agruras do clima. Desenvolveu-se como força economica, produzindo as nossas riquezas; e o negro foi assim um robusto agente civilizador. O cruzamento modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes, e produziu o mestiço, que constitue a massa da nossa população, e em certo grau a belleza da nossa raça. Ainda hoje, os mais lindos typos de nossas mulheres são essas moças ageis, fortes, vividas, de tez de um doce amorenado, de olhos negros, cabellos bastos e pretos, sadias jovens, em cujas veias circulam, por certo já bem diluidas, muitas gottas de sangue africano." (11).

E' bem verdade que, no Brazil, sem o indio não se houvera feito a conquista do territorio e, sem o negro, não se teria conservado o solo e organizado a sua exploração.

O negro começou defendendo as primitivas feitorias portuguezas contra as investidas dos selvagens e dos estrangeiros. Sem elles os portuguezes não teriam talvez mantido nem o que haviam adquirido pelo tratado de Tordesilhas. O valor militar da raça negra transplantada encontra nos guerreiros de Henrique Dias o seu primeiro attestado e um dos ultimos, nos banhados do Paraguay, onde mais de dois terços das forças brasileiras de terra e mar eram constituídos de africanos e seus descendentes mais ou menos mestiçados.

Factor ethnogenico de uma importancia a que já temos alludido, o negro foi tambem, no Brazil, o mais poderoso cooperador da ri-

queza. Rcha Pombo, de quem empresto as idéas que acabo de expor, assim as resume:

“Eis ahí como se destaca, em pleno relevo, a grande e dupla função da raça negra nesta parte da America: ella criou a fortuna sem a qual não se teria fixado o elemento dirigente, e guardou o territorio — sem o que a nacionalidade não seria o que é hoje.” (16).

Que deve ao negro e seus descendentes o pensamento brasileiro? Foram elles, entre nós, apenas soldados e trabalhadores?

Basta olhar para as perspectivas profundas da sciencia e da arte nacionaes para ver que lá se levantam elle, aureolados pela centelha sagrada do genio e do talento, como pincaros estampados sobre ceus que a luz das auroras inflamma.

Senhores, devo deixar a tribuna. Certamente ha entre vós muitos que ainda se lembram das suas mamans pretas, dóceis e resignadas, contando historias de feiticeiras ou cantando junto aos berços, melancolicamente, porque, nessas horas de alheamento, das suas almas obscuras, humildes e bondosas as saudades erguiam o vóo para as regiões vaporosas e douradas do sonho.

Oxalá, fiquem em vossa memoria os echos desta palestra civica tocados da mesma tristeza vaga e fecunda e da mesma tenacidade de conservação que tem a lembrança dos cantos nostalgicos e singelos das vossas boas mães-pretas junto aos berços da vossa infancia.

ARMANDO PRADO.

- 
- NOTAS** — 1, 3, 9, 10, 12 — ROCHA POMBO — Historia do Brazil, vol. II, Cap. III, pags. 527, 552, 534, 554.  
 2, 5 — PERDIGÃO MALHEIRO — A Escravidão no Brasil, Tomo 3.º, pags. 10, 26, 201.  
 4 — INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA — Diccionario Bibliographico Portuguez, Tomo 6, pags. 91 e Tomo 16, pag. 300.  
 6, 7 — JOAQUIM NABUCO — Um Estadista do Imperio.  
 8 — JOÃO RIBEIRO — Historia do Brazil — Curso Superior — pag. 248.  
 11 — SYLVIO ROMERO — Historia da Litteratura.

*Toda a Terra é teu pulpito legitimo:  
Convertes o indio, o passaro dos ares,  
Prégas ao peixe — teu irmão maritimo.*

*Chegou teu genio, finalmente, ao cumulo  
De ser preciso vir tirar dos mares  
Um continente para ser teu tumulo!*

## IV

## O MILAGRE DE GUAXENDUBA

“Foi fama constante (e ainda hoje se conserva por tradição) que a Virgem Senhora fôra vista entre os nossos batalhões, animando os soldados em todo o tempo do combate”. — PADRE JOSE' DE MORAES. — *Historia da Companhia de Jesus na Provincia do Maranhão*, cap. VII, p. 62.

*Minha terra natal, em Guaxenduba:  
Na trincheira, em que o luso ainda trabalha,  
A artilharia, que ao francez derruba,  
Por tres boccas fataes pragueja e ralha.*

*O leão de França, arregaçando a juba,  
Saltou. E o luso, com um tigre, o atalha.  
Troveja a bocea do arcabuz; e a tuba  
Do indio corta o clamor e o medo espalha.*

*Foi então que se viu, sagrando a guerra,  
Nossa Senhora, com o Menino ao cóllo,  
Surgir, lutando pela minha terra.*

*Foi-lhe vista na mão a espada em brilho.*

.....  
*(Patria, se a Virgem quiz assim teu solo,  
Que por ti não fará quem for teu filho?)*

## V

## O YRAPURÚ

*Dizem que o Yrapurú, quando desata  
A voz — Orpheu do seringal tranquillo —  
O passarco, rapido, a seguil-o,  
Em deredor agrupa-se na matta.*

*Quando o canto, veloz, muda em cascata,  
Tudo se queda, commovido, a ouvil-o:  
O mais nobre sabiá susta a sonata,  
O canario menor cessa o pipilo.*

*Eu proprio sei quanto esse canto é suave;  
O que, porém, me faz scismar bem fundo  
Não é, por si, o alto poder dessa ave:*

*O que mais no phenomeno me espanta,  
E' inda existir um passaro no mundo  
Que se fique a escutar quando outro canta!*

HUMBERTO DE CAMPOS



---

---

## PEDRO AMERICO

---

Em fins de 1852 reinava o alvoroço na pequena Areias, humillima cidadezinha perdida nos recessos da Parahyba.



O povileu, com espiadelas pelas esquinas e “quem serás” em todas as bocças, trazia d’olho o grupo de homens de fóra, chefiados por um estrangeiro louro, que descavalgára no largo da Matriz, com muita bagagem exquisita á cola e não menos exquisitos modos de “reparar” em todas as coisas.

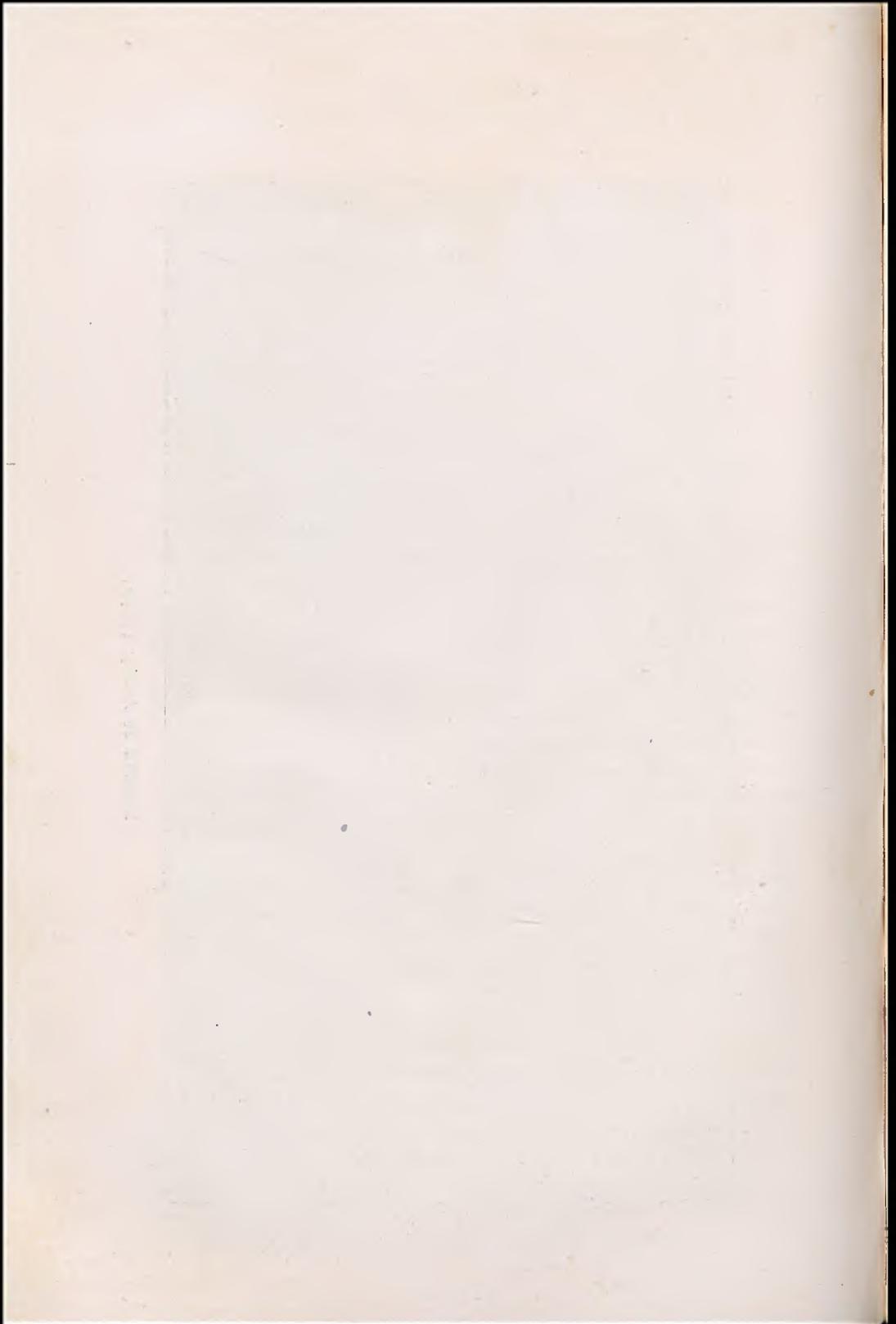
Não tardou corresse voz tratar-se d’um naturalista francez, Luiz Brunet, em missão scientifica pelos sertões de Christo afóra. Pura charada. Falar em missão scientifica áquelles povos segregados do mundo, ou contar a historia do quadrado da hypotenususa a um tabareu mazorro, é tudo um.

Não obstante, as pessoas gradas foram visitar os recém-vindos, com rigida cerimonia, em obediencia ás boas normas da hospitalidade. Resabiados a principio, o ar prazenteiro do naturalista pol-os sem tardança nos eixos da familiaridade, e logo nos da vaidade local, quando o sabio, com amavel sombra, entrou a gabar a bella natureza, a bella agua, o bello ar, o bello clima e todas as mais bellezas dos lugarejos pobres.

PEDRO AMERICO



Batalha de Avahy (1877)



Dessas generosidades metereológicas escorregou a palestra ao commento de facto e pessoas locais, e então o boticario, chupado Eusebio Macario que com misturar os productos therapeuticos dos tres reinos da natureza olhava como a collega para o sabio que os estudava, disse, cuspiendo o pigarro, para exemplificação das capacidades estheticas dos seus conterraneos:

— Ha aqui um menino que só vendo. Pinta um homem a cavallo, ou um carro puxando lenha, com os boisinhos, a canga, os fueiros e o mais que até parece um chromo do Tricofero.

— O Pedrinho do Daniel? bedelhou o presidente da Camara para dizer qualquer coisa, pois sabia elle melhor que ninguem não existir em Areias, afóra esse Pedrinho, creatura capaz de pintar cara de homem que não lembrasse logo uma castanha de cajú.

— Pois é! confirmou, ancho, o dos tres reinos.

Interessou-se o francez pelo caso e pediu pormenores, que todos, á uma, grulharam com a lorpice sufficiente para deixar o interpellante na mesma, isto é, sem distinguir tratar-se duma criança acasaladora d'algum grande artista futuro ou de um "curioso" precoce, cujos gatafunhos boquiabrem boticarios mas não revelam estygmas de verdadeira esthesia a olhos mais bem educados.

Como a tarde corresse amena, e já lhe maçassem aquelles seccantes paredros ruraes, mostrou desejos o sabio de conhecer pessoalmente o menino, inda naquelle dia. Promptificou-se o Galeno a conduzil-o á casa de Daniel Eduardo de Figueiredo e para lá se foram.

Chegados, e explicados os fins da visita, o pae de Pedrinho confirmou os encomios do boticario e exhibiu documentalmente uma serie de desenhos infantis. Examinou-os Brunet um por um, e ao cabo indagou a idade do artistasinho.

— Dez annos por fazer.

— E... ninguem o ajuda? Ninguem corrige estes desenhos? Sorriu-se o pae.

— Quem ajudaria o meu menino? Ninguem aqui entende disto. Eu sou musico, toco violino. Ha o Zéca Pintor, mas esse só pinta paredes. E' graça natural que Deus lhe deu.

O francez continuava d'olhos postos nos desenhos, examinando ora um ora outro, de perto e de longe, sob varias luzes. Em seguida perguntou:

— Está em casa o menino? Poderei vel-o?

— Pedrinho! gritou para dentro o pae.

Immediatamente um rosto moreno de criança assomou á porta.

Pudera! Todo o tempo estivera á fresta, d'ouvidos alerta, como percebesse que falavam de si.

Era um menino de poucas carnes, pallido, d'olhos escuros, ressumbrando nos traços o typo medio do nortista. Vexado a principio, desacanhou-se logo ante as carinhosas perguntas do estrangeiro, o qual, após gabos e louvores, o interpellou a queima bucha:

— E' capaz de desenhar á minha vista este chapéu e esta espingarda?

— Desenho, pois não.

E ligeiro como um serelepe voou o fedelho para dentro em busca de papel e lapis, e sem demora tornou devidamente apetrechado, pondo mãos á obra. Sem vacillar esboça os modelos, com mão lesta e visão segura, enquanto o Luiz Brunet de pé, espia-lhe sobre os hombros o trabalhinho agil dos dedos. Minutos após:

— Basta, acenou o francez, não é preciso mais. E voltando-se para o pae, disse com gravidade ponderada:

— Eu tenho necessidade de um desenhista na minha expedição. Autorisa o seu filho a occupar esse lugar?

Daniel arregalou os olhos, abrindo uma das maiores boccas da sua vida, e gaguejou emocionado, após uns instantes de atarantação:

— Mas... é uma creança! Nove annos...

— E' uma creança mas desenha assim! obtemperou o naturalista antepondo aos olhos do emparvecido pae o ultimo trabalho do filho. Que importam os annos, se já é um artista?

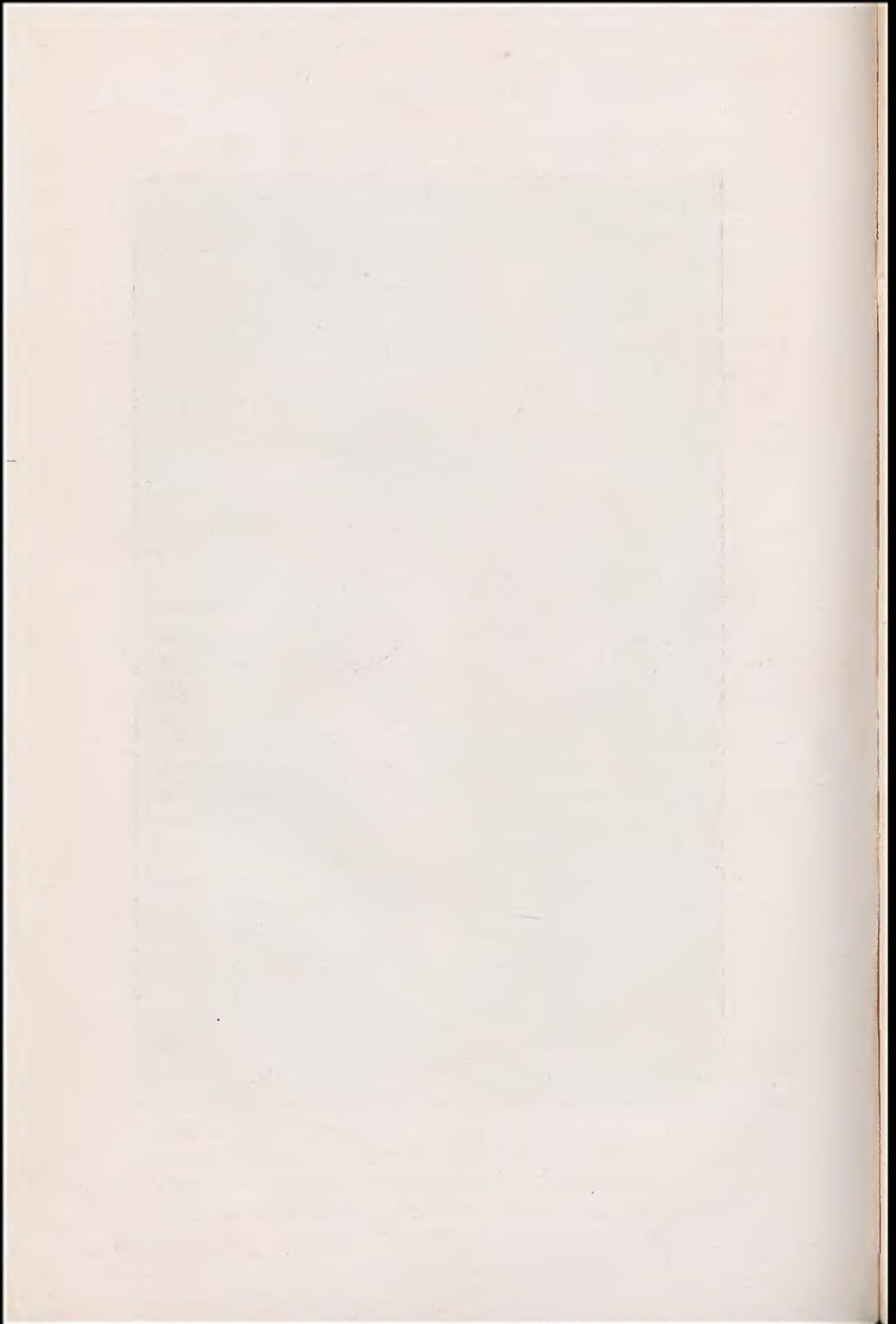
Dias depois o presidente da provincia contractava Pedro Americo de Figueiredo para desenhista da expedição. Aos nove annos, pois, idade em que pelo commum os meninos descadeiram gatos na rua á pedrada, começou Pedro Americo a desfiar as camandulas de um rosario de triumphos ininterruptos, como não ha exemplo de outro no paiz e poucos haverá fóra.

Durante dois annos quasi peregrinou por montes e valles do

PEDRO AMERICO



Carioca (1884)



seu estado natal e convisinhos, dando desempenho de "gente grande" á tarefa ardua de desenhista.

Um estagio destes, realizado em annos verdes, no coração do paiz, era de molde a lhe assentar n'alma os silhares de uma esthetica de funda consonancia com o ambiente.

Não foi assim.

Pedro Americo não era brasileiro, ou melhor, brasilico.

Tinha a alma condoreira dos para quem patria é o mundo. Dessa feição psychica resultou o tornar-se com o tempo o maior dos pintores brasileiros e o menos brasileiro dos nossos pintores.

Inda não o arguiram de tal.

Fazel-o a voz desautorizada de um "ninguem" seria deslavado topete se lhe não prestasse pulso forte ao asserto a propria obra do artista.

Mas não antecipemos.

Findos os trabalhos da missão Brunet veiu o menino á Côrte, para o Collegio de D. Pedro Segundo, e logo transpoz os humbraes da Academia de Bellas Artes com apenas onze annos. Ahi successivas victorias escolares sobrepuzaram louros em sua cabeça; victorias no campo mental, onde assombrava aos mestres a precoc agudeza de seu engenho, e no artistico, onde vencia, rapido, as maiores difficuldades de technica. Quinze medallas então conquistadas prefulgem nesse tirocinio como attestados insuspeitos da affirmativa.

Infelizmente a orientação da Academia era nesse tempo absurda, no sentido de tolher o surto d'uma arte abeberada nas fontes raciaes, para gloria maior de um classicismo cachetico.

Estava em moda o biblicismo. Não se comprehendia a alta pintura fóra do quadro revelho da Biblia. Themases de concursos, theses de exame, inspiração, suggestões, tudo sahia da historia dos hebreus. Se havia mister de uma nudez feminina saltavam logo as Suzannas, as Abizags, as Salomés. Reclamava-se um caçador? Surgia Nemrod. Um lavrador? Booz. Um guerreiro? um mendigo? um máo filho? David, Job, Absalão. Um burro de carroça? A besta de Balaão.

Esqueciam os nossos avós que a eterna Biblia é a Natureza, e só é capaz de fructos opimos a arte que olha em derredor de si e toma homens e coisas como os vê e os sente, dando de

hombros aos sobrecenhos carregados e aos ares de desprezo dos bonzos empoados do passado morto.

Pedro Americo malbaratou — haja a coragem deste juizo duro — Pedro Americo malbaratou o seu genio, nesse interregno, pintando o repintadissimo “Christo da Cauna”, o mil vezes espatulado “S. Miguel”, o archi-brochado “S. Pedro resuscitando a filha de Tabira”, e tantos outros quadros cujo sopor classico inhibe-os de falar lingua intelligivel a ouvidos modernos.

O esto racial do seu temperamento, se balbuciou alguma vez, não resistiu á atrophiante orientação esthetica dos cori- pheus da epoca, e nada deu de si.

Reinava Pedro Segundo.

A casa de Bragança redimia suas taras mentaes e moraes cumulando no grande monarcha virtudes que raro soem con- correr num homem só, e nas republicas ao molde da nossa, nem numa grosa de paredros.

Pensionado por elle, de seu bolso, seguiu Pedro Americo para o Velho Mundo e lá cursou a Escola de Bellas Artes de Pariz, de par com a herpetica Sorbonna e o Instituto de Phy- sica de Ganot. Teve por mestres varios pintores de nomeada mundial; Ingres, Flandrin, Vernet, Coignet, classicos todos, quando não românticões de pello hirsuto; viajou o que pode e voltou ao Rio em 1864 para disputar e obter com desempeno, debaixo dum côro de louvores, a cadeira de desenho da Aca- demia.

“Socrates afastando Alcebiades dos braços do vicio”, foi a sua tela de concurso. Pobre Brasil! Já se diluira de todo a ima- gem delle no coração do artista, que do hebraismo inculcado em primeira mão alargava-se ao hellenismo caro a todos os espiritos despegados do torrão natal. Não obstante, o vinco hebraico vol- tou logo á tona e accentuou-se como feição dominante de toda a sua obra.

Nesse periodo lectivo ha que assignalar o primeiro assomo nacionalista do seu pincel: entre o “Petrus ad Vincula” e ou- tros santos menores lucilou a carnadura dourada da “Carioca”.

Arte nova? Elo primeiro duma escola nacional?

Infelizmente não. A discutidissima “Carioca” só o é no titulo. Fóra d’ahi é um simples nú, uma nympha, uma banhista, uma fonte, tão carioca como as mil co-irmans que abarrotam

PEDRO AMERICO



Jacobed levando Moisés ao Nilo (1884)

com "Ignez de Castro", "Catharina de Athayde" e "D. João IV", na de França, com "Joanna D'Arc".

A patria merece-lhe um só minuto de attenção — "Moema", quadro nocturno em que sob os reflexos da lua boia na onda um cadaver de mulher, emquanto se alonga mar afóra uma caravella. Como na "Carioca" a "Moema" da Moema só tem o titulo.

Entrementes completa-se-lhe a evolução da mentalidade, plenamente maturada, com um desgarrar para o philosophismo pictural. O muito estudo de sciencias e philosophias que Pedro Americo levava de par com a pintura empresta-lhe uma phase esthetica final de feição germanica.

O culto exagerado da ideia mata o sensualismo.

Ao envez de *sentir*, o pintor eivado de sobrecarga philosophica *pensa*.

Em Pedro Americo as telas desse periodo são allegorias, compendios, summulas, exposições figuradas de ideias onde a linha e a côr substituem as palavras.

Uma clareira se abre, entretanto, nesse em meio: Pedro Americo a instancias do Estado de S. Paulo pinta o soberbo quadro que enriquece o museu do Ipiranga, e ahí culmina. Raras vezes a arte da pintura attinge a taes vertices. No equilibrio sobrio da composição, no rigor do desenho, no colorido magistral, no sopro epico que insufla á scena mais significativa da nossa historia o artista guinda-se a uma altitude onde permaneceria só, se Almeida Junior não levasse para lá a "Partida do Monção".

Uma tela destas é mais que sufficiente para cobrir de louros immurchaveis a cabeça de um pintor.

Em seguida ao clarão do "Sete de Setembro" recahe na pintura philosophica com que fecha a carreira gloriosa. "A noite acompanhada dos genios do Amor e do Estudo", "Voltaire abençoando o neto de Franklin em nome de Deus e da Liberdade", "Honra e Patria", "Paz e Concordia" são obras denunciadoras da feição psychica evoluida ás ultimas consequencias de sua mente cultivada em excesso. "Paz e Concordia" assignala o ultimo degrau da escada altissima que marinhou a força de trabalho e genio, o pequeno desenhista da expedição Brunet.

Synthetisando: Pedro Americo foi um romantico, grande entre os grandes.



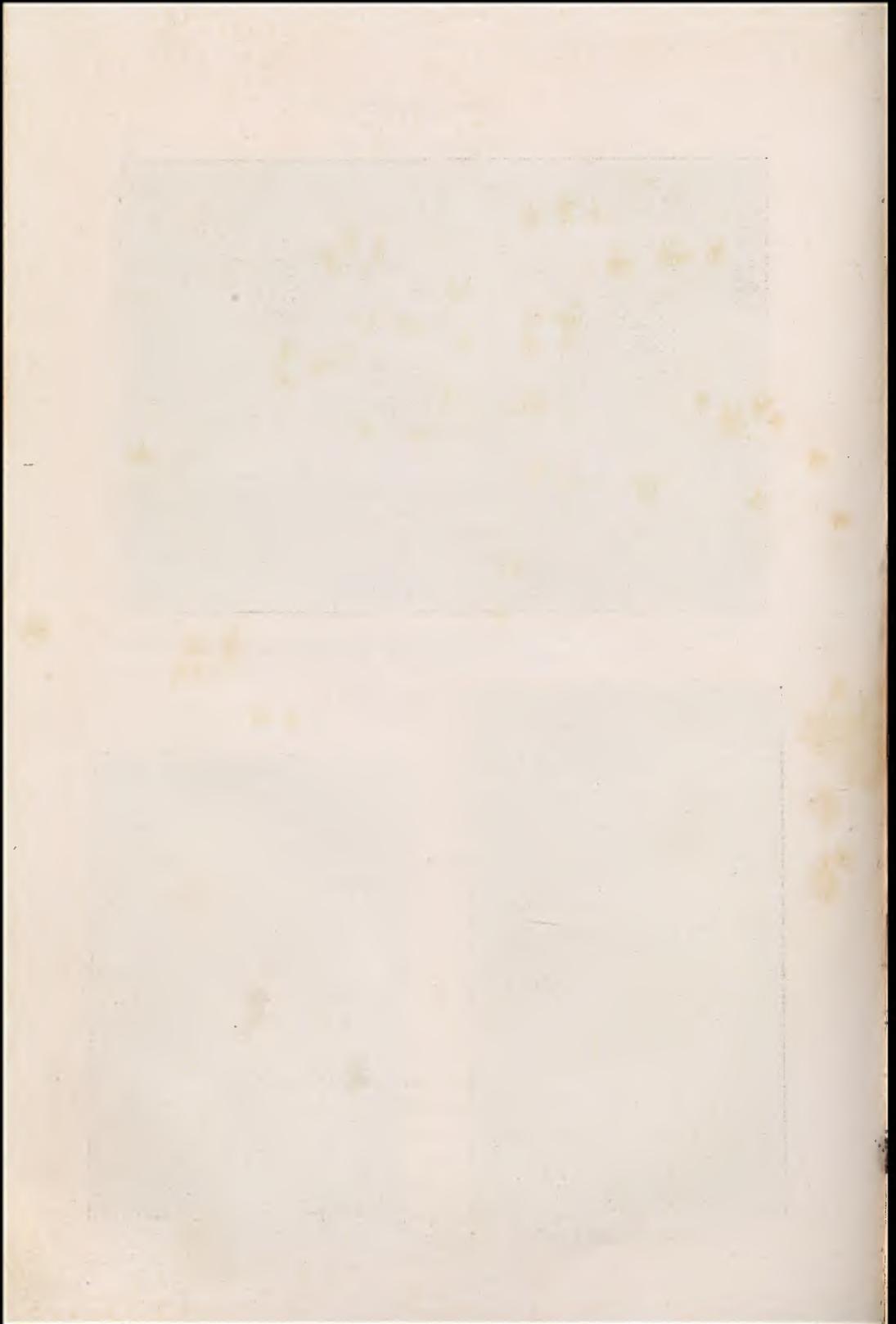
Voltaire abençoando o neto de Franklin (1890)



Hamlet (1893)



Honra e Patria (1897)



Na pintura heroica não pede meças a nenhum mestre.

Capaz de rasgar sendas novas conducentes a crear uma arte genuinamente brasilica, desdenhou essa vereda aspera e fez-se europeu.

Não obstante, o consenso unanime da critica tem-n'o como o nosso pintor maximo.

Foi-o innegavelmente — até Almeida Junior. Dahi para diante as opiniões divergem.

Um quadro singelo do pintor paulista, uma brasileira humilde que chora — “Saudades”, abalisa o momento em que, pela criação duma arte profundamente racial, brotada da terra como insoffreavel planta indigena, rescendente ao cheiro agreste do humus incontaminado pelo europeanismo, scintilla uma luz nova. Se não empallidece a estrella de Pedro Americo, perde a unicidade. São duas, d'ora avante, a brilhar nas mesmas alturas, cada uma com brilho proprio, rutilantissimas ambas.

MONTEIRO LOBATO.



---

---

# JUSTIÇA E ASSISTENCIA

---

O LIVRO DE ATAULPHO DE PAIVA

---

“E’ pena, bem realmente, que de taes preciosidades não se tenha ainda reunido um volume. Mas se é certo que esse volume não foi feito até aqui, a quem, como nós, se der ao trabalho de leitura esparsa que fizemos, apparecerá como incontestavel o merito da obra de Ataulpho de Paiva.”

Foi com essas palavras que ha mais de dois mezes nos referiamos, pelas columnas do “Jornal do Commercio”, aos trabalhos sociologicos de Ataulpho de Paiva.

Dois mezes mais tarde, apparecia o volume cuja inexistencia lamentavamos: era um grosso livro de mais de 400 paginas, esmeradamente impressas nas officinal do “Jornal” e sob um discreto, embora outro titulo de *Justiça e Assistencia*. O livro de Ataulpho de Paiva sahia finalmente do prélo e era acolhido com saudações enthusiaslicas dos entendidos. Justificaram-se assim plenamente os nossos desejos de maior divulgação desses escriptos. O livro despertava o franco interesse que previramos.

Donde vem esse interesse?

Vem muito principalmente do compendiar elle, com espirito de methodo e com ordem, um rol de idéas, de tentativas e de esboços que andavam por ahi espalhados em materia de Assistencia, e allegadas, na pratica, ao esporadico interesse. Tão sómente as damas que fazem elegancia alliviando dôres alheias. Nenhum estudioso entre nós tinha jamais abordado o assumpto



com o espirito scientifico e systematisador. Raros tinham unido os dois problemas, cujas ligações são tão grandes e tão intimas: Justiça e Assistencia. E Ataulpho teve exactamente o merecimento de reunir tudo, aclimatando o problema ao sol de nossas necessidades e fazendo assim um livro que é um eyangelho na parte da doutrina e um repositorio excellente em materia de informação.

Tudo isso nós previramos no estudo que fizemos dos trabalhos, quando ainda se espalharam por ahi, como perolas soltas de um colar.

O *in-folio* reuniu-as e deu-lhes a magestade do conjuncto.

Divide-se o novo volume em tres partes: Justiça, Mutualismo e Assistencia Social. Na primeira estudam-se os novos horizontes da Justiça e Assistencia, a Justiça Internacional, os Tribunaes para Menores e a sempre interessante questão da Justiça aos Alienados.

São paginas de semente. Cada periodo é um punhado de idéas novas que seu autor semea largamente e que só esperam terreno fertil para germinarem.

Neste particular é reconhecida a nossa infelicidade. Somos em geral benevolos e acolhedores dos esforçados, que vêm, de pulso rijo, desbravando caminhos e semeando idéas.

A plasticidade de nosso character já não offerece mais a resistencia que nos povos rotineiros encontram os innovadores.

Não lhes offerecemos a estes senão a resistencia molle da indifferença. As idéas vêm, cavam o sulco transitorio com profundidade maior ou menor, segundo a força de convicção de que disponham os innovadores... Mas o sulco é cavado no gelo... Instantes depois, passada a causa, o terreno perde os vestigios da acção. A superficie se refaz polida e una. E quando o innovador volta a vêr dos fructos de seu trabalho, tem a surpresa de verificar que tudo se acla absolutamente como no inicio. A situação é a de uma perpetua novidade, a cada nova tentativa dos emprehendedores.

Ataulpho de Paiva é um desses semeadores infatigaveis. As paginas que em seu livro falam dos novos horizontes da Justiça são entre nós perpetuamente novas. As cousas alli ditas, fo-

ram-n'o ha cinco, ha seis annos. Têm entretanto a mesma razão de ser, como se ditas fossem ha seis dias.

Tribunaes para crianças, recolhimento especial de loucos criminosos, que melhor seria o thema ainda hoje para um innovador que quizesse emprehender no parlamento uma campanha de repercussão?

Entretanto alli estão nas paginas de Ataulpho, trazendo já um lustro após sua elocubração, as bemfazejas idéas innovadoras!

"E' a logica do novo regimen. Em todas as phases que atravessa, desde o momento de sua detenção até á remessa para os estabelecimentos de educação ou mesmo para a prisão, deve o menor delinquente ser cercado de precauções especiaes muito differentes das que gravemente são concedidas ao delinquente adulto. O tribunal deve ser para a criança um posto de confiança e de amparo despido mesmo de todo o apparatus e de todas as separações. Antes protecção que punição. Com isso nada soffrerá o decoro tradicional da Justiça."

"A autoridade abdica do seu ingrato e pesado encargo de castigar e punir, passando a se revestir de uma missão puramente tutelar. O grande segredo da nova instituição está exactamente no papel da assistência preservativa allada á acção repressiva ou reformadora. Todo o processo penal deve ser abandonado desde que o menor não tenha ainda o criterio do discernimento, isto é, quando não haja ainda attingido a sua plena conformação intellectual e moral. Si o delinquente se corrompeu physica ou moralmente, o julz deve dirigir-se á auctoridade tutelar, que intervem, para corrigir, si possível fôr, pelo simples recurso da educação. O futuro e o desenvolvimento moral do menor formam as bases do problema capital.

O magistrado, na vlgencia desse methodo, tem mesmo a faculdade de fazer cessar o curso do processo, confiando o joven delinquente á auctoridade paterna ou ordenando que elle seja castigado por sua familia ou pela auctoridade escolar. Si a criança demonstra más disposições e tendencias, sem, entretanto, constituir um perigo para a sociedade, o tribunal pôde decretar a sua liberdade provisoria mediante a fiscalisação, ao envez de confial-a a um estabelecimento do Estado. E' o tratamento pelo systema da "probation". Sômente em casos extremos o delinquente poderá ser submettido á prisão ou ao regimen correccional. Ainda aqui o Juiz deve estar armado de uma faculdade especial.

Si o menor condemnado á prisão faz prova de boa conducta e dá signaes de evdente regeneração, tem o direito de se liberar conditionalmente após o cumprimento de dous terços da sua pena, e esta pôde ser purgada si elle se conduzir de maneira irreprehensivel durante o tempo da sua liberdade condicional."

Que se fez nesse sentido entre nós? Nada. Hoje ao sahir do prelo o livro de Ataulpho essas idéas assumem o mesmo aspecto de mocidade que ao serem emittidas. A situação é absolutamente a mesma.

Entretanto dizia Ataulpho com aquella sua tranquilla confiança :

“Trata-se de uma causa que não tem nem pôde ter adversarios, causa que o Brasil já conhece sobejamente pelas minuciosas noticias que aqui foram divulgadas por varios e illustres publicistas. Nada se oppõe a que elle seja na America do Sul o primeiro paiz a consagrar um campo de acção onde officialmente germinará o pernicioso flagello da criminalidade infantil.”

As mesmas tristes averiguações haveria a fazer no que respeita á justiça aos loucos, visto que nada se fez de efficiente.

No recente 1.º Congresso de Neurologistas Brasileiros, propoz o signatario destas linhas que o Congresso votasse um apello ao Parlamento Brasileiro no sentido de se fazerem no Codigo Penal as modificações necessarias á correcção do erro livre-arbitrista.

Esperemos que uma alma decidida, capaz de estudar com animo a feição que o problema tomou no Brasil, rompa no Parlamento a indiferença com que este nos tem ouvido e mostre a solução — ovo de Colombo — que a pratica dos estudiosos já apontou.

Até lá, irão ficando sempre novas, sempre virginaes, sempre promissoras as idéas dos que, como Ataulpho de Paiva, abordam de frente a questão.

Expõe ainda Ataulpho nessa primeira parte de seu livro aquella genese tão interessante da tentativa de Codificação do Direito Internacional, tentativa cujo primeiro ensaio foi aquella magistral conferencia de Jurisconsultos no Rio de Janeiro.

São paginas de pacifismo energico e constructor.

Todos nós temos na vida uma phase de seducção pelos ideaes arrojados. O mundo social soffre de quando em quando os embates das ventanias, que esses ideaes fazem gerar, pelo sopro violento dos espiritos jovens.



E a humanidade se divide em dous grupos: o dos que se mettem no castello das tradições e o defendem, e o dos que vêm, entusiasticos e ardentes, trabalhar na legião dos que arremetem contra as tradições, na ancia de destruil-as e substituil-as pelos seus ideaes cheios de formosura.

São momentos aterradores!

Pelas frinchas do castello corta, assobia, geme raivoso o vento forte. Dir-se-iam abaladas até as entranhas as velhas muralhas!

Ninguem pensa no Castello em abrir de par em par as portas e os postigos e dar livre entrada ao vento. Ah! Se o deixassem passar! Vel-o-iam ameigar-se em breves instantes, quebrando o impeto, perdendo os furores, esmorecendo os abalos...

E então assistiriam a esse pasmoso espectaculo da confraternisação de moços e velhos, num trabalho constructor, em que das idéas innovadoras algo ficaria de util sobre as sedimentadas bases das tradições!...

As commoções violentas dos povos por um desses acontecimentos extraordinarios que de seculo em seculo os abalam, têm desses efeitos. E então vê-se uma velha Inglaterra abandonar o seu esplendido isolamento e reformar em dous annos os costumes adquiridos e defendidos por seculos de tradições; uma França rotineira e sceptica ao espirito inventivo de seus filhos, estimular os inventos, mudar de habitos, cultivar a novidade, espinhando as flores seculares da tradição, para sobre ella construir o formoso edificio do modernismo.

Não se creia, entretanto, que só assim vençam os modernisadores.

Mesmo em meio daquella luta terrivel, em que estes sofram destruidores, e fecham-se resistentes os tradicionalistas, vae-se lentamente operando a transformação, por uma curiosa evolução do espirito, não dos tradicionalistas, mas dos reformadores, tomados isoladamente.

Todos nós, no verdor dos annos, somos do grupo reformista. As demasias da vitalidade, nessa epoca da vida tão encantadora, derramam-se em torno de nós, nesse altruismo ardoroso, que empunha estandartes, salta barreiras, inventa refregas e não comprehende a vida sem a vibração dessa peleja continua...



Nessa idade, ou somos pacifistas se o ideal do dia é o pacifismo, ou somos patriotas rubros, se o ideal é o patriotismo.

A mocidade como que mantem uma insufficiencia do cerebello coordenador! Tudo é excessivo, tudo é radical, tudo é intenso e destruidor...

Ha-os que ficam eternamente moços e em que os cabellos brancos não desmaiam a intensidade das sensações.

Mas estes são minoria. Dos outros, pouco a pouco, vão as amarguras do destino quebrando as arestas cortantes e aggressivas... Do altruismo ardente vão-se recolhendo as ramagens, á custa dos golpes rudes da maldade humana. E um dia o espelho falla áquelle entusiasmo fazendo brilhar no primeiro fio branco dos cabellos a primeira lagrima do tempo...

Como barqueiro que já não confie da segurança do pulso, abatem-se uma a uma as velas, até então pandas e triumphaes, e viaja-se a mercê dos curtos pannos, que se não trazem as emoções da velocidade, tambem não causam as surpresas dos arremassos!

Não se abandonam os ideaes dos primeiros annos. Dá-se-lhes feição constructora. Sem que o espirito se aperceba da mudança que soffreu, vae apontando o desejo da tranquillidade, com este a defeza dos habitos adquiridos, e sem sentil-o, vae-se amando a tradição pelo que ella offerece de garantias a essa mesma aspiração de quietude.

Quando menos se espera, penetra-se no castello dos tradicionalistas, levando-lhes sob forma constructora e accetavel aquelles ideaes, que quizeramos fazer entrar á força no sopro rijo da nossa mocidade.

E assim vão os proprios tradicionalistas evoluindo pela seducção da ordem constructora em que se vão apresentando as innovações, até então hostis.

Tem sempre sido assim para os grandes ideaes da Humanidade. E foi por isso que o pacifismo constructor, o que codifica dispositivos, o que estipula tratados, o que estabelece regras de commum viver, entrou por via tão brilhante, com apoio tão franco de todas as Nações, que todas ellas se insurgiram violentas contra aquelle dentre elles, em que o pacifismo foi apenas um aspecto e maior na grande hypocrisia em que alimentou o seu entristecedor orgulho.

Nesse capitulo dos estudos de Ataulpho, poder-se-ia dizer que se fez um hiato. A humanidade parou. Mas eu me pergunto se não foram os castellos tradicionalistas que se abriram de par e deixaram passar o vento, cujo turbilhão tende a cessar, e se nós não assistiremos depois disso á fixação definitiva do Direito e da Razão nas normas do entendimento internacional.

Estuda Ataulpho na segunda parte de seu livro o Mutualismo a proposito de um Congresso que sobre o assumpto se organisou em S. Paulo.

Uma nota posterior resalva os enthusiasmos, realçando as cautelas do primitivo trabalho.

“Quando esses avisos eram cautelosamente feitos, mal se poderia imaginar que dous annos apenas bastavam para que o Brasil assistisse ao triste e vergonhoso espectaculo da derrocada de grande numero das instituições mutuas que, repentinamente, surgiram nesta capital e em muitas localidades do paiz.

Nunca uma advertencia foi coroada de mais rapidos e completos efeitos. Havia-se notado que toda a grande belleza da nova criação de previdencia social residia exactamente na calculada attenção e no trabalho esmerado, minucioso e verdadeiro com que devia ser organizada qualquer tentativa de cooperação. Lembrou-se que, ao lado dos bellos e prodigiosos resultados, era mister prever os perigos fataes, evitando os sophismas e as mystificações.

Cedo vieram os abusos, os disfarces, as explorações, as armadilhas, as ciladas. Os artificios, as astucias, os ardis e as fraudes multiplicaram-se, desfigurando, por completo, as nobres aspirações do instituto, o seu admiravel espirito de disciplina e, o que é mais grave, envolvendo indistinctamente os creditos de algumas raras e honestas sociedades mutuas que á sombra de rigoroso escrupulo se formaram e vão proseguindo os seus esforços com successo.

A acção policial chegou a intervir, e actualmente pelos tribunaes já se arrastam as demandas e os casos escabrosos. O governo, desarmado, á mingua de leis adequadas, teve que assistir, impassivel, ao desenrolar de todo o successo escandaloso. Uma commissão especial que, sem demora, a Camara dos Deputados nomeou para estudar o assumpto e propor as medidas assecutorias dos interesses envolvidos nesse lastimavel estado de cousas ainda não desempenhou a sua delicada tarefa.

Entretanto, bem simples seriam as providencias a tomar afim de que se garantissem não sómente as economias privadas, já accumuladas, como os grandes interesses de ordem publica, tambem já



compromettidos e aos quaes devem estar vinculadas as providencias necessarias á vida, ao credito e á prosperidade da propria Nação.”

As providencias teriam sido, como serão ainda hoje, as que fizeram entrar essas associações mutuas num systema geral de coordenação do mutualismo.

Ainda aqui, continua Ataulpho de Paiva a dizer cousas a que a indifferença do meio assegura um permanente caracter de novidade...

Onde o trabalho de Ataulpho adquire um aspecto de inquestionavel utilidade é na terceira parte: a que diz respeito á Assistencia.

Aqui é a informação minuciosa de quanto se tem feito no Rio de Janeiro e alguns outros pontos do Brazil sobre o vastissimo problema da Assistencia.

Assistencia social, Assistencia Publica e Privada no Rio de Janeiro, Assistencia á Infancia, Assistencia á Velhice, Assistencia á Mulher, Assistencia aos Estrangeiros, Assistencia pelo Trabalho, os patronatos, Assistencia em domicilio e Assistencia Hospitalar, Assistencia aos alienados, Assistencia aos tuberculosos, Assistencia aos leprosos, O alcoolismo, A avariose, Assistencia methodica, Alliança entre a Assistencia Publica e a Assistencia Privada, O officio de Assistencia — taes são os titulos dos capitulos em que se divide toda essa larga parte informativa do trabalho de Ataulpho de Paiva.

Esse simples enunciado basta para mostrar a vastidão do trabalho, como fonte de informações.

De tudo ha alli noticias. Nada se fez no terreno pratico sobre qualquer daquelles ramos da assistencia, de que não dê Ataulpho uma leve menção, pelo menos.

Director de um serviço de estatistica da Assistencia Publica e Privada, organizado na Prefeitura do Districto Federal, tem tido Ataulpho a oportunidade de apalpar esse maravilhoso organismo de caridade publica em todos os seus orgams, valendo, pois, as suas informações pelo caracter veraz com que são dadas. Ninguem tão aparelhado, como elle, para um trabalho de tal natureza.

A par das informações, sempre interessantes, ha os conceitos doutrinarios, sempre elevados.

Estudando, por exemplo, o problema da lepra que tão profundamente está impressionando o Estado de S. Paulo e que mostrou no Estado do Rio um serviço de indagação por mim iniciado, quando na direção dos serviços de Hygiene desse Estado, diz Ataulpho a proposito do Hospital dos Lazaros estas palavras dignas de ponderação:

“Na obra, ainda não publicada, que, sobre a Historia e Estatica da Assistencia Publica e Privada do Rio de Janeiro, mandou executar a Prefeitura do Districto Federal, faz-se especial menção dos inestimaveis serviços praticados pelo Hospital dos Lazaros de Candelaria.

Mas é justamente nesse estudo que sobresae uma grave revelação envolvendo uma culpa que allás não attinge a essa piedosa associação.

Acha-se rigorosamente verificado, por um quadro elaborado adrede, que, só no anno de 1912, sabiram do Hospital dos Lazaros 73 enfermos leprosos.

Quer isso simplesmente significar que foram 73 individuos que se encarregaram de espalhar o germen do mal, fazendo novas victimas, constituindo novos focos de contaminação, novos elementos de destruição.”

São informações dignas de peso, essas, no momento em que o paiz alarmado pelo patriotico brado do Prof. Miguel Pereira, começa a se preocupar de sua saúde.

O estudo que no Estado do Rio eu confiei ao sr. dr. Paes de Azevedo, medico da Inspectoria de Hygiene, onde era eu chefe, vae ser uma revelação sensacional. Toda a zona marginante da Lagôa de Araruama foi percorrida por aquelle eminente bacteriologista, cuja competencia é hoje incontestemente nesses assumptos de lepra. A estatistica que elle levantou é alarmante. As circumstancias especiaes de facil contagio, são assustadoras. Tudo isso se ignora ainda até aqui. Amanhã quando fôr officialmente divulgado talvez não consiga maiores resultados que os da compungida verificação de um mal lamentavel.

E' sempre assim no Brasil. O orçamento em materia de leprosos é feito a olho e vae de 25 mil a 1 milhão.



S. Paulo e o Estado do Rio são os unicos, a meu conhecimento, que abordaram o problema, ao qual aliás deu S. Paulo desde logo o seu cunho de applicação pratica.

O mal não é, entretanto, que tenhamos 25 mil leprosos ou 1 milhão. O mal é que os tenhamos em liberdade, disseminando á vontade o seu terrivel morbus. O facto assignalado no livro de Ataulpho de Paiva é muitissimo mais grave que o da grandeza da cifra a que possam attingir os leprosos, porque elle mostra que nem daquelles que se acham hospitalisados fazemos no Brasil um isolamento completo.

E' uma verificação lastimosa!

Conhecer um problema nacional sob seus multiplos aspectos, é pelo menos estar apto a soluçional-o.

O livro de Ataulpho de Paiva informa seu leitor de todos os aspectos da questão da Assistencia no Brasil.

E' já uma vantagem.

Seria sufficiente, se não fosse além disso um trabalho doutrinario de folego, escripto em bom portuguez, cheio de enthusiasmo communicativo nas grandes causas e nas grandes idéas, que alli passam de pagina para pagina em bemfazejas manchcias.

Livros desses escreve-se um em toda uma vida literaria, porque é um formidavel accumulador que alli se acha de informações, de idéas, de erudição e de grandeza de alma!

MAURICIO DE MEDEIROS.



---

---

## UM CAPITULO DE SEMANTICA

---

Com o vivaz colorido da imaginação, reflecte a phrase em todas as formas da linguagem o drama que se representa na mente humana, animando as scenas que concebemos, dando papéis distinctos aos symbolos de nossas idéas, sejam elles no conglomerado verbal palavras ou simples raizes e affixos. Quando é dotada de sentido completo, perfeitamente intelligivel, bem lhe quadra por certo o nome de *clausula*, etymologicamente definido, como observou Hermosilla; não é esse entretanto o que lhe dão os grammaticos, que tradicionalmente preferem denominar-a *sentença*, *oração* ou *proposição*. Aceitemos qualquer desses termos, que não nos importa agora discutir. Basta ao fim que collineamos considerar de relance o ultimo. Do conceito de *proposição* com todo o rigor logico se infere a absoluta necessidade de figurar entre os actores da phrase um protagonista, que a todos os outros domine e que, em ultima analyse seja, segundo Aristoteles, a *πρώτη οὐσία*, a primeira substancia, a individualidade real e concreta. Mas nem toda a phrase, oração ou sentença é de tal maneira a expressão verbal de um juizo.

E' sabido que em modalidades inferiores da linguagem, como, por exemplo, no esquimo e no algonquino, não ha proposição: limita-se o drama oracional a uma série de substantivos hierarchizados, correspondentes a uma successão de idéas coordenadas ou subordinadas. Até linguas a que não se podem negar foros de cultas, como o chinês, se caracterizam por meios rudimentares de expressão, em que não se define com toda a clareza a equação logica do discurso. E embora seja impossivel de se conceber, no ponto de vista logico, uma oração sem sujeito, ao menos vestigios desses processos em todas as linguas se encon-

tram, como desde Miklosich têm evidenciado os glottologos. Em nosso proprio país já o estudo desses factos linguisticos não constitue novidade.

Em nenhum outro terreno mais do que neste se poderia chegar á conclusão de que a logica das linguas é inteiramente illogica. Mas não nos apressemos em proclamar a fallencia da linguistica, nem a de uma disciplina, que mais do que sciencia é condição de sciencia, tanto da nossa como das demais — *logias*. Orientemo-nos antes por ella, procurando systematizar os factos da linguagem.

Se se concebe como sujeito o nominativo, a palavra no chamado caso recto, integramente constituida e na plenitude de sua força, não somente autonoma porém no exercicio da mais elevada das funcções de regencia, que devemos entender por orações sem sujeito? Em sentido lato, são-n'o todas as que estão privadas de expressão analytic do primeiro termo do juizo; tanto como — *pluit* e — *ningit*, são-n'o, pois, em latim — *amatur* e — *amo*. Ha nestas um sujeito psychologico: — *Quis amat?* *Aliquis* ou *ego*, respectivamente; mas taes noções não têm na phrase representação verbal distincta: syntheticamente se exprimem por elementos formaes accessorios e vagos, por simples desinencias ou morphemas.

Objectar-se-á que em casos de mera conjugação interna, pessoal, como — *amo, amas, amamus, amatis*, ha ellipse; que se devem então subentender os sujeitos — *ego, tu*, etc. Mas o argumento só é valido em relação a linguas analyticas, como o latim popular e o de Plauto, applica-se apenas a casos em que se pode considerar ao menos em caminho de obliteração o valor das desinencias pessoaes. Este valor totalmente se mantinha na prosa classica, em que as construcções analyticas só apparecem como excepcionaes e figuradas, para exprimir emphaticamente a idéa do sujeito e sobretudo para assignalar contraste, como nas phrases de Cicero — *ego reges ejeci, vos tyrannos introducitis*; — *et tu apud patres conscriptos contra me dicere ausus es?* Como em todas as linguas syntheticas, o mesmo acontecia em grego, segundo estatue com abundante documentação Gildersleeve (*Syntax of Classical Greek*, § 35).

Quanto á poesia, é verdade, não é licito insistir nesta explicação do emprego dos pronomes da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup> pessoa; mas ha



então um outro factor igualmente consciente e não menos artificial, é o rythmo da phrase, para o qual appella Victor Henry até em relação á prosa, explicando assim o modo por que em gotico traduziu Ulphilas uma phrase da Biblia, synthetica no texto grego: *nu witun thu kant alla, vñv óidamev óri óidas pávra, nunc scimus, quia scis omnia* (Jo. 16: 30). No estadio de condensação da linguagem a que pertencem os exemplos que assim se explicam, a uma expressão oracional regular, sem sujeito separadamente expresso (*amo, amas, amamus, amatis*), que é o facto natural, espontaneo, inconsciente, unico por que se interessa o glottologo propriamente dito, corresponde como artificial, reflectida, consciente, uma construcção pleonastica, interessante, sim, mas exclusivamente no ponto de vista philologico e artistico.

Não é só na differença das linguas litterarias e populares coexistentes que se poderão fundar objecções a este criterio. Por outro lado se dirá que somente considerámos phases archaicas da linguagem, que as linguas, em seu evoluir, têm assumido feição analytica. Transportemo-nos, pois, aos tempos modernos, vertendo para o francês as expressões *amo* e *amatur*: — *j'aime, on aime*. A' primeira vista, afigura-se agora evidente a dichotomia da phrase. Mas não nos contentemos com apparencias, que não resistem ao menor embate da razão. Desçamos ao rudimentar, infantil processo da pesquisa do sujeito: — *Qui est-ce qui aime?* A resposta que afflora prompta aos labios de quem quer que seja não é — *je* nem — *on*; estes somem-se dando lugar a *moi* e *quelqu'un*, embora não haja identidade entre as orações — *j'aime* e — *moi, j'aime*, nem entre — *on aime* e — *quelqu'un aime*. — *Je* e — *on* representam sem duvida — *ego* e — *homo*, porém decahidos, inteiramente privados da propriedade de significar isoladamente essas ideas; já não são palavras propriamente ditas, converteram-se em simples affixos. Ha linguas em que ainda é muito maior a condensação do verbo. Assim, no islandês antigo, se pospõe o pronome: *hygg + (e) k = hykk*, “penso”; *sé + (e) k = sék*, “vejo”; *cs + t (u) = est* “és”; e, com o suffixo negativo — *at*, obliterada a noção do pronome affixo, faz-se a sua duplicação: *sé + (e) k + a (t) + (e) k = sékkak* “não vejo”, a que ainda se pode antepôr a expressão do sujeito: *ek sékkak*, “eu não vejo” (= *ek + sé + ek*

+ *at* + *ek*). Como é sabido, por semelhante processo se formaram, senão todos os morphemas das linguas indo-europeas, ao menos as desinencias pessoaes, de accordo com a hypothese de Bopp.

Para o fim de estudar em ponto de vista semantico a categoria impessoal, bastam estas considerações preliminares sobre os verbos sem sujeito e a divisão da respectiva classe, que dellas naturalmente decorre. Parece-nos ter ficado claro que nas formas — *amo*, *ʃaime*, *amatur*, *on aime*, a linguagem é mais ou menos synthetica, representa a idéa do sujeito por flexões e affixos; que se algum destes morphemas é separavel, não é comtudo palavra autonoma e muito menos regente. Claro tambem é que — *amatur* e — *on aime* só se distinguem de — *amo* e — *ʃaime* pela indeterminação do sujeito syntheticamente expresso.

Como o sentido pessoal, o impessoal ás vezes se exprime por pronomes atonos ou particulas que entram no systema da conjugação, que em vez de palavras propriamente ditas são meros affixos. *Tis* (indo europeu *qwi*) é a forma assim empregada em grego. (\*) Nas linguas germanicas é o substantivo *man*, tambem inaccentuado, que assumiu esse valor indefinido. Em baixo latim, especialmente no latim da Gallia, *homo* tornou-se pronome atono, que as linguas romanicas, excepto o francês e alguns dialectos de pequena extensão geographica, não couservaram. Confundindo-se em alguns lugares com *homo*, encontra-se a forma *unus*, principalmente usada entre os Grisões, mas tambem ás vezes noutras linguas romanicas, sobretudo em castelhana (Meyer-Lübke, III, § 92). *Unus* tambem apparece em Portugal, mas no Brasil é tão desconhecido como *homo*; é frequente no inglês (Koch, Matzner), onde ás vezes o confundem com o francês *on* (Masou, Morell). Identico valor tem em varias linguas o reflexivo, em construcções como *vive-se*, etc. Nessas e em expressões equivalentes, de maior ou menor condensação morphica, ha designação de um sujeito que só differe do definido assim como o abstracto do concreto.

---

(\*) Quanto á forma, compare-se lat. *quis*, etc., — e, se é licito, como quer Trombetti, sahír do dominio indo-europeu, veja-se nas linguas semiticas, nas uralo-altaicas, etc., a raiz *ku* — “homo”, que tambem tem sentido colectivo “gens” e indefinido “*ṛis*”.

O protagonista da acção verbal, como os outros actores, que desempenham no juizo papeis secundarios, é subjectivamente determinado pelo papel que tambem representa na interlocução. Segundo este caracteristico, podem ser assim classificadas as noções que delle temos:

eu (1. <sup>a</sup> pessoa)			
não-eu	{	interlocutor do eu (2. <sup>a</sup> pessoa)	
	{	não-interlocutor	{
	{	(3. <sup>a</sup> pessoa)	
		presente ou proximo do eu	{
		ausente ou distante	
			{
			conhecido do eu
			desconhecido

As linguas flexivas apenas determinam em expressões syntheticas a pessoa que fala e aquella com quem se fala; deixam a terceira em si mesma indefinida ou só analyticamente lhe exprimem a determinação. O primeiro grau, rudimentar, de abstracção é o que se nota nos soliloquios, quando o *eu* se desdobra, assumindo o papel de interlocutor. Outro é a impessoalização dos interlocutores, como se deixassem de o ser, em formas de tratamento, familiares e reverenciaes. A's vezes a objectivação é incompleta, como nas construcções analyticas de Thucydides e Cornelio: — Θεμιστοκλῆς ἦκω παρὰ σέ, *Themistocles veni ad te*; outras, completa: — *Pausanias, dux Spartaë, tibi muneri misit*, Πανσανίας ἀποπέμπει. Mas assim como o euphemismo produz quasi sempre o desenvolvimento pejorativo do sentido das palavras, tambem essas abstracções de conceito acarretam pessoalizações de forma: a expressão, definitiva ou accidentalmente, passa da categoria indeterminada para a determinada. Desse modo o pronome indefinido analytic — *a gente*, como sujeito ou como complemento, só se emprega pela primeira pessoa; se a exclue, deixa de ser idiotismo nosso, conserva inalterado o valor de colectivo que tinha em latim: — *a gente trabalha sem cessar (eu, nós ou o povo)*. Compare-se o castelhano — *uno*, tambem restricto á primeira pessoa, o francês — *on*, (\*) etc. Já em grego o mesmo acontecia com — *tis*, que se encontra por — *ὑμεῖς* (*Anabase*, 3, 3, 3) e por — *ἡμεῖς* (*ib.* 4,

(\*) *Homo* propagou-se no norte da Italia como desinencia de primeira pessoa do plural: — *cantum*.

40), assim como por — *Kŷpos* (ib. 1, 4, 12). Discutindo os impessoaes latinos, disse Vossio, citado por Miklosich: "*Quis non videt, nisi Hypsala caecior, statur et vivitur idem esse ac stamus et vivimus?*" Por essa abstracção de conceito se explica a translação de sentido pessoal dos pronomes italianos — *lei*, *ella*, do allemão — *sie*, e de todas as formas de tratamento identicas ás nossas: — *Como vae? Então não fala com a gente?*

Consideremos agora as formas determinadas. Subjectiva como é, não pode considerar-se perfeita a sua determinação: os interlocutores podem ser A e B ou C e D ou quaesquer outros. Além disso, em cada caso invertem elles os papeis, sendo ora um ora outro quem fala. Se fixarmos o conceito do *eu*, passará o interlocutor a ser indefinido, como pessôa didactica. No modo potencial, supprido em latim e noutras linguas pelo subjunctivo, é classico o emprego da segunda pessôa como indefinida: — *credere victos* (T. Liv., 2, 43, 9); — *τὴν πòλλιν ὄντως ἂν ἤγγισο* (*credere*) *πόλεμον εργαστήριον*, "teria tomado (*on aurait pris*) a cidade por um verdadeiro arsenal". Esta impessoalização estende-se tambem ao indicativo e encontra-se em quasi todas as linguas (hebraico: *Lev.*, 2:4; *Prov.* 19:25, etc.) Nas linguas romanicas é muito frequente, principalmente em italiano e (no plural, pelo singular) em provençal. (M. Lübke, loc. cit.). Observando que a tal respeito não parece que Virgilio nas *Georgicas* e Horacio na *Arte Poetica* tenham seguido methodo novo, observa algures Paul Lejay: "la deuxième personne est la personne didactique, qu'il s'agisse du Décalogue ou de recettes de cuisine".

Como acima dissemos, as formas syntheticas da terceira pessôa são ordinariamente indeterminadas e só por translação de sentido é que podem representar sujeito definido. Mas o conceito de pessoa grammatical, cuja divisão traçámos, não é o unico determinante que se deve levar em conta; recorre a linguagem a outro, tambem subjectivo, porque deriva do proprio homem, isoladamente e na familia, em relação com o mundo exterior: é o *genero grammatical*. Qualitativamente, podem distinguir-se, em ordem de determinação crescente, os seres inanimados e os animados, como *algo* e *alguem*, e, entre os ultimos, os de sexo masculino e os de sexo feminino, como *alguem* e *alguma*. Attribute-se naturalmente ao neutro a representação da impes-

soalidade (*pugnatum est*) e as flexões e affixos pessoais assumem a função de índices da determinação do sujeito. Porém esse valor, na terceira ainda mais que na segunda pessoa, pode obliterar-se por impessoalização de conceito. Assim nas línguas semíticas a terceira pessoa do singular perde o carácter de definida, como em hebraico — *amar elay* (I Sam. 23:22), literalmente “disse-me”, “elle me disse”, com a significação de “disseram-me” “on m’a dit”, que os LXX traduziram por *μοὶ εἶπον* (comp. Gen. 2:20; 11:9; 16:14; 48:1-2; etc.) Em grego citam-se numerosos exemplos: — *ὄνοχοεῖται* (Odyssea, φ’ 142), “(on) verse le vin”; — *ἐπὶ ἐσάλπιγγε* (Anab., 1, 2, 17), “lorsqu’(on) a sonnè la trompette”; — *ἐκήρυξε τοῖς Ἑλλεσι* (ib., 3, 4, 36), “(on) a proclamé aux Grecs”; etc. Aconteceu o mesmo nas línguas itálicas, segundo vestígios que conservam as fórmulas jurídicas e religiosas: v. latim — *si in jus vocat, ito*; — *post meridiem praesenti litem addicito* (XII Tab.); umbr. — *cste persklum avcs anzeriatcs enetu*, “istud sacrificium avibus observatis inito”; etc. Assim em Catão — *dolia, quo vinaceos condant* (R. R. 10, 4); em Varrão — *ita pascere pecus oportet, ut averso sole agat* (2, 2, 11); em Plínio — *capitis dolori medetur hiberis alligata hora vel diutius, si pati possit* (N. H. 25, 134); etc. Em latim clássico só se pôde citar o emprego de — *inquit*, que não se encontra em Cesar, nem em Sallustio, nem em Tacito, mas é ciceroniano: — *non concedo, inquit, Epicuro*; — *ubi nec Pelopidarum, inquit* (Att. 14, 2, 2). Com verbos *sentiendi* e *declarandi* essa construção era frequente em velho islandês: — *at eige’sé suerdhit* “que (Von) n’cût pas vu Vépée”; etc. Exemplos semelhantes, de verbos declarativos, ha-os também românicos: italiano — *nel libro della vita di Cristo dice che...*; — *dice che San Paolo...* (Cavalca, Vite); português antigo — *em ellas faz mençom* (Textos Archaicos, p. 33); etc. Conserva-se ainda em nossa língua a expressão — *diz que...* “dicitur”, “dizem”, “on dit”.

A *persona grammatical* e o *genero* constituem um systema de coordenadas que define em duplo conceito de personalidade o primeiro termo da proposição. Mas, principalmente em virtude da obliteração do neutro, essa determinação é insufficiente. Aos determinantes qualitativos junta-se o *numero grammatical*, que também tem raiz na família humana, segundo Grasserie, e sobrevive ao genero na flexão do verbo. O singular e, em algumas línguas, o dual, até o trial e o quatrial representam a determinação numerica e o plural a indeterminação. Como na simples impessoalização dos interlocutores, seguida de pessoalização de

forma, pode o emprego da flexão do plural surgir de uma abstracção. E' o que se dá no tratamento reverencial, no emprego de *vós* por *tu* (comp. francês-*vous*, inglês-*you*, etc.), assim como no de *nós* por *eu*. Na terceira pessoa, é evidente que assim se confundem as duas especies de indeterminação, qualitativa e quantitativa. Em ultima analyse, é igual a-*on* o sujeito-*homines* que se costuma subentender nas expressões classicas — *dicunt, ferunt, narrant, tradunt*, assim como — *auctores* em — *adi-ciunt miracula huic pugnae* (Livio, 2, 7, 2). Casos ha em que, apesar da flexão, seria absurdo subentender o sujeito no plural: — *Aqui d'el-rei! que me mataram!* (Herculano, *O monge*, 1, 77); — *que matan a Clotaldo!* (Calderon, *La vida es sueño*, 2, 589); *de dentro da cortina lhe mostravam hum pé* (Barros, *Dec.* 1, 3, 4). A's vezes a expressão impessoal é seguida de outra pessoal: — *Baptizaram a Jesus Christo Nas aguas do rio Jordão, Baptiza São João a Christo...* (*Rom. trasmont.*, *Rev. Lus.*) Compare-se a phrase de Guillem de Castro — *Señor, a mi padre han muerto!* (*Mocedades*, 2, 31), que Corneille reproduziu, em forma pessoal: — *Rodrigue a tué mon père — il a tué mon père*. A impessoalidade dessas phrases é a mesma do singular, que mencionámos ao citar o exemplo de Xenophonte — *ris* por — *Kūfos* (*Anab.* 1, 4, 12).

Considerando *lato sensu* a expressão "orações sem sujeito", vimos até aqui exemplos que só aparentemente infringem as regras logicas da proposição. Constituem os impessoaes estudados uma classe, de sujeito pessoal indefinido, mas analyticamente determinavel, com ou sem alteração da forma verbal, por meio da pergunta — *quis?* A differença semantica, original ou adquirida, que ha entre as orações dessa categoria (*λεγοῦσι, φ|ασι, dicunt, aiunt, on dit, man sagi*, etc.) e as pessoaes, consiste unicamente no caracter indefinido do sujeito: — *Quem diz? Eu* ou *tu*, *este* ou *aquelle*, *uma* ou *varias pessoas*. Mas aquella phrase tambem pode tomar-se em sentido restricto. Considerando orações sem sujeito as que são privadas não somente da expressão, mas do proprio conceito do primeiro termo da proposição, assim se denominam apenas aquellas que não exprimem predicação real, que simplesmente enunciam um facto. Quando, por exemplo, se diz — *chove* ou — *não chove ha muito tempo*, enunciam-se phrases de sentido completo, é a noção verbal que

occupa toda a scena ou em torno della se agrupam apenas personagens de ordem secundaria. Sem que essa noção essencialmente se altere, a ninguem ocorrerá por certo perguntar — *quem?*

Com Henri Weil se poderá observar que até na phrase — *hunc juvenem intemperantia perdidit* não se emite um juizo acerca da intemperança e que, se é absolutamente necessario vêr nella um juizo, em vez de simples enunciação de facto, mais natural seria consideral-o formado a respeito do joven, que não é o sujeito. Mas este conflicto da syntaxe e da logica, mesmo restricto ao campo das construcções impessoaes, não pode ser estudado dentro dos limites que aqui nos impusemos, de investigação exclusivamente semantica; merece naturalmente um capitulo especial de syntaxe de regencia. Se, pois, até agora nos mantivemos fieis á logica, respeitando a dichotomia da proposição, embora nos tenhamos libertado do idolo da forma, estudando a sentença nos moldes de uma equação algebrica, ainda que muitas vezes condensadamente expressa, esforcemo-nos por nos mantermos nesse ponto de vista, encaremos como analogos ao gran extremo da abstracção os verbos que se concebem como destituídos de sujeito, — *̄et, ví φ et, pluit, ningit, etc.* Estes apresentam-se com a flexão da terceira pessoa e ás vezes com um pronome neutro: — *il pleut, e' piove, es regnet, det regnar, it rains, etc.* Mas o pronome em semelhantes casos é, segundo Sweet, “a purely grammatical empty subject-word”.

Concebemos os *verba naturae* como privados de qualquer especie de sujeito, por não despertarem elles a pergunta — *quem?* Em caso de duvida apenas suggerem uma interrogação essencial — *que acontece, aconteceu ou acontecerá?* Quaesquer outras que se imaginem são meramente accessorias — *quando?* *como?* — *onde?* — *porque?* — etc. Embora sejam relativamente raros em latim classico (como observa Schmalz, Cicero conhece apenas — *advesperascit* e *invesperascit, fulget* e *luet*, assim como *luciscit* nas cartas), em todos os ramos antigos das linguas indo-europeas se empregaram taes verbos desacompanhados de nominativo: — sanscrito—*varshati*, grego—*̄ea*, latim —*pluit*, gotico—*rigneith*, velho slavo—*duzditu*, lituano—*lija*, “chove”; sanscrito—*stanáyati*, latim—*tonat*, v. alto allemão—*donarot*, v. slavo—*grimitu*, “troveja”; etc.

Pode ser que taes construcções tenham todas derivado de outras dotadas de sujeito. Ideias bem diferentes das que hoje temos podiam ellas representar para o homem primitivo, que attribuia a uma divindade cada um dos phenomenos da natureza. Considerando *Θεία ρήματα*, “verbos divinos”, os dessa categoria, os grammaticos gregos e tambem os latinos lhes subentendiam sempre um sujeito — *ὁ ἴων*, *Zeus*, *Jupiter*, etc. E nas linguas classicas, o agente divino é ordinariamente expresso, não só na poesia, como na prosa, quando se quer reproduzir a linguagem popular; Homero o enuncia sempre — *ἔειπε δ' ἄρα Ζεὺς*, (*Illiada*, M, 25; etc.) Em latim, o facto não ocorre na prosa classica, mas é commum nos escriptores ecclesiasticos — *Deus*, *Dominus pluit*. Compare-se v. slavo — *oblaku duzditu*, “a nuvem chove”, etc. Tambem outros impessoaes, muito frequentes em latim, como — *me pudet*, *me poenitet*, podem a igual titulo considerar-se derivados de construcções pessoaes: — *non te haec pudet; me haec condicio nunc non poenitet* (*Plauto*). Estas são ante e post-classicas, muito usadas em baixo latim.

Será de facto a categoria puramente impessoal uma conquista da abstracção? O problema tem sido muito discutido, mas, como concluíram Delbrück e Brugmann, é ainda questão aberta. Em todas as phases da linguagem tem, sem duvida, havido phrases simples, de um só termo, até palavras holophrasticas, como as interjeições e os vocativos, que não despertam ideas de sujeito e predicado claramente definidas. Apesar da difficuldade de pesquisas desta ordem, baseando-se na correspondencia de sanscrito *â*, latim *ah*, etc., conseguiu Fick no dictionario das raizes proethnicas fixar formas interjectivas como — *\*a*, *\*ai*. Tambem o verbo poderia ter sido originalmente indeterminado. Imperativos como — *\*ei* e — *\*bhere*, latim — *i* e grego — *ἔρε*, privados de quaesquer indices de pessoa, tempo ou voz, impessoaes como — *pluit*, com o valor psychologico de uma exclamação — *a chuva!* — podem perfeitamente representar o estado original do verbo indo-europeu (\*).

(\*) Diz Bréal (*Sémantique*, p. 82) que no plano primitivo a acção era sempre referida a uma pessoa, porque o verbo indo-europeu podia dizer — *ἔρω*, *ἔρεις*, *ἔρει* e não — *ἔρειν*; porque, em summa, o infinito resultou duma abstracção. Mas não quer com isso dizer que

Essa hypothese não póde de maneira absoluta ser contestada, porque innumerous factos a confirmam e porque explica satisfactoriamente a genese da categoria pessoal. Mas leva-nos a uma forma linguistica tão rudimentar e de tal illogismo que não se póde considerar como linguagem propriamente dita. Não nos precipitemos na investigação de origens tão remotas, detenhamo-nos á beira do abysmo, em terreno firme e de horizonte perscrutavel. Innegaveis casos de pessoalização se nos deparam em que se verifica ser o conceito de pessoa adquirido, por adaptação de forma absolutamente impessoal; taes são, por exemplo, os imperativos em — *tu* e — *mu* dos dialectos italicos. E' forçoso admittir, no estadio de formação da linguagem, que a todo momento se reproduz, a existencia de noções e expressões syntheticas e vagas, equivalentes de juizos e proposições perfectas, mas destituídas dos elementos logicos que a estas caracterizam. E independentemente de qualquer especulação relativa á evolução original — ascendente ou descendente, passagem do estado analytic para o de condensação, ou do synthetico para o de rarefação — é de ver que os verbos inteiramente privados de sujeito têm mais intima connexão semantica com os de sujeito indefinido, que com os verbos puramente pessoaes. Se é original a propriedade que elles têm de exprimir acção ou estado como simples facto, a pessoalização de sentido a que estão sujeitos, a decomposição da phrase em dois termos logicos por translação semantica, dá valor de pessoa indefinida ao elemento formal que se torna pronome ou desinencia; se é, ao contrario, adquirida, em grau extremo de abstracção, pela fusão completa dos elementos do juizo, tem-se de admittir que o sujeito era antes indeterminadamente indicado pela desinencia ou pronome, cuja significação se obliterou ou que se perdeu. (Cp. *zend-varenti* "chove", com desinencia de terceira pessoa do plural (?).

Ha em todas as linguas expressões verbaes em que não se distingue a differença de syntaxe que ha entre—*on aime* e —*il pleut*; taes são, por exemplo, gr. — *ἔστιν ἰδέειν*, sl. — *jestû viděti*, lat. — *est videre* (Tacito, *Germania*, 5, 10), "il est possible de voir"

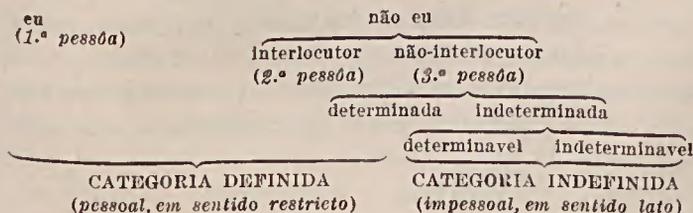
---

as fórmulas pessoaes sejam absolutamente primitivas, pois no ultimo capitulo do mesmo livro, estudando especialmente o verbo proethnico, nega-lhe as caracteristicas de tempo, aspecto e pessoa, e só lhe concede as de modo, para o distinguir do substantivo.



ou “on peut voir”; port. — *de que se trata?* — equivalente de “que é? que acontece?” ou de “que fazem? de que tratam?”. A simples indeterminação da pessoa constitue, pois, naturalmente um elo entre as duas categorias oppostas, pessoal e impessoal. Esta aproximação é apoiada por varios factos, entre os quaes podemos pôr em evidencia os casos de emprego da flexão da terceira pessoa, que os grammaticos ordinariamente explicam considerando o sujeito elliptico ou comprehendido no verbo, mas pertencente a determinada classe de individuos. Tanto como — *ἴει* (sc. ὁ ἴων), são desse typo as já mencionadas construcções: — *ἐπεὶ ἐσαλπυγίξε* (sc. *τὶς* vel ὁ *σαλπυγκτῆς*); — *ἐκήρυξε* (ὁ *κῆρυξ*); — *ὄνοχοσέει* (ὁ *οἰνοχόος*); — *post meridiem praesenti litem addicito* (*judex*); etc. Semelhantes sujeitos são verdadeiramente indefinidos e são-n'o tanto quando se subentendem como quando vêm expressos, o que acontece nas phrases hebraicas—*ki yâmûth mêth* (*Num.*, 6:9), “se um moribundo morre”, — *ki yipól hanôrhêl* (*Deut.*, 22:8), “se um cadente cae” —, que os LXX respectivamente traduziram por — *ἐὰν τὶς ἀποθάνῃ* — *ἐὰν πέσῃ τὶς ἄνθρωπος* — e a Vulgata por — *sin... mortuus fuerit quispiam* — *labente alio et in praeceps ruente*.

Os verbos impessoaes não se confundem com as demais palavras holophrasticas, que absolutamente não se subordinam ás leis da logica. Distinguem-se por morphemas, pronomes ou desinencias, que na evolução da linguagem podem já ter tido ou vir a ter como função designar-lhes um sujeito, embora indeterminadamente. Tanto no estudo da sua evolução syntactica, de que agora não cogitamos, como no da evolução semantica, é, portanto, licito incorporal-os á classe dos de pessoa indefinida, dos quaes verdadeiramente se distinguem por mera differença especifica. E assim, embora chegemos ao grau zero da determinação do sujeito, do seguinte modo se completa e resume, independentemente dos determinantes, a classificação dos conceitos de pessoa grammatical:



Um abysmo chama outro. A inclusão dos verbos impessoaes na classe dos pessoaes, satisfazendo quanto é possível o requisito logico da proposição, não se faz sem attingir o valor preciso da distincção que existe entre o definido e o indefinido. Para exprimir com toda a nitidez os conceitos de determinação e indeterminação, os recursos da linguagem usual são muito insufficientes; evidencia-se a sua pobreza até nos casos em que se poderia esperar bem nitida differenciação, em virtude do concurso de processos analyticos e de outros determinantes qualitativos e quantitativos. Tomemos, por exemplo, a expressão — *o homem*, que tem certo grau de determinação, como — *ille homo*; tambem a empregamos correntemente em sentido geral — *homo*, como se o conceito fosse indeterminado ou constituísse individualidade *sui generis*. Se tal é a difficuldade nas formas analyticas do lexico, imagine-se qual tem de ser no vago dominio dos morphemas. Em diversos e successivos graus de abstracção se passa de um extremo ao outro por uma cadeia cujos elos são desta ou daquela categoria conforme se considerem em relação com o antecedente ou com o consequente. E inversamente, como no diaulo hellenico, em que os cursores do estadio desandavam a carreira desde o fim até o principio, a mesma cadeia permite passar-se do extremo grau de abstracção para o do puramente concreto, da categoria indefinida para a definida. O conceito dynamico da evolução quebra o rigor da logica, impondo aos factos, a despeito das leis fundamentaes do pensamento, o meio termo que ellas em vão repellem.

Como vimos, os vocabulos e ainda mais facilmente os morphemas, frequentemente passam de um sentido para outro, de modo que estes, apesar das expressões aparentemente negativas — *indefinido*, *indeterminado*, não são rigorosamente contrarios, são apenas contradictorias. E nem sempre, antes raramente, a evolução semantica neste dominio dá surto a uma significação nova, por obliteração completa da primitiva, ou por catachrese perfeita. Com muito maior frequencia que as analyticas, prestam-se a equívoco as formas syntheticas, tomando-se ora num, ora noutro sentido. Por outro lado, o typo medio pôde não ser primitivamente de transição, mas resultar da contaminação de typos extremos, como em italiano o intermediario entre — *noi cantiamo* e — *si canta*: — *noi si canta*,

ou constituir base para a formação dos extremos, por polarização. Postas de lado as complicações syntacticas que se podem produzir, reduzem-se assim a quatro as modalidades da evolução do conceito de pessoa e da sua expressão: a *pessoalização* e a *impessoalização* propriamente ditas, a *contaminação* e a *differenciação*.

Mas se na evolução actual da linguagem esses processos se confundem, de modo que nem a recta, nem a circumferencia, nem a espiral, como querem muitos, pode representar graphicamente a successão dos factos, se as proprias phases da significação de uma forma tangível como — *homo*, aqui substantivo, alli pronome, aeolá suffixo, não podem ser ligadas por uma linha regular, mas se entrecruzam em complicada anastomose, é evidente que a deslocação do problema para o periodo das origens ainda mais lhe difficulta a solução. A muito pouco se reduz o maximo a que nesse terreno se pode sensatamente chegar. Ou a linguagem teve um estadio original concreto, em que ao surto da abstracção no espirito humano se operou o movimento de impessoalização, a que se foram juxtapondo os outros, ou, o que parece mais natural, em se tratando de um periodo de intelligencia rudimentar, mais passiva do que activa, ou de todo inconsciente, formas primitivamente vagas, sem um sentido preciso, se foram pouco a pouco definindo. Cabe aqui citar a opinião de Meillet, que, sendo contrario á impessoalidade original dos impessoaes propriamente ditos, como — *pluit*, reconhece a probabilidade da existencia da flexão de sujeito indefinido na conjugação do indo-europeu commum. Se do typo indefinido distinguimos o que chamámos medio, este só se póde considerar primitivo, como base dos extremos oppostos, com o cunho de colectivo. Podemos, pois, concluir que as palavras e os morphemas que designam a pessoa grammatical tinham provavelmente a principio um sentido colectivo ou indefinido, de que se desenvolveu o da pessoa definida e que, constituida logicamente a linguagem, na evolução dessas formas ha sempre accões e reacções, continuando a pessoa indeterminada, como a determinada, visto que os seus conceitos são tão relativos como os do abstracto e do concreto, a ter o mesmo direito de figurar no systema da conjugação.

AMERICO DE MOURA.

---

---

## RESENHA DO MEZ

---

### MONOGOS

Pode haver superioridade que não seja alvo de aggressões? Tudo parece indicar que não. A superioridade é atacada pelo simples facto de ser uma superioridade, e o seu valor se bitola precisamente pela extensão das injurias, como a altura de uma arvore poderia medir-se pela curva das pedras que lhe arremessam aos fructos. Só a mediocridade vive entre applausos perennes, saudada pelos sorrisos adocicados de toda a gente. Porque não faz sombra a ninguém.

Sempre tive uma grande admiração por Bilac, não porque o considerasse o primeiro poeta do mundo, nem o mais perfeito dos homens, mas porque o considerava como um grande poeta brasileiro e como um homem cheio de qualidades estimaveis. Era o bastante. Nada mais raro do que um grande poeta, ou do que um poeta verdadeiro, no Brasil, como em qualquer outra parte. Nada mais raro, igualmente, do que um homem ornado de muitas qualidades communs. As qualidades communs encontram-se por ahí quotidianamente, talvez por todos os cantos; o que é raro é achal-as reunidas numa só pessoa... Bilac apparecia-me como um poeta de grande vigor e esplendido equilibrio, e um homem bom, amovavel, modesto e sensivel. Esse homem e esse poeta, ha tempos atraz, fôra um bohemio das duzias, um bohemio memoravel na historia o na legenda — o que está longe de constituir uma restricção á minha syn-

pathia! De uns tempos para cá, porém, o bohemio entrara a eclipsar-se; eclipsou-se; nada deixou de si, ou deixou apenas a graça leve e irreverente da ironia, e uma certa fadiga melancolica de alma, e uma certa ansia de affeições duraveis e puras — se é que essas coisas pertenciam ao bohemio. Em lugar deste, surgiu o homem que os seus amigos tanto amam — grave e bonachão, piedoso e sereno, a fazer versos penetrados de uma sensibilidade muito nobre e reluzentes de idéas muito bellas, a amar a patria com o ardor sagrado de um rapazinho não contaminado das pestes moraes da cidade.

Bilac inspirava-me, pois, uma profunda admiração. Não seria um poeta perfeito? Era *um poeta!* Não seria um grande homem? Era *um homem!* Será pouco, por acaso, ser um poeta e ser um homem, no meio de ondas de declamadores e de enxurradas de macacos? Uma coisa, entretanto, me affligia um pouco: Bilac era demasiadamente querido e aclamado, era universalmente louvado... Estaria eu em erro? Como podia ser superior, de véras, um homem que ninguém aggreidia sem motivo, que ninguém apedrejava sem razão? E duvidas crueis me assaltavam. Agora, porém, estou tranquillo. Levanta-se contra Bilac, desde que elle desdobrou sobre o nosso horizonte todo o tamanho do seu porte, uma campanha poeirenta de malquerenças, de calumnias e de insultos. Respiro. Já não tenho duvidas. Quero-lhe mais do que nunca. — Yorik.



## MOVIMENTO LITERARIO

Segundo noticiou *O Estado de S. Paulo*, acha-se em vias de organização, nesta capital, uma sociedade por acções, cujo fim é editar obras de escriptores paulistas. A Sociedade encarregar-se-á da propagação dos livros que publicar, procurando extrahir para si apenas os lucros necessarios á sua manutenção.

A idéa é por certo muito boa, pois todos sabem que a falta de editores activos e cultos, entre nós, entrava lamentavelmente o nosso desenvolvimento literario. Como o *Estado* fez notar, ha entre nós não poucos escriptores que têm livros promptos, e entretanto não os publicam por não encontrarem facilidades nem compensações para isso e por não se resignarem a exercer as funcções de mercadores dos proprios livros.

Annunciam-se para breve os seguintes volumes, neste Estado:

— Livro de versos de Amadeu Amaral, "Espumas", edição da revista "A Cigarra", a apparecer em dezembro proximo;

— livro de versos de Luiz Carlos, "Columnas", com prefacio de Alberto de Oliveira;

— romance de Claudio de Sousa;

— uma collectanea posthuma de produções de Ricardo Gonçalves;

— um livro de versos de Cyro Costa;

— uma serie de quadros historicos de A. de Cerqueira Mendes.

\* \*

Realizou-se no dia 18, no salão do Conservatorio desta capital, uma "hora literaria" em que figuraram varios homens de letras, entre os quaes o sr. Felix Pacheco, da Academia Brasileira. O resultado pecuniario foi em beneficio da projectada herma do poeta Baptista Cepellos.

O publico applaudiu a execução do interessante programma, parecendo que isso animou os promotores da festa a preparar a realização de outras "horas".

## HENRIQUE SIENKIEWICZ



Com a morte de Henrique Sienkiewicz desapparece o polaco vivo mais notavel e uma verdadeira figura universal. O romance "Quo Vadis?", traduzido em todas as linguas modernas, e conhecido de

toda a gente, inclusivé da quo é extranha á cultura literaria propriamente dita, deu-lhe um renome que poucas celebridades contemporaneas terão alcançado. Um critico italiano, prefaciando uma tradução que fizera das suas obras, definiu-o precisamente nestas linhas, reportadas por José Verissimo no seu livro "Homens e Cousas Extranjeiras":

"Estudado sigularmente e no complexo da sua vasta obra, accumulada sem pressa e sem pausa, Henrique Sienkiewicz é uma alta, nobre e verdadeira indole de escriptor artista; a sua mesma aristocracia intellectual, porém, dá-lhe aquella sensibilidade pesarosa pela vulgaridade da vida, que parece sorriso e é dor. Trabalhador methodico e reflexivo, acha-se elle entro o espirito scientifico-historico e a consciencia moderna, como juiz e parte, e deve em arte ficar impessoal: de onde o seu pessimismo que, analysando, interpreta as fibras mais escusas dos coração, sem achar remedio. A fé no triumpho do bem não lhe tira da alma o desassocego, os temores, a certeza do mal".

Do "Quo Vadis?" fez o escriptor brasileiro acima citado este elogio que os annos ainda não desmentiram:

"Quo Vadis?" com ser talvez o mais perfeito romance historico dos ultimos trinta annos, não foi senão um dos raros que nos podem reconciliar com esse genero meio hybrid, e um dos livros mais bellos da literatura de imaginação".

## A POESIA DE RICARDO GONÇALVES

Poeta... Que surrada andas tu, pobre palavra, e longe do sentido intimo, pelo vezo mau de te vestirem quantos por ali medem versos nos dedos para uma periodica postura de sonetos nas revistas!

Poeta — *poeta* não é o malabarista engenhoso que acepilha versos, embora bellos, senão a creatura eleita que resôa ás mais subteis vibrações ambientes, como se toda ella, corpo e alma, fôra uma harpa eolia de cordas vivas. Os crepusculos estirados de sangue, o marulho das ondas nos fragedos, o bisbilho dos corregos nos socavões dos mattos, a bruma da manhã, um ninho onde pipilam aves implumes, o silencio ennojado das montanhas, o trilo duma patativa, uma estrellinha a piscar, as vozes mysteriosas das cousas balbuciadadas em surdina, os cambiantes, a penumbra — tudo quanto é estado d'alma da Natureza esfrola as cordas da harpa feita homem e fal-o exsolver-se na gamma inteira das vibrações emotivas.

O fixar estas vibrações por meio da palavra disciplinada no rythmo enlanguescida na melodia da rima é simples tarefa final. A primeira, a maxima, a suprema, é ser poeta, harpa eolia, sensibilidade de galvanometro em permanente vibrar a todas as auras.

O homem frio que, senhor da cultura e sabedor da technica, compõe um poema, por maiores bellezas que nelle derrame será um rhetorico, um orador, poeta é que não.

E não porque seus versos foram compostos ao invéz de *drotarem* logicos, no incoercível da flôr que vem da planta, do perfume que sáe da flôr, da ebriedade que emana o perfume.

O verdadeiro poeta é um eterno soar de cordas que são nelle bordões e primas afinadissimas e tensas de estalar e no vulgo calabres grossos e bambos.

Alfredo de Musset, Antonio Nobre... poetas no seu tempo, poetas hoje, poetas amanhã e sempre. Hugo,

Edmundo Rostand... serão poetas para o coração do homem d'amanhã?

Não é rhetorica a poesia, nem eloquencia. E' dôr. E' dôr estylisada. dôr de amôr, dôr de saudades, dôr de esperanças, dôr de illusões murchas, dôr dos anceios vagos, dôr da impotencia e do inexprimivel.

Poeta foi Ricardo, no sentido essencial do termo. E o foi inteiriço. Em menino, em moço, como homem, como amigo, como enamorado e como amante, foi poeta de todas as horas e de todas as estações. E como poeta morreu, pois morreu como o stradivarius que a subitanea mutação de tempo estala as cordas tensas e silencio para sempre.

Os versos que deixou, poucos se os medimos pelo thesouro do poesia em permanente radiar que elle era, uão denunciam o alinhavo da factura — são como crystallisações naturaes de sentimentos. Nenhuma tortura, nada de arranjos. A perfeição da simplicidade, inatingivel quasi pelo esforço consciante, era seu *habitat* normal, tão *poeta* nascera. Erra em seus versos o aroma dos nossos campos, o halito da terra, o bafio das velhas fazendas; sentem-se nelles o sabor das fructas do matto, o esvoaçar d'avesinhas só nossas, o rumorejo de capoeiras nossas conhecidas. Se apparece uma arvorea conheceis-la de prompto, é a gissara esguia perdida numa tiguera, é a perobeira secca, escalavrada pelo fogo das queimas, é a piuva que Setembro afrouxela de flores côr de canario. Entra em scena uma avesinha? Não é o rouxinol nem o pardal importado. Escutai-lhe o trilo: é a patativa humilde; vede como dança: é o tangará. Evola dum verso um aroma? Recordai: é o cheiro do gravatá em fructo. Quebra o silencio um rumor distante: é o rechinar do carro de boi, é a tropa que trota pela estrada. Longe um personagem: é o Zé da Ponte. E' a terra emfim, é o homem, é o céu, é o rio, é a matta, como nós os temos, incontaminados do pechisbeque francez como desinfluidos da bella falsificação alencarina.

Dahi o encanto da sua arte, encanto que avulta realçado pela chinezice desta epoca de mentira á terra e á

vaça pelo excesso d'amor á francezia e ao cubismo. Ella nos introverte n'alma os amavios da saudade e da esperança. Poesia pura, ella, por suggestão, deflagra o que em nosso peito existe de poesia innata.

E' mister falar sem ambages: Ricardo era a mais genuino poeta da geração. Nunca um elemento alienigena interferiu na sua arte. Não sabemos de um verso delle onde se embalsame um deus morto da Hellade fria, uma columna partida, uma esquirola sequer de marmore grego. Nem castellos medievaes, nem cosmopolitismo moderno, nada do volapuk esthetico desta epoca em que os povos se interpenetram e mutuamente se desdorram no que ha de mais sagrado — a individualidade racial.

Sobe de ponto o valor da pureza desta esthesia se nós circumvagamos o olhar pela cidade onde o espirito de Ricardo floriu — floriu como a flôr do lotus, ai!...

E' a *urbs* volapuk onde grunhem todas as linguas e passeia pelas ruas a escala inteira dos angulos faciaes. O poeta suffocado pela atmospherá kaleidoscópica deste *salmagundi* urbano refugia amiude de seus venenos dessorantes. Ia ver jequetibás em Piracáia para descango dos olhos fartos destes platanos geometricamente perfilados á beira dos passeios como arvores ensinadas.

Ia longe daqui aspirar a fragrancia de florinhas silvestres que lhe nao recordassem crysandalias e outras patifarias floraes d'importação. Ia ouvir a patativa piar nas vezes para esquecimento do chilreio azucrinante do canario hamburguez.

Como mente esta eidade á terra patria! E como so empenham seus filhos em extirpar no seio della as derradeiras e debeis radículas da individualidade!

Vae um pobre mortal espaiarecer ao jardim e lá, em vez d'uma nesga da nossa natureza tão rica, é sempre o volapuk que se lhe depara. Pelos canteiros de grama ingleza ha figurinhas de anões germanicos, gnomos do Rheino, a sobraçarem garrafas de *beer*. Porque taes niebelungies, mudas á nossa alia, e não saeys-serêtes, eaa-

poras, mães d'agua, e mais duendes creados pela imaginação popular! O proprio arvoredo é por metade coisa alheia. Um ipê florido, a arvore da quaresma, um angiqueiro — inutilmente os procurareis alli. Se resôa no coreto a musica, ouvireis Puccini. Wagner, Sydney Jones e taes modulações vêm tornar inda mais inearacteristico o ambiente do logradouro. Subito, ao quebrar uma alameda, uma estatua avulta no meio dum cauteiro. Bate-vos o coração, hade ser Gonçalves Dias, Casimiro, um poeta nosso. Nada disso: é Garibaldi... Tendes sêde? Ha *grogs*, *coctails*, *chops*, *vermouths*. Tendes fomo? Dão-vos *sandwich* de pão allemão e queijo suiso. Apita um trem: é a Ingleza.

Tomaes um bonde: é a Light. Cobram-vos a passagem em italiano. Apeaes num cinema: é *Iris*, *Odeon*, *Bijou*. Começa a projecção: é uma tolice franceza ou uma calamidade d'Italia. Um baleiro passa ao lado: *nougat*, *torrone*. Correis a um theatro: o cartaz annuncia *troupe* franceza. Mas ao espirito vos acode que um existe onde fuuecciona companhia nacional. Ora graças, dizeis, vou-me a ver coisas da minha terra. Ides, ergue-se o panno: os actores nacionaes são portuguezes, a peça é uma salafrance parisiense traduzida. Traduzida em portuguez ao menos? Qual! nada disso! traduzida em volapuk.

Sahis enojado. Correis ao hotel. Mettei-vos na cama depois de sorvida uma chavena de chá da India com pão de trigo argentino. Estaes quasi a dormir. Será ao menos o vosso somno um somno brasileiro? Impossivel. Pelas reixas das venezianas entram a acalentalo os sons distantes duma canção: *La Luna*. Em tal meio conservar Ricardo, puras como a agua das grotas a sua emoção e a sua arte, facanha foi de Hercules.

Quando vierem a publico seus versos o livro resultante será um oasis de Brasil neste Port-Said sem mar.

Os olhos da saudade ir-se-ão por elle afora como attrahidos pela propria alma da terra — da terra que morre leutamente sob a pata bruta da invasão polymorpha. E Ricardo, morto, continuará amado como o foi em vida... — *Monteiro Lobato*.

## LORENZO STECCHETTI



Com a morte de Stecchetti desapparece um dos grandes e amados poetas da Italia. O seu talento tinha duas faces encantadoras e diversas: um lyrismo simples, mavioso, penetrante, e uma ironia, ora ligeira,

ora sarcastica, com que vergastava o clero, os preconceitos, e as poqueninas protervias da vida, do amor e do peccado.

Como lyrico, Stecchetti tem produções que ficarão. Quem já leu "Il Guado", "October", "Il Canto Dell'Odio", "Come il ricordo vago e mal distinto", acreditará comnigo que essas produções deliciosas commoverão e encantarão sempre a alma sensível dos homens.

O seu "humour" aponta aqui e alli, com uma graça e uma naturalidade que seduzem:

"Penelope sei tu, che tesser sai  
A mezzogiorno la tua bianca tela  
E meco a mezzanotte la disfai".

"Vieni e se in vita mi falli la speme  
Di viver teco i giorni miei sereni,  
Ci sposeremo nella tomba. Vieni:  
Vi marciremo insemi".

"Son diventato pallido?  
Ci son avvezo: non é nulla, tacci:  
M'han guastato lo stomaco  
Le polpette dell'oste ed i tuoi baci".

Certas audacias suas commoveram a opinião. Os criticos gritaram que "aquillo" não era arte, era pornographia. O naturalismo imperava então na França e ganhava os outros paises. Apraziam-se os poetas e os romancistas em descrever os caprichos da carne, a embriaguez dos sentidos. Na verdade, a musa de Stecchetti tem alguma coisa de livre, de bregelro, de sensual, mas nunca do immo-

ral. Não direi que é um poeta moralista, mas é sempre um poeta e um artista, e portanto, nunca um corruptor.

Elle mesmo defende-se com graça e com ardor no prefacio da sua "Polemica", reivindicando os direitos da arte e repudiando as classificações de "verista", "naturalista", com que queriam baptisar a sua escola poetica.

De facto, elle era puro e simplesmente um poeta, e a sua unica escola era a Poesia.

Stecchetti era um dos poetas italianos mais conhecidos e amados no Brasil.

A sua forma simples, o seu lyrismo espontaneo, a sua feição moderna e as diversas traducções de versos seus, feitas aqui, tinham-n'o tornado quasi popular no nosso meio.

Lorenzo Stecchetti tinha alguma coisa de Heine e de Musset, porém assimilada por um temperamento mais jovial e sadio.

No fundo elle amava as coisas simples, os amores são, a vida quieta, amavel, planturosa da "grassa Bologna", em que os prazeres do corpo e do espirito vão de parceria, numa doce e perfeita harmonia.

Mesmo o seu humorismo respira saude, e no intimo, elle não odiava ninguem, nem mesmo os padres e as beatas.

A sua vida simples o bella poderseia resumir assim:

Foi bibliothecario e poeta. Amou a arto sobre todas as coisas. Foi uma grande e boa alma, e um delicioso artista. E este soneto seu, que o define tão bem, com a concisão dos antigos epigrammas, vale por um credo e por uma apologia:

"Noi sentiamo il furor delle baccanti,  
L'estasi santa degli anacoreti;  
Siamo i martiri noi, siamo i profeti,  
Noi che gridiamo al mondo avanti,  
(avanti!

Parliam coi fiori e colle stelle erranti,  
Amor ci disse tutti e suoi segreti:  
Solo a noi nati al'Arte, a noi poeti,  
Prorompono dal cor gl'inni sonanti.

O banchieri, o droghieri, a piú dan-  
(nose  
Arti lo sprezzo e l'ironia serbate,  
Noi non cerchiam le utilità dolose,

Noi non falsiamo i pesi e le derrate.  
Che colpa c'è nel preferir le rose  
Alle candele, al pepe, alle patate?"

*Jacomino Define.*

## ULTIMAS CIGARRAS

(POEMA DE OLEGARIO MARIANO)

No mundo da apparencia, como ehamou Schopenhauer ao mundo objectivo, não houve o movimento do alegria que me acordou na alma com um rythmo novo da palavra, pela calma da tarde, cheia de indecisões, de côres, annunciando melancolicamente o crepusculo. Meditei na minha felicidade simples, differente da dôr occulta e silenciosa da natureza, e meditei com razão a causa da divindade. O meu optimismo explicava-a, e tambem um pouco aquella leitura suave, rapida, intensa, cheia de surpresas e variada em emoções do livro raro pela alma de castidade amorosa pelas cousas simples que se intitula "Ultimas Cigarras".

O poeta viveu antes do momento definitivo da sua arte uma existencia de amor, fez o lyrismo ingenuo como quadros da sua vida íntima; variando os motivos do idyllio da sua alma com a luz incerta das manhãs e a calma doentia e nevrálgica das tardes de *spleen*.

Olegario Mariano é um caso singular de sensibilidade esthetica apurada pela tristeza aggressiva da vida.

A sua alegria é triste; o rythmo da sua vida é uma longa saudade morbida.

Alguna cousa mo diz que a sua alma tem o seu exilio na terra animal, pois, de relance, na musica das suas canções ligeiras, elle procura os symbolos das paisagens, arvores vivendo almas numa exaltação de pôse até á volupia extrema de só amar os extases do seu *eu* (as cigarras, as arvores, o mar, o seu cigarro).

Este narcisismo mental que traz um novo encanto para a expressão subjectiva, é tão natural na arte poetica de Olegario Mariano que julgo a minha descoberta sem originalidade.

A poesia só se affirma pela indiferença absurda da natureza. No silencio é que se ouve o seu segredo eterno. Só o amor, podendo transmutar valores sensiveis, realisa como estado de alma, a idealidade da percepção esthetica. A inspiração indica bem este excesso de vitalidade.

Este conhecimento é inconsciente e maravilhoso. E' a musa que fala, com o segredo da sua virtude exemplar.

"Na minha funda tristeza  
De creatura singular,  
E' um resto de belleza,  
Uma memoria de olhar."

E' um fragmento, que me serve de exemplo, para a intelligencia prophetica da arte. A arte, pela harmonia verbal, revela o mundo das apparencias. O idealismo profundo se confunde com o realismo platonico e vê na natureza uma *alucinação verdadeira*. Como um crystal de luz o cyclo esthetico se insere no amplo conhecimento philosophico. Miguel-Angelo explica a Renascença. E' o destino que se eternisa no sorriso cruel da Gioconda. E não passava do um sorriso... Sei que os temperamentos dynamicos, vencidos pela aneia da força viva, numa ronda dantesca de emoções tragicas, acham inutil a poseia. Sou dos que a querem livre, no rythmo e na accoutuação, e por esta fórma romantica, explicando a extrema revolta do pensamento. A poesia *condoreira* condemnada entre nós, ainda me agrada em Castro Alves.

A individualidade só se affirma conscientemente no verso livre.

Lembro-me de ter dito em defesa de seus versos musicaes e de um carinho voluptuoso pelo sonho que eram os de Mario Poderneiras, lembro-me de ter-lhe dito neste sentido algumas palavras sinceras. Estava longo, asseguro, de reproduzir Mallarmé ou Gustave Kabu. O verso livre é a ul-

tima expressão romantica da poesia...

Os que procuram a belleza e sensibilizam a alma dos contemplativos, os poetas, amam o sonho livre. A liberdade no amor é muito ampla. Vejamos:

No teu todo de abandono,  
De humana delicadeza,  
Vibram saudades de outomno  
E angustias de natureza.

Ninhos, campanulas, galhos,  
Amavam-se em alvoroço  
Os meus cabelos de moço  
Iam ficando grisalhos...

— E um dia... (quanto chorei!)  
Folha! cahis-te a meu lado,  
Trazendo todo o Passado  
Com a Saudade do que amei...

— A vida! que bem me importa!  
A vida és tu, folha morta.

Adoro a fôrma simples da sensibilidade lyrica. A minha expressão de belleza, se não evoluir do scepticismo para o espirito de doutrina, a minha razão de homem, seria nesta maneira subtil e grave, embôra sob a mascara risonha da familiaridade. "A vida! que bem me importa! A vida é tu, folha morta."

E' a pura poesia, cujo tom recoheu por ultimo a França com a alma de Verlaine.

Approximar-se de uma fonte sagrada e ahí derramar uma lagrima de alegria é quasi possuir a immortalidade ephemera da gloria.

Não raro na expressão da nossa musicalidade interior encontramos a sombra epica ou pathetica de alguma visão, Dante ou Bach... A sombra dos vivos é mais angustiosa. Na corrente expressiva do symbolismo, com a algida curiosidade dos emotivos cerebraes, Olegario Mariano pertence á familia discreta dos *intimistas*, dos visionarios crentes da *outra divindade*, traduzindo uma expressão de Emmanuel Signoret.

A sua arte lembra-me a fôrma silenciosa e triste das mulheres de Henry Lerolle, cuja existencia pobre e melancolica mais desóla as

paisagens amplas e nuas. E' o delirio do silencio, uma das fórmulas mais angustiosas da paixão amorosa:

Folhas morrendo lentamente no re-  
(gaço  
Da terra; aromas de magnolias e de  
(myrthos.

Arvores levantando para o espaço  
Apostolicamente os braços hirtos...

E' uma tragedia simples. O poema das *Ultimas Cigarras* marca na sensibilidade poetica contemporanea um momento de *definição*. E' o romantismo que se priva da eloquencia; faz-se sereno e espontaneamente idealista. São as afinidades secretas com a vida que se desenham em fórmulas de sonho. E' a belleza que torna pessoal a alegria total do universo.

Procurando razões simples para caracterisar a sabedoria pura me desolam as grandes causas, o determinismo da sua evolução, a grandeza invariavel do seu equilibrio, a fôrma geometrica dos seus movimentos e a polaridade da sua attracção, resumindo leis scientificas explicadas pelo principio cartesiano. Cossa curiosa, do postulado cartesiano nasceu a figura literaria do pantheismo. E o mais alto representante desta tendencia foi Spinoza que tinha a natureza como um hymno mystico.

Está no direito da verdade especulativa fazer do seu calculo um instrumento de poesia. O sentimento philosophico foi em todos os tempos a fonte mais pura do milagre. A arte é e devo ser um milagre. Os que renunciam a pratica philosophica não ficam indifferentes ao rythmo metaphysico do universo, sómente renunciam por escrupulo á tentativa maniaea de desvendar grandes mysterios claros como a luz]

Fazem-se poetas e mostram como se póde exaltar o sentimento esthetico ao encontro de uma fôrma dramatica do instincto:

As formigas levavam-na... chovia...  
Era o fim... Triste Outomno fu-  
(marentol...

Perto, uma fonte, em suave movi-  
(mento,  
Cantigas de agua tremula carpia.

Quando eu a conheci, ella trazia  
Na voz um triste e doloroso accento.  
Era a cigarra de maior talento,  
Mais cantadeira desta freguezia.

— Passa o cortejo entre arvores ami-  
(gas...  
Que tristeza nas fôlhas... que tris-  
(teza!  
Que alegria nos olhos das formi-  
(gas!...

Pobre cigarra! quando te levavam,  
Emquanto te chorava a Natureza,  
Tuas irmãs e tua mãe cantavam...

Não sei de outra mais commovida  
expressão em lingua portugueza da  
nossa tragedia interior. Este simples  
soneto é um grande poema.

*Ultimas Cigarras*, paisagens de al-  
mas, espelho da belleza triste e com-  
passiva de uma alma de crente e de  
poeta.

Só a emoção pôde crear a belleza e  
dar á alma um pouco da divina alegria! — *C. da Veiga Lima*.

## BIBLIOGRAPHIA

Alvaro A. da Silveira — *As florestas e as chuvas*.

Tem-se escripto e discursado a valer sobre o problema da floresta no Brasil.

Em discursos e artigos já se requerem talvez, para substituir as que são devastadas, florestas seuãõ tão bastas ao menos tão numerosas como as da Amazonia...

O problema, como é natural, em vez de se resolver, complica-se: cada discurso ou cada artigo é uma sementeira de idéas que se entrançam como cipoaes e, como cipoaes, embaraçam a marcha regular do espirito.

O sr. Alvaro Silveira acaba de nos prestar o serviço de reduzir a questão aos seus termos mais simples, e expóz com singleza e segurança, o seu depoimento a respeito.

O que tornou intrincado o assumpto, aliás, dando-lhe um pouco de côr local, foi o excesso de sabedoria dos homens que o têm versado. Lemos demais e observamos de menos.

O sr. Alvaro da Silveira fez o contrario dos nossos doutores: fechou os livros e foi observar. Como é intelligentissimo e como tem a coragem das suas opiniões — observou coisas interessantes e, embora ellas viessem destruir os vistosos castellos de cartas dos doutores, reproduziuas por escripto taes quaes se lhe apresentaram.

O primeiro erro que a observação lhe patenteou foi o dessa affirmativa quasi dogmatica que corre nos discursos e nos artigos como o sangue nas veias: a de que a floresta é que produz a chuva e as fontes.

Os factos, numerosos e eloquentes, que pôde catalogar, levaram-n'o a concluir sem hesitação:

“E' evidentemente falsa a doutrina de ser a floresta a causadora da humidade formadora das fontes...”

“Fique bem positivada aqui mais esta prova de que as causas dagua não dependem das mattas: — nos extensos campos altos das serras mineiras, os cursos numerosos que nunca deixam de ter agua mesmo na estingem dos annos de mais rigorosa sêcca; nos terrenos cobertos do mattas em extensão consideravel, sendo de notar que ás vezes é a propria matta virgem, gigantesca e bella, como o são as da bacia do rio Doce — cursos que apenas têm agua na estação chuvosa, cursos que *cortam* e que recebem o nome de *valla*. A valla é o leito do ribeirão ou correjo cujas aguas desaparecem normalmente em uma certa época do anno em geral do Maio a Setembro”.

Outros erros, toda uma série de erros grandos que formam os silhares das doutrinas correntes, não resistem aos factos que elle observou e que expõe com muita clareza de lingua-gem e com um vivo accento de convicção.

Não se pense, porém, que o seu empenho foi apenas o de destruir erros alheios pelo prazer de os destruir e que, negando á floresta o papel que lhes dão na vida das fontes e das chuvas, quizesse facilitar ou, pelo menos, justificar a devastação de que estão sendo victimas. Não. O seu objectivo é desbastar o pro-

blema da galharia inutil de erros em que a ignorancia ou o sentimentalismo o envolveu, obscurecendo-o, e projectar sobre elle, como um raio de sol em chão limpo, a luz do bom senso o da verdade.

A floresta tem a sua função. Não é a que lhe emprestam. Mas é tão ou mais importante que essa: é a do fornecer madeira. Em vez de pregarmos a doutrina da intangibilidade da floresta — deusa das chuvas e das fontes — devemos pregar a doutrina do aproveitamento e do plantio da floresta — fornecedora inexaurível de materias para a industria do homem.

“Propagar nas escolas o amor á arvore será tambem uma medida de grande alcance economico, si se fizer que a criança comprehenda a arvore, não como uma reliquia para adoração apenas, porém sim como uma cousa de valor industrial.

E’ preciso fazer a criança comprehender que precisamos é de madeiras e não de idolos vegetaes sob a forma de arvores; precisamos é da arvore abatida e esquartejada, e não da arvore em pé e cheia de vida”.

Plantemos e replantemos a arvore não para veneral-a, mas para derrubal-a...

Não é pratico, sensato, e verdadeiro?

Para os leitores da *Revista do Brasil* estas idéas não são desconhecidas. Já foram expostas, em suas paginas, pelo proprio sr. Alvaro Silveira, em artigo excellente que foi muito lido e apreciado.

Antonio Paes — *Satiras, v. I.*

Ha neste volume de *satiras* muita alegria e pouco azedume — symptoma certo de juventude em quem as traçou. Ha tambem uma notavel facilidade no versejar — revelação indiscutível de um poeta com o principal caracteristico externo de authenticidade...

Não é preciso dizer mais para recommendar o livro. Diga-se, entretanto, que a satira ganharia em relevo, em extensão e em força se fosse me-

nos pessoal do que, pelo commum, se revela. O *Sodalicio*, por exemplo, é uma pagina deliciosa, mas o effeito que ora produz nos que conhecemos as pessoas que nomeia e belisca não produzirá, dentro de alguns annos, nas que vieram a lê-la. A satira só deixa de ser um passatempo frivolo de ocio espiritual e toma o feitio e a substancia de obra literaria quando perde o caracter de trabalho de occasião e fixa, em traços definitivos, os aspectos de um ridiculo que toda a gente percebe ou de um vicio que a toda a gente revolte.

No *Sodalicio* ha uma nota de ridiculo immenso que o satirico soube apanhar e traduzir com felicidade, mas ha tambem um tom de aggressão pessoal, que o bom gosto do artista não soube ou não quiz eliminar.

Outra observação que não podemos calar é a seguinte: Antonio Paes acolhe com muita facilidade, nos seus versos, termos de gíria que nenhuma significação especial encerram e que em nada augmentam o colorido ou a força da expressão. E’ um defeito e está na sua vontade extirpal-o para bem da saude e da vitalidade das satiras.

## OLAVO BILAC

Olavo Bilac acaba de fazer uma excursão pelo sul, em missão da Liga de Defesa Nacional. Nessa viagem, o illustre poeta teve occasião de pronunciar bellissimos discursos que ficarão como paginas literarias memoraveis. Dentre todos, porém, destaca-se o discurso que Olavo Bilac pronunciou na Universidade de Curityba, onde lhe foi feita significativa demonstração de apreço e que é o seguinte:

“Carinhosamente acolhido no seio desta Universidade, agradeço a honrosa animação, que me é dada nas consoladoras saudações que acabo de ouvir. Protestando a minha gratidão aos illustres professores desta casa, peço-lhe venia para que as minhas palavras sejam especialmente dirigidas aos alumnos.

Quando me vejo entre os moços da minha terra, sinto-me precipita-

do, como por um milagre, fóra de mim mesmo e do tempo em que vivo, deslocado da minha idade, arrojado para uma época vindoura; já não me vejo no Brasil de hoje, ainda em formação confusa, mas no futuro em que elle viverá completo e glorioso.

Entre vós, moços do Paraná, gahno a vossa mocidade, tomo para mim a vossa esperança e a vossa coragem, e sinto em vós e em mim o Brasil de amanha. Obrigado pelo bem que me faz a vossa amizade; e sêdo bemditos, pela gloria que dareis á nossa patria.

Permitti que vos dê alguns conselhos de amigo e de irmão mais velho. Não quero prégar-vos patriotismo, porque conheço pelo nobre clarão que ha nos vossos olhos, o incendio de fé que lavra nas vossas almas. Desejo, porém, avisar-vos que o verdadeiro patriotismo não deve ser impulsivo e cégo: deve ser feito sómente de crença e de orgulho; deve ser feito tambem de susto, de sobresalto, do cuidado e de vigilancia.

A nossa vida actual está rodeada de riscos que, de um momento para outro, podem assaltal-a. Para que sejam conjurados os riscos externos, é necessario que o corpo e a alma de cada brasileiro se armem do energia o de disciplina, afim de que a collectividade, cimentada de cohesão e de consciencia, fique immune de qualquer fraqueza, a salvo de qualquer investida de aventura. E para que se annullem os riscos internos, insubordinação nacional, deserença e apathia, desmandando de cubica individual, desejo morbido de vencer e subir depressa, amor exagerado do descanso e do conforto, declive perigoso da tranquillidade para o ocio, de facilidade para o luxo, é necessario que os homens mais cultos do paiz, os directores do povo dêm o exemplo do sacrificio e do desapego das ambições.

Quando entrardes na vida publica, moços de hoje, politicos de amanha, praticae e ensinae a virtude maxima do homem: o desinteresse.

Foi por falta de desinteresse que muitos e muitos brasileiros da minha idade, como eu, desertaram durante longo tempo o cuito civico, e esqueceram pelo serviço quasi exclusivo da gloria individual e da commodidade propria o serviço sagrado da patria. Foi por falta de desinteresse dos cidadãos e dos governantes que o Brasil chegou a perder o antigo brilho e a força antiga, com que os nossos maiores o collocaram durante muito tempo na vanguarda de todos os paizes do eontinente.

O verdadeiro patriotismo, o patriotismo que deveis comprehender e cultivar, é, antes de tudo, a renuncia do egoismo.

Nada valem os por nós, individualmente. Valem os muito, e tudo, pela nossa commuhão. Todos valem os, pelo bem que damos á patria. Os poetas, quo lavram as almas, e os politicos, que dirigem os povos, não valem mais do que os agricultores que aram a nossa terra, e os pastores que guardam os nossos gados.

Não vos orgulheis do fulgor da vossa intelligencia; mas contentae-vos da satisfação inteira que vos dêr o cumprimento do dever. A virtude é mais natural, é mais bella do que o talento. A bondade é mais espontanea e mais fecunda do que a sabedoria. Nem todos os homens são capazes de ter honra e misericordia.

Sêde bons, fortes e justos; e abnegae-vos! Devemos todos fluir e desaparecer, com a nossa força e com a nossa abnegação, como os arroios se perdem nos rios e como os rios se dissipam no oceano. Quando desaparecermos da terra, nella ficaremos, não com os nossos nomes passageiros e com as nossas physiognomias fugitivas, mas com o suor, o sangue, as lagrimas que tivermos deixado sobre este sólo, e com os gestos de energia, os actos de nobreza, as palavras de justiça e de ternura que tivermos semeado sobre o grande seio da patria, nossa mãe e nossa filha ao mesmo tempo, mãe pela vida que nos deu, e filha pelo amparo que recebeu o nosso esforço carinhoso.

Praticae e ensinae o desinteresse! O desinteresse é um machinador de milagres. Grandes almas, verdadeiras almas, são as abnegadas, que se annullam e dissipam em outras. A alma, que em parte se suicida na vibração de outras, desdobra-se e multiplica-se. Desse desdobramento e dessa multiplicação de corações altruistas é que nascem as grandes patrias.

Sêde bons e justos! E sêde, também, serenos, para que possaes desprezar as injurias o as calumnias, com quo os mesquinhos e os maus sempre procurarão deturpar o vosso pensamento, enlamear a vossa nobreza, e infamar o vosso desprendimento!

Vivei, meus amigos, com o coração cheio de fé, com o cerebro cheio de luz, com o corpo cheio de saude!

Fugi da tristeza o das ambições pequenas; conservae a vossa alegria e a vossa modestia; e, quando ficardes tristes e desanimados, reagi, e inventae bom humor, animo, entusiasmo, nova coragem e nova bondade, para quo os vossos amigos se consolem com a vossa companhia e para que os vossos inimigos não se rejubilem com a vossa deserção!

Crêde e esperae! Crêr e esperar — é querer. Querer — é realizar.

Que Deus e a Patria vos protejam”.

## REVISTAS E. JORNAES

### HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

#### BASES DE ORGANIZAÇÃO UNIVERSITARIA

Em qualquer reforma universitária é secundaria a questão dos planos de estudo e das demais disposições formaes de regulamentos, estatutos, etc. O essencial é melhorar as condições psychologicas do respectivo ambiente. Tudo o que não se refere ao espirito de labor, de estudo, de consagração, de desinteresse e de affectos universitarios entre as autoridades, professores e alumnos, pouca efficiencia didactica, scientifica ou

social terá nos organismos universitarios.

Nos paizes americanos é relativamente demasiado o numero das universidades. Estas não so fundam nem na cultura prévia das escolas primarias, secundarias e especiaes, nem estão em proporção com a população commum ou com as exigencias do meio. São excessivamente uniformes, de tendencia predominantemente tradicional e humanista, dispõem de escassa população escolar, custam muito caro, produzem uma acção educacional e scientifica muito pobre e arrastam uma vida bastante precaria.

E' necessario tratar-se da fundação de universidades technicas industriaes, commerciaes, fabris e economicas, visto como as necessidades primordiaes dos nossos ambientes têm esse character. E' preciso, porém, que se prepare tal educação desde a escola primaria e secundaria: que seja ella diffundida em seus aspectos elementares e medios, em institutos especiaes; que se installo em um ou mais cursos na faculdade que lhe seja mais affim, até que se torne possivel concentrar-a em uma faculdade propria o se possa chegar por fim a toda uma universidade.

Deve ser desaconselhado o regimen das faculdades autonomas. O que deve ser mantida o intensificada é a universidade centralizadora, estabelecendo-se uma collaboração estreita e organica entre a universidade e os demais estabelecimentos educativos que a compuzerem.

As universidades em nossos paizes devem ser uma emanção do Estado e um organismo publico, sem prejuizo do funcionamento das universidades chamadas livres e particulares, as quaes entretanto não devem dispor do direito de conceder titulos. Todavia, a autonomia universitaria é um ideal que deve ser procurado sem descanço. Suppõe a possessão prévia de um patrimonio proprio e o gozo de personalidade juridica e não impede que em assumptos didacticos e disciplinaes os organismos universitarios tenham plenos poderes para resolver por si proprios. E' de cautela, entretanto, que embora com inteira autonomia economica o financeira

não possam ter autonomia administrativa.

O Estado deve ser representado entre as autoridades universitarias e deve conservar o direito de nomear os professores titulares, de approvar os regulamentos ou estatutos universitarios e de fixar condições para os exames nas profissões de character social.

As universidades têm um fim duplo: profissional, com relação ás actividades superiores e sociais exigidas pelo meio; e scientifico, para fomentar o cultiyo desinteressado da sciencia. Em toda a universidade deve-se procurar croar gradualmente, primeiro em um ou mais cursos, depois em uma secção do facultade e finalmente em uma facultade autonoma, a facultade de philosophia, organizada mais ou menos no modelo das que existem na Allemanha e na França e na qual soja obrigatorio para todo o estudante universitario seguir alguns cursos de historia geral e de philosophia com o qual se obtenha a aproximação, intellectual e affectiva, do toda a população universitaria numa commum orientação superior e philosophicamente centralisadora de todas as disciplinas, e a unificação universitaria de todas as actividade, de todos os pensamentos e de todos os interesses cultuaes da instituição.

A liberdade de ensino deve ser realisada em todos os seus aspectos. A docencia livre será consagrada; o regimen do *privat docent* deve ser experimentado com empenho; a liberdade do professor em relação ao curso, programmas, extensão ou intensidade, methodo didactico, opiniões scientificas, deve ser um dogma, sem prejuizo, entretanto, do direito da facultade fiscalisar e regulamentar tudo quanto entenda com os principios fundamentaes communs ao professorado.

A liberdade de aprender deve tambem ser respeitada e estimulada. A assistencia obrigatoria não offerece vantagem alguma para quem quer que seja. O alumno devia ter o direito até de escolher o seu professor. Os toxtos de estudo não devem ser prefixados nem impostos em nenhu-

ma universidade. As autoridades universitarias devem zelar para que o ensino se dê de uma maneira superior, de accôrdo com um methodo razoavelmente analytic, que faça comprehender mais do que conhecer, que eduque as aptidões pessoas do alumno, que provoquo neste a espontaneidade da obra propria, que fuja de qualquer dogmatismo o que torno possivel o auto-didatismo dos estudantes. Os cursos profissionaes deverão sempro inspirar-se em principios scientificos e revestir logo um character preponderantemente pratico e de applicação. Dahi a necessidade de exercicios de toda a ordem: conferencias, produções escritas, investigações pessoas, visitas a estabelecimentos relativos a cada especialidade, etc. — (Alfredo Colmo — *Revista de Filosofia*, Buenos Aires).

#### A RAÇA HUMANA

A raça humana não pôde ser dirigida com o mesmo criterio com quo se governa um *haras*; os homens não podem ser submettidos ás mesmas praticas activas e privativas que se empregam com o reproductor. Todavia, os conhecimentos sobre herança que podemos considerar demonstrados experimentalmente, embora restrictos, podem servir-nos para deduzir alguns principios de applicação pratica que devem ser ensinados aos procreadores humanos om beneficio do melhoramento da raça.

Existe actualmente uma tendencia poderosa para limitar o numero dos filhos, tendencia creada por condições economicas em boa parte, e por circunstancias de varias ordens em outros casos. O decrescimento da natalidade, que é um facto, e a pratica hoje tão corrente de não procrear, deveriam ser orientados utilmente, de modo a obter que os nascimentos correspondessem ás desejadas condições de excellencia. Os Estados devem tomar medidas sanitarias tendentes a proteger a reproducção do nossa raça contra a degenerescencia physica e mental.

Esta acção deve limitar-se actualmente aos individuos atacados de en-

femidades productoras de dystrophias hereditarias e degenerescencias mentaes. A acção prophylatica contra a degenerescencia da especie deve ser auxiliada por uma ampla diffusão dos conhecimentos uteis a esse respeito; deve-se chamar a attenção do publico para a influencia exercida pelo estado physico e mental dos paes no momento da concepção. Os Estados devem ditar leis severas para a repressão do alcoolismo, o uso extramedico de substancias toxinas, cocaina, ether, morfina, etc., castigando rigorosamente os infraactores. Devem tambem tomar as mais severas disposições contra as molestias venereas podendo a acção publica chegar mesmo, como nos Estados Unidos, ao ponto de ordenar a castração de certos criminosos. Seria conveniente que os Estados procedessem a uma revisão da legislação penal sobre o aborto, com o fim de permittir ao medico provocal-o em certos casos do utilidade para a raça. E' de necessidade vital, finalmente, para o porvir da raça, que os Estados providenciem com urgencia para melhorar as condições de vida dos operarios, de modo a supprimir ou diminuir todas as causas que actuum extrinsecamente sobre o organismo dos paes, debilitando-o ou empobrecendo-o. — (Dra. Paulina Luizi — *Revista de Filosofia*, Buenos Aires).

## VARIÉDADES

### A RELIGIÃO DA VELOCIDADE

Os que indagam se a guerar influir sobre o sentimento religioso ignoram, provavelmente, o novo manifesto futurista do sr. Marinetti, fundando a *Nova religião da velocidade*. Essa curiosa amplificação, reveladora de um curioso estado d'alma, appareceu no primeiro numero da *Italia futurista* que se publica em Florença.

"A moral christan, diz Marinetti, no seu manifesto, defendeu a estrutura physiologica do homem dos excessos da sensualidade, moderou os seus instinctos e equilibrou-os. A moral futurista defenderá o homem da decomposição determinada pela len-

tidão, pela saudade, pela analyse, pelo repouso e pelo habito. A energia humana, centuplicada pela velocidade, dominará o tempo e o espaço." E, depois de um quadro historico-lyrico da velocidade, o manifesto trata da origem da *linha recta*, um dos caracteristicos da divindade. O paralelo entre a velocidade que é *pura* e a lentidão que é *immunda* leva o fundador da religião a indicar alguns santos da nova religião. São particularmente os astros e as ondas luminosas. "Os sportmen são os primeiros catechumenos desta religião cujo resultado, esperado em breve, será a destruição das casas e das cidades. Substituida por encontros de automoveis e aeroplanos". As moradas desta divindade são: "os *wagons-restaurants*"; as "gares" dos caminhos de ferro do oeste norte-americano, onde os trens a 140 kilometros por hora, passam pelas estações, e nom para tomar agua e os *saccos* dos correios, param; as pontes e os tuncis; a praça da Opera, em Paris; o *Strand* em Londres; os circuitos de automoveis; os *films cinematographicos*; os grandes tubos que precipitam columnas de agua alpestre para tomar na atmosfera a electricidade motriz; os grandes costureiros parisienses que, por meio da invenção veloz da moda, cream a paixão do novo e o odio pelo "já visto"; as cidades modernissimas como Milão; os campos de batalha". A' enumeração de algumas coisas divinas succede a de algumas velocidades: "O heroismo é uma velocidade que dirige uma nação." (*Mercure de France*).

### A CALLIGRAPHIA DOS GRANDES ESCRIPTORES

"A calligraphia, dizia um mestre escola, é a chave dos empregos". A isso, muitos oppõem, injustamente que "a calligraphia é a sciencia dos tolos." Nem por isso, entretanto, os grandes escriptores têm má calligraphia. Ha-os de letra pessima; mas tambem se contam numerosos delles de calligraphia excellente. Nenhuma letra pódo ser mais clara do que era

a de Racine. Rossuet traçava caracteres nitidos e largos nas suas paginas immortaes. Fenelon, além de um grande arcebispo, foi um grande calligrapho. Rousseau, durante algum tempo, viveu dos seus ganhos de copista, e as duas copias que elle fez da "Nova Eloisa" para madame de Luxembourg o para madame de Houdelot são uma obra prima de precisão, em paginas riscadas a lapis, com as linhas iguaes como as de impressão e sem um só borrão. Edgard Poe, a bem dizer, começou a sua vida litteraria com a... calligraphia: o editor a quem apresentou o seu primeiro manuscrito, sentiu-se logo seduzido pela letra "magestosa", leu-o logo e accellou-o sem demora.

Alexandre Dumas, pai, conta em suas memorias que pouco depois de chegar a Paris, foi visitar o general Foy, a quem estava muito recommendado. "Dê-me o seu endereço: hei-de vêr o que se pôde fazer pelo sr." E apresentou-lhe uma caneta. "Apenas escrevi meu nome, continúa Alexandre Dumas, o general bate as palmas, e exclama: "Estamos salvos!" — Porque? — Porque o sr. tem uma bella calligraphia." Uma bella calligraphia... era tudo quanto eu tinha — inclinei a cabeça, ao peso de tanta vergonha." No dia seguinte Dumas, por ompenho do general, entrou para a secretaria do duque de Orleans, com 1200 francos por anno.

Mas ha ainda outros calligraphos illustres: Mirabeau, Arago, Béranger, Lammenais, Guizot, Eugéne Scribe, Casimir Delavigne, George Sand, Louis Blanc, Alphonse Daudet, Ernest Renán, Leconte de Lisle, José Maria de Herédia, Frédéric Mistral, François Coppée, Guy de Maupassant.

Byron tinha, ao contrario, uma letra feissima: "O typographo fez um milagre, dizia elle. Leu o que eu não sei lêr — a minha letra". Napoléon tinha tambem uma letra pessima. E eis como em Julho de 1791 elle explicava a causa disso, ao commissario Naudin: "O sangue meridional corre em minhas veias com a rapidez do Rhodano: desculpae-me, pois, se encontrar-des difficuldade em ler os meus gar-ranchos".

"A calligraphia, escrevia Voltaire,

é o primeiro degráu, não direi da fortuna, mas de uma escada que conduz bastante alto para a gente não morrer de fome". Lamartine escrevia a lapis, por ser mais silencioso e mais rapido. Julio Verne tambem escrevia a lapis — mas copiava a penna tudo quanto cserevia, de sorte que podia corrigir o original. Acontece muitas vezes que as correções tornam quasi illegivel um manuscrito, razão pela qual ha autores que copiam muitas vezes os seus originaes. Fenelon deixou onze copias do teu *Telemaque*; Buffon copiou dezoito vezes as *Epoques*, Rousseau quatro ou cinco vezes todas as suas obras antes de as mandar imprimir, Merimé dezese sete vezes *Colomba*, Bernadin de Saint-Pierre quatorze vezes a primeira pagina de *Paul et Virginie*. Alexandre Dumas Filho e Gustavo Flaubert foram tambem "copiadores" pacientissimos de... si mesmos. Quanto a Voltaire que escreveu tanto, nunca se cançava de corrigir os seus escriptos: "E' uma desgraça para mim, dizia elle, conhecer muito bem os meus defeitos; não haverá edições definitivas das minhas obras emquanto eu não morrer". (Albert Cim — *La Revue*.)

#### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

EXALTAÇÃO — Poema por Manuseto Bernardes — Porto Alegre.

JACKSON DE FIGUEIREDO — Opusculo por Tasso da Silveira. — Rio de Janeiro.

PERDIÇÃO — Poesias por Olavo de Oliveira.

CONTRA O ALCOOLISMO — Pelo dr. Antonio Ferreira.

MERCADO DE TRABALHO — Publicação do Departamento Estadual do Trabalho — S. Paulo.

ANALES DE INSTRUCCION PRIMARIA — Ns. 1 a 18 — Julho de 1914 a Julho de 1915 — Montevidéu — Uruguay.

A ESCOLA PRIMARIA — Revista mensal, publicada sob a direcção de inspectores escolares do Distri-

cto Federal. Assigna o artigo de apresentação o sr. Afranio Peixoto. "O senhorio commum desse grande corpo collectivo, pretende, pois, ser esta revista, a "Escola Primaria", nome feliz que resume um programma. Ella vae ser a tribuna, a cathedra, o livro, o jornal, que uns para outros vão escrever os professores publicos do Districto Federal, talvez do Brasil, aproveitada a competencia que lhes sobeja; vão dirigil-a os inspectores escolares da cidade do Rio de Janeiro, de cuja capacidade e dedicação á causa santa do ensino posso dar publico testemunho." Além desse artigo do sr. Afranio Peixoto, de que extractamos o trecho acima, figuram no primeiro numero da "Escola Primaria", entre outros, os seguintes: Nuga grammatical affectando a minha mathematica, por F. Cabrita; Educação Civica, por Arthur Magioli; a Hygiene nas Escolas Municipaes; Caixa Escolar; O Ensino Primario em Santa Catharina, por Muniz Junior.

SICENCIAS E LETRAS — N. 9 — Nov. de 1916 — Rio de Janeiro.

LIGA MARITIMA BRASILEIRA — N. 112 — Out. de 1916 — Rio de Janeiro.

REVISTA COMMERCIAL — N. 17 — Out. de 1916. — B. Horizonte.

REVISTA DA ESCOLA DE COMMERIO DE PORTO ALEGRE — N. 12.

REVISTA DO INSTITUTO DOS DOCENTES MILITARES — N. 2 — Out. de 1916 — Rio de Janeiro.

INDUSTRIA E COMMERCIO — Out. de 1916 — Rio de Janeiro.

RENASCENÇA NATURISTA — Ns. 1 e 2 — Out. e Nov. de 1916 — S. Paulo.

O VEGETARIANO — N. 11 — Porto.

REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE S. CARLOS — N. 1.

A ARVORE — Cachoeira — S. Felix — Estado da Bahia — 1 de Novembro de 1916 — Revista Litero-Social — Ns. 4 e 5.

O ESTIMULO — Revista do Gremio Normalista "2 de Agosto" — S. Paulo, 14 de Novembro — n. 35.

A VIDA MODERNA — Ns. 299 e 300 — S. Paulo.

A CIGARRA — Ns. 53 e 54 — S. Paulo.

ATLANTIDA — Ns. 11 e 12 — Out. e Nov. de 1916 — Lisboa — A destacar: A situação internacional, por João de Barros; Alcobaça, por Teixeira Gomes; Os engenhos do Pernambuco, por Souza Bandeira; Latino Coelho, por José Antonio de Freitas; Os demolidores do Liberalismo, por J. Magalhães Lima; O Ferreiro, por Alberto de Oliveira; A psychologia dos telhados, por Eduardo de Noronha; Cartas do Brasil, por João d'Além. Referindo-se á nossa Revista, J. d'Além accentua que ella provem do movimento nacionalista que se opera presentemente no Brasil, e acrescenta: "...se vale esta publicação por seu programma, mais vale ainda se acrescentarmos que não é na capital do paiz, mas em S. Paulo, que olla vem á luz. Realisa-se assim a descentralisação do pensamento, a regionalisação da terra, meios indispensaveis para a coordenação nacional, já antevistos pelo nosso imperador D. Pedro II, na sua ultima fala do throno, antes da effectiva descentralisação republicana..." E depois: "A Revista do Brasil é um marco notavel na evolução da idéa regionalista, idéa fecunda, de onde vae nascer a integração do espirito nacional."

REVISTA ARGENTINA DE CIENCIAS POLITICAS — N. 73 — Out. de 1916 — Buenos Aires — El deber de justicia, R. Rivarola; El significado historico de Moreno, Ernesto Quesada; Filiación natural e posesion de estado, Ricardo Marcó del Port, hijo; e outros trabalhos.

REVISTA COMMERCIAL — N. 7 — Out. de 1916 — Montovideo.

IA REVISTA DEL MUNDO — Edição hespanhola do "World's Work" — Out. de 1916 — Nova York.

THE NORTH AMERICAN REVIEW — Out. de 1916 — Nova York — Artigos de G. Harvey, E. S. Carwin, S. Brooks, S. Leslie, D. J. Hill, S. H. Dunn, L. A.

Brown, A. Seeger, W. L. Raldell, Arthur Symons, W. C. Greeno, L. Gilman.

REVIEW OF REVIEWS — Out. de 1916 — Londres — Eleftherios Venizelos, por F. R. Seatherd; The Reform of the Civil Service, por sir Harry H. Johnston; The Trade Union Congress, por George N. Barnes, The Enemy's Wiew.

MERCURE DE FRANCE — Ns. 439 e 440 — 1 Out. e 16 Out. de 1916 — Artigos principaes: Le califat et la guerre, por M. Y. Picard; Le port d'Anvers, por André Fontainas; Le Droit du Peuple et la guerre, por Paul Louis; Les prisonniers de guerre hospitalisés en Suisse, por Albert Dauzat; Ce que fut Malines, por Charles Merki.

LA REVUE HEBDOMADAIRE — Ns. 40, 41, 42 e 43 — 30 Set., 7 out., 14 out. e 21 out. de 1916 — Paris — A destacar: Le Marquis de Ségur, por P. de Nolhae; Les grands poètes nationaux de la Pologne, por H. Welschinger; Le theatre et la guerre, por G. Hanotaux;

Aprés la guerre, por R. de Gourmont.

LA GRANDE REVUE — N. 10 — Out. de 1916 — Paris — Artigos principaes: Lloyd George, por Albert Thomas; La guerre et les femmes, por I. Zangwill; Le Moratorium de l'Humanité, por J. Sageret; Les usines, poesia por E. Verhaeren; Légendes de la Guerre de France, poesia por St. Georges de Bouhélier;

RASSEGNA NAZIONALE — Out. de 1916 — Florença — Artigos principaes: La Libertá, por P. M. Gregoraci; Il diritto privato nei "Promessi Sposi", por M. Zino; Un poeta della paco (Giuseppe Di Napoli), por A. Zardo.

RIVISTA DELLE NAZIONI LATINE — N. 6 — Out. de 1916 — Florença — Artigos principaes: Le strado latine, por L. Pólier; Leonida Bissolati, por A. Mazzotti; Giuseppe Reinach, por A. Maurel; Serbi e slavi meridionali, por G. Caprin; La Triplice Alleanza, por G. Salvemini.

# AS CARICATURAS DO MEZ

312

UM CORPO DE EXERCITO



*Emilio* — Abi fens fu... Em que deram as tuas lições de civismo

("Caretá" — J. Carlos)



— Eu acho que a intervenção em Mato Grosso é acertada. Depois de atado o fogo naquellas mattas virgens, o governo resolve a crise do carvão.

5  
0  
("Caretá" — J. Carlos)



— Trinta mil reis por um par de sapatos!... É eu que só ando á pé. Oh!... a crise de transportes!

("Caretá" — J. Carlos)



- Sim minha fia. Resolvi, e vou me casar *voluntariamente*.  
— Então é por pouco tempo? Só durante o periodo das manobras?

("Careta" — J. Carlos)



- O Russo — O mappa da Europa vai ser todo alterado. Vocês, por exemplo, vão para a Asia.  
O Turco — Não é possível. Os nossos alliados já nos prometteram um sifiosinho na Africa.

("Careta" — J. Carlos)

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Aíto da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA—Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO—Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA—Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças—Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifácio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinaarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA—Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes—Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738—Compra e venda de aplices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

## ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-arquitecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Cidade)  
— Rua Alvares Penteado — S.  
Paulo.

**DESPACHANTES:**

BELLI & COMP. — Santos:  
Praça da Republica, 23. Teleph.  
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Car-  
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,  
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,  
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.  
Telegrammas: "Belli".

**ALFAIATES:**

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco — Novidades em case-  
mira ingleza. — Importação di-  
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
5151 — S. Paulo.

ALFAIATARIA—Donato Plas-  
tino — Emprega só fazendas ex-  
trangeiras — Rua do Tesouro, 3  
(1.º andar) — S. Paulo.

**INDUSTRIAES E IMPORTADO-  
RES:**

C. MANDERBACH & COMP.  
— Papelaria, typographia, enca-  
dernação—Telephone 792—Caixa  
545 — Rua S. Bento, 31. — S.  
Paulo.

A INTERNACIONAL — Gran-  
de Fabrica de Malas e Canastras  
Offielna para concertos. — Do-  
mingos Macigrande. — Rua São  
João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-  
telas de casas de penhores e do  
Monte de Socorro de S. Paulo  
— A CASA MARCELLINO com-  
pra e paga bem.—Praça Antonio  
Prado, 14 — Telephone 4.692 —  
S. Paulo.



**Grandes Loterias de S. Paulo**  
em 15 de Dezembro  
**= 200 CONTOS =**  
Em 3 grandes premios: 100:000\$000 - 50:000\$000 - 50:000\$000  
O bilhete inteiro custa apenas 9\$000  
Fracções \$900  
Em 29 de Dezembro  
**= 100 CONTOS =**  
Em 5 premios de 20:000\$000 - Custa cada bilhete inteiro 2\$000  
*Estão á venda em toda a parte*

# “REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA”

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA — A MAIS UTIL — A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS sobre Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripção, Politica Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS sobre Legislação Commercial, Jurisprudencia Commercial, Alfandega, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario, Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados, Fretos, Transportes, etc.

Verdadeira e completa Encyclopédia Commercial — Unica no Genero

Assignaturas e venda avulsa: **Livrarias ALVES e GARRAUX**

Editores: **OLEGARIO RIBEIRO & Co.**

REDACÇÃO:

RUA DIREITA, 27 (1º ANDAR) **S. PAULO**  
CAIXA, 1172

OFFICINAS:

RUA DR. ABRANCHES, 43  
TELEPHONE, 1908

• PLACAS  
ESMALTADAS  
E DE METAL

*Massucci Nicolli*

TELEPH. 3641

GRAVURAS  
CARIMBOS  
DE BORACHA  
FORMA PARA SABONETE



• ESCRITORIO · Rua florencio DE ABREU 52  
• FABRICA · Rua dos Alpes 79 S. PAULO •

# Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

## ROBES & MANTEAUX

*Lingerie de Luxe, Blouses, Troussesaux*

# Bertholet

*Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes*

*Rua 15 de Novembro, 30*

*São Paulo - Paris*

# WILSON, SONS & Co. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523      End. Electr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

## IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO  
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANI-  
ZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E  
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;  
BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

## AGENTES

da Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-  
ÇA" de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The  
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

**CIMENTO** - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.  
White & Bros. - Londres.

**CREOLINA E PACOLOL** - de WM. PEARSON Ltd.  
de Londres e Hull.

**WHISKEY** - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de  
Edimburgo - Escossia.

**TINTA PREPARADA** - "LAGOLINE" e outras mar-  
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

**CERVEJA "GUINNESS"** - marca "CABEÇA DE CA-  
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

**ASPHALTO** - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val  
de Travers - Suissa.

**MATA-BORRÃO "FORD"** - de T. B. Ford Ltd. - Londres.  
**"BRICKTOR"** e MALHAS para CIMENTO ARMADO de  
Johnson Clapham & Morris - Manchester.



# Casa Tolle

FABRICA DE BONBONS  
FINOS, CHOCOLATES E  
LICORES

A UNICA FABRICA QUE EX-  
PORTA CHOCOLATE PARA A  
EUROPA.

Rua Piratininga, 27  
Caixa do Correio, 201  
S. PAULO

*Casa fundada em 1895*

PRAZO DEZ MEZES  
JUROS MODICOS



## Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



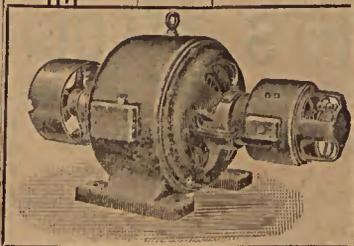
Travessa do Grande Hotel N. 8  
Telephone N. 1195  
End. Electr.: EMISEL  
SÃO PAULO

*Vicente Lattuchella*  
*Alfiate*

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

# A' Illuminadora



Artigos para iluminação

Fogões Economicos a Gaz e Lenha

GELADEIRAS AMERICANAS

Recebemos grande variedade

Visitem nosso estabelecimento

Dynamos  
Motores  
Pilhas  
Lampadas

## Alberto dos Santos & C.

Rua da Boa Vista, 47  
S. PAULO

# REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos. Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impeccavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthème, a chronista das segundas-feiras do "Paiz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LER A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"

SECCÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.  
SECCÕES de educação social, de educação privada.  
SECCÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.  
SECCÕES de ornamentações, estylo e decoração.  
AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.  
RECEITAS originaes de fogão e forno.  
SERVIÇO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 7\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correlo.

Dirijam suas cartas á Directora  
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# REVISTA DO BRASIL

A "Revista do Brasil" tem já completos dois volumes, cada um de mais de quatrocentas paginas, com indice alphabetico e analytico. Cada volume custa, por emquanto: 9\$000 réis, encadernado; 6\$000 réis, em fasciculos. Pelo correio, mais 500 réis. No proximo anno estes preços serão augmentados. O n. 12 da Revista, que sahirá a 25 de Dezembro, dia de Natal, constituirá um numero espeelal, que desde já está sendo confecelonado. Com esse fasciulo ficará completo o tereiro volume da Revista, cujo indice será distribuido em Janeiro.

Prevenimos aos nossos assignantes que devem reformar as suas assignaturas em Dezembro, para que não seja suspensa a remessa no proximo anno de 1917.

Os dois ultimos numeros da "Revista do Brasil" trouxeram o seguinte summario:

## N. 9. — 25 de Setembro de 1916:

- ALCEU AMOROSO LIMA — Pelo passado nacional (com Illustrações).  
JACOMINO DEFINE — Ao sabor do sonho.  
AMADEU AMARAL — O dialecto caipira.  
OLAVO BILAC — Edipo (sonetos).  
JOÃO LUSO — "O Salon" de 1916 (com Illustrações).  
JOÃO RIBEIRO — Afranio Peixoto.  
FREDERICO VILLAR — A organização naval.  
LINDOLPHO XAVIER — A proposito da Conferencia algodoeira.  
V. DA SILVA FREIRE — O problema municipal.

RESENHA DO MEZ — Monologos, York — Os novos horizontes da Justiça e Assistencia, C. V. L. — Bibliographia — Movimento artistico — Movimento literario — Liga da Defesa Nacional — A comedia orthographica — Clinicas escolares gratuitas — O imposto sobre a renda — O nacionalismo na Argentina — A arte nas escolas francezas — Publicações recebidas — As caricaturas do mez (cineo reproduções).

## N. 10 — 25 de Outubro de 1916:

- MARIO PINTO SERVA — Um factor da desintegração Nacional.  
AMADEU AMARAL — O dialecto caipira.  
A. CARNEIRO LEÃO — José Verissimo.  
MARTINS FONTES — Na floresta da agua negra (poesia).  
GARFIELD DE ALMEIDA — A noção da responsabilidade.  
MARIO SETTE — No mar.  
ALBERTO SEABRA — Os versos aureos de Pythagoras.  
DR. ANTONIO PICCAROLO — D. Casmurro.  
RESENHA DO MEZ — Campanha nacionalista — Movimento artistico — Musica, "X" — Garela Redondo — Ricardo Gonçalves — Bibliographia — Movimento literario — Os doutores e as letras, "Antonio Salles" — Revistas e jornaes — Homens e coisas estrangeiras — Americanismo, "Ernesto J. J. Bott". — Educação moderna, "Raul Villarroel" — O casamento a prazo — O ministerio familiar — Club de escriptoras — Orientação moderna da historia — Publicações recebidas.

# As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para inormações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

**Rua de São Bento N. 29-C**

**SÃO PAULO**



# REVISTA DO BRASIL

---

## SUMMARIO

DOMICIO DA GAMA . . . . . da Academia Brasileira	O capitulo das viagens. 315
E. ROQUETTE-PINTO . . . . . do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro	O Brazil e a antropogeo- graphia . . . . . 322
SAMPALHO DORIA . . . . .	Finalidade educativa . . 336
MARIO DE ALENCAR . . . . . da Academia Brasileira	Poesia . . . . . 348
ALBERTO DE OLIVEIRA . . . . . da Academia Brasileira	Sonetos. . . . . 351
MONTEIRO LOBATO . . . . .	A colcha de retalhos . . 354
JOÃO KOPKE . . . . .	O Corvo . . . . . 362
ALBERTO SEABRA . . . . .	Os versos aureos de Py- thagoras. . . . . 373
FERMINO COSTA . . . . .	Vocabulario analogico . 386
COLLABORADORES . . . . .	Resenha do mez . . . . 395

*(Continúa na pagina seguinte)*

---

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 12 - ANNO I

VOL. III

DEZEMBRO, 1916

---

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Dois pintores paulistas (com illustrações), *M. L.* — *Physica medicea*, *L.* — Congresso Medico Paulista, *X.* — Defesa Nacional — Liga Nacionalista — Movimento literario — O Conselho do Estado no Imperio e na Monarchia (*Souza Bandeira*) — Fructas brasileiras (*Henrique Silva*) — A obra educadora de Eça de Queiroz (*João Luso*) — Os artistas francezes e a guerra (com illustrações) — A democracia e a diplomacia — As forças psychicas — O que fazem os escriptores francezes — O inventor do cinematographo — Os tolos classicos — Publicações recebidas — As caricaturas do mez.

As assignaturas começam em qualquer tempo

e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA  
SOCIÉDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO  
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO . . . . .	15\$000
SEIS MEZES . . . . .	8\$000
ESTRANGEIRO . . . . .	20\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	1\$500
NUMERO ATRAZADO . . . . .	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

**TELEPHONE, 745**

**SÃO PAULO**



**RESENHA DO MEZ** — Dois pintores paulistas (com illustrações), *M. L.* — *Physica medica, L.* — Congresso Medico Paulista, *X.* — Defesa Nacional — Liga Nacionalista — Movimento literario — O Conselho do Estado no Imperio e na Monarchia (*Souza Bandeira*) — Fructas brasileiras (*Henrique Silva*) — A obra educadora de Eça de Queiroz (*João Luso*) — Os artistas francezes e a guerra (com illustrações) — A democracia e a diplomacia — As forças psychicas — O que fazem os escriptores francezes — O inventor do cinematographo — Os tolos classicos — Publicações recebidas — As caricaturas do mez.

---

As assignaturas começam em qualquer tempo

e terminam em Junho ou Dezembro.

---

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA  
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO  
ALFREDO PUJOL SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

---

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursacs do Banco e seus correspondentes.

Enearrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do reebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de lettras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particuláres que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecará talão de chiques s quaesquer esclarecimentos.

---

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunea inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 0/0 ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

# Auto-Geral

||| CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE  
PARA AUTOMOVEIS

Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO

# REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os acordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os Juizes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

## TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

# Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

## JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511  
ESTABELECIMENTO DE 1.<sup>A</sup> ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,  
Filial: CAMPINAS-GUAÑABARA

AVENIDA PAULISTA

## Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

### Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO





# Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Acessorios para a lavoura.**

**Fabricamos:** Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeicoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

**Importamos:** Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, o tudo cunfin que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

## Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

---

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escritorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



BEBAM

WHISKY DEWAR

“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O  
INIMIGO DO  
ACIDO URICO



A  
CHAMPAGNE DAS  
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

# PIXOL

Alcatrão de hulha Beneficiado



É um preparado indispensavel em todos os estabelecimentos agrarios não sómente pela sua multipla utilidade como pela facilidade em sua applicação.

Não requer precauções ou conhecimentos para o seu emprego, basta um pincei e boa vontade do trabalhador.

Como o seu nome indica, é um derivado do Pixe, contendo todas as qualidades deste e outras ainda devido ao seu beneficiamento. É perfeitamente fluido e applicavel a frio.

Dentre os varios misteres a que se destina sobresae o seu emprego nos materiaes que se acham expostos ao ar ou sujeitos á deterioração, substituindo com muita vantagem quer em qualidade ou custo, todas as tintas e preparados até hoje usados nos postes de madeira, madeiramento em geral, postes e vigas de ferro, pois que impede a ferrugem, destróe o cupim e preserva a madeira da acção destruidora do tempo, sendo ao mesmo tempo um excelente desinfectante.

**MODO DE USAR:** — Em madeira applica-se puro, mas para pintar **aço** ou **ferro** convém misturar uma parte de cimento com uma de kerozene e em seguida acrescentar dez partes de PIXOL.

Fornecido em caixas de 2 latas de 5 gallões cada uma, ou 35 litros por caixa.

Fabricado pela **San Paulo Gaz Company Limited**

AGENTES GERAES PARA O BRAZIL:

**H. E. BOTT & COMP.**

Rua Libero Badaró N. 10

SÃO PAULO

# CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA

## ARTIGOS PARA PRESENTES BRINQUEDOS

A QUALIDADE EGUAL,

OS PREÇOS MAIS BARATOS

### CASA FRANCEZA

DE

### L. GRUMBACH & C.<sup>IA</sup>

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

*Casa Paulista de*

*Moysés Gandelhman*

*Vendem-se moveis, camas de ferro esmaltado, colchões,  
tapetes e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações*

*Rua Barão de Itapetininga, 14-A Telephone, 3046 (Central)*

---

## O CAPÍTULO DAS VIAGENS

---

*A. J. Capistrano de Abreu*

Relidas e analysadas sem indulgencia pessoal, estas impressões das minhas passagens e demoras entre gente extranha não parece contribuir grandemente para a instrucção da mocidade, nem mesmo para o repertorio, hoje tão pouco renovado, das bellas mentiras vindas de longe.

Falta o garbo narrativo a estas relações, falta-lhes a exuberancia admirativa, o *maravilhamento* abandonado e contagioso á força de sincero, a tenção de gosar a vida nova, ainda que, para o fazer melhor, seja preciso tornarmo-nos romanos nas Romas successivas da nossa jornada do mundo. Não se descobre nellas o homem prestigiado pelo muito que viu e aprendeu, que teve a fronte illuminada pelos sóes das terras distantes, de que nos fica a nostalgia para sempre, e o sangue enriquecido aos largos haustos das brisas oceanicas, que viu alteiarem-se no horizonte dos seus olhos religiosamente attentos os vultos tragicos dos monumentos do passado e as moles soberbas e sumptuosas onde pompeia a grandeza do presente, que pendeu a cabeça sob as abobadas solennes onde se ensinava a doutrina antiga e, peregrino em busca da revelação, remontou até ás origens as grandes correntes da vida civilisada.

Para todos estes effeitos esperados em livros de viagens era preciso o animo de dizer coisas novas, que nunca tive. Esta humilde segurança me seja contada no meu balanço intellectual, que nunca presumi de descobridor. O que as impressões directas do mundo exterior acordaram em mim de idéas ou de emoções raras sempre me pareceu que antes de mim outros os teriam tido.



O animo de dizer coisas novas nasce do character impulsivo e generoso, que as desillusões não modificam, porque exclue o senso critico, que dellas tiraria ensinamento. Nem mesmo pôde ser muito ensinado um espirito assim decidido a vêr as coisas como as imaginou, através dos seus desejos deformativos. Esta decisão capaz de nos apresentar realidades poeticas já inteiramente construidas para as nossas necessidades, enquanto outros ainda desenham penosamente a épura incerta da verdade deduzida, esta confiada e ingenua e simples visão pessoal dos espectaculos da vida promovem em nós a sympathia maxima com que lemos os livros de divertimento. Mas a honestidade logica, incompativel com a phantasia graciosa e facil, e a humildade espiritual do que não pretende o privilegio de aprender sem esforço — cedo extinguiram em mim o poder creador das verdades para uso proprio, cedo estancaram-me a fonte da poesia corrente cantando entre jardins de flores conhecidas. Do mal dahi provindo não sou culpado, que me não escolhi um character e assim me encontrei cauteloso e analysta. Cultivo, sim, essa terra secca da critica com o severo carinho de um amator de actos rebarbativos, considerando que ha lugar para esthetica até no trabalho ingrato das classificações abstractivas. Sómente, o divertimento tirado de taes contemplações costuma ser reservado e austero como as alegrias que de tão profundas nem chamam o sorriso aos labios.

Receio bem que o leitor destas notas avulsas seja ainda mais rigoroso que o autor e não encontre nellas merecimento para serem conservadas em volume. A justificação do volume presumçoso seria o conselho instante dos amigos. Porém, ainda mesmo sem esse grato estimulo, eu sinto que era fatal a crise das saudades em que do remecher em jornaes velhos e cadernos resultaria o livro, fallhado e escasso embora, dos itinerarios e registros de impressões recebidas pelas estradas e nos pousos do mundo. Será elle o *alpenstock* literario das minhas excursões de mocidade, omittidos os nomes evocativos das estações sentimentaes. Se coubesse em escriptos como este a completa expansão de memorias intimas, sobraria por ali materia para novellas captivantes. Assim serviriam as viagens para justificar a mudança dos scenarios na comedia tragica que cada um de nós representa na vida.

Escasso e falho é o livro, mas a sua pouquidade não é impertinente. Quem o percorrer com paciencia não achará aggressivo o seu personalismo, que não doutrina. E' que as minhas viagens foram feitas para aprender, não para ensinar. O mesmo é de certos livros que lemos para os ter lido, não para falar delles. Descrever paisagens classicas e contar emoções consagradas sempre me pareceu exercicio de poeta sem respeito pela imaginação alheia. Dahi a parcimonia das descripções nestas paginas descuidosas. Emquanto as esboçava ia pensando nos que antes de mim viram melhor e exprimiram melhor o que viram, com mais vibração, com a convicção communicativa. E resumia e schematisava e calava, com esse honesto medo de enfadar que impede tanta gente de ser engraçada em sociedade.

Tambem não era para ser guardado isso que a longos intervallos andei dando a jornaes e revistas, por enchimento. A primeira tenção de quem escreve é só publicar a obra fina, escolhendo ante as suas produções as mais valiosas, as perolas mais perfectas da sua sensibilidade, para engastal-as sob a forma definitiva no livro destinado aos seculos. As resmas de papel manuscripto que perdemos pelos escriptorios dos jornaes, nas gavetas e armarios dos hoteis ou em mãos de amigos descuidados representam a prodigalidade de quem julga inexaurivel o seu thesouro de idéas e emoções. Mas o tempo passa e as obras essenciaes não foram feitas e a sensibilidade teimosamente sadia e equilibrada cessou de produzir as perolas peregrinas da poesia. Lembra-se então o escriptor das suas paginas menores, desprezadas entre a pallhada van do jornalismo. E reconhecendo-as e recolhendo-as com mão piedosa, não pôde deixar de pensar na série ou no capitulo em que ellas figurassem decentemente.

E' ainda este um dos casos em que melhor seria o livro que não foi escripto. Interessante, senão informativo, seria o itinerario ideal do menino sedentario e roido de desejos, cuja phantasia viaja sem repouso e sem destino, como num sonho ardente de liberdade e de poesia. Desembaraçado da realidade importuna, evadido das linhas certas dos roteiros frequentados, que gradeiam o horizonte ao viajante ordinario, esse peregrino das Mecas imaginadas teria a independencia de expressão e a autoridade de quem affirma cousas inverificaveis. O livro nume-



roso e profundo, e verdadeiro na sua imprecisão, não foi escripto, talvez porque não pudesse ser lido. Qualquer de nós é capaz de o conceber, embora lhe falte a fé para reduzi-lo a lingua clara e sympathica.

No começo é o poema da aspiração, a divina aventura da alma dispersa cada manhan aos quatro ventos do ceu, forrageando pelos campos do saber alheio, e regressando cada noite, exausta de fadiga, ajujada sob a carga da pilhagem vária destinada ao thesouro da futura urbs cerebral. Programma não ha, nem tenção formal, que a vida intensa é sem tenções e tudo espera do imprevisito: apenas o impulso do desejo, a projecção do individuo para a frente. Mas dos hymnos retumbantes de esperança acompanhando as sortidas e da surdina elegiaca das voltas se vae compondo a toada característica do homem feito, o seu thema pessoal e representativo nos concertantes da vida. E, premiada nas confirmações praticas das suas intuições e previsões, ou ensinada nos desenganos de que não resulta amargura, porque ainda são a lição da experiencia, esse ir e vir da alma aprendendo a viver encerra nos seus mil episodios desdenhados toda a infinita e inexplorada poesia das descobertas.

Aos dois annos de idade foi a passagem da casa natal na varzea para a morada no morro. Atraz ficavam os apegos materiaes, cousas amadas, outras detestadas, claridades familiares nas várias horas do dia, uma carranca apavorante na parede de um quarto escuro, e no salão, suspensas em baças molduras verdes, gravuras coloridas contando o romance do Filho Pródigo. Adeante era o não conhecido e não desejado. Havia apenas um campo a atravessar e uma ladeira a subir — quinze minutos para as corridas loucas no futuro. Mas, naquella tarde, ao menino que pela primeira vez transpunha a cerca do campo afigurou-se vastissima a pastagem rodeada de brejaes, dessorando pelas vallas sinistras a agua tinta, ainda mais escura pela sombra das arvores á beira. A altura do hombro materno que o carregava não lhe dava para dominar o horizonte hostile, cheio de vultos e de rumores novos. Pela estrada, que encobria uma cerca viva, passavam carros de bois cantando e rouquejavam gritos selvagens de carreiros, fóra da afinação com a serenidade da hora. A meio da ladeira foi a primeira



visão dos altos pennachos de espuma branca, franjando a moldura amarellenta das dunas, de onde vinha como um trovão surdo e continuo o estrondo temeroso da arrebentação do mar. Tudo parecia estreitar-se, aproximar-se, ameaçar. Era o mundo inimigo, o panico inexplicavel e invencivel, religioso. O braço forte e doce que o sustinha, a cabeça amiga apertada contra o seu coração agitado sentiram-lhe nas contracções do corpinho mais aconchegado, buscando amparo, a invasão do terror angustiante. E logo a voz segura e clara começou a fallar, espancando os medos vagos, ensinando a coragem, disfarçando as estranhezas da casa nova, promettendo bellezas, restabelecendo na alminha desnorteada o equilibrio perdido na emoção violenta, até á vinda do somno agazalhador e calmante.

Este drama fremente do primeiro desarraigamento mereceria ser contado com arte. Acaso revelaria elle á analyse dessa impressão profunda do horizonte mudado em torno, da illuminação differente, dos vultos e linhas familiares, que nos occupavam o ambiente e lhe definiam a physionomia obscura, substituidos agora por uma figuração antipathica na sua novidade, sem passado, sem uma acção que lhe dê prestigio e a personalize na breve e balbuciante e palpitante chronica dos nossos primeiros dias, acaso mostraria pela propria violencia dessa estranheza o resaibo pungente de toda sensação bastante nova e intensa bastante para que della nos fique a marca funda na memoria. E, ainda mais, comparando esse quasi espasmo da sensibilidde á primeira mudança com os choques cada vez mais fortes que soffremos de fóra e que cada vez menos nos abalam subjectivamente, mostraria na perspectiva invertida da nossa consciencia a degradação dos tons e o esfumado das figuras, diminuidas de nitidez e de relevo, vindo dos derradeiros planos para a frente e significando o estancamento gradual da fonte de emoções nascidas do substratum obscuro que é o terror do desconhecido. A conclusão seria que quando chegamos á perfeita segurança individual, que, só, nos permite a critica, tem desaparecido em nós o melhor do sentimento poetico, com a faculdade de transmittir emoções vehementes e elementares.

Já a segunda grande viagem, aos cinco annos, para ir vêr o mar e a escola, sendo voluntaria, foi mais tranquillã e confiada. Já ahi se misturavam os arrepios do medo das ondas fragorosas com a curiosidade — não manifestada: as maravilhas

não querem ser explicadas — das causas e dos destinos de toda aquella agitação sem tumulto. E a casa mysteriosamente fechada (era á hora do crepusculo) da escola aonde se vae ganhar premios, ganhar respeito, ganhar saber nos livros que nos communicam com o mundo além, não era mais a terra incognita para o menino em cujo espirito já se firmara a certeza de que aprender é um modo de viver.

Foi assim, sem receio, ainda que não sem emoção, a partida para os estudos na cidade, passando por logares cujos nomes andavam sempre na bocca dos mais velhos, os viajados. Partida ao amanhecer, depois da noite de vigilia e anceo, coração tímido de pena e de alvoroço, estirões fatigantes de marcha, paisagens sempre mudando em perfis de montanhas, em espraiados de rios, sombras, perfumes, vozes, sensações exóticas em poucas leguas de distancia, tres cidades vistas no mesmo dia pelo mātuto de doze annos que apenas visitara um povoado, tudo mereceria registro no capitulo das viagens.

E finalmente dias antes de partir para o estrangeiro, a derradeira visita á casa paterna seria a viagem memoravel, cuja data assignala a entrada de um periodo novo da historia pessoal.

Certamente se combinaram em gravidade reflexiva e profunda e obscura demais para a analyse as emoções várias dessa despedida. Havia alli dois homens de mais de quarenta annos de differença, almas distantes de todo esse tempo, embora ligadas na communhão do affecto, pae e filho que se iam separar, talvez para sempre, e o filho trazia ao pae a noticia da sua ruina. Mas emquanto um se sacudia do atordoamento do golpe cuidando antes da partida do outro, substituição heroica da confiança em si pela esperança na aventura alheia, o filho, apesar seu, estudava no pae a physionomia nova que *devia ter o* homem que ao fim da vida assim cessava subitamente de ser dono de outros homens. E como a situação era pungentemente perturbadora, as phrases raras que trocavam mais pareciam ditas para velar o pensamento tormentoso.

Ultimo beijo de adeus na mão quente e segura, primeira amada e unica temida no mundo, olhar panoramico sobre o horizonte conhecido, amigo, em que sempre eramos centro e que por longos annos ainda, quiçá por toda a vida, vae a ser a paisagem dos sonhos de outra acção, preinura no coração da



incerteza, da apprehensão dos dias futuros, que sentem á hora das decisões os pensativos, os leaes para consigo mesmos, sombra da saudade prévia que empanna o brilho da mais radiosa manhan de partida, quem vos pudesse contar com sinceridade não teria perdão se por sua escolha envelhecesse e morresse em terra extranha!

Mas ninguém póde, ninguém sabe dizer essas peregrinas angustias dos grandes momentos que nos revelam a nós mesmos. Ou, se sabe e póde, não encontra logar para ellas entre as descripções da realidade corrente e impessoal, que querem que sejam as narrações de viagens. O "capitulo dos livros" seria mais apropriado para taes dissecções. Sómente, a quem fazer lêr tal capitulo, senão aos escriptores, que têm "a intelligencia"? Tanto vale deixal-o por escrever.

E no entanto de quanta deformação critica, de quanta injustiça na apreciação das coisas exóticas é causa esse apego irreductivel ao ambiente patrio, revelado em paroxismo pela creança pavorada á sua primeira sahida de casa, e quão facilmente se póde retraçar á sua origem estreitamente nativista a impermeabilidade, a inibição da alma errando sempre fechada na sua couraça de antipathia isoladora! Assim viaja a maior parte da gente sincera.

O leitor dirá se assim viajei.

DOMICIO DA GAMA.

Petropolis, 11 de Maio, 1906.



---

---

## O BRASIL E A ANTHROPOGEOGRAPHIA <sup>(1)</sup>

---

Abelha estranha, e mais velha entre vós, meus jovens amigos, não vos trago senão o mesmo conhecido mel do perenne amor á nossa terra e ao nosso povo; algumas gottas desse patriotismo firme e modesto que na vossa "Colmeia" tambem se elabora. O que vem commigo é antes temperado de experiencia; mas não fará, eu o espero, grave damno ao vosso proprio, perfumado de entusiasmo. Porque ambos, o vosso e o meu, são matizados de esperanza.

A virtude da esperanza é o maior bem da Terra; só quem espera pôde ser bom; só quem espera pôde ser sabio, e consegue ser forte.

Um punhado de maus brasileiros, filhos ingratos ou reprobos enteados do Brasil, anda espalhando, na alma deste povo ingenuo, a crença desalentadora, a religião do pessimismo.

Para os tristes sacerdotes do rito infeliz o esforço desinteressado é uma tolice; o estudo ardente, é uma "fita"; a moral publica, uma mentira. A patria é uma commandita sem prestigio; a gente deve cuidar de si... Não. O Brasil não é um terreno baldio, campo sem dono aguardando energias estranhas. Habita-o um povo que, para vencer suas difficuldades historicas, apenas precisa que se lhe digam palavras toniccas, capazes de lhe infundir a suggestão do valor proprio. Patriotismo gera-se pelo exemplo; mas a palavra propaga o exemplo.

Fazem obra de maldade os que apregoam a fallencia dos nossos destinos, desalentando as massas, espalhando, systematicamente, o desanimo, suggestionando, diariamente, a ruina da nacionalidade, como se este povo pudesse morrer assim, depois de ter vivido a historia que possui.

---

(1) Conferencia realisada na "Colmeia", em 25 de Setembro de 1912.

A "Colmeia" é uma sociedade de propaganda nacionalista, constituída por um grande numero de estudantes das escolas superiores do Rio de Janeiro.

Cumprindo o seu programma, esta sociedade organisou para 1916 uma série de 3 conferencias sobre o Brasil. Esta foi a primeira realisada. Medeiros e Albuquerque e Olavo Bilac encarregaram-se das outras. — N. da R.

Se existe um traço psychico collectivo no povo brasileiro, essa característica é uma extraordinaria suggestibilidade, comprovada pelos episodios religiosos que têm revestido formas de loucura collectiva na Bahia e em Santa Catharina. E' um povo de que as classes dirigentes, que são as classes que sabem lêr, farão o que entenderem. Embora aceitando a justa critica do que aqui se vê, nós nos affastamos inteliramente dos demolidores; e vamos hoje reaccender dentro de nós mesmos, mais uma vez, uma luz de esperança.



A questão que desejo examinar comvoseo apenas pôde ser esboçada no aperto desta hora; nem eu pretendo mais que formular as bases de um programma de estudos capazes de vos interessar a todos. Porque, em geographia humana ha sempre lugar para quem queira trabalhar; e o Brasil é um assumpto virgem. Para servil-o, antes de mais nada, é preciso conhecê-lo. Tão perigoso e tão mau quanto aquelle pessimismo interesseiro de que vos falei ha pouco, é o ingenuo entusiasmo eôr de rosa dos commodistas preguiçosos, que se limitam a repetir a fama de nebulosas riquezas naturacs, cuja descripção viram em livros estrangeiros subvencionados...

Ora, o que venho prégando, desde que inlelei a minha vida publica, já lá vão quasi 12 annos, é a individualisação das pesquisas, a objectivação brasileira das observações.

E' preciso estudar o Brasil, com os seus encantos e as suas tristezas, para o amar conscientemente: estudar a terra, as plantas, os animaes, a gente do Brasil.

Terra de tão forte ascendente sobre os homens, deve ter influido de um modo proprio sobre o povo que a habita; qual foi essa influenela?

Esse povo "laborioso e manso", tal como o pintou Rio Braneo, deve ter transformado esse torrão americano; qual foi essa transformação?

Eis ahí o que a anthropogeographia, applicada ao Brasil, proeura deslindar.



Anthropogeographia — foi uma designação creada em 1882 por Friedrich Ratzel, professor em Leipzig, espirito que impulsionou, de um modo extraordinario o estudo descriptivo das populações da Terra. Sua ideia dominante foi mostrar a correlação existente, por toda parte, entre os factos historicos de um povo e as características geographicas de sua região.

A anthropogeographia, esereveu esse allemão de espirito latino, traça nas cartas a densidade da população, os estabelecimentos humanos, e os caminhos. E, onde a humanidade fôr representda por diversas raças, povos ou grupos de natureza e de historia diversas, ella pesqui-

zará a extensão dessas dessemelhanças e a documentará nos mappas.

Todavia, Ratzel é o primeiro a mostrar o processo evolutivo dessa concepção, que não surgiu de um jaeto no seu cerebro. Ella nasceu no grande seculo 18. Montesquieu, mostrando que a actividade humana é regida por leis naturaes; Condorcet, escrevendo a primeira historia philosophica da civilisação, em mela duzta de paginas; Buffon, traçando a historia natural do homem, permittiram a formação de um **critério anthropogeographico**. Depois, em 1809, Lamack, pregando que o meio modela os organismos, teve uma grande influencia na evolução dessas pesquisas, que receberam subsidio decisivo de Humboldt, o principe dos viajantes, e Karl Ritter, fundador da geographia comparada.

Sobre a systematisação de Ratzel pesou, porém, bastante, a phllo-sophia de Augusto Comte; e o geographo allemão não cseonde a funcção que teve, na sua obra, a concepção da humanidade como organismo integral, o Grão-Ser dos positivistas.



Todavia, pôde-se dizer que o trabalho de tal escola foi se conservando quasi alheio á maioria dos geographos; seu grande sopro não chegou ás massas empenhadas no magisterio. Continuou-se a ensinar e a aprender a geographia como se o factor humano fosse o menor dos accidentes de uma região. Quando muito eram apontadas as cifras da população, a fórma de governo, o numero das dioceses ou bispados...

Porém o genio da cultura franceza não dormia. E, desde 1877, F. Le Play imaginava uma verdadeira technica de investigação social, baseada no estudo monographico, pratico, documentario, dos phenomenos humanos. Em muitas das suas pesquisas, essa escola, vulgarizada aqui por Silvio Romero, faz puramente o que os francezes chamam — **geographia humana**. Desse ponto de vista Ed. Desmolin's é o maior vulto dessa escola. Mas, quanto aos fins dessa disciplina, os francezes têm-se transulado, abandonando um pouco a directriz primitiva, confundindo **geographia humana** com **geographia economica**, que é coisa muito differente.

Ratzel era, antes de tudo, ethnologo; sua orientação ethnographica é visivel em todos os seus escriptos e foi seguida pelos seus discipulos.

O methodo seguido pelo professor Brunhes, do Collège de France, não se propõe a deslindar os phenomenos humanos senão na medida de sua extensão geographica. E' relativamente modesto e, por isso mesmo, mais accessivel e mais realisavel. Porque, a critica que se poderia fazer aos outros, da interessante escola de Le Play, é precisamente esta: para sociologia, as suas monographias têm sciencia de menos; para geographia ou demographia... têm demais.

Anthrogeographia e ethnographia são segmentos conhexos de um mesmo saber.

Cada phenomeno humano pôde ser considerado de dois pontos de vista. O primeiro ligado ao conhecimento do **meio cosmico**; o segundo, preso ao exame do **meio social**. Ambos interessam por igual aos que pretendem comprehender a vida dos povos. Para mostrar a orientação positiva do espirito moderno, basta ver como a exigencia de documentos é cada vez mais accentuada nesses estudos, para os quaes, outr'ora, a facundia supria o conhecimento e as phrases... eram factos.



Nenhum outro paiz apresenta, como o Brasil, aspectos anthropo-geographicos tão interessantes. Aqui, por toda parte, os elementos humanos postos em contacto foram, mais ou menos, os mesmos; porém, os typos resultantes não se espalham de maneira equivalente pelo territorio. Uma carta da população actual mostra tres zonas mais ou menos nitidas, cada qual correspondente a uma das raças fundamentaes aqui reunidas. A primeira mancha irregular, delimitando a **zona do caboclo**, cobre Matto Grosso, Amazonas, Pará, Norte de Goyaz, e os Estados do Nordéste, até as visinhanças da fóz do S. Francisco.

Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Minas, Sui de Goyaz, E. Santo, Rio de Janeiro, Norte de S. Paulo, formam a **zona de influencia africana**.

A fita littoranea e os Estados do Sul, a partir da Capital da Republica, constituem a **zona de influencia europeia**. Evidentemente, é preciso dar a essas denominações uma significação relativa...

Os numeros censitarios de que se pôde dispôr para estes estudos, embora incompletos e precarios, concordam com a observação de quem viaja pelo interior do paiz.

Observa-se desde logo que a distribuição dos afro-americanos se faz na porção de territorio em que a população é mais densa, dando a impressão geral de sua predominancia no paiz todo, o que não é real.

Grupados, assim, entre os maiores nucleos de população, os descendentes da raça negra, sem a qual não haveria, hoje, aqui, nem união e nem progresso, são absorvidos e transformados rapidamente, porque não foram insulados por nenhum preconceito. Essa distribuição geographica é, pois, um dos factores mais importantes no desaparecimento dos negros, o qual se vai apressando, por outro lado, por causas puramente sociaes, extranhas á geographia.

Em 1872 formavam cerca de 16 por cento da nossa população global; em 1890, já desceam a 12 %; em 1912 deveriam andar por 9 %. Emquanto os brancos subiam de 38 % em 1872, a 44 % em 1890 e cerca de 50 % em 1912.

Porém, aquella distribuição nasceu de determinantes geologicas e agricolas particulares; foi a terra que impoz a repartição dos negros pelo Brasil.

A cultura da canna, ao Norte reclamou-os desde o meado do seculo 16; o ouro e o diamante fizeram levar os africanos, no seculo 18, até o interior de Minas e Goyaz. S. Paulo os recebeu em maior numero quando, ainda no seculo 18, a cultura do café precisou de braços. Já os adquiria, porém, muito antes, quando os Jesuitas começaram a entrar a escravisação dos indios. A unica porção do Brasil que produzia; as unicas regiões onde a agricultura e a industria durante muitos annos foram praticadas; o Brasil que armazenou riquezas para custear, mais tarde o progresso do seu organismo luteiro, foi essa porção de terra que bebeu o suor do negro. E' uma justiça que lhe devem as gerações que o não conheceram trabalhando e soffrendo.

Como um actor cujo papel findou na peça do nosso caminhar historico, elle se recolhe aos bastidores, vindo morrer nas cidades onde a concorrência o esmaga. Salvo aquelles, em numero mui limitado, que conseguiram um "sitio" proprio, os do interior do paiz vivem em condições quasi identicas ás dos indios. Sempre individuos para com os proprietarios, ficam presos, numa semi-servidão desmoralisadora. O colono de origem africana, numa fazenda de Minas, do Estado do Rio, que, perto da Capital da Republica, vive mergulhado na bruta ignorancia dentro da qual um homem, no mundo moderno, é um bipede quasi imprestavel. A dez kilometros desta sala sumptuosa (1) trema de paludismo, devorada pela febre, que um farrapo de instrucção permittiria evitar, uma população que é só pequena amostra de um grande povo á espera de um minimo de educação. Quantos são os negros brasileiros que se casam regularmente, constituem familia, têm filhos legitimos e se mantêm durante toda a vida num ambiente verdadeiramente domestico? Quantos são capazes, por essas roças a fóra, de declinar os nomes dos proprios progenitores, com segurança? Nas classes populares, mesmo na maior das nossas cidades, quasi todas as pobres mulheres nacionaes são "Maria da Conceição", sem mais nada... porque a ignorancia de sua origem não lhes diz mais nada; são filhas de um povo, e não de casaes legaes. Forma-se, assim, sempre pela deficiencia de educação, uma população de bastardos. Não exaggero, nem invento.

Repito apenas o que se vê nas classes populares da Capital. Perito do Serviço Medico Legal, em 1908, medico da "Sala do Banco", na Santa Casa, ha 8 annos, diariamente soffro o attricto do meu pobre povo. E' nesse contacto que angario os meus elementos de estudo. E' nem quero me valer de documentos colhidos no interior do paiz.

E' preciso, pois, meus amigos, ensinar ao nosso povo, primeiro, a produzir riquezas para sabir de sua miseria e comprar as balas de que precisar, ou aprender a torneal-as pelas proprias mãos, quando a fatalidade assim o exigir.

---

(1) Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.



Augmento de produção, defeza nacional... tudo isso, sem educação?

E' muito claro que nem todos, coitados! poderão esperar pelo trabalho de moralisação *systematica*, que a educação trará no fim de alguns annos; esses estão destinados, pela sua triste sorte, a acabar seus dias como seus progenitores. Porém, resta a grande massa das crianças, dos adolescentes, mesmo dos jovens e até adultos mais prendados, que é possível salvar.

O exemplo norte-americano mostra, positivamente, o que pôde fornecer o negro quando a cultura consegue apagar as deleterias influencias que a condição de seus antepassados creou no seu animo. Em 1900 os negros formavam 11,6 % da população norte-americana; em 1910, essa porcentagem desceu a 10,7.

Pois apesar desse decrescimento, estão cada vez progredindo mais, moral, intellectual e praticamente. Naquelles 10 annos a taxa do analfabetismo cahiu muitissimo. Em 1900, mais da metade dos negros norte-americanos não sabia ler; hoje, são analfabetos cerca de 30 %.

A mortalidade diminuiu entre elles. O valor das propriedades rurais dos negros, nos Estados-Unidos, em 1900, era de pouco menos de 500 milhões de dollars; em 1910, subia a mais de 1 bilhão.

Já é um progresso...

George Harvey, estudando o problema negro na sua patria, mostra que, na condição de agricultores, elles adquirem riqueza mais depressa do que o resto da nação.

O elemento de origem africana, no Brasil, offerece á anthropographia, como se está vendo por tudo isso, uma serie de questões. Muitas vezes taes estudos têm sido pretexto para simples litteratura.

Por outro lado, o estudo anthropologico da raça negra no Brasil, esboçado pelo professor Niva Rodrigues, na Bahia, offerecerá grandes surpresas, que já tive, eu mesmo, occasião de vislumbrar, em pouco tempo de observação.

A maneira pela qual o meio anthropogeographico modificou essa gente, só poderá ser posta ás elaras por indagações minuciosas, que ainda não foram realisadas. Moderadamente, as questões referentes aos cruzamentos receberam um impulso innegavel pelo rejuvenescimento da theoria do abbade Mendel, formulada em 1865, depois de 8 annos de estudos, nas actas da Sociedade de Historia Natural de Brunn e, ha pouco, exhumada.

De 1900 até hoje as ideias do frade austriaco têm transformado inteiramente o conceito da especie em biologia, e alterado tudo quanto se admittia como dogma em materia de transformação de typos. A herança dos caracteres interessou todo mundo; antes da guerra, na Europa e nos Estados Unidos as pessoas do bom tom procuravam obter cruzamentos de flores e de aves, para observar os resultados,

concorrendo, dest'arte, ao esclarecimento das questões da "Genetica", nome novo creado para baptisar velhas coizas...

Na especie humana não é possível, por uma serie de razões, verificar as **manifestações mendelianas**, que se podem provocar á vontade entre os animaes: a prole é muito reduzida, ha muitos caracteres individuos que mascaram os especificos, a gestação é muito longa... e a moral, em taes assumptos, não permite experiencias. Nas explicações da theoria do abbade ha, mesmo, demasiada metaphysica...

Porém, espontaneamente, o Brasil está sendo, neste momento, um immenso laboratorio de anthropologia; e os casos de herança mendeliana que pessoalmente tenho observado nas familias populares, aqui, são já numerosos e documentados. Mostram que, mesmo sem intervenção de outro elemento branco, o cruzamento de mestiços fornece prole branca, que a anthropologia é incapaz de separar de typos europeus. Todavia, não esqueçamos, por amor ao preconceito disfarçado ou manifesto, que o problema nacional não é transformar os mestiços do Brasil em gente branca... O nosso problema é a educação dos que ahi se acham.



No cruzamento da raça negra com a raça branca certos caracteres desta ultima, em muitos casos, dominam: cor da pelle, typo de cabellos, etc. Porém nos cruzamentos de brancos e indios, a raça americana resiste mais; e os **caboclos** têm muitos traços puramente americanos.

Elle predomina naquella zona que aponteí ha pouco; todavia, é grave erro acreditar que, no grande sertão central e na baixada amazonica o sertanejo seja só o caboclo. Tanto nas chapadas do Nordéste, quanto nos seringaes, ha muitos **cafúzos** ou **caborés**, representantes de uma parte de sangue africauo. Muitos escravos fugiam para se **aquillombar** nas mattas, na vizinhança de tribus indias. A fuga das mulheres era mais difficil; de sorte que o rapto das indias foi largamente praticado pelos pretos quilombolas.

Não apparecem muito os traços africanos nesse cruzamento: o indio é dominante. Mas o folk-lore do paiz inteiro mostra quanto foi extensa a influencia ethiopica.

A **zona do caboclo** é naturalmente dividida em duas regiões: a Amazonia e o Graude Sertão.

Na Amazonia a actividade humana encontrou obices sem conta á sua natural expansão. O homem póde viver debaixo de todos os paralelos; porém, ha **climas humanos**, sectores de planeta em que a vida da especie corre mais á feição de seu progresso; e ha pedaços de terra cujo clima contraria o organismo, por diversos modos.

Por patriotismo mal entendido ninguem deve deixar de reconhecer que aquelle clima gera a matta continua, e a matta cria os insectos que martyrizam, nesmo quando não transmittem doenças. Os allu-

viões seguidos, as erosões formidáveis, os mururés, tornam precaria a construcção da casa, primeiro passo para um trabalho longo e systematico. A casa, na Amazonia, é uma edificação palafitta, typo das lacustres, capaz de dominar as enchentes.

C. F. Hartt escreveu, em 1872, com a segurança que fazia delle um cientista dominador, que o **Amazonas é o destruidor da Amazonia**. Para os geologos, numa phrase feliz de Euclýdes da Cunha, aquelle rio "é um continente em marcha". Terreno ainda em formação não tenta colonisação estavel.

A flora ajura a vida; mas a exuberancia das hervas más perturba as plantações e o calor faz o homem preguiçoso como um gato de luxo...

A fauna é uma concorrente. Para fugir das **formigas de fogo** a população de Aveiros, no Tapajóz, abandonou suas moradas no começo do Seculo XIX.

Liberta do paludismo, do béri-béri, da febre amarella, da leishmaniose e de tantos outros factores anti-occidentales — (no sentido de Ratzel) — (ainda assim não será, tão cedo, **região de localisação**; permanecerá **terra de exploração**, de população oscillante.

O **tapúio** — é o typo corrente da Amazonia; filho de indio, ou ludlo amansado, vive pescando **pirarucú**, **peixe-boi**, ou **tartaruga**. O tempo val dando cabo delle; a civilisação, syphills e aguardente, auxiliam o tempo"...

O **paroára** — é o seringueiro; nasce no Nordéste e vai morrer na Amazonia.

E' um typo ethnico que principiou a se tornar definido em 1877, quando a grande secca escorraçou do Ceará seus filhos abstemlos e ousados.

A fome e a doença, então, mataram cerca de 500.000 pessoas. O exodo systematico começou: e o **paroára** foi desbravar aquelle "inferno". E' o garimpeiro do extremo Norte; não val até lá para permanecer; se não volta, é que a dívida o prende ao seringal, escravizando-o. Assim, as condições anthropogeographicas da região: população escassa, deficiencia de meios de communicação, suggestibilidade do povo, fazer reviver o trabalho servir no Brasil.

Fala-se muito da escravisação do seringueiro do Amazonas, pelo processo das dívidas, reacs ou phantasticas; porém, esse é um phenomeno social muito mais espalhado aqui. Em Matto Grosso nós o testemunhámos. E, a verdade é que elle só não existe nas regiões de população densa, dotadas de vias de communicação. Fóra dahi, a condição do trabalhador rural, no Brasil, é mui precaria, senão desgraçada.

Em Matto Grosso o seringueiro encontra um meio mais favoravel. A terra já ganhou feição definitiva e os nucleos de população surgiram mais rapidamente, não fosse o antagonismo de gentio, aliás, cada vez mais brando.



No centro desta zona achamos o grande sertão, a chapada onde se gerou o typo ethnico mais representativo do Brasil, onde se esboçou uma raça.

O mais interessante é que os caracteres somaticos, corporaes se quizerem, dos habitantes dessa enorme extensão não são uniformes: physicamente o cuiabáno e o cearense não são mui parecidos. No caboclo do sertão de Cuyabá a estatura é mais elevada pela interferencia de sangue bororó.

O jagunço do Nordéste é de estatura menor. Assim a fórma geral do craneo, os tons da pelie, o cabelo, as proporções do corpo.

Porém, se differem tanto no physico, a sua alma é uma alma só; de sorte que, se existem differentes typos anthropologicos no grande sertão espalhados, ha um só typo ethnographico, admiravelmente individualisado.

Certo que a casa em Sergipe é coberta com as folhas do gravatá, em Matto Grosso com as do uauassú ou com o couro do boi, em toda parte com sapé. A technica da construcção, conforme a região e o material, tambem varia; mas, isso é imposto pelas condições locaes secundarias e não importa ao caso.

Os apparatus de pesca, herdados directamente do gentio, seguem feito commum.

E o sertanejo, assim, val sendo o intermediario forçado entre os antigos e os futuros colonisadores do Interior. As poucos, sem que ninguem perceba, muitos costumes indigenas vão passando para os ranchos do nosso povo ainda hoje, quasi debaixo dos nossos olhos.

Tiro das minhas notas uma informação relativa á apieultura, que dcumenta isso luminosamente. Do mel de certas abelhas do Brasil, da bojuí, da jatí, e de outras, não é possivel dizer o que é melhor, se o gosto ou o chiro; parece que as abelhinhas conceentram naquellas gottas a alma de todas as fiôres da floresta. O indio pensou em aproveitar essa fortuna, talvez por influencia de civillsados; então imaginou um systema de colmeia que permittisse a utilização do mel e o transporte do enxame.

E' colmeia feita de uma cabaça, segundo o modeio que vos mostra a photographia que vos apresento, e o sertanejo vae aproveitando o systema.

Estou certo de que a "Colmeia" estimará conheeer essa collega...

Em outros lugares a transição é ainda mais interessante. De Arrojado Lisboa, bom conhecedor da zona secca, ouvi que no sertão de Canindé, no Piahy, obtem-se fogo pelo processo dos bastões ignigenos, esfregando, um contra o outro, dois pausinhos de imburana.





Porém, certas creações individuaes do sertanejo estão desafiando estndo urgente. E são puramente questões de geographia humana.

E' claro que não posso aqui senão apontar esses phenomenos.

Assim, os **praieiros** do Rio Grande do Norte inventaram um processo de pesca sem anzol e sem rêde... para apanhar os peixes voadores.

"Da praia, diz o Dr. Domingos Barros, o pescador avista ao longe a manta de voadores, correndo e voando em certa direcção. Rápido, apresta a jangada e a larga. Nas visinhanças do cardume esnaga e esfrega nos bordos da embarcação os intestinos de peixes anteriormente apanhados."

Então os peixes voadores se precipitam sobre a jangada, attrahidos pela carniça; e os jangadelros os vão collocando dentro de estas, sem mais trabalho. Porém ás vezes succede que a jangada corre risco de virar; porque outros voadores vêm se atirar sobre os primeiros, ultrapassando o peso que comporta a embarcação. Então, o caçador começa a fugir da caça... o jangadeiro trata de ganhar a costa, perseguido pelo bando.

E, para collocar ao lado de um processo inventado pelo praiheiro, outro, que tenha nascido no sertão secco, apontemos a **agricultura nocturna**, cultura que se realisa no leito secco dos rios, para aproveitar as gottas de humidade que o sub-solo retém. E' a **cultura de vasante**.

Muitas vezes é feita a dois metros abaixo da superficie, onde existe humidade. E o trabalhador não dorme de noite, para empregar o tempo na cultura que o Sol não permitiria fosse feita durante o dia.

Como esses factos, que são, por um lado, verdadeira, pura e boa ethnographia do Brasil, quantos não existem por ahi além?

No Museu Nacional inauguramos uma collecção para onde deverão entrar todas as peças que documentam a vida do nosso povo: utensilios, instrumentos proprios, material applicado, etc. Chamei a essa collecção: **Ethnographia Sertaneja**, porque o sertanejo é, como estamos vendo, o mais typico dos nossos elementos ethnicos.

O indio, sob eujo aspecto muitas allegorias querem representar o Brasil, não é um typo brasileiro: é simplesmente americano. Todos os indios que tenho encontrado falando a nossa lingua sempre deixaram isso bem elaro: brasileiros somos nós outros. Elles são **Karajás**, **Bororós**, **Parecís**, etc.



Um facto geral traduz vigorosamente a influencia do homem sobre a terra, no Brasil, é o costume de queimar as mattas e os campos. Por toda parte o fogo destruiu florestas de essencias como se fossem touceiras de capim á toa.



Em Minas, em S. Paulo, para fazer roças de cereaes, á moda india, e plantar café; em Matto Grosso, para afugentar os reptels e os insectos tenazes; nos arredores do Rio de Janeiro... para fazer lenha.

Feito o campo de erlar, a queima se justifica. até certo ponto, enquanto não houver outra coisa além do campo espontaneo. Mas, no interior, o sertanejo queima sem necessidade, queima por desmazel-o, ou por distracção, para gozar daquelle fogo de artificio que custa a vida de muitas especies vegetaes e animaes.

Felizmente que as plantas se defendem, engrossando o seu revestimento suberoso, encouraçando-se de cortiça, ou mesmo mergulhando pelo chão a dentro como faz a *Andira laurifolia*.

Warming, o fundador da geographia botanica, cujos trabalhos foram, em parte vulgarisados no Brasil por A. Loeffgren, resumiu admiravelmente a influencia das queimadas sobre a vegetação do palz. Ellas apressam a queda das folhas e influem sobre a forma das arvores, despertando a ecelosão de brotos adventicios, dos quaes se formam ramos caprichosos que dão ás plantas o aspecto torturado. Arvores do campo, viram arbustos; certos arbustos parecem fórmas florestaes degradadas.

Lund considerava os **cerrados** e os **campos limpos** typos derlvados da matta primitiva do planalto, a **catanduva**, existente no tempo da fauna desapparecida. Acreditava que foram as queimadas que transformaram a vegetação.

Se isso não é verdade para todos os cerrados, se a theoria de Lund, encontra opposição dos maiores botanicos, Reinhardt e outros, todavia, a impressão que deixa ao observador o exame comparado dos cerrados e das florestas visinhas, é toda favoravel á sua opinião. Seja como fôr, a acção transformadora do gentio continúa-se hoje pelos seus successores.

E, no meu sentir, a propaganda pela conservação florestal, ainda mul tímida aliás, é mais digna de animação do que tem parecido aos responsaveis pelos destinos da nossa terra.

•

Na terceira zona de influencia ethnica encontra-se hoje transplantada, quasi pura, a cultura européa. Ratzel chamava — **povos periphericos** — os que occupm as margens do Oceano, limitando, assim, uma flta exterior. Os europeus, aqui, não formam ainda um verdadeiro povo peripherico; mas se as correntes do nosso destino não forem desviadas, as regiões centraes hão de soffrer cada vez mais a influencia dominadora da costa, como é de regra; e o que o Brasil ainda tem de individual, conforme ficou demonstrado, irá cedendo e morrendo.

Se ainda a colonisação fosse homogenea, os perigos seriam muito menores.

Porém, o resultado da acção imprevidente do passado, nesse particular, creou aqui um viveiro de graves questões futuras, mergulhando a região onde reside o elemento director do palz em um ambiente cosmopolita extremamente prejudicial. Mais uma vez fica provado que **politica e historia** não podem andar divorciadas. Nem mesmo a desculpa da ignorancia teriam os antigos politicos que encantoaram, lado a lado, nucleos tão diversos, facilitando, por todos os meios seu isolamento do ambiente nacional. Voltando de sua viagem por São Paulo e Santa Catharina, A. de Saint-Hilaire escrevia conceitos magistraes sobre o problema anthropologico do Brasil futuro. O que elle previa foi se realisando. As massas immigratorias não se nacionalisaram. Filho de allemão permanece allemão, na maioria dos casos, e filho de italiano, é italiano. E se nós, brasileiros de origem varia, porém já nacionalisados, não fizermos a propaganda das puras tradições do Brasil, para que esses moços as conheçam, as respeitem, as estimem e as abracem, quem velará pela sorte desse patrimonio moral?

O matuto, o sertanejo, o capira, o jagunço, o gaúcho, sabem de cór as veredas do terreno, conhecem de longe os typos da flora e são donos acabados dos segredos da fauna; mas, tudo isso, elles conservam na **casa forte** do seu analphabetismo. Não reagem, portanto, sobre os que chegam de fóra. No Rio Grande do Sul, que eu percorri em 1906, o gaúcho poderia ter dominado com os seus costumes os colonos europeus, se já tivesse educação indispensavel. Em Santa Cruz, cidade de vida inteiramente allemã, vi, num domlugo, numerosos cavalleiros teuto-brasileiros, montados á gaúcha classica, de **apeiros** de prata, chapéo de abas largas, calças de botões de prata, laço, tudo enfim quanto póde servir para ostentar um desejo de **ser assimilado**. E, apczar d'isso não o são, porque os antigos habitantes da terra não se aproveitaram, a tempo, de taes disposições.

Agora a difficuldade ainda cresceu, por influencia da luta theorica entre Portugal e Allemanha. Porque é certo que os colonos allemães hão de fazer tudo por impedir que seus filhos aprendam a lingua portugueza: o que se tem publicado em jornaes da região colonial, cujos retalhos conservo, diz isso mesmo claramente.

O momento nacional em que se iniciou a politica de **colonisação** no Brasil, no seculo passado, era multissimo precario.

Quando os primeiros prussianos chegaram ao porto de Desterro, em 1825, Portugal acabava de conceder á nossa terra a mais elemental das liberdades: a liberdade de trabalhar. Ainda em 1808 eram queimados em publico os teares em que o nosso povo fabricava o panno grosso com que se vestia.

A cultura da oliveira, do trigo, o trabalho da ourivesaria, foram prohibidos até aquelle anno, para não limitar os lucros do reino. Pois

foi nesse mesmo anno que se resolveu a concessão de terras aos estrangeiros.

Ha quasi um seeulo que a immigração européa systematisada começou a trazer para o Brasil o seu eoneurso. Seria arrambar uma porta aberta proeurar demonstrar a importancia das modificações que tai corrente imprimiu ao territorio. As nossas regiões meridlonaes são hoje forças economicas sem par, a principiár pelo Estado de S. Paulo. Por outro lado ha modificações anthropologicas já esboçadas nos **teuto-brasileiros**, gente de aspecto mui differente dos sertanejos do Norte, mas igualmente prendada.



Foi precisa uma somma de energias que só podem avallar os que se têm mettido pelo interior para conservar, apezar desses factores ethnicos e geographicos, um todo harmonico, sem rivalidades regionaes acentuadas, como é a nossa patria.

Entre os antigos corria a opinião que a Terra, em sua maior parte era inhabitada, ou inhabitavel; e a pequena porção do globo, falxa por onde se espalhou a espeee humana, foi ehamada pelos gregos — **Oikoyméne**.

O fundador da anthropogeographia reanimou a expressão, eonser-vando-lhe o valor. Pelos calculos actuaes a densidade medla da população, nessa **Terra humana** é, ou antes... era, antes da Guerra, de 12 individuos por killo. quad.

Na America a proporção é de 4 habitantes por killometro; na maior parte do Brasil desece a 2.

Nossa população é, pois, muito escassa.

Ora, duas leis anthropogeographicas regulam a distribuição das populações escassas: 1.º — as populações escassas sempre se espalham de maneira irregular; 2.º — uma população escassa, em terra que permitta sua expansão, apodera-se logo dos pontos mais favoraveis.

Esses principios, formulados por Fred. Ratzel, permittem eonsi-derar sem desanimo o futuro do paiz, mesmo quando outras razões não houvesse para tanto.

A distribuição irregular facilita a exploração do interior, e mesmo a colonisação, espalhando pontos de apoio pelo territorio, tanto mais quanto os pousos, que as explorações vão mareando, são condicionados pela existencia de **cabeceiras**, fontes, em geral, numerosas e proximas.

A localisação inicial em pontos favoraveis, realisada eom admira-vel tino politico pelos portuguezes, justiça lhes seja feita, permite lutar, si fôr preciso, nas melhores condições.

Quanto ás raças já mostrel que porção de questões aqui existem, capazes de gerar diseordias; quanto á terra, por todos os lados são elementos de separação. Distancias infindaveis, rios enganadores, que

parecem largas estradas lisas e têm, mais além, quedas e cachociras intransponíveis.

Quanto á divisão politica, uma lastima!

Estados, como o Espirito Santo, como o Rio de Janeiro, banhados pelo Oceano em todas as latitudes abrangidas pelos seus territorios; e outros, como Goyaz e Minas, sem uma bocca para respirar mais tarde, quando o crescimento exigir trocas mais numerosas.

E, apesar de tudo, de tantos elementos contrarios, ha no Brasil, hoje, uma **alma collectiva**. Ha um espirito nacional que só espera, para gritar, que um homem ehame por elle. Resurgisse Floriano ou Rio Branco, e as forças da nacionalidade haveriam de se reunir, a seu chamado, como a limalha do ferro se congrega, se um iman passa perto.

O reducto de Tamanduá, em Santa Catharina, repetiu em proporções menores, o reducto de Canudos, mostrando a identidade psychica dos brasileiros do interior. Um detalhe muito importante é que, no ultimo paroxismo fetichista dos sertanejos de Santa Catharina, tomou parte mais de um filho de allemão.

O meio social, pois, ao contrario do meio cosmico está agindo para nacionalisar como puder os europeus que os erros da Corôa, aggravados pela Republica, collocaram em condições de pessima assimilação.

Porém, esta acção espontanea é muito mais lenta do que seria preciso, para não comprometter o futuro do paiz. E' tempo de auxiliá-la, levantando o nível moral e intellectual dos atrasados, pela educação, e propagando. entre todos, a bellissima historia da nossa formação.

Se a organização das pequenas patrias é uma lei fatal, que ellas se formem neste solo, quando fôr o seu momento historico, porém sem quebra do laço antigo, como as familias que se fundam, quando se casam irmãos gemcos.

Esse laço antigo tem a sua personificação mais pura na mãe brasileira. Por ella a população vai se uniformisando; desaparece o negro, cuja missão historica findou aqui, nacionalisam-se Portuguezes, Italianos e Allemães. Senhores da "COLMEIA": — Essas palavras que ahí ficam são de um estudioso que nunea foi exaltado... e nunea será vencido pelo desanimo.

A campanha em que nos empenhamos é, talvez, maior do que foi a luta pela liberdade dos captivos. A preocupação nacionalista, nobre e elevada, dentro desses principios scientificos, precisa bem do vosso esforço sadio.

Continuae. Essa virtude da Esperança é o maior bem da Terra.

E. ROQUETTE-PINTO

---

---

# FINALIDADE EDUCATIVA

(CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA)

**“O que é normalidade. Sua expansão ou superioridade. O ideal de formar o espirito, criar profissionais, e lograr uma cultura geral.”**

De todos os problemas pedagogicos, o mais serio e primeiro, á luz do qual se desenvolvem os outros, é o da finalidade educativa: que deve ser o homem, em que a educação vae converter a eriança?

Nem sempre se tem revestido de segurança o eriterio, sob que se vão formando as gerações novas. O educador costuma tomar-se por modelo, a cuja imagem envida assemelhar os educandos. Mas, sem menoseabo ao primor de seus sentimentos, que proposito esclarecido, eseimado e seguro, lhe inspira e dirige a ação educativa?

E' força que o tenha. O professor se amesquinaria da nobreza de sua missão, se se deixasse levar, sem exame, pela rotina, sob cujos auspicios o tenham educado. Por outro lado, a nenhum pae seria prudente fiar o destino de seus filhos ás manias professoraes, e ás incertezas do aceaso. A escola, por mais afamada, não o exime da superintêndeneia sobre o que lhe estão a fazer dos filhos.

Sob a inspiração de que ideal, pois, se deve realizar a educação?



Toda gente sabe que, si forem anormaes os educandos, o dever primeiro da educação é normalizal-os, e, depois, como a todos os normaes, desenvolvêl-os. Em torno, pois, da idéa de normalidade giram todas as preocupações de finalidade educativa.

Mas que se pôde entender por normalidade? Fala-se em erianças normaes e preeóces, em deficiências somaticas, physiologicas e psychicas, em homens de bem e eriminosos natos, em ortopedia mental e moral, em pedagogia emendativa e colonias correeionaes. Toda esta



linguagem, porém, todo este dicionário peca por impreciso, vago e fluctuante, emquanto se não fixar claramente o que é normalidade.



Para a determinação da normalidade, o critério em voga tem sido a média das maiorias. Em, digamos, duas mil crianças, ou dois mil adultos, da mesma idade, do mesmo sexo, de condições sociais paralelas, se procede a exame sobre a saúde e vigor do corpo, sobre as funções fisiológicas e psíquicas medíveis. Supponha-se que mil novecentos e noventa e cinco se irmanam em um mesmo typo, e apenas, cinco se desgarram em diferenças accentuadas. Logo se apreçoam por normaes os primeiros, e anormaes os segundos.

Este processo se eiva, porém, de um vielo radical entre as malhas de um sophisma: é a identidade entre maioria e normalidade. Maioria e normalidade serão, de facto, uma e a mesma cousa? Onde a prova desta identidade? onde a segurança de que não seja normal, precisamente, a minoria? Quem ousaria lançar a coima de anormalidade, no seu sentido pejorativo, a uma entidade apostólica, só porque symboliza a minoria nos agrupamentos de qualquer especie? Nem porque quasi sempre coincidem, por influencias secretas da selecção natural, a normalidade com a maioria, se ha de concluir, legitimamente, não poderem co existir normalidade e minoria.

Si não está, pois, na média ocasional da massa indistincta e amorfa, onde e como buscar o critério verificador da normalidade humana?



Comeceemos por uma verdade axiomatica: todos os homens querem viver.

Si algem apparecesse affirmando de si o instincto da não-existencia, faell seria confundil-o, oppondo o seu procedimento ao que apregoasse. Sabeis que as palavras não têm a sinceridade e o vigor dos actos, como expressões do que vae pelo espirito. Alguem vos declara não ter o instincto supremo da vida? Porque, então, se alimenta nas horas de fome, e dorme nas horas de somno, e se agasalha das invernias, dos aguaceiros e do frio, e se defende do tigre, do ião, da serpente? Não será por uma exigencia fatal do corpo, um inflexivel impulso do organismo? Pois é a este impulso de buscar o que favorece, e repellir o que contraria a vida, que se dá o nome de instincto da vida.

Todos queremos viver. Mesmo o suicida, no desespero do seu suicidio, affirma, com energia desmedida, o seu irreductivel apego á vida. Porque, para cada homem, a vida é o que sobre ella elle concebe. Não ha outro melo de se verem as cousas, senão através dos estados

conscientes, o conjunto dos quaes sobre a vida é o que a vida é para nós. Ora, o suicida tem, na sua exaltação emocional, a sua concepção da vida, que sente conforme com as realidades exteriores. E porque, em dado momento, se lhe depare um bôco sem sahida, elle retrocede num arranco violento, pela escura porta do suicidio, das adversidades extranhas á vida que concebia. O suicidio é a tresloucada affirmação do immenso mor á vida, concebida, pensada, sentida.

— Para a realisação da vida, a natureza dotou a todos os seres vivos de orgams, de apparatus, de systemas apropriados e aptos. Todo o nosso organismo é uma complicada machina de transformar as influencias do ambiente em reacções uteis á conservação e desenvolvimento da vida. Que é, no seu traço mais caracteristico, o apparelho digestivo, sinão um transformador de alimentos em elementos da vida orgauica? que é o apparelho respiratorio, sinão um absorvedor de oxygenio, precioso á vida, e expulsor de gaz carbonico, prejudicial ao organismo? que é o apparelho circulatorio, sinão um vehiculo que leva a todas as celulas organicas os elementos de que precisam, e de todas ellas traz os detricos inutilizados pela funcção? que são os orgams secretorios, sinão filtros purificadores do organismo e fornecedores de necessarios á chimica da vida organica? que é o systema nervoso, senão um conjuncto harmonico de orgams, que solidariza todas as partes do corpo, coordenando-lhe as funcções? e, sobre todos, que é o cérebro, senão, principalmente, o maravilhoso organ das idéas, das emoções, da vontade, mercê das quaes se coucebe e se realiza a vida?

— O homem, pois, quer viver, e a natureza o dotou, como a todos os seres vivos, de meios aptos a realizar a vida.



Na longa e dolorosa campanha pelo dominio da Terra, o homem tem vencido, até hoje, os seus mais formidaveis competidores. Não o puderam abater os colossos antediluvianos, como não o podem hoje as mais possantes feras.

E' verdade que, nesta luta, aspera e titanica, muitos e muitos homens caíram vencidos, como não é de admirar que, ainda hoje, pereçam por acaso, por descuido, por surpresa, nas garras afiadas dos animacs ferozes. Mas estes perecimentos parciaes não significam incapacidade dos vencidos para triumphar na vida. São os herolicos sacrificios pela selecção natural dos mais capazes, pela victoria definitiva da especie humana.

A que deve o homem a sua posse e dominio sobre a Terra? Não foi a força bruta de seus musculos que venceu as feras indomaveis, e as vence, ainda hoje, nos sertões bravios. Que pôde fazer mesmo um athleta, face a face de um leão, ou tigre, em campo razo, só com



sua força physica? Na lueta, corpo a corpo, que travar, será dilacerado e amassado até aos ossos pelo adversario faminto. O instrumento assegurado da vida humana, nos embates com as brutas feras, tem sido a sua agilidade, a sua destreza, as suas traças, as precauções da sua prudencia, as eriações maravilhosas do seu engenho. E' a supremacia da intelligencia sobre a cegueira dos impulsos, a supremacia do cerebro, que pensa, sobre os museulos, que agem, a supremacia da força divina do espirito sobre a força cega da materia.



Como tem, porém, actuado, e actua esta supremacia? Como se manifesta, praticamente, uos dias que correm?



O homem vive em dois ambientes, a que não pôde esquivar-se: o ambiente physico e o ambiente social.

Mereê de seu systema nervoso, o homem converte em reaeições uteis á sua vida as influencias ambientes, que o excitam. O homem busca e acaricia, ou combate e foge a acção do meio physico, segundo é propicia ou adversa. O calor ardente, como o de uma braza sobre o corpo, ou o frio excessivo, que gela e quebradiça orgams, a luz fulgurante, que deslumbra e fere, ou as trevas densas, que cegam e desesperam, são violencias cruas do ambiente physico, contra as quaes o homem reage a todo o poder que possa. Ao contrario, a frescura das manhans, a transparencia macla da luz, a doçura e sabor dos alimentos, o conforto, o repouso, o somno, são favores do ambiente, com que o homem sonha, solicita e procura.

E' que as primeiras influencias são nocivas, e as segundas são beneficas á conservação da vida.

Comtudo, nem sempre o reconhecimento da favorabilidade e da prejudicialidade dos factores ambientes se Impõem tão facilmente, com a só intuição instinctiva. Ha cousas de consumo agradavel, e até solicitadas por tendencias e habitos, e que, todavia, debilitam, corrompem e destroem o organismo e a vida. Tal o alcool, o fumo, o morfina, os excessos da carne. Algumas ha, insidiosas, das quaes o instinto não nos pôde preservar. Assim os bacilos da tuberculose, da syphilis, da morfea, da fabre amarella e typhoide.

As reaeições humanas contra estes inimigos invisiveis, sem numero e sem piedade, se fundam no conhecimento das leis phisiologicas, violadas por elles, e dos meios especificos, com que possam ser destruidos. Só, então, o homem pôde lograr a sua subsistencia victoriosa, pelos annos afóra, propiciando o ambiente physico á mantença prospera da vida. E' assim que moida seu procedimento pela hygiene

mais rigorosa, purificando os ares das cidades, combatendo a proli-  
feração dos microbios, filtrando aguas suspeitas, assentando redes  
subterraneas de esgotos, construindo vivendas arejadas, na boa face  
do sol cheias de frescura e saúde.

Sem a propiedade do ambiente, os homens tendem a perecer. Os hospitaes, as Santas Casas regorgitam de degenerados pelo alcool, pela morfina, corroidos pela tuberculose, pela syphilis. Si luvestigardes as causas das loucuras nos hospícios, as causas remotas, os germens onde as demencias começam, haveis de encontrar muitas nas degenerescencias paternas, criadas pelos vicios, pela incuria, pela ignorancia.

Como é possível, pois, a sobrevivencia victoriosa dos mais fortes na ambiencia physica?

Primeiro, pelo conheclmento dos factores propicios, e dos factores nocivos á vida humana. Segundo, pela constancia em submeter-se á influencia dos primeiros e a energia em repellir, sem treguas, a dos segundos. E', de um lado, a capacidade intellectuai, para conhecer as condições elementares da vida physiologica, e, do outro lado, a capacidade moral, para realizal-as sem cochilo ou fraqueza. Uma e outra constituem a capacidade de adaptação ás coudições da vida humana dentro da ambiencia physica. E', sob este aspecto, o elemento substancial da normalidade.



Considere-se, agora, o homem nas suas relações com o ambiente social.

Mais que em todos os seres gregarios, o instincto da sociabilidade domina na especie humana. Figurae um homem a sós, numa ilha deserta, uma especie de "Trindade", batida asperamente pelos ventos nevados, repleta de animaes damninhos, em pleno oceano, nada possuindo que derive da civilisação. Como se ha de elle poupar ás Inclemencias do tempo? vencer os seus competidores á posse da ilha? As horas lhe hão de correr amargas e crucis, na dôr sem repouso do insulamento sem defesa. A misantropia é toda relativa, porque ao misantropo envolvem os beneficios Indirectos da civilisação. A hypothese de um contracto social entre homens, que vivessem fóra da sociedade, é uma fantasia revolucionaria, sem realidade nem observação. Em todos os tempos, o homem foi, fatalmente, um animal social. E' este um principio basico de sociologia, por sobre o briho de cuja verdade passam os seculos, sem lhe sombrear a vivacidade.

— Mas, na convivencia social, a diversidade dos Interesses cho-ca os homens contra os homens. As desintelligencias e aggressões reciprocas sempre reinaram por toda parte. E' uma das fórmulas da lucta pela vida. E qual teria sido e será sempre o instrumento seguro da victoria nesta nova fórmula da lucta pela vida?

A força bruta? A força corporea?

Si a força bruta fosse o arbítrio supremo do destino humano, a sociedade viveria eternamente em guerra, a si mesma se acabando. Si todos pudessem fazer o que lhes vlesse á cabeça, ficae certo que perderiam todos as cabeças. Por sobre a Terra reinariam as trevas e as feras.

Dahl este segundo principio elementar da sociologia: a conservação e prosperidade da vida humana requerem limites na actividade individual.

A difficuldade está em saber quacs são, e até onde chegam, estas restricções ao poder de fazer tudo. Algumas de tal maneira interessam á conservação da sociedade, que já ninguém vacilla em admittil-as. Tal o respeito á vida humana, ao trabalho, á inteireza physica e moral dos homens. Já se não pôde o mesmo dizer do imposto de sangue para as guerras de conquista, da instituição dos escravos, do confisco da propriedade, dos privilegios e foros de nobreza. A solução deste problema exhaustivo é a conquista progressiva do Direito.

Uma vez, porém, determinadas, com verdade, as restricções ao poder de fazer tudo são condições da vida collectiva. Si ninguém as respeitasse, a sociedade estaria desfeita e aniquillada, e, com ella, a possibilidade da vida humana. Logo, para que se effectue a essencia mesma do destino humano, que é viver, cumpre a cada homem adaptar-se ás condições da vida social.

A capacidade desta adaptação suppõe dois factores: a intelligencia que descobre, ou, pelo menos, comprehende as condições assentadas da vida collectiva, e a vontade disciplinada, que as realiza custe o que custar. Um e outro constituem a capacidade da adaptação ás condições da vida humana dentro da ambiencia social. E', sob este aspecto, o elemento essencial da normalidade.

— Acontece, comtudo, que certas restricções ao poder individual de fazer tudo, impostas pelo Estado aos seus subditos, sejam antes condições negativas da vida collectiva. Tal, entre nós, longo tempo, a instituição servil; tal a pena de morte; tal o militarismo. A causa do mal reside na complexidade do problema, na fraqueza da intelligencia, ou no arbitrio governativo de superpor aos interesses publicos as paixões individuaes. O ambiente social em tacs condições, em lugar de beneficiar a vida, a contraria, estorpece e annulla. Dahi, por vezes, commoções revolucionarias contra os abusos e trahições do poder politico. Pode, então, acontecer que os revoltados contra as condições negativas da vida social sejam, em dado momento, vencidos e condemnados, sem que deixem, comtudo, de ter, no mais alto grau, a capacidade de adaptação ás condições verdadeiras da vida social. A derrota delles, como a de muitos homens nas luctas prehistoricas contra as feras, não prova inferioridade para a vida social, mesmo em relação aos arbitros do poder, senão, precisamente, o contrario. Em

verdade, o sacrificio dos bons, nas luctas contra as tyrannias, são escazas de dôr para a victoria definitiva dos maiz capazes. Ao contrario, quem só pudesse viver com abdicacão da liberdade no altar das tyrannias, viveria na estagnacão pantanosa da servilidade, como vivem as sangue-sugas, á custa do soffrimento e sangue dos subjugados sem defesa pelo despotismo.

Para que, pois, o ambiente social offereça propiciencia á vida humana, necessario é que as restricções ao poder individual de fazer tudo sejam as minimas necessarias á coexistencia harmonica e prospera dos homens. Tudo o que exceder ao estrictamente necessario, dá ensejo ás luctas pela liberdade. Serem minimas as restricções ao poder de acção dos homens, para a composicão da ordem juridica, é um tereiro principio de sociologia, que do caos das acções individuaes extrahe a liberdade, o poder de fazer tudo o que não violar as condições da vida social.



Nessa altura, considera-se o homem nas suas duplas relações com o ambiente physico e o social.

Tomae de exemplo o faetor ambiente do alcool. O embriagado, que o ingere, sabe que o alcool lhe corroe o organismo num lento suicidio de tristeza, maldade e demencia. Mas o prazer de agora em beber-o lhe adoça de tal encanto os dias, que não se sente com forças para lhe resistir á tentacão. Podem falar-lhe em incapacidade de adaptacão ás leis physiologicas da saude, em fraquezas de caracter. Que ha de fazer? Segue a fatalidade de sua natureza tarada.

Quanta gente sabe que o desperdicio do dinheiro e da saude em jogo, em noltadas, em desregramento do copo e da mesa, lhe prepara, ainda apenas na madureza, uma velhice precoce, achacada, andrajosa. Mas já não pôde reagir contra a vehemente sollicitacão dos sentidos inflammados. Que queris? E' a sua triste sina, a inexorabilidade do que está escripto no livro negro dos habitos fataes.

Assim tambem os delinquentes perversos. Sabem que os crimes corrom o organismo collectivo, quebrando-lhe a ordem juridica, emiasmando os ares soelaes como nuvens de microbios nas estações calmosas. Mas insistem nos seus delictos por amor ás suas paixões malsans. Nem ameaças de cadeia, nem de forza não bastam a lhes neutralizar os impulsos que lhes assomam das entranhas, como lavas de um vulcão, ou cantos de serela. E' a incapacidade subjectiva de adaptacão pratica ás leis juridicas, ás leis da vida social, ás condições da vida humana.

Que é, de outro lado, o homem de bem, senão aquelle cuja vida se desenvolve na mais rigorosa conformidade consigo mesma? E' o que subordina a sua vida phisioleica ás leis da saude. E' o que regula a sua vida social pelas leis juridicas e moraes. E' o que não faz mal a

ninguem. E' o que se condoe da miseria do proximo. E' o que é casto no amor, e polido na linguagem, nas maneiras e nos actos. E' o que, em summa, praticamente se adapta ás condições essenciaes da vida.

No ambiente physico, pois, como no ambiente social, póde o homem assumir duas situações: a de adaptação e a de rebeldia ás condições da vida. No primeiro caso, a existencia lhe corre directa e sadia, conforme com a essencia mesma da vida, que é viver e prosperar. Logo, a capacidade da adaptação ás condições da vida é a essencia da normalidade humana.

Porque se consideram anormaes o imbecil, o morfinamaniaco, o assassino, o impulsivo?

O imbecil, o retino, o demente, o louco, é anormal, porque, na sua incapacidade de attenção continua, lhe fallece a intelligencia capaz de conhecer as condições mais elementares da vida. O morfinamaniaco, o assassino, o impulsivo, são anormaes, porque, sem embargo de uma intelligencia, provavelmente esclarecida, lhes fraqueia o sentimento e a vontade da obediencia a condições essenciaes da vida physica e social.

Senão, imaginae, si é possível, um anormal talentoso, de sentimentos puros e bons, de vontade energica e disciplinada, um anormal com a mais completa capacidade de adaptação a todas as condições da vida. Ou, então, imaginae um normal em guerra declarada com a hygiene, eo mo direito, com a moral, com a pollidez, com as condições da vida, seja por ausencia de cerebro capaz, seja por falhas irremediaveis da vontade. Bem vêde: seriam duas hypotheses inconcebiveis. Esvaziada da intelligencia que comprehende as condições da vida, e da vontade que as possa realizar, a normalidade humana deixaria de existir.

Em a menor duvida, pois, **normalidade é a capacidade de adaptação ás condições da vida.**



A educação póde, neste sentido, fazer muito, já normalizando as anomalias, já amplliando a normalidade. Desobrigada de criar, manter e progredir as normalidades do corpo e do espirito, a educação usurparia erminosamente um nome sagrado, asseivajaria as almas, animalizando-as até os irracionaes, em vez de as humanizar até os genios e os santos. Outr'ora, como hoje, a má organização do ensino, com uma pratica que não olha a principios, tem estragado a personalidade propria da erlança que estuda. E, eontudo, ninguém ha, tão desalmado, que menoscabe a correcção e desenvolvimento do corpo e do espirito de seus filhos, que desestime, para a educação, o alto ideal de **normalizar as anomalias, e ampliar as normalidades, corporeas e psychics, dos normaes ou normalizados.**



Como, entretanto, se realizará, praticamente, este ideal?

Todo elle gira em torno da idéa de normalidade ou capacidade de adaptação ao ambiente physico e social, harmonizados com as condições da vida humana.

Ora, esta capacidade se compõe de intelligencia sufficiente a comprehender as condições da vida, e de vontade firme e resoluta em realizal-as.

— Mas inntelligencia é attenção inconstante ou voluntaria, superficial ou penetrante; é memoria prompta ou tarda, duradoura ou fugaz; é percepção rapida ou vagarosa, segura ou falha; é imaginação fecunda ou estéril, brilhante e original ou ecllpsada e comum; é linguagem abundante ou escassa, espreslva ou obscura; é raciocinio logico ou sofisticico, profundo ou comesinho. E' toda uma actividade de analyse e associação, cujo principio é a philosophia da intelligencia.

Todas estas forças da intelligencia, por menores e mais precarias que a principio sejam, podem ser desenvolvidas e melhoradas, mediante exercicios apropriados. Não se trata de encher a cabeça de conhecimentos abundantes e variados, mas de revigorar e ampllar a intelligencia. Não se trata de formar eruditos, mas de formar intelligentes, já pela aquisição de conhecimentos, obediente ás leis mentaes, já pelo exercicio directo. A formação directa da intelligeneia, pelo desenvolvimento equilibrado das forças mentaes, ainda que hoje vagamente se imagine, será, mais dias menos dias, a preocupação dominante e comesinha dos paes, dos professores, do Estado.

— Formada a intelligencia, cumpre attender ao segundo factor: a formação da vontade. A mór parte desta tarefa já se logra na formação mental. E isto por dois motivos: O primeiro é serem os estados mentaes antecedentes necessarios das emoções, e o segundo é ser a vontade uma resultante da intelligencia e da sensibilidade. Si a intelligencia se forma, resta, para educar a vontade, a formação sentimental, a disciplina dos instinctos, o habito de realizar as emoções boas. Os defeitos, as fraquezas, as incoherencias da vontade, as suas anomalias, a sua incapacidade póde ser supprida, arredada, e substituida pela energia, pela constancia de uma vontade clarividente, ao serviço obstinado da verdade e do bem.

— E' tudo formar, praticamente, o espirito. Incidrieis em lamentavel erro, si acreditassels na sua preformação nativa. O que vem do passado são meras predisposições, forças latentes, que desabrocham o espirito, com a reciprocidade das acções entre ellas e as forças do mundo exterior.

Que é, para mim, por exemplo, este objecto? E' uma fórma, é uma côr, é um peso, é uma utilidade... Retirae estas impressões, e

este objecto uão existirá ao meu sentir. O conjunto dos estados conscienciaes, a que elle me dá ensejo, é o que, para mim, elle é.

Supponho hoje que tal individuo é A. Para mim, elle é a realidade que se reflecte nos meus estados de consciencia sobre elle. Acontece, porém, um dia, surprehendel-o a proceder por fórma, de que eu nunca o supuzera capaz. Deixa, eutão, de ser A. para ser B. Soffro uma desillusão, um desengano. A minha supposiçãõ, até este momento "verdadeiro", inquinada agora de falsidade, se substitue pelo que agora me attesta a consciencia. Podia acontecer, ao contrario, que a minha concepção primeira sobre A. não mudasse jamais, ou por falta de occasião, ou porque, desde o começo, tivesse eu tido idéa exacta, clara e completa sobre elle.

Não são estes factos trivialidades, que nos encham os dias? Pois, ampliado o caso, si aquelle objecto e aquelle homem são, para mim, nem mais nem menos, do que aquillo que sobre elles eu penso, todas as cousas e todos os individuos, a vida, o cosmo, o universo inteiro é, para cada homem, a realidade que elle entrevê nos seus estados de consciencia. De accordo com elles, vê, e, como vê, sente, e, como sente e vê, quer, repelle e solicita.

Ora, a verdade e o erro, a clareza e a obscuridade dos estados conscienciaes dependem do valor da intelligencia, que percebe, concebe e raciocina, e do feitiço emocional ou temperamento, que dá á intelligencia o ponto de vista, de onde ella observa.

Logo, a educação que orthopediar e crescer a intelligencia, corrigir e disciplinar as emoções e os instinetos, terá erlado o acerto, a energia e a preuideucia da vontade, e, como a vontade é uma confluencia da sensibilidade e da intelligencia, terá, em ultima analyse, formado o espirito.

— Que mais cumpre á educação?



A sociologia, ajuda aqui, nos fornece um terceiro principio sobre que se baseia a sciencia da educação. E' o da especialisação das funcções para maior prosperidade social.

Si cada homem se abaiançasse a fazer tudo, nada faria que prestasse. Imaginae um professor, que fosse tambem cocheiro, iavrador e ferreiro, medico e negociante, padre e marinheiro, magistrado e engraxador, e mais o que mais lhe viesse á cabeça tresloucada. Na sua demencia de intentar tantas e tão variadas actividades, nada conseguiria de merito real, o pouco que de tudo fizesse, seria ainda de má qualidade. Si a nação se compuzesse de factotos desta ordem, toda ella balbuciaría apenas o abe da civilisação.

Supponde, porém, que cada individuo se especializa em dada funcção. O que fôr professor é só professor, e, ainda, não enciclope-

dieo. O que fôr medico é só medico, e ainda na medicina, é só operador, ou só clinico, ou só aurista, ou só oculista. O advogado é só advogado, e, especialmente, commercialista, ou civilista, ou canonista, ou criminalista. O lavrador, o commereiante, o industrial não se desviam das suas especializações. A consequencia seria, para cada profissional, resultados abundantes e dos melhores, e, para a nação, assim composta de especialistas em todos os ramos, um progresso que oriaría pela maravilha. Teria de tudo, a bom prego e do melhor.

Acrescentae a estas considerações, as vantagens a mais, si as especialisações profissionaes se fizerem de acordo com as preferencias individuaes, com as vocações ou aptidões. A psicologia já possui, hoje, processos praticos, para a determinação das vocações individuaes. Desde então, os benefieios, para os individuos e para a nação, ultrapassariam, sem conta nem medida, aos horizontes mais optimistas.

Ao lado, pois, da formação do espirito, ou superiorização das normalidades, releva á educação ensejar a cada educando habilidades profissionaes de acordo com as aptidões de cada um.



Ainda, para realizar vida completa, indispensavel é acrescentar á formação do espirito e das habilidades profissionaes, uma cultura geral, exigida pela posição social do homem.

Esta cultura já em parte resulta daquella actividade mental que adestra o espirito. Tal, por exemplo, a literatura grega e latina no cultivo do bom gosto e elegancia da linguagem, da finura do perceber, da belleza do imaginar, da doçura do sentir. Tal a mathematica, a analyse logica e a logica doutrinaria, no cultivo do raciocinio acertado, seguro e profundo.

Independente, porém, deste cabedal, haurido na actividade formadora do espirito, o homem bem educado não se dispensa uma certa cultura desinteressada, que o distinga, o apure, o aprimore.



Por fim, como corolario ou condição da formatura do espirito e da eficiencia profissional, se impõe a educação do corpo, normalizando e melhorando as funções phisiologicas.

Ha, para isto, duas razões.

A primeira é a inseparabilidade do corpo e do espirito na formação da intelligencia e do caracter. E' um solido principio de psychologia, e devera ser, hoje em dia, um dogma de educação: as funções esprlrituaes se condicionam ás actividades cerebraes. E a vida inconsciente do cerebro é alternativamente decomposição da sua sub-

stancia no exercicio, e recomposição della durante o repouso. Ora, o sangue é o conductor dos elementos, com que a massa cerebral se reconstitue, e dos detritos que elle inutiliza com a funcção. Por sua vez, o valor do sangue depende principalmente do que valer a respiração, a alimentação e as secreções. Logo, o bom funcionamento do corpo concorre efficaçmente para a boa formação do espirito.

A segunda razão é ser em si mesmo a educação physica um admiravel exercicio formador da intelligencia e das habilidades profissionaes. Assegura ao homem a calma, a serenidade, a presença de espirito, desenvolve a attenção voluntaria e a promptidão executoria, cria habitos moraes, como a paciencia, o respeito da autoridade, o dominio sobre si mesmo.

A' parte, porém, estas duas razões, que collocam a educação physica em situação subsidiaria da formação do espirito, ella é, em si mesma, na ambiencia moral contemporanea, um fim legitimo.

Porque, na mantença da ordem juridica, o Estado não pôde assegurar, praticamente, a tempo e hora, a garantia da lei aos individuos aggedidos. Os aggedidos succumbiriam, si se limitassem a invocar a protecção das leis, do Estado, da força publica. Prudente será que disponham, nesta eventualidade, de poder proprio, pessoal, de reacção, no momento, contra as aggressões que lhes assaquem, si não quizerem perecer, de surpresa, ás mãos dos mais ousados, dos mais valentões, dos mais possantes, animalizados no culto da força bruta.

Só a educação physica pôde criar e desenvolver a elasticidade, a flexibilidade e o vigor dos musculos, a firmeza e rapidez do passo, a presteza e precisão dos movimentos, o donaire do porte, a segurança e animação do olhar, toda uma flora de frescura, saude e força, gerando espontaneamente alegria, felicidade e desejo forte de viver. Sem o desenvolvimento dessas energias do corpo, a confiança do homem em si mesmo, no seu braço, na sua agilidade, na sua serenidade, na sua destreza, o abandonaria nos momentos em que só ella o poderia salvar.



Em resumo, a educação se propõe:

- 1) formar o espirito da criança;
- 2) criar, no adolescente, habilidades profissionaes;
- 3) aprimorar o adulto com uma cultura desinteressada.

E' tudo normalizar as anomalias do corpo e do espirito, e superiorizar o homem normal ou normalizado. E' um alto ideal não só legitimo, mas cabivel em todos os tempos, e superior a todas as vicissitudes.

SAMPAIO DORIA.

(Da "Educação", cap. II).



---

---

# POESIA

---

## SEM PAR

*São uns olhos scintillantes,  
Que os outros olhos offuscam;  
Se pousam alguns instantes,  
Ai dos que os raios lhes buscam!  
Nunca mais sabem de si.  
Pois a esses olhos eu vi  
Que andavam á tôa, incertos,  
Como dois anjos perdidos;  
Como de nevoa envolvidos  
Dois céos, sem calor, desertos;  
Buscando, buscando em vão,  
Um coração!*

*Labios vermelhos, pequenos,  
Que amor e desdem expiram;  
Ai dos que um dia os sentiram,  
Antes haurissem venenos,  
Com que acabassem a si!  
Pois a esses labios eu vi,  
— Antes, quentes, entreabertos  
Na florescencia de um beijo,  
Mas esquivos ao desejo  
De tantos labios desertos —  
Pois os vi, os vi sem côr,  
Buscando amor.*

*Braços niveos, longos, lentos,  
Que o infinito em si fechavam;  
Ai dos que um dia os tocavam!  
Em aneias de amor, sedentas,  
Já não eubiam em si.*

*Pois a ccses braços cu vi  
Entreabrirerem-se cansados,  
Como azas de ave que vóa,  
Em remigios alongados,  
Errante, perdida, á tóa,  
Nas incertezas do ar,*

*Buseando o par.*

### A UMA ESTATUA

*Feliz, perfeita, és tu, alva figura,  
Do marmore surgida sob o escopro  
De milagroso artista.*

*Não te formára o genio da esculptura,  
Sem o divino sopro*

*Que a alma te deu, tão viva, que se avista,  
Se apalpa e se ouve e calida se exhala  
Da tua ondeante carnação desnuda.*

*Ouço-te a erebia e cristallina fala,  
Que em riso a eada syllaba se muda:  
Sinto a ardentia dos teus olhos humidos,  
Negros, profundos...*

*Em tua mão alçada*

*A taça o hausto promette do aureo masto  
Dar á ditosa bocca desejada.  
Mas inclinas um poueo ao lado o rosto,  
Finges não ver... não vês teus seios tumidos  
Com que, nós, sequiosos olhos tentas,  
Olhos e as boecas inda mais sequiosas  
Delles do que do masto que ha na taça,  
Delles e mais de tudo mais sedentas.  
Finges não vêr que és vista e que as flexuosas  
Curvas o olhar dos outros te devassa,*

Desde os setineos pellos da cabeça,  
 Desde as axillas á cintura e ás ancas  
 Que se arredondam, se avelludam brancas.  
 Mas nem tudo descobre o olhar, sómente  
 O que o teu impudor sagaz consente,  
 E antes que o olhar insaciavel desça  
 O declive suave da barriga.

Eis que a nudez te abriga  
 Subita dobra da capa imprevista;  
 Suspensa ou resvalada só té onde  
 O principal, por que mais valha, esconde  
 A' devassante vista.

E a mão, que o véo recolhe, ou por ventura  
 Vae deixal-o afinal cahir inteiro,  
 Menos cuidosa da nudez, segura  
 O chocalhante, vivido pandeiro,  
 Ouve-se já o tilintar dos guizos,  
 Cadenceias os passos indecisos,  
 E do marmore irrompe a onda estuante  
 Da musical luxuria em que fluctua,  
 Como uma flôr de espuma, a forma nua  
 Do teu fulgido corpo de bacchante.

Feliz, perfeita, és tu, forma immutavel!  
 A multidão dos homens apascentas  
 De goso, e o goso dás insaciavel  
 Na lascivia ideal da carne pura.  
 Lubricos olhos que enlevados miram  
 O corpo nú que sem pudor ostentas,  
 De geração a geração expiram  
 Na cara confusão da sepultura...

Teu proprio creador,  
 Quem foi? que importa o nome d'elle? Gloria,  
 Gloria é sómente a tua,  
 Nessa nudez que forma e perpetua  
 A vida enganadora e transitoria  
 Da belleza e do amor!

MARIO DE ALENCAR.

---

---

# SONETOS

---

## AGUA LUSTRAL

*Lá no pinheiro azul da serra  
Ao pé das nuvens, ha uma fonte pura,  
Onde, antes de subir do Céu á altura,  
E' costume banhar-se a nevoa fria.*

*Sae então, como sae a luz do dia,  
Limpida e nua; eleva-se e mistura  
Dos transparentes ares á brancura  
Sua brancura casta e fugidia.*

*Assim tambem, quando o fatal momento  
Chegue, alma peccadora, de mais bella  
Região buscares, na ascensão extranha,*

*Sejam-te preccs e arrependimento  
Agua em que os erros laves, como aquella  
Em que se lava a nevoa da montanha.*



## POBRE LUIZA!

*Vae, tu que mal viveste o eurtò prazo  
De uma illusão, ó doee e combalida  
Pomba! vae deseancar da grande lida,  
Se é somno a morte, se ha deseanco acaso.*

*Vae, aos adeuscs deste sol no oceaso,  
Onde uma cruz a repousar convida,  
Segreda-lhe o que foi a tua vida,  
Do teu infausto amor o triste easo...*

*Vae! Ninguem te entendeu esse mysterio,  
Em que abafavas lagrimas e dôres,  
Sorrindo embora em tanta desventura...*

*Se em flores tens de abrir no chão funereo,  
Que flores tristes, que maguadas flores  
Hão de naseer em tua sepultura!*

## NO ALBUM DE UMA POETISA

*Deixa, nadando, o eysne a penna leve  
Que o gyro delle á flôr da agua recorda,  
Folhas e espuma — o rio que transborda,  
Lume de espelho ao sol — fundida neve.*

*Deixa o perfume a flôr a alguém que a leve,  
Som, que é soluço — da harpa a tensa corda,  
Rastro de luz — a aurora, quando accorda,  
E a mão de Rosalina, quando esereve.*

*Aqui te deixarão rimas e flores,  
Sorrindo-te rivaes, outras Camenas,  
Pincéis, pennas e lapis, á porfia...*

*Eu, que já vou perdendo, com os amores  
Perdidos, arte e gosto, deixo apenas  
Estes quatorze versos sem poesia.*



## LEANDRO E HERO

*Cingindo o peito ao nadador ousado:  
— “Não partas!” Hero, em lagrimas, pedia,  
E mostrava-lhe em baixo, da sombria  
Tôrre, o Hellesponto remugindo irado.*

*— “Que importa! de saudades afogado  
Posso morrer, não de ondas á porfia,”  
Leandro, adeus lhe dizendo, respondia,  
Prestes o estreito a atravessar a nado.*

*Dá-lhe a chorosa amante o beijo extremo,  
(Beijo, Amor, com que todo nos invades,  
Queimando, o intimo peito) e lhe replica:*

*— “Se assim é, — vae! sómente as ondas temo,  
Que afogar-te não pôdem as saudades,  
Pois todas ficam na alma de quem fica.”*

ALBERTO DE OLIVEIRA.

1916.



---

---

## A COLCHA DE RETALHOS

---

— Upa!

Cavalgo e parto.

A natureza por estes dias de Março accorda tarde. Passa as manhãs embrulhada num roupão de neblinas e é com espreguiçamentos de mulher madraça que despe os veus para o banho de sol. A cerração esmaia o relevo da paisagem, desbotallhe as cores, e tudo parece coado atravez dum cristal despolido.

Vejo a orla de capins tufados á laia de debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada descorar passos adiante; e nada mais vejo senão, a intervalos, o vulto lavado d'alguns angiqueiros marginaes.

Agora uma porteira.

Aqui a encruzilhada do Labrego.

Torno á destra, em direitura ao sitio do José Alvorada.

Este sujeito mora-me a talho de pegar um roçado no capoeirão convisinho á sitioca dos Periquitos, nata de terra que pelas boccas do cahetê legitimo, da unha de vacca e da caquéra está a clamar foice e covas de milho.

A puxada não é difficil; com cincoenta braças de carreador bóto a roça no caminho velho.

Tres alqueires, só no bom. Talvez quatro. A noventa por um são — nove vezes quatro trinta e seis — tresentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras que o porco estraga, e o que comem a paca e o rato... Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina. O pae está em casa?

Esta é a sua filha unica. Pelo geito não vae em mais de quatorze annos. Que ar sadio! Lembra os pés d'avenca viçados nos sombrios noruegas. Mas arredia e itê como a fruta do gra-



vatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos finge arrumar a rodilha. Veiu pegar agua a este cor'go e é milagre não haver-se esgueirado por detraz daquella moita de taquarys ao me avistar.

— O pae está lá? insisti.

Respondeu com um “está” enleiado, sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida do matto asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. O velho quando comprou a situação dos Periquitos vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida alli lhe correu dura na lucta contra terras ensapadas e seccas onde se encurtam as colheitas dobrando o trabalho. Foram-se rareando as idas á cidade e, ao cabo, de todo se supprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em annos outoniços, e que a geada queimou o café novo — uma tamina, tres mil pés — o homem amou e nunca mais espichou pé fóra do sitio.

Se o marido ficou assim urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. Costumava dizer: mulher da roça vae á villa tres vezes, uma a baptisar, outra a casar, e outra a enterrar.

Com taes casmurrices na cabeça dos velhos a pobresinha do Pingo d'Agua — tinha esse appellido familiar a Maria das Dores — era natural que se tolhesse na desinvoltura ao extremo de ganhar medo á gente. Fôra uma vez á villa, com vinte dias, para baptisar. E já lá ia nos quatorze annos sem nunca mais ter-se arredado d'alli.

Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ella ler e escrever que nem uma professora, quando casou, se desde então nunca mais teve tempo de abrir um livro? Na roça como na roça.

Deixei a menina ás voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente á morada.

Que ruíria... Da casa antiga aluira uma aba e o restante, além da cumieira sellada, tinha o oitão fóra do prumo.

O velho pomar roido de formiga succumbira de inanição; tres ou quatro laranjeiras brocadas, macillentas, sopesando o docel retrançado da herva de passarinho abrolhavam ainda rebentos novos, ouriçados de espinhos, na ancia de sobreviver.



Fóra disso uns mamoeiros altísimos, a silvestre goiaba, e aracás, promiscuamente com o matto invasor que só respeitava o terreirinho batido fronteirigo á casa. Tapera quasi e enlurados nella, o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati as palmas: ó de casa?

Appareceu a mulher.

— Está o seu 'Zé?

— Inda agorinha saiu, mas não demora, foi queimar um mel na massaranduva do pasto. Apeie e entre.

Amarrei o cavallo a um moirão de cerca e entrei. Acabadinha a Nhanna Rosa. Toda rugas na cara, e uma cor... Estranhei-lh'o.

— Doença, respondeu, estou no fim. E' estomago, é figado, uma dor aqui no peito que responde na cacunda... Casa velha é o que é.

Surgiu da cosinha a mãe della, uma velhota bem apessoada, no cerne já, rija e tesa embora tremula. Depois dos cumprimentos:

— Está espantado do geito da Nhanna? Esta gente de hoje não vale nada. Olhe que eu com 70 annos não me troco por ella. Criei a minha neta, inda lavo, cosinho e coso. Admirase? Coso sim!...

— Mecê se gaba porque nunca padeceu doença, nem dor de dente! Mas eu? pobre de mim! Só me admiro de inda estar fóra da cova. Ahi vem o Zé.

O Alvorada ao ver-me expandiu-se.

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não pego na sua mão porque estou assim! E' só melado. Bonito, hein? Estava difficil, n'um óco muito alto e sem geito, mas sempre tirei. Não é jity não, é mei de pau.

Depôz a cuia de favos n'um mocho e foi á janella lavar as mãos sob a caneca d'agua que a mulher despejava.

— Hoje veiu no picaço... Bom animal! Eu sempre digo: animaes aqui no redor são este picaço e a ruana do Izé de Lima. O mais é cavallaria de moenda.

Neste momento entrou a menina, de pote á cabeça. O pae apontou a cuia de mel.

— Está ahi, minha filha, o doce da aposta. Perdi, paguei. Negocio é negocio. Que aposta? Ah! ah! Brincadeira. A gente na roça quando não tem serviço com tudo se diverte. Vinha

passando um bando de maritacas. Eu disse atôa: são mais de dez. O Pingo negou: não chega lá. Apostamos. Eram nove, ella ganhou o doce. Doce da roça mel é. Esta songuinha só vendo, não é o que parece, não.

A loquela do Alvorada não desmedrou com o atrazo da vida. Em se lhe dando corda tagarellava como gente da cidade.

Expuz-lhe o meu negocio. O homem refranziu a testa e reflexionou um bocado, de queixo preso. Depois:

— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Dês'que cahi naquella peste de mundeu da ponte preta fiquei assim como quebrado por dentro. Não escóro serviço nenhum, e para lidar com camaradas no eito não basta ter bocca. Sem puxar a enxada de par com elles a coisa não dá certo. Lembra-se da empreitada do anno retrazado? Pois sahi perdendo. O tranca do Mina me quebrou um machado e furtou uma foice. Com esses prejuizos não livreí o jornal. Desde então fiz cruz em serviço alheio. Se ainda teimo neste sapesal é por via dessa menina, senão largava tudo e ia viver no matto como bicho. E' o Pingo que inda me dá um pouco de coragem...

A velhinha sentou-se á luz da janella e abrindo uma caixeta se poz a coser, de oculos na ponta do nariz.

Approximei-me della admirando-lhe o lavor, para a lisonjear.

— Sim senhora! Com setenta annos!

Ella sorriu-se.

— E' para ver. E isto aqui tem coisa! E' uma colcha de retalhos que venho cosendo ha quatorze annos, desde que o Pingo nasceu. De cada vestidinho della cada isca que sobeja vou-as guardando nesta caixa e um dia as emendo. Veja que galantaria de serviço.

E estendeu-me ante os olhos um panno variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O ultimo retalho hade ser do vestido de casamento, não é Pingo?

Pingo d'Agua não respondeu. Mettida na cosinha percebeu a a espiar-me pela fresta da porta.

Mais dois dedos de prosa, um cafesinho ralo — escolha com rapadura — e:



— Bom, rematei levantando-me do mocho de tres pernas, nesse caso, Seu José, não podendo ser paciencia. Apesar disso acho que deve pensar mais um bocado. Olhe que este anno se estão pagando os roçados a oitenta mil réis. Dá para ganhar, não?

— Dar eu sei que dá, mas sei tambem para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso. Quando era gente muitas peguei a sessenta e não me arrependi. Mas hoje...

— Nesse caso...

Transcorreram dois annos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervalo Don'Anna se foi. Era fatal a dor que respondia nas costas. E me não mais aflorava á tona da memoria a imagem daquella pobre gente quando chegou até meus ouvidos o zum-zum corrente no bairro, uma coisa apenas crível: o filho de um sitiante visinho, rapaz de todo pancada, furtára o Pingo d'Agua aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina tão acanhada!...

— E' para ver! Desconfiem das sonsas... Fugiu e lá rodou com elle para a cidade — e não para casar nem para enterrar. Foi ser "moça", a pombinha.

O incidente me ficou a azoinar o bestunto. De noite perdi o somno revivendo as scenas da minha ultima visita ao sitio, e disso brotou a ideia de lá tornar. Para? Confesso, mera curiosidade, para ouvir os commentarios da triste velhinha. Que golpe! Desta feita ia-se-lhe a rijeza de cerne.

Fui.

Setembro abrolhava gommos tenros em cada plantinha. Neblina nenhuma. A paisagem desenhava-se nitida até aos cabeços dos morros e ás distantes serras azues. Por amor á symetria montava eu o mesmo picaço. Transpuz a mesina porteira. Atalhei pelo mesmo trilho.

No correngo vi com os olhos da imaginação o vulto da menina envergonhada com o pote descansado na lage e toda ás voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapera antolhou-se-me desolada. As tres arvores do pomar extincto eram já galhaça resecca e estonada. Só os mamoeiros subsistiam, mais crescidos e apinhados de fructos. O resto peorára descamban-

do para o lugubre. O oitão ruira e o terreirinho pintalgava-se de moitinhas de guanxuma, cordão de frade e joás.

— O' de casa!

Silêncio. Tres vezes repeti o appello. Por fim surgiu dos fundos a velhinha, mais acurvada e mais tremula.

— Bom dia! Está o seu Zé?

Não me reconheceu. O Zé fôra á villa vender aquillo para se mudar de terra. Fez-me entrar pedindo escusas da má vista logo que me dei a conhecer.

— Tem coragem de estar aqui sosinha?

— Eu? sosinha estou em toda a parte. Morreu-me tudo, a filha, a neta... Sente-se, disse apontando-me o mocho de dois annos atraz.

Sentei-me com um nó na garganta. Não sabia que dizer. Por fim:

— O que é a vida, nha Joaquinha! Parece que foi hontem que estive aqui. Apesar das doenças iam vivendo felizes. E hoje...

A velhinha limpou no canhão da manga uma lagrima.

— Viver 72 annos para acabar assim... Felizmente a morte não tarda. Já a sinto aqui dentro.

O coração confrangia-se-me alli naquelle ermo onde tudo era passado, a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo, tremulo espectro sobrevivente como alma da tapera, a triste velhinha encanecida cujos olhos poucas lagrimas ainda estilava, tantas derramara.

— Que mais agora? murmurou pensadamente em voz de quem já não é deste mundo. Até á *desgraça* eu não queria morrer. Velha e inutil inda gostava da vida. Morreu-me a filha, mas restava a neta que é duas vezes filha e era o meu consolo. Desencaminbaram a pobresinha... Agora, que mais? Só peço a Deus que me tire logo e logo.

Relanceei o olhar pela sala vazia. A caixeta de costura ainda estava sobre a arca, no lugar de sempre. Meus olhos pousaram nella, marasmados.

A velha adivinhou-me o pensamento, e erguendo-se pegou da caixa com mãos tremulas.

Abriu-a. Tirou de dentro a colcha inacabada, contemplou-a longamente, e depois, com tremuras na voz, me disse:

— Dezeseis annos! E não pude acabar a colcha... Ninguém imagina o que é para mim este panno. Cada retalho tem sua historia e me lembra um vestidinho do Pingo d'Agua. Aqui leio a vidinha della des'que nasceu. Este, olhe, foi da primeira camiseta que ella vestiu.

Tão galantina! Estou a vel-a no meu braço, tentando pegar os olhos com a mãosinha roliça. Este azul de listras lembra um vestido que lhe deu a madrinha aos tres annos. Ella já andava pela casa inteira armando reinações, perseguindo o Romão, que um dia, por signal, metteu-lhe as unhas. Chamava-me *óó aquina*. Este vermelho de rosinhas foi quando completou os cinco annos. Estava com elle por occasião do tombo na pedra no correjo donde lhe veiu aquella marquinha no queixo, não reparou? Este cá de xadrezinho foi pelos sete annos; eu mesma o fiz, e fiz de sainha comprida e paletó de quartinho. Ficou tão engraçada, feita uma mulhersinha! Pingo d'Agua já sabia temperar um virado quando usou este, de argolinhas roxas em fundo branco. Digo isto porque foi com elle que entornou uma panella queimando as mãos. Este roxo usou-o quando tinha dez annos e cahiu com sarampo, muito malsinha. Os dias e noites que passei ao pé della a contar historias! Como gostava da Gata Borrallheira!

A velha enxugou lagrima na colcha, e calou-se.

— E cá este? perguntei apontando um retalho amarello, para avival-a.

Pausou um bocado a triste avó, em contemplação. Depois:

— Este é novo. Já tinha 15 annos quando o vestiu pela primeira vez n'um mutirão do Labrego. Não gosto delle. Parece-me que a desgraça começa aqui. Ficou um vestido muito as-sentadinho no corpo e galante, mas pelas minhas contas foi elle o culpado de o Labreguinho engraçar-se da coitada.

Hoje sei disso. Naquelle tempo de nada suspeitava...

— Este, disse-lhe eu fingindo recordar-me, é o que vestia quando cá estive.

A velha sorriu.

— E' engano seu. Era, quer ver qual? era este de pintas vermelhas, repare bem.

— E' verdade, é verdade, menti, agora me recordo, era isto mesmo. E este derradeiro?

A pobre creatura saeudiu a cabeça, e balbuciou após uma pausa dorida:

— Este é o da desgraça. Foi o ultimo que lhe fiz. Com elle fugiu... e me matou.

Calou-se, a lacrimejar, tremula.

Calei-me tambem, oppresso d'um apertão d'alma. Que quadro immensamente triste aquelle fim de vida machucado pela mocidade louca!...

E ficamos ambos assim immoveis, de olhos pregados na colcha. Ella por fim quebrou o silencio.

— Era o meu presente de noivado. Deus não quiz. Agora será a minha mortalha. Já pedi que me enterrassem com elle.

E guardou-a, dobradinha, na caixa, envolta n'um suspiro.

Um mez depois morria, e soube que lhe não cumpriram a ultima vontade. Que importa ao mundo a vontade ultima d'uma pobre velhinha? Pieguices...

MONTEIRO LOBATO.



---

---

# O CORVO

(EDGAR POE)

## I

Emprehender a traducção de "O CORVO" é tomar a si a demonstração da praticabilidade do impossível, desde que esse poema haja de ser interpretado á luz da "**Philosophia da composição**", magistral artigo de critica literaria, em que o autor explicou os meios de que se valeu para alcançar o objectivo mirado, e tão completa, brilhante e applaudidamente attingido na elaboração dessa incomparavel joia da literatura do novo hemispherio.

Comquanto presumamos muito conhecida a "**Philosophia da composição**", não podemos deixar de aqui lhe expôr a sumnia, afim de justificarmos o desempenho dado á difficillima empreza de produzir em vernaculo as impressões, que, na sua lingua, quiz vehicular, e vehicudou, o insigne e originalissimo poeta — sem traduzir, nem trahir a sua obra-prima em verso, isto é, apresentando-a na versão paraphrastica, que aqui offerecemos.

Tomando para explicação do seu **modus operandi** na producção literaria — "O CORVO" — diz Edgar Poe que o primeiro ponto, que considerou, foi o da extensão do poema a escrever. parecendo-lhe que deveria elle ser breve, porquanto a demasia acarreta prejuizo á unidade; e, por exigencia psychica, a excitação intensa, que eleva a alma, não comporta longa duração.

Fel-o, pois, de maneira a ser lido de uma assentada, projectando-o de cerca de cem versos, numero apenas excedido em oito na realisação dada ao trabalho.

O segundo ponto considerado foi a escolha da impressão a transmittir com o intuito de tornar o poema **universalmente** apreclavel; e a preferencia não podia deixar de recahir sobre o "**bello**", o qual, sem condemnar a "**verdade**" que requer "**precisão**", e a "**paixão**", que



requer "**familiaridade**", é precipuo na exaltação ou elevação deleitosa da alma, que deve ser funcção da poesia promover.

Qual, porém, o "**tom**" da belleza a tomar por objecto? Eis o terceiro ponto; e a "**tristeza**" se afigurou ao philosopho como o mais conveniente, porque a belleza, qualquer que seja, leva invariavelmente, no seu supremo desenvolvimento, a alma sensível, ás lagrimas, sendo, em consequencia, a "**melancolia**" o mais legitimo de todos os tons poeticos.

Passando, uma vez determinados a extensão, o objecto e o tom, aquillo que entendeu chamar mais propriamente os "**pontos**" no sentido theatral do termo, o estribilho, pela universalidade do seu emprego, foi o primeiro, que estudou, chegando á conclusão de que o deveria adoptar, mas modificando-lhe a forma primitiva, isto é, conservando-lhe a **monotonia do som** e variando a do pensamento.

Neste proposito, pois, preoccupou-o a natureza do seu estribilho; e, como tinha assentado a variação constante, da qual é condição a "brevidade", decidiu-se pelo estribilho de uma só e unica palavra.

Estudando, então, o character ou natureza da palavra a empregar nessa funcção, a **sonoridade** e a possibilidade de **protrahida emphase** se lhe afiguraram essenciaes, levando-o inevitavelmente, como o declara, ao o longo, por ser a vogal mais sonora, em connexão com o **r**, a mais produzivel das consoantes, condições realisadas pela primeira palavra, que se lhe apresentou e fecha todas as estrophes: "**Nevermore**".

Que emprego dar á palavra assim escolhida? foi a interrogação, que, em seguida, se lhe formulou no espirito. Attribui-a a um ente dotado de razão, era crear difficuldades insuperaveis. Impoz-se-lhe, portanto, um ente sem ella, que veio a ser o corvo, como o mais em correspondencia com o tom acceto, visto que o papagaio, o garrulo e tradicional arremedador da fala humana, só a um effeito comico se prestaria.

Um corvo, consequentemente uma ave de mau agouro, deveria repetir a palavra sonora e fnebre "**nevermore**" ao cabo de cada estrophe em um poema de tom melancolico, que não excedesse de cem versos. Ahi estava o arcabouço da construcção.

Restava fixar qual dos "**tons melancolicos**", segundo o consenso universal, era "o mais melancolico". A morte, sem duvida. De quem? De uma pessoa formosa. Lamentada por quem? Pelo amante, que a perdera. Tudo se encadellou assim logicamente.

Dahi á idéa de que o estribilho seria empregado em resposta ás perguntas do amante desolado, foi um passo: — a pergunta do amante seria a **variação constante**; a resposta do corvo, a **nota monotona**; e, do embate entre a pergunta e a resposta, surgiu, comprehende-se que tão facil quanto logicamente, o jogo entre o comico momentaneo, o medo supersticioso despertado em mente quebrantada, e a indignação



em furia exasperante, que alternativamente se desenrolam nas estrophes em successão de crescente interesse até culminarem no desfecho, que tão bem remata o poema e foi o principio de sua execução, pois affirma o poeta tel-o começado a reduzir a escripto pela decima sexta estrophe, assim regulando melhor a variedade e gradação das precedentes interrogações do amante, definitivamente tambem estabelecendo o rhythmico, o metro, a extensão e arranjo geral das estrophes precedentes, de maneira que nenhuma dellas excedesse a essa em effeito rhythmico.

Quanto á versificação escolhida, diz o poeta que procurou, como em tudo que fazia, a originalidade — excellencia que conseguiu, não pela invenção de metro ou rhythmico, mas pela combinação dos trocheus em versos successivos de oito, sete e meio, oito, sete e meio, sete e meio e tres e meio, combinação essa que nem remotamente tinha até então sido tentada, e cujo effeito esthetico se realçou pela rima e alliteração.

O local, um quarto, teve preferencia, porque pareceu ao poeta que um incidente isolado ganha relevo num espaço restricto, que o realça como a moldura ao quadro; a entrada do corvo pela janella impoz-se depois que fez o amante interpretar como bater á porta o que fóra roçar de azas contra os batentes, e, ao espanto da surpresa, suggeria o espirito da amada; a noite foi tempestuosa, já para justificar a entrada do corvo, já para oppôr um contraste á serenidade do quarto; o contraste determinou tambem a preferencia do busto para pouso do corvo, cuja cor sobresahiria no fundo pallido do marmore; a personificação de Pallas não só se coadunava com o genero de occupação do amante como tambem a sonoridade do vocabulo aproveitava ao effeito; ainda o contraste foi intencionalmente concretisado no humor jocoso e expressão consequente, despertados pela maneira por que entrou a ave — humor e expressão, que se vão cambiando em tranquillidade e medo, e preparando ao mesmo tempo o leitor para o desenlace, que se lhes segue tão rapida e tão directamente quanto possivel.

Summariada assim a marcha da elaboração do poema, conclue o seu autor:

“Com o **denoûment** propriamente tal — com a resposta do corvo: “Nunca mais”, á ultima pergunta do amante, que delle inquiria si lhe seria dado encontrar a sua amada em um outro mundo, pode-se dizer que teve complemento final o poema na sua phase obvia: a de uma simples narrativa. Até esse ponto, tudo está dentro dos limites do applicavel, do real.

Um corvo, tendo aprendido de cór as unicas palavras “Nunca mais” e tendo escapado á guarda do seu dono, é impellido, á meia-noite, pela violencia da tempestade, e procura abrigo, guiado pela luz que coa a janella de um homem de letras occupado no estudo de antigos volumes, meio a sonhar na amada, que a morte lhe havia arre-

batado. Aberta a janella em razão do ruido, que contra ella produziu o bater das azas da ave, esta entra e se empoleira no lugar que mais a geito achou, fóra do alcance de quem lh'a abriu, e que, achando graça no incidente e na singularidade do que fez o visitante extrauho, pergunta-lhe, por gracejo e sem esperança de resposta, o seu nome. O corvo, porém, responde-lhe á interrogação com as suas costumadas palavras: "Nunca mais" — palavras que achem logo echo no coração melancolico do amante, o qual, repetindo, absorto, em voz alta, certos pensamentos suggeridos pelo facto, de novo se surprehende com a insistencia de resposta por parte da ave. Adivinha, então, o amante, a verdade do caso, mas, impellido por aquella sêde que tem o homem de se considerar victima de imagiarios tormentos, e, em parte, pela superstição, propõe novas interrogações, que lhe tragam o eumulo do deleite da dor na resposta antecipada: "Nunca mais".

Com a indulgencia até o extremo desta automartyrisação, a narrativa, no que ehamel a sua primeira e obvia phase, termina naturalmente sem que, na sua deducção, sejam ultrapassados os limites do real.

Em assumptos tratados por esta forma, por habilmente que o sejam, ou qualquer que seja o apparatus do incidente, ha sempre uma certa dureza ou nudez, que repulsa o olho artistico. Duas cousas se requerem invariavelmente: — primeiro, certa somma de complexidade, ou mais propriamente, adaptação; e, segundo, certa somma de suggestividade, alguma contraeorrente do sentido, por indefinida que seja. E' esta ultima, espeeciamente, que dá a uma obra de arte tanto daquella riqueza, que nós nos inclinamos a confundir com o ideal. E' o excesso do sentido suggerido — é o facto de fazer deste a corrente, em vez da contraeorrente, do thema, que converte em prosa (e da mais baixa especie) a assim chamada poesia dos assim ehamados **transcendentalistas**.

Sustentando estas opiniões, ajuntei as duas estancias, que concluem o poema, fazendo com que a suggestividade domine toda a narrativa, que as precedeu. A coutracorrente do sentido torna-se, pela primeira vez, apparente nas linhas:

"Tira o teu bico de meu coração e o teu vulto de sobre a minha porta".

Disse o corvo: "Nunca mais."

Observar-se-á que as palavras: "**do meu coração**" envolveu a primeira expressão metaphorica do poema. Ellas, com a resposta: "Nunca mais" dispõem o espirito a procurar a moral de tudo que previamente se narrou. O leitor começa então a considerar o corvo como emblematico. Mas não é senão no ultimo verso da ultima estancia que a intenção de o tornar emblematico da **lutuosa e eterna recordação** se deixa ver claramente:

“E o corvo, sem se mover, está ainda pousado, pousado ainda está sobre o pallido busto de Pallas bem por cima da porta do meu quarto; e seus olhos têm toda a apparencia dos olhos de um demonio, que está sonhando; e a luz da lampada, que sobre elle desce como um olhar cupido, attra-lhe no chão a sombra; e minha alma, dessa sombra, que está sempre a fluctuar no chão, nunca mais se erguerá!”

Expostas assim as razões por que o poeta elaborou, como o fez, o seu poema, claro é que, si, na lingua em que o escreveu, a todas lhe foi possível attender, adaptando meticulosamente a expressão ao molde, que adoptou, aquelle que emprehender dar, em outra lingua, á expressão ao seu alcance, a correspondencia exacta com o original, terá de supprir, pelos recursos a tal intento mais conducentes, a deficiencia, em que fique a composição pela differença, que haja entre o idioma de que verte e aquelle para o qual traslada.

Ora, sob o ponto de vista da **sonoridade e protrahida emphase**, que o poeta quiz conseguír para realce do poema e encontrou na palavra unica do estribilho, graças á concorrência da vogal o e da consoante r, formando a resposta constante do corvo, “Nevermore”, vocabuio a que incontestavelmente se imprime na dicção ingleza a nota lugubre de tamanho effeito e tão em consonancia com o tom melancolico, elemento obrigado porque calculado como essencial na genese da composição, sob esse ponto especialissimo e necessario para a consecução do objectivo visado, o “Nunca mais” do nosso portuguez não possui o som, nem é susceptivel da emphase, que tanto realce dão á symbolisação extraordinaria de uma vida inteira, qual a que, no dizer de Gustavo Karpeles na Historia Uiversal da Literatura, se encarna neste poema “notavel pela sua melancolica belleza e fascinante espirito tragico.”

Percebendo de entrada esse obice e ponderando bem no modo por que o poeta deduziu a sua narrativa, pareceu-nos a nós que era nesta mesma narrativa que se encontrava o expediente a adoptar, desde que o estribilho com o “Nunca mais” por fecho falhava ao effeito buscado com a sua introdução.

O amante, cansado e cheio de tedio, ao ouvir á porta do seu quarto as pancadas repetidas, que extranhou pela hora adiantada dessa vigilla fatigante, procura tranquillisar-se do sobresalto, em que o deixam, insstindo, pela **repetição**, nas affirmações balbuciadas, como para se mostrar conveuido da naturalidade do facto, que intimamente, todavia, o apavora. Quando, aberta a porta, verifica que ninguem a ella está bätendo, a sua extranheza, dando entrada á suspelta do sobrenatural, que a toda a alma humana se impõe fatalmente diante de factos destoantes da norma da vida usual, o amante **repete** ainda as suas

afirmações, já sob o reeeio, que lhe torna hesitante o espirito, já pela intenção de asseverar a si mesmo a posse de si proprio, em que, entretanto, não está evidentemente. Por fim, quando a resposta do corvo, que attribue ao aeaso de ter elle sido propriedade de um infeliz, a quem muitas vezes ouviu como desabafo o vocabulo inconseientemente reproduzido a qualquer proposito — quando essa resposta ealha á pergunta, mas em sentido contrario ao desejo de quem a faz, a exasperação do amor indignado contra a insistencia da negativa á esperanza de rever a amada, leva novamente o amante a **repetir** as palavras, em que traduz as invectivas da sua revolta.

A **repetição**, pois, a **repetição**, que tão apropriadamente põe o poeta em jogo para photographar as alternativas subitas do estado psychico do amante saudoso e inconsolavel, se torna evidente desde logo como um elemento impeseindivel nas situações ereadas; e, para a eonseguir, o poeta não hesitou em rimar seis vezes "Nevermore" com "door", e quatro com "Lenore", quando, entretanto, a rima em "ore" é riquissima. Tão necessaria, tambem, para o effeito aliudido a entendeu Machado de Assis, que, na sua traducção, tres vezes rimou "Nunca mais" com "taes", duas com "immortaes", duas com "fa-taes" e duas com "portaes", quando, por sua vez, na nossa lingua, a rima em "ais" não menos opulenta é.

Nós, no nosso trabalho, des que vimos a inutilidade de querer fiar da rima do estribilho o que della fiou o original, demos eompensação a tal deficiencia com as **repetições** do amante: 1.º — quando extranha o faeto das paneadas á porta e proeura eonvencer-se de que nada de extraordinario ha nelle; 2.º — quando se deixa avassalar pelo medo supersticioso; e, 3.º — quando a revolta do affecto inesquecivel pela mão da saudade inconsolavel se insurge contra a insistencia da negativa á realisção da sua sonhada esperanza.

Afigurou-se-nos que essa **repetição** assegura, de facto, ao poema o effeito, que lhe não pôde dar a constituição phonica do vocabulo estribilho, e cremos que nos não enganámos. Dissentirão talvez os leitores da impressão, que sentimos como resultante da realisção por nós dada á que, travez do original, reeebemos e não atinámos em melhormente transmittir. Questão de temperamento.

Quanto á metrificação não nos fieou livre a escolha: o assumpto e o modo por que o desenvolveu o poeta impuzeram-nos o alexandrino, que a cesura hemistichial torna solemne ao mesmo tempo que a rima aos pares toea de uma monotonia perfeitamente adequada ao tom lugubre, que, no original, se eondensa incontestavelmente no vocabulo-estribilho, cuja sonoridade melancolica e dieção habil, qual a que lhe imprimia, segundo o testemunho de contemporaneos, o autor, accentuada e effieazmente realça pela emphase protrahida, facil de lhe imprimir.

Afim, porém, de dar maior destaque á **variedade** do estribilho,



que o poeta fiou da **diversidade** do thema em cada estrophe, a rima se fez alterna nos ultimos quatro versos de cada uma.

Si é verdade ter a traducção paraphrastica, em que nos pareceu podermos melhor integrar na composição os elementos combinados pelo poeta para obter os effeitos attingidos pelo seu poema — si é verdade ter essa traducção dobrado a extensão do mesmo contra a sua idéa fundamental e primeira de brevidade, pensamos, entretanto, que, bem consideradas as cousas, a differença entre o original e a nossa versão, nesse ponto, não é grande: o autor lhe encurtou a extensão em **comprimento** porque a augmentou em **largura**; nós, porque a encurtámos em **largura**, lhe augmentámos o **comprimento**.

A conjugação em um só verso de versos de differente metro em outras composições empregados isoladamente, não nos abalançámos nós a fazel-a, qual a fez o original para compensar pelo numero de syllabas o que perdera pela diminuição do numero de versos. Pelo menos, não nos animámos a tal ousadia, que, aliás, nos pareceu excusada quando é certo que, mesmo com a extensão com que ficou, pode sem fadiga ou quebra de unidade, ser o poema lido de uma assentada.

No que ahi fica exposto, não é nosso empenho justificar qualquer pretensão, que tenhamos a haver feito obra que não desmereça do original; sim, só, deixar explicitos os fundamentos, que nos levaram a dar á nossa translação a forma sob a qual apparece, e que, a nosso ver e sentir, é a mais apropriada a produzir a impressão com que foi escopo do poeta emocionar o leitor.

Si em tal concepção nos enganámos, é isso culpa de deficiencia intellectual ou de temperamento, que não estava em nossas mãos fazer manifestar-se de modo diverso.

A' semelhança das de Chladni, a figura traçada em uossa estrutura psychica pelo estimulo do poema original sobre a sua vibratillidade especifica não podia furtar-se a ser a que ahi se estampa.

Uma observação ultima.

Nunca vimos recitar "O Corvo", a não ser em theatro desta capital por actor cuja interpretação nos deixou claramente ver que de todo em todo não comprehendeu nem o que o poeta nitidamente exprimiu, nem o que a intelligencia e o coração tem forçosamente de ler nas entrelinhas.

Alguem que ouviu Machado de Assis recitar a sua traducção, referiu-nos que elle o fazia em tom de conversa, o que é evidente, sem comtudo ferir a nota comica, em que fala a "Philosophia da Composição", como sendo um dos contrastes, que contribuem poderosamente para o effeito proposto á sua composição.

Temos ouvido dizer que Olavo Bilac e Alberto de Oliveira lhe dão uma interpretação magistral; mas, reportando-nos ás apreciações feitas, cremos que bem diversa era a que impressionantemente lhe dava Edgar Poe.

Por isso, pois, aqui transcrevemos as palavras que, a respeito do originalíssimo poeta, consagra James H. van Sickle, em biographia inserta no 8.º volume da série dos Riverside-Readers, a pagina 148:

“Pouca poesia, escreveu Poe; mas esse pouco nunca o esquecemos. Tinha elle o dom de escolher os mais bellos sons e combinal-os em musica perfeita. “O Corvo” é prova desta maravilhosa habilidade na arte de esgrimir com as palavras. Recitava o poeta por vezes este extranho poema, e aquelles, que o ouviram, falam da sua maneira cheios de enthusiasmo. O rosto moreno e formoso com seus olhos seintillantes, — a voz bem timbrada e clara fazendo fluir as longas linhas e modulando o tristonho estribilho “NEVERMORE”, punham nos ouvintes a convieção de que o poema e o poeta pertenciam a um mundo mysterioso, que as pessoas vulgares apenas confusamente entreveem. Na realidade, porém, “O Corvo” não tem mysterio nenhum. O proprio Poe, num artigo intitulado “A Philosophia da Composição” explicou como o compoz — euidadosamente como se construe uma casa, pondo pedra sobre pedra com o projecto á vista desde o inicio. Parte delle é comedia, e assim deve ser lido. O todo é belleza. Nenhum eonto que esereveu o autor tem um teedo mais logico.”

O estado de animo do protagonista atravez do desenrolar dos factos, que eonstituem a narrativa do poema, dados os antecedentes de sua vida e o momento psychologico, em que se verifica o faeto inicial, não deixa latitude á interpretação.

Tem o interprete de se adstringir á extranheza causada pela auormalidade da occurencia sobre o espirito cansado e saudoso do amante, que a proeura disfarçar formulaudo primeiro a mais natural hypothese explicativa, mas para logo se perturbando com medo supersticioso, que igualmente busca occultar lançando mão do ludibrio simulado, de que fia a demonstração a si proprio de sua superioridade, de faeto apenas apparente, porque depressa se transmuda em contemplação extatica, supplica fervorosa e indignação revoltada — por movimentos successivos de uma alma, que se embate entre a repugnancia a confessar-se dominada pelo terror, que um faeto simples suggestiona, e a saudade inesquecivel, que lhe traz preso o pensamento á triste sombra e eterno luto de um tumulo prematuro.

O ludibrio eonstrangido, pois, contrastando com a seriedade solemne da paixão devem ser as características da recitação, que se proponha a traduzir pela voz a escala de sentimentos, que o poeta coneretisou nas estrophes do seu maravilhoso poema.

Si eu fôra aetor, ou para o desempenho de tal papel tivesse o talento, que é dom natural, recitaria “O Corvo” no tom de quem se dirige a um amigo para lhe fazer a narrativa de um faeto, que o impressionasse funda e cruelmente. Começaria, pois, revelando, na estrophe 1.ª, a tristeza e o cansaço, que me abatiam no momento inicial,



deixando-me insensivelmente dominar de um medo supersticioso, mas que se procurava disfarçar ao repetir a reflexão mudamente feita, quando o bater da porta áquella hora adiantada me sobresaltara.

Na estrophe 2.<sup>a</sup>, alludindo ás inelencias da estação e ao fogo da lareira prestes a extinguir-se, repassaria o meu tom de um desanimo profundo, qual quem, por alta noite e solidão, suspira por ver-se liberto de uma obsessão, que o acabrunha, e tocal-o-la de um timbre de saudade affectuosissima, quando me referisse á causa da minha vigilla sobresaltada pelo bater desusado.

Com o tom primeiro de sobresalto e medo crescente desceria ao da naturalidade mais ehã na estrophe 3.<sup>a</sup>, ao repetir as conjecturas, que formulara na 1.<sup>a</sup> para me convencer da normalidade do facto, que, entretanto, extranhara.

Já tranquillizado por taes conjecturas, assumiria, na estrophe 4.<sup>a</sup>, o tom decisivo de perfeita convicção; e, polida, mas comicamente ludibrioso, endereçaria ao supposto visitante as palavras de excusa, estampando, numa brusca transição, a surpresa de que fôra tomado ao escancarar a porta e não ver a ella ninguém.

Cahindo, nesse ponto, em ponderação longa e cruciante, sob a suggestão das idéas evocadas por tal surpresa, recitaria a 5.<sup>a</sup> estrophe de modo a traduzir esse estado da alma, meigo e ternissimo quando alludisse á memoria da amada, que me assediava a mente.

O primeiro tom da estrophe 6.<sup>a</sup> seria o que exigem as palavras "com a alma em fogo a arder", que, para logo, descahiria da naturalidade da conversa commum com a narrativa do novo incedente.

A convicção da normalidade desse facto, influenciada pelo medo, que se accentua no "escancarar" brusco da janella, dictaria o tom da estrophe 7.<sup>a</sup>, sem demora volvido ao débit da conversa normal, já, entretanto, preparando o tom de ludíbrio, que novamente apparece e pervade toda a 8.<sup>a</sup> estrophe, na qual, a fantasia anteriormente suggerida, se "transmuda em riso".

A 8.<sup>a</sup> estrophe, novamente, pois, assumiria o tom francamente ludibrioso, culminando no extremo do sarcasmo com a apostrophe endereçada ao extranho visitante.

A justificação feita nas estrophes 9.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> ao pasmo, que a primeira resposta, embora "sentido não tivesse, ou pouco ou nullo alcance", reconduziria o tom ao da narrativa simples, que se anima e aviva pela logica dos fundamentos apresentados como irrecusaveis para dissipar as duvidas levantadas por aquelle mesmo pasmo. Continuaria, na estrophe 11.<sup>a</sup>, a narrativa como antes, tocando-a, porém, no final, de uma nota melancolica á lembrança dos "amigos, que se foram sem retorno", e diante da certeza de que "com o dia, que vem, este irá como os outros".

A sequencia da narrativa, impressionada por novo acesso de humorismo, determinado pela constancia da resposta, assignalando-se tambem na attitude, serla feita no mesmo tom de conversa, modificado, todavia, pela soffreguldão que a esperanza de "achar um sentido" no que havia de extraordinarlo na opportunidade da replica, poria no timbre da voz, dando-lhe mais vivaeldade e, ao movlmento, maior acceleração.

Em tom capaz de dar idéa da profundeza de uma meditação aturada e movlda pelas saudosas recordações, presas ao movel posto em frente á mysteriosa ave, correria a estrophe 13.<sup>a</sup>.

E, naturalmente, a transição desta para o tom da estrophe 14.<sup>a</sup> levaria ao arroubo de veneração extatica e rellgiosa, que a lembrança da amada evoca no amante; e que, de todo em todo, o avassalla e afunda em magua, passando ao da indignação da Providencia, quando esta o vê perseverar num luto sem tregua em vez de se consolar com os lenitivos, que lhe offerece, e apparelhando essa passagem o tom da estrophe 15.<sup>a</sup>, onde uma supplica tanto mais instante e humilde quanto é a affirmação do proprlo Corvo, que a determina, aguarda, em resposta melhor, o alllvio ao mal, que lhe causou a resposta anterlor.

Mals instante ainda a supplica, que, na estrophe 16.<sup>a</sup>, termina pelo grito "oh, dil-o, corvo, dil-o!" fal-a-la eu num tom de humllhação plangente e commovedora de quem espera enternecer pelo appello e conseguír menos cruel acolhimento ao seu almejo de consolo e lenitivo para uma recordação Ineludível e esmagadora — tom esse a contrastar pela energia da meiguice com a exacerbação da revolta, que explode na estrophe 17.<sup>a</sup>.

Nesta, então, a invectiva vehemente e irrefreavel contra a indifferença ao appello humllimo e caricioso — invectiva, que esquece, sob a pressão irritante da fleugma imperturbavel, todas as conjecturas, em que a razão buscara a explcação real e natural do facto extranho — attingirla o maximo do desespero a traduzir pela attitude aggressiva, pelo gesto imperativo e inflexivel, e pela voz em grita, que chegaria á extenuação suprema, denunciada por notas cavas e arrancadas, para catir decrescentemente na angustia supplice, lacrimosa e implorativa do remate: "Deixa-me em paz! Oh, vai-te!".

Finalmente, a estrophe 18.<sup>a</sup> daria a idéa do despertar lento e extenuado de um pesadelo horrivel, traduzindo a convieção calma e resignada da triste realldade, a que conduziram as emoções passadas, e a certeza da significação exacta e posltiva, unica e irrefragavel, dos factos, a que se rende a mente, suggestionada pelas preoccupações e pelos transes cruéis da saudade inconsolavel, que se derrama em selo amigo, e abafa e cala na irrupção violenta e incoercível das lagrlmas e dos soluços.

Comquanto lembrado da lição do fabulista:

..... le suffrage d'un sot  
Fait plus de mal que sa critique,"

este prefacio sem pretensão a autoridade foi aqui posto por descargo de consciencia.

JOÃO KOPKIN.

(Continúa).



---

---

## OS VERSOS AUREOS DE PYTHAGORAS

---

### IV

Tambem o Erro tem, como a Verdade assecias.  
Prudentemente approva ou reprova o philosopho;  
e, se o Erro triumphha, elle recúa e espera.

O Erro tem os seus partidarios. O seu nome é Legião. Os homens não procuram a verdade, que dizem amar. Ao contrario, geralmente a tememos e evitamos. Dizemos: a verdade sobrenada, a verdade é como o azeite. Tudo isso é falso. A verdade se conquista pelo esforço perseverante, quando as paixões não obscurecem o intellecto. A razão, a intelligencia é o organo do conhecimento da verdade, se o interesse lhe não inutiliza o instrumento. Quando, porém, acontece isso? Mui raramente. Pensamos com o nosso grupo, com o nosso partido, com a nossa aggremação. A propria vida nos enlaça; o interesse nos amarra. Porisso é que certas idéas caminham lentamente. Que logica, que argumento, que força de raciocinio podem demover alguém das idéas, dos sentimentos, das acções que lhe dão o salario e o pão? Assim é que temos a verdade que nos convem, que seleccionamos as idéas que nos agradam ou que nos interessam. O habito, a rotina, a preguiça de pensar e de agir segundo modelos novos, o medo de se contrapôr ás idéas correntes são obstaculos á marcha da verdade.

E no entanto e apezar de tudo, a verdade caminha. O progresso da sciencia é uma liquidação continua das idéas do passado. Algumas verdades de hontem pelas quaes se bateram com ardor gerações remotas não passam de erros facilmente indicados por estudantes do gymnasio.

Dar-se-á, porém, isso mesmo com as verdades moraes?



## UNIDADE DA MORAL

Não. Essas são verdades permanentes, verdades definitivas, de todos os tempos, de todas as raças. Ha perfeita unidade de ensinamento em todos os systemas de moral religiosa. São puramente formaes as divergencias existentes. Luctas, antagonismos de opiniões, discussões se travam sobre os mais variados assumptos; sobre crença, sobre formas do culto, sobre attributos da divindade, sobre principios de educação, sobre tudo o que é humano. Sobre os preceitos moraes, não; porque elles não são sujeitos a demonstrações scientificas e sim a provas de sentimento. As provas de sentimento se impõem. Podemos ser inaccessiveis a uma demonstração scientifica, a do movimento da terra, por exemplo, ao passo que damos assentimento immediato, intuitivo aos preceitos de bondade, de caridade, de justiça, de fraternidade. E' facto que, entre o puro assentimento do intellecto e a pratica do preceito ha um abysmo. Como ha conhecimentos scientificos que permanecem exteriores á nossa pessoa, como existem noções de cuja verdade não duvidamos, mas que não pomos em pratica, assim tambem ha verdades moraes que acceptamos intellectualmente e que não se incarnam em nossa vida. Ora, essas verdades moraes, velhas como o mundo, estão expressas desde o mais remoto passado, desde as mais antigas civilizações. Temos a illusão de que ellas são recentes e de que o seu melhor patrimonio veiu ao mundo com o fundador do Christianismo. Puro engano. O propheta de Nazareth nada mais fez do que renovar velhos preceitos. Todas as grandes religiões do passado têm maximas, mandamentos que se equivalem; identicas no fundo, variaveis na fórma.

E são algumas vezes expressas com grande belleza de linguagem.

O perdão das offensas, por exemplo, está poeticamente aconselhado no *Zend-Avesta*: "Se o homem vos irrita por suas palavras, por seus pensamentos ou por suas acções, ó Deus, maior do que tudo o que é grande, e se se humilha deante de vós, vós o perdoaes; da mesma fórma, se o homem me irrita por seus pensamentos, por suas palavras ou por suas acções, eu o perdôo."

O Codigo de *Manou* ensina igualmente: "Não offendas a ninguém mesmo se fôres provocado. Não faças mal a pessoa alguma, pela acção ou pelo pensamento. Não pronuncies palavra alguma que possa offender o teu proximo."



São da litteratura sagrada dos persas os seguintes preccitos: “Não creias que o merito de um homem consista unicamente em sua coragem e em sua força. Se pelo perdão vos eleverdes acima da colera, vossa virtude adquirirá valor inestimavel.”

Nos disticos de *Hafiz* encontramos o seguinte conselho de encantadora belleza: “Aprende com a conchinha dos mares a amar o teu inimigo e a encher de perolas a mão que te faz mal. Não sejas menos generoso que o duro rochedo; faze resplandecer de pedras preciosas o braço que te rompe os flancos. Vês lá embaixo aquella arvore alvejada por uma chuva de pedras? Sobre os que a apedrejam cáem somente fructos deliciosos ou flôres perfumadas. Clama-nos a voz da natureza inteira: será o homem o unico sêr que se recuse a curar a mão que se feriu, ferindo-o? a abençoar aquelle que o ultraja?”

Conta Fabre d'Olivet que o mesmo preceito está em substancia num discurso de Lysias; que foi expresso claramente por Thalés e Pittacus; que Kong-Tzeé o ensina nos mesmos termos em que o ensinou Jesus; que se encontra no Arya, escripto ha mais de tres seculos antes de nossa éra estes versos que parecem feitos de proposito para inculcar a maxima e pintar a morte do justo que nol-a dictou:

L'homme de bien, paisible au moment qu'il expire,  
Tourne sur ses bourreaux un oeil religieux,  
Et bénit jusqu'au bras qui cause son martyr:  
Tel l'arbre de sandal qui frappe un furieux,  
Couvre de ses parfums le fer qui le déchire.

Assim é com effeito. No proprio Islamismo, que por lhe desconhecermos o fundo esoterico, julgamos ser religião atrazada, encontramos uma parabola que visa o mesmo preccito. “O Sufismo ensina como deve marchar na senda. O livro é dividido em tres partes: Shariat, a lei; Tarikat, o caminho; Hakikat, a verdade. Ellas são assim caracterizadas: tendo um homem perguntado a um Shaikh, um mestre espiritual, — que eram os tres estadios, respondeu-lhe: Vae bater um por um dos tres individuos que vês alli sentados. O homem foi, bateu o primeiro que se engalfinhou com elle, pagando-lhe na mesma moeda. O homem bateu o segundo; subiu-lhe o sangue ao rosto do offendido; ia levantar-se, cerrou os punhos, mas conteve-se. Bateu o terceiro personagem que lhe não prestou attenção. “O primeiro,



declarou o Shaikh, está na Lei; o segundo no Caminho; o terceiro, na Verdade." (1)

Preceitos, maximas, verdades moraes estão expressos ha milenios em todas as grandes religiões historicas. E' somente o ardor proselytico, o desejo de fazer irradiar o seu proprio credo religioso, ou preconceitos derivados do conhecimento imperfeito das religiões, de sua unidade fundamental, somente a estreiteza do nosso horizonte mental que nos leva a deprimir a fé alheia para exaltar a nossa.

Não é da imperfeição dos systemas de moral religiosa que provêm as falhas da conducta, mas de que os preceitos morrem nos labios de seus adherentés e não se lhes integram na vida como verdades experimentaes.

Certamente a fórmula em que o propheta de Nazareth vason a sua sentença de amor ao proximo é mais expressiva do que qualquer outra: "Amae aos vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm odio, e orae pelos que vos perseguem e calunniam; para serdes filhos de vosso Pae que está nos céus, o qual faz descer o seu sol sobre justos e injustos. Porque se não amaes senão os que vos amam, que recompensa haveis de ter? não fazem os publicanos tambem o mesmo?" O preceito é mais expressivo, a fórmula mais brilhante; o significado é, porém, o mesmo. Encantamos a sua grandeza, mas não penetram o nosso intimo. São meros ornatos verbaes, exteriores. O homem interior subsiste com sua maldade, como a lama nas aguas dormentes. Agitemolo e veremos em erupção a lava subterranea.

O que fica em nós é simplesmente o écho de um sonho generoso. Elles não chegam a modificar a nossa concepção da vida como lucta. Porque a idéa da concorrência domina, dita a lei de acção e a conducta pratica, e impelle ao esmagamento dos fracos, á oppressão e á injustiça.

São verdades moraes que apenas nos embalam no silencio das horas tranquillias, dos dias felizes, mas que se dissipam como funaça mal penetramos o campo do labor social.

No entanto, ellas não supprimem a lucta, senão que lhe mudam unicamente a direcção e o espirito. Ellas querem que a lucta se volte para dentro, onde se deve travar a maior das batalhas, a que deve sagrar-nos vencedores de nós mesmos. Ma-

(1) Annie Besant. — Des Religions pratiquées actuellement dans l'Inde, pag. 310.

temos a fêra das paixões que existe em nós e que nos devora, e saíamos armados cavalleiros para as luctas da vida. Porque já então, se as paixões são servas submissas, o terreno da lucta social estará deslocado e travar-se-á dentro da associação que multiplica as forças humanas, da cooperação que implica concepção mais alta da vida, da solidariedade que unifica, que focaliza todas as energias, da fraternidade que lima todas as asperezas. Esses grandes preceitos ensinados por varios codigos religiosos provam ainda uma vez a unidade das religiões. São maximas verdadeiras, e comtudo não são verdades para todos os homens.

Isto porque cada sêr occupa um ponto na escala infinita da evolução.

Lembre-se alguém de pregar o perdão das offensas a tribus servagens que praticam a vingança por sentimento de dever. Que aconteceria? Teria pregado no deserto, querendo tirar fructos anticipado de terreno que ainda não foi lavrado para isso. E' o que dizia Pythagoras quando preceituava: "Nem todas as materias são proprias para fazer uma estatu de Minerva". Ou conforme a metaphora christan: "Não deis cousas santas aos cões."

O que se dá com tribus atrazadas dá-se egualmente com toda a humanidade tomada em sua massa. O sentimento e a idéa da justiça são uma ascenção perpetua, uma conquista progressiva do homem. Se julgassemos o passado com sentimentos que os seculos vêm lavrando em nós, o que haveriamos de pensar de Aristoteles, do grande Aristoteles que, no entanto julgava a escravidão um facto natural, justo e necessario, e que nem sequer podia conceber um tempo em que ella tivesse desertado a face do planeta? O que se dava com Aristoteles dá-se hoje com os melhores dentre nós, com os mais altos representantes de nossa evolução moral e espirital que estão na infancia do pensamento, que são verdadeiras crysallidas, puros germens do que serão na hierarchia dos mundos e dos sêres.

Grava fundo em tua alma o que passo a dizer-te:  
— Nunca julzo algum preconcebas, nem sigas,  
em tal, o alheio exemplo e, agindo por tí mesmo,  
consulta, verifica, e livremente escolhe.

Acabamos de lêr um conselho de grande alcance philosophico. O mais ferrenho dos homens, a mais apegado ás suas opiniões e crencas, julga-se sempre espirito livre. accessivel,

aberto á germinação das melhores sementes. Nasceu com os preconceitos de sua patria; tem o patriotismo aggressivo, sem nada comprehender da mensagem e da missão de outros paizes. Enfaixaram-no desde o berço umas tantas idéas religiosas, e sem inquirir da crença alheia condemna-a, sem estudal-a em seu fundamento e em seu espirito. Como o havia de inquietar esta idéa: de que quem conhece uma só religião não conhece nenhuma, e de que uma religião que condemna é uma religião condemnada? Educou-se em certa escola medica, e repudia sem exame a escola adversa. Satisfeito, vive com a maioria. O numero lhe decide das idéas e opiniões. O numero virá tambem dictar-lhe o procedimento.

Oxalá possam os alumnos desta Universidade libertar-se de semelhante escravidão, tanto mais malefica quanto mais inconsciente, tanto mais funesta quanto mais despercebida, fazendo victimas, que se presumem destituidas de preconceitos e que estão, de facto, envoltas na voragem de idéas recebidas sem critica, de opiniões fabricadas sem estudo, sem elaboração pessoal!

Possa a controversia leal e franca fazer-vos cidadãos do Universo, dilatando-vos a visão mental para além das fronteiras nacionaes, para além do espirito sectario, para além do regionalismo scientifico ou religioso integrando assim o pensamento de *S. Paulo*, irmão gêmeo do conselho de *Pythagoras*:

“Examinae tudo e acceptae o que é bom”.

E' assim praticando que pôde alguém “consultar, deliberar, escolher livremente”.

Encarado por seu aspecto exoterico, deparamos aqui com um simples conselho de prudencia: formular o seu ideal de vida, escolher a acção boa, segundo o melhor modelo; sopitar o instincto, não agir sem ter reflectido. A vida apresenta ás vezes casos terriveis de hesitação, de duvida, de collisão de deveres. Porque a difficuldade maior nem sempre consiste no adquirir o animo de praticar o dever, e sim na de escolher entre deveres que nos sollicitam simultaneamente. O preceito pythagorico appella para o homem integral: recto de pensamento, de palavra e de acção.

Por seu aspecto esoterico, elle tem em vista a necessidade do Destino, de que temos fallado, e o poder da Vontade, no sentido pythagorico daquellas expressões, e então significa o seguinte:

Qualquer que seja a situação em que o destino nos tenha



collocado, importa medir as consequencias dos actos, porque a vontade é livre e o futuro está contido em germen no presente.

E' assim passamos suavemente aos commentarios dos versos seguintes:

Pondera que é loucura agir á toa, a esmo,  
— e que o futuro nasce e vive do presente.

#### PREVISÃO DO FUTURO

Ha, porém, no conteúdo destes versos alguma cousa de mais profundo. O que acabamos de indicar não lhes exgotta a significação. Em todos os antigos Mysterios, ensinava-se a previsão do futuro, derivada da astrologia e da genethliologia. Dizia-se, e entre os modernos *Nietzsche* o presentiu sob fórmulas indecisas; e bem assim *Lebon* e *Guyau*, dizia-se que o homem percorre através dos tempos caminhos que elle já transpoz e que sua vontade modificou. Dá-se com o homem o mesmo que com a terra: em sua viagem através do espaço, fazendo e refazendo sua orbita em torno do sol, ella atravessa as mesmas regiões, repete o seu panorama cosmico. Assim sendo, o homem poderia prever os seus encontros, se guardasse memoria dos factos. Combinando este principio com o da homogeneidade da natureza, expresso nos versos concernentes á *Perfeição*, as portas do futuro se abriam á contemplação dos iniciados.

Grave problema que não sabemos aprofundar. Os antigos sempre julgaram possível a previsão do futuro e a ensinaram nos seus Mysterios. Della afastavam o vulgo, por não julgal-o capaz de fazer bom uso de semelhante saber. Isso, porém, não quer dizer que elles pensassem ser o futuro alguma cousa de inevitavel e fatal. Não. O seu aphorismo o prova; *astra inclinant, non necessitant*, — os astros predispoem, mas não obrigam. O futuro é um *canevas* sobre o qual a Vontade se pode exercer. Porisso dizia Tiresias, o mais famoso hyerophante da Grecia, o unico sabio no dizer de Homero: "O que eu vejo acontecerá ou não acontecerá". Estas palavras não são comprehendidas. Ellas indicam tão somente um novo aspecto das relações entre a vontade e o karma. O que eu vejo, acontecerá, está na necessidade do Destino, a não ser que a Vontade intervenha e mude o arranjo das cousas que se esboçam e então não acontecerá.

Não se veja antinomia entre as limitações aqui estabelecidas e os casos authenticos de previsão do futuro referidos nas confe-

rencias sobre phenomenos psychicos, previsões obtidas por clarividencia, por leituras astraes ou manifestações transcendentes de outra natureza. Importa bem discriminar, separar problemas e phenomenos dissimilhantes. Se o não soubermos fazer, é que estamos a pedir as luzes dos versos que seguem :

Não te mettas jámais a fazer o que ignoras :  
— com persistencia aprende, e primarás em tudo.

Grande lição, na verdade, que os proprios sabios devem aprender, é o conhecimento exacto do que se ignora.

Tão grande é ella, que poucos homens o conseguiram. Saude-mos entre os gregos, coroemol-os vencedores deste feito, os nomes immortaes de Pythagoras, Platão e Socrates.

“Blasphemam tratando de coisas que ignoram”, diz a Biblia. E o bello preceito escripturario estende-se triumphante de verdade ás cousas profanas, aos conhecimentos leigos. Porque nós cremos saber o que na verdade não sabemos. E se erigimos a nossa ignorancia em saber, a nossa insciencia é incuravel. Porisso é que os annos correm, e nos deixam incrustados como a ostra, sobre a rocha de nossos preconceitos, contentes com os nossos erros que nos parecem verdades, a separar por meio de bullas as terras do saber: até aqui a verdade homœopathica; a partir deste limite a sciencia occulta se perde em devaneio; começa aqui o delirio do mystico, e alli terminam as realidades de suas visões; neste ponto os vôos do genio são pura degenerescencia nervosa, como são degenerescencias os conhecimentos supra-sensoriaes do Alchimista. E assim decretamos sem labor os limites do saber, que só o labor adquire, e julgamos sem criterio horizontes de percepção simplesmente porque escapam ao nosso proprio horizonte.

A sabedoria consiste no sentimento da medida, no sentimento da proporção, no justo meio, tão claramente aconselhada nos versos finaes do ensino cathartico de Pythagoras :

Trata de ser sadlo. — Assim com parcimonia  
dá pão ao corpo, e dá descanso ao teu espirito;  
mas dá de modo tal, que de mais nunca sejam,  
nem de menos, — que a inveja surge nos dois casos.  
E como da avareza e do luxo os effeitos  
podem-se confundir por sua similhança  
— escolhe um melo termo em tudo justo e bom.

Moderação, sobriedade, medida. Se soubessemos realizar em nossa vida, integrar em nossas accções, o conteúdo exacto, o espi-



rito vivificante que aquelles vocabulos na realidade significam, e offeririamos mudança radical.

Moderação, sobriedade, medida, ahí estão a hygiene e a moral de Pythagoras.

Morto o philosopho, e com o correr dos tempos, muitos de seus discipulos perderam a noção do justo meio, e impuzeram regras e disciplina severa, de character ascetico, que foram attribuidas ao seu mestre.

Na realidade, Pythagoras não prohibia em absoluto o vinho, nem a carne, nem o peixe, como se tem dito e escripto. Elle não tolerava a embriaguez nem a intemperança. Preferia e aconselhava o regimen vegetal, preconizando-o especialmente aos discipulos que almejavam a perfeição, o que o não impedia de provar o vinho e a propria carne para mostrar que os não considerava impuros.

Impuros não o eram, com certeza; mas improprios, inadequados para quem almeja a perfeição: obstaculo, talvez, para a alta iniciação.

Existem relações inequivocas entre o regimen da carne e a appetencia para as bebidas alcoolicas; são habitos que se entrelaçam e que se predispõem mutuamente. Laços de dependencia ligam estes dois regimens ao instincto genesico. *Eros* soffre o contragolpe da excitação geral do systema nervoso, e dado o abuso, a sequencia seguinte se apresenta facilmente: carne, alcool, luxuria.

Demais Pythagoras queria a actividade san, ordeira, methodica, disciplinada, e similhante actividade não se coaduna com os excitantes. A san actividade não quer oscillações do tonus vital; a ordem pede serenidade; o methodo exige egualdade de humor, e a disciplina não existe sem o dominio sobre a natureza inferior. Além disso a alimentação animal predispõe á colera e Pythagoras recommendava a calma.

#### VEGETARISMO

Vemos, portanto, que é o momento adequado para estudar o vegetarianismo dos pythagoricos. Verificamos que, em nossos dias, por muito que faça a propaganda, a sua marcha não é rapida. E não nos consta que, numa cidade populosa como a nossa, exista um unico restaurante vegetariano. Para vencer a

resistencia do meio, para formar adeptos aqui ou alli, a propaganda vegetariana faz esforços incessantes e que não correspondem aos resultados obtidos. Se para impor um producto ao consumo uma casa commercial necessitasse de esforço correlato ao grande labor proselytico dos vegetarianos de nossos dias, ella entraria em fallencia. E se chamamos a attenção para a realidade dos fructos da propaganda é com o intuito exclusivo de render homenagem ao seu desinteresse, ao seu espirito de sacrificio e ainda para destacar este aspecto do problema no tempo de Pythagoras. Que razões tão fortes teria o iniciador dos gregos para pregar a alimentação vegetal, e fazel-o com successo? E' bem de crer que essas razões não correspondem aos argumentos scientificos de uma boa parte dos modernos vegetarianos. E de facto, ellas não correspondiam. Pythagoras não podia falar da composição chimica dos alimentos; não podia provar a excellencia do regimem appellando para a sua riqueza em calorias, como fazem os modernos escudados na chimica actual. As razões de Pythagoras prendem-se a tradição esoterica e é o esoterismo, unicamente elle que pode restituir-nos o pensamento daquelle extraordinario philosopho. Não o procuremos, portanto, nos tratados de philosophia que, alli, em vão o procuraremos.

Comtudo, essas razões são um tanto subtis para a nossa sciencia occidental, habituada á medida, ao peso, á quantidade. Ella requer a materialidade das cousas para acceital-as como facto. Os argumentos pythagoricos não são desta ordem e estão porisso arriscados a não serem assimilados pelo nosso intellecto, que o regeitará então como pura manifestação de um mysticismo inconsistente. Ainda assim serão aqui rapidamente esboçadas para que se procure fielmente interpretar o pensamento dos pythagoricos.

Lembremo-nos que o homem faz parte de uma cadeia hierarchica de seres cujos extremos se perdem no absoluto. A idéa póde ser symbolizada pela figura geometrica do circulo que tambem não tem começo nem fim. A monada divina involúe na materia: é o mundo da manifestação.

Onde quer que materia exista, a sciencia lobra ao mesmo tempo a força. Força e materia, ou para dizer em linguagem moderna — a energia — é o fundamento do mundo ao vêr da sciencia contemporanea. Onde o saber exoterico divisa energia, a tradição esoterica lobra vida e consciencia: rudimentares na



materia densa, essas vidas e consciencias crescem, desenvolvem-se, individualizam-se progressivamente, á medida que evoluçionam do mineral até o homem.

O homem é a expressão mais completa da vida, da consciencia, do espirito encarnados na materia densa. Mas elle não é o ultimo termo da evolução, que prosegue no seio da materia fluidica, astral, e em outras fórmas mais subtis da materia.

A' medida que a vida se individualiza no homem, a vontade desperta.

Latente na materia mineral, vaga, indeterminada, mas já esboçada no vegetal, ella se manifesta no homem desigualmente desde a vontade escrava do anthropoide e do selvagem até ás suas expressões heroicas e superiores, — ás do santo, do yogui, do iniciado.

Com o apparecimento da vontade, isto é, da auto-determinação consciente, apparece o elemento de disturbio na natureza. Todas as vezes que a vontade não age de conformidade com a Lei, todas as vezes que ella interfere perturbando a harmonia, a reacção se manifesta sob a fórma de soffrimento. O homem soffre, e soffre até que sua conducta se ponha de harmonia com a Lei. Para isso a natureza tem o tempo á disposição: dahi a palingenesia para a restauração da Lei.

E já começamos a perceber uma das primeiras razões da abstenção da carne por parte dos pythagoricos que, provavelmente echoará no deserto de muitos de nós, ainda que pareçam accitaveis a muitas intellectualidades do occidente.

A vida é divina; é a involução da monada divina, e o homem perturba a harmonia dos mundos, destruindo a vida: mata por prazer, mata para enfeitar-se com despojos animaes, mata para alimentar-se, mata por odio ,mata por vingança, mata pelo prazer de matar. O animal foge espavorido ao divisar nos bosques ou nas mattas o seu algoz; a população dos matadouros exprime angustia e terror conforme os seus limitados meios de expressão. A confiança ingenua da vida que respeita a vida, morreu com S. Francisco de Assis, ou com os yoguis da India, que convivem serenamente com os seus irmãos inferiores.

Aqui está, pois, uma primeira razão dos pythagoricos para que se abstivessem da carne, razão que se quebrará no deserto de nossa consciencia sem despertar echo em nossa conducta, ainda quando se faça ouvir pelo intellecto. Porque ha cousas a



que o intellecto dá assentimento e que não modificam, contudo, a nossa maneira de agir.

Outras cousas existem e que estão acima da percepção commum. O mundo astral é uma dellas. Ha pessoas que teni conhecimento directo das cousas do mundo astral. Trata-se de um conhecimento pessoal, derivado da experiencia, como todas as noções humanas. Negam-no os que vivem fóra desse circulo de relações experimentaes, como o camponez pode negar signaes algebricos e calculos differenciaes. Chama-lhes mysticos e allucinados. Assim pareceria igualmente allucinado o individuo normal que se apresentasse em um paiz composto de uma população destituída de olfacto e que se puzesse a dizer pelo perfume a natureza das substancias contidas em frascos diversos. A iniciação desenvolve os poderes latentes e permite aos discipulos travarem experiencias astraes. Ora, taes sensitivos percebem a luz astral impregnada de imagens de pavor, que deriva dos sacrificios animaes. Elles sentem as vibrações maleficas que se communicam ao mundo physico nas proximidades de uma cidade como a de Chicago, séde do maior matadouro do mundo, onde a raça bovina é immolada aos milhares diariamente para saciar a voracidade do Moloch humano. E porque sentem-na, a sua sensibilidade mais delicada afasta-os naturalmente do regimen da carne.

Demais, a tradição prega a fraternidade universal, o sentimento da unidade com todos os séres vivos, e não querem porisso matar para comer, destruindo a vida, já individualizada e consciente, de animaes em evolução. Não fazer mal a outrem é um cuidado que se estende além dos limites puramente humanos. Mas já na esphera social, encontram-se razões para bridar a voracidade animal. Ellas derivam da situação em que se encontram certas profissões, — a do açougueiro, por exemplo. Não são vistos com um largo sentimento de sympathia, antes com prevenção. Em certos paizes, como nos Estados Unidos, são excluidos das funções de jurado. Pensa-se que o officio endurece. Assim é que os vegetarianos culpam os comedores de carne de provocar a degradação moral e espirital de seus semelhantes. São motivos de abstenção que só podem falar ao altruismo, ao nosso sentimento de humanidade. Não ha, portanto, ridiculo nelles: o que ha é simplesmente alguma cousa que excede a nossa fraca medida, ao nosso viver rasteiro, á nossa sensibilidade gros-



seira. Escutemol-a ao menos, como quem escuta uma musica longinqua que não perturba os nossos affazeres. Uma vez que não podemos affinar as cordas do coração por esta delicada vibração de amor de todos os séres, não zombemos á maneira do ouvinte inculto que regeita com desprezo a grande orchestração musical e corre a escutar attento a modesta sanfona, que o embala.

Os pythagoricos eram uma sementeira de homens superiores. Era seu dever disciplinar as paixões, depurar a herança animal e desenvolver os germens do divino, formando o character segundo o melhor modelo. O corpo, instrumento de acção da alma, devia passar pela mesma decantação de suas escorias. O alcool degrada-o; a alimentação animal torna-o menos malleavel ás forças espirituas. O regimen vegetal inclina-o a calma, isto é, fal-o vehiculo mais propicio aos que procuram evitar o máu humor, a irritação e a colera.

Elles viam no mundo a ascensão perpetua do *fiat* divino. A evolução é a lei do mundo e dos mundos. A creação é incessante: ella não teve começo num momento da eternidade. A idéa divina trabalha sempre e está no coração das cousas. A vida do pythagorico, como a de todo iniciado deve ser uma offerenda continua, por seus pensamentos, por suas palavras e por suas acções, á melhoria do mundo.

Ahi estão alguns dos motivos esotericos que pleitêam pelo regimen vegetal. Se fosse do nosso intuito justifical-o do ponto de vista da sciencia actual, não trepidariamos em dizer que elle é mais nutritivo, mais salutar, menos propicio a molestias diversas, mais productora de força, mais economico. Isso obrigaría a considerações de hygiene que nos levariam muito longe dos *versos aureos*, que é o nosso thema.

ALBERTO SEABRA.



---

---

## VOCABULARIO ANALOGICO

---

Aos cultores do nosso idioma deve ser grata a noticia da publicação de um *Vocabulario Analogico* por Fermino Costa, não só pela novidade da obra, como tambem pela autoridade do autor.

Que se saiba não ha, no genero, nenhum trabalho em nossa lingua.

Ao primeiro relance evidencia-se a grande utilidade deste para os que manejam com carinho o idioma materno. Ahi se revela a-la-par a exuberancia e a belleza onomatopaica de nosso lexico.

Não só o escriptor principiante, senão os já provecos nas lides literarias encontrarão, nesse precioso repositario le vocabulos analogicos, inestimavel thesouro, que á farta lhes virá em auxilio nas descrições dos variados aspectos de nossa luxuriante natureza.

Já o velho Candido Lusitano entrevira, em seu Diccionario Poético, a alta conveniencia de amparar o estro incipiente de poetas e oradores com uma vasta e exemplificada synonymia.

Com a mesma intuição, porém com intuitos mais praticos e valiosos, Fermino Costa compendia e exemplifica grande copia de vocabulos de notavel valor descriptivo, que se quedariam vedados á maioria de nossos escriptores, pela difficuldade de rebuscal-os em nossa literatura ou encontral-os em nossos dictionarios.

O excellente trabalho do illustre professor mineiro, é methodico, claro, de facil manuseio para aquelles mesmos que dispõem de escasso tempo.

Mas o que sobre tudo recommenda a obra é o nome do autor. Fermino Costa, sobre educador emerito, é eximio vernacu-



lista. No movimento pedagogico de Minas, seu nome laureado se destaca, como um dos mais sabios, abnegados e competentes educadores. São disto testemunhas os luminosos relatorios, que annualmente dirige ao governo de seu Estado.

Quem jámais teve a ventura de visitar o grupo escolar em Lavras, de que é elle director, sentiu, em sua personalidade chã, em sua iniciativa pratica, em seus planos educativos, na explanação erudita de suas idéas, o pedagogista emerito, a alma generosa e paternal, aberta, de par em par, ás nobres e infindas virtualidades da puericia.

No conversar diuturno dos bons classicos portuguezes e de poetas e escriptores nacionaes, tem elle adquirido incontestavel competencia entre os sabedores do nosso idioma.

Em sua Grammatica Portugueza, curso superior, 13.<sup>a</sup> edição (1907), presta João Ribeiro devida homenagem a seu "antigo e illustre collaborador, Fermino Costa", transcrevendo suas notas classicas e sensata critica.

E', pois, com segura confiança e intima satisfação, que aos estudiosos apresento o *Vocabulario Analogico* de tão operoso e competente, quão modesto patricio.

EDUARDO CARLOS PEREIRA.

I

VOZES DE ANIMAES

Abelha e mosca: azoinar, susurrar, zoar, zubar, zumbir, zunir, zum-zum, zunzunar.  
Andorinha: grinfar, trinçar, trinfar, trissar.

Araponga: serrar, tinir, retinir.

Aves: apitar, assobiar, atilar, cantar, chalrear, childo, chillrar, chilrear, corruchiar, dobrar, esgarbrichar, estribilhar, galrar, galrear, gabrejar, gargantear, garrir, gorrular, gazillar, gorgear, gra-

lhar, gralhear, grasnar, gri-gri, gritar, guinchar, modular, papear, piar, picuinhar, pipiar, pipilar, pipitar, quebro, ralhar, redobrar, re-gorgear, requebro, rouxinolar, rouxinolear, soar, suspirar, taralhar, trillar, trinar, ulular, vozear.

Bode: berrar, bodejar, gaguejar.

Boi: arruar, berrar, bramar, mugir.

Burro e jumento: azurrar, or-

ncar, ornejar, rebusnar, resbunar, zornar, zurrar.

Cabra: barregar, berrar, berregar, bezoar.

Camelo: biaterar.

Cão: acuar, auído, balsar, barroar, cainhar, cuincar, esganiçar, ganir, ganizar, ladrar, ladrido, ladrar, latir, maticar, roncar, ronnar, uivar, ulular.

Cavalo: bufar, bufido, nitrir, rinchar, relinchar, rifar, trinir.

Cegonha: gloterar.

Cigarra: cantar, chiar, chichlar, chirriar, ciclar, estridular, fretenir, garritar, rechlar, rechinar, retinir, zangarrear, zinir, ziziar, zu

Cobra: assobiar, chocalhar, sibilar, silvar.

Corvo: corvejar, cras-cras, crocitar, grasnar.

Crocodilo: bramir.

Cuco: cocular.

Cysne: arensar.

Elephante: barrir.

Estorninho: palrar, pissitar.

Gafanhoto: chirriar, zie-zie.

Gaillha: cacarejar, carcarear, carcicarejar, gagucar.

Gallo: amiudar, cantar, clarinar, cocoriar, cocoricar, cucuritar, gallicanto, gallicinio.

Garça: gazcar.

Gato: bufar, miar, resbunar, resmunejar, roncar, ronronar.

Grillo: chirriar, cri-cri, cricrillar, estridular, estrillar, guizalhar, tic-tic, trilar.

Grou: grugrulhar, grugrujar, gruir, gruihar.

Insectos: garritar, trllar, zenir, zinir, zizlar, zoar, zumbir, zunir, zunitar.

Leão, tigre e urso: bramar, bramir, fremir, rugir, urrar.

Leitão: bacorejar, bacorinhar, coinchar, cuinhar.

Lobo: uivar, ulular.

Macaco: assobiar, guinchar.

Mocho e coruja: chirriar, erocitar, crujar, gréi-gréi, piar, sussurrar, ulular.

Ovelha: badaiar, balar, baiir, barregar, berregar.

Papagaio: chairar, falar, graziar, palrar, palrear, remendar, taramejar, taramelear, tartarear.

Pato: grasnar, grasnir, grassitar.

Pavão: pupilar.

Perú: bufar, garrir, glu-glu, gorgolejar, grugrulejar, grugrulhar, grugrurajar.

Pombo e rôla: arrolar, arrulhar, gemer, rolar, rular, ruihar, turturajar, turturinar.

Poreo e javali: arruar, grunhir, roncar.

Ran e sapo: clach-clach, coaxar, engrolar, gargarejar, grasnar, grasnir, malhar, ralar, ran-ran, relar, rouquejar, tintangalhar.

Raposa: regougar, roncar.

Rato: chiar, chichiar, guinchar.

Seriema: cacarejar.

Tordo: trucilar.

Touro: bramir, bufar, galtear, mngir, urrar.

Urubú: chem-chem.

Veado: bramar, rebramar.

#### EXEMPLARIO

Abôo. "Ha o abôo longinquo de nm cão, acuando, insistente, o silencio, no mysterio da treva e da distancia!" Lima Campos. Confessor Supremo, 181.

Acuar, ladrar (o cão), vigiando a caça junto de uma arvore ou de uma toca, até que chegue o caçador.

Aivorada, canto das aves ao amanhecer.

Amiudar. "Cedo, muito cedo, ao

amiudar dos gallos, acordava."

Julio Ribeiro, A Carne, 78.

Apitar, assobiar, cantar em som agudo (uma ave).

Arensar. "O Augurio, que é a arte de adiyinhar pelas vozes diversas das aves: como o trlnar do rouxinol, o tinir da milheira, o trucilar do tordo, o pissitar do estorninho, o grassitar do pato, o gemer da rola e da pomba, o gruir do grou, o arensar do cysne, o pi-

piar do faicão, o cacarejar da galinha, o pupillar do pavão, o zunir da abelha, o gloterar da cegonha, o remedar do papagaio, o trinfar da andorinha, o cocular do cuco, o fretenir da cigarra, o que tudo são vozes próprias de cada um desses animaes, e significativos, como diz o auctor da *Philomela*." Castilho, Os Fastos de Ovidio, III, 324.

Arruar, dar certo mugido o boi, quando separado dos outros; grunhir o javali, perseguido pelos cães.

"Emquanto, de eco em eco, um berro immenso atroava  
"A selva, e o touro a ouvil-o, hispido o pelo, *arruava*

"Nas planicies umbrosas."

Alberto de Oliveira, Céu, Terra e Mar, 158.

Arrulhar, soltar a voz, a rola ou o pombo. Existem as fôrmas *arrular*, *arrolar*, *rolar*, *rular* e *rulhar*, esta ultima em Cortesão. Dicc.

Assobiar. "Melros assobiavam nos trigaes alem." G. Junqueiro, Os Simples, 32.

Atitar. "Estes gaviões *atitam* e fogem do homem." Diogo Fernandes, Arte da caça, I, 31.

"Mas não é para ouvir como em teu selo,  
"Mangueira amiga, vem seteando a altura,  
"Atitar azulões e gaturamos,"

"Sabys e encontros, que eu alli passelo."  
Alberto de Oliveira, Poesias, 2.ª série, 188.

Aulido, latido do cão ou do lobo.  
Azoinar. "Nuvens de mosquitos *azoinavam* giro-girando." Coelho Netto, Treva, 309. Tambem se usa a fôrma *zoinar*.

Au, au. "Os cocoricós dos gallinaceos, os *au, au*, dos cães de guarda." Julia Lopes, Correio da Roça, 77.

Bacorejar ou bacoriuhar, o leitão. João Ribeiro, Livro de Exercícios, 121.

Badalar.  
"A pedir aos anjos para ouvir ainda  
"Badalar ovelhas numa noite lnda."  
G. Junqueiro, Os Simples, 88.

Balar, dar gritos, a ovelha.  
Ballr. "O ballir innocente dos re-

banhos". Castilho, Colloquos al-deões, 59.

"Leda *balia* ao longe ovelha humilde." Castilho, Fastos de Ovidio, I, 109.

Balsar, ladrar. Figueiredo, Dicc. Barrir, dos elephantes. Fig., Dicc.

Barroar, ladrar, usado no Rio Grande do Sul, segundo Fialho Dutra, Composição, 37.

Berrar, voz do boi, da cabra e de outros animaes. "O *berrar* do tucano". Julio Ribeiro, A Carne, 42.

Berregar, berrar muito; balar. Existe a fôrma *barregar*.

Bezoar, diz-se da cabra quando berra. Fig. Dicc.

Besolar, produzir um som semelhante ao zumbido do besolro: "Contando-lhe quanto elle era manciroso ao dizer missa, as gracetras que fazia *besoira*do pelo altar." Dr. Augusto Silva, A Devota.

Blaterar, soltar a voz, o camelo. Bodejar, (bras. do norte), emitir a voz, o bode.

Bramar, voz do veado e de outros animaes:

"As vacas, vindo o dia, derramadas,  
"De mim desamparadas, vem *bramando*."  
Camões, III, 122.

Bramir, voz das feras e de outros animaes. "Bramir do crocodillo borrendo". Franklin Doria, Evangelina, 104.

Bufar. "Num relance o touro achou-se no meio da extensa liça, parou e olhou em roda, *bufando* e escarvando a terra." A. Herculano, O Bobo, 315.

"Quando tornei a virar a cabeça, *bufou* a primeira balela." Xavier Marques, Praieiros.

Bufido, som, que o animal produz, *bufando*.

Cacarejar, cantar a gallinha e ainda outras aves: Plavam os pintos e *cacarejava* a gallinha." Alencar, O Garatuja, 119.

"Ao longe se ouvia o metalico *cacarejar* das seriemas nos campos." Taunay, Innocencia, 191.

O Dicc. Figueiredo regista as fôrmas *carcarear* e *carcarejar*.

Cainhar, o mesmo que gannir: "Cães cainhando baixinho com o pruir da lepra." C. Netto, Rei Negro, 12.

Cantar, voz do gallo, dos passarinhos e de outras aves. "Nem um gallo a cantar pelas casas distantes!" B. Pato, Livro do Monte, 60.

Carpír. "Carpia entre as mou-tas o mocho aziago." Bocage, Liv. Classico, I, 36.

Cegarrega. "Como eu tenho saudades da monotonia dos olivães, da cegarrega das cigarras..." V. de Almeida, Coisas que eu penso, 36.

Chem-chem. "Outros urubús mais atrevidos... brigando entre si a bicoradas fortes, grasnando o seu enfadonho chem-chem." J. Veríssimo, Vida Amazonica, 52.

Chiar, diz-se do som produzido pela cigarra, pelo rato e por alguns passaros. "As cigarras chlam nas oliveiras". Fialho, Cidade do Vicio, 10. Ha o composto rechiar, empregado no mesmo sentido.

Chichiar. "As cigarras entravam a chichiar." C. Netto, Sertão, 308.

Chilrear, voz das aves. Notem-se as fórmãs chilrar, chalrear, chalar. Exemplo desta: "Os papagaios chalravam". C. Netto, Sertão, 14.

Chilido, a voz aguda e fraca dos passarinhos. Aulete, Dicc.

Chirriar, voz da coruja, da cigarra e do gafanhoto. "As cigarras chirriam ao sol." C. Netto, Kosmos n. 5. "Gafanhotos voavam chirriando." C. Netto, Agua de Juventa, 96.

Chocalhar. "Chocalham as cascaveis innumeradas." Euclydes, Os Sertões, 137.

Ciciar. "Ultimas cigarras da tarde, já recolhidas, ciciavam." C. Netto, Sertão, 354.

Clach-clach. "Silencio profundo, que só foi interrompido pelo ranger do portello e pelo clach, clach das rans." Herculano, Monge de Cister, I, 94.

Clarinar. "Clarinando, na treva silenciosa, os gallos annunciavam

que era meia noite." G. Penna, Além dos Mares, 231.

Coaxar, gritar, a ran. Do substantivo coaxo este exemplo: "Coaxo rispido e vibrante de um sapo." C. Netto, Sertão, 27.

Cocoriar. "O cocoriar nobre de um gallo clarineou triumphalmente na luz!" Lima Campos, Con-fessor, 199.

Cocoricar. "Os gallos... levantavam a voz vibrante cocoricando." C. Netto, Tormenta, 14.

Cocoricó. "Gallos cantavam longe e perto, por fim de todos os poleiros partiram cocoricós estridentes." C. Netto, Inverno em flor, 168.

Cocular, voz do cuco, vide aren-sar.

Coinchar. "O bacorinho coinchava." C. Netto, Sertão, 207.

Corruchar, chilrear, pipilar; diz-se com referencia a certo canto baixo e seguido do canario da terra e outras aves canoras. Rodolpho Garcia, Dicc. de brasileirismos.

Corvejar, o mesmo que crocitar. Cras-cras. "Tomavam agouro... de pousar no tecto da casa algum corvo e alli cantar o seu cras cras." Bernardes, Nova Floresta, V, 295.

Cri-cri. "E pelas moitas aitas da estrada, o cri-cri fino e meta-fico dos grilios." V. Varzea, Mares e Campos, 30.

Cricrilar. Nelson de Senna, Anuario de Minas, I, 387.

Crocitar. "O corvo a crocitar." B. Pato, Livro do Monte, 18. "Por cima do telhado esvoaçavam corujas a crocitar." Camillo, Vulcões de Iama, 203.

Crujar, soltar a voz, a coruja e outras aves. Dicc. de Moraes.

Cucuritar. "E, por noite morta, quando os gallos cucuritavam..." Camillo, A Corja, 15.

Cuincar, (prov. trasm.) ladrar. Fig. Dicc.

Cuinhar, grunhir o porco, quando o ferem. Fig. Dicc.

Dobrar. "A rapariga casara ao entardecer, sob um poente de purpura e o dobrar dos canarios nas

ramagens dos camlinhos." V. Varzea, Mares e Campos, 109.

Engrolar. "Os sapos engrolavam no açude." C. Netto, Rei Negro, 180.

Esgançar, o mesmo que ganhr.

Esgabriehear, (prov. trasm.) o mesmo que gabrejar. Fig. Diec.

Estrilhar. "A ave que estrilha no ramo." C. Netto, Conf. ltt., 72.

Estrldular, diz-se do som da cigarra e do grillo.

Estrillar. "Continuo estrillar de grillos, ronearejo monotono de sapos fazlam extranho estrldor no sileneo." C. Netto, Rei Negro, 305.

Falar, diz-se do papagaio.

Fremir, o mesmo que rugir: "Os ursos da montanha albina

"Não vêm fremir junto aos casaes." C. Netto. Saldunês, 24.

Fretenr, voz da cigarra, vldc arensar.

Gaguear, (prov. trasm.) Diz-se da gallinha, quando canta, a chamar o gallo. Fig. Diec.

Gaguejar. "O gaguejar dos bodes lubrieos." D. Olympio, Luzla Homem, 68.

Galtear, (bras. do norte), urrar, o touro. Raymundo Magalhães, Voc. Popular.

Gallcinlo, gallicanto, canto do gallo.

Galrar, diz-se do som de algumas aves. "Corujas passavam em vdo surdo, raspando o silencio com o galrar sinistro." C. Netto, Treva, 296.

Galrear, galrejar, o mesmo que galrar. "Uma camaxirra galreava lndo e vldo." C. Netto, Inverno, 350.

Gannir, dar gritos de dor, o cão.

Gannizar, o mesmo que ganhr, falando-se de um cão pequeno. Fig. Diec.

Gargantear, gorgear, trinar, gargantar. Diec. Moraes.

Gargarejar. "Os sapos gargarejavam alto." C. Netto, Rei Negro, 77.

Garrir. "No serralho emplumado além garría o Perú senhoril." F. Dorla, Evangelina, 14.

Garritar, voz da cigarra e de outros insectos. "Desde a terra e os troneos levantam varios Insetos seu estridulo garritar." Dr. Augusto Silva, Farfalhas, XXIV.

Garrular, gorgear, ehilrear.

Gazillar. "Aves gazillavam, vinham voar perto do seu corpo." C. Netto, Miragem, 89.

Gazear, cantar a garça; ehilrear, gorgear. "Ouvla alegre o gazear dessa ave." Casimiro de Abreu. "E abrindo o vdo, um bando de anuns, garrulo e loueo, passava gazeando, chilreando." Raymundo Corrêa, Poesias.

Gemer, diz-se da voz lamentosa de algumas aves, como a rola, o pombo, o rouxinol.

Gloterar, voz da cegonha, vldc arensar.

Glu-glu, voz do Perú.

Gorgear, cantar a ave. Ha o composto regorgear.

Gralhar, diz-se do canto de certas aves. Eneontra-se a fórma gralhear: "Os galos, esvoaçando-se esecorraçados, gralheavam nos pinhelraes." Camillo, Voleões de lama, 109.

Grasnar, soltar a voz, o corvo, o pato ou a ran.

Grasnir, o mesmo que grasnar. "As rans que estão grasnindo." Castilho, Georgicas, 49.

Grassitar, voz do pato, como se vê em arensar.

Grazinar, voz do papagaio, da pèga e de outras aves. "Já se ouviam grazinar os maracaná entre os leques sussurrantes da carnába." Aleneat, O Sertanejo, I, 116.

Grél-grél. "A coruja esvoaça á pequena altura soltando o seu grito roueo — gréi-gréi — acompanhado ás vezes de uma espeede de sopro que lembra um resonar intenso. e, na primavera, de gemidos que parecem suspiros." Trindade Coelho, 2.º Livro, 151.

Gri-gri. "E o gri-gri dos melhoreos vivo e musical na altura." Fialho, Cidade do Vielo, 101.

Grilharia. "Retrocedl, de modo que o ruido dos meus passos se perdesse na grilharia dos grillos

c cigarras." Camillo, *Scenas da Foz*, 136.

Griñar, diz-se do canto da caihandra e da andorinha. Fig. Dice.

Gritar. "As gralhas **gritavam** nos cerrados; piavam as perdizes no relvoso chão." Taunay, *Innocencia*, 399.

Gruir, voz do grou. Veja-se arensar.

Grugrulejar. "Emquanto elle lattia de cão e **grugrulejava** de peru." Camillo, *Volcões de lama*, 157.

Grugrulhar. "O Perú **grugrulhava** desmanehando-se a andar tanto d'um lado e d'outro." C. Netto, *Inverno*, 173.

Grugrurajar. "E fazia esforço para engulir, com o tregcito de um Perú que **grugruraja**." Camillo, *A Corja*, 98.

Grugrujar, voz do grou, conforme Fialho Dutra, *Comp. Portugueza*, 37.

Grulhar, diz-se da voz do grou.

Grunhir, soltar a voz, o porco.

Guinehar, serve para exprimir a voz do macaeo, do rato e de outros animaes.

Guizalhar. "Os grillos eampes-tres **guizalhavam** na herva." C. Netto, *Miragem*, 242.

Him. "Emfim ouvi-lhe, que Deus o guardasse da mula que faz **him**, e de mulher que sabe latim." F. Manuel de Mello, *Guia de Casados*, 120.

Ladrar, latir, gritar (o cão).

Ladrido, a voz do cão.

Laidrar. "Em Marco de Canarecyes parece usar-se esta fórma, bastante singular, em vez da geral, **ladrar**." Gonçalves Vianna, *Apostilas*, II, 55.

Latir, o mesmo que ladrar.

Malhar. "A noite enehia-se de vozes estranhas: os sapos coaxavam, gargarejavam, **malhavam**; eram trissos, zizios subtlis, estrilhos, pios crebros..." C. Netto, *Rei Negro*, 197.

Maticar, parecee corresponder ao verbo **acuar**:

"Aos coelhos, isso então, os podengos **espertos**,

"Atroam, *maticando*, os barrocaes **desertos!**"

B. Pato, *Livro do Monte*, 86.

"**Maticam** os eães — signal

"Que a lebre sae do covil". *Ibidem*, 129.

Miar, gritar, o gato e outros felinos.

Modular.

"O sonoro canario, *modulando*, Engana a grave pena que padece."

Camões, 3.º, 184.

Mugir. "O longinquo **mugir** dos touros na planície." Alb. Oliveira, *Poesias*, 2.ª serie, 103.

Nitrir.

"E a *nitrir*, entre as filis derrotadas "Rojam arduos corseis vasos carros."

Odorico Mendes, *Iliada*, 139.

Orncar, ornejar, o mesmo que zurrar.

Palrar, diz-se do papagaio e de algumas aves. Existe a fórma **palrear**.

Papear. "**Papeia** e grita a ave chorando." João Ribeiro, *Versos*, 115.

Piar. "**Piam-lhe** á frente, em bando, codornas e irerês." Alb. Oliveira, *Poesias*, 2.ª serie, 115.

Pieuluha, os primeiros pios da ave.

Pipilar, pipilar, pipitar, o mesmo que piar, falau-do-se das aves.

Pissitar, gritar, o estorninho.

Pri-pi-pi. "No **pri-pi-pi** matinal das andorinhas na cimalha dos eampanarios." Fialho, *Cidade do Vicio*, 196.

Pupilar, gritar, o pavão, conforme exemplo em arensar.

Quebro, ou requebro, o mesmo que trinado: quebros dos rouxi-noes, requebros das aves.

Ralar. "**Ralavam** as rans." Camillo, *Romanec* homem rico, 48.

Ralhar. "Agora era um bando de jandaíias que atravessava o espaço grasuando e **ralhando**." Alencar, *Sertanejo*, II, 18.

Ran-ran.

"Crebra, arrastada, em seu *ran-ran* horrivel,

A algazarra dos sapos nas charnecas." Alb. Oliveira, *Poesias*, 2.ª, 179.

Rebramar. "O **rebramar** do veado." Julio Ribeiro, *A Carne*, 42.

Rebnsnar, o mesmo que zurrar. Eneontra-se a fórma **resbunar**.

Reehinar. "E enxerga harmonias no **rechinar** da eigarra." L. Guimarães, Samuraes, 14.

Regougar, diz-se do grito da raposa.

Relinchar, rinehar, do eavallo.

Remedar, diz-se do papagaio.

Resmuncar. "O gato se remexia no regaço do dono, **resmuncando**, e afofando o ninho." Camillo, Livro da Consolação, 11.

Rifar. "Os cavallos em bandos e os magotes de eguas nitriam alegremente ao avlstar a eomitiva, e a seguiam por algum tempo, **rifando** de prazer, enquanto os pol-drinhos curveteavam travessos á cola das mãos." Aleneat, Sertanejo, 2.º, 18.

Ronear, diz-se do porco, e tambem do eão, em vez de rosuar.

Ronronar. "Ronronando ao inme, dorme o eão e o gato." Junqueiro, Simples, 44.

Rosnar, diz-se da voz do eão, differente do latido, quando ameaça e mostra os dentes. Aulete.

Rouquejar. "A ran **rouquejava** no turbido lago." Bocage, Liv. Classico, I, 36.

Rouxinolar. "E o passaro **rouxinolava**." C. Netto, O Paraiso, 141.

Rouxinolear.

"*Rouxinoleia*, em rubras clarinadas, "Uma ave azul por minha vlda afóra."

B. Lopes, Val de Lyrios, 89.

Rugir, o mesmo que branir:

"Vaguei sosinho á mingua e sem conforto "Pelos palmares onde rugo o tigre."

Garrett, Camões, 85.

Serrar. "Uma araponga **serrava** estridulosa." J. Ribeiro, A Carne, 269.

Sibilar. "A cada passo ouvia o **sibilar** de easeaveis." F. Tavora, Lourenço, 181.

Silvar. "Onde **silvam** eobras doudas e bravias." Junqueiro, Simples, 69.

Soar.

"Aqui sôa a calhandra na parreira;

"A rola geme; paíra o estorninho."

Camões, II, 230.

"As roucas rans **soavam**

"Num charco de agua negra."

Idem, III, 21.

Suspirar.

"Nas sombras a ave garrula **suspira**, "Sua magua espalhando ao vento frio."

Camões, III, 10.

Sussurrar.

"Vão as doces abelhas **sussurrando**."

Camões, II, 230.

"Piasse o mocho o **sussurrar** a coruja."

Garrett, Viagens, II, 162.

Taralhar. "Nos altos ramos aragarys ehocarreiros **taralhavam**." C. Netto, Sertão, 118.

Taramelear. "A demais, **tarameleava** ao falar, a modo de papagaio." Dr. Augusto Silva, A Escrava. Ha a fórma **taramelar**.

Tie-tie. "Os grillos pleavam o silencio eleglaeo das Ave-Marias com o seu **tic-tic** de prato." V. Varzea, Mares e Campos, 26.

Tinir, ou retinir, diz-se da araponga. "O **retinir** da araponga." J. Ribeiro, A Carne, 42.

Tintangalhar. "Os sapos nos açudes **tintangalhavam**." C. Netto, Miragem, 311.

Trillar. "Por toda a parte ouvlam-se gorgeios e assobios, uivos e bramidos de amor. Era o **trillar** do inambú, o plar do maeueo, o berrar do tueano, o grasnar gargalhado do jaeú, o retinir da araponga, o chiar do serelepe, o rebramar do veado, o miar plangente, quasi humano, dos felinos." J. Ribeiro, A Carne, 42.

Trinar, o mesmo que gorgear.

Trinçar. "Andorinhas, sabindo dentre as telhas, **trinçavam** e reeolhiam-se." C. Netto, Inverno, 261.

Trinfar, voz da andorinha, vide arensar.

Trinir. "Entre o mugido dos bois, o **trinir** dos eavallos, o bair das ovelhas." Malheiro Dias, Cartas de Lisboa, 164.

Trissar.

"E a andorinha emigrada

"Torna de longe e nos telhados **trissa**."

C. Netto, Saidunes, 23.

Trileular, o canto do tordo.

Turturinar. "Pombos **turturinaavam**." C. Netto, Sertão, 53. Encontra-se a fórma **turturejar**.

Uivada. "A uivada dos cães pelos curraes." Fialho, Paiz das Uvas, 96.

Uivar, soltar latido lamentoso e prolongado, o cão; gritar, o lobo. "No silencio estrellado uivavam lobos." F. Doria, Evangelina, 25.

"A baleia estendia a galha para os costados da lancha, uivava, andava á roda." Xavier Marques, Praieiros.

Ulular. "Os cães, espavoridos, ululam sinistramente." Junqueiro, Patria, 41.

"Noites formidandas, lobos a ulular." Idem, Simples, 87.

Uviar, (prov. trasm.) o mesmo que uivar. Dicc. Fig.

Urrar, bramir (o touro, o elephante, o leão e outros animaes.)

"A baleia tornou a fugir, urrando." Marques, Praieiros.

Zangarrear. "Zangarream as eigarras nos cimos das arvores." Azevedo Junior, Quadros, 33.

Zerechia, (prov. beir.) o zum-

bido que acompanha o vôo rapido das abelhas. Fig. Dicc.

Ziziar. "As cigarras ziziavam ao sol." C. Netto, Tormenta, 212.

Zoar, o mesmo que zumbir. "Borbotão de vespões rebenta, ferve, zôa, cobre-o." Castilho, Fastos de Ovidio, II, 87.

Zornar, o mesmo que zurrar.

Zumbar, o mesmo que zumbir.

Zumbir, fazer ruido, falando-se de insectos:

"A vespa: é ascua viva que arde

"E irrita este ar! zumbo e rezumbo..."

Alberto Oliveira, Poesias, 2.º, 151.

Zunir, diz-se dos insectos, havendo tambem as fórmaz zuir, zenir e zinir.

Zunitar. Nelson de Senna, Anuario de Minas, I, 387.

Zungar, zumbir; silvar. Fig. Dicc.

Zunzunar, fazer zum-zum, zumbir.

Zurrar, soltar a voz, o burro. Encontra-se a fórmula azurrar.

FERMINO COSTA.

---

---

# RESENHA DO MEZ

---

## DOIS PINTORES PAULISTAS

A Revista publica neste numero tres desenhos de dois pintores paulistas, dos mais novos dentre os que foram pensionados pelo governo e ora residem entre nós. São caracteristicos no denotar a segurança da visão artistica como tambem a mestria de traço que os distingue. Paulo do Valle revela altas qualidades de compositor. Sabe agrupar figuras, subordinar umas ás outras com o fito posto no destaque da acção principal, a modo de resultar a scena um verdadeiro quadro submisso aos preceitos eternos da esthetica. Na *Scena do Quo Vadis* apprehendem-se claras todas as finuras desta face preciosa do seu temperamento. Ella dá boa amostra de quanto péde vir da sua palheta, se o desanimo lho não carunchar a volição ao voltar o pincel para a mina virgem dos themas nacionaes. Wash, como temperamento diverso, mais ardente e audacioso, arma salto para transpor uma barreira tremenda. Victima, como Paulo do Valle e todos os outros, da absurda orientação esthetica que o governo imprime ás vocações fortes nascidas em nosso meio, consistente em desnacionalisalas e suffocar ao nascodouro o temperamento racial, pelo transplante, na idade em que apenas se inicia a crystalisação da individualidade, a meios exóticos, que lhe poderão dar todos os apuros da technica mas que exigem em troca o sacrificio nas aras do volapuck da já de si insta-

na sua arte a eiva corruptora e vilvel alma brasileira, Wash percebe gorosamente reage. Reage reencetando á custa propria uma seria aprendizagem nova para a adaptação da technica européa ás exigencias do ambiente.

A paisagem bravia, a natureza em bruto, despenteada, aqui já domada pelo homem — numa victoria de Huno que é o arrazamento de tudo; alli ainda em lucta com elle — assumindo aspectos de campo de batalha; além intacta, defendendo com forocia a virgindade millenaria e esmagando o espectador pelo imprevisto da sua miseria ou da sua magestade, exige do pintor um pincel mais atrevido o tintas mais energicas do quo as vezeiras no reproduzir a frisada paisagem européa onde o homem já destruiu tudo quanto era selvatiqueza, ordenando-a aos caprichos do seu desejo. A paisagem é lá a victoria do homem sobre a natureza. Aqui é a lucta, cem vezes a derrota, nunca a victoria.

Pouca gente comprehende a nossa paisagem. Inda agora a Avenida Central, por bocca d'um seu freguez, malsinou-a, em livro, de "banal".

Detenhamo-nos por um momento na olegante tolice. Paisagem é o revestimento superficial do globo num quadro só que vae de polo a polo, — por meio da arvore, da agua, do relevo do solo, — desenho inadjectivavel que o sol pela manhã transforma em pintura viva, pintura que sem parar exgotta a gamma inteira dos valores e dos tons até que após á apothese do occaso, se desfaz em trevas para o resurgimento da manhã

seguinte. Paisagem brasileira é essa tela desdobrada por oito milhões de kilometros quadrados, na amplitude dos quaes a natureza assume todas as modalidades — campos nativos, floresta tropical, earrascaes, deserto, pantanos, cordilheiras, rios e pampas.

Figure-se a grandeza deste quadro na tela da imaginação e apponha-se-lhe em baixo, á guiza de titulo, o muxoxo qualificativo do escriptor fluminense: “banal”.

Como soa engraçado o gallicismo que o homem tirou de si para engastar num quadro que a palavra humana não resumirá nunca num só vocabulo! A explicação de conceitos deste jaez é que o artista em faeo da nossa paisagem se sente pequenino demais *pour la besogner*, e atem-se a breves contactos epidermicos. Falta-lhe aquelle musculo leonino do bandeirante que rasgava de extremo a extremo, implacavelmente, a carne viva das sertanias virgens. A tarefa exige a alma de Rubens refundida na bigorna que temperou Fernão Dias Paes Leme.

O artista educado no velho mundo sente-se desarmado, percebe que o espadim da technica haurida na Academia Julien não é arma seria em frente do que pede tacape. E esmorece. Achincalha-se, então, a falsear a paisagem, ou escolher della somente os trechinhos mansos relembrativos da paisagem de lá. Só isso — breves manchas microscopicas que mentem á terra — parece-lhes pictural.

Este embate, esto peito a peito é a grande crise do pintor nacional educado fóra do ambiente nativo.

A’ maioria ganha o desalento; caem na calaçaria da pintura de *atelier*, com apostrophes de odio contra a natureza incomprehendida, e entram a vegetar a triste vida do artista impotente para quem a cavação perante o governo é o Supremo engodo. Outros desistem de viver numa terra “impossivel”. Outros, rarissimos, os fortes, adaptam-se.

Reencetam com paciencia uma nova aprendizagem, e veneem.

Nesta categoria está Wash Rodrigues. Elle concentra onergias

para a grande batalha. Vae penetrar no sertão, estudar os segredos dos verdes agrestes, senhorear o typo e o modelado das arvores, apauhar os tons e relevos da terra, captar em flagrante a poesia das sombras n’agua, sondar a alma das taperas, ouvir o gemido da matta quando o machado lhe estraçoa as entranhas, e seus nivos de dôr quando o fogo a constringe no amplexo de labaredas. Vae estudar a tiguêra — campo de batalha em que a vegetação destruida lança por mil brotos tenros o grito da renascença. Vae sentir o sombrio da matta virgem onde o raio de sol nunca despertou da sonneira secular os velhos musgos acamados sobre os velhos troncos mortos.

E vae tambem estudar a attitude do homem mettido nesse ambiente. Não do homem pechisque das cidades, incharacteristico e grotesco na sua casquinha de *plaquet* lustrada a gesso pela manhã e revendo á tarde o azinavre dos metaes de ruim liga. Mas o homem incontaminado, grosso de casca, intraduzivel em francez; o bruto cuja vida é uma lueta de todos os instantes contra as forças vivas da ferocidade ou contra as forças negativas, retracteis, eraudelissimas da safaria. Vae estudar esse homem em acção, no contacto directo com a terra de que é uma resultante e que, na ancia de subsistir, vae, sem normas, sem leis, sem arte, modificando a ferro e fogo com a barbaridade de quem mata para viver.

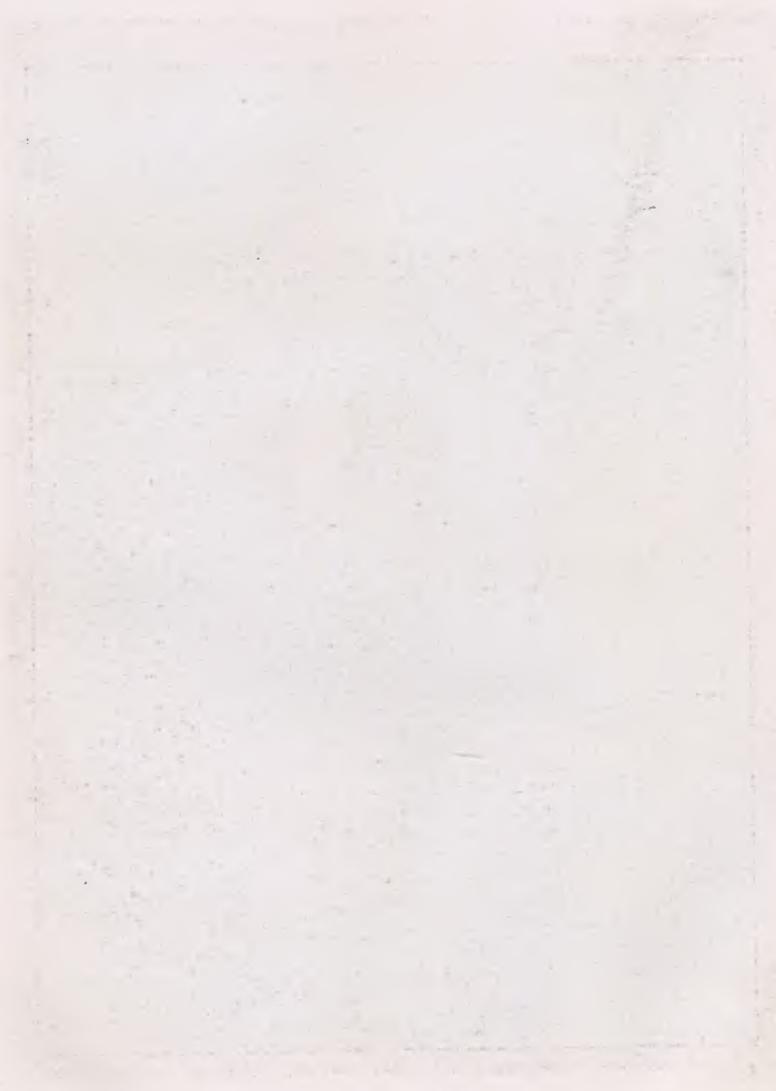
O Brasil, inda é o caboclo, empunhando o machado e o facho incendiado, na lueta, arca por arca, contra a hispidéz envolvente, para que nas clareiras entreabertas tome asento a civilização.

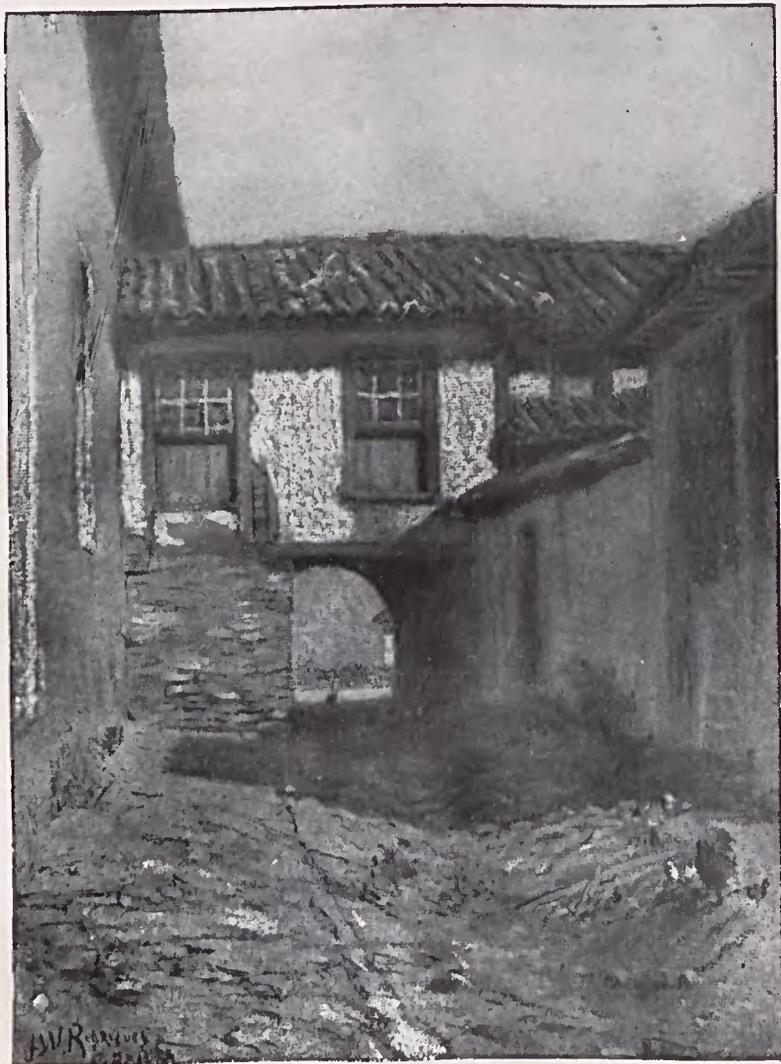
A pintura brasileira só deixará de ser um *pastiche* sem valor, um manibembe por sessões, quando se penetrar que é mister *comprehender* a terra para bem interpretal-a. Foi esta comprehensão da terra que possibilitou o surto das escolas hollandeza e flameuga até esses cimões chamados Rembrandt e Rubens.

Wash Rodrigues tem a alma aberta a estas luzes. Comprehende o erro

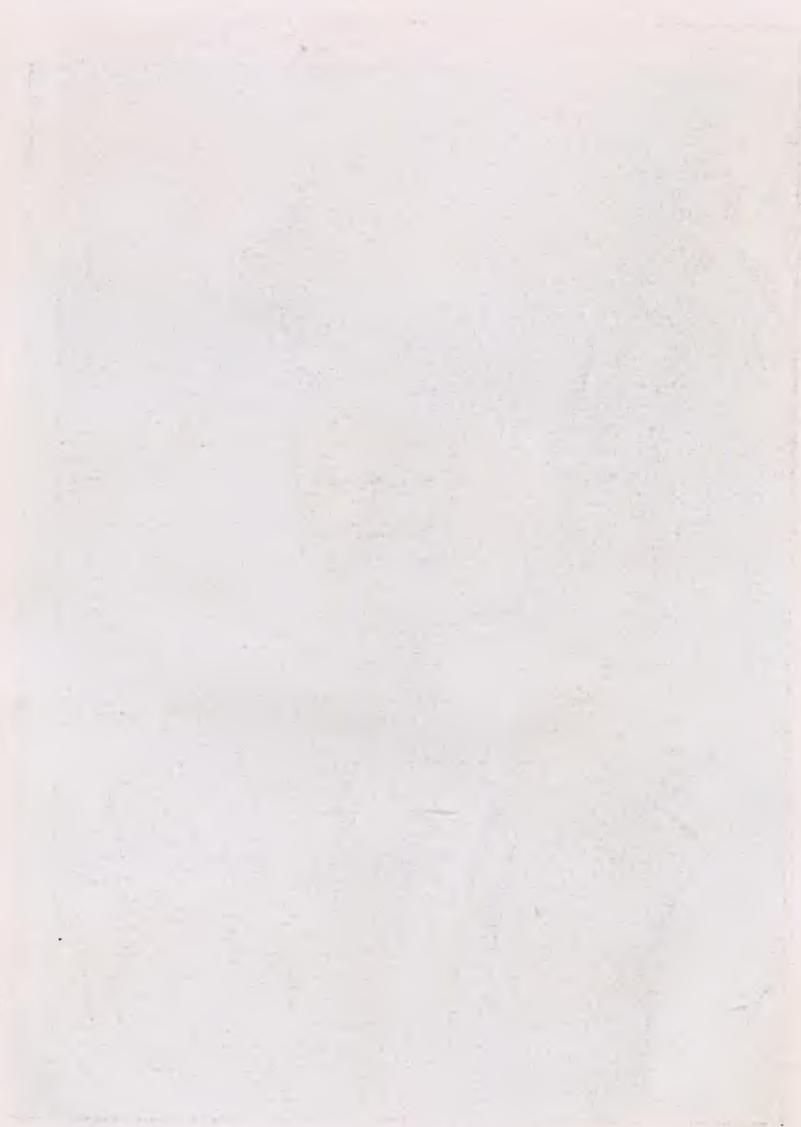


PAULO DO VALLE: Scena do "Quo Vadis?"





WASTH RODRIGUES: Casa de Pirapora





WASTH RODRIGUES: Estudo



e vê o caminho. Vae deixar o *atelier* constrictor pela unica officina donde saem os grandes artistas: o ar livre, o campo, a matta, a roça.

No dia em que as demais vocações artisticas embicarem pela mesma senda, teremos pintura. Até lá teremos uns productos muitissimo logicos da irrisoria esthetica official — cadinho de verter para o francez o que é por essencia intraduzivel. — M. L.

## PHYSICA MEDICA

(*Um novo methodo para a delimitação dos órgãos internos nos seres vivos*).

Os jornaes medicos inglezes acabam de publicar alguns detalhes sobre um novo methodo de delimitação dos órgãos internos nos feridos, o qual funciona ha alguns mezes com notaveis resultados na frente do exercito inglez, em operação de guerra na França. Este methodo não tom por fim reproduzir o contorno das estruturas densas, como os ossos, o qual pôde ser facilmente obtido pelo exame ou photographia pelos raios X; mas sim os contornos e os vasos sanguineos de órgãos molles, taes como o rim, o figado, os intestinos, difficeis de obter pelos processos conhecidos.

O novo methodo, devido n um cirurgião do "Royal Army Medical Corps", de nome J. Shearer, baseia-se no emprego do dois campos electricos rigorosamente eguaes e perpendiculares atravessando a região do corpo a examinar. Para produzir os dois campos, utilizam-se dois electrodos metallicos, designados sob o nome de anteparo *A* e anteparo *B*, o primeiro disposto verticalmente sobre um pedestal moveel que pôde ser collocado á mesma altura que o corpo do paciente e na sua visinhança immediata, o segundo suspenso horizontalmente por um fio ao longo do qual elle se desloca no ar, 1,m20 a 1,m50 acima do centro do primeiro. Estes electrodos são ligados a duas baterias electricas separadas, com a mesma intensidade de corrente; esta

pôde ser variada á vontade por dois interruptores, mas de um modo identico para as duas baterias.

Quando os dois campos electricos alternativos eguaes assim creados encontram-se em um ponto de um orgão, o estado electrico deste orgão influe, segundo o autor do processo, sobre o campo resultante, e esta influencia traduz-se pela produção de uma fraca corrente electrica, a qual pôde ser recolhida no anteparo *B* por um detector apropriado, que communica com um estylete deslocando-se sobre um cylindro registrador coberto por uma folha de papel impregnada de cera. *A*' medida que se desloca o anteparo *B* por cima da região do corpo do paciente a examinar, o estylete traça na cera o contorno dos órgãos correspondentes. Uma vez obtido o registro, transforma-se em negativo photographico pelos methodos ordinarios.

A explicação do methodo dada pelo autor deixa sem duvida a desejar sob o ponto de vista scientifico, e ha ainda uma grande dóse de empirismo no seu funcionamento.

Por exemplo, a frequencia da corrente deve variar segundo os tecidos de que se quer obter o contorno; assim, tratando-se da delimitação de vasos sanguineos, só se obtêm resultados com correntes de muito rapida alternancia, ao passo que o contorno do coração é desenhado por meio de correntes de frequencia muito menor.

O autor obtem em tempo muito curto, da ordem de um minuto, resultados verdadeiramente extraordinarios: assim por exemplo, em uma figura publicada pelo "British Medical Journal" (numero de 30 de Setembro de 1916) podose examinar a delimitação do cerebro, em um caso de ferida por projectil. O tecido cerebral não pôde na realidade ser reproduzido pelo methodo Shearer, mas na figura mencionada pode se acompanhar os vasos sanguineos, e observar uma grande mancha irregular, que é a sóde da lesão; no centro desta observa-se uma pequena marca que é formada por um corpo estranho. Outras revistas inglezas publicaram outras figuras não

menos características, do rim, do fígado, do intestino, etc., attingidos por projecteis, e mesmo do appendice em casos de appendicite.

O novo methodo de exame de órgãos internos em organismos vivos representa um enorme progresso em relação á radioscopia e radiographia, com as quaes nada tem de commum. Basta dizer que estas ultimas apenas fornecem a sombra da estrutura ossca, e são incapazes por completo de desenharem os finos conductos sanguineos, que o methodo Shoarer tão brilhantemente põe em evidencia. — L.

## CONGRESSO MEDICO PAULISTA

O acontecimento capital do mez foi a reunião do Congresso Medico Paulista, cuja iniciativa coube á Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo.

Foi designada uma comissão composta dos drs. Arnaldo Vieira de Carvalho, Silvio Maia, Vital Brazil, Franco da Rocha, Oliveira Fausto, Ayres Netto, Xavier da Silveira, Alcino Braga e Americo Braziliense para organizar os estatutos e dirigir os trabalhos do Congresso.

A comissão nomeou delegados na Capital da Republica e dos Estados, expediu convites a medicos, engenheiros, pharmaceuticos, cirurgiões-dentistas, parteiras e Institutos Scientificos e quasi mil adhesões correspondendo aos convites affluiram de todos os pontos do paiz.

A sessão inaugural realisada a 3 de Dezembro foi presidida pelo dr. Oscar Rodrigues Alves, secretario do Interior, e honrada com a presença do dr. Altino Arantes, presidente do Estado, e membros do governo e altas autoridades.

A adhesão entusiastica dos governos estaduais que enviaram seus representantes, o comparecimento de illustres professores das Faculdades de Medicina da Bahia, Rio de Janeiro, Bello Horizonte, a cooperação dos Institutos Scientificos e corporações medicas do paiz, deram ao Pri-

meiro Congresso Medico Paulista um singular brilhantismo e o elevaram á categoria de Congresso Medico Brasileiro.

O comparecimento dos membros do governo ás festas do Congresso, a recepção do sr. presidente do Estado, o banquete offerecido pelo secretario do Interior aos directores, delegados, professores e presidentes de commissões; a cooperação da Directoria da Escola Polytechnica, da Camara Portugueza de Commercio e do Instituto Historico e Geographico, a hospitalidade de d. Abbade, de S. Bento, o auxilio das directorias das estradas de ferro, o espectáculo de gala e o sumptuoso baile offerecido aos membros do Congresso attestam a alta consideração e a cordial homenagem prestada á classe medica.

Realisaram conferencias o dr. Emilio Ribas, os professores Fernando de Magalhães, A. Austregesilo, Henrique Rôxo, Ed. Rabello, do Rio de Janeiro, o prof. Linneu Silva, de Bello Horizonte e o dr. Oscar Lisboa.

O dr. E. Ribas discorreu sobre a lepra, assumpto que vem estudando ha dois annos; o seu trabalho valio por um relatório officioso apresentado ao governo que o commissionou para resolver o problema da prophylaxia da lepra em S. Paulo.

Analysou a questão com elevado criterio, expendendo conceitos sobre a transmissibilidade e concluiu condemnando o isolamento insular e todas as medidas vexatorias.

O prof. Fernando de Magalhães fez uma magistral dissertação sobre as infecções puerperas. Depois de se referir á attitudo de muitos clinicos, receiosos do desprestigio em face de uma infecção post-partum, que attribuem geralmente a vicios de technica obstetrica, e por isso illudem e disfarçam, sonegam o diagnostico e olvidam o tratamento — covardia e immoralidade profissional que verbera com vehemencia — o conferencista termina preconizando com enthusiasmo a drenagem metallica no tratamento das infecções puerperas.

O prof. A. Austregesilo desenvolveu com didactica e elevação o the-

ma "das reacções nervosas elementares", synthetizando em formulas geraes os grupos de phenomenos simples dependentes do concurso dos diferentes apparatus e systemas organicos. O prof. H. Roxo escolheu para objecto da sua conferencia a momentosa e tão interessante neurasthenia, a nevrose da fadiga. A sua exposição fluente e methodica, profundamente scientifica, foi illustrada com episodios clinicos muito pittorescos o terminou com as indicações therapeuticas.

O prof. Ed. Rabello discorrendo sobre a prophylaxia da syphilis, condemnou as medidas de disciplina sanitaria do meretricio, cuja regulamentação em diversos paizes da Europa foi contraproducente, acabando por ser abandonada, por ter ocasionado o augmento da prostituição clandestina. Adduziu considerações sobre a importancia clinica da syphilis, que determina todas as syndromas e ataca todos os orgãos.

Lamenta que nas faculdades de Medicina do Brasil a frequencia das clinicas syphiligraphica e ophthalmologica seja facultativa.

O joven prof. Linneu Silva, galante e estheta, fez o "elogio dos olhos". Dando ao assumpto uma feição litteraria e graciosa, despertou a attenção para a importancia da ophthalmologia, que offerece dados propedeuticos de summo valor e domina um vasto campo clinico.

O. Lisbôa, analysando as condições da vida rural no Brazil, sob o duplo ponto de vista economico e sanitario indicou uma serie de medidas simples, praticaveis e importantes.

A's differentes commissões foram apresentadas theses de contribuição, trabalhos originaes muito preciosos; os annaes do Congresso dirão o numero e o valor das memorias que não poderão ser arroladas nesta breve noticia.

De passagem mencionamos as brilhantes communições do prof. Adeodato de Souza, dos assistentes da Maternidade do Rio de Janeiro e do dr. R. Briquet que deram realce á secção do obstetricia.

Os drs. Garcia Braga e Cantidio M. Campos demonstraram que a funcção biligenica da secretina é apparenente, consistindo na excitação excretoria sobre a vesicula, por meio da vaso-dilatina de Popliski. Esse trabalho de folego destróo todas as noções classicas a respeito e honra os jovens physiologistas.

Lemos Torres contrapondo-se ao conceito dos cardiopathologistas, demonstra pelos processos graphicos e por dados analyticos a existencia de uma nova causa do bloqueio cardiaco.

O prof. Rubião Meira assignala o augmento da pressão aortica na syphilis incipiente e concluo firmando o valor propedeutico do reforço do respectivo tom (2.<sup>a</sup> bulha) para o diagnostico precoce da syphilis — phenomeno que será conhecido em propedeutica pelo nome de "Signal dr. Rubião Meira", segundo proposta do Prof. H. Rôxo.

Fernando Vaz apresenta um novo e elegante processo de peritonisação, applicavel nos casos de hysterectomia por fibromas, com os annexos livres. A exposição foi illustrada com projecções assignalando os tempos do processo que é rapido e seguro e que tem merecido a preferencia do autor.

O prof. Sergio Meira Filho leu uma communicação sobre appendicites amoebianas. Tendo encontrado lesões amoebianas especificas em seis appendices por elle extirpadas e notando o numero crescente de appendicites em S. Paulo, correspondendo ao augmento da epidemia dysenterica nestes ultimos quatro annos, o autor, firmando-se nos trabalhos do dr. Theodoro Bayma e nas estatisticas dos hospitaes e das clinicas particulares, conclue que a causa mais frequente das appendicites em São Paulo é a infeccção amoebiana, o que será facilmente confirmado pelo exame systematico dos appendices que se extirparem.

Os drs. R. Puech e Paula Souza, firmados em 29 observações denunciaram a frequencia da calculose vesical infantil em S. Paulo.

Os drs. Moncorvo Filho e Puech apresentaram notas sobre o emprego da heliotherapia no Brasil.

O prof. J. Britto apresentou um magistral relatório sobre o trachoma.

Além destes trabalhos cumpre mencionar os relatórios sobre a regulamentação do meretricio, o segredo medico, os dispensarios, nosographia, etc.

O dr. A. Netto fez um historico sobre os Congressos Medicos.

O engenheiro Albuquerque apresentou um relatório sobre construções urbanas; a orientação e a largura das ruas, a altura dos predios — todos os detalhes de construção foram regulados por indicações faceis e racionais.

A Pharmiacopéa Paulista, base do Codex Brasileiro, foi organizada por uma comissão do illustres pharmaceuticos, designada pela mesa directora do Congresso.

A Exposição de Hygiene demonstrou o progresso e o aperfeiçoamento da industria de drogas e substancias chimicas no Brasil. O Congresso organizou um jury de concurso para conferir medalhas e menções honrosas aos industriaes que concorreram ao certamen.

Foram organisadas excursões e visitas ao hospital da Santa Casa de Misericórdia, transbordando de enfermos, vindos de todos os pontos do Estado e que a administração tem accomodado, sobrearregando as enfermarias com o dobro da sua lotação; ao hospital militar, onde uma companhia da Força Publica executou interessantes exercicios de bayoneta; ao Butantan, o instituto modelar, com os seus bellos serpentarios e ricos laboratorios, dirigido pelo eminente dr. Vital Brasil; ao leproario de Guapyra; ao hospicio de Juquery, um dos meliores e mais bem installados da America; á Faculdade de Medicina e Cirurgia, onde professores e alumnos receberam festivamente os congressistas e dirigiram saudações aos illustres professores das Faculdades de Medicina que vieram a S. Paulo tomar parte nos trabalhos do Congresso.

No grande amphitheatro o prof. Ovidio Campos saudou os professores excursionistas, representantes das Faculdades do Rio e da Bahia — as priuazes do Brasil, de onde vieram

os elementos de formação da Faculdade de S. Paulo creada pelo governo com o intuito de integralisar o ensino superior no Estado e prover ás reaes necessidades clinicas da sua crescente população.

Saudaram-nos tambem dois alumnos.

Os professores A. Austregeliso e Fernando de Magalhães agradecendo, manifestaram o seu enthusiasmo pelo criterio com que o dr. Arnaldo Vierra de Carvalho, director da Faculdade de Medicina e Cirurgia escolheu os professores, e organizou o ensino medico em S. Paulo, pondo em destaque a cultura e o brilho e o animo elevado dos professores paulistas, cujo prestigio os membros do Congresso levarão a todo o paiz e cuja obra finca um marco nas phases do ensino medico brasileiro.

Em seguida percorreram os congressistas os museus de anatomia, laboratorios de parasitologia, physiologia, anatomia pathologica, physica e chimica. O director expóz na secretaria as plantas da construção do Palacio da Faculdade.

Todos puderam admirar e render homenagem á liberalidade do governo de S. Paulo, que não recúa diante dos maiores sacrificios para alastrar, diffundir, ampliar e aperfeiçoar a instrução publica, com que despende annualmente 21.000:000\$000.

Entre os assumptos relovantes e momentosos que não foram trazidos ao conhecimento do Congresso destacam-se os serviços de hygiene estadual e municipal — taes como a defesa sanitaria do Porto de Santos, a assistencia aos immigrantes, a inspecção das escolas e dos estabelecimentos industriaes; a hygiene domiciliar, a assistencia nas penitenciarias, a inspecção dos matadouros, estabulos, açougues e tavernas e a fiscalisação do leite e de outros generos alimenticios.

Entretanto pela importancia e pelo numero de seus trabalhos, pela sua concorrência, pelo seu brilho e seus resultados o Primeiro Congresso Medico Paulista bateu o *record* entre todos os Congressos Medicos brasileiros. — X.

## DEFESA NACIONAL

O sr. dr. Pedro Lessa resumiu admiravelmente, em poucas linhas, com seu costumado vigor de expressão, os fins principaes que visa a Liga da Defesa Nacional. Cumprimos um dever elementar de civismo passando para as nossas paginas as palavras do eminente brasileiro. São estas:

"Anda a Liga da Defesa Nacional muito vivamente empenhada em realizar um dos seus fins principaes, que é, mediante concursos com premios convidativos, publicar e distribuir gratuitamente um catecismo civico e livros de educação patriótica, destinados á infancia e á adolescencia.

Precisamos fazer aqui por esse moio aquillo, que já têm conseguido outras nações pelo esforço espontaneo dos seus filhos mais illustres. Bem perto de nós a Argentina conta nesse genero de literatura alguns trabalhos excellentes; e na França foi o proprio actual presidente da Republica, um dos espiritos mais cultos, mais finos o mais altos, que honram a humanidade, quem, antes de occupar o cargo que actualmento exerce, mas quando já era um dos politicos mais activos e um dos advogados mais atarefados do seu paiz, escreveu, para as crianças que saem da escola um livrosinho de educação civica, que é um primor, pelos assumptos que versa, pela forma adequada ás intelligencias infantis, e até pelas estampas proprias para estimular os sentimentos patrioticos.

Já antes de Poincaré, Léon Bourgeois, um dos estadistas e dos homens de sciencia mais notaveis da Europa, quando ministro da Instrução Publica, havia expedido em 1890 a celebre circular, ou instruções ministeriaes de 1890, cheias de admiraveis conselhos ao professorado, e em que, depois de accentuar a necessidade de produzir gerações sãs, vigorosas, promptas sempre para a acção e até para o sacrificio, e de recomendar muito encarecidamente aos mestres que proscrescessem de suas aulas tudo o que pudessem levar os discipulos ao scepticismo

e ao desanimo, terminava por estas memoraveis palavras: "Le maitre qui consillerait á ses élèves la lecture d'une seule page capable d'affaiblir leur vigueur morale et de les détourner de l'action trahirait son devoir." Ainda em discursos de 30 de julho de 1891, na distribuição dos premios do concurso geral, dizia o eminente autor de *Solidarité*: "Avoir un idéal c'est avoir une raison de vivre... Si donner á l'homme un idéal, c'est donner une orientation á toute son existence, une raison et un ressort á tous ses actes, nous reconnaissons lá le but dernier de l'éducation".

Eis ahí o que tem em vista a Liga da Defesa Nacional, com os concursos que vae abrir dentro em pouco. De todos os pontos do paiz serão convidados todos os mestres o todos os escriptores brasileiros, que se interessam pelo futuro da patria, a escrever pequenos livros, em que acima de tudo se esforcem os autores por inculcar no espirito das crianças e dos adolescentes o amor á acção util, á actividade patriótica, á vida sem preoccupações inferiores, ou morbidas, mas norteada por um ideal são e bom.

E' preciso convencer os brasileiros de que com algum esforço, com alguma comprehensão da verdade e onergia de vontade, podemos fazer da vida em todo este vasto paiz uma coisa tão agradável, tão util e tão boa, como a das nações melhores e mais felizes.

Ociosos fôra notar que muito longe está a Liga da Defesa Nacional de condemnar a critica e a censura. Constituem estas o que pôde haver de mais indispensavel á realização do nosso ideal. Sómente o que muito importa, é deixar a critica e a censura para a occasião opportuna, para a idade propria, para o homem que já tem o caracter formado, a intelligencia enriquecida de superiores motivos de actividade moral e patriótica, e o criterio necessario para bem comprehender que indicar e combater os nossos erros, os nossos vicios e os nossos crimes, é fazer o que nas mais fortes e cultas nações se tem feito e se faz, sem que daí

der Moderador. A 12 de agosto de 1834 votou-se o Acto Adicional. Não podendo supprimir o poder moderador, contentaram-se os liberaes em "annullar a sua essencia". E a existencia do Conselho de Estado como complemento do poder moderador, ficou sendo a pedra de toque dos partidos. Depois do golpe de 1834, o seu restabelecimento passou a constituir o empenho de honra dos conservadores, que aproveitando a maioridade, conseguiram o seu intento, quasi que de surpresa pela lei de 23 de novembro de 1841. Começou então a longa controversia entre o Partido Liberal e o Partido Conservador, sobre a natureza e limites do poder moderador.

Percorra-se a lista dos conselheiros de Estado desde 1842 até a sua suppressão. Nella se encontrarão todos os grandes nomes da nossa politica, entrados para o illustre arco-pago como coroação de uma carreira brilhante, trazeudo para os conselhos da Corôa as luzes do seu saber, a independencia das suas opiniões, o prestigio do seu patriotismo. Raros foram os homens do real valor que trilharam no Brasil a vida publica a quem não tivesse cabido, mais cedo ou mais tarde, tomar assento na gloriosa companhia. Dizia-se nos ultimos tempos do Imperio que estava descendo o nível do Conselho de Estado. E' possivel que assim fosse. A nossa geração conheceu, porém, João Alfredo e Lafayette, Andrade Figueira e Silveira Martins, Paulino de Souza e Ouro Preto, Souza Dantas e Teixeira Junior, Paranaguá e Sinimbu. Não pretendo fazer uma fastidiosa enumeração de nomes á maneira dos heróes da Illiada. Quem não reconhecerá, entretanto, neste pugilo de nomes tudo o que houve de representativo nos ultimos annos da Monarchia, como talento, illustração, character e serviços á nação? Subamos um pouco mais pelo passado. Encontraremos os nomes gloriosos de Caxias, Rio Branco, Martinho Campos, Nitheroy, Inhomirim, Nabuco, Uruguayana, Bom Retiro, Araxá, Souza Franco, São Vicente, Uruguay, Itaborahy, Euzebio de Queiroz... Não estou esgo-

tando a lista. No ultimo plano, entre os primeiros nomeados, apparecem as figuras veneraveis dos grandes ancestraes, os gigantes das luctas heroicas em que se firmou a nossa individualidade do povo. Evocam-se as sombras majestosas dos nossos superhomens: Bernardo de Vasconcellos, Olinda, Abrantes, Paula e Souza, Abaeté, Albuquerque, José Clemente, Jequitinhonha, Sapucahy... Ha muitos paizes om que uma corporação de tal ordem possa contar tão ininterrompida fulguração de homens notaveis?

Examinem-se todas as grandes questões nacionaes, em que andou envolvida a responsabilidade do Governo Imperial, ou se trato das nossas infundaveis complicações com as Republicas platinas, ou das medidas financeiras em que se debatia a argucia dos ministros da fazenda, ou das variadas reformas propostas ao Parlamento, e sempre nas discussões do Conselho se encontrará o apanhado fiel das varias correntes de opinião, expostas com clareza, competencia e lealdade. O Governo podia errar e errou muitas vezes. Nunca, porém, poderia dizer que o fez por uão estar devidamente aconselhado, tendo perfeitamente pesado o pró e o contra.

Devia a Republica ter mantido o Conselho de Estado, tal qual estava organizado em 15 de Novembro de 1889? E' difficil, em boa fé, responder pela affirmativa. Já figurava no programma do Ministerio Ouro Preto, juntamente com a temporariedade do Senado, a reforma do Conselho de Estado para constitui-lo meramente administrativo, tirando-lhe todo o character politico. E' elaro, pois, que mesmo entre os monarchistas mais adiantados a opinião dominante era de que o velho Conselho exigia remodelado. Reflectindo a orientação de cincoenta annos atraz, necessitava adaptar-se ás condições da vida moderna. Os velhos servidores do Imperio não poderiam evidentemente servir sob o regimen que começava. Os republicanos de 1889, encontraram-se relativamente a elles na mesma situação dos liberaes de 1834 quanto ao Conselho de Estado

ereado por D. Pedro I em 1823. Não podia deixar de haver a supressão.

Desde o começo da Republica tem o governo lançado mão dos mais inconcebíveis recursos para se aconselhar em materia de alta administração. A primeira victima foi o Supremo Tribunal Federal, ao qual, talvez por simetria, se entendeu a principio estar reservado o papel de Conselho de Estado. Um dos primeiros actos do Supremo Tribunal foi declarar ao Marechal Deodoro, que apenas proferia decisões, e não podia responder a consultas do Governo. De então em diante, mais de uma lição elementar do direito, da mesma natureza, tem sido obrigada a nossa alta córte de justiça a dar, tanto aos governantes como aos governados. Em 1893, não se haviam ainda inventado os "habeas-corpus" com que se forçou a intervenção do Poder Judiciario nos casos estaduais. O marechal Floriano, cedendo á logica irresistivel da revolução que o levava ao poder, começava a intervir nos Estados para desmontar a politica montada por Deodoro. Um grupo de politicos de certo Estado, ameaçado da perda de cargos politicos, lembrou-se de recorrer ao Supremo Tribunal, que naturalmente não tomou conhecimento do recurso, em accordo unanime, bem fundamentado. A revista do Instituto dos Advogados, cuja Comissão de Redacção era então composta de Bulhões Carvalho, Valentim Magalhães, Rodrigo Octavio, Isaias de Mello, e de mim, inseriu o accordo onde se lia com espanto este considerando rubro: "Contra os abusos do Executivo ou do Judiciario ha a lei de responsabilidade, mas contra os do Legislativo, afóra a inexecução dos seus decretos, só ha o *appello ás armas*." Assombrado com este ronco de anarchia partido do mais elevado tribunal do paiz, o saudoso Bulhões Carvalho, inseriu na Revista a seguinte nota: — "A doutrina e os outros fundamentos deste excellente accordo bem poderiam dispensar um argumento armado em guerra." Imagine-se o escandalo nas rodas forenses. Não direi nas rodas governamentais, por ser pouco provavel que a

nossa serena revista chegasso ás regiões agitadas do Itamaraty, onde, então, residia o Presidente da Republica. Apurado o caso, verificou-se que se tratava do um erro de cópia. O accordo tinha fallado em *appello para as urnas*, e o copista escrevera *appello para as armas*. No numero seguinte explicou Bulhões Carvalho o equivooco, e desfez as intenções bellicosas que o nosso copista tinha attribuido ao Supremo Tribunal.

A ancia do Governo em materia de corpos consultivos tem-no levado a ouvir, em diversas épocas, varias corporações inteiramente alheias á administração, não sómente sobre assumptos de sua competencia profissional, o que é perfeitamente admissivel, mas tambem sobre casos de administração geral. Têm sido ouvidas as Faculdades de Direito, a Academia de Medicina, o Instituto dos Advogados, o Club de Engenharia, a Associação Commercial. Constantemente nomeia o Governo comissões especiaes para elaborarem projectos de reformas. Os decretos do Poder Executivo, preparados ás pressas, no recesso das Secretarias de Estado, apparecem um bello dia no *Diario Official*, sem que antes tenha sido sondada a opinião dos competentes ou dos interessados. Surgem as reclamações e as criticas... e o resultado é a infallivel republicação do decreto, *por ter sahido com incorrecções*. Temos tido casos de cinco ou seis edições do mesmo decreto. As grandes questões entre a administração e os contractantes de serviços publicos, por falta de prévio estudo que poderia ter lugar em um corpo equivalente ao Conselho de Estado, dão constantemente lugar a demandas em que a Fazenda é eondemnada. E' commum fazerem-se concessões, logo annulladas sob a pressão da opinião, de onde resulta, ás vezes, para o concessionario o direito de pleitear uma indemnização. Finalmente, nas grandes crises politicas que dependem de medidas administrativas, tem-se visto o Presidente da Republica reunir ás pressas um conselho de notaveis, arbitrariamente escolhido, segundo as sympathias ou affi-

nidades politicas. E' sempre o principio darwiniano. A necessidade da funcção inventando o orgão.

Fala-se muito 'hoje em revisão. A' frente da campanha revisionista está collocado o vulto culminante de Ruy Barbosa, que se pôde considerar duas vezes autor da Constituição, por lhe ter redigido o projecto, e por ser o creador da doutrina que lhe deu a interpretação definitiva. Não é aqui o lugar de discutir o assumpto. Sou, ha muitos annos, revisionista convencido, para o fim de se restaurar a unidade da justiça e do processo, fazer melhor distribuição das rendas publicas, e tornar mais apertados os laços da federação. Não me pude ainda convencer das vantagens da republica parlamentar. Parece-me que o mal da Republica não vem do regimen presidencial, o qual exige apenas ser bem comprehendido. Se a França republicana e parlamentar tem um Conselho de Estado, que dizer do uma Republica em que o Presidente, directamente responsavel perante a opinião, tem absoluta necessidade de cercar-se de elementos que lhe ministrem, fóra das preoccupações subalternas da politicagem, as suggestões indispensaveis para bem governar? Tal seria o papel do Conselho de Estado, que, restricto á sua funcção meramente consultiva, nem exigiria uma reforma constitucional.

Logo que se normalizarem as condições financeiras do Brasil, a primeira reforma reclamada pelas necessidades da administração, é a criação de um alto corpo colectivo, formado dos homens mais competentes do paiz, ao qual o Governo consulte sobre os projectos de lei sobre as reclamações das partes, e sobre as grandes questões de administração geral. Amemos a Republica e tratemos de prestigiar o regimen que possuímos. Não é porém com declamações banaes sobre as excellencias do regimen que poderemos *republicanizar a republica*, na phrase de Joaquim Murinho. E' fazendo della um governo serio, apoiado na opinião, equilibrado, esclarecido, que não receie confrontos com o regimen transacto. O respeito do direito dos cidadãos, a obediencia á lei, o severo

cumprimento dos contractos, exigem um repousado estudo que se não adapta á actividade vertiginosa dos homens publicos quando no governo. Em geral elles adquirem, á custa da nação, uma experiencia que só podemos mostrar quando fóra do poder. E' o que acontecia com os conselheiros de Estado sob a Monarchia. Quantos homens de merecimento tem tido a Republica que, havendo commettido erros no governo, estariam, por isso mesmo, em condições de conseguir vital-os, si fossem consultados pelos seus successores?

Continuar a tatear no escuro, presos do mais grosscero empirismo, não é obra de estadistas que se presem. O grande fio da tradição nacional não deve ser quebrado. A Monarchia sahio do governo colonial. A Republica sahio da Monarchia constitucional. Não insistamos no erro de considerar o Brasil descoberto em Quinzo de Novembro. E' necessario remontar ás nossas tradições e vincular a Republica ás solidas raizes do passado. E' o melhor processo de consolidação do regimen."

#### FRUCTAS BRASILEIRAS

O sr. Henrique Silva fez recentemente, na Sociedade Nacional de Agricultura, uma conferencia sobre fructas campestres e silvestres do nosso paiz. O conferencista occupouse apenas de especies fructíferas indigenas, algumas dellas sómente conhecidas nos campos e mattas do Brasil central. Eis um resumo dessa interessante conferencia:

"Os ensaios de cultura das fructas brasileiras são devidos aos primeiros europeus que aqui se estabeleceram, não tendo feito as gerações successivas mais do que aperfeiçoar a cultura de algumas dellas, como a banana, o abacaxi, a pitanga e outras poucas e aliás inferiores ás muitas que ainda ninguem tentou cultivar, de manciara que nesta materia não tem havido, até ao presente, o que se possa dizer trabalho de brasileiro, ou comprehensão da botanica applicada. Quando dizemos que muitas das nossas fru-

ctas já cultivadas são inferiores ás também muitíssimas por cultivar é porque razão ha para tal affirmativa. Basta comparar, por exemplo, a mangaba, sem cultura alguma nos campos do interior, com qualquer outra fructa nossa que já mereceu os beneficios da cultura. Entre as familias das nossas plantas cultivadas ha especies que, mesmo em estado selvagem excellam em sabor, delicadeza e perfume nativo ás do mesmo genero que cultivamos. Haja vista a pitanga dos campos, os araticuns também dos campos, que são incontestavelmente mais deliciosos do que as especies de *myrtaceas* e *amanacéas* que se cultivam no litoral, e até mesmo as importadas.

El quem ignora quo a cultura opera milagres, transformando fructos intragaveis, no seu estado nativo, como a banana, om fructos saborosissimos?

Não o eram também, nos tempos recolhidos do Velho Mundo, fructas atôa: o pecego, a uva, a pêra, a maçã, antes de cultivadas?

O cultivo, pois, das nossas fructas campestres e sylvestres, impõe-se, é um dever patriótico, é um caso de honra e de dignidade nacional.

A. Glaziou, o conhecido botanista, que todos sabem, e que tantos annos viveu entro nós, escrevia:

"Quem percorre o planalto Central do Brasil, de clima tão ameno e regular, admira-se ao ver uma profusão de especies de fructas sylvestres das quaes muitas são saborosissimas. Interessa de tal fórma ás primeiras necessidades do homem a generalidade dessas arvores e arbutos que, ainda que summariamente, convém assignalar as mais notaveis e a vantagem que haveria em reunilas para cultural-as racionalmente num Viveiro Experimental do Estado, estabelecimento de maxima utilidade logo que diz respeito á alimentação e ao progresso da sociedade.

Ao ver essas bellas fructas quasi a vingar, a imaginação do mais simples cultivador attenta immediatamente á conveniencia que haveria em cultivar cuidadosamente essas arvores para melhorar-lhes o pro-

ducto, acóde naturalmente á lembrança os vegetaes primitivos dos bosques da Europa cujas fructas eram apenas aproveitadas pelos animaes selvagens e as aves.

Basta lançar as vistas sobre as variedades de pêras, as maçãs, pecegos, as uvas, as ameixas, etc., cujos typos ainda se vêm no Estado primitivo para reconhecer os esforços persoverantes do cultivador na senda do melhoramento dos fructos: basta comparar as especies primitivas com esses bellos e deliciosos productos que hoje constituem o luxo da mesa do rico como da do pobre.

Visto tal exemplo, materialmente provado, estou convencido de que o espirito de progresso que anima o Governo, relativamente ao assumpto da transferencia administrativa e politica da Capital dos Estados Unidos da Republica do Brasil, não se cuidará do concentrar toda a sua attenção sobre este ponto da industria alimentar, assim como sobre outros muitos que fornecem ainda o reino vegetal neste afortunado torrão? Interrogação significativa. Tratando-se de fructos, dentre os quaes alguns já apreciados, citaremos da familia das Anonaceas alguns generos vulgarmente designados pelos nomos Araticum, Cherimoya, Biriba, etc., que, entregues aos cuidados intelligentes do cultivador, graças aos processos da enxertia, da sementeira de sementes fecundadas artificialmente e com outros meios de que dispõe praticamente, independente da cultura intensiva poderiam permittir-lhes attingir o seu ideal.

Exemplo de uma fructa brasileira ainda não cultivada, mas de seguras possibilidades economicas, ahi temos na chamada fructa de Lobo (*Solanum lycocarpum*) — nome botânico este que corresponde ao seu vulgar, ou melhor, traduzido da lingua indigena para a grega pelo sabio botanista Saint'Hilaire. Da fructa de Lobo se fabrica excellente doce, pelo sabor e mais qualidades comparavel ao do marmello, a nossa marmellada.

Nas forças de Matto-Grosso, disse Taunay, os negociantes vendiam a bom preço caixas desse doce sob o

título de legitima marmellada, e a differença não era tão sensível que muitos se queixassem do logro.

Mas o interessante é dizer que na Argelia a fructa do Lobo foi já acclimada, sendo cultivada em larga escala, e os seus productos, consumidos em França, Pariz principalmente, guardam o nome de origem — marmellada de Goyaz!...

Faz-se pois mister, urgente mesmo, neste momento em quo iniciamos a permuta commercial das nossas fructas com as das Republicas do Prata, em ensaio de cultura de muitas das especies que vamos mencionar, de modo a fazel-as conhecidas de nós mesmos e do estrangeiro.

E quem mais nos casos de o promover, iniciando-se desde já, senão a benemerita Sociedade Nacional de Agricultura?

Aqui vai uma relação dos nomes indigenas ou vulgares, de algumas das nossas fructas por assim dizer, ainda desconhecidas:

Cajú do campo, Cajiy, Guarióba, Guabirova, Piqui, Pitanga do campo, Muricy, Cabacinha, Marmellada de cavallo, Marmellada de espinho, Mamminha de cadella, Araçá, Mangaba, Pitomba, Guapéva, Fructa d'Éma, Fructa de Lobo, Fructa de veado, Jaracatiá, Gravatá, Aratium, Uvalha, Pecego do campo, Melaucia do campo, Maria-Preta, Fructa de Jacú, Marmellada de areia, Bananinha do matto, Corôa de fradé, Bacupari, Guavira, Piquiá, Taruman, Amóra, Marmello do campo, Velludo, Cabo de machado e muitissimas outras cujos nomes triviaes não nos occorrem neste momento.

Trabalho de Brasileiros, pois, deve ser o da cultura das nossas fructas indigenas.

Tratando-se de fructas de *habitats* definidos como as que vivem nos campos do interior, e as que habitam as zonas de matas, é obvio que as não poderemos cultivar, todas, conjuntamente sob o mesmo clima e no mesmo sólo. Ha para isto uma solução: fazer-se a cultura das especies campestres para além da Serra da Mantiqueira, no sul do Minas, em qualquer localidade á margem da Estrada de Ferro Central do Brasil ou da Oés-

te de Minas, Barbacena, por exemplo.

Quanto ás especies sylvestros, particularmente as da Amazonia o da região costeira, ha ahi o sou melhor *habitat* — toda essa funda Baixada Fluminense.

O Horto da Penha, dependencia da Sociedade Nacional de Agricultura, bem pôde ser o ponto inicial de cultura de muitas das nossas especies de fructas indigenas, e o nome daquelle que em tão boa hora foi indicado para o dirigir, e o dirige com tanta competencia quanta dedicacão, é uma garantia segura do bom e esperado oxito de um "tentamen" patriotico, que ha de ficar como trabalho de Brasileiros, para exemplo de outras goracões."

## HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

### A OBRA EDUCADORA DE EÇA DE QUEIROZ

Dizer-se que Eça do Queiroz procurou apenas, com os seus typos, amesquinhar e escarnecer a sociedade portugueza é inepecia igual á de se lhe attribuir, na acção dos seus romances, o proposito de fazer immoralidade. Uma e outra noções corrompem mundo, lançadas por dirigentes da opinião que, para além daquillo, nada enxergavam ou perfida o teimosamente fechavam os olhos para não ver mais nada... Os clarividentes e os sinceros immediatamente reconheceram a intenção do observador desassombrado, do critico superiormente inspirado que, apontando a macula ou o erro onde elles de facto existiam, descobrindo as torpezas, as disformidades, os ridiculos onde se pretendiam esconder ou dissimular, o que fazia era prestar o mais digno e precioso concurso a uma obra de remodelação e aperfeiçoamento, obra essencialmente proveitosa e educadora. O Pickwick, de Dickens, tambem a principio passou por uma ficção meramente jocosa e escarninha; tambem Balzac, Flaubert, Zola foram accusados de immoralidade... Ora, nada mais curioso de observar que, se os primeiros ro-

mances de Eça de Queiroz escandalizaram, levantaram uma indignada celeuma, esse effeito gradualmente se veio transformando até acabar em geral respeito e pura admiração. O *Crime do Padre Amaro* e o *Primo Basilio* provocaram, na alma dos defensores, mais ou monos encartados, da moral publica em geral e da moral lisboeta em particular, accessos de colera assassina. Já os redactores das *Farpas* haviam prasenteiramente consignado a furia de certos Catões, no entender dos quaes ás verdades professadas e defendidas naquelles pamphletos, só se devia responder com bordoada... Ora, os romances de Eça iam mais longe, feriam mais fundo as susceptibilidades puritanas; e a immoralidade do autor só devia parecer punivel com a morte. Eram livros realistas; e a palavra "realismo", até então desconhecida em litteratura portugueza, espalhou-se, como synonymo de indecencia. Indecencia, immoralidade! Entretanto, os exemplares vovam das livrarias; os milheiros esgotavam-se com una rapidez de que não havia memoria; e quanto mais os Catões berravam e barafustavam, mais avultava o exito dos livros condemnados. Era ainda um effeito daquella pretensa "immoralidade". Gente sem conta, em Portugal e Brasil, adquiriu os livros de Eça do Queiroz, na supposição de que fossem libidinosos. Conta-uos até um chronista carioca do tempo que certo livreiro da rua do Ouvidor tinha sobre o balcão exemplares do *Primo Basilio*, com as paginas já abertas naquolles lugares onde o catonismo descobrira mais revoltante escabrosidade... Assim, os sacerdotes da critica pudibunda tinham prestado á vulgarização das obras de Eça o auxilio de um reclamo que, por ser inteiramente estúpido, nem por isso se tornara menos efficaz; e succedeu até que alguns delles, desorientados, atordoados diante desse triumpho imprevista e sobretudo com inveja delle, em breve mandassem imprimir na capa dos seus livros o letreiro explicativo "Romance realista", a ver se a clientela, com a mesma curiosidade malsã, a mesma avidéz de li-

bertinagem, lhes arrebatava as edições.

Mas o grosseiro equivoço formado em torno dos romances de Eça não podia durar sempre. Gradualmente, o publico se foi convencendo de que não sómente elles prestavam o culto mais sincero e mais honesto á verdade, mas ainda do que delles se podia apurar, deduzir, concluir, ressaltava a mais evidente moralidade. Compreendeu-se que, sem serem romances para meninas, aos homons e mulheres pensantes, conscientes, só podiam suggerir boas idéas e boas acções. Ao demais, romances para meninas, não os ha capazes. Os mais idealistas e assucarados podem causar nessas cabeceinhas que ainda não reflectem, não discriminam, aceitam tudo, pavorosas, fataes perturbações. Os mais lindos são os mais perigosos, sim, porque dão á creaturinha uma falsa noção — que olla insensivelmente guarda — das cousas da vida. A influencia que esses livros exercem nos cerebros incompletamente formados é quasi sempre traiçoeira; e aí das leitoras que, imbuidas de tal optimismo, mais cedo ou mais tarde se lombrem de o praticar, a serio! Não, Eça de Queiroz não escreveu romances para meninas, mesmo porque meninas não devem ler romances de qualidade alguma. Mas se já, em lingua portugueza, obras de imaginação, de ficção litteraria eucerraram uteis conselhos e um fundo do puro ensinamento, essas são, sem duvida, as suas obras. Eis o quo se havia de esclarecer um dia e para sempre ficar estabelecido. Camillo, que, de certo, não morria do amores por Eça de Queiroz, mas, nos momentos de se pronunciar formalmente ácerca dos seus meritos ou das suas intenções, não deixava de lhe fazer justiça, qualificou o *Primo Basilio*, no *Cançoneiro Alegre*, como sendo "o livro mais doutrinal quo ainda sahira dos prelos portuguezes." E mais tarde, na famosa polemica com Alexandre da Conceição, desenvolveu o sentido daquelle adjectivo: "*Doutrinal*, escrevi, como synonymo de *moralizador*. Em minha consciencia entendo que, se já houve livro que pudesse e de-

vesse salvar uma mulher casada na aresta do abysmo, é o *Primo Bazilio*." — (De uma conferencia do sr. João Luso, realisada no Rio de Janeiro).

#### OS ARTISTAS FRANCEZES E A GUERRA

Realisou-se recentemente em Roma, na Galeria Colonna, uma grande exposição de quadros e desenhos do artistas francezes, executados durante a guerra. No salão vastissimo, de 72 metros de comprimento por 12 de largura, reuniram-se cerca de oitocentos trabalhos, quasi todos, senão todos, executados em campanha, pois todos os artistas se achavam em serviço. Havia pintura, desenhos e caricatura, estas em muito maior numero, o que se explica naturalmente pela facilidade maior de execução. Grande parte das telas era consagrada ás figuras principaes da guerra: Poincaré, Joffre, Sarrail, Gallieni, etc. Entre os expositores destacavam-se: Bouchor, Berne Bellecour, Raymond Devereux, Georges Scott, Jonas, Henry de Groux, Lalauze, Flameng, Hoffbauer, Bruyer, Ibols, Leandre, Bourgain, etc. Eram visões da guerra ou apenas typos encontrados: as ruinas de uma cidade bombardeada, um grupo de prisioneiros, destruições, incendios, egrejas arruinadas, "pollus", enfermeiras — artistas compraziam-se em fixar pelo lapis um aspecto tragico ou curioso, uma scena emocionante, uma "silhueta" interessante. E como não os abandonara o bom humor, faziam comentarios: havia caricaturas, diz um critico italiano, que valiam por batalhas ganhas, tal a azorragante ironia dos artistas. Os artistas francezes não consideram a caricatura como uma forma de arte inferior. E com effeito, a caricatura participa da arte, da literatura e da politica, tanto que um bom caricaturista deve, além do seu proprio valor artistico, ter uma boa cultura literaria e um exacto conhecimento da politica do seu paiz, senão até da de todo o mundo. Ninguem, mais do que elles, deve acompanhar tudo quanto succede e fixar a nota justa. A sua obra é, pois, além de artistica pela execu-

ção, ainda literaria e politica. Os artistas registraram tudo quanto lhes passou deante da retina e os commoveu. Como era de esperar de trabalhos executados muitas vezes sob o fogo inimigo, a exposição dos artistas francezes foi mais interessante do ponto de vista politico do que do artistico.

A producção de desenhos e caricaturas é que foi extraordinaria. Osção — literaria pelo pensamento, e politica pelo objectivo.

Abel Favre, Jeannot, Steinlen, Robida, Simont, Renouard, Leven e Lemmonier figuravam entre os desenhistas; e, entre os caricaturistas citavam-se: Forain, Abel Truchet, L. Bering, Barthelemy, Poulbot, Hansi, Jean Ray.

Alguns dos quadros e desenhos expostos pelos pintores francezes em Roma, são reproduzidos neste numero da *Revista do Brasil*.

#### A DEMOCRACIA E A DIPLOMACIA

Variam, como é natural, as opiniões sobre as causas determinantes da grande guerra europeá. Alguns asseguram que a conflagração foi provocada pelo militarismo — uma expressão tão vaga e convencional como essa outra — socialismo; outros attribuem-na a competições commerciaes, outros ainda a ambições de mando e outros á vontade mutua das nações de se destruirem e ás más paixões do homem. Dentre todas as opiniões, porém, uma das mais espalhadas é a de que a immensa catastrophe é devida directamente ás intrigas e manobras da diplomacia. Os que assim pensam pintam a democracia como uma victima desamparada dos máus diplomatas cuja alegria suprema foi a provocação desta horrivel guerra mundial. O grito popular que agora se ouve é o da abolição da *diplomacia secreta*, que deve ser substituida pela *democratização da politica estrangeira*. Ha quem ingenuamente pense que o povo será capaz de promover negociações diplomaticas na praça publica...

Um escriptor inglez, o sr. Walter Lippman dedicou a esta these um livro interessante — *The stakes of di-*

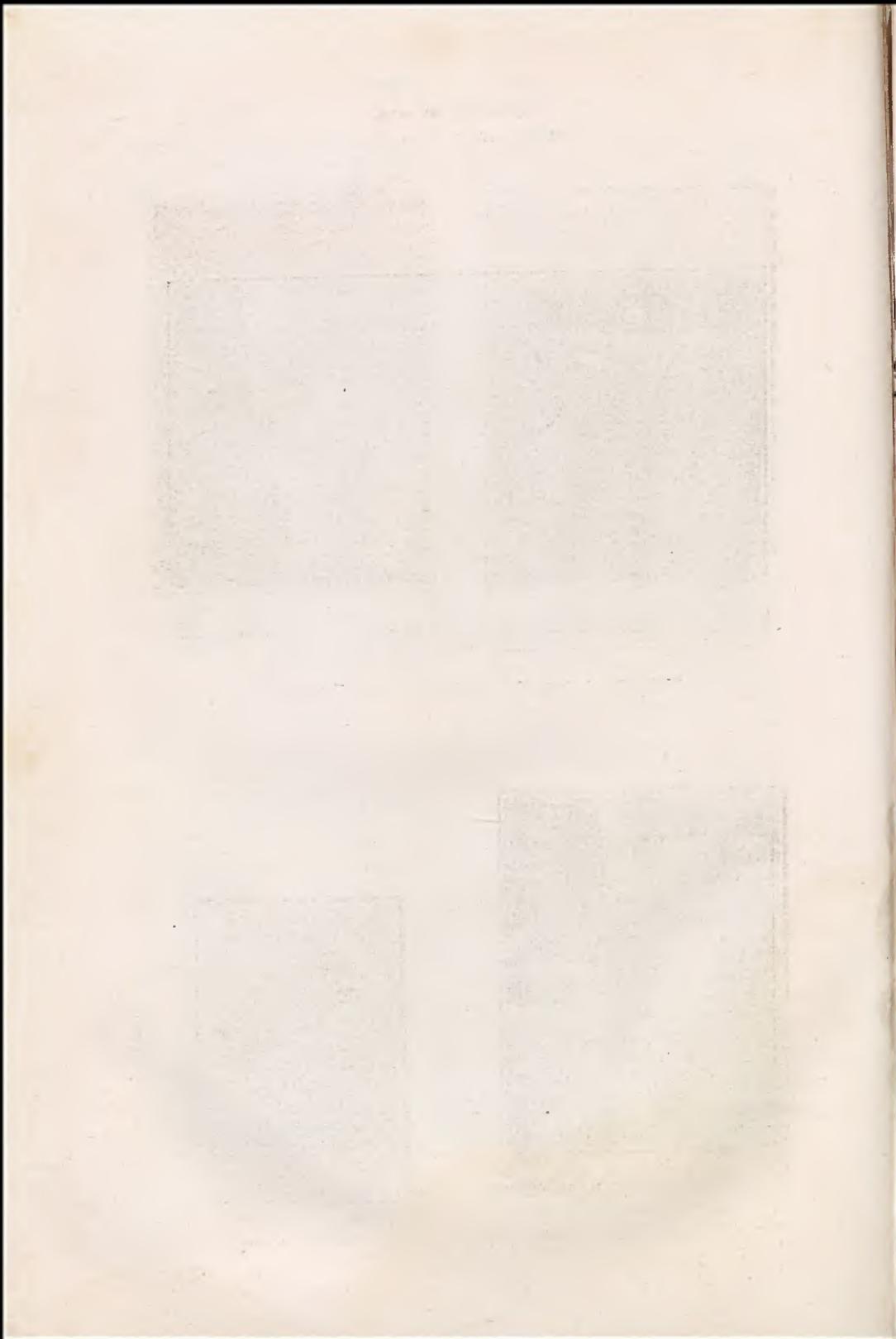
RESENHA DO MEZ



SIMONT: A festa dos condecorados no Trocadero



P. RENOARD: Os cegos



RESENHA DO MEZ



G. SCOTT: A guarda da bandeira



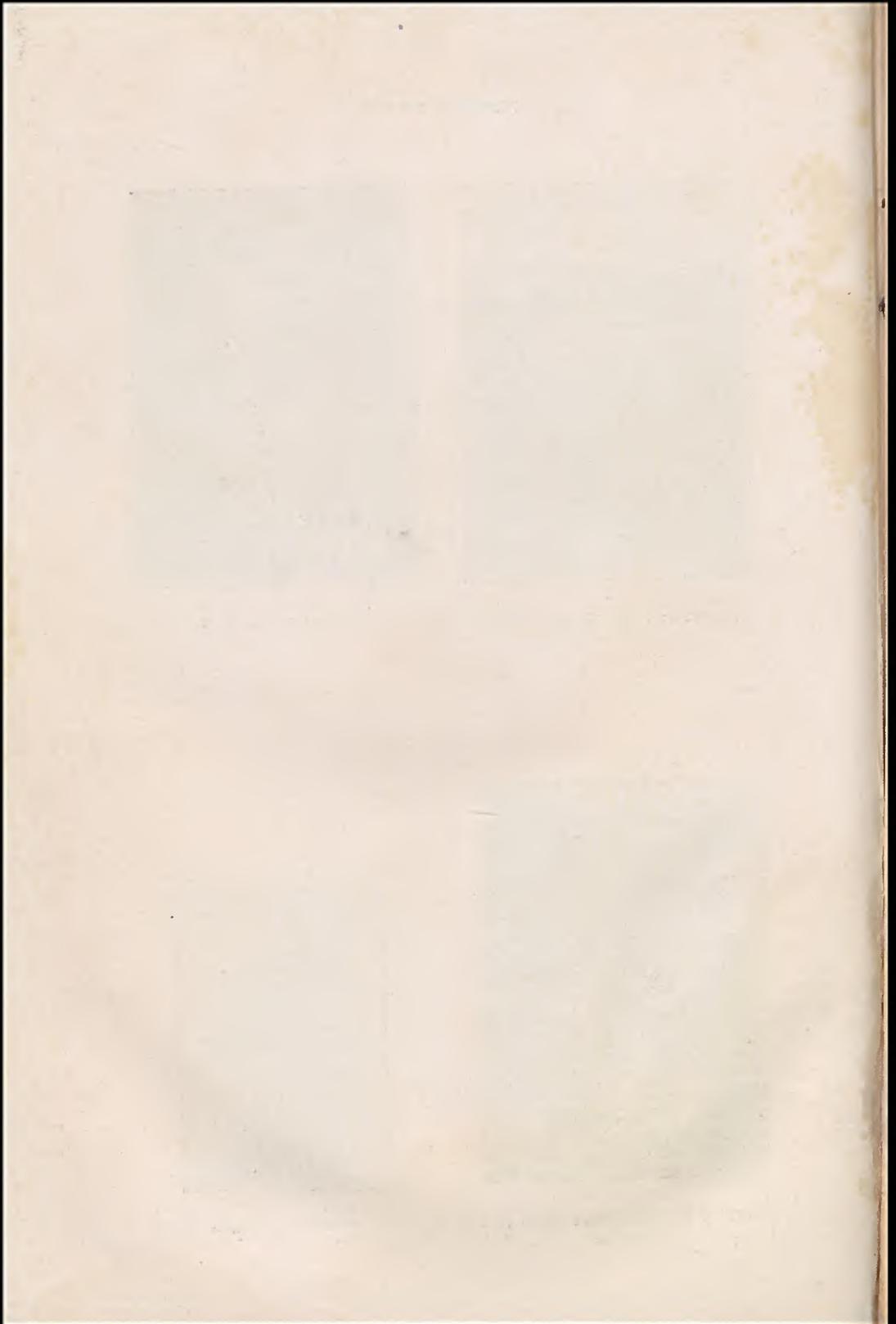
FRAIPONT: Ruínas de Louvain



LEVEN e LEMMONIER: Combate no  
Trentino



FORAIN: A carta



*plomacy*. Elle defende a sua these com uma notavel habilidade dialectica, mas não convence. O seu raciocinio é mais ou menos o mesmo que seria o de alguém que invocasse os serviços de um veterinario para um caso de appendicite ou de cancro que os mais habéis medicos não pudessem resolver.

Essa these é impraticavel. A publicidade de negociações diplomaticas só males traria para as nações. O que se tem passado nos Estados Unidos com os agentes allemães, se fosse trazido a publico officialmente pelo governo, a esta hora já teria levado os Estados Unidos, pelo menos, a cortar as relações com a Allemanha.

A discussão na praça publica pela intervenção directa do povo nas relações internacionaes traria para o paiz difficuldades muito serias. E' contrario á experiencia o á razão pensar-se que a democracia teria mais habilidade para evitar as guerras que a diplomacia secreta. Não faltam, aliás, os exemplos, na historia de todos os povos, para attestar a incapacidade diplomatica das democracias. Lembra-se apenas, de passagem, a estúpida intromissão do parlamento francez na politica da França, quando a Inglaterra convidou aquelle paiz para intervirem juntos no Egypto...

Essa incapacidade é devida a tres razões: primeira, a impossibilidade de ser o publico em geral completamente informado dos factos e a sua incapacidade para comprehender todos os factores que actuam nos acontecimentos; segunda, a necessidade indeclinavel de guardar segredo em certos momentos para conseguir determinados objectivos que se prendem á segurança do Estado; terceira, a incapacidade da democracia para, usando da phrasa de Tocqueville, "regular os pormenores de uma empreza importante, para perseverar num designio determinado e para levar a termo esse designio, a despeito dos obstaculos que se lhe oppuzerem".

E' um erro fundamental confundir a diplomacia como profissão com os politicos chamados a exercel-a; identificar o agente com o principal, criticar o instrumento em lugar dos

homens que o manejam. Os methodos diplomaticos dependem principalmente da personalidade dos estadistas responsaveis pela direcção dos negocios estrangeiros. A politica pela qual se orientem esses estadistas e a nação no seu conjunto pode ser boa ou má, cautelosa ou imprudente, elarividente ou opportunistá, corajosa ou covarde, conforme os casos. A determinação da politica de um paiz, quer nos periodos de calma, quer nos periodos de tempestade internacional, reside em grande parte nas mãos dos estadistas escolhidos pela democracia para salvaguardar os interesses da nação. O segredo exigido para proteger os interesses nacionaes, o conhecimento dos factores que essa protecção envolve, a segurança de visão, o senso da responsabilidade, não só em relação á presente como ás gerações futuras, a tenacidade do proposito que essa tarefa exige, tudo, em summa, repelle a intervenção do povo na praça publica para provar á defesa dos interesses nacionaes. Seria uma loucura que a democracia, chamando a si o direito de iniciativa ou de *referendum* nos negocios estrangeiros, recusasse a sua confiança e o seu apoio nos estadists, nas occasiões de perigo internacional ou de complicações diplomaticas. A larga dose de liberdade que deve necessariamente ser concedida ao presidente da Republica na direcção das relações exteriores implica logicamente uma liberdade ainda maior na escolha dos agentes diplomaticos para a execução da politica e para a effectiva representação dos interesses do paiz.

Um corpo diplomatico permanente e classificado não é, para esse fim, o mais adequado e desejavel. Para a formação do corpo diplomatico deve-se ter em vista sobre tudo o merito dos individuos. Deve ser condemnado tambem, e condemnado vigorosamente, o systema de fixar para os diplomatas vencimentos baixos. A diplomacia deve occupar uma posição elevada e os diplomatas devem ser bem remunerados. Em resumo: Para o seu proprio beneficio a democracia não deve embarçar o seu

chofe, e as medidas que o mesmo adoptar, na direcção dos negocios estrangeiros. (Philipp Marshall Brown — *The North American Review* — New-York).

## VARIÉDADES

### AS FORÇAS PSYCHICAS

A expressão forças psychicas serve para indicar phenomenos naturalissimos quo ainda não comprehendemos. O espaço cheio de mysterios será um campo interessantissimo de estudos no futuro. O ar que vibra e palpita com as mensagens radio-telegraphicas occulta aos nossos sentidos ignorantes quem sabe quantos outros phenomenos prodigiosos. Condições novas de vida ondemram necessidades novas e estas conduzem a novas descobertas. E' possivel que o ambiente em que vivemos, quando modificado dô á raça humana novos sentidos que se não podem ainda prever, ou desperte nella sentidos latentes. Não é inerivel que possa se desenvolver em nós um sentido pelo qual nós tenhamos maior exteriorisação. A indagação scientifica ou o acaso poderá dar-nos um dia essas forças que os nossos sentidos por enquanto não percebem, como não percebem ainda os raios X e as ondas hertzianas. Não são porventura estes exemplos conviucentes de que existe em torno de nós o occulto que está ainda para ser percebido? O desconhecido se manifesta sempre a nós de modo mysterioso; e frequentemente nos encontramos deante de phenomenos que não podem ser explicados por leis conhecidas. Mais sabio é, portanto, procurar conhecer o que nos é obscuro do que negal-o. Eu me encontrei deante de um desses phenomenos e confesso que fiquei muito embaraçado: um amigo meu apresentou-me um dia um homem dizendo-me: "Bert Reese faz cousas extranhas. Desejo que o conheçoes. Talvez conseguireis explicar as suas facubdades." Reese veio ao meu laboratorio e pediu-me que chamasse

um dos meus operarios para experioncia. Voio o operario, um norueguez, e elle propoz-lhe que fosse ao aposento visinho, oscrevesse sobre um pedaço de papel o nomo do sua mãe antes della se casar, o lugar onde olla nascera e varias outras coizas. O norueguez executou o pedido, e om seguida conservou bem fechado na mão o pedaço de papel. Então Reese disse tudo quanto continha o papel como se lesse sobre uma folha estendida deante dos seus olhos. Depois quo Reese repetiu a experioncia com outros empregados, quiz submetter-me eu tambem á prova e passando para outro edificio escrevi: "Haverá alguma coisa de melhor do que o hydroxydo de nickel para uma bateria de materias alcalinas?" (Eu fazia naquelles dias experioncias nesse sentido e aadi-tava não ser bem succedido). Depois, para que Reese não lesse em meu pensamento, pensei num problema e volvi toda a minha attenção em resolvel-o.

Absorvido por esse problema, re-entrei no quarto em que se achava Reese, que logo me aeolheu com estas palavras: "Não; não ha nada de melhor que o hydroxydo de nickel para uma bateria de materias alcalinas." E com effeito nada encontrei até hoje. Dois annos depois achava-me no meu laboratorio quando me annunciaram Reese. Tomei um lapis e escrevi num pedaço de papel, em letras microscopicas a palavra *Keno* e puz o pedaço de papel no bolso. Reese entrou e depois de brove saudação perguntei-lhe: "Reese, tenho um pedaço de papel no bolso: quo é que escrevi nelle?" Sem hesitar, respondeu-me: "Keno".

Quando exprimi a minha admiração pelos phenomenos que vira muitos scientistas americanos riram-se de mim e o ex-presidente da Academia de Medicina de Nova York, doutor William Hanna Thompson, declarou abertamente que eu tinha sido victima de uma burla. Reese, considerando-se então offendido, não quiz prestar-se a uma experioncia, mas eu o induzi a isso. E o dr. Thompson teve que se persuadir,

pois numa sessão em sua casa, presente o autor deste artigo, Reese disse ao doutor: "No fundo da caixa da esquerda da vossa gavetinha ha um pedaço de papel com a palavra *Opsonie* escripta. Debaxo do livro que se acha sobre a vossa mesa ha um pedaço de papel com a palavra *Ambiceptor*. Em outro pedacinho de papel está escripto: *Antigen*".

Thompson declarou-se convencido, reconhecendo numa carta a mim (31 de outubro de 1910), que o facto era verdadeiro e acrescentou: "Eu não comprehendo como Reese consegue fazer tudo isso. Não lhe dou, portanto, nenhuma explicação".

Tenho tentado ha alguns annos diversas experiencias de transmissão de pensamento mediante um apparelho electrico de fabricação minha que applicava na cabeça dos operadores. Nenhum resultado obtive. Entretanto Reese não precisa de apparelho nenhum nem de condições especiaes. — (Thomas A. Edison — *New-York Times*).

### O QUE FAZEM OS ESCRIPTORES FRANCEZES

O *Figaro* fez entre os escriptores francezes uma "enquête" para saber em que se têm occupado elles durante estes dois ultimos annos. Ainda não lhe chegaram todas as respostas, mas as recebidas já deixam ver que a "enquête" será interessante. Pierre Veber, por exemplo, confessa que teve de continuar o seu trabalho no *New-York Herald*, edição de Paris, jornal em que elle se occupa da imprensa franceza e em que faz mesmo o resumo dos debates do Parlamento. Além disso precisou escrever algumas comedias que serviram para dar sustento ao pessoal dos theatros, onde se representaram com successos e insuccessos. Veber acrescenta que devem continuar a trabalhar os que não combatem: não occupam o lugar de ninguém, e quando os que se acham em campanha voltarem, encontral-os-

ão promptos a ceder-lhes o "tour de faveur". Tambem Maurice Hennequin escreveu duas comedias: "Le Poilu", do collaboração com Veber; e "Madame et son Filleul" com Veber e Gors, coisas da actualidade, como indicam os titulos. Todos os personagens masculinos, excepto um, são soldados, e a acção tem lugar nos dois ultimos annos de guerra. "Os poetas, conclue Hennequin, têm cantado em versos heroicos a coragem sublime dos nossos admiraveis soldados; nós, que não somos mais do que "vaudevillistas", cantamol-o tambem á nossa maneira. Cada qual dá o que pode..."

Pierre Wolff fez-se, entretanto, carvoeiro. Jacques Des Gachons o encontrou no mesmo bairro em que vive, á rua d'Aumale, deante de um grande indicador, onde o autor do "Secret du Polichinelle" tem os nomes e os endereços das nove mil pessoas ás quaes tem fornecido kilos e kilos de combustivel nos dois ultimos invernos. Todas as manhans quatro carroções automoveis militares fazem o gyro de Paris distribuindo carvão a literatos, pintores, esculptores e artistas dramaticos que se acham na miséria. E esse serviço, que Pierre Wolff instituiu, ajudado pela philantropia de senhoras e cavalheiros é justamente chamado o "bon feu". Um bello dia um empregado do governo foi á sua casa e lhe perguntou onde eram os escriptorios e onde estavam os empregados da sociedade do "Bon feu". Wolff teve de responder que os escriptorios eram allí e que os empregados eram elle e um dactylographe, durante todo o dia occupados. Trabalho extraordinario, quasi bestial, quando se pensa que só esses dois homens têm a seu cargo não só recolher as numerosissimas offertas de carvão como distribuir cinco milhões de kilos de combustivel. Entretanto, apesar da sua fadiga, Wolff fez representar na "Comedie Française" uma nova comedia sua, em um acto: *Les deux gloires* — "doze grammas de literatura", como elle disse, brincando, ao jornalista que o fôra visitar.

## O INVENTOR DO CINEMATOGRAHO

Quem inventou o cinematographo? A questão é controvertida, e para decidil-a preciso é, antes de tudo, saber se se deve entender por invenção a origem primeira de uma idéa ou o aperfeiçoamento que permite pol-a em pratica. Ha boas razões para crêr que a invenção seja de origem britannica. W. Friese-Greene, affirma ter sido elle quem ideou pela primeira vez a pellicula de celluloido continua, mas são precisos dados mais positivos para estabelecer com segurança os direitos desse pretendente. Como em muitos outros casos em que simples tentativas para attingir um escopo precederam a invenção propriamente dita, succedeu que imagens moveis ou animadas já se apresentavam na Inglaterra muito antes que se descobrisse, pelo processo photographico, a chave do cinematographo. Já em 1833 um mechanismo chamado "Roda de Vida" representava o movimento de um cavallo em galope: consistia num cylindro girando em torno de um eixo vertical e com a superficie cheia de varias perfurações; no interior se dispunham as imagens representando as varias "poses" da figura movel que se queria reproduzir; e quando o cylindro girava, o observador, olhando atravez das perfurações, tinha effectivamente a illusão de ver o objecto em movimento.

Cincoenta e dois annos mais tarde Friese-Greene iniciou as suas experiencias com outro character, projectando as figuras sobre uma tela. A primeira representação publica foi dada numa reunião onde se mostrou a imagem de uma rapariga que virava os olhos para a direita e para a esquerda. Uma senhora, que se achava presente, ficou tão surpresa que scepticamente se approximou da tela e insistiu para que a deixassem tocar com os dedos os olhos da rapariga — acreditando sem duvida que algum parceiro se houvesse escondido atraz da tela branca. Todavia, o cinematographo não estava ainda inventado, nem foi por meio dos sub-

sequentes aperfeiçoamentos feitos nesse primeiro apparelho de Friese-Greene que se chegou a obter o que é hoje o cinematographo. Isso só se conseguiu depois da invenção da pellicula continua de celluloido. Quando se viu que era possivel imprimir as photographias sobre uma unica pellicula em vez de ser sobre folhas separadas, estava aberto o caminho a todos os aperfeiçoamentos. Narra Friese-Greene que elle tinha confiança na sua descoberta, chegando a pedir o privilegio della e despendendo cerca de 1.000 esterlinas para lançal-a. Em 1889 conseguiu formar uma pellicula do comprimento de seis metros, que reproduzia o movimento dos vehiculos e dos transeuntes em Hyde Park Corner. Quasi faz rir hoje, observa Friese-Greene a idéa de uma pellicula de seis metros: mas naquella occasião custou não pequenas fadigas e alcançou grande successo. Americanos e allemães, sobretudo allemães, se apoderaram depois da invenção, aperfeiçoaram-na e dentro de pouco tempo não deixaram a Friese-Greene mais do que a satisfação intima de ter feito uma descoberta tão importante. — (*Science Monitor*, Boston).

## OS TOLOS CLASSICOS

Calino chama-se na Italia monsenhor Perrelli. Monsenhor Perrelli não é uma creação phantastica; foi uma pessoa verdadeira e real, quasi um personagem historico. Pertencia a uma antiga e nobre familia napolitana e tantas tolices fazia ou dizia que se tornou logo conhecido na região e foi elevado a symbolo da tolice na Italia. Chamava-se Pietro Paolo Perrelli. Uma vez, chegando tarde para observar um eclipse e sendo por isso observado pelas pessoas presentes, respondeu-lhes:

— Oh! Sou amicissimo do director do Observatorio e elle me fará repetir o eclipse.

Numa de suas prédicas, fazendo o panegyrico de Sant'Anna disse, entre outras cousas, que a Santa, por piedade dos napolitanos tomara o



terremoto pelos cabellos e o afundara no Vesúvio.

Um dia confessou um penitente, e tendo este blasphemado tres vezes, ordenou-lhe que por penitencia jejuasse um dia inteiro. Apresentou-se-lhe logo um outro penitente, que confessou ter blasphemado uma só vez. Monsenhor viu-se embaraçado para lhe dar a penitencia: sahio-se da confusão mandando que blasphemasse mais duas vezes e jejuasse um dia inteiro como o outro.

Como bom servo de Deus, monsenhor Perrelli não amava os escandalos. Ora, um dia, vendo dois namorados que não podendo falar-se faziam signaes de longe um ao outro, fel-os vir em sua casa durante uma hora por dia. E andava radiante pela boa acção que fizera. Logo viu, porém, os efeitos, e monsenhor Perrelli teve mesmo de despende dinheiro por causa dessa tolice.

Muita anecdota corre á conta de Perrelli, sem que entretanto elle tivesse sido heróe de todas ellas. Mas ha na Italia ainda outros tolos famosos: o toscano Giucca, o bolonhez Bertoldino, o siciliano Giufá, o veneziano Marco Paparelli, os piemonteses Simonet e Conde di San Vitale, etc.

A França tem Caline, personagem grotesco que se tornou popular; tem Bobéche, Janot e Jocrisse, este ultimo a personificação mais perfeita do imbecil, que tudo mistura e confunde; e tem, sobretudo, dois symbolos deliciosos — Monsieur de La Palisse e Joseph Prudhomme. Como Monsenhor Perrelli, Jacques de Chabannes, Senhor de La Palisse, foi uma pessoa real, valoroso marechal de França, morto com heroismo em 1525 na batalha de Pavia. Provavelmente os seus soldados ou qualquer poetastro teve a desgraçada idéa de celebrar a sua morte gloriosa em versos, dois dos quaes oram estes:

Un quart d'heure avant sa mort  
Il etait encore en vie...

O poeta queria, evidentemente, dizer que o heroico soldado se havia batido vigorosamente até o fim. Mas

em 1770 um poeta burlesco, Bernard de La Monnoye, encontrou esses versos e compoz, em memoria do glorioso heróe todo um canto em doze estrophes, cada uma das quaes contem um conceito profundo á maneira daquelle; e então surgiram as "verités palissiennes", que como se sabe se multiplicaram ao infinito.

Tem tambem uma origem litteraria, mas de outro genero, Joseph Prudhomme, typo creado em 1800 por Henry Monnier, actor, escriptor e artista.

Prudhome é o typo da nullidade magistral, da estupidez magestosa ou, como disse Theophile Gautier "la synthése de la bêtise bourgeoise". Das suas phrases tolas e vasiaas, mas solennes e retumbantes os caricaturistas se apoderaram, fazendo Prudhomme intervir sempre nos acontecimentos mais importantes, nas polemicas mais vivas de arte, politica, litteratura, com os seus conceitos idiotas. Aqui vão algumas amostras: "Otez l'homme de la societé, vous l'isolez. — Lo char de l'Etat navigne sur un volcan. Napoleon etait un ambitieux; s'il avait voulu rester simple officier d'artillerie, il serait peut-être encore sur le throne."

Como a França tem La Palisse o Prudhomme, os povos germanicos têm Till Eulenspiegel, tambem esse, segundo parece, um personagem que existiu verdadeiramente no seculo XIV. Delle se narravam varias aventuras, que recolhidas em volume logo se diffundiram e se tornaram populares. (S. De Pilato, *Rivista d'Italia* — Roma).

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

### BRASIL:

ANUARIO DEMOGRAPHICO, com a estatistica demographo-sanitaria do Estado de S. Paulo, anno XXII, 1915.

A GRANDE GUERRA — Poemeto por Teixeira de Souza.

DISCURSO do Padre Sylvano de Souza na Escola Normal do Ceará.

REVISTA FEMININA — N. 31

— S. Paulo — Dezembro. A destacar: "A noche buena", por Gomes dos Santos; O Feminismo, por C. Magalhães de Azeredo; Cega, por Mario Sette; O anjo da paz, por Leoncio Corrêa; A mulher pernambucana na historia patria, por Fonseca Oliveira.

A VIDA MODERNA — Ns. 300 e 301 — S. Paulo.

#### ESTRANGEIRO:

ATLANTIDA — N. 13 Anno II — Lisboa — 15 de novembro de 1916. — Summario: Atlantida — 15 de Novembro — O catholicismo no Brasil, por Antonio Torres; Russa de má pêlo, por Teixeira de Queiroz; Terra desconhecida, por Flexa Ribeiro; "O Perigo americano", por José de Campos Pereira; As Universidades, por J. M. de Queiroz Velloso. Revista do mez, Noticias e Commentarios.

REVISTA ARGENTINA DE CIENCIAS POLITICAS — Buenos Aires, 12 de Dezembro de 1916 — N. 75 — Anno VII — A destacar: El deber de justicia, de Rodolfo Rivarola; Circulación monetaria. Commentarios al proyecto del poder ejecutivo, de Roberto A. Ramm Doman; El presupuesto y su contralor, por Joaquim Spinelli; El problema de la vialidad, por Mario A. Rivarola; Los judios, por Natan Gesang; Medios de acelerar los procedimientos judiciales, por J. Honorio Silgueira; Responsabilidad de los escribanos públicos, por Alejandro Rayoes.

RIVISTA DELLE NAZIONI LATINE — Florença, 1 de novembro — Artigos principaes: La voce della Rumenia, por G. Lacour-Cayet; La nuova Italia contro la Germania, por G. Papini; La responsabilitá morale dei filosofi tedeschi, por A. Pastori.

REVUE HEBDOMADAIRE — Ns. 44, 45, 46, 47 e 48 — Outubro e Novembro de 1916 — Paris — Artigos principaes: Union economique contre l'Allemagne, por R. Georges Levy; La Revanche Latine, por A. Gérard; La Décadence et la fin prétendue des races, por E. Perrier; Le General Lemán (poema) por E.

Vornhaeren; Robert Dubarle, por Louis Barthou; Vieilles doctrines de guerre, por G. Prouse; Quelques reflexions sur la science et l'industrie, por Emile Picard; L'Áme du soldat russe, por M. de Bibikoff.

LA GRANDE REVUE — Novembro de 1916 — Paris — A destacar: Le Joug de la Guerre, por L. Andrieuf; Le Musée Rodin, por E. Lintillae; E. Quinet, annonceur de l'Allemagne moderne, por F. Cremieux; L'Amérique intellectuelle et la France, por J. Menlant.

MERCURE DE FRANCE — N. 442 — Paris, 16 de Novembro de 1916 — La Création de l'Autriche-Hongrie, por Jules Chopin; L'Essor de la Vie theatrale et musicale en Allemagne, por Marc Henry; Quelques reflets de l'Áme italienne, por Maurice Vallis; Les Visionnaires de l'épouvante, por Henri Aimé; Le Machinisme, le Progrés et la Morale, por Louis Narquet.

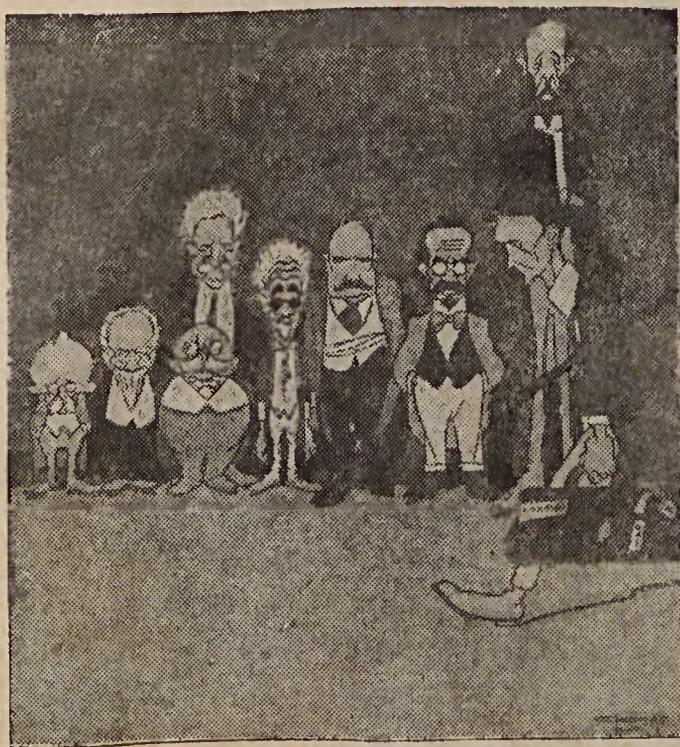
RASSEGNA NAZIONALE — 1 de Novembro de 1916 — Florença — Ricorsi storici di un secolo fa, por Mario Zucchi; L'Emerologia e la data dell'Esodo degli Israeliti, por Enrico Masini; Come naeque la Compagnia Reale Sarda, por Giuseppe Deabate; La felicità (novella), por Luigi Venturini; Una rievocazione di Antonio Ciseri, por C.

REVIEW OF REVIEWS — Londres, Novembro de 1916 — Principaes trabalhos: Mouquet Farm, a personal narrative; Platon E. Drakoules, por F. R. Scatcherd; Trad and the War, por Ernest P. Benn; Ireland and conscription, diary of the war.

THE NORTH AMERICAN REVIEW — Novembro de 1916 — Nova York — Summario: The paramount issue: character, pelo sr. George Harvey; America and World peace, por Willis Fletcher Johnson; The new era in Japan, por William Elliot Griffis; Democracy and diplomacy, por Philip Marshall Brown; The morality of force, por Hartley B. Alexander; Pure "asépsis", por Paul M.

# AS CARICATURAS DO MEZ

CHEGOU O SABINO



*Os papaveis (meditando) — Tambem será candidato?*

(“Caretá” — J. Carlos)

INABALAVEL



*Constantino* — Hei de manter a paz no meu reino, embora para isso seja obrigado a entrar na guerra.

("Caretá" — *J. Carlos*)

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

**DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO** — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

**O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE** tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

**DR. S. SOARES DE FARIA**—Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

**DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO**—Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

**DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE** — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

**DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA.** — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleg. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

**DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO** — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

**DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR** — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

**DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA** — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica, 141 — Telephone 3012.

## MEDICOS:

**DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA** — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

**DR. AYRES NETTO** — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Boeayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

**DR. SYNESIO RANGEL PESTANA**—Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças—Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

**DR. SALVADOR PEPE** — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

**DR. ALVARO CAMERA**—Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

## TABELLIÃES:

**O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA**, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

**ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO** — Corretores officiaes—Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

**DR. ELOY CERQUEIRA FILHO** — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

**CORRETOR OFFICIAL—JAYME PINTO NOVAES** — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738—Compra e venda de apolices do Estado, Accções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

## ENGENHEIROS:

**HERIBALDO SICILIANO** — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Cidade)  
— Rua Alvares Penteado — S.  
Paulo.

**DESPACHANTES:**

BELLI & COMP. — Santos:  
Praça da Republica, 23. Teleph.  
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-  
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,  
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,  
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.  
Telegrammas: "Belli".

**ALFAIATES:**

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco — Novidades em ease-  
mira ingleza. — Importação di-  
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
5151 — S. Paulo.

ALFAIATARIA—Donato Plas-  
tino — Emprega só fazendas ex-  
trangeiras — Rua do Thesouro, 3  
(1.º andar) — S. Paulo.

**INDUSTRIAS E IMPORTADO-  
RES:**

C. MANDERBACH & COMP.  
— Papelaria, typographia, enea-  
dernação—Telephone 792—Caixa  
545 — Rua S. Bento, 31. — S.  
Paulo.

A INTERNACIONAL — Gran-  
de Fabrica de Malas e Canastras  
Offiaina para concertos. — Do-  
mingos Macigrande. — Rua São  
João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-  
telas de casas de penhores e do  
Monte de Socorro de S. Paulo  
— A CASA MARCELLINO com-  
pra e paga bem.—Praça Antonio  
Prado, 14 — Telephone 4.692 —  
S. Paulo.

**Loteria de S. Paulo**  
Em 29 de Dezembro

<b>100 contos</b>	}	20:000\$000
<b>em 5 premios</b>	}	20:000\$000
<b>de</b>	}	20:000\$000
	}	20:000\$000
	}	20:000\$000

*Plano inteiramente popular*

**O custo de cada bilhete é apenas de 2\$000**

*Os bilhetes estão á venda em toda parte*

Para Pinturas finas, Trabalhos de Mecânica e de  
carrosseries para Automoveis, procurar, dê preferencia, as  
acreditadas e bem montadas officinas da

# Casa Rodovalho

Rua da Moóca, 82 e 84 - Telephone, 583

Os automoveis de mais luxo  
e conforto são os da CASA RODOVALHO

**HORA A 10\$000**

Trav. da Sé, 14 e 14-A - S. PAULO

**Telephone, 384**

*Vicente Lattuchella*

*Alfaiate*

**RUA BÔA VISTA 56**

**S. PAULO**

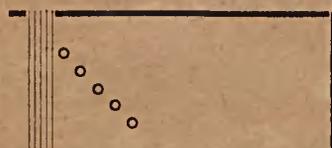


# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO  
116, Rua da Alfandega



S. PAULO  
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# REVISTA DO BRASIL

---

Por motivo da crise que atravessa a industria do papel, a "Revista do Brasil" vê-se obrigada a augmentar o preço da assignatura, que de janeiro em diante enstará: anno, 15\$000 réis; semestre, 8\$000. Esse augmento, que é, como se vê, muito insignificante, permitirá, entretanto, desenvolver a collaboração da Revista, tanto litteraria como scientifica e artistica, de forma a tornar ainda mais interessante a nossa publicação. Pedimos aos vossos assignantes que reformem as suas assignaturas até Janeiro, afim de que lhes não seja suspensa a remessa do numero desse mez.

Com este fasciculo a "Revista do Brasil" completa o seu terceiro volume, de mais de quatrocentas paginas, como os anteriores, sendo o respectivo indice alphabetico e analytico distribuido com o proximo numero de Janeiro. Cada volume da Revista, compreendendo quatro fasciculos, custa, por emquanto: 9\$000 réis, encadernado; 6\$000 réis, em fasciculos; pelo correio, mais 500 réis. No proximo anno estes preços serão augmentados.

Os fasciculos anteriores da "Revista do Brasil" trouxeram trabalhos dos srs. Alberto de Oliveira, José Verissimo, Augusto de Lima, Mario de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Pedro Lessa, Carlos Magalhães de Azeredo, H. Inglez de Souza, João Ribeiro, Oliveira Lima, Souza Bandeira, Olavo Bilae, todos da Academia Brasileira; Amadeu Amaral, Adolpho Pinto, Arduino Bolivar, Armando Prado, Conselheiro Antonio Prado, Luiz Pereira Barreto, Mouteiro Lobato, Mario Pinto Serva, Octavio Augusto, Valdomiro Silveira, Veiga Miranda, Heli Lobo, Julio Cesar da Silva, A. Carneiro Leão, Carlos de Carvalho, E. Roquette Pinto, F. Linhares, Jacomino Define, Aurelio Pires, Paulo Pestana, Plínio Barreto, Victor Freire, Alberto Seabra, Antonio Salles, Alvaro da Silveira, Souza Reis, João Kopke, J. A. Nogueira, F. Schmidt, Martins Fontes, Octavio Mendes, Olympio Portugal, Roeha Pombo, Samuel de Oliveira, João Ferraz, Veiga Lima, R. von Ihering, Alceu Amoroso Lima, João Luso, Frederico Villar, Lindolpho Xavier, Garfield de Almeida, Mario Sette, Antonio Piccarolo, Ensebio de Souza, Carlos de Lemos, Humberto de Campos, Mauricio de Medeiros, Americo de Moura, etc.

O summario do ultimo numero da Revista, correspondente ao mez de Novembro, é o seguinte: **As minas do Ipú**, por Eusebio de Souza; **O A. B. C.**, por Carlos de Lemos; **A Escravidão**, por Armando Prado; **Sonetos brasileiros**, por Humberto de Campos; **Pedro Americo**, com illustrações, por Monteiro Lobato; **Justiça e Assistencia**, por Mauricio de Medeiros; **Um capitulo de semantica**, por Americo de Moura; **Resenha do mez**.

# As Machinas LIDGERWOOD

Para **CAFÉ**

**MANDIOCA**

**ARROZ**

**MILHO**

**ASSUCAR**

**FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua  
Turbinas e accessorios para a lavoura

**CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA**

*GRANDE STOCK de canos de ferro galvanisado  
e pertences*

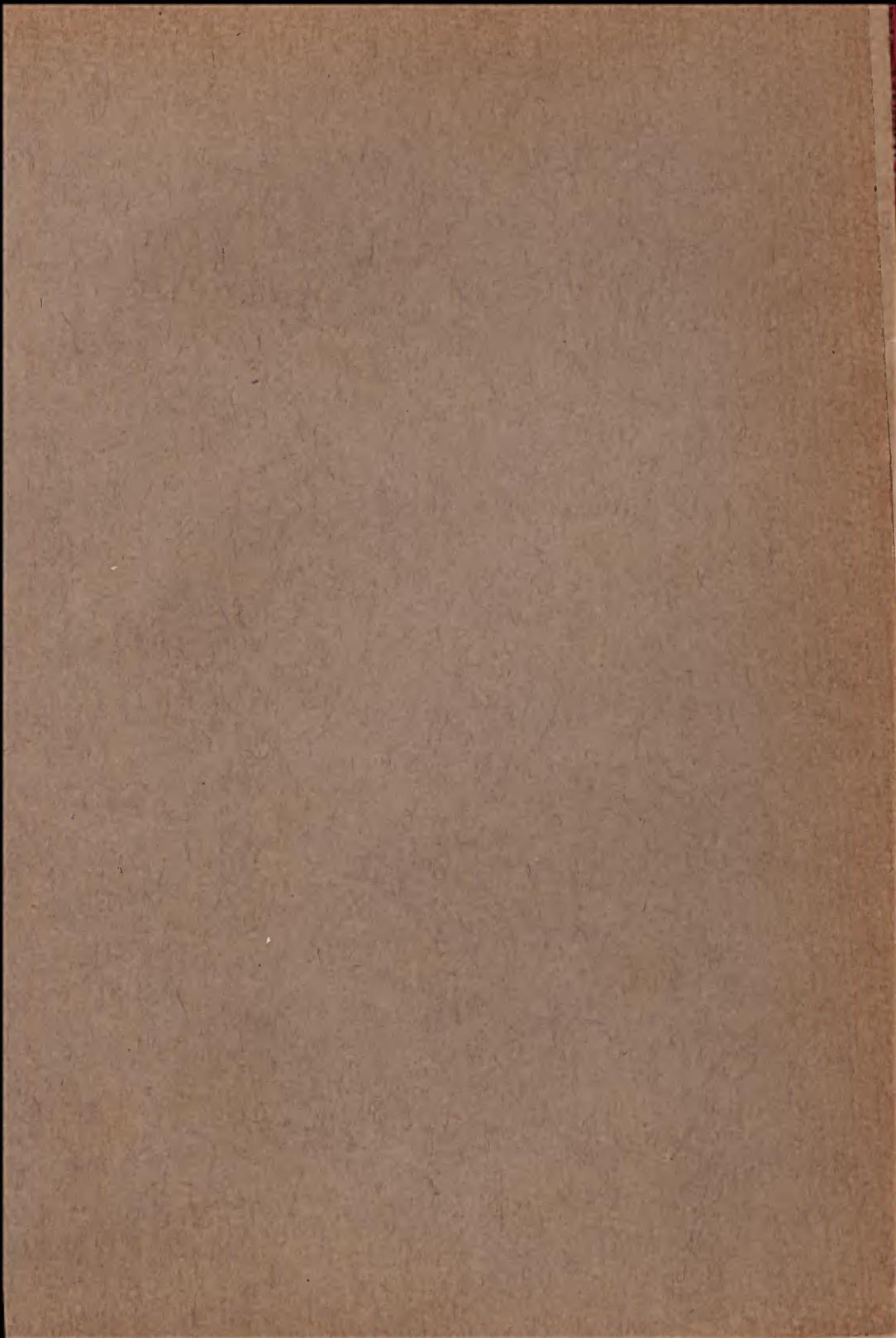
**GLING SURFACE**, massa sem rival para conservação de correias

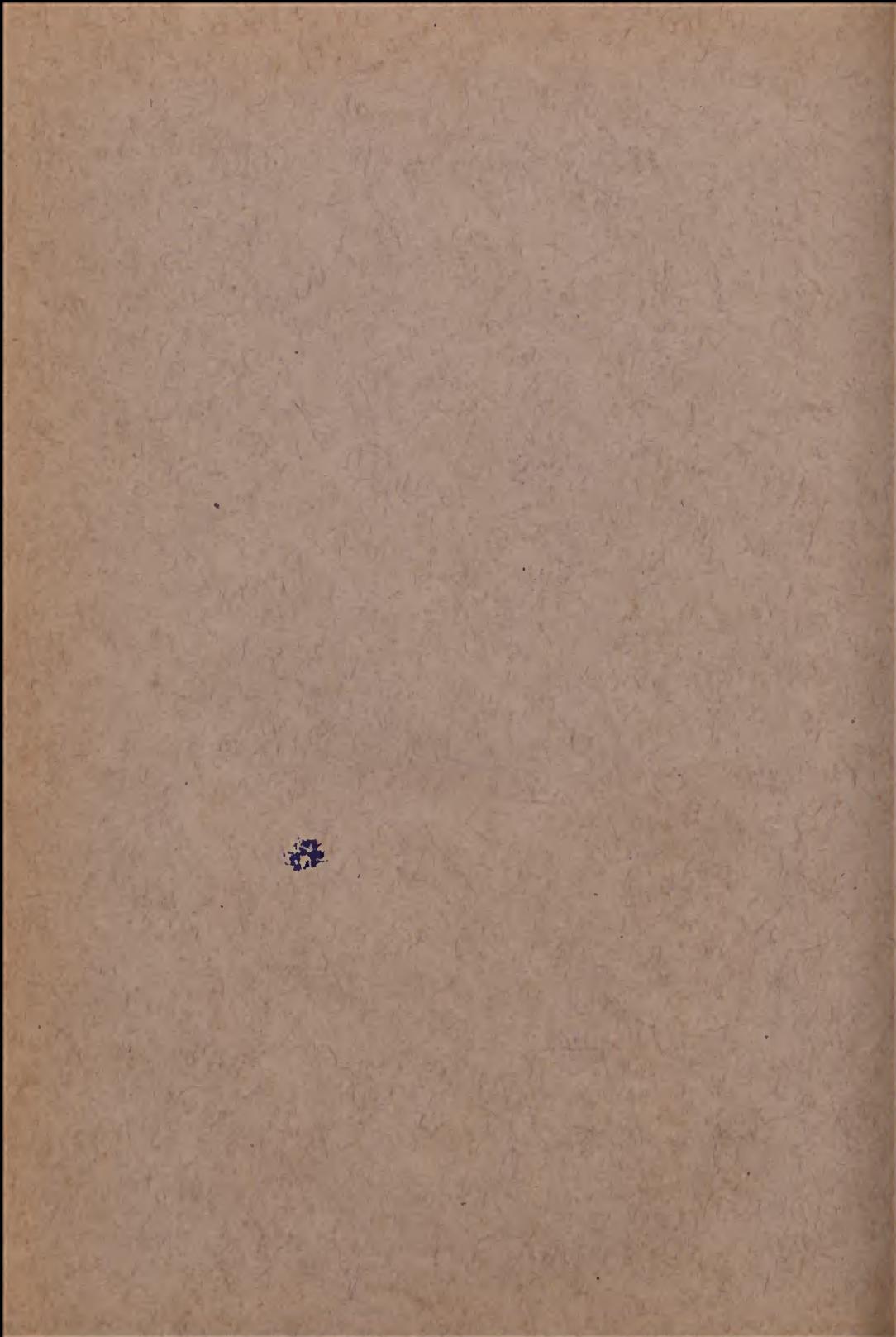
Importação directa de quaesquer  
machinas, canos de ferro batido galvanisado para  
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

**Rua de São Bento N. 29-<sup>o</sup>**

**SÃO PAULO**





Esta publicidade deve ser devolvida na  
última data marcada

10 MAI 1989			
23 MAI 1989			
13 OUT 1989			
31 OUT 1989			

20286

URSO ANO	DEVOLUÇÃO	ANO 1916	VOL. 5	N.º 9-12	CLASSIF. OR050
P.L.	deu				
P.L.	10/5/89				
P.L.	23.5.89				
P.L.	05.09.89				
P.L.	13.10.89				
P.L.	31.10.89				
P.L.	11.11.89				
P.L.	05 MAI 1989				
P.L.	16.02.91				
P.L.	15.03.91				

TOMBO:

20286

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA  
E PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

PERIÓDICOS

ILHPA - Mod. SBD/62



cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16